

BIBLIOTECA DE REGENERAÇÃO

# **A SELVA**

POR

**SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO**

TRADUÇÃO de Pe. MARINHO

EM PLENA CONCORDÂNCIA COM O NOVO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO

Aprovada pelo Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antônio Barbosa Leão,  
em despacho de 8 de setembro de 1928

**PARA ORDINANDOS E SACERDOTES**

Porto Tipografia Fonseca  
72, Rua do Picaria, 74  
1928

Edição PDF de FI.Castro - 2002

## PREFÁCIO

Há uns vinte anos que nos vimos dedicando principalmente à formação eclesiástica, para a qual temos publicado alguns opúsculos, a que a tradução da *Selva* vem agora por o remate. Em consequência da revolução de cinco de outubro de 1910, tivemos de emigrar em maio de 1911 e só regressamos a 27 de fevereiro de 1912. Assim a Providência nos deparou ensejo de preparar lá fora as *Considerações Íntimas*, que logo ao regressar cuidamos de fazer imprimir. Escrevíamos então no prefácio:

“Diante dos montões de ruínas, que ora se deparam a nossos olhos, devemos confessar que não sentimos a menor tentação de desânimo, antes que cada vez mais nos firmamos na convicção de que a Providência nos reserva enormes bens, sob a perspectiva dolorosa de grandes males. Estava a cair de carunchoso o edifício da sociedade portuguesa, e tinha-se aliado com a conivência, por vezes escandalosa, daqueles que mais deviam trabalhar pela sua conservação. Sem dúvida, foi por isso mesmo que ele caiu quase sem ruído: mal se lhe sentiu o baque final, e, após um momento de surpresa, ouviu-se o ressoar de muitas palmas, — não poucas de príncipes da Igreja. Era a condenação do passado, o entusiasmo pelo presente e a esperança no futuro? Fosse o que fosse, não vem para aqui dizê-lo, porque a índole desta obra o não permite. O que agora importa é delinear o novo edifício e assentar-lhe sólidos alicerces: eis o assunto que aqui tratamos.

Três são, nas circunstâncias atuais, os apostolados a que os católicos portugueses se devem consagrar de alma e coração: 1.º, a formação e disciplina do clero; 2.º, o ensino do catecismo; 3.º, o desenvolvimento e boa orientação da imprensa.

A primeira, a maior e a mais meritória de todas as obras sociais é a formação de bons sacerdotes. A ela pois, mais que a nenhuma outra, devemos dedicar os nossos esforços. Quanto a nós, de boa vontade lhe prestamos a nossa humilde cooperação. Anima-nos a convicção profunda de que é esta, em especial, a tarefa que nos incumbe na hora presente...

Damos graças a Deus por vermos confirmado o vago pressentimento, com que então encarávamos o futuro: o vendaval passou, nas ruínas do velho edifício ficou sepultada a simonia, e todos os príncipes da Igreja se acham hoje compenetrados da sua alta missão. Há muito a fazer, mas a orientação está traçada e é segura: os fiéis com os bispos, os bispos com o Papa. A grande obra será sempre a formação de bom clero; e nela todos podem e

devem cooperar, ao menos pela oração. Conforme se verá no prefácio seguinte, do tradutor francês, a *Selva* é o livro clássico da formação e santificação do clero. A nosso ver, se há livro que deva ser obrigatório para um ordinando, está este em primeiro lugar; por isso o apresentamos em português, ao darmos por terminada a nossa missão de diretor espiritual interino, do Seminário do Porto.

Foz do Douro, 13-10-1928.

Pe. Marinho

## PREFÁCIO DO TRADUTOR FRANCÊS

Mês de Maria de 1869.

Começamos a série das obras destinadas especialmente ao clero. A que vem agora, em primeiro lugar, apareceu em 1760, depois da *Verdadeira Esposa de Jesus Cristo*, quando o santo Autor tinha atingido a idade de sessenta e quatro anos. É o fruto das suas investigações e estudos, de cerca de quarenta anos, tanto para regular a sua própria conduta, como para dirigir os retiros eclesiásticos, que pregou pela primeira vez ao clero de Nápoles, por ordem do arcebispo, em 1732, quando apenas contava seis anos de sacerdócio. Era já olhado como um modelo e um mestre, para ser encarregado de formar outros ministros do santuário, em todos os degraus.

Foi este livro um dos que obteve maior êxito, o que nos dá uma alta idéia dos frutos produzidos. Em breve apareceu traduzido nas principais línguas da Europa. Conhecemos pelo menos cinco traduções francesas; entre elas avulta pelo seu mérito a de Mgr. Gaume, de que muitas vezes nos temos aproveitado.

Na sua *Advertência*, previne-nos o Autor de que não se preocupou com a ligação das idéias próprias de cada assunto; ver-se há contudo que não falta ali a ordem conveniente. Para a salientar quanto possível, segundo o nosso método ordinário, dividimos cada assunto em diversos parágrafos. Graças a esta disposição, não só se tornará mais fácil apreender e reter as matérias, mas até se poderá utilizar o livro tanto para meditação<sup>1</sup>, como para leitura espiritual.

Aqui dum modo muito particular, convém recordar o que noutra lugar já dissemos: é que todas as citações de autores, notadas à margem, foram cuidadosamente verificadas, e por vezes corrigidas. Santo Afonso nem sempre pôde recorrer às fontes; teve de se contentar muitas vezes com o que lhe ofereciam os autores que tinha à mão, e que se limitavam a reproduzir as inexactidões dos seus predecessores, aumentadas com os copistas e tipógra-

fos. Daí a necessidade de rever os textos originais, para tornar exatas as citações. Foi um grande trabalho, sobretudo numa obra como esta; mas, graças às investigações do R. Pe. de Fooz, conseguimos fazer um bom número de correções importantes.

Quanto ao valor e utilidade desta *Compilação*, de bom grado citamos a seguinte passagem de Mgr. Gaume:

“Tendes lido *Massillon, Sevoy, o Espelho* do clero; que tendes vós? Três autoridades sem dúvida muito respeitáveis; mas enfim são autoridades particulares, e a vossa razão tantas vezes iludida com autoridades deste gênero e com nomes próprios, hesita, desconfia, e, usando do seu direito, julga, aceita, rejeita, e não se eleva acima de uma fé filosófica. Úteis em todos os tempos, estas obras, monumentos de eloquência ou de piedade, são hoje insuficientes: às amplas expansões do erro, era preciso opor o desenvolvimento análogo da verdade; à invasão do espírito particular, a imposição autorizada do espírito católico. Lede a *Selva* e dizei se é possível atingir este fim: não é o pensamento dum homem que aqui vos é dado, como regra do vosso, é o pensamento dos séculos; não é o do bispo de Santa Ágatha<sup>2</sup>; é a tradição inteira que prega, que instrui, que proíbe, que manda, que reanima, que espanta.

“É este livro como uma tribuna sagrada do alto da qual falam por sua vez os Profetas, os Apóstolos, os homens apostólicos, os mártires, os solitários, os pontífices mais ilustres do Oriente e do Ocidente, os doutores mais afaçados, os mestres mais hábeis na ciência dos santos, os sucessores de Pedro e os concílios, os órgãos do Espírito Santo, numa palavra, a antigüidade, a idade média, os tempos modernos da Igreja inteira.

“No meio desta augusta assembléia, que faz o santo Bispo? Quase sempre se limita ao modesto papel de relator; muitas vezes deixa ao vosso cuidado deduzirdes as conclusões. Nada de longos raciocínios, induções, interpretações particulares. Está nisso o mérito próprio e o caráter providencial da *Selva*: mais que noutra qualquer época o mundo, e o clero que deve salvar o mundo, tinham necessidade do pensamento católico, e o Santo dá-lho puro e íntegro; teve receito de o enfraquecer, misturando-lhe o seu<sup>3</sup>.

“O resultado para o livro é torná-lo mais imponente. Não há margem para discussões: que poderá de fato alegar contra este concerto unânime a razão do leitor, colocada dum extremo a outro na alternativa, ou de subscrever a tudo para permanecer católica, ou de se isolar, de se suicidar no isolamento? Poderia a lógica com todo o seu rigor ter levado o pensamento até este ponto?

“Mas que força dá ao clero esta vasta revelação dos seus deveres! Viva muito embora o padre no meio da indiferença e da incredulidade, persuada-lhe o mundo corrompido e relaxação, façam coro secreto com as máximas do mundo as suas próprias paixões, cúmplices de todos os erros, — não lhe é possível descer das alturas da santidade, em que a sua vocação o fixou e permanecer surdo a esta voz imperiosa dos séculos: “Sê santo!”

Assim fala Mgr. Gaume, e há de reconhecer-se que de fato é tal a força

do livro, força igualada pela unção que a acompanha, como nas outras obras do Autor, e ambas apoiadas pelo exemplo da sua vida. Até certo ponto se pode dizer dele como do divino Mestre: *Coepit facere, et docere* (Act 1, 1). Eis as regras de vida que ele se traçou, desde a sua entrada para as Santa Ordens, quando permanecia no seio da sua família, depois de recebido o hábito eclesiástico e a prima tonsura:

1. Freqüentar sempre santos sacerdotes, para me edificar com seus exemplos.

2. Fazer todos os dias pelo menos uma hora de oração mental, para alimentar o recolhimento e o fervor.

3. Visitar assiduamente o Santíssimo Sacramento, sobretudo nos templos onde estiver exposto.

4. Ler a vida dos santos eclesiásticos, para neles encontrar modelos a imitar.

5. Ter uma devoção especial à santíssima Virgem, Mãe e Rainha do clero, e devotar-me particularmente ao seu serviço.

6. Honrar o estado eclesiástico, e por isso nada fazer que possa acarretar a mais ligeira mancha à sua reputação.

7. Ser sempre respeitoso para com as pessoas do mundo, sem as freqüentar; não me familiarizar com os seculares, sobretudo com as pessoas do outro sexo.

8. Ver a vontade de Deus nas ordens dos superiores e obedecer-lhes como ao próprio Deus.

9. Trazer o hábito eclesiástico e a tonsura clerical; mostrar-me sempre modesto, sem afetação, singularidade ou pretensão.

10. Viver em paz no seio da família; estar atento às lições do professor na aula; ser exemplar no templo, sobretudo no desempenho dalguma função.

11. Confessar-me ao menos de oito em oito dias e comungar ainda mais vezes<sup>4</sup>.

12. Afastar-me de todo o mal, e exercitar-me na prática de todo o bem (Villocourt, I. 1. ch. 10).

O jovem levita, que já se tinha feito admirar noutra carreira (na de advogado), edificou toda a cidade de Nápoles pelo seu fervor sempre crescente, subindo aos diversos degraus do sacerdócio; e ao cabo de três anos duma preparação tão perfeita, foi julgado digno de ser elevado com dispensa ao Sacerdócio, em 21 de dezembro de 1726. Escreveu então as resoluções seguintes:

1. Sou sacerdote, a minha dignidade está acima da dos anjos; deve ser pois a minha vida duma pureza angélica, para a qual sou obrigado a tender por todos os meios possíveis.

2. Um Deus digna-se obedecer à minha voz; com melhoria de razão devo eu obedecer à sua, obedecer à graça e aos meus superiores.

3. A santa Igreja honrou-me; é necessário que por minha vez eu a honre, com a santidade da minha vida, com o meu zelo, com os meus trabalhos etc.

4. Eu ofereço ao Padre eterno Jesus Cristo, seu Filho; logo é do meu dever revestir-me das virtudes de Jesus Cristo, e tornar-me capaz de tratar o mais santo dos mistérios.

5. O povo cristão vê em mim um ministro de reconciliação, um mediador entre Deus e os homens; logo é necessário que eu me conserve sempre na graça e amizade de Deus.

6. Querem os fiéis ver em mim um modelo das virtudes a que aspiram; devo portanto edificá-los a todos e sempre.

7. Os pobres pecadores, que perderam a vida das graça, esperam de mim a sua ressurreição espiritual; é necessário pois que eu trabalhe nela, pelas minhas orações, exemplos, palavras e conduta.

8. Preciso de coragem para triunfar do demônio, da carne, e do mundo; logo devo corresponder à graça divina, para os combater vitoriosamente.

9. Preciso de ciência para me tornar capaz de defender a religião, combater o erro e a impiedade; devo pois aproveitar-me de todos os meios possíveis para adquirir essa ciência.

10. O respeito humano e as amizades mundanas desonram o sacerdócio: logo devo ter-lhes horror.

11. Nos padres, a ambição e o espírito de interesse conduzem as mais das vezes à perda da fé; devo pois abominar esses vícios como origens de reprovação.

12. Em mim a gravidade e a caridade devem ser inseparáveis: serei portanto prudente e reservado, principalmente a respeito das pessoas do outro sexo, sem ser altivo, grosseiro ou desdenhador.

13. Só posso agradar a Deus pelo recolhimento, fervor e virtudes sólidas, que o santo exercício da oração alimenta; nada pois devo descuidar para as adquirir.

14. Só devo procurar a glória de Deus, a minha santificação e a salvação do meu próximo; a isso pois me devo dedicar, até com sacrifício da minha vida, se tanto for necessário.

15. Sou padre: o meu dever é inspirar a virtude, e glorificar a Jesus Cristo, Sacerdote eterno (Villocourt, l. 1. ch. 11).

\*

Eis a aurora desse astro, que devia percorrer uma tão longa órbita e elevar-se a tão alta perfeição: *Quasi lux splendens, procedit, et crescit usque ad perfectam diem* (Prov. 4, 18)! O nosso Santo é já reconhecido como um dos mais puros luminares, que Deus enviou para alumiar o mundo: *Quasi sol refulgens, sic ille effulsit in templo Dei* (Eccli. 50, 7). Esperamos que um novo decreto, ajuntando ainda novo raio à sua glória, para bem do povo cristão, em breve o proclamará doutor da Igreja<sup>5</sup>. Nesta expectativa, não deixaremos de nos aproveitar dos seus ensinamentos e de imitar as suas virtudes, para irmos um dia partilhar da sua eterna felicidade.

Ao terminarmos este trabalho, cremos poder afirmar que a nenhum cuidado nos poupamos, para o tornar o mais útil possível aos nossos irmãos no sacerdócio, e aos jovens discípulos do santuário; se tivermos a felicidade de

contribuir para o bem espiritual de alguns, rogamos-lhes que se lembrem de nós, principalmente no santo altar, e prometemos retribuir-lhes na mesma moeda.

VIVA JESUS, MARIA, JOSÉ E AFONSO!

1 Para meditação, sim: se o clero português o meditar, há de colher abundantes frutos de salvação.

2. Santo Afonso ainda não era bispo, quando publicou esta obra; foi-o dois anos depois.

3. Numa nova publicação de Mgr. Dechamps — *A Infalibilidade e o Concílio geral* — temos no cap. 8 uma nota que vem aqui a propósito. Depois de ter chamado a Sto. Afonso “O mais fiel e poderoso Eco da tradição nos tempos modernos, o eloqüente arcebispo explica aí que o nosso Autor não foi um simples eco, nem nas suas obras dogmáticas, nem nas morais, nem nas ascéticas, das quais faz um justo elogio e termina assim:

“Entre os seus livros ascéticos há um que Sto. Afonso intitulou, modestamente *Compilação de textos (Selva)*. A primeira vista poder-se-ia crer que o livro não é senão isso; mas desde que se percorra atentamente, há de reconhecer-se que o pensamento do autor forma a trama e harmonia dele; que tudo quanto a tradição tem de mais forte e suave o Santo pela sua ciência o põe ali a serviço da sua pena. Nada conhecemos mais difícil de fazer do que uma tal obra, em que os textos não são justamente postos, mas encadeados por um pensamento vivo e que os faz reviver. Se Sto. Afonso é um eco, então o é à maneira de S. Bernardo”. Parece-nos de todo o ponto exato este juízo; concluímos que o nosso Autor é um eco pensante, e que escolhe admiravelmente os sons mais próprios para exprimir o seu pensamento com uma energia irresistível; mas sabe também falar doutro modo, quando o assunto o exige, como se pode ver na sua *IV Instrução*, onde trata da *Pregação e da administração do Sacramento da Penitência*.

4. Parece que foi esta regra que o inspirou o n.º 2.º do can. 1.367, que diz: “*Saltem semel (alumni Seminarii) in hebdomada ad sacramentum poenitentiae accedant et frequenter, qua par est pietate, Eucharistico pane se reficiant*”.

5. Foi proclamado Doutor, por Pio IX, no *Decretum Urbis et Orbis*, mandado expedir a 23 de março de 1871.

### Advertência necessária a quem dá exercícios espirituais a sacerdotes

Dá-se a este livro o título de *Compilação de materiais*, e não de *discursos* ou *Exercícios espirituais*, porque, embora se tenha tido o cuidado de reunir o que pertence propriamente a cada um dos assuntos propostos, não se lhe imprimiu a ordem que em regra exige um discurso sobre a matéria.

Não se desenvolvem as idéias; expõem-se sem coordenação e com brevidade; mas é de propósito, para que o leitor escolha as autoridades, os ensinamentos e pensamentos, que mais lhe agradarem; depois os ordene e desenvolva à sua vontade, compondo assim um discurso seu. A experiência de mostra que é difícil a um pregador exprimir com calor e energia idéias, de que primeiro se não tenha apropriado, escolhendo-as ao menos entre muitas outras, ou dando-lhes a ordem e desenvolvimento convenientes, na composição do seu discurso. Foi ainda nesse intuito que se citaram muitas passagens de diversos autores, a exprimirem o mesmo pensamento, para que o leitor escolha as que forem mais do seu gosto.

Falamos assim, para que se compreenda o fim da obra. Vão agora alguns avisos, a que deve atender quem dá os exercícios espirituais a sacerdotes:

I. Antes de tudo, que se proponha nos seus discursos um fim reto, que deve ser, não adquirir a reputação de sábio, de grande gênio, de homem eloqüente, mas unicamente dar glória a Deus, fazendo bem aos ouvintes.

II. Que não procure adornar os seus discursos com coisas estranhas, pensamentos novos e sublimes, que apenas levam o espírito dos ouvintes a refletir na beleza das idéias, ao passo que a vontade permanece árida e estéril; mas que se aplique a dizer as coisas que julgar mais próprias, para mover os ouvintes a boas resoluções.

III. Para este fim, que recorde muitas vezes as verdades eternas; porque é pela meditação delas que se obtém a perseverança, conforme a máxima do Espírito Santo: *Memorare novissima tua, et in aeternum non peccabis* (Eccli. 7, 40). É verdade que alguns eclesiásticos não gostam dos sermões sobre os novísimos, e ofendem-se de se verem tratados à maneira dos seculares, como se não houvessem de morrer e ser julgados como eles! Nem por isso quem lhes dá os exercícios deixará de lhes falar muitas vezes da morte, do juízo e da eternidade: são verdades capazes de levar a uma mudança de vida quem as considerar atentamente.

IV. Não se esqueça de insinuar, sempre que possa, alguma coisa prática, por exemplo: o modo de fazer a oração mental, de dar graças depois da missa, de corrigir os pecadores, e sobretudo de ouvir as confissões, particularmente dos recidivos e dos que estão em ocasião próxima; porque muitos confessores pecam neste ponto, uns por demasiado rigor, outros por demasiada facilidade em darem a absolvição, — o que é mais freqüente, e assim são causa da condenação de muitas almas. Os textos latinos ouvem-se e logo se esquecem; só as coisas práticas ficam na memória.

V. Não se esqueça de tratar com respeito e doçura os sacerdotes que o escutam. *Com respeito*, digo, mostrando veneração por eles, por isso os chamará — senhores e santos. Se verberar algum vício, falará em geral, protestando que as suas palavras se não dirigem a nenhum dos presentes. Ponha cuidado sobretudo em não repreender em particular a nenhum qualquer falta, bem como em não tomar tom de autoridade. Tratará de falar com familiaridade, que é o modo mais próprio para persuadir e comover. *Com doçura*: não se deixe ir à cólera nos seus discursos; não deixe escapar palavras injuriosas, mais próprias para azedar os ânimos, que para mover à piedade.

VI. Quando os assuntos forem terríveis, não lance na alma dos seus ouvintes a desesperação de se salvarem ou emendarem; por fim, deixe a todos, mesmo aos mais relaxados, a porta aberta para se animarem a mudar de vida: exorte-os a porem a sua confiança nos merecimentos de Jesus Cristo e na intercessão da divina Mãe; que recorram pela oração a estas duas grandes âncoras da esperança. Em quase todos os seus discursos, recomendará com instância o exercício da oração, que é o meio único de se obterem as graças necessárias à salvação.

VII. Enfim, e acima de tudo, quem prega a padres espere o fruto que deseja produzir, não dos seus talentos e esforços, mas da misericórdia divina e das suas orações, pedindo ao Salvador que dê força às suas palavras; porque é sabido que, de ordinário, os sermões a padres permanecem quase inteiramente sem efeito, e que para um padre exercitante se decidir a mudar de vida, se é pecador, ou a tornar-se melhor, se é tíbio, é necessária uma espécie de milagre, que raras<sup>1</sup> vezes se dá; donde deriva que, para converter padres, é mais necessária a oração que o estudo.

## PRIMEIRA PARTE

### MATERIAIS PARA OS SERMÕES

## A dignidade do Padre

### I

#### Idéia da dignidade sacerdotal

Diz Sto. Inácio mártir que a dignidade sacerdotal tem a supremacia entre todas as dignidades criadas<sup>2</sup>. Santo Efrém exclama: “É um prodígio espantoso a dignidade do sacerdócio, é grande, imensa, infinita<sup>3</sup>. Segundo S. João Crisóstomo, o sacerdócio, embora se exerça na terra, deve ser contado no número das coisas celestes<sup>4</sup>. Citando Sto. Agostinho, diz Bartolomeu Chassing que o sacerdote, alevantado acima de todos os poderes da terra e de todas as grandezas do Céu, só é inferior a Deus<sup>5</sup>. e Inocêncio III assegura que o sacerdote está colocado entre Deus e o homem; é inferior a Deus, mas maior que o homem<sup>6</sup>.

Segundo S. Dionísio, o sacerdócio é uma dignidade angélica, ou antes divina; por isso chama ao padre um homem divino<sup>7</sup>. Numa palavra, concluí Sto. Efrém, a dignidade sacerdotal sobreleva a tudo quanto se pode conceber<sup>8</sup>. Basta saber-se que, no dizer do próprio Jesus Cristo, os padres devem ser tratados como a sua pessoa: *Quem vos escuta, a mim escuta; e quem vos despreza, a mim despreza*<sup>9</sup>. Foi o que fez dizer ao autor da *Obra imperfeita*: Honrar o sacerdote de Cristo, é honrar o Cristo; e fazer injúria ao sacerdote de Cristo, é fazê-la a Cristo<sup>10</sup>. Considerando a dignidade dos sacerdotes, Maria d’Oignies beijava a terra em que eles punham os pés.

### II

#### Importância das funções sacerdotais

Mede-se a dignidade do padre pelas altas funções que ele exerce. São

os padres escolhidos por Deus, para tratarem na terra de todos os seus negócios e interesses; é uma classe inteiramente consagrada ao serviço do divino Mestre, diz S. Cirilo de Alexandria<sup>11</sup>. Também Sto. Ambrósio chama ao ministério sacerdotal uma “profissão divina”<sup>12</sup>. O sacerdote é o ministro, que o próprio Deus estabeleceu, como embaixador público de toda a Igreja junto dele, para o honrar, e obter da sua bondade as graças necessárias a todos os fiéis.

Não pode a Igreja inteira, sem os padres, prestar a Deus tanta honra, nem obter dele tantas graças, como um só padre que celebra uma missa. Com efeito, sem os padres, não poderia a Igreja oferecer a Deus sacrifício mais honroso que o da vida de todos os homens: mas o que era a vida de todos os homens, comparada com a de Jesus Cristo, cujo sacrifício tem um valor infinito? O que são todos os homens diante de Deus senão um pouco de pó, ou antes um nada? Isaías diz: *São como uma gota de água... e todas as nações são diante dele, como se não fossem*<sup>13</sup>.

Assim, o sacerdote que celebra uma missa rende a Deus uma honra infinitamente maior, sacrificando-lhe Jesus Cristo, do que se todos os homens, morrendo por ele, lhe fizessem o sacrifício das suas vidas. Mais ainda, por uma só missa, dá o sacerdote a Deus maior glória, do que lhe têm dado e hão de dar todos os anjos e santos do Paraíso, incluindo também a Virgem santíssima; porque não lhe podem dar um culto infinito, como o faz um sacerdote celebrando no altar.

Além disso, o padre que celebra oferece a Deus um tributo de reconhecimento condigno da sua bondade infinita, por todas as graças que ele há sempre concedido, mesmo aos bem-aventurados que estão no Céu. Este reconhecimento condigno nem todos os bem-aventurados juntos o poderiam prestar; de modo que, ainda sob este ponto de vista, a dignidade do padre está acima de todas as dignidades, sem exceptuar as do Céu.

Mais, o padre é um embaixador enviado pelo universo inteiro, como intercessor junto de Deus, para obter as suas graças para todas as criaturas; assim fala S. João Crisóstomo<sup>14</sup>. Santo Efrém ajunta que o padre trata familiarmente com Deus<sup>15</sup>. Para o padre, numa palavra, não há nenhuma porta fechada.

Jesus Cristo morreu para fazer um padre. Não era necessário que o Redentor morresse para salvar o mundo: uma gota de sangue, uma lágrima, uma prece lhe bastava para salvar todos os homens; porque, sendo esta prece dum valor infinito, era suficiente para salvar, não um mundo, mas milhares de mundos.

Pelo contrário, foi necessária a morte de Jesus Cristo para fazer um padre: pois, doutro modo, — onde se encontraria a Vítima que os padres da lei nova oferecem hoje a Deus, Vítima santíssima, sem mancha, só por si suficiente para honrar a Deus dum maneira condigna de Deus? O sacrifício da vida de todos os anjos e de todos os homens não seria capaz, como acabamos de dizer, de prestar a Deus a honra infinita, que lhe presta um padre com uma só missa.

### III

#### Excelência do poder sacerdotal

Mede-se também a dignidade do padre pelo poder que ele exerce sobre o corpo real e o corpo místico de Jesus Cristo.

Quanto ao *corpo real*, é de fé que no momento em que o padre consagra, o Verbo encarnado se obrigou a obedecer-lhe, vindo às suas mãos sob as espécies sacramentais. Causou espanto que Deus obedecesse a Josué, e mandasse ao sol que se detivesse à sua voz, quando ele disse: *Sol! fica-te imóvel diante de Gabaon... E o sol deteve-se no meio do Céu*<sup>16</sup>.

Mas é muito maior prodígio que Deus, em obediência a poucas palavras do padre<sup>17</sup>, desça sobre o altar, ou a qualquer parte em que o sacerdote o chame, quantas vezes o chamar, e se ponha entre as suas mãos, embora esse sacerdote seja seu inimigo! Aí permanece inteiramente à disposição do padre, que pode transportá-lo à sua vontade dum lugar para outro, encerrá-lo no tabernáculo, expô-lo no altar, ou ministrá-lo aos outros. É o que exprime com admiração S. Lourenço Justiniano, falando dos padre: “Bem alto é o poder que lhes é dado! Quando querem, demudam o pão em corpo de Cristo: o Verbo encarnado desde do Céu e desce verdadeiramente à mesa do altar! É-lhes dado um poder que nunca foi outorgado aos anjos. Estes conservam-se junto do trono de Deus; os sacerdotes têm-no nas mãos, dão-no ao povo e eles próprios o comungam”<sup>18</sup>.

Quando ao *corpo místico* de Jesus Cristo, que se compõe de todos os fiéis, tem o sacerdote o poder das chaves: pode livrar do inferno o pecador, torná-lo digno do Paraíso, e, de escravo do demônio, fazê-lo filho de Deus. O próprio Jesus Cristo se obrigou a estar pela sentença do padre, em recusar ou conceder o perdão, conforme o padre recusar ou dar a absolvição, contanto que o penitente seja digno dela.

De modo que o juízo de Deus está na mão do padre, diz S. Máximo de Turim<sup>19</sup>. A sentença do padre precede, ajuda S. Pedro Damiano, e Deus a subscreve<sup>20</sup>. Assim, conclui S. João Crisóstomo, o Senhor supremo do universo não faz senão seguir o seu servo, confirmando no Céu tudo quanto ele decide na terra<sup>21</sup>.

Os padres, diz Sto. Inácio mártir, são os dispensadores das graças divinas e os consócios de Deus<sup>22</sup>. E, segundo S. Próspero, são a honra e as colunas da Igreja, portas e porteiros do Céu<sup>23</sup>.

Se Jesus Cristo descesse a uma igreja, e se sentasse num confessionário para administrar o sacramento da Penitência, ao mesmo tempo que um padre sentado no outro, o divino Redentor diria: *Ego te absolvo* o padre diria o mesmo: *Ego te absolvo*; e os penitentes ficariam igualmente absolvidos, tanto por um como pelo outro.

Que honra para um súdito, se o seu rei lhe desse poder para livrar da prisão quem lhe aprouvesse! Mas muito maior é o poder dado pelo Padre

Eterno a Jesus Cristo, e por Jesus Cristo aos padres, para livrarem do inferno, não só os corpos, mas até as almas; esta reflexão é de S. João Crisóstomo<sup>24</sup>.

### IV

#### A dignidade do padre excede todas as dignidades criadas

A dignidade sacerdotal é pois neste mundo a mais alta de todas as dignidades, nota Sto. Ambrósio<sup>25</sup>. Ela excede, diz S. Bernardo, todas as dignidades dos imperadores e dos anjos<sup>26</sup>. Santo Ambrósio ajunta que a dignidade do padre sobreleva à dos reis como o ouro ao chumbo<sup>27</sup>. A razão disso, segundo S. João Crisóstomo, é que o poder dos reis só se estendem aos bens temporais e aos corpos, ao passo que o dos padres abrange os bens espirituais e as almas<sup>28</sup>. Donde se conclui, em conformidade com o que fica exposto, que o poder ou a dignidade do padre é tão superior à dos príncipes como a alma ao corpo; era o que já tinha dito o Papa S. Clemente<sup>29</sup>.

É uma glória para os reis da terra honrar os padres; é isso próprio dum bom príncipe, diz o Papa Marcelo<sup>30</sup>. Os reis, diz Pedro de Blois, apressam-se a dobrar o joelho diante do sacerdote, a beijar-te a mão, e a abaixar humildemente a cabeça para receberem a sua bênção<sup>31</sup>.

Reconhecem assim a superioridade do sacerdócio, diz S. João Crisóstomo<sup>32</sup>. Conta Barônio<sup>33</sup> que Leôncio, bispo de Trípoli, tendo sido chamado à cômte pela imperatriz Eusébia, lhe mandara dizer que, se queria a visita dele, era necessário que primeiro aceitasse as seguintes condições: que à sua chegada a imperatriz desceria do seu trono, viria inclinar a cabeça sob as suas mãos, pedir-lhe e receber dele a bênção; depois ele se assentaria, e ela só o poderia fazer com permissão sua. Terminava por dizer-lhe que, a não se darem essas condições, jamais poria os pés na sua cômte.

Convidado para a mesa do imperador Máximo, S. Martinho brindou primeiro o seu capelão e só depois o imperador<sup>34</sup>. No Concílio de Nicéia, quis Constantino Magno ocupar o último lugar, depois de todos os sacerdotes, num assento menos elevado; e ainda se não quis assentar sem permissão deles<sup>35</sup>. O santo rei Boleslau tinha pelos sacerdotes uma tal veneração que não se assentava na presença deles.

A dignidade sacerdotal ultrapassa até a dos anjos, razão por que também estes a veneram<sup>36</sup>. Velam os anjos da guarda pelas almas que lhe estão confiadas, de modo que, se elas se encontram em estado de pecado mortal, excitam-nas a recorrer aos sacerdotes, esperando que eles pronunciem a sentença de absolvição; assim fala S. Pedro Damiano<sup>37</sup>.

Se um moribundo pedir a assistência de S. Miguel, bem poderá, é verdade, este glorioso arcanjo expulsar os demônios que o cercarem, mas não quebrar-lhes as cadeias, se não vier um padre que o absolva. Acabando S. Francisco de Sales de conferir a ordem de presbítero a um digno clérigo, notou à saída que ele trocava algumas palavras com outra pessoa, a quem

queria ceder a passo. Interrogado pelo Santo, respondeu ao jovem sacerdote que o Senhor o tinha honrado com a presença visível do seu anjo da guarda. Este antes da sua elevação ao sacerdócio caminhava à sua direita e precedia-o, mas agora tomava a esquerda e recusava caminhar diante; por isso ele se tinha ficado à porta, numa santa contenda com o anjo. S. Francisco de Assis dizia: “Se eu visse um padre, primeiro ajoelharia diante do padre, e depois diante do anjo<sup>38</sup>”.

Mais ainda, o poder do padre excede até o da santíssima Virgem; porque a Mãe de Deus pode pedir por uma alma e obter-lhe quanto quiser pelas suas súplicas, mas não pode absolvê-la da menor falta. Escutemos Inocêncio III: “Embora a santíssima Virgem esteja elevada acima dos apóstolos, não foi contudo a ela, mas a eles que o Senhor confiou as chaves do reino dos céus<sup>39</sup>”.

Por outro lado, S. Bernardino de Sena, dirigindo-se a Maria, diz igualmente que Deus elevou o sacerdócio acima dela<sup>40</sup>; e eis a razão que dá: Maria concebeu Jesus Cristo uma só vez; o padre pela consagração concebe-o, por assim dizer, quantas vezes quer; de modo que, se a pessoa do Redentor ainda não existisse no mundo, o padre, pronunciando as palavras da consagração, produziria realmente esta pessoa sublime do Homem-Deus.

Daqui esta bela exclamação de Sto. Agostinho: “Ó venerável dignidade dos sacerdotes, entre cujas mãos o Filho de Deus encarna como encarnou no seio da Virgem!<sup>41</sup>”. Por isso S. Bernardo, entre muitos outros, chama aos padres pais de Jesus Cristo<sup>42</sup>. De fato, são causa da existência real da pessoa de Jesus Cristo na Hóstia consagrada.

De certo modo, pode o padre dizer-se criador do seu Criador, porque pronunciando as palavras da consagração, cria Jesus Cristo sobre o altar, onde lhe dá o ser sacramental, e o produz como vítima para o oferecer a Padre eterno. Para criar o mundo, Deus só disse uma palavra: *Disse, e tudo foi feito*<sup>43</sup>; do mesmo modo, basta que o sacerdote diga sobre o pão: *Isto é o meu corpo; = Hoc est corpus meum*; e eis que o pão deixou de ser pão: é o corpo de Jesus Cristo. S. Bernardino de Sena vê nesta maravilha um poder igual ao que criou o universo<sup>44</sup>. E Sto. Agostinho exclama de assombro: “Ó venerável e sagrado poder o das mãos do padre! Ó glorioso ministério! Aquele que me criou a mim, deu-me, se ousou dizê-lo, o poder de o criar a ele; e ele que me criou sem mim, criou-se a si por meio de mim!”<sup>45</sup>

Assim como a palavra de Deus criou o céu e a terra, assim também, diz S. Jerônimo, as palavras do padre criam Jesus Cristo<sup>46</sup>. Tão alta é a dignidade do padre que vai até abençoar sobre o altar o próprio Jesus, como Vítima para oferecer ao Padre eterno. Segundo nota o Pe. Mansi<sup>47</sup>, no sacrifício da Missa, Jesus Cristo é considerado como Sacrificador principal e como Vítima: como Sacrificador abençoa o padre; mas, como Vítima, é abençoado pelo padre.

## V

### O alto posto ocupado pelo padre

A excelência da dignidade sacerdotal mede-se também pelo alto posto que o padre ocupa. No sínodo de Chartres, celebrado em 1550, é chamado “a morada dos santos”<sup>48</sup>. Dá-se aos padres o título de vigários de Jesus Cristo, e assim os chama Sto. Agostinho, porque fazem as suas vezes na terra<sup>49</sup>. Tal é também a linguagem empregada por S. Carlos Borromeu no sínodo de Milão: *Somos nós os embaixadores de Jesus Cristo; é Deus quem pela nossa boca vos exorta*<sup>50</sup>. Foi o que o próprio Apóstolo declarou.

Subindo ao Céu, o divino Redentor deixou os sacerdotes para serem na terra os mediadores entre Deus e os homens, particularmente ao altar, como diz S. Lourenço Justiniano: “Deve o padre aproximar-se do altar como o próprio Jesus Cristo”<sup>51</sup>. S. Cipriano diz: “O padre ocupa verdadeiramente o lugar e desempenha o ofício do Salvador”<sup>52</sup>; e S. Crisóstomo: Quando virdes o sacerdote a oferecer o sacrifício, vêde a mão de Jesus Cristo estendida dum modo invisível”<sup>53</sup>.

Ocupa também o padre o lugar do Salvador, quando remite os pecados, dizendo: *Ego te absolvo*. O grande poder que o Padre eterno deu o seu divino Filho, comunica-o Jesus Cristo aos padres, *De suo vestiens sacerdotes*, segundo a expressão de Tertuliano.

Para perdoar um pecado, é necessário o poder do Altíssimo, como a Igreja o faz ouvir nas suas orações<sup>54</sup>.

Tinham pois razão os judeus, quando, ao verem que Jesus Cristo perdoava os pecados ao paralítico, disseram: “*Quem senão Deus pode perdoar os pecados?*”<sup>55</sup> Mas esta graça que só Deus pode fazer pela sua onipotência, o padre a pode também dispensar por estas palavras: *Ego te absolvo a peccatis tuis*; porque a forma, ou, se o quiserem, as palavras da forma, pronunciadas pelo padre nos sacramentos, operam imediatamente o que significam.

Qual seria o nosso espanto, se víssemos um homem que, mediante algumas palavras, tinha a virtude de tornar branca a pele dum negro! O padre faz mais, quando diz: Eu te absolvo, — porque no mesmo instante demuda em amigo um inimigo de Deus, e um escravo do inferno num herdeiro do Céu.

O cardeal Hugues põe na boca do Senhor estas palavras, que representa dirigidas a um sacerdote ao absolver um pecador: Eu fiz o céu e a terra, mas dou-te o poder para fazeres uma criação mais nobre e melhor: dum alma manchada pelo pecado, faze uma alma nova (*Faze uma alma nova*, quer dizer, faze que uma alma pecadora e escrava de Lúcifer se torne minha filha). Mandeí à terra que produza os seus frutos; dou-te um poder melhor, o de produzires frutos nas almas<sup>56</sup>.

Privada da graça, é a alma como uma árvore seca, que não pode produzir nenhum fruto; mas, recobrando a graça pelo ministério do padre, produz

frutos de vida eterna. Santo Agostinho junta que a justificação dum pecador é uma obra maior que a de criar o céu e a terra<sup>57</sup>. O Senhor diz a Jó: *Tendes vós um braço como o de Deus, e uma voz trovejante como a sua?*<sup>58</sup> Ora, quem é que tem um braço semelhante ao de Deus e como Deus faz trovejar a sua voz? É o padre que, dando a absolvição, se serve do braço e da voz do próprio Deus, para livrar do inferno as almas.

Lemos em Sto. Ambrósio que o padre, quando absolve, opera o mesmo que faz o Espírito Santo, quando justifica as almas<sup>59</sup>. Eis por que o divino Redentor, ao conferir aos padres o poder de absolver, lhes deu o seu Espírito: *Soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo: aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos*<sup>60</sup>. Deu-lhes o seu Espírito que santifica as almas, e estabeleceu-os cooperadores seus, conforme a expressão do Apóstolo<sup>61</sup>. E S. Gregório junta: “Receberam o poder judicial supremo, para em nome de Deus remitirem ou reterem os pecados aos outros”<sup>62</sup>. Razão tem pois S. Clemente de chamar ao padre um Deus na terra<sup>63</sup>. Davi disse: *Veio Deus à assembléia dos deuses*<sup>64</sup>. Segundo a explicação de Sto. Agostinho, os deuses de que fala são os sacerdotes<sup>65</sup>. E eis o que diz Inocêncio III: “Os padres se chamam deuses, por causa da dignidade do seu ofício”<sup>66</sup>.

## VI

### Conclusão

Mas, que horror ver, numa mesma pessoa, uma dignidade sublime e uma vida vergonhosa, uma profissão divina e obras de iniquidade! Para longe de nós esta desordem, exclama Sto. Ambrósio; que as nossas obras estejam de acordo com o nosso nome!<sup>67</sup> O que é uma alta dignidade num indigno, senão uma pérola caída na lama, pergunta Salviano?<sup>68</sup>

O Apóstolo nos adverte que ninguém deve ser tão audacioso que se eleve ao sacerdócio, sem a vocação divina de Aarão, pois que nem Jesus Cristo se quis arrogar a honra do sacerdócio, mas esperou que seu Pai o chamasse a essa dignidade<sup>69</sup>.

Aprendamos daqui quanto é alta a dignidade do padre; mas quanto mais alta é, mais devemos temê-la. “É grande a dignidade dos padres, diz S. Jerônimo; mas também a sua ruína, se vierem a pecar. Regozijemo-nos com a nossa elevação, mas temamos de cair”<sup>70</sup>. S. Gregório exclama gemendo: “Purificados pelas mãos dos sacerdotes entram na pátria os eleitos; e os próprios padres se precipitam de cabeça para baixo nos suplícios do inferno!”<sup>71</sup> E junta: é o que acontece com a água batismal, que purifica do pecado os que a recebem, e os envia para o Céu, ao passo que ela cai e perde-se.

## O fim do Sacerdócio

### I

#### O Sacerdócio, aos olhos dos santos, é um encargo terrível

Dizia S. Clemente de Alexandria que os que estavam verdadeiramente animados do Espírito de Deus, se encontravam possuídos de temor ao receberem o sacerdócio, como um homem que treme à vista dum fardo enorme, que lhe vão lançar sobre os ombros, com perigo de ele ficar esmagado<sup>72</sup>. Santo Efrém nos diz que não encontrava ninguém que quisesse ser ordenado de presbítero (*Ep. ad Joan. hieros.*). Um concílio de Cartago decretou que os que fossem julgados dignos do sacerdócio e o recusassem, podiam ser obrigados a deixar-se ordenar. “Ninguém, dizia S. Gregório de Nazianzo, recebe de boa vontade o sacerdócio”<sup>73</sup>. Refere o diácono Pôncio que S. Cipriano, ao saber que o queriam ordenar sacerdote, correria a esconder-se por humildade: *Humiliter secessit (Vita S. Cypr.)*. O mesmo fez, por igual motivo, S. Fulgêncio. Prevendo que ia ser eleito, correu a esconder-se num lugar desconhecido<sup>74</sup>. Refere Sozomeno que também Sto. Atanásio fugira para não ser elevado ao sacerdócio. Santo Ambrósio fez grandes resistências, como ele próprio afirma<sup>75</sup>. S. Gregório procurou disfarçar-se em trajo de negociante para escapar à ordenação, apesar de Deus ter mostrado por milagres que o chamava à ordenação.

Para não ser ordenado, Sto. Efrém se apresentou como insensato e S. Marco cortou o dedo polegar. O mesmo motivo levou Sto. Amon a cortar as orelhas e o nariz; e, como apesar disso o povo insistia em o fazer ordenar, fez-lhe a ameaça de cortar também a língua; então cessaram de o perseguir.

É sabido que S. Francisco, ordenado diácono, não quis receber o presbiterato, porque uma visão lhe tinha revelado que a alma do padre deve ser pura como a água, que lhe fôra mostrada num vaso de cristal. Do mesmo modo o abade Teodoro não era senão diácono, e todavia nunca quis exercer as funções da sua Ordem, porque um dia ao fazer a oração viu uma coluna de fogo e foi-lhe dito: “Se tens o coração inflamado como esta chama, então exerce a tua Ordem”. O abade Motuès era sacerdote, mas não quis celebrar, porque se julgava indigno disso.

Antigamente, entre os monges, cuja vida era tão austera, poucos se

encontravam que fossem sacerdotes. Aos olhos deles, aspirar ao sacerdócio era presunção. Por isso S. Basílio, querendo experimentar a obediência dum monge, mandou-lhe que pedisse publicamente o presbiterato; o que foi olhado como um ato de obediência; porque, fazendo um tal pedido, o religioso expunha-se a passar por um grande orgulhoso.

Mas, enquanto os santos, que só vivem para Deus, têm tanta repugnância em receber as Ordens e se crêem indignos delas, — como é que tantos correm às cegas para o sacerdócio e não descansam até que lá cheguem, por caminhos direitos ou tortos? Ai, exclama S. Bernardo, esses são para lamentar; porque, para eles, o estarem no número dos sacerdotes será o mesmo que estarem inscritos na lista dos condenados!

Porquê? Porque de todos esses padres apenas haverá algum que tenha sido chamado por Deus. O que os impediu para o santuário foi o interesse, a ambição, a influência dos pais, e assim não se ordenam para o fim que o sacerdote deve ter em vista, mas para os fins perversos do mundo. Por isso os povos permanecem ao abandono e a Igreja desonrada. Tantas almas se perdem, ao mesmo tempo que tais padres se afundam na ignomínia!

## II

### O fim do sacerdócio

Quer Deus que todos os homens cheguem a salvar-se, mas nem todos pelos mesmos caminhos: assim como no Céu há diversos graus de glória, também na terra há diversos estados, que assinalam outros tantos caminhos diferentes para ir para o Céu. Entre esses estados, o mais nobre, o mais sublime, que se pode chamar o estado por excelência, é o estado sacerdotal, em razão dos fins altíssimos para que foi estabelecido.

Quais esses fins? Só celebrar missa, recitar o ofício, e viver depois como os seculares? Não, por certo; o fim que Deus se propôs foi estabelecer na terra pessoas públicas, encarregadas de tudo quanto respeita à honra da sua divina majestade e à salvação das almas<sup>76</sup>: *Porque todo o Pontífice, escolhido dentre os homens, é estabelecido o favor dos homens, para exercer as funções do culto para com Deus, e oferecer dons e sacrifícios pelos pecados; deve saber compadecer-se dos que pecam por ignorância*<sup>77</sup>. Assim fala S. Paulo, e o Sábio diz de Aarão que ele fôra escolhido, *para desempenhar funções sacerdotais e louvar ao nome de Deus*<sup>78</sup>. Foi assim que o cardeal Hugues aplicou as palavras: *Habere laudem*. E Cornélio A-Lápide ajunta: Assim como o ofício dos anjos é louvar incessantemente a Deus no Céu, assim o dos sacerdotes é louvá-lo constantemente na terra<sup>79</sup>.

Estabeleceu Jesus Cristo os padres como cooperadores seus para glória de seu eterno Pai e salvação das almas; por isso ao subir ao Céu declarou que os deixava em seu lugar, para continuarem a obra da redenção, que tinha empreendido e consumado. Conforme a expressão de Sto. Ambrósio<sup>80</sup>, assim que os constituiu delegados do seu amor. O Salvador disse a seus

discípulos: *Conforme meu Pai me enviou, assim Eu vos envio a vós*<sup>81</sup>; deixo-vos, para que façais o que eu próprio vim fazer à terra, isto é, para que manifesteis aos homens o nome de meu Pai.

Dirigindo-se a seu Padre eterno, tinha Ele dito: *Glorifiquei-vos na terra; a minha obra está consumada... fiz conhecer o vosso nome aos homens*<sup>82</sup>. Depois tinha orado pelos seus sacerdotes nestes termos: *Confiei-lhes a vossa palavra... Santificai-os na verdade!... Assim como vós me enviastes ao mundo, assim Eu os envie*<sup>83</sup>. Portanto os padres estão colocados neste mundo para fazerem conhecer a Deus: as suas perfeições, a sua justiça, a sua misericórdia, os seus preceitos, e para lhe conciliarem o respeito, obediência e amor que lhe são devidos. Estão encarregados de procurar as ovelhas desgarradas, e dar a vida por elas, se necessário for. Tal o fim para que Jesus Cristo veio à terra, e instituiu os sacerdotes<sup>84</sup>.

## III

### Principais deveres do padre

O próprio Jesus Cristo diz que viera ao mundo para acender o fogo do amor divino<sup>85</sup>. Eis ao que o padre deve consagrar toda a sua vida e todas as suas forças. Não tem que trabalhar em adquirir tesouros, honras e bens terrenos, mas unicamente em ver a Deus amado de todos os homens. Somos chamadas por Jesus Cristo, diz o autor da *Obra imperfeita*, não a procurar os nossos próprios interesses, mas a glória de Deus... O amor verdadeiro não se procura a si próprio; deseja em tudo andar à vontade do amado<sup>86</sup>. Na antiga Lei disse o Senhor: *Separei vos de todos os povos, para que fôsseis meus*<sup>87</sup>. Considerai estas palavras como dirigidas aos padres: *Para que sejais meus, inteiramente aplicados aos meus louvores, ao meu serviço e ao meu amor*; e, segundo S. Pedro Damiano, para que sejais os cooperadores e dispensadores dos meus sacramentos<sup>88</sup>; e segundo Sto Ambrósio: Para serdes os guias e pastores do rebanho de Jesus Cristo<sup>89</sup>. Acrescenta o santo Doutor que o ministro dos altares não é mais seu mas de Deus<sup>90</sup>. O próprio Senhor diz que separa dos outros homens os padres, para os ter inteiramente unidos a si<sup>91</sup>.

O divino Mestre disse: *Se alguém me está associado, que me siga; = Si quis mihi ministrat, me sequatur* (Jo. 12, 26). Para seguir a Jesus Cristo, deve o padre fugir do mundo, socorrer as almas, fazer amar a Deus, declarar guerra ao pecado. Deve olhar como feitas a si as injúrias contra Deus: *Caíram sobre mim os ultrajes dos que vos ofendem*<sup>92</sup>. Entregues aos negócios do mundo, não podem os leigos render a Deus o tributo de homenagem e reconhecimento que lhe é devido; por isso, diz um sábio autor, o Pe. Frassen, é necessário escolher dentre os outros homens alguns que, pelo seu próprio estado, sejam obrigados a prestar ao Senhor a honra que lhe pertence<sup>93</sup>.

Em todas as cortes dos soberanos, há ministros encarregados de fazer observar as leis, remover os escândalos, reprimir os sediciosos e defender a

honra do rei. Foi para os mesmos fins que o Senhor estabeleceu os sacerdotes: são oficiais da sua corte. Isto fez dizer a S. Paulo: *Mostremo-nos verdadeiros ministros de Deus*<sup>94</sup>. Estão os ministros sempre atentos a conciliar ao seu soberano o respeito que lhe é devido, e engrandecer a sua glória. Falam dele com veneração; se alguém o censura, logo o defendem com zelo; procuram adivinhar-lhe os desejos, e até expõem a vida para lhe agradar.

É assim que procedem os padres para com Deus? Não há dúvida que são ministros seus; é pelas suas mãos que passam e são tratados os negócios que interessam à sua glória. É por intermédio deles que devem ser tirados do mundo os pecados, — fim para que Jesus Cristo quis morrer, diz S. Paulo<sup>95</sup>. Mas, no dia do juízo, como serão reconhecidos por verdadeiros ministros de Jesus Cristo esses padres que, longe de impedirem os pecados dos outros, eles próprios são os primeiros a conjurar-se contra Jesus Cristo?

Que se diria dum ministro que se recusasse a vigiar pelos interesses do seu rei, e se afastasse quando ele reclamasse o seu serviço? É que se diria se este ministro falasse até contra o rei, e conspirasse para o destronar, coligando-se com os seus inimigos?

Segundo o Apóstolo, são os sacerdotes embaixadores de Deus<sup>96</sup>; são os cooperadores de Deus na salvação das almas<sup>97</sup>. Deu-lhes Jesus Cristo o Espírito Santo, para que possam salvar as almas, absolvendo-as dos pecados<sup>98</sup>. Donde conclui o teólogo Habert que o espírito sacerdotal consiste essencialmente num zelo ardente, primeiro pela glória de Deus, e depois pela salvação das almas<sup>99</sup>.

Não tem pois o padre que se ocupar das coisas do mundo, mas unicamente dos interesses de Deus: = *Constituitur in iis quae sunt ad Deum* (*Hebr. 5, 1*). Por esta razão, quis S. Silvestre que, para os eclesiásticos, os dias da semana tivessem o nome de *Férias*, que quer dizer dias feriados, em que não se cuida dos trabalhos ordinários<sup>100</sup>. Assim nos adverte que nós os padres nos devemos empregar exclusivamente em servir a Deus e ganhar-lhe almas, ocupação que S. Dionísio Areopagita chama o mais divino dos ministérios: “Será perfeito o sacerdote se imitar a Deus, se se fizer cooperador de Deus, que é a mais divina de todas as ocupações”<sup>101</sup>.

Segundo Sto. Antonino<sup>102</sup>, *sacerdos* significa *sacra docens*; e segundo Honório d’Autun<sup>103</sup>, *presbyter* significa *praebens iter*. Assim, Sto. Ambrósio dá aos padres o título de guias e pastores do rebanho de Jesus Cristo<sup>104</sup>. Por S. Pedro é chamado o clero *um sacerdócio real, uma nação santa, um povo de conquista*<sup>105</sup>, povo destinado a conquistar, — o quê? Almas e não riquezas, conforme a reflexão de Sto. Ambrósio. Os próprios pagãos não queriam que os seus sacerdotes se ocupassem senão do culto dos seus deuses; por isso lhes era vedado o exercício de qualquer magistratura<sup>106</sup>.

Este pensamento fazia gemer S. Gregório, que dizia, falando dos padres: “Devemos pôr de parte todos os negócios da terra, para só nos darmos à causa de Deus; mas procedemos ao contrário: deixamos a causa de Deus e só vivemos para os interesses terrenos”<sup>107</sup>. Moisés, estabelecido por Deus para só cuidar das coisas da sua glória, applicava-se a decidir pleitos, mas

Jetro advertiu-o e disse-lhe: *Estás a gastar-te loucamente; deixa esse trabalho para cuidares do povo e das coisas relativas a Deus*<sup>108</sup>.

Que diria Jetro se visse os nossos padres feitos negociantes, servos dos seculares, medianeiros de casamentos, e sem se importarem das obras de Deus? Se os tivesse visto, como observa S. Próspero, empenhados em se fazerem ricos, mas não melhores; em adquirirem mais honras, mas não mais santidade?<sup>109</sup>

Ó, exclamava a este respeito o venerável João de Ávila, que abuso subordinar o Céu à terra! Que miséria, ajunta S. Gregório, ver tantos padres que procuram adquirir, não os merecimentos duma vida virtuosa, mas as vantagens da vida presente!<sup>110</sup> É porque, nas funções do seu ministério, não intentam a glória de Deus, mas somente o lucro que auferem delas, diz Sto. Isodoro de Pelusa<sup>111</sup>.

## Santidade exigida no Padre

### I

#### Em razão da sua dignidade

É grande a dignidade dos padres; mas não são menores as obrigações que lhes andam inerentes. Erguem-se os padres a uma grande altura; mas é necessário que sejam elevados e sustentados nela por uma grande virtude. No caso contrário, em vez de recompensa, um rigoroso castigo lhes está reservado; tal é o pensamento de S. Lourenço Justiniano<sup>112</sup>.

S. Pedro Crisólogo diz por sua vez<sup>113</sup>: “O Sacerdócio é uma grande honra; mas é também um fardo pesado, e traz consigo uma grande conta a prestar”. — E S. Jerônimo<sup>114</sup>: “Não é pela sua dignidade que o padre se salva, mas pela obras concordes com a sua dignidade”.

Todo o cristão deve ser perfeito, deve ser santo, por isso que todo o cristão faz profissão de servir um Deus santo. Segundo S. Leão, uma pessoa torna-se cristã despojando-se da semelhança do homem terreno, e revestindo-se da forma de homem celeste<sup>115</sup>. Era a razão por que Jesus Cristo dizia: *Vós pois sêde perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito*<sup>116</sup>.

Mas a santidade do padre deve ser diferente da dos seculares, segundo a observação de Sto. Ambrósio<sup>117</sup>. Ajunta o santo Doutor que assim como a graça dispensada aos padres é superior, assim a vida do padre deve exceder em santidade à dos seculares<sup>118</sup>. E, segundo Isodoro de Pelusa, entre a santidade do padre e a de todo o bom leigo, deve haver tanta distância como do céu à terra<sup>119</sup>.

Santo Tomás ensina que cada um é obrigado a cumprir os deveres do estado que escolheu<sup>120</sup>. Por outro lado, assegura Sto. Agostinho que o clérigo, no mesmo instante em que recebe a clericatura, se impõe a obrigação de ser santo<sup>121</sup>. E Cassiodoro escreve: O eclesiástico é obrigado a uma vida celeste<sup>122</sup>. O padre é obrigado a maior perfeição que todos os outros, como diz Tomás de Kempis<sup>123</sup>, porque o seu estado é o mais sublime de todos os estados. Salviano ajunta que Deus ordena a perfeição aos clérigos no mesmo lugar, em que a aconselha aos seculares<sup>124</sup>.

Os sacerdotes da Lei antiga traziam estas palavras gravadas na tiara, que lhes cingia a fronte: *Consagrado ao Senhor, ou Coisa santa do Senhor*<sup>125</sup>.

Era para que nunca se esquecessem da santidade que deviam professar. As vítimas, oferecidas pelos sacerdotes, deviam ser inteiramente consumidas, — e para quê? Teodoreto responde: Para lhes significarem a integridade da vida, que convém a quem se consagra por completo a Deus<sup>126</sup>.

Para oferecer dignamente o divino sacrifício, nota Sto. Ambrósio, deve o padre sacrificar-se primeiro ele próprio, oferecendo-se todo a Deus<sup>127</sup>. E, segundo Sto. Hesíquio deve o padre ser um holocausto contínuo de perfeição, desde a sua juventude até à morte<sup>128</sup>.

Na Lei antiga disse Deus: *Separei-vos dos outros povos, para que sejais o meu povo*<sup>129</sup>. Com quanto mais forte razão quer o Senhor na Lei nova, que os sacerdotes ponham de parte os negócios do século, para só agradarem Àquele a quem se consagraram! É o que ele declara pela voz do Apóstolo<sup>130</sup>: *Nenhum soldado de Deus se deve ingerir nos negócios seculares, para agradecer Àquele cujo serviço abraçou*. E é a promessa que a Igreja exige de todos os clérigos, ao entrarem no santuário pela prima-tonsura. Faz-lhes prometer que de futuro só Deus será a sua herança: *É o Senhor a parte que me coube em herança, e o quinhão que me é destinado; pois vós, Senhor, que me haveis de dar a devida herança*<sup>131</sup>. “Tudo no padre, escreveu S. Jerônimo, reclama e exige a santidade da vida: o hábito que veste, o próprio ofício que exerce”<sup>132</sup>. Como diz S. Bernardo, não lhe basta fugir de todos os vícios, é necessário que faça esforços em que consiste a perfeição única, que o homem viador pode possuir cá na terra<sup>133</sup>.

O mesmo S. Bernardo gemia, à vista de tantos insensatos, que se afadigam por chegar às ordens sacras, sem considerarem na santidade exigida aos que aspiram a tão alta dignidade<sup>134</sup>. E Sto. Ambrosio<sup>135</sup> exclama: Quanto é raro encontrar-se um ordinando que possa dizer: *O Senhor é a minha herança*, que não se deixe abrasar da concupiscência, aguilhoar pela avareza, distrair pelos cuidados dos negócios seculares!

No Apocalipse de S. João, lê-se: *Fez-nos reino seu e sacerdotes de Deus, seu Pai*<sup>136</sup>. Tirino, de acordo com os outros intérpretes explica a palavra *Regnum* e diz que os sacerdotes são o reino de Deus, ou porque Deus reina neles, nesta vida pela graça e na outra pela glória; ou porque eles próprios são constituídos reis para reinarem sobre os vícios<sup>137</sup>.

Quer S. Gregório que o padre seja morto para o mundo e para todas as paixões, a fim de se dar a uma vida toda divina<sup>138</sup>. O sacerdócio atual é o mesmo que Jesus Cristo recebeu de seu Pai: *E Eu dei-lhes a glória que me deste a mim*<sup>139</sup>. Se pois o sacerdote representa Jesus Cristo, diz S. João Crisóstomo, é preciso que seja bastante puro para merecer tomar lugar entre os anjos<sup>140</sup>.

S. Paulo exige do padre uma perfeição tal, que o ponha ao abrigo de toda a censura<sup>141</sup>. É certo que neste lugar, por *Episcopum*, se devem entender não só os bispos, mas também os sacerdotes, pois que o Apóstolo passa em seguida a falar dos diáconos<sup>142</sup>. Como não os chamou pelo apelido de *padres*, quis ajuntá-los sob esse ponto de vista aos bispos; tal é o sentir de Sto. Agostinho e de S. João Crisóstomo, que sobre este ponto especial se

exprime assim: O que ele diz dos bispos aplica-se por igual aos padres<sup>143</sup>.

Quanto à palavra *Irreprehensibilem*, todos vêem com S. Jerônimo que ela compreende a posse de todas as virtudes<sup>144</sup>. E eis a explicação que dá Cornélio A-Lápide: Deve o sacerdote não só ser isento de todos os vícios, mas adornado de todas as virtudes<sup>145</sup>.

Durante onze séculos, foi interdita a iniciação na cléricatura a todos aqueles que depois do seu batismo tivessem cometido um só pecado mortal; é o que nos ensinam os Concílio de Nicéia<sup>146</sup>, Toledo<sup>147</sup>, Elvira<sup>148</sup> e Cartago<sup>149</sup>. E se um clérigo, depois da sua ordenação, vinha o cair em pecado, era deposto para sempre e encerrado num mosteiro, como lemos em muitos cânones<sup>150</sup> e eis a razão que ali se encontra expressa: “Porque a santa Igreja quer que o sacerdote seja isento de censura, a todos os respeitos. Os que não são santos não podem administrar as coisas santas”<sup>151</sup>.

No Concílio de Cartago disse-se: Os clérigos de quem o Senhor é herança devem fazer divórcio com o século<sup>152</sup>. O Concílio de Trento vai mais longe: quer que num clérigo tudo seja santo: o hábito, as maneiras, a linguagem, e todos os atos<sup>153</sup>. E S. João Crisóstomo ajunta que o sacerdote deve ser de tal modo perfeito, que todos os fiéis o possam olhar como um modelo de santidade; porque Deus colocou os sacerdotes na terra, para que eles aqui vivam como anjos, e para servirem a todos os homens de faróis e guias no caminho da virtude<sup>154</sup>.

Segundo S. Jerônimo, o nome de *clérigo* significa: Que tem a Deus como herança. Quer dizer: que o clérigo se compenetre bem na significação do seu nome, e com ele conforme o seu procedimento<sup>155</sup>. Se Deus é a sua herança, que não viva senão para Deus. O que tem a Deus por herança, diz Sto. Ambrósio, de nada se deve ocupar senão de Deus: = *Cui Deus portio est, nihil debet curare, nisi Deum (De Eseau. c. 2)*.

O padre é o ministro de Deus, encarregado das duas funções extremamente nobres e elevadas, que são: honrar a Deus com sacrifícios, e santificar as almas. *Porque todo o pontífice, escolhido dentre os homens, é estabelecido para administrar em nome dos homens as coisas que respeitam a Deus*<sup>156</sup>. Sobre este texto diz Sto Tomás: Todo o padre é escolhido pelo Senhor e posto na terra, não para adquirir riquezas, atrair a estima dos homens, entregar-se aos prazeres e engrandecer a sua família, mas unicamente para vigiar pelos interesses da glória de Deus<sup>157</sup>.

Também nas Escrituras o padre é chamado *Homo Dei*: um homem que nem é do mundo, nem de seus pais, nem de si próprio, mas só de Deus e que só a Deus procura<sup>158</sup>. Aos padres pois se aplicam as palavras de Davi: Eis a geração dos que só procuram a Deus<sup>159</sup>. Assim como Deus no céu destinou certos anjos para rodearem o seu trono, também na terra, entre os homens, destinou os sacerdotes para tomarem cuidado da sua glória, por isso lhes disse: *Separei-vos dos outros povos, para que sejais meus*<sup>160</sup>. Vimos já este pensamento de S. João Crisóstomo: Escolheu-nos Deus, para que sejamos na terra como anjos entre os homens<sup>161</sup>. E o próprio Senhor diz: *Serei santificado nos que se aproximarem de mim*<sup>162</sup>; o que se interpreta assim: A minha

santidade será conhecida mediante a santidade dos meus ministros<sup>163</sup>.

O *Novo Código de Direito Canônico*, no título 3.º, das obrigações dos clérigos, confirma a doutrina exposta. Vide os cânones 124-144, que não podemos transcrever.

## II

### Qual deve ser a santidade do padre como ministro do altar

Quer Sto. Tomás que se exija aos padres maios santidade que aos simples religiosos, em razão das funções sublimes que exercem, especialmente da celebração do sacrifício da missa. A razão é que recebendo uma Ordem sacra, dedica-se o homem ao mais alto ministério, que consiste em servir a Jesus Cristo até no Sacramento do altar; o que exige uma santidade interior mais elevada que a que se requer para o estado religioso. Em igualdade de circunstâncias pois, um clérigo de Ordens sacras, obrando contra a santidade, peca mais gravemente que um religioso, que não esteja revestido de nenhuma Ordem sacra<sup>164</sup>. É muito conhecida a sentença de Sto. Agostinho: “Difícilmente um bom monge dá um bom clérigo”<sup>165</sup>. Deste modo, nenhum clérigo pode ser olhado como bom, se não exceder em virtude um bom religioso.

“Um verdadeiro ministro do altar forma-se para Deus, e não para si”<sup>166</sup>. Significam estas palavras de Sto. Ambrósio que um padre deve esquecer as suas comodidades, as suas vantagens e os seus gostos; deve persuadir-se que, desde o dia em que recebeu o sacerdócio, não é seu, mas de Deus. Tem muito a peito o Senhor que os padres sejam puros e santos, para que possam comparecer na sua presença, isentos de todo o defeito, e oferecer-lhe os sacrifícios: *Ele se assentará a fundir e limpar a prata; e purificará os filhos de Levi, e os acrisolará como o ouro e a prata; depois oferecerão os sacrifícios na justiça*<sup>167</sup>. Assim fala o profeta Malaquias; e no Levítico lê-se: *Serão santos no serviço do seu Deus, e não desonrarão o seu nome; porque hão de oferecer incenso do Senhor e os pães do seu Deus, e por conseqüência serão santos*<sup>168</sup>. Se deviam pois ser santos os sacerdotes da Lei antiga, porque ofereciam a Deus apenas o incenso, e os pães de proposição, que eram uma simples figura do adorável Sacramento dos nossos altares, quanto mais devem ser puros e santos os sacerdotes da lei nova, que oferecem a Deus o Cordeiro sem mancha, o seu próprio Filho! Nós oferecemos, observa Estio, não novilhos ou incenso, como os sacerdotes antigos, mas o próprio Jesus Cristo; oferecemos o corpo mesmo do Senhor, que foi suspenso no altar da cruz.

É-nos necessária portanto a santidade, que consiste na pureza do coração; quem se aproxima sem ela destes mistérios terríveis, aproxima-se indignamente<sup>169</sup>. Sobre este ponto, escreveu Belarmino: Desgraçados de nós, que, chamados a este ministério sublime, estamos longe do fervor que Salomão exigia dos padres da aliança figurativa<sup>170</sup>. Até mesmo os que deviam trans-

portar os vasos sagrados queria o Senhor que fossem isentos de mancha: *Purificai-vos, ó vós que levais os vasos do Senhor!*<sup>171</sup> Quanto mais puros devem ser os padres que trazem nas suas mãos e recebem no seu corpo o próprio Jesus Cristo! Assim fala Pedro de Blois<sup>172</sup>. E Sto. Agostinho diz por sua vez: Deve ser puro quem há de manusear não só vasos de ouro, mas até os vasos em que é renovada a morte do Senhor<sup>173</sup>.

Devia ser santa e imaculada a beatíssima Virgem Maria, porque havia de trazer no seu seio o Verbo encarnado e tornar-se sua Mãe; e, à visto disso, exclama S. João Crisóstomo, não será indispensável que brilhe, com uma santidade mais resplandecente que o sol, essa mão do padre que toca a carne dum Deus, essa boca que se enche dum fogo celeste, e essa língua que se banha com o sangue de Jesus Cristo?<sup>174</sup> O padre ao altar ocupa o lugar de Jesus Cristo, deve pois, diz S. Lourenço Justiniano, aproximar-se dele para celebrar, quanto possível, à imitação de Jesus Cristo<sup>175</sup>. Que perfeição não exige dum religioso o confessor, para lhe permitir a comunhão quotidiana! E porque não se exigiria a mesma perfeição do sacerdote que comunga todos os dias? É preciso confessar, diz o Concílio de Trento, que não é possível a um homem praticar ação mais santa que celebrar uma missa<sup>176</sup>. E acrescenta: deve portanto o padre envidar todos os esforços para celebrar o santo Sacrifício do altar com a máxima pureza de consciência possível. Ai! Que horror, exclama Sto. Agostinho, ouvir essa língua, que chama o Filho de Deus do Céu à terra, falar depois contra Deus, e ver essas mãos, que se tingem no sangue de Jesus Cristo, mancharem-se com as torpezas do pecado!<sup>177</sup>

Se Deus exigia tamanha pureza dos que deviam oferecer-lhe em sacrifício animais ou pães, e aos que qualquer modo estavam manchados lhes proibia<sup>178</sup> que lhe fizessem oferendas, — quanto maior deve ser a pureza de quem está encarregado de oferecer a Deus o seu próprio Filho, o Cordeiro divino! Tal é a reflexão de Belarmino<sup>179</sup>. Sto Tomás diz que pela palavra *maculam*, no texto citado, se deve entender todo e qualquer vício: *Qui est aliquo vitio irretitus, non debet ad ministerium Ordinis accedere* (Suppl. q. 36. a. 1).

A Lei antiga excluía das funções de sacrificador os cegos, coxos, corcundas e leprosos: *Nec accedet ad ministerium ejus, si caecus fuerit, si claudus... si gibbus... si habens jugem scabiem* (Levit. 21, 18). Os santos Padres, dando um sentido espiritual a estes defeitos, olham como indignos de subir ao altar: os cegos, ou que fecham os olhos à luz divina; os coxos, ou preguiçosos, que nada adiantam no caminho de Deus, e vivem sempre com as mesmas imperfeições, sem oração e sem recolhimento; os corcovados, que sempre estão com as suas afeições voltadas para a terra, para os bens, honras e prazeres do mundo; os leprosos, ou sensuais que, à semelhança do mundo animal imundo, diz o Sábio, se revolvem no lodaçal dos prazeres torpes<sup>180</sup>. Numa palavra, quem não é santo é indigno de se aproximar do altar, porque, sendo impuro, mancha o santuário de Deus. *Não se aproxime do altar, porque tem uma mancha, e não deve manchar o meu santuário*<sup>181</sup>.

### III

#### Qual deve ser a santidade do padre como mediador entre Deus e os homens

De mais, deve o sacerdote ser santo na qualidade de dispensador dos sacramentos: É necessário que não tenha mancha, como despenseiro de Deus<sup>182</sup>. E deve ser como mediador entre Deus e os pecadores: O sacerdote, diz um santo Padre, está colocado entre Deus e a natureza humana: traz-nos os benefícios que vem do Céu, e leva para lá as nossas orações; aplaca a cólera do Senhor e arranca-nos das suas mãos<sup>183</sup>.

É por ministério dos sacerdotes que Deus comunica a sua graça aos fiéis nos sacramentos. — É mediante os sacerdotes que os recebe no número dos seus filhos no Batismo, que é de necessidade para a salvação: *Quem não renascer, não pode entrar no reino de Deus*<sup>184</sup>.

É por ministério deles que Deus cura os doentes e ressuscita os que estão mortos para a graça, isto é, os pecadores, no sacramento da penitência.

É por eles que alimenta as almas e lhes conserva a vida da graça, no sacramento da sagrada Eucaristia: *Se não comerdes a carne do Filho do homem, não tereis a vida em vós*<sup>185</sup>.

É por eles que dá aos moribundos a força para vencerem as tentações do inferno, mediante o sacramento da Unção dos Enfermos.

Numa palavra, diz S. Crisóstomo, sem os padres não nos podemos salvar<sup>186</sup>. S. Próspero chama aos padres os intérpretes da vontade divina<sup>187</sup>. O autor da *Obra imperfeita* apelida-os — os muros da Igreja<sup>188</sup>; Sto Ambrósio, exército ou campo da santidade<sup>189</sup>; e S. Gregório de Nazianzo, os fundamentos do mundo e as colunas da fé<sup>190</sup>. Daqui a palavra de Sto. Euquério: que os padres devem, pelo vigor da sua santidade, transportar o fardo dos pecados do mundo<sup>191</sup>. Ó, como esse fardo é terrível! *Rogará por ele* (pelo impudico) *o sacerdote e pelo seu pecado diante do Senhor, e o Senhor se lhe tornará propício, e lhe perdoará o seu pecado*<sup>192</sup>. É por isso que a santa Igreja obriga os sacerdotes à recitação diária do Ofício divino, e à celebração da missa, ao menos algumas vezes no ano. Santo Ambrósio até diz que os padres nunca devem cessar, nem de dia nem de noite, de orar pelo povo<sup>193</sup>.

Mas para obter graças para os outros, é necessário que o sacerdote seja santo. Colocados entre Deus e o povo, diz o Doutor angélico, devem brilhar aos olhos de Deus por uma boa consciência, e aos olhos dos homens por um bom renome<sup>194</sup>. Porque, segundo a reflexão de S. Gregório, seria grande temeridade apresentar-se alguém diante dum príncipe, para obter o perdão para os seus súditos rebeldes, estando ele culpado do mesmo crime<sup>195</sup>.

Quem quer interceder pelos outros, deve ser bem-visto do príncipe; se lhe for odioso, ajunta o mesmo santo, mais fará indignar o seu juiz<sup>196</sup>. Por esta

razão, escreve Sto. Agostinho, o padre, orando pelos outros, deve ter junto de Deus um tal mérito, que possa obter dele o que os outros em razão dos seus deméritos não ousariam esperar<sup>197</sup>. Foi o que declarou o papa Hormisdas: Convém que o sacerdote seja mais puro que o povo para orar pelo povo<sup>198</sup>. Mas S. Bernardo lamenta, que haja poucos padres bastantes santos para serem mediadores dignos<sup>199</sup>. E Sto. Agostinho, falando dos maus eclesiásticos, diz: É mais agradável a Deus o ladrar dos cães que a oração de tais clérigos<sup>200</sup>.

Refere o Pe. Marchese, no seu “Jornal dos Dominicanos”, que uma ser-va de Deus, religiosa da sua Ordem, pedia um dia ao Senhor que perdoasse ao povo em atenção aos merecimentos dos padres; ele respondeu-lhe que os padres, pelos seus pecados, mais o irritavam do que aplacavam.

#### IV

#### Santidade que deve ter o padre como modelo do povo

Devem também os padres ser santos, porque Deus os colocou na terra para serem modelos de virtude.

O autor da *Obra imperfeita* chama-lhes os doutores da piedade<sup>201</sup>; S. Jerônimo os salvadores do mundo<sup>202</sup>; S. Próspero, as portas da cidade eterna<sup>203</sup>; e S. Pedro Crisólogo, os modelos das virtudes<sup>204</sup>. Dali esta reflexão de Sto. Isodoro: Quem foi colocado à frente dos povos para os instruir e formar na virtude, deve ser santo em tudo, inteiramente irrepreensível<sup>205</sup>. O papa Hormisdas diz igualmente: Os que têm a seu cargo repreender os outros, devem estar a coberto de toda a censura<sup>206</sup>.

S. Dionísio proferiu esta célebre sentença: “Ninguém deve ter a audácia de se constituir guia dos outros, a não ser que na prática das virtudes se tenha tornado semelhante a Deus”<sup>207</sup>. S. Gregório assegura que os sermões dos padres, cuja vida é pouco edificante, produzem antes desprezo do que fruto<sup>208</sup>. Ao que Santo Tomás ajunta: Pela mesma razão (se volvem desprezíveis) todas as de mais funções que exerçam<sup>209</sup>.

Eis como S. Gregório de Nazianzo fala do padre a este respeito: “É preciso que ele primeiro se purifique a si próprio, depois que purifique os outros; que se aproxime de Deus, depois lhe reconduza os outros; se santifique a si, depois trabalhe na santificação dos outros; e antes; e antes de alumiar é necessário que seja alumiado”<sup>210</sup>.

É preciso, diz S. Gregório, que a mão que empreende lavar as manchas dos outros, seja isenta delas<sup>211</sup>. E noutra lugar acrescenta que a luz apagada não pode alumiar os outros<sup>212</sup>. Sobre o mesmo assunto, diz S. Bernardo, que a linguagem do amor, na boca de quem não ama, é uma linguagem bárbara e estranha<sup>213</sup>.

Estão os sacerdotes colocados na terra como outros tantos espelhos, em que se deve rever a gente do mundo: *Somos dados em espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens*<sup>214</sup>. Por isso o Concílio de Trento quer que os

eclesiásticos sejam como espelhos para os quais todos os leigos não tenham mais que levantar os olhos, afim de aprenderem a regular os seus costumes<sup>215</sup>. E segundo o abade Filipe de Boa-Esperança, os sacerdotes são escolhidos por Deus para defesa dos povos, mas por isso mesmo lhes não basta a dignidade sem a santidade da vida<sup>216</sup>.

#### V

#### Consequências práticas

Considerando tudo quanto fica dito, conclui o Doutor angélico que, para exercer dignamente as funções sacerdotais, é necessária uma perfeição acima do comum<sup>217</sup>. Noutra lugar: “Os que se aplicam aos divinos mistérios devem ser duma virtude perfeita”<sup>218</sup>. Ainda noutra parte: Para exercer dignamente estas funções, requiere-se a perfeição interior<sup>219</sup>. Devem os sacerdotes ser santos, para não desonrarem o Deus de quem são ministros, e estão encarregados de honrar: *Serão santos na presença de Deus e não mancharão o seu nome*<sup>220</sup>. Se se visse o ministro dum rei a folgar pelas praças públicas, a freqüentar as tabernas, confundido com o populacho, a falar e proceder duma maneira desonrosa para o seu príncipe, — que caso se faria desse soberano? É assim que os maus padres desonram a Jesus Cristo, de quem são ministros. Segundo o autor da *Obra imperfeita*, poderiam os pagãos ao falar deles dizer: Que Deus têm esses que de tal modo se comportam? A caso os suportaria ele, se não lhes aprovasse o precedimento?<sup>221</sup> Os Chineses, os Índios, que vissem um padre de costumes desregrados, estariam no direito de dizer: Como poderemos crer que o Deus que tais sacerdotes pregam seja o verdadeiro? Se ele fosse o verdadeiro Deus, como poderia, à vista da má conduta deles, suportá-los sem participar dos seus vícios?

Daqui a exortação de S. Paulo, dirigida aos padres: Demo-nos a conhecer como verdadeiros ministros de Deus, sofrendo com paciência a pobreza, as doenças, as perseguições, velando com zelo pelo que respeita à glória de Deus, e mortificando os nossos sentidos. Conservemos a pureza do corpo, entregando-nos ao estudo, para sermos úteis às almas, praticando a doçura e a verdadeira caridade para com o próximo. Pareceremos tristes, em razão de vivermos afastados dos prazeres do mundo, mas gozaremos sempre da paz, que é a partilha dos filhos de Deus. Seremos pobres dos bens da terra, mas ricos em Deus, porque possuir a Deus é possuir tudo<sup>222</sup>.

Tais devem ser os padres. Devem ser santos, porque são ministros dum Deus santo<sup>223</sup>. Devem estar prontos a dar a sua vida pelas almas, porque são ministros de Jesus Cristo, que veio morrer por nós, ovelhas suas, como ele próprio declarou: *Eu sou o bom Pastor. O bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas*<sup>224</sup>. Devem enfim empregar todos os esforços para acender no coração de todos os homens o fogo sagrado do amor divino, porque são ministros do Verbo encarnado, que para este fim desceu à terra, como ele próprio nos ensina também: *Vim trazer o fogo à terra, e que quero eu senão que ele*

*se acenda?*<sup>225</sup>

O que Davi pedia com insistência ao Senhor, para bem do mundo inteiro, era que os padres fossem *revestidos de justiça*<sup>226</sup>. Compreende a justiça todas as virtudes. Assim, todos os padres devem estar compenetrados da fé e viver, não segundo as máximas do mundo, mas segundo as da fé.

As máximas do mundo são: “É necessário conseguir bens e riquezas; é necessário procurar a estima dos homens; é necessário gozar quanto possível”.

As máximas da fé são: “Feliz o pobre; é preciso abraçar as humilhações, renunciar a si mesmo, amar os sofrimentos; é necessário estar animado dum santa confiança, esperar tudo, não das criaturas, mas de Deus somente; é necessário ser humilde, julgando-se digno de toda a pena e desprezo; é preciso ser manso, praticando a doçura para com todos, principalmente para com as pessoas melindrosas e grosseiras; é preciso enfim estar-se revestido de caridade para com Deus e para com os homens. Quanto a Deus, todos os padres devem viver numa perfeita união com ele e procurar, mediante a oração, que os seus corações sejam outros tantos altares, em que arda de contínuo o amor divino. Para com os homens, todos devem praticar o que diz o Apóstolo<sup>227</sup>: *Tomai entranhas de misericórdia, vós, eleitos de Deus, santos e caros a seus olhos*. Devem quanto possível prestar a todos os homens socorros corporais e espirituais; a todos, digo, mesmo aos mais ingratos e aos perseguidores.

Santo Agostinho dizia: Nada mais ditoso cá na terra, nem mais agradável aos homens que o ofício de padre; mas aos olhos de Deus nada mais miserável, nem mais triste, nem mais arriscado para a salvação<sup>228</sup>. É grande felicidade e honra para um homem ser padre: poder fazer baixar do Céu às suas mãos o Verbo encarnado, e livrar as almas do pecado e do inferno; ser vigário de Jesus Cristo; ser a luz do mundo e o mediador entre Deus e os homens; ser maior e mais nobre que todos os monarcas da terra; ter um poder superior ao dos anjos; ser numa palavra um Deus terreno, conforme a expressão de S. Clemente<sup>229</sup>. Nada mais venturoso, mas por outro lado nada mais terrível. Com efeito, se Jesus Cristo desce às suas mãos para seu alimento, é preciso que o padre seja mais puro que a água que foi mostrada a S. Francisco; se é o mediador dos homens diante de Deus, é preciso, para se apresentar diante do Senhor, que seja isento de todo o pecado; se é o vigário do Redentor, é preciso que lhe seja semelhante na vida; se é a luz do mundo, é preciso que seja todo resplendor de virtudes. Numa palavra, se é padre, é necessário que seja santo; de contrário, se não corresponde aos dons recebidos de Deus, quanto maiores são esses dons, diz S. Gregório, mais rigorosa será a conta a prestar<sup>230</sup>. S. Bernardo diz do padre: Está ele encarregado dum ofício celeste, é o anjo do Senhor; mas é também como os anjos eleito para a glória, ou réprobo e condenado ao fogo<sup>231</sup>. Por isso Sto. Ambrósio ensina que o padre deve ser isento até dos mais leves defeitos<sup>232</sup>.

Donde se segue que, se um padre não é santo, está em grande perigo de se condenar. Mas que fazem alguns padres, ou melhor, a máxima parte

dos padres, para se tornarem santos? Recitam o ofício, celebram a missa, e nada mais: nem oração, nem mortificação, nem recolhimento.

Basta que me salve, dirá algum. — Ó, não, responde Sto. Agostinho, se dizes: Basta, pereceste<sup>233</sup>. Para ser santo, deve o padre ser desapegado de tudo, — dos ajuntamentos do mundo, das honras vãs etc., e em especial do afeto desordenado a seus pais. Estes ao verem o sacerdote pouco interessado no engrandecimento da família, e todo entregue às coisas de Deus, dirão talvez: Por que procedeis assim conosco? — *Quid facis nobis sic?* Deverá ele responder como o menino Jesus, quando encontrado por sua Mãe no templo: *Quid est quod me quaerebatis? nesciebatis quia, in his quae Patris mei sunt, oportet me esse?* (Luc. 2, 49). O padre responderá a seus pais: Foste vós que me fizestes sacerdote? Não sabíeis que o padre não deve trabalhar senão para Deus? É só a Deus que eu quero dedicar todos os meus cuidados.

## Da gravidade e castigo dos pecados do padre

### I

#### Gravidade dos pecados do padre

É extremamente grave o pecado do padre, porque peca com pleno conhecimento: sabem bem o mal que faz. Ensina Santo Tomás que o pecado dos fiéis é mais grave que o dos infiéis, precisamente porque os fiéis conhecem melhor a verdade<sup>234</sup>; ora, as luzes dum simples fiel são bem inferiores às de um sacerdote. O padre é tão instruído na lei de Deus, que a ensina aos outros: *Porque os lábios do sacerdote hão de guardar a ciência, e é da sua boca que os outros aprenderão a lei*<sup>235</sup>. É muito grave o pecado de quem conhece a lei, porque de nenhum modo pode desculpar-se com a ignorância<sup>236</sup>. Pecam os pobres seculares, mas no meio das trevas do mundo, afastados dos sacramentos, pouco instruídos nas coisas espirituais, envolvidos nos negócios do século. Como apenas têm um fraco conhecimento de Deus, não vêem bem o mal que fazem, pecando: *sagittant in obscuro*, — arremesam as suas frechas na obscuridade como diz Davi<sup>237</sup>. Os padres ao contrário estão cheios de luz, pois eles mesmo são os luzeiros destinados a alumiar os outros<sup>238</sup>: *Vós sois a luz do mundo*.

Sem dúvida, devem os padres estar muito instruídos, depois de terem lido tantos livros, ouvido tantos sermões, feito tantas meditações e recebido dos seus superiores tantos avisos! Numa palavra, foi-lhes dado conhecer a fundo os divinos mistérios<sup>239</sup>.

Sabem pois perfeitamente quanto Deus merece ser servido e amado, conhecem a malícia do pecado mortal, que é um inimigo tão contrário a Deus que, se Deus pudesse ser aniquilado, o seria por um só pecado mortal, como ensina S. Bernardo<sup>240</sup>: “O pecado tende a destruir a divina bondade”; e noutra lugar: “O pecado, quanto lhe é possível, aniquila a Deus”. Diz o autor da *Obra imperfeita* que o pecador, tanto quanto depende da sua vontade, faz morrer Deus<sup>241</sup>. De fato, ajunta o Pe. Medina, o pecado mortal tanto desonra e desgraça a Deus que, se Deus fosse susceptível de tristeza, o pecado o faria morrer de pura dor<sup>242</sup>. Tudo isso sabe o padre muito bem, e conhece por igual a obrigação em que está, como padre, cumulado de benefícios de Deus, de

o servir e amar. Assim, diz S. Gregório, quanto melhor vê a enormidade da injúria que faz a Deus, pecando, mais grave é o seu pecado<sup>243</sup>.

Todo o pecado da parte do padre é um pecado de malícia, semelhante ao dos anjos, que pecaram na presença da luz. É ele o anjo do Senhor, diz S. Bernardo, falando do padre, e de certo modo peca no Céu, pecando no estado eclesiástico<sup>244</sup>. Peca no meio da luz, o que faz que o seu pecado, como fica dito, seja um pecado de malícia: não pode pois alegar ignorância, porque sabe que mal é o pecado mortal; também não pode alegar fraqueza, porque conhece os recursos para se tornar forte, se quiser valer-se deles. Se o não quer, a culpa é sua: *Não quis entender para praticar o bem*<sup>245</sup>. Pecado de malícia, diz Sta. Teresa, é aquele a que o pecador se decide cientemente<sup>246</sup>; e afirma noutra lugar que todo o pecado de malícia é pecado contra o Espírito Santo<sup>247</sup>. Ora, da boca do Senhor sabemos que o pecado contra o Espírito Santo *não será perdoado, nem na vida presente, nem na futura*<sup>248</sup>; quer dizer, um tal pecado será de mui difícil perdão, por causa da cegueira que o pecado de malícia traz consigo.

Pregado na cruz, rogou o nosso Salvador pelos seus perseguidores: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem*<sup>249</sup>. Mas esta oração não aproveitou para os maus padres; foi antes a sua sentença de condenação, porque os padres *sabem o que fazem*. Nas suas lamentações, exclamava Jeremias: *Como se embaciou o ouro, como perdeu o seu brilho?*<sup>250</sup>. Esse ouro embaciado é precisamente, diz o cardeal Hugues, o sacerdote pecador, que devia luzir com todo o brilho do amor divino, mas pelo pecado se tornou escuro, horrível, objeto de horror para o próprio inferno, e mais odioso aos olhos de Deus que todos os outros pecadores. Diz S. João Crisóstomo que nunca Deus é tão ofendido como quando os que o ultrajam estão revestidos da dignidade sacerdotal<sup>251</sup>.

O que agrava a malícia do pecado no padre é a ingratidão de que se torna culpado para com Deus, que o elevou a funções tão sublimes. Santo Tomás<sup>252</sup> ensina que a enormidade do pecado aumenta à medida da ingratidão de quem o comete. Nenhuma ofensa, diz S. Basílio, nos ferem tanto, como as que nos são feitas por nossos amigos e parentes<sup>253</sup>.

Os padres são chamados por S. Cirilo — *Dei intimi familiares*. A que dignidade mais alta poderia Deus erguer a um homem, do que fazê-lo sacerdote? Passai revista a todas as honras e dignidades, diz Sto. Efrém, e vereis que não há nenhuma que não seja eclipsada pelo sacerdócio<sup>254</sup>. Que honra maior, que nobreza mais assinalada, que ser constituído vigário de Jesus Cristo, seu coadjutor, santificador das almas e ministro dos sacramentos? *Dispensadores regiae domus*: é assim que S. Próspero chama aos padres. Escolheu o Senhor o padre do meio de tantos outros homens, para ser ministro seu, e para lhe oferecer em sacrifício o seu próprio Filho. *Escolheu-o entre todos os homens viadores para oferecer o sacrifício a Deus*<sup>255</sup>. Deu-lhe poder sobre o corpo de Jesus Cristo; depôs nas suas mãos as chaves do Paraíso; elevou-o acima de todos os reis da terra e de todos os anjos do Céu; numa palavra, fê-lo um Deus na terra.

*Que mais poderia eu fazer à minha vinha que não tenha feito?*<sup>256</sup> Não parece que estas palavras são dirigidas unicamente ao padre? Depois disso, que monstruosa ingratidão, quando esse padre, tão amado de Deus, o ofende na sua própria casa, como o mesmo Deus se lamenta pela boca de Jeremias<sup>257</sup>. A este pensamento, exclama S. Bernardo com gemidos: Ai, Senhor, os que têm a vanguarda na vossa Igreja são os primeiros a perseguir-vos!

Ao que parece, é ainda dos maus padres que se queixa o Senhor, quando convida o Céu e a terra para testemunhas da ingratidão, que os seus filhos usam com ele: *Ó céus, escutai, ó terra, presta ouvidos... criei filhos, cumulei-os de honras, e eles desprezaram-me!*<sup>258</sup>. De fato, que filhos poderiam ser esses senão os padres, que Deus elevou a tão alta dignidade, e com a sua carne alimentou à sua mesa, e que depois ousaram desprezar o seu amor e a sua graça? É ainda desta ingratidão que se lamenta quando diz pela boca de Davi: *Se o meu inimigo tivesse falado mal de mim, eu o teria sofrido... mas tu que eras como que metade da minha alma, tu, um dos chefes do meu povo, meu amigo íntimo, que partilhavas das delícias da minha mesa!*<sup>259</sup> Sim, o Salvador parece dizer: se um inimigo, quer dizer um idólatra, um herege, um mundano, me ofendesse, eu o suportaria, mas como poder sofrer que me ultrajes tu, sacerdote, meu amigo, meu comensal?

É o que Jeremias deplora igualmente, exclamando: *Os que se alimentavam delicadamente... que se tinham nutrido na púrpura, abraçaram a podridão*<sup>260</sup>. Que miséria, que horror, diz o Profeta! O que se alimentava dum iguaria celeste e se revestia de púrpura<sup>261</sup>, ei-lo coberto com os andrajos do pecado, a nutrir-se de lodo e estrume!

## II

### Castigo dos pecados do padre

Consideremos agora o castigo, que tem de ser proporcionado à gravidade do seu pecado. S. João Crisóstomo tem por condenado o padre que no tempo do seu sacerdócio comete um só pecado mortal: Se pecardes como particular, será menor o vosso castigo; se pecais no sacerdócio, estais perdido<sup>262</sup>.

São em verdade terríveis as ameaças, que o Senhor profere pela boca de Jeremias contra os padres que pecam: *Estão manchados o profeta e o sacerdote, e eu encontrei na minha casa a iniquidade deles, diz o Senhor. Por isso o seu caminho será como um atalho escorregadio e coberto de trevas; hão de impeli-los e cairão*<sup>263</sup>. Que esperança de vida poderíeis dar a quem caminhasse à borda dum precipício, em terreno escorregadio e às escuras, sem ver onde punha os pés, e ao mesmo tempo impelido fortemente para o abismo por seus inimigos? Tal é o estado desgraçado a que se encontra reduzido o padre que comete um pecado mortal.

*Lubricum in tenebris*. Pecando, o padre perde a luz e cai nas trevas. *Mais*

*lhes valera*, assegura S. Pedro, *não ter conhecido o caminho da justiça, do que voltar atrás depois de o haver conhecido*<sup>264</sup>. Ó, sem dúvida, mais valia para um padre que peca ser antes um camponês ignorante, que nunca tivesse estudado coisa alguma; porque depois de tantos conhecimentos adquiridos, — pelos livros que leu, pelos oradores sagrados que ouviu, pelos diretores que teve — depois de tantas luzes recebidas de Deus, o desgraçado calca aos pés todas as graças, pecando, e merece que as luzes recebidas só sirvam para o tornar mais cego e impenitente. A maior ciência, diz S. Crisóstomo, dá lugar a mais severo castigo; se o pastor cometer os mesmos pecados que as suas ovelhas, não receberá o mesmo castigo, mas uma pena muito mais dura<sup>265</sup>. Um padre cometerá o mesmo pecado que os seculares; mas sofrerá um castigo muito maior, permanecerá mais profundamente cego que todos os outros; será punido conforme o anúncio do Profeta: *Que vendo não o vejam, e ouvindo não compreendam!*<sup>266</sup>

É o que a experiência deixa ver, diz o autor da *Obra imperfeita*: Um secular, depois de pecar, facilmente se arrepende. Se assiste a uma missão, se ouve um sermão enérgico sobre alguma verdade eterna, — malícia do pecado, certeza da morte, rigor do juízo de Deus, penas do inferno, entra facilmente em si e volta-se para Deus; porque estas verdades, como coisas novas, tocam-no e penetram-no de temor<sup>267</sup>. Mas quando um padre há calçado aos pés a graça de Deus, com todas as luzes e conhecimentos recebidos, — que impressão podem fazer ainda nele as verdades eternas e as ameaças das divinas Escrituras? Tudo quanto encerra a Escritura, continua o mesmo autor, é para ele uma coisa sedição de pouco valor; porque as coisas mais terríveis que lá se encontram, por muito lidas, já lhe não fazem impressão. Donde conclui que nada mais impossível que a emenda de quem sabe tudo e peca<sup>268</sup>.

Quanto maior é a dignidade dos padres, diz S. Jerônimo, tanto maior é a sua ruína, se num tal estado chegam a abandonar a Deus<sup>269</sup>. Quanto mais alto é o posto em que Deus os colocou, diz S. Bernardo, tanto mais funesta será a sua queda<sup>270</sup>. Quando se cai em plano, diz Sto Ambrósio, raro se experimenta grande mal; mas cair de alto não é só cair, é precipitar-se, e a queda será mortal<sup>271</sup>.

Nós os padres regozijamo-nos, diz S. Jerônimo, por nos vermos erguidos a tão alta dignidade; mas seja igual o nosso temor de cair<sup>272</sup>. Parece que é aos padres que Deus fala, quando diz pela boca de Ezequiel: *Coloquei-vos sobre o monte santo de Deus... e vós pecastes; e eu vos expulsei do monte de Deus, e vos entreguei à ruína*<sup>273</sup>. Vós que sois padres, diz o Senhor, eu vos estabeleci sobre a montanha santa, para serdes os faróis do universo: *Sois vós a luz do mundo. Uma cidade assente no cimo dum montanha não pode estar escondida*<sup>274</sup>.

Tem pois razão S. Lourenço Justiniano em dizer que quanto maior é a graça concedida por Deus aos padres, tanto mais digno de castigo é o seu pecado, e quanto mais alto o seu estado, mais mortal a sua queda<sup>275</sup>. Quem cai num rio, diz Pedro de Blois, mergulha tanto mais fundo, quanto de mais

alto tiver caído<sup>276</sup>.

Compreende bem, ó padre: Deus, elevando-te ao sacerdócio, ergueu-te até ao Céu, e fez de ti, não mais um homem da terra, mas um homem celeste, pensa pois quanto te será funesta uma queda, segundo o aviso de S. Pedro Crisólogo<sup>277</sup>. A tua queda, diz S. Bernardo, será semelhante à do raio que se precipita com impetuosidade<sup>278</sup>. Quer dizer que a tua perda será irreparável<sup>279</sup>. Assim, ó desgraçado, cairá sobre ti a ameaça que o Senhor lançou sobre Cafarnaum: *E tu, ó Cafarnaum, erguida até ao Céu, serás abatida até ao inferno*<sup>280</sup>.

Um padre que peca merece tal castigo, por causa da sua ingratidão para com Deus, a quem deve um reconhecimento tanto maior quanto recebeu dele os maiores benefícios, como nota S. Gregório<sup>281</sup>. Merece o ingrato ser privado de todos os bens que recebera, como observa<sup>282</sup> um sábio autor. Jesus Cristo disse: *Ao que já possui, dar-se-á, e ele estará na abundância; mas o que nada possui, ver-se-á despojado até do que parecia ter*<sup>283</sup>. Quem é grato para com Deus obterá maior abundância de graças; mas um padre que, depois de tantas luzes, depois de tantas comunhões, volta as costas a Deus, e desprezando todos os favores recebidos, renuncia à sua graça, — este padre será com justiça privado de tudo. É o Senhor liberal com todas as suas criaturas, mas nunca com os ingratos. A ingratidão, diz S. Bernardo, faz estancar a fonte da bondade divina<sup>284</sup>.

Por isso S. Jerônimo pôde dizer: Nenhuma besta há no mundo mais feroz que um mau padre, porque esse não se quer deixar corrigir<sup>285</sup>. E o autor da *Obra imperfeita*: Os leigos facilmente se emendam, mas um mau eclesiástico é incorrigível<sup>286</sup>. Segundo S. Damião, é de preferência aos padres pecadores que se aplicam estas palavras do Apóstolo: *Porque os que foram alumiados, os que saborearam o dom celeste, e receberam o Espírito Santo... depois caíram, é impossível que se renovem pela penitência*<sup>287</sup>. Com efeito, quem mais que o padre recebeu de Deus graças abundantes? Quem mais do que ele gozou dos favores do Céu e participou dos dons do Espírito Santo? Segundo Sto. Tomás, permaneceram obstinados no pecado os anjos rebeldes, porque pecaram em face da luz; é assim, escreve S. Bernardo, que o padre será tratado por Deus: tornado anjo do Senhor, ou há de ser eleito como anjo, ou réprobo como o anjo<sup>288</sup>. Eis o que o Senhor revelou a Sta. Brígida: Olho os pagãos e os judeus, mas não vejo ninguém pior que os padres: o seu pecado é como o que precipitou Lúcifer<sup>289</sup>. E notemos aqui o que diz Inocêncio III: Muitas coisas que nos leigos são pecados veniais, nos eclesiásticos são mortais<sup>290</sup>.

É ainda aos padres que se aplicam estas palavras de S. Paulo: *Uma terra, que, depois de muito regada pelas chuvas, só produz espinhos e silvas, está reprovada e sujeita a maldição: acabará por ser entregue ao fogo*<sup>291</sup>. Que chuva de graças não recebe de Deus continuamente o padre? E contudo, em vez de frutos, só produz silvas e espinhos: Desgraçado! Está prestes a ser reprovado e a receber a maldição final, para ir, depois de tantas graças, que Deus lhe prodigalizou, arder no fogo do inferno! — Mas, que temor pode

ter ainda do fogo do inferno um padre, que voltou as costas a Deus? Os padres que pecam perdem a luz, como levamos dito, e perdem também o temor de Deus. É o Senhor quem no-lo declara: *Se eu sou o Senhor, onde está o meu temor, vos diz o Senhor, a vós, ó padres, que desprezais o meu nome?*<sup>292</sup>. Segundo S. Bernardo, os sacerdotes, caindo da altura a que se acham elevados, de tal modo se afundam na malícia, que perdem a lembrança de Deus, e tornam-se surdos a todas as ameaças da justiça divina, a tal ponto que nem o perigo da sua condenação os espanta<sup>293</sup>.

Mas que haverá nisso de admirável? O padre, pecando, cai no fundo do abismo, onde fica privada da luz e despreza tudo. Acontece então o que diz o Sábio: *Caído no fundo do abismo do pecado, o ímpio despreza*<sup>294</sup>. Este ímpio é o padre que peca por malícia; um só pecado mortal o precipita no fundo das misérias, em que cegamente permanece mergulhado. Nesse estado despreza tudo: castigos, advertências, presença de Jesus Cristo, a quem toca no altar. Não córa de se tornar pior que o traidor Judas, como o próprio Senhor um dia disse a Sta. Brígida: Tais padres já não são sacerdotes meus, mas verdadeiros traidores<sup>295</sup>. Sim, tais padres são verdadeiros traidores, porque abusam da celebração da Missa, para ultrajarem mais cruelmente a Jesus Cristo pelo sacrílego!

E qual será, depois de tudo, o triste fim do padre mau? Ei-lo: *Praticou a iniquidade na terra dos santos, não verá a glória do Senhor*<sup>296</sup>. Será, numa palavra, o abandono de Deus, e depois o inferno. — Mas, dirá alguém, essa linguagem é demasiado aterradora: quereis lançar-nos da desesperação? — Respondo com Sto. Agostinho: Se vos espanto, “é que eu próprio estou espantado”<sup>297</sup>. — Assim, dirá um padre, que tiver tido a desgraça de ofender a Deus no sacerdócio, não haverá para mim esperança de perdão? — Ó, não posso afirmar isso; haverá esperanças, desde que haja arrependimento do mal cometido. Que esse padre seja pois extremamente reconhecido para com o Senhor, se ainda se vê ajudado da graça; mas é preciso que se apresse a dar-se a Deus, enquanto o chama, conforme o aviso de Sto. Agostinho: “Abramos os ouvidos à voz de Deus, enquanto nos chama, com receio de que se recuse a ouvir-nos, quando estiver prestes a julgar-nos”<sup>298</sup>.

### III

### Exortação

Ó padres, irmãos meus! Saibamos de futuro apreciar a nossa dignidade; e, ministros de Deus, envergonhemo-nos da escravidão do pecado e do demônio, como diz S. Pedro Damião<sup>299</sup>: “Deve o padre ter sentimentos nobres e, como ministro do Senhor, corar de se fazer escravo do pecado”. Não imitemos a loucura dos mundanos que só pensam no presente. *Está decretado que os homens morrem uma vez, e depois da morte segue-se o juízo*<sup>300</sup>. *Todos havemos de comparecer no tribunal de Jesus Cristo, para cada um receber o salário dos trabalhos desta vida*<sup>301</sup>. Ali nos será dito: *Dá conta da*

*tua administração*<sup>302</sup>. Dá-me conta do teu sacerdócio: como o exerceste? A que fim o fizeste servir? — Meu caro irmão, se tivesses de ser julgado neste momento, estarias contente? Ou antes, não dirias: *Quando ele me interrogar, que lhe responderei?*<sup>303</sup>. Quando Deus quer castigar um povo, começa o castigo pelos padres, porque são eles a causa primária dos pecados do povo, quer pelos seus maus exemplos, quer pela sua negligência em cultivarem a vinha confiada aos seus cuidados. Por isso o Senhor diz então: *Eis o tempo em que o juízo vai começar pela casa de Deus*<sup>304</sup>. No morticínio descrito por Ezequiel, quis Deus que os padres fossem as primeiras vítimas: *Começai pelo meu santuário*<sup>305</sup>. E noutro lugar, lê-se: *Um juízo rigorosíssimo está reservado para os que se acham à frente do povo*<sup>306</sup>. *A quem recebeu muito, será exigido muito*<sup>307</sup>.

Diz o autor da *Obra imperfeita*: Há de ver-se no dia do juízo o padre pregador despojado da sua dignidade, e arrojado para o meio dos infieis e hipócritas, e dada a um leigo a estola que lhe era destinada<sup>308</sup>. Eis o que todo o padre deve meditar bem: *Escutai isto, ó sacerdotes... porque é do vosso julgamento que se trata*<sup>309</sup>.

E, como o juízo dos padres é o mais rigoroso, também a sua condenação será mais terrível: *Esmagai-os com uma violência extrema*<sup>310</sup>. Um concílio de Paris<sup>311</sup>, repete estas palavras de S. Jerônimo: “Grande é a ruína deles, se vierem a cair em pecado”<sup>312</sup>. Sim, diz S. João Crisóstomo, se o padre cometer os mesmos pecados que as suas ovelhas, sofrerá, não a mesma pena, mas uma pena muito mais severa<sup>313</sup>. Foi revelado a Sta. Brígida que os sacerdotes pecadores são mergulhados num inferno mais profundo que o dos demônios<sup>314</sup>. Ó, que festa para os demônios, quando um padre réprobo descer ao meio deles! Todo o inferno se põe em movimento para ir ao encontro dele, como diz Isaías<sup>315</sup>. Todos os príncipes dessa terra de misérias se levantarão para darem ao padre condenado o primeiro lugar nos tormentos: *Todos, ajunta o profeta, te receberão com estas palavras: Então cá estás tu também, condenado como nós e tornado semelhante a nós*<sup>316</sup>. Ó padre, houve tempo em que mandaste sobre nós com império; fizeste descer muitas vezes o Verbo encarnado sobre os altares, arrancaste ao inferno muitas almas e agora eis-te semelhante a nós, desgraçado e atormentado como nós! Foi o teu orgulho que te fez desprezar a Deus e ao teu próximo, até por fim te precipitar aqui<sup>317</sup>. Visto que és rei, fica-te bem a cama real e a púrpura conveniente à tua dignidade; pois bem, aí está o fogo, aí estão os vermes, que te hão de devorar eternamente o corpo e alma<sup>318</sup>. Ó como então os demônios hão de mofar das missas, dos sacramentos e de todas as funções do sacerdote condenado!<sup>319</sup>.

Ó sacerdotes, irmãos meus, tomai cuidado de vós; os demônios têm mais a peito tentar um padre que cem seculares, porque um padre que se condena arrasta com ele uma multidão para o abismo. Diz S. João Crisóstomo: Quem faz perecer o pastor, em breve faz dispersar todo o rebanho<sup>320</sup>. E com não menos razão diz outro autor: Na guerra procuram os inimigos primeiro que tudo matar os chefes<sup>321</sup>.

S. Jerônimo ajunta: Não procura tanto o demônio os infieis, nem os que estão fora do santuário; é na Igreja de Jesus Cristo que gosta de fazer os seus latrocínios; estão ali, segundo Habacuc, as suas iguarias de predileção<sup>322</sup>. Não há iguarias mais apetitosas para o demônio, que as almas dos eclesiásticos.

*(O que se segue pode servir para excitar a compunção no ato de contrição).*

Sacerdote de Jesus Cristo, imagina que o Senhor te fala da maneira mais tocante, como ao povo judeu: Dize-me que mal te fiz, ou antes que bem tenho deixado de te fazer? Tirei-te do meio do mundo, e escolhi-te entre tantos seculares, para te fazer meu sacerdote, meu ministro, meu amigo. E tu, por um interesse miserável, por um vil prazer, de novo me pregaste na cruz!<sup>323</sup>

Pela minha parte, todas as manhãs, no deserto desta vida, te tenho saciado com o maná celeste, isto é, com a minha carne divina e com o seu sangue. E tu tens-me esbofeteado, flagelado por tuas palavras e ações imodestas<sup>324</sup>. Escolhi-te como um vinho que devia fazer as minhas delícias; por isso infundi na tua alma tantas luzes e graças, para que produzisses frutos doces e preciosos; e tu só me tens dado frutos amargos<sup>325</sup>. Fiz-te rei, elevei-te mesmo acima de todos os reis da terra. E tu coroaste-me de espinhos, com os teus maus pensamentos consentidos<sup>326</sup>.

Cheguei a fazer-te meu vigário, a entregar-te as chaves do Céu, a fazer-te um Deus da terra! E tudo desprezaste as minhas graças, a minha amizade; crucificaste-me de novo<sup>327</sup> etc.

## O mal da tibieza no padre

### I

#### A que está exposto o padre túbio

A S. João mandou o Senhor, no Apocalipse, que escrevesse ao bispo de Éfeso estas palavras: Sei o bem que fazes; conheço os teus trabalhos pela minha glória, assim como a tua paciência nas fadigas do teu ministério<sup>328</sup>. Em seguida, acrescenta: Mas, por outro lado, tenho a arguir-te de haveres esfriado no teu primitivo fervor<sup>329</sup>. — Alguém dirá talvez: que grande mal havia nisso? — Escutai o que o Senhor ajunta ainda: Lembra-te donde caíste; faze penitência das tuas culpas, e cuida de voltar ao primitivo fervor, em que devés viver, como ministro meu; de contrário, serás reprovado por mim, como indigno do ministério, que te confiei<sup>330</sup>.

Como assim! Então a tibieza conduz a uma ruína tal? — Sim, a uma grande ruína, e o pior é que os túbios não a conhecem, não a temem, não procuram evitá-la. Isto acontece sobretudo aos padres, cuja máxima parte vão esbarrar no escolho oculto da tibieza, e um grande número encontram nele a sua perdição. *Escolho oculto*: o que faz que os túbios estejam expostos a grande risco de se perderem, é que a tibieza não deixa ver a uma alma o mal enorme que lhe causa. Muitos deles por certo não querem separar-se inteiramente de Jesus Cristo; querem segui-lo, mas de longe, como fez S. Pedro, quando o Redentor foi preso no jardim das Oliveiras<sup>331</sup>. Procedendo porém assim, caem facilmente na desgraça de Pedro, que apenas entrou na casa do Pontífice, a um simples remoço duma serva, renegou Jesus Cristo!

Quem despreza as coisas pequenas vem a cair pouco a pouco nas grandes<sup>332</sup>. O intérprete aplica este texto à alma túbia, e diz que ela em breve perderá a devoção, e cairá depois, passando das faltas leves de que não se importava, às graves e mortais<sup>333</sup>. Segundo Eusébio de Emeso, quem não teme ofender a Deus com pecados veniais, dificilmente se há de preservar dos pecados mortais<sup>334</sup>. É com justiça, ajunta Sto. Isidoro, que o Senhor permite que quem não faz caso das faltas leves caia depois nas mais graves<sup>335</sup>.

Os pequenos excessos, quando são raros, não causam grave detrimento na saúde; mas, quando são freqüentes e multiplicados, acabam por ocasionar doenças mortais. É o que diz Santo Agostinho: Evitais com cuidado as

quedas graves, e não temeis as leves; não perdestes a vida sob a pedra enorme dalgum pecado mortal; mas tomai cautela não fiquéis esmagados debaixo dum montão de areia de pecados veniais<sup>336</sup>.

Ninguém ignora que só o pecado mortal dá a morte à alma e que os veniais, por mais numerosos que sejam, a não podem privar da graça, mas é preciso saber também o que diz S. Gregório: que o hábito de cometer faltas veniais, sem delas sentir remorso e sem pensar em corrigi-las, faz perder pouco a pouco o temor de Deus, e, uma vez perdido este temor, é fácil passar das faltas pequenas às grandes<sup>337</sup>. Santo Doroteu ajunta: Se desprezarmos as faltas leves, *periculum est ne in perfectam insensibilitatem deveniamus*. Quem não se inquieta com as pequenas quedas, corre perigo de cair numa insensibilidade universal, que lhe faça perder o horror até às quedas mortais<sup>338</sup>.

Conforme o atesta o tribunal da Rota, Santa Teresa nunca caiu em nenhuma falta grave; contudo o Senhor lhe fez ver o lugar que lhe estava reservado no inferno, não porque ela o tivesse merecido, mas porque se teria condenado, se não tivesse sido arrancada a tempo, ao estado de tibieza em que vivera. Por isso o Apóstolo nos faz esta advertência: *Não deis entrada ao demônio*<sup>339</sup>. Ao espírito das trevas basta-lhe que comecemos a abrir-lhe a porta do nosso coração, deixando entrar nele sem escrúpulo faltas leves; porque depois ele a saberá abrir de par em par por faltas graves. Cassiano escreveu: Quando algum cai, não imagineis que ele tenha chegado de repente à sua ruína<sup>340</sup>. Não, quando soubermos que alguma pessoa, dada à vida espiritual, sucumbira enfim, não pensemos que o demônio a tenha lançado subitamente no abismo do mal: primeiro a fez cair no estado de tibieza e dali no precipício da inimizade de Deus. Assim, S. João Crisóstomo afirma ter conhecido muitas pessoas, adornadas de todas as virtudes, mas que, vindo a cair na tibieza, depois se precipitaram num abismo de vícios<sup>341</sup>.

Conta-se nas crônicas da Ordem de Santa Teresa que a venerável irmã Ana da Encarnação vira um dia uma alma condenada, que ela primeiro tivera por santa; viam-se-lhe unidos ao rosto muitos animais pequenos, imagens das numerosas faltas que na sua vida tinha cometido e de que não se havia importado. Alguns desses animálculos lhe diziam: “Foi por nós que começaste”; outros enfim: “Foi por nós que te perdeste”. Ao bispo de Laodicéia mandou dizer o Senhor: *Conheço as tuas obras, e que não és frio nem quente*<sup>342</sup>. Tal é o estado dum túbio, — nem frio, nem quente. Homem túbio, diz Menóquio, é o que não ousa, de propósito deliberado, ofender a Deus mortalmente, mas que é negligente em se aperfeiçoar; por aí dá fácil entrada a todas as paixões<sup>343</sup>.

Um padre túbio não é ainda manifestamente frio, porque não comete deliberadamente pecados mortais; mas afroixa em tender para a perfeição, a que o seu estado o obriga; não lança conta aos pecados veniais, e cada dia os comete em grande número sem escrúpulo: mentiras, intemperanças na comida e na bebida, imprecações, Ofício mal recitado, missa mal celebrada, maledicência contra todos, chocarrices inconvenientes. Vive na dissipação,

no meio dos negócios e prazeres do século; alimenta desejos e apegos perigosos; cede à vanglória, ao respeito humano, aos melindres e ao amor próprio; não pode suportar a menor contrariedade, a menor palavra que o humilhe; vive sem oração e sem devoção.

O Pe. Alvarez de Paz, falando dos defeitos e faltas da alma tibia, exprime-se assim: O tÍbio assemelha-se a um doente dominado de muitas moléstias pequenas que, sem lhe darem a morte por si mesmas, não lhe deixando nenhum descanso, acabam por lançá-lo em tal fraqueza, que ele vem a ser atacado por um mal grave, isto é, por uma tentação a que não pode resistir, e então a sua queda é profunda<sup>344</sup>.

Eis por que o Senhor, continuando a falar do tÍbio, lhe diz: *Oxalá fôras frio ou quente! Mas porque és tÍbio, e nem frio nem quente, apresso-me a lançar-te da minha boca.* O que tem a desgraça de jazer no estado de tibieza, medite bem estas palavras e trema<sup>345</sup>.

Antes eu queria, diz o Senhor, que fosses frio, isto é, privado da graça<sup>346</sup>; porque haveria mais esperança para ti de saíres desse miserável estado, do que se permaneceres nele, onde ficas mais exposto a cair em vícios graves, sem esperança de emenda. É assim que Cornélio A-Lápide explica esta passagem. Segundo S. Bernardo<sup>347</sup>, é mais fácil converter um leigo vicioso, que um eclesiástico tÍbio; e Pereira ajunta que é mais fácil converter um infiel, que fazer sair um cristão da tibieza<sup>348</sup>.

E de fato, Cassiano afirma ter visto muitos pecadores a darem-se a Deus com fervor, mas nunca uma alma tÍbia<sup>349</sup>. S. Gregório não perde a esperança a respeito dum pecador não convertido, mas nada espera dum convertido que, depois de se ter dado a Deus com fervor, caiu na tibieza. Eis as suas palavras: “O que é frio, sem ter sido tÍbio antes, deixa esperança; o tÍbio porém não a deixa: porque pode esperar-se a conversão duma alma, que se encontra atualmente em estado de pecado; mas a que, depois da sua conversão, cai na tibieza, essa tira-nos a esperança de vermos voltar para Deus, no caso de se separar dele pelo pecado<sup>350</sup>.”

Em suma, a tibieza é um mal quase incurável e desesperado. Eis a razão: para se poder evitar qualquer perigo, é necessário conhecê-lo; ora, o tÍbio está engolfado numa tal obscuridade, que não chega mesmo a conhecer o perigo em que se encontra. A tibieza é como a febre ética que mal se faz sentir. As faltas habituais em que o tÍbio cai escapam-lhe à vista. As faltas graves, diz S. Gregório, por isso mesmo que se fazem conhecer melhor, corrigem-se mais depressa; mas as leves olham-se como nada, e continua-se a cometê-las; é assim que o homem se acostuma a desprezar as coisas pequenas, chegando por isso facilmente a desprezar também as grandes<sup>351</sup>. Além disto, o pecado mortal causa sempre um certo horror, mesmo ao pecador habitudinário; mas, à alma tÍbia, as suas imperfeições, os seus afetos desordenados, a sua dissipação, o seu apego ao prazer e à estima própria, nenhum horror lhe inspiram; e contudo essas pequenas faltas são para ela mais perigosas, pois que a conduzem à ruína, sem ela dar por isso; é o que nota o Pe. Alvarez de Paz<sup>352</sup>.

Dali esta célebre máxima de S. João Crisóstomo, — que “em certo sentido, devemos evitar com mais cuidado as faltas leves que as graves”<sup>353</sup>. E a razão que o Santo dá é nós termos naturalmente horror às faltas graves, ao passo que as leves desprezamo-las, e por isso elas em breve se tornam graves. O pior é que as pequenas infidelidades, que se desprezam, tornam o homem pouco atento aos interesses da sua alma, e fazem que, uma vez lançado no hábito de não cuidar das faltas leves, venha a negligenciar também as mais graves.

É a razão porque o Senhor nos Cânticos nos dá este aviso: *Caçai as raposas pequenas que assolam a nossa vinha; porque a nossa vinha está em flor*<sup>354</sup>. Notai neste texto a palavra *raposas* = *Vulpes*; não nos diz o Senhor que cacemos os leões ou os tigres, mas as raposas. As raposas devastam as vinhas, pelas escavações numerosas, que fazem secar as raízes; dum modo semelhante, as faltas habituais extinguem a devoção e os bons desejos, que são as raízes da vida espiritual.

Ajunta o texto — *parvulas: caçai as raposas pequenas*; — e porque não as grandes? É que das pequenas receia-me menos, e no entanto elas muitas vezes causam maior mal que as grandes; porque, como observa o Pe. Alvarez de Paz, as faltas pequenas, de que não se faz caso, impedem a chuva das graças divinas, sem as quais a alma permanece estéril, e acaba por se perder<sup>355</sup>.

Diz ainda o Espírito Santo: *Porque a nossa vinha está em flor.* Que fazem as faltas veniais multiplicadas, que não se aborrecem? Devoram as flores, isto é, abafam os bons desejos de adiantar na perfeição; e, desde que estes desejos venham a faltar, só se andarà para trás, até que se caia nalgum precipício, donde só com grande dificuldade se possa sair.

Terminemos a explicação do citado texto do Apocalipse. *Mas porque sois tÍbio, começarei a lançar-vos da minha boca.* Quando uma bebida é fria ou quente, toma-se com prazer; mas, se é tÍpida, custa a tomar, porque provoca vômitos. É por isso que o Senhor faz esta ameaça ao tÍbio: *vou começar a lançar-te da minha boca*, palavras que Menóquio comenta assim: Começa o tÍbio a ser vomitado, quando, permanecendo na sua tibieza, começa a desgostar a Deus, até que enfim seja do todo rejeitado por ele no momento da morte, e para sempre separado de Jesus Cristo<sup>356</sup>.

Tal é o perigo que corre o tÍbio de ser lançado, isto é, abandonado de Deus, sem esperança de regresso. É o que se significa pelo vômito, pois que se tem horror de tornar a ingerir o que uma vez se vomitou. É a explicação de Cornélio A-Lápide<sup>357</sup>.

Como é que o Senhor começa a vomitar um sacerdote tÍbio? Cessa de lhe fazer os seus convites amorosos, e é o que significa propriamente ser vomitado da boca de Deus; retira-lhe as consolações interiores, os santos desejos, de modo que esse desgraçado se encontra privado de unção espiritual. Irá para a oração, mas com aborrecimento, dissipação e tédio; assim, pouco e pouco será levado a deixá-la. Depois nem mesmo se recomendará a Deus, e, sem oração, cada vez se tornará mais miserável, irá de mal a pior.

Celebrará a missa, recitará o Ofício, mas com mais detrimento do que fruto; fará tudo à sobreposse, por força ou sem devoção. *Esmagareis as azeitonas e não nos podereis ungir com azeite*, diz o Senhor<sup>358</sup>: quer dizer, que no meio dos exercícios mais próprios para produzirem o azeite da devoção, vós permaneceréis privado de toda a unção. Celebrar a missa, recitar o Ofício, pregar, ouvir confissões, assistir aos moribundos, tomar parte nos funerais, — são exercícios que deviam aumentar o fervor; apesar de tudo isso, permaneceréis árido, sem paz, dissipado, vítima de mil tentações. Eis como Deus começa a vomitar o túbio<sup>359</sup>.

## II

### O sacerdote não pode contentar-se com evitar os pecados graves

Dirá talvez o padre túbio: basta-me que não cometa pecados mortais e que me salve. — Basta que vos salveis? Não, responde Sto. Agostinho: visto que sois padre, estais obrigado a trilhar o caminho estreito da perfeição; se seguides pela via larga da tibieza, não vos salvareis. “Se dizeis: Basta, estais perdido”<sup>360</sup>. Segundo S. Gregório, quem é chamado a salvar-se como santo, e quer salvar-se como imperfeito, não se salvará. Foi precisamente o que o Senhor fez ouvir um dia à bem-aventurada Angela de Foligno, falando-lhe assim: “Aqueles a quem dou luzes para caminharem na via da perfeição, e degradam a sua alma, querendo seguir pela via comum, serão abandonados em mim”<sup>361</sup>.

Como vimos acima, é certo que o sacerdote é obrigado a tornar-se santo, quer pela sua qualidade de amigo e ministro de Deus, quer em razão das funções augustas que exerce, não só quando oferece o sacrifício da missa, mas quando se apresenta como mediador dos homens, diante da sua divina majestade, e quando santifica as almas mediante os sacramentos; porque é para o fazer caminhar na perfeição que o Senhor o cumula de graças e socorros especiais. Em presença disto, quando ele quer exercer com negligência o seu ministério, no meio de defeitos e faltas sem número, que não pensa em detestar, provoca a maldição de Deus: *Maldito o que faz a obra de Deus com negligência*<sup>362</sup>. Esta maldição significa o abandono de Deus, diz Sto. Ambrósio<sup>363</sup>. Costuma o Senhor abandonar essas almas que, depois de terem sido mais favorecidas com as suas graças, não cuidam de atingir a perfeição a que são chamadas. Quer Deus que os seus ministros o sirvam com o fervor dos serafins, escreve um autor; de contrário, há de retirar-lhes as suas graças e permitir que adormeçam na tibieza, para dali caírem primeiro no abismo do pecado, e depois no do inferno<sup>364</sup>.

O padre túbio, acabrunhado sob o peso de tantas faltas veniais e de tantas afeições desordenadas, permanece como que mergulhado num estado de insensibilidade. As graças recebidas e as obrigações do sacerdócio já o não tocam; por isso o Senhor na sua justiça o privará dos socorros abundantes, que lhe seriam moralmente necessários, para se desempenhar os

deveres do seu estado. Assim irá de mal a pior; cada dia aumentarão os seus defeitos e também a sua cegueira. Havia Deus de prodigalizar as suas graças a quem se mostra avaro com ele? Não, diz o Apóstolo: quem pouco semeia, pouco colhe<sup>365</sup>.

Declarou o Senhor que aumentará os seus favores aos que lhe testemunham reconhecimento e conservam as suas graças, mas tirará aos ingratos o que primeiro lhes tinha dado<sup>366</sup>.

Noutra parte diz que, o senhor da vinha, quando não tira fruto dela, trata de a confiar a outros vinhateiros, e castiga os primeiros. Depois ajunta: *Por isso vos declaro que o reino de Deus vos será tirado, para ser dado a uma nação que colha fruto dele*<sup>367</sup>. Significa que Deus tirará do mundo o padre túbio, ao qual havia confiado o cuidado do seu reino, isto é, que tinha encarregado de trabalhar na sua glória, e que dará esse encargo a outros, que lhe sejam reconhecidos e fiéis.

Deve procurar-se na tibieza a razão por que muitos padres colhem pouco fruto, de tantos sacrifícios que oferecem a Deus, de tantas comunhões que fazem, e de tantas orações que recitam no Ofício e na Missa. *Semeastes muito e colhestes pouco... e o que tinha recebido o salário do seu trabalho, lançou-o num saco roto*<sup>368</sup>. Tal é o padre túbio: os seus exercícios espirituais lança-os ele todos num saco furado, quer dizer que não lhe resta nenhum merecimento; antes, ao fazê-los dum modo tão defeituoso se torna digno de castigo. Não, o padre que vive na tibieza não está longe da sua perda. Segundo Pedro de Blois, deve o coração do padre ser um altar em que não cesse de arder o fogo do amor divino. Mas que sinal de amor ardente dá a Deus esse padre, que se contenta com evitar os pecados mortais e não teme desagradar a Deus com as faltas veniais? Como observa o Pe. Alvarez de Paz, o sinal que dá é antes o de um amor bem túbio<sup>369</sup>.

Para fazer um bom padre não bastam apenas graças comuns e pouco numerosas; requerem-se graças muito especiais e abundantes. Ora, como quereria Deus prodigalizar os seus favores a quem se pôs a seu serviço, e depois o serve mal? Santo Inácio de Loiola chamou um dia um irmão leigo da sua Companhia, que passava uma vida muito túbia, e falou-lhe assim: “Dize-me, irmão meu, que vieste fazer à religião?” Ele respondeu-lhe: “Vim para servir a Deus”. “Ah, meu irmão, replicou o Santo, que disseste? Se me tiveses respondido que foi para servir um cardeal, um príncipe da terra, terias mais desculpa; mas, visto que vistes para servir a Deus, — é assim que o serves?”

Todo o sacerdote entra na corte, não dum príncipe da terra, mas noutra muito mais alta, — a dos amigos de Deus, onde se tratam continuamente e em confiança os negócios mais importantes para a glória da soberana Majestade. Donde procede que um padre túbio mais desonra do que honra a Deus; porque dá a entender, pela sua conduta negligente e cheia de defeitos, que o Senhor não merece ser servido e amado com mais diligência; que, procurando agradar-lhe, não encontra prêmio que o faça bastante feliz; e que a sua divina Majestade não é digna dum amor tal, que nos obrigue a preferir

a sua glória a todas as nossas satisfações.

### III

#### Exortação

Redobremos de esforços, ó padres, irmãos meus, e tremamos! Não aconteça que todas as nossas grandezas, todas as honras a que Deus nos alteou, entre todos os homens, venham a terminar um dia na nossa condenação eterna! Diz S. Bernardo que o empenho com que os demônios trabalham na nossa ruína, deve excitar o nosso zelo, em assegurarmos a salvação<sup>370</sup>. Ó, como esses inimigos terríveis porfiam em perder um padre! Ambicionam com mais ardor a perda dum padre, que a de cem seculares, não só porque a vitória alcançada sobre um padre é para eles um triunfo mais brilhante, mas porque um padre na sua queda arrasta muitos outros desgraçados para o abismo.

Assim como as moscas se afastam dum vaso que contenha algum líquido a ferver, e procuram outro de licor tético, assim os demônios se mostram menos pressurosos em assaltar os sacerdotes fervorosos, que em impelir os tibios do estado de tibieza para o de pecado. Diz Cornélio A-Lápide que o tívio, desde que seja atacado por alguma tentação grave, está em grande perigo de sucumbir, porque se encontra quase sem força para lhe resistir; e assim, no meio de tantas ocasiões em que se encontra, caí muitas vezes em faltas graves<sup>371</sup>.

É preciso pois que o sacerdote se aplique a evitar os pecados que comete cientemente e de propósito deliberado. Além de Jesus Cristo, que por natureza e sua divina Mãe por um privilégio especial, foram puros de toda a mancha de pecado, é certo que de todos os homens, sem exceptuar os santos, nenhum foi isento de pecados ao menos veniais. *Nem os céus são puros na sua presença*<sup>372</sup>. *Todos pecamos em muitas coisas*<sup>373</sup>. Como diz pois S. Leão, para todos os filhos de Adão, é uma triste herança o serem manchados do pó da terra<sup>374</sup>.

Acima de tudo porém, é necessário prestar atenção a esta palavra do Sábio: *O justo cairá sete vezes e se levantará*<sup>375</sup>. O que cai por fragilidade, sem pleno conhecimento do mal que faz, e sem consentimento deliberado, levanta-se com facilidade<sup>376</sup>. Se, ao contrário, o pecador conhece o mal e o pratica deliberadamente e, em vez de o detestar, se compraz nele, — como poderá levantar-se?

Diz Santo Agostinho: Se escorregamos em algumas faltas, ao menos detestemo-las e confessemos-las, e Deus no-las perdoará: *Se confessarmos os nossos pecados, Deus, que é fiel e justo no-las perdoará, e nos purificará de toda a iniquidade*<sup>377</sup>. Falando dos pecados veniais, Luís de Blois ensina com Tauler que basta, para obter o perdão deles, confessá-los ao menos em geral<sup>378</sup>. E noutra lugar<sup>379</sup> diz que se apagam mais facilmente tais pecados, voltando-se para Deus com um sentimento de humildade e amor, do que passando muito tempo a pesá-los com excessivo temor. Lê-se igualmente

em S. Francisco de Sales que as faltas ordinárias das pessoas piedosas, como as cometem indeliberadamente, também se apagam indeliberadamente. No mesmo sentido se exprime Sto. Tomás<sup>380</sup>, quando diz que, para a remissão dos pecados veniais, basta um ato de detestação, implícito ou explícito, como o que uma pessoa faz, voltando-se para Deus com devoção e amor. E acrescenta: Os pecados veniais remitem-se de três modos: 1.º pela infusão da graça, e é o que acontece, quando se recebe a Eucaristia, ou outro sacramento; 2.º por certos atos acompanhados de algum movimento de arrependimento, como são a confissão geral, o ato de tocar no peito, e a oração dominical; 3.º por atos acompanhados dum certo movimento de reverência para com Deus e as coisas divinas; e é assim que a benção do bispo, a aspersão da água benta, a oração numa igreja consagrada, e outras coisas deste gênero, produzem a remissão dos pecados veniais<sup>381</sup>. S. Bernardino de Sena, falando especialmente da comunhão, diz: Pode acontecer que, pela recepção da Eucaristia, uma alma se una tão estreitamente a Deus que fique purificada<sup>382</sup> de todos os seus pecados veniais.

O venerável Luís du Pont dizia: “Tenho cometido muitas faltas, mas nunca fiz a paz com as minhas faltas”. Há muitos que fazem as pazes com os seus defeitos, e é o que há de causar a sua perda. Segundo S. Bernardo, enquanto se detestam as próprias imperfeições, dá-se esperança de regressar ao bom caminho; mas, deste que se pecca ciente e deliberadamente, sem temor de pecar e sem dor de haver pecado, pouco a pouco se cai na perdição. *As moscas que morrem no bálsamo fazem-lhe perder a suavidade do odor*, diz o Sábio<sup>383</sup>. Essas moscas são precisamente as faltas que se cometem e não se detestam; porque então permanecem como mortas na alma: é a explicação de Dionísio Chartreux. Quando uma mosca cai num perfume, diz ele, e lá permanece, estraga-o e anula-lhe o bom odor. No sentido espiritual, essas moscas que morrem em nós são os pensamentos vãos, as afeições mais ou menos culposas, as distrações não combatidas: tudo isso nos rouba a doçura dos exercícios espirituais<sup>384</sup>.

Nota S. Bernardo que não há grande mal em dizer que tal coisa é um pecado venial; mas cometer esse pecado, acrescenta, e comprazer-se nele, é um mal que tem conseqüências graves, e Deus há de punir severamente, como está escrito em S. Lucas: *Aquele que conheceu a vontade do seu senhor, e não fez os preparativos necessários para o seu regresso, e não cumpriu a sua vontade, receberá grande número de açoites; o que porém o não conheceu, e fez coisas dignas de castigo, receberá poucos açoites*<sup>385</sup>. É verdade que nem mesmo as pessoas espirituais são isentas de pecados veniais; mas, diz o Pe. Alvarez de Paz<sup>386</sup>, cada dia diminuem elas o número e a gravidade, e depois apagam a mancha por atos de amor de Deus. Quem assim procede acabará por se santificar, e as suas faltas não o impedirão de tender para a perfeição. Por isso Luís de Blois nos exorta a não nos desanimarmos com essas pequenas faltas, pois que temos muitos meios para nos corrigirmos delas<sup>387</sup>. Mas quem ainda está preso à terra por algum laço, quem cai e recai nelas voluntariamente, sem desejar levantar-se, como poderá

adiantar no caminho de Deus? Quando a ave está solta de todas as prisões, logo levanta o seu vôo; mas, se estivesse presa, embora por um fio delgado, permaneceria retida. O menor laço que prenda a alma à terra, dizia S. João da Cruz, impede-a de adiantar na perfeição.

Guardemo-nos pois de cair no miserável estado da tibieza; porque, à face do que fica dito, para arrancar dele um padre, é necessária uma graça potentíssima. E que fundamento temos nós para pensar que o Senhor concederá uma tal graça a quem lhe provoca náuseas? — Alguém dirá que já se encontra nesse estado; — e não lhe restará esperança? — Há ainda uma esperança: a misericórdia e o poder de Deus, — *As coisas impossíveis aos homens são possíveis para Deus*<sup>388</sup>. É impossível ao túbio arrancar-se da tibieza, mas não é impossível a Deus tirá-lo dela. É preciso contudo que ele ao menos o deseje: se nem mesmo deseja levantar-se, como poderá esperar o socorro de Deus? Ainda assim, o que não tem esse desejo, ao menos peça ao Senhor que lho dê. Se lho pedir com perseverança, Deus lhe dará o desejo e o socorro de que necessita. A promessa de Deus não falta<sup>389</sup>. Oremos pois e digamos com Sto. Agostinho: Senhor, nenhuns merecimentos tenho a oferecer-vos para ser atendido por vós; mas, ó Padre eterno, a vossa misericórdia e os merecimentos de Jesus Cristo, são os meus méritos<sup>390</sup>. — É também um grande meio para sair da tibieza, recorrer à santíssima Virgem.

## Do pecado da incontinência

### I

#### Necessidade da pureza no padre

A incontinência é chamada por Basílio de Seleucia<sup>391</sup> uma peste viva, e por S. Bernardino de Sena, o mais funesto de todos os vícios<sup>392</sup>; e isso porque, como diz S. Boaventura, a impudicícia destrói o germe de todas as virtudes<sup>393</sup>. Por isso Sto. Ambrósio lhe chama a origem e mãe de todos os vícios<sup>394</sup>. De fato, este vício arrasta consigo todos os crimes: ódios, roubos, sacrilégios etc. S. Remígio teve pois razão em dizer que por causa deste vício, poucos adultos se salvam<sup>395</sup>. E lê-se no Pe. Paulo Segneri<sup>396</sup> que assim como o orgulho encheu o inferno de anjos rebeldes, assim a impudicícia o enche de homens.

Nos outros vícios pesca o demônio ao anzol; neste é à rede, de modo que enche mais o inferno com esta paixão, do que com todas as outras. Assim, para punir a incontinência, há Deus enviado à terra os flagelos mais espantosos: dilúvios de água e de fogo!

Segundo Sto. Atanásio<sup>397</sup>, é a castidade uma pérola mui preciosa, mas poucas pessoas cá na terra sabem encontrá-la. Ora, se esta pérola convém aos seculares, é absolutamente necessária aos padres. Entre todas as virtudes que o Apóstolo prescreve a Timóteo, recomenda-lhe em especial a castidade<sup>398</sup>. Orígenes diz que é a primeira virtude que deve adornar o padre, quando sobe ao altar<sup>399</sup>. E, segundo S. Clemente de Alexandria, nesta vida, somente são e se podem com verdade dizer sacerdotes os de vida pura<sup>400</sup>. Se pois a pureza faz o padre, a impureza dalgum modo o há de despojar da sua dignidade, diz Sto. Isidoro de Pelusa<sup>401</sup>.

Eis a razão por que a santa Igreja, em tantos concílios, em tantas leis e advertências, sempre se tem mostrado ciosa de conservar a castidade nos padres. Inocência III publicou o seguinte decreto: “Ninguém seja admitido a uma Ordem sacra, desde que não seja virgem ou duma castidade provada; = *Nemo ad sacrum Ordinem permittatur accedere, nisi aut virgo aut probatae castitatis existat* (Cap. a multis. De aet. et qual. ord.). E ao mesmo tempo ordenou que os eclesiásticos incontinentes fossem excluídos — *ab omnium graduum dignitate*. Outro decreto é de S. Gregório: “Se alguém se manchar

com um pecado carnal, depois de receber alguma Ordem sacra, seja excluído das funções da sua Ordem, e não seja mais admitido a servir ao altar<sup>402</sup>.

Além disto<sup>403</sup>, condenou todo o sacerdote réu dum pecado vergonhoso, a dez anos de penitência: durante os três primeiros meses devia dormir no chão duro, viver na solidão, sem nenhuma comunicação com os homens, e privado da sagrada comunhão; depois, durante ano e meio, devia sustentar-se a pão e água; nos anos seguintes, devia continuar o jejum a pão e água, mas só três dias na semana. Em suma, a Igreja olha como monstros os padres que não têm uma vida casta.

## II

### Malícia do pecado de impureza no padre

Examinemos primeiro a malícia do pecado dum padre contra a castidade. O padre é o templo de Deus, tanto pelo voto de castidade que fez, como pela unção santa que o consagrou a Deus<sup>404</sup>. Assim fala S. Paulo de si próprio e dos outros sacerdotes, associados ao seu ministério; o que faz dizer ao cardeal Hugues: Acautele-se o padre de manchar o santuário de Deus, porque ele foi ungido com óleo sagrado<sup>405</sup>. O corpo do padre é pois esse santuário do Senhor<sup>406</sup>. Conservai-vos casto, escrevia Sto. Inácio mártir, como casa de Deus e templo de Jesus Cristo<sup>407</sup>. Por isso S. Pedro Damiano diz que os padres, manchando o seu corpo com ações desonestas, profanam o templo de Deus. Depois ajunta: “Não demudeis os vasos consagrados a Deus, em vasos de desprezo”<sup>408</sup>. Que se diria se alguém se servisse, à mesa para beber, dum cálice consagrado? Dirigindo-se aos padres, diz Inocência II: Visto que eles devem ser santuário de Espírito Santo, que indignidade vê-los escravos da impureza!<sup>409</sup> Que horror ver manchado com as ignomínias dos pecados carnis um padre, que por toda a parte devia difundir, a par duma vida luz, o doce odor da pureza: vê-lo imundo e pestilento!<sup>410</sup> Foi o que fez dizer a Clemente de Alexandria que os padres impudicos, quanto lhes é possível, mancham o próprio Deus, que habita na sua alma<sup>411</sup>.

E disso se lamenta o Senhor: *Os sacerdotes calcaram aos pés a minha lei e profanaram os meus santuários, e Eu era manchado no meio deles*<sup>412</sup>. Pois que, exclama Ele! Vejo-me desonrado pela incontinência dos meus padres, porque, faltando à castidade, profanam os meus santuários, isto é, os seus corpos, que eu consagrei ao meu culto, e onde venho muitas vezes fazer a minha morada! Foi também o que fez compreender S. Jerônimo nestas palavras: “Manchamos o corpo de Cristo, quando nos aproximamos indignamente do altar”<sup>413</sup>.

Além disto, o padre imola a Deus sobre o altar o Cordeiro sem mancha, o Filho do próprio Deus; por este motivo ainda, diz S. Jerônimo, deve ser de tal modo casto, que se abstenha não só de toda a ação desonesta, mas até do menor olhar pouco honesto<sup>414</sup>. S. João Crisóstomo ensina igualmente que o padre deve ser muito puro, para tomar lugar no Céu entre os Anjos<sup>415</sup>. Nou-

tra parte acrescenta que a mão do padre, que há de tocar a carne de Jesus Cristo, deveria resplandecer em pureza mais que o sol<sup>416</sup>.

Onde se poderia encontrar, pergunta Sto. Agostinho, um homem bastante ímpio que se atrevesse a tocar o Sacramento do altar com as mãos cheias de imundícia?<sup>417</sup>

Mas há ainda uma coisa muito mais horrível, — é que os padres ousem subir ao altar e tocar o corpo de Jesus Cristo, depois de se terem manchado com pecados obscenos, como diz S. Bernardo<sup>418</sup>. Ai, padres do Senhor, exclama Sto. Agostinho! Tomai cuidado para que essas mãos que se banham no sangue do Redentor, derramado outrora por vosso amor, não venham a manchar-se no sangue sacrílego do pecado<sup>419</sup>.

Demais, Cassiano observa que os padres não devem somente tocar a carne do Cordeiro sagrado, mas alimentar-se dela, o que os obriga a uma pureza mais que angélica<sup>420</sup>. Segundo Pedro Comestor, quando o padre pronuncia, com os lábios manchados do vício vergonhoso, as palavras da consagração, é como se escarrasse no rosto do Salvador; e quando mete na sua boca impura o Corpo sagrado e o Sangue precioso, é como se os lançasse na lama<sup>421</sup>. Mais ainda, diz S. Vicente Ferrer, esse desgraçado comete crime mais horrível do que se lançasse uma hóstia consagrada numa sentina<sup>422</sup>.

Ó Padre! Exclama aqui S. Pedro Damiano, vós que deveis sacrificar a Deus o Cordeiro sem mancha, não vades antes imolar-vos ao demônio por vossas impurezas!<sup>423</sup> O mesmo santo chama aos padres impudicos vítimas do demônio, vítimas de que o inimigo das almas faz as suas delícias no inferno<sup>424</sup>. É necessário ajuntar que o padre impuro não se perde só; arrasta consigo muitos outros. Segundo S. Bernardo, a incontinência dos eclesiásticos é a perseguição mais funesta que a Igreja sofre. Sobre estas palavras de Ezequias — *eis que no seio da paz a minha amargura é amaríssima*<sup>425</sup> — escreve ele gemendo: Foi a dor da Igreja amarga na morte dos mártires, mais amarga na guerra, que lhe moveram os hereges, amaríssima na corrupção dos seus membros.

Está em paz a Igreja, e não tem paz: está em paz da parte dos pagãos, em paz do lado dos hereges, mas não por certo da parte dos seus filhos<sup>426</sup>. Os filhos dilaceram as entranhas da sua mãe<sup>427</sup>. Na verdade a Igreja sofreu cruelmente da parte dos tiranos, que pelo martírio lhe arrebataram tantos fiéis; depois sofreu ainda mais cruelmente da parte dos hereges, que com o veneno do erro inficionaram muitos dos seus súditos; mas o seu maior sofrimento, a sua maior perseguição é a que lhe advém dos seus filhos, desses eclesiásticos indignos, que por seus escândalos dilaceram as entranhas maternas! — Que vergonha, exclama também S. Pedro Damiano, ver escravo da luxúria aquele que devia pregar a castidade!<sup>428</sup>

### III

#### Conseqüências funestas da impureza

*Examinemos agora os estragos que o pecado desonesto causa na alma, e principalmente na alma do padre.*

##### 1. A cegueira do Espírito

Primeiro que tudo, o pecado cega o espírito, e faz-lhe perder de vista Deus as verdades eternas. Segundo Sto. Agostinho, a castidade faz que os homens vejam a Deus<sup>429</sup>. Pelo contrário, o primeiro efeito do vício impuro é a cegueira do espírito, cujas conseqüências no sentir de Santo Tomás são: cegueira do espírito, ódio a Deus, apego à vida presente, horror à vida futura ou desesperação de salvação<sup>430</sup>. A impudicícia, ajunta Sto. Agostinho, rouba-nos o pensamento da eternidade. A primeira coisa que faz o corvo, quando encontra um cadáver, é arrancar-lhe os olhos, o primeiro mal que a incontidência faz à alma é tirar-lhe a luz das coisas divinas. Quantos exemplos desta triste verdade! Vêde Calvino, primeiro inclinado para a vida eclesiástica, pastor de almas<sup>431</sup>, tornado depois, por essa paixão infame, o chefe duma heresia; Henrique VIII, primeiro defensor da Igreja, depois seu perseguidor; Salomão, que começa por ser um santo, e acaba por idólatra! O mesmo acontece de contínuo aos sacerdotes impuros. *Caminharão como cegos, porque pecaram contra o Senhor*<sup>432</sup>. Desgraçados! No meio das luzes das missas que celebram, das orações que recitam, dos funerais a que assistem, permanecem cegos, como se não acreditassem, nem na morte que os espera, nem no juízo em que hão de prestar contas, nem no inferno que será a sua herança! Parecem feridos desta terrível maldição: *Que o Senhor te faça louco, cego e delirante, de modo que andes às apalpadelas, como o cego nas trevas, e não possas trilhar o caminho direito*<sup>433</sup>. Esse lamaçal infecto em que estão engolfados, a tal cegueira os reduz, que depois de terem abandonado a Deus, — que os havia sublimado acima dos astros, — não pensam mais em prostrar-se a seus pés, a solicitar-lhe perdão: *Não terão o pensamento de voltar para o seu Deus; porque o espírito de fornicação está no seio deles, e não conheceram o Senhor*<sup>434</sup>. Como diz S. João Crisóstomo, nada mais pode alumiá-los, nem as advertências dos superiores, nem os conselhos dos bons amigos, nem o temor dos castigos, nem o perigo de serem desonrados<sup>435</sup>. E será para a admirar que eles não vejam mais? *Caiu sobre eles o fogo, e não viram mais o sol*<sup>436</sup>. Que fogo, pergunta o Doutor angélico, senão o da concupiscência?<sup>437</sup>. Depois, noutra parte diz: O vício da carne extingue o juízo da razão. Os prazeres impuros não deixam mais na alma sentimento senão para os deleites carnis. Pela sua deleição brutal faz este vício perder ao homem até a razão<sup>438</sup>, a ponte, como diz S. Jerônimo, de

o tornar pior que uma besta. Donde resultará que o padre impudico, cego pelas suas impudicícias, nenhuma atenção prestará, nem aos ultrajes que faz a Deus com a sua conduta sacrílega, nem ao escândalo que dá aos outros; chegará mesmo a celebrar missa com pecado na alma. Que admira? Quem perdeu a luz facilmente se deixa ir a toda a espécie de mal.

Se se quer encontrar a luz, é necessário aproximar de Deus, diz o Salmista<sup>439</sup>. Mais que nenhum outro vício, porém, a impudicícia afasta o homem de Deus, diz Santo Tomás<sup>440</sup>. Por isso o impudico se torna semelhante a um bruto, incapaz para o futuro de compreender as coisas espirituais. *Não compreende o homem animal as coisas do espírito de Deus*<sup>441</sup>. Nada lhe faz impressão, nem o inferno, nem a eternidade, nem a dignidade sacerdotal: *Non percipit*. Segundo Sto. Ambrósio, começará talvez a duvidar da fé: “Desde que uma pessoa começa a entregar-se à luxúria, começa a afastar-se da verdadeira fé”<sup>442</sup>.

Ó, quantos desgraçados padres, transviados por este vício, acabaram por perder a fé! Assim como a luz do sol não pode penetrar num vaso cheio de terra, assim a luz divina não brilha numa alma habituada aos pecados da carne: o habitual levará consigo para a sepultura os seus vícios. *Os seus ossos se hão de encher dos vícios da sua juventude* (os vícios da juventude são os vícios vergonhosos), *vícios que dormirão com ele no pó*<sup>443</sup>.

Como esta alma desgraçada acabará por se esquecer de Deus, no meio das suas impurezas, também Deus a esquecerá, e permitirá que ela fique abandonada nas suas trevas: *Visto que me esqueceste, e me atiraste para trás das costas, arrasta tu também o estigma da tua perversidade e das tuas abominações*<sup>444</sup>. S. Pedro Damiano explica assim: Os que lançam a Deus para trás das costas são os que se deixam arrastar pela luxúria<sup>445</sup>.

Conta o Pe. Cataneo<sup>446</sup> que um pecador, que vivia em relações criminosas, foi advertido por um amigo para que emendasse a vida, se não queria condenar-se. Ele porém respondeu-lhe: “Meu amigo, por uma tal mulher bem se pode ir para o inferno”. Sem dúvida, para lá foi esse miserável, porque foi morto. — Um outro, e era padre, surpreendido em casa duma dama, a quem pretendia seduzir, foi obrigado pelo marido dela a ingerir um veneno. De regresso a sua casa, deitou-se no leito e contou a um amigo a desgraça que lhe tinha acontecido. O amigo, vendo-o prestes a expirar, exortou-o a confessar-se sem demora, mas ele respondeu-lhe: “Não, não posso confessar-me; só tenho um favor a pedir-te, — dize a Senhora N. que morro por amor dela”. Pode ir mais longe a cegueira?

##### 2. A obstinação da vontade

O segundo efeito do pecado impuro é a obstinação da vontade. Diz S. Jerônimo que o que se deixa cair na rede do demônio não se escapa dela facilmente<sup>447</sup>. E em Santo Tomás lê-se que nenhum pecado dá tanta alegria ao demônio como o da impudicícia, porque a carne está muito inclinada para este vício; de modo que os que nele caem mui dificilmente se levantam<sup>448</sup>. É

por isso que S. Clemente de Alexandria chama à impudícia uma moléstia incurável e Tertuliano um vício sem conversão<sup>449</sup>. S. Cipriano chama-lhe a mãe da impenitência<sup>450</sup>. É quase impossível, dizia Pedro de Blois, vencer as tentações carnis, quando se está escravizado pela carne<sup>451</sup>.

Conta o Pe. Biderman que um certo jovem caía com muita freqüência no pecado da impureza; à hora da morte fez uma confissão, acompanhada de muitas lágrimas, e morreu deixando a todos grande esperança de se ter salvo. No dia seguinte porém o confessor, ao dizer missa por ele, sentiu que lhe puxavam pela casula; voltou-se e viu um fumo negro, donde saíam centelhas de fogo; em seguida ouviu uma voz a dizer-lhe, que era a alma do jovem defunto, que depois de recebida a absolvição dos seus pecados fôra de novo tentado nos últimos momentos; tinha consentido num mau pensamento e se tinha condenado.

*O profeta e o sacerdote estão manchados... eis por que o caminho deles será como um atalho escorregadio e coberto de trevas; serão impelidos e cairão*<sup>452</sup>. Tal é a desgraça final dos padres impudicos: caminham em trevas por uma via escorregadia, e são impelidos pelos demônios e pelo seu mau hábito para o abismo; por isso lhe é quase impossível escapar à ruína. os que se entregam a este vício, diz Sto. Agostinho, em breve contraem o hábito, que prestes se torna em necessidade de pecar<sup>453</sup>. O gavião, que se repasta sôfrego da carne podre, deixa-se matar pelo caçador, mas não abandona a sua iguaria; é o que acontece ao impudico de hábito.

E, quanto a obstinação dos padres, escravos deste vício vergonhoso, é ainda mais invencível que a dos seculares! A razão disto é, ou porque recebem luzes mais abundantes para conhecerem a malícia do pecado mortal, ou porque a impudícia neles é muito maior crime. De fato, eles não ultrajam somente a castidade, mas a religião, por causa do voto que fizeram; e as mais das vezes ferem também a caridade para com o próximo, porque quase sempre a impudícia do padre origina grande escândalo nos outros. Refere Dionísio Chartreux que um servo de Deus, levado um dia em espírito pelo seu anjo ao Purgatório, vira lá uma multidão de seculares que expiavam as suas impurezas, mas poucos padres. Perguntou a razão, e foi-lhe respondido que um padre impudico dificilmente chega a arrepende-se devéras, e por conseqüência esses padres quase todos se condenam<sup>454</sup>.

### 3. A condenação eterna

Finalmente, este vício execrável conduz o homem, e sobretudo o padre à condenação eterna. Diz S. Pedro Damião que os altares de Deus não recebem outro fogo senão o do amor divino; de modo que todos aqueles que lá sobem, com uma chama impura no coração, devem ser atormentados pelo fogo da vingança divina<sup>455</sup>. E ajunta que todas as obscenidades do impudico se hão de demudar um dia em pez que nas suas entranhas alimentará eternamente o fogo do inferno<sup>456</sup>.

Ó, que terríveis castigos reserva Deus para os padres impudicos! E a

quantos padres este pecado há precipitado no inferno! Diz ainda S. Damião: Se o homem do Evangelho, que se tinha apresentado no festim nupcial sem o vestido conveniente, foi por isso condenado às trevas, — que há de esperar aquele que, introduzido na sala do festim celeste, longe de lá brilhar pela riqueza da veste nupcial, se mostra conspurcado com a imundícia abominável de uma luxúria espantosa?<sup>457</sup> Conta Barônio que um padre, que tinha passado uma vida licenciosa, viu à hora da morte, durante a sua agonia, uma multidão de demônios que vinham contra ele; então voltou-se para um religioso que lhe assistia e pediu-lhe que intercedesse por ele. Um instante depois, disse-lhe que já estava no tribunal de Deus, e exclamou: Cessai, cessai de orar por mim, são inúteis as vossas preces, estou condenado<sup>458</sup>.

Escreve S. Pedro Damião que, na cidade de Parma, um padre e uma mulher foram feridos de morte repentina, no momento em que se entregavam ao crime. Nas revelações de Santa Brígida<sup>459</sup> lê-se que um padre impudico, estando no campo, fôra fulminado por um raio, que só lhe reduziu a cinzas as partes pudendas, e lhe deixou intacto o resto do corpo; prova evidente de que Deus o tinha castigado assim, em razão da sua incontinência. — Em nossos dias morreu também repentinamente um padre no meio do crime; e, para cúmulo de desonra foi exposto à porta duma igreja, no mesmo estado de desnudez, em que tinha sido encontrado em casa da sua cúmplice<sup>460</sup>.

Como os padres impudicos desonram a Igreja com os seus escândalos, o Senhor lhes inflige o castigo que merecem, tornando-os os mais vis e desprezíveis de todos os homens. É precisamente o que ele declara pela boca de Malaquias, falando dos padres: *Desertastes do caminho, escandalizastes a muitos, a quem ensinastes a lei..., por isso vos humilhei e entreguei ao desprezo de todos os povos*<sup>461</sup>.

## IV

### Remédios contra a incontinência

Muitos remédios indicam os mestres da vida espiritual, contra esta lepra de impureza; mas os dois principais e os mais necessários são a fuga das ocasiões e a oração.

Quanto ao primeiro, dizia S. Filipe de Néri que neste combate a vitória é para os poltrões, isto é, para os que fogem à ocasião. Embora o homem empregue todos os outros meios possíveis, se não fugir, está perdido<sup>462</sup>.

Quanto ao segundo remédio, que é a oração, devemos estar persuadidos que de nós mesmos não temos força para resistir às tentações da carne. Há de vir-nos de Deus a força, — que ele não concede senão a quem lha suplica. O único baluarte contra esta tentação, diz S. Gregório de Nyssa, é a oração<sup>463</sup>. E antes dele tinha dito o Sábio: *Como eu sabia que não podia possuir este tesouro, se Deus mo não desse, apresentei-me diante do Senhor e pedi-lho*<sup>464</sup>.

*Para maior desenvolvimento sobre os meios de combater o vício impuro, e em especial sobre os dois meios aqui indicados, a fuga das ocasiões e a oração, veja-se a instrução sobre a castidade, na segunda parte desta obra.*

## **A missa sacrílega**

### **I**

#### **Pureza exigida no padre para celebrar dignamente**

Lê-se no Concílio de Trento: Devemos reconhecer que entre todas as obras, ao alcance dos fiéis, nenhuma há mais santa que este mistério terrível<sup>465</sup>. Nem o próprio Deus pode fazer que haja no mundo uma ação maior e mais santa que a celebração duma missa. Ó, quanto mais excelente que todos os sacrifícios antigos o sacrifício dos nossos altares, em que a vítima oferecida não é já um touro ou um cordeiro, mas o próprio Filho de Deus!

Para a vítima, o judeu tinha um boi, escreve S. Pedro de Cluny; o cristão tem Jesus Cristo; tanto este último sacrifício excede o primeiro, como Jesus Cristo excede a um boi<sup>466</sup>. Depois ajunta que uma vítima servil era a única que convinha a servos, ao passo que aos amigos e aos filhos estava reservado o próprio Jesus Cristo, como vítima que nos libertou do pecado e da morte eterna. Tem pois razão S. Lourenço Justiniano em dizer que não há oferenda nem maior em si mesma, nem mais útil aos homens, nem mais agradável a Deus, que a que se faz no sacrifício da missa<sup>467</sup>.

Assim, S. João Crisóstomo assegura que, durante a celebração da missa, está o altar cercado de anjos, reunidos para honrarem a Jesus Cristo, que é a Vítima oferecida neste augusto sacrifício<sup>468</sup>. Que fiel poderá duvidar, pergunta por sua vez S. Gregório, que no momento do sacrifício o Céu se não abra à voz do padre e numerosos coros de anjos não estejam presentes a este mistério em que Jesus Cristo se imola?<sup>469</sup> E Sto. Agostinho acrescenta que os anjos se conchegam a rodear o sacerdote como servos, para o ajudarem nas suas funções<sup>470</sup>.

Falando deste grande sacrifício do Corpo e Sangue de Jesus Cristo, o Concílio de Trento nos ensina que é o próprio Salvador que aí se oferece a seu Pai, mas pelas mãos do sacerdote, que escolheu para seu ministro, encarregado de o representar ao altar<sup>471</sup>. E S. Cipriano tinha dito antes: O padre ao altar ocupa o lugar de Jesus Cristo<sup>472</sup>. É por isso que, ao consagrar, o padre se exprime assim: *Isto é o meu corpo; este é o cálice do meu sangue*. E o próprio Jesus Cristo disse a seus discípulos: *Quem vos ouve, a mim ouve; quem vos despreza, a mim desprezas*<sup>473</sup>.

Ora, mesmo aos antigos Levitas exigia o Senhor que fossem puros, só porque tinham por dever transportar os vasos sagrados: *Purificai-vos, vós que levais os vasos do Senhor*<sup>474</sup>. Sobre o que Pedro de Blois faz esta reflexão: Quanto mais puros devem ser os que trazem Jesus Cristo nas suas mãos e nos seus corações?<sup>475</sup> E com quanta mais razão exigirá o Senhor a pureza dos padres da Lei nova, encarregados de representar ao altar a pessoa de Jesus Cristo, para oferecerem ao Padre eterno o seu próprio Filho! Tem pois justo motivo o Concílio de Trento, para querer que os padres celebrem este augusto sacrifício com a máxima pureza de consciência possível<sup>476</sup>. E é o que significa, nota o abade Rupert, a brancura da alba, de que a Igreja quer que o sacerdote se revista e cubra da cabeça aos pés, quando celebrar os divinos mistérios<sup>477</sup>. É muito justo que o sacerdote honre a Deus com a inocência da sua vida, visto que Deus tanto o há honrado, elevando-o acima de todos os outros homens, e fazendo-o ministro seu, neste mistério sublime, como dizia S. Francisco de Assis<sup>478</sup>. Mas como deve o padre honrar a Deus? Será porventura trajando ricos vestidos, anafando a cabeleira com arte, ostentando punhos elegantes? Não, responde S. Bernardo, é por uma vida irrepreensível, pelo estudo das ciências sagradas, e pelos trabalhos que empreender para glória de Deus<sup>479</sup>.

## II

### **Quanto é enorme o crime do padre que celebra em estado de pecado mortal**

Que faz então o padre que celebra, em pecado mortal? Acaso honra ele a Deus? Ai, muito ao contrário! Comete contra ele o maior ultraje de que é capaz; despreza-o na sua própria pessoa, porque pelo sacrilégio parece fazer quanto de si depende para manchar o Cordeiro imaculado, que oferece sob as espécies sacramentais! Eis o que diz o Senhor: *Escutai, ó sacerdotes que desprezais o meu nome... Ofereceis sobre o meu altar um pão manchado e dizeis: Em que é que te desonramos?*<sup>480</sup> S. Jerônimo comenta assim esta passagem: Manchamos o pão, isto é, o corpo de Cristo, quando nos aproximamos indignamente do altar.

Não podia Deus elevar um homem a uma dignidade mais sublime, que à dignidade sacerdotal. Que escolha teve de fazer o Senhor para formar um padre! Primeiro, teve de escolhê-lo na multidão inumerável das criaturas possíveis; depois teve de separá-lo de tantos milhões de pagãos e hereges; e por último teve de tirá-lo do meio de tantos simples fiéis. Depois disto, que poder lhe não foi dado! Se Deus tivesse concedido a um só homem o poder de fazer descer à terra por suas palavras o próprio Jesus Cristo, quanto não estaria obrigado para com o Senhor esse homem tão privilegiado, e quantas ações de graças não teria de lhe render! Pois bem, esse poder concede-o Deus a cada um dos padres<sup>481</sup>. Nada importa que o mesmo poder tenha sido confiado a muitos: o número dos padres, nem pouca a sua dignidade, nem

diminui as suas obrigações. Mas, grande Deus! Que faz um padre que ousa celebrar com o pecado na sua alma? Desonra-nos, despreza-vos, declarando por isso mesmo que este sacrifício não é tão digno dos nossos respeitos, que devemos temer profaná-lo por um sacrilégio! Aproximar-se alguém do altar, sem o respeito que lhe é devido, diz S. Cirilo de Alexandria, é mostrar que o julga digno de desprezo<sup>482</sup>.

A mão que toca a carne sagrada de Jesus Cristo, a língua que se tinge do sangue divino, diz S. João Crisóstomo, deveriam ser mais puras que os raios do sol<sup>483</sup>. Noutra lugar, ajunta que um padre que sobe ao altar deveria ser bastante puro e santo para merecer um lugar entre os anjos<sup>484</sup>. Que horror pois para os anjos verem um padre, inimigo de Deus, levar uma mão sacrílega para o Cordeiro sem mancha, e fazê-lo seu alimento! Onde se encontraria um homem tão ímpio, exclama Sto. Agostinho, que ousasse tocar o Santíssimo com as mãos enlameadas?<sup>485</sup> Muito pior faz o padre que celebra missa com a consciência manchada. Deus então desvia os olhos, para não ver um atentado tão horrível: *Quando estenderdes as vossas mãos, afastarei de vós os meus olhos*<sup>486</sup>. E, para exprimir o desgosto que lhe causam esses padres sacrílegos, declara que lhes dá de atirar à cara a imundícia dos seus sacrifícios<sup>487</sup>. Como ensina o Concílio de Trento, é verdade que o santo sacrifício não pode ser manchado pela malícia do padre<sup>488</sup>. No entanto os sacerdotes, que celebram em estado de pecado mortal, não deixam de profanar, quanto podem, este adorável mistério; por isso declara Deus que as manchas deles o atingem dalgum modo<sup>489</sup>.

Ai, Senhor, exclama S. Bernardo, como é possível que os chefes da vossa Igreja sejam os primeiros a perseguir-vos?<sup>490</sup> É bem verdade, segundo S. Cipriano, que o padre, que celebra em estado de pecado mortal, ultraja com a sua boca e com as suas mãos o próprio corpo de Jesus Cristo<sup>491</sup>. Pedro Comestor ajunta que, quando um padre fora da graça de Deus pronuncia as palavras da consagração, escarra por assim dizer no rosto de Jesus Cristo, e quando recebe na sua boca indigna o corpo adorável do Salvador, é como se o lançasse na lama<sup>492</sup>. Mas, que digo, na lama? O padre no estado do pecado é pior que a lama: a lama, diz Teofilato, é muito menos indigna de receber essa carne divina, do que um padre sacrílego<sup>493</sup>. Segundo S. Vicente Ferrer, esse miserável comete então muito maior crime do que se atirasse o Santíssima a uma sentina<sup>494</sup>. E tal é também o sentir de S. Tomás de Vilanova: Que abominação, exclamava ele, derramar o sangue de Cristo na sentina infecta do seu coração!<sup>495</sup>

O pecado do padre é sempre gravíssimo, em razão da injúria que ele faz a Deus, que se dignou escolhê-lo para seu ministro e cumulá-lo de tantas graças. Observa S. Pedro Damiano<sup>496</sup> que uma coisa é transgredir as leis do príncipe, e outra feri-lo com as suas próprias mãos, como faz o padre, quando celebra em estado de pecado mortal. Tal foi o crime dos judeus que ousaram levantar as mãos contra a pessoa de Jesus Cristo; mas, segundo Sto. Agostinho, o pecado dos sacerdotes que celebram indignamente é muito mais grave ainda<sup>497</sup>.

Os judeus não conheciam o Redentor como o conhecem os padres. E de mais, diz Tertuliano, os judeus só uma vez levantaram as mãos contra Jesus Cristo, ao passo que os padres sacrílegos têm a audácia de renovar com freqüência esta injúria<sup>498</sup>. Notai além disto, como ensinam os doutores, que o sacerdote sacrílego ao celebrar comete quatro pecados mortais: 1.<sup>o</sup> consagra em estado de pecado; 2.<sup>o</sup> comunga em estado de pecado; 3.<sup>o</sup> administra o Sacramento em estado de pecado; 4.<sup>o</sup> ministrando-o a si próprio, administra-o a um indigno, isto que se encontra em estado de pecado<sup>499</sup>.

Era o que inflamava em zelo S. Jerônimo e o fazia estuar de indignação contra o diácono Sabiniano. Miserável, exclamava! Como não se cobriram de trevas os vossos olhos, como não se vos gelou a língua na boca, como vos atrevestes a assistir no altar em estado de pecado?<sup>500</sup> Dizia S. João Crisóstomo que o padre, que se aproxima do altar com a consciência manchada de falta grave, é muito pior que o demônio<sup>501</sup>. Com efeito, os demônios tremem na presença de Jesus Cristo, como o prova uma passagem que lemos na vida de Santa Teresa. Indo ela um dia comungar, percebeu aos dois lados do padre, que celebrava em pecado, dois demônios, que tremiam à vista do Santíssimo, e pareciam querer fugir. Então, do meio da hóstia consagrada, Jesus dirigiu à Santa estas palavras: “Vê que força têm as palavras da consagração, e vê também, ó Teresa, até onde vai a minha bondade, que, para teu bem e de todos, consinto em me pôr nas mãos do meu inimigo”<sup>502</sup>.

Assim os demônios tremem à vista de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento, ao passo que o padre sacrílego, não só não treme, mas tem a audácia de calcar aos pés, segundo a expressão de S. João Crisóstomo, a própria pessoa do Filho de Deus<sup>503</sup>. Verificam-se então as palavras do Apóstolo: *Quanto mais digno de castigo deveis crer aquele que calca aos pés o Filho de Deus, e trata como uma coisa impura o sangue da aliança, pelo qual foi santificado?*<sup>503</sup>. Em presença pois deste Deus, a cuja vista, diz Jó, *tremem as colunas do céu*<sup>504</sup>, um verme da terra ousa calcar aos pés o sangue do Filho de Deus!

Mas, ai! Que maior desgraça pode acontecer a um padre, do que mudar a sua salvação em condenação, o sacrifício em sacrilégio, e a sua vida em morte? Sem dúvida foram muito ímpios os judeus, que atravessaram o lado de Jesus Cristo, para dele fazerem sair o seu precioso sangue; mas ainda mais ímpio é o padre, que tira do cálice este mesmo sangue, para o tratar dum modo tão indigno! Tal é o pensamento de Pedro de Blois: = *Quam perditus ergo est, qui redemptionem in perditionem, qui sacrificium in sacrilegium, qui vitam convertit in mortem! Verbum beati Hieronymi est: “Perfidus Judaeus, perfidus Christianus, ille de latere, iste de calice sanguinem Christi fundit!” (Epist. 123)*. O próprio Senhor dizia um dia a Santa Brígida, lamentando-se destes padres sacrílegos: Eles me crucificam mais cruelmente do que o fizeram os judeus<sup>505</sup>. O padre que celebra em estado de pecado, diz um autor, chega por assim dizer a matar o próprio Filho de Deus, sob os olhos de seu Pai<sup>506</sup>.

Ó, que horrível traição! Eis como Jesus Cristo se lamenta do padre sa-

crílego, pela boca de Davi: *Se o meu inimigo me tivesse execrado, tê-lo-ia sofrido; mas tu, meu amigo íntimo, e um dos chefes do meu povo, tu que partilhavas das delícias da minha mesa...*<sup>507</sup> Tal é, feição por feição, o padre que diz a missa em pecado mortal: Se o meu inimigo me tivesse ultrajado, diz o Senhor, eu o teria sofrido com menor pena; mas tu, a quem escolhi para meu ministro, para seres o príncipe do meu povo; tu, venderes-me ao demônio por um capricho, por um prazer brutal, por um pouco de lodo!

Foi o que o divino Mestre declarou mais particularmente a Sta. Brígida: Padres tais não são sacerdotes meus, são antes traidores, porque me vendem como Judas<sup>508</sup>. Aos olhos de S. Bernardino de Sena, são estes sacerdotes ainda piores que Judas: com efeito Judas entregou o Salvador aos judeus, mas eles entregam-no aos demônios, lançando-o num lugar submetido ao seu poder, no seio dum padre sacrílego<sup>509</sup>. Pedro Comestor faz esta reflexão: Quando o padre sacrílego sobe ao altar, recita a oração *Aufer a nobis*, e beija o altar, parece que Jesus Cristo lhe censura o seu crime e lhe diz: Ó Judas! É com um ósculo que me entregas?<sup>510</sup> E, quando depois esse padre estende a mão para comungar, observa S. Gregório, parece-me ouvir o Redentor a dizer como outrora a respeito de Judas: Eis comigo sobre o altar a mão que me entrega!<sup>511</sup> Foi o que fez dizer a Sto. Isidoro de Pelusa que “o padre sacrílego se encontra, como Judas, possesso do demônio”<sup>512</sup>.

Ó, como então o sangue de Jesus Cristo, assim profanado, grita contra este padre indigno, ainda em mais altas vozes que o sangue do inocente Abel contra Caim! Foi o que o Salvador disse a Sta. Brígida<sup>513</sup>. Ó, que horror causa a Deus e aos anjos uma missa celebrada em pecado mortal! Fê-lo o Senhor compreender um dia, em 1688, à sua fiel serva, a irmã Maria-Crucificada, de Palma, na Sicília, conforme se lê na sua vida.

Ouviu primeiro o retinir lúgubre duma trombeta, que com o estampido do trovão fazia ouvir, em todo o mundo estas palavras: *Ultio, poena, dolor!* Viu depois uma multidão de eclesiásticos sacrílegos, cujas vozes confusas formavam uma salmódia discordante. A seguir, um dentre eles se ergueu para dizer missa. Enquanto ele se revestia dos ornamentos sagrados, a igreja se cobriu de trevas e luto. Aproxima-se do altar e diz: *Introibo ad altare Dei;* neste instante, de novo retine a trombeta e repete: *Ultio, poena, dolor!* De repente — sinal visível da justa cólera do Senhor contra o ministro indigno, — turbilhões de chamas se elevam e cintilam em volta do altar. Ao mesmo tempo a religiosa distingue uma legião de anjos, armados de espadas ameaçadoras, como para tirarem vingança do sacrilégio que se vai cometer.

Quando o monstro se prepara, para o grande ato da consagração, uma multidão de serpentes saltam do meio das chamas, para o expulsarem do altar, — símbolo dos temores e remorsos da consciência. É em vão, o sacrílego sacrifica todos os remorsos à sua própria reputação. Pronuncia enfim as palavras da consagração; então a serva de Deus observa um tremor universal, que parece abalar o céu, a terra e o inferno.

Depois da consagração a cena muda: Jesus Cristo aparece como um doce cordeiro, que se deixa maltratar entre as garras desse lobo cruel. No

momento da comunhão, o céu obscurece-se, e todo se abala de novo, a ponto de parecer que a igreja desaba. Os anjos choram amargamente em redor do altar; mas ainda mais amargas são as lágrimas, que inundam o rosto da Mãe de Deus; geme ela sobre a morte de seu Filho inocente, e sobre a perda dum filho culpado.

Depois duma visão tão terrível, permaneceu a serva de Deus de tal modo aterrada e abatida pela dor, que não pôde fazer outra coisa senão chorar. O autor da sua *Vida* nota que foi precisamente no mesmo ano de 1688 que se deu o grande terremoto, que tantos estragos fez na cidade de Nápoles e seus contornos, donde se pode concluir que tal castigo foi efeito da celebração desta missa sacrílega.

Haverá no mundo crime mais horrível do que o dessa língua, que faz descer do Céu à terra o Filho de Deus, e ousa depois carregá-lo de ultrajes no mesmo instante em que o chama? Que coisa mais espantosa que ver essas mãos, que se banham no sangue de Jesus Cristo, mancharem-se ao mesmo tempo no sangue impuro do pecado, segundo a expressão de Sto. Agostinho!<sup>514</sup> Pelo menos, exclama S. Bernardo, dirigindo-se ao padre sacrílego, pelo menos, ó miserável, quando quiseses levar as tuas culpas até o extremo, procura outra língua diferente da que se banha com o sangue de Jesus Cristo, e outras mãos que não sejam as que tocam a sua carne sagrada<sup>515</sup>.

Se tais padres, — dispostos a comportar-se como inimigos de Deus, que os elevou a tão altas funções, — se abstivessem ao menos de sacrificar indignamente no altar! Mas não, diz S. Boaventura, para não perderem o salário miserável duma missa, uma vil moeda, ousam cometer um crime tão horrível<sup>516</sup>. Como assim! Para falar segundo a linguagem de Jeremias, pensais então que a carne de Jesus Cristo, que ides oferecer, vos há de livrar das vossas iniquidades?<sup>517</sup> Não; o contato desse corpo adorável, sobre o qual vos atreveis a estender uma mão conspurcada pelo pecado, servira para vos tornar mais culpado ainda e digno de maior castigo. Quando se comete um crime, diz S. Pedro Crisólogo, na presença do próprio juiz, nenhuma desculpa se pode invocar<sup>518</sup>.

Que castigo não merece sobretudo um padre que, em vez de levar consigo ao altar o fogo do amor divino, intromete lá as chamas infectas de afeições impuras! É do que nos adverte S. Pedro Damiano, ao considerar o castigo dos filhos de Aarão<sup>519</sup> que no sacrifício se serviram dum fogo estranho<sup>520</sup>. Quem tiver uma tal audácia, ajunta ele, infalivelmente será consumido pelo fogo da vingança divina<sup>521</sup>. Que Deus nos guarde pois, diz ele ainda, de irmos adorar no altar o ídolo da impureza, e colocar o Filho da Virgem no templo de Vênus, isto é, num coração impudico<sup>522</sup>. Se aquele homem do Evangelho, continua o mesmo Santo, por se ter apresentado no festim sem a veste nupcial, foi condenado às trevas eternas, — que castigo bem mais terrível está reservado para quem, admitido à sagrada mesa, não só não se encontra preparado com o vestido conveniente, mas até exala o cheiro infecto da impudícia?<sup>523</sup>

Desgraçado, exclama S. Bernardo, o que se afasta de Deus, mas muito mais desgraçado o padre, que se aproxima do altar com a consciência manchada<sup>524</sup>. Falando um dia o Senhor a Sta. Brígida a respeito de um padre sacrílego, disse-lhe que entrava na alma dele como Esposo, com desejo de o santificar, mas pouco depois se via obrigado a sair como Juiz, para castigar a injúria que lhe fazia este ministro indigno, recebendo-o em estado de pecado mortal<sup>525</sup>.

Mas, se o horror do ultraje, ou para melhor dizer, dos numerosos ultrajes que faz a Deus uma missa sacrílega, não pode impedir esses padres culpados de celebrarem em estado de pecado mortal, deveriam eles ao menos tremer com o pensamento do grande castigo, que lhes está preparado. Segundo S. Tomás de Vilanova, não há castigo bastante rigoroso para punir um tal crime como ele merece: = *Vae sacrilegis manibus, vae immundis pectoribus impiorum Sacerdotum! Omne supplicium minus est fragitio quo Christus contemnitur in hoc sacrificio*<sup>526</sup>. O Senhor disse a Sta. Brígida que tais padres são amaldiçoados por todas as criaturas no Céu e na terra<sup>527</sup>.

Como noutra parte dissemos, o padre é um vaso consagrado a Deus; portanto, assim como Baltasar foi punido por ter profanado os vasos do Templo, do mesmo modo, diz Pedro de Blois, será punido o sacerdote, que celebra indignamente. Já uma mão misteriosa se prepara para traçar estas palavras terríveis: Máne, Thécel, Farés. *Numeratum, Appensum, Divisum*<sup>528</sup>. *Numeratum*, quer dizer, um só sacrilégio basta para suspender a torrente das graças divinas; *Appensum*, é bastante para fazer pender a balança da justiça divina, e decidir a ruína eterna do padre culpado; *Divisum*, Deus, irritado por um crime tão atroz, o repelirá e afastará para sempre.

É assim que se há de cumprir a palavra de Davi: *Torne-se em ruína sua a mesa posta diante deles*<sup>529</sup>. Sim, o altar há de tornar-se para este desgraçado o lugar do seu suplício; ali será carregado com as cadeias que hão de retê-lo para sempre escravo do demônio, fazendo-o perseverar no mal; porque, segundo S. Lourenço Justiniano, todos os que comungam em pecado mortal permanecem mais obstinados na sua malícia<sup>530</sup>. Isto está de acordo com o que o Apóstolo declarou: *O que come e bebe indignamente, come e bebe a sua própria condenação*<sup>531</sup>. O padre do Senhor, exclama sobre este ponto S. Pedro Damiano, vós, que deveis oferecer em sacrifício ao Padre eterno o seu próprio Filho, não vades primeiro dar-vos como vítima ao demônio!<sup>532</sup>

### O pecado de escândalo

Nos tempos antigos, inventou o demônio deuses fantásticos, entregues a todos os vícios, e empenhou todos os meios para os fazer adorar, a fim de que os homens, perdendo até o horror aos crimes de que as divindades lhes davam exemplo, cressem que lhes era permitido pecar à vontade. Assim confessa o pagão Sêneca, nestes termos: “Por estas invenções, chegou-se a destruir nos homens a vergonha de pecar”<sup>533</sup>. Não será fomentar os vícios e

atribuí-los aos deuses, e desculpar-se do mal como o exemplo da divindade?<sup>534</sup> Imersos em tal cegueira, os desgraçados pagãos, como se vê no mesmo filósofo, diziam:

*“O que os deuses fizeram sem vergonha, hão de corar os homens de o fazer?”*<sup>535</sup>

Ora, o que o demônio conseguiu dos pagãos, por meio dessas falsas divindades, que lhes propunha por modelos, hoje o consegue dos cristãos por meio de padres prevaricadores, cujos escândalos persuadem aos pobres seculares, que lhes é permitido, que lhes é permitido, ou pelo menos que não é grande mal para eles, fazerem o que vêem fazer aos seus pastores; é o que nota S. Gregório<sup>536</sup>. Colocou Deus os padres na terra para servirem de modelos aos outros, do mesmo modo que o nosso Salvador foi enviado por seu Pai para ser o exemplar de todos: *Conforme o meu Pai me enviou, assim eu vos envio a vós*<sup>537</sup>. Por isso S. Jerônimo escrevia a um bispo — que evitasse tudo quanto fosse capaz de induzir a pecado os que quisessem imitá-lo<sup>538</sup>.

Não consiste o pecado de escândalo só em aconselhar diretamente o mal aos outros, mas em levar o próximo a pecar, dum modo indireto, pelo exemplo da própria conduta. “Uma palavra ou ação, mais ou menos repreensível, e que é para o próximo ocasião de ruína espiritual”<sup>539</sup>, dá escândalo. É assim que se define geralmente o escândalo, segundo Santo Tomás.

E, para se conhecer quanto é grande a malícia do escândalo, basta recordar o que dele diz S. Paulo: que o que ofende o seu irmão, fazendo-o cair em pecado, ofende o próprio Jesus Cristo<sup>540</sup>. S. Bernardo dá esta razão: que o escandaloso faz perder a Jesus Cristo as almas, resgatadas a preço do seu sangue; e acrescenta que o Salvador sofre uma perseguição mais cruel da parte dos escandalosos, do que da parte dos algozes que o crucificaram<sup>541</sup>.

Mas se o escândalo é tão abominável mesmo nos seculares, quanto mais o não será no padre, que Deus estabeleceu na terra para salvar as almas e conduzi-las para o céu! O padre é chamado o sal da terra<sup>542</sup>. É próprio do sal conservar as coisas: assim o padre é destinado a manter as almas na graça de Deus. Em que se tornarão os outros homens, pergunta Sto. Agostinho, se os padres não produzirem sobre eles o efeito do sal? Então, prossegue ele, esse sal só será bom para ser lançado fora da Igreja e calcado aos pés, por todos os transeuntes<sup>543</sup>. E, se o sal em vez de conservar não fizesse senão corromper, quero dizer, se o padre, em vez de salvar as almas, só trabalha em as perder, que castigo não chama sobre si! Também o padre é luz do mundo<sup>544</sup>. Donde S. João Crisóstomo conclui que o padre deve ter uma vida tão radiante de virtudes, que possa alumiar os outros e servir-lhes de modelo<sup>545</sup>. Mas se esta luz se muda em trevas, em que se tornará o mundo? Só servirá para precipitar na ruína o mesmo mundo, como diz S. Gregório<sup>546</sup>. No mesmo sentido escreveu este grande papa aos bispos de França, exortando-os a castigar os padres escandalosos<sup>547</sup>. É a palavra do profeta Oséias: *Tal padre tal povo*<sup>548</sup>. E pela boca de Jeremias se exprime o

Senhor assim: *Hei de encher de favores a alma dos meus sacerdotes, e o meu povo será enriquecido dos meus benefícios*<sup>549</sup>. Por isso mesmo dizia S. Carlos Borromeu que, se os padres forem ricos e fecundos em virtudes, também ricos serão os povos; mas, se os sacerdotes forem pobres, bem miseráveis serão os povos<sup>550</sup>.

Conta Tomás de Cantimpré que um eclesiástico que pregara em Paris, em presença do clero, fôra encarregado pelo demônio de saudar os príncipes da Igreja, e dar-lhe os agradecimentos, da parte dos príncipes do inferno, pelas muitas almas que deixavam perder<sup>551</sup>. É precisamente do que o Senhor se lamenta pela boca de Jeremias: *O meu povo não é mais que um rebanho perdido; os pastores seduziram as suas ovelhas: = Grex perditus factus est populus meus; pastores eorum seduxerunt eos* (Jer. 50, 6). É inevitável, diz S. Gregório: quando o pastor caminha para o precipício, as ovelhas vão com ele<sup>552</sup>. O mau exemplo dos padres, diz também S. Bernardo, necessariamente arrasta o povo à depravação<sup>553</sup>. Se um leigo, acrescenta ele, se transvia do reto caminho, perder-se-á ele só; mas, se um padre se desgarrar, causará a perdição duma multidão de almas, sobretudo das que lhe estiverem sujeitas<sup>554</sup>.

Mandou o Senhor, no Levítico, que se imolasse um novilho pelo pecado dum só sacerdote, como pelos pecados de todo o povo; donde Inocêncio III deduz que o pecado do padre pesa tanto como os pecados de todo o povo, e a razão que dá é que o padre, pecando, arrasta ao pecado todo o povo<sup>555</sup>. Foi o que o próprio Deus declarou no Levítico: *Se o sacerdote que recebeu a unção santa vier a pecar, fazendo pecar o povo*<sup>556</sup>... Assim Sto. Agostinho dizia, dirigindo-se aos padres: Não fecheis o Céu aos fiéis; de fato lho fechais, desde que lhes deis o exemplo duma má vida<sup>557</sup>. Um dia dizia o Senhor a Sta. Brígida, que os pecadores, à vista dos maus exemplos dos padres, se animavam a praticar o mal, e chegavam até a gloriar-se dos vícios, que antes os faziam corar. Assim, o Senhor ajunta que os padres maus serão carregados de maldições, muito mais terríveis que os outros homens, porque a sua má vida, é a ruína deles e também a dos outros<sup>558</sup>.

À vista duma árvore cujas folhas se mostram amarelentas e murchas, diz o autor da *Obra imperfeita*, logo se compreende que ela sofre nas raízes; do mesmo modo quando se vê um povo corrompido, pode-se concluir, sem receio de proferir um juízo temerário, que é entre os seus sacerdotes que reina o mal<sup>559</sup>. Com efeito, ajunta ele, a vida dos padres é a raiz que comunica a seiva das virtudes aos fiéis, que são como os ramos a respeito da árvore. No mesmo sentido, diz Sto. Ambrósio, que os padres são a cabeça, donde os espíritos vitais se difundem em todos os membros, que são os seculares<sup>560</sup>. E lê-se em Isaías: *Toda a cabeça está esvaecida... Da planta dos pés ao alto da cabeça nada há nela de são*<sup>561</sup>. Palavras que Sto. Isidoro aplica assim ao nosso assunto: A cabeça enfraquecida é o doutor que se entrega ao pecado; o seu mal comunica-se ao corpo<sup>562</sup>. Do mesmo modo lamenta S. Leão esta desordem e diz que não pode haver saúde no corpo quando não a há na cabeça<sup>563</sup>.

Santo Ambrósio, servindo-se doutra figura, pergunta: Quem procurará uma fonte de água cristalina no meio de um lamaçal? Por outras palavras, olharia eu como idôneo para me dar conselhos quem não soubesse aconselhar-se a si próprio?<sup>564</sup> Diz Plutarco<sup>565</sup> que a corrupção dos príncipes é como um veneno lançado, não numa taça, mas numa fonte, onde todos venham colher e beber água que os há de envenenar. O que tem aplicação ainda mais aos padres; por isso Eugênio III disse que os pecados dos inferiores se devem atribuir de preferência aos maus superiores<sup>566</sup>.

Aos sacerdotes chama S. Gregório — *Patres christianorum*<sup>567</sup>. É o título que lhes dá também S. João Crisóstomo, que afirma que o padre, na sua qualidade de vigário de Deus, é obrigado a tomar cuidado de todos os homens, visto que é pai do mundo inteiro<sup>568</sup>. Assim como um pai se torna duplamente culpado, quando dá mau exemplo a seus filhos, também o padre de algum modo comete dois pecados, quando escandaliza os simples fiéis. Que fará o leigo, pergunta Pedro de Blois, senão o que vir fazer ao seu pai espiritual?<sup>569</sup> É precisamente o que S. Jerônimo escrevia a um bispo: Os outros acreditarão que devem fazer quanto virem que vós fazeis<sup>570</sup>. E, conforme nota S. Cesário, ao seguirem os maus exemplos dos eclesiásticos, os leigos desculpam-se dizendo: Não fazem a mesma coisa os eclesiásticos mais graduados?<sup>571</sup> Santo Agostinho põe a mesma linguagem na língua dum homem do mundo: O que é que me mandais? Nem os padres fazem isso, e vós quereis que eu o faça?<sup>572</sup> Quando os padres, diz S. Gregório, em vez do bom exemplo, dão escândalo, fazem de algum modo que o pecado deixe de ser aborrecido e inspire horror<sup>573</sup>.

Tais sacerdotes pois são ao mesmo tempo pais e parricidas, visto que são a causa da morte de seus filhos. Disto se lamentava S. Gregório: “Vêde donde partem os dardos, que semeiam a morte nas fileiras do povo; — qual a causa de tantos males senão os nossos pecados? Sim, damos a morte ao povo, nós que devíamos ser os seus guias nos caminhos da vida<sup>574</sup>”.

Dirão talvez alguns na sua cegueira: Que me importam os pecados dos outros? — Digam lá o que quiserem, mas escutem o que escreveu S. Jerônimo<sup>575</sup>: “Se disserdes: ‘Basta-me a minha consciência; não me importo com o que disserem’, escutai o que vos responde o Apóstolo: *Devemos aplicar-vos a praticar o bem, não só diante de Deus, mas também diante dos homens*<sup>576</sup>”. Nota S. Bernardo que os padres escandalosos dão a morte aos outros, dando-a a si próprios<sup>577</sup>. E noutra parte acrescenta que não há peste mais funesta aos povos, que a ignorância e a corrupção unidas nos padres<sup>578</sup>. Ajunta ainda noutra lugar que muitos padres são católicos na sua pregação, mas hereges nos seus costumes; porque fazem muito maior mal com os seus maus exemplos, que os hereges, ensinando o erro: têm as obras mais força que as palavras<sup>579</sup>. Segundo Sêneca, para cair no vício, como para chegar à virtude, é longo o caminho do ensino, ao passo que o do exemplo é curto e eficaz<sup>580</sup>. O que fez dizer a Sto. Agostinho, falando especialmente da castidade dos sacerdotes: A todos é indispensável a castidade, mas especialmente aos ministros do altar de Jesus Cristo, porque a sua vida deve ser

uma pregação contínua para os outros<sup>581</sup>. Como pregar a castidade, quando se é escravo da impudicícia? Tal é a reflexão de S. Pedro Damiano<sup>582</sup>. O estado em que se acha constituído, o hábito que veste, tudo nele diz S. Jerônimo, reclama e exige a santidade<sup>583</sup>. Que escândalo não será pois na Igreja, segundo nota S. Gregório, ver aquele que é honrado, com um nome e caráter sagrados, dar o exemplo do vício!<sup>584</sup> E que desordem ainda mais horrível, acrescenta Sto. Isodoro de Pelusa, ver um sacerdote servir-se da sua dignidade como de uma arma para ofender a Deus!<sup>585</sup> Segundo a palavra de Ezequiel, um tal padre torna abominável a nobreza do seu estado<sup>586</sup>. Diz S. Bernardo que os padres que não dão bom exemplo são a fábula de todo o mundo<sup>587</sup>. É já uma grande desordem que os padres vivam à maneira das pessoas do mundo, observa o autor da *Obra imperfeita*, mas o que será se a sua conduta for pior que a dos mundanos?<sup>588</sup>

E que exemplo pode o povo receber de vós, pergunta Sto. Ambrósio, se em vós nota certas ações que o fazem envergonhar, devendo olhar-vos como santos?<sup>589</sup>

Lê-se no profeta Oséias: *Ouvi isto, ó sacerdotes... visto que se trata de culpa vossa, porque vos tornastes como um laço e uma rede estendida para caçar aves*<sup>590</sup>. Para atrair as aves aos seus laços, serve-se o caçador do chamariz doutras aves, que retém presas no lugar em que preparou as armadilhas. O mesmo faz o demônio: serve-se dos escandalosos para atrair os outros aos seus laços. Desde que uma alma se deixa cair, diz Sto. Efrém, serve-se dela para seduzir outras<sup>591</sup>. É dos escandalosos que se queixa o Senhor pela boca de Jeremias, quando diz: *Há no meu povo ímpios que, à semelhança do passareiro, armam emboscadas e estendem laços traiçoeiros para caçarem os homens*<sup>592</sup>. Mas os que os demônios buscam com mais empenho e escolhem de preferência, para chamariz nesta caça, são os padres escandalosos, diz S. Cesário<sup>593</sup>, o qual explica como é que os demônios se servem deles: Fazem como os passareiros que, tendo tomado algumas pombas, as tornam cegas e surdas, para que as outras pombas se aproximem delas e caiam nas armadilhas.

Afirma um autor que antigamente, quando um simples clérigo ia a passar na rua, todos se levantavam, e cada um se recomendava às suas orações. Vê-se o mesmo nos nossos dias? Ai! Devemos exclamar<sup>594</sup> Jeremias: *Como se obscureceu o ouro, como se embaciou o seu brilho, como se dispersaram as pedras do santuário pelos ângulos de todas as praças?* Eis como S. Gregório<sup>595</sup> explica toda esta passagem: Está o ouro obscurecido, porque os padres desonram a sua vida com ações baixas: está empanado o vivo resplendor do ouro, porque o mais santo dos estados se tornou desprezível, por obras abjectas; dispersaram-se as pedras do santuário pelos ângulos de todas as praças, porque os que deviam passar uma vida toda interior e de oração, só se ocupam de coisas exteriores. Quase não há negócios seculares que não sejam administrados pelos padres.

Lê-se nos Cânticos: *Combateram contra mim os filhos de minha mãe*<sup>596</sup>. Orígenes aplica estas palavras aos padres que, por seus escândalos se ar-

mam contra a Igreja, sua mãe. Diz S. Jerônimo que a vida criminosa dos padres produz a devastação na Igreja<sup>597</sup>. E a propósito da lamentação de Ezequias — *Eis que no seio da paz a minha amargura é amaríssima*<sup>598</sup> — S. Bernardo põe na boca da Igreja estas palavras: Tenho a paz do lado dos pagãos, tenho a paz do lado dos hereges, mas em verdade não a tenho da parte dos meus filhos<sup>599</sup>. Não sou hoje perseguida pelos pagãos, não há tiranos; não sou perseguida<sup>600</sup> pelos hereges, não há heresias novas; mas sou perseguida pelos meus próprios filhos, pelos sacerdotes, cuja vida desordenada me rouba um grande número de almas! Não, diz S. Gregório, ninguém prejudica tanto a causa de Deus como os padres que, estabelecidos para encaminharem os outros, são os primeiros a dar-lhes maus exemplos<sup>601</sup>.

Pelos seus maus exemplos, fazem os maus sacerdotes que os povos desprezem o ministério deles, isto é, os sermões, as missas, e todos os ministérios da religião. Por isso o Apóstolo lhes dirige este aviso: *Não demos a ninguém ocasião de escândalo, para que não se torne desprezível o nosso ministério; mostremo-nos ao contrário verdadeiros servos de Deus*<sup>602</sup>. Se a lei de Jesus Cristo é desprezada, diz Salviano, a causa disso somos nós, os padres<sup>603</sup>. S. Bernardino de Sena ajunta que muitos cristãos, à vista dos maus exemplos dos eclesiásticos, chegam a vacilar na fé, e acabam por se abandonar aos vícios, desprezando os sacramentos, o inferno e o Paraíso<sup>604</sup>.

Segundo o autor da *Obra imperfeita*, quando os infiéis viam os desregramentos dos sacerdotes, diziam que o Deus dos cristãos ou não existia, ou era um deus mau; porque, acrescentavam, se fosse bom, como poderia suportar tais desordens nos seus ministros?<sup>605</sup> Na Instrução sobre a missa, mais de espaço nos havemos de referir ao caso de um herege que estava disposto a converter-se: tendo porém visto em Roma um padre a dizer missa com pouco respeito, desistiu de abjurar os seus erros, dizendo que nem o próprio papa tinha fé; de contrário, teria mandado queimar vivos tais padres, desde que os conhecesse.

Dizia S. Jerônimo que, procurando saber pela história quais os homens que têm difundido na Igreja o veneno das heresias e pervertido os povos, não encontrava outros senão os padres<sup>606</sup>. Pedro de Blois diz por sua vez: É pela negligência dos padres que as heresias se têm multiplicado... Por causa dos nossos pecados, é que a Igreja tem sido calcada aos pés e caído no desprezo<sup>607</sup>. E, no sentir de S. Bernardo, mais mal nos fazem os padres escandalosos, que os próprios hereges; porque, afirma ele, está no nosso poder guardarmo-nos dos heréticos, — mas como será possível guardarmo-nos dos padres, cuja assistência a cada instante nos é necessária? Eis as suas palavras: Uma peste mortal invade hoje todo o corpo da Igreja; e o mal é tanto mais assombroso quanto se mostra geral; é tanto mais funesto quanto procede do interior. Se o inimigo fosse um herege declarado, poderia lançar-se fora; se o inimigo se apresentasse com as armas na mão, poderia a Igreja furtar-se aos seus golpes; mas como lançá-lo fora? Como escapar aos seus golpes? Todos são a um tempo amigos e adversários dela<sup>608</sup>.

Ó, que terrível castigo está reservado para os padres escandalosos! Se é ameaçado de grande desgraça todo o homem por quem vem o escândalo<sup>609</sup>, que desgraça ainda mais terrível há de estalar sobre aquele que Deus escolheu para ser ministro seu!<sup>610</sup> De preferência a tantos outros, o encarregou Deus de lhe granjear frutos, salvando-lhe almas, e ele, por seus maus exemplos, arrebatou almas ao seu divino Mestre! Diz S. Gregório que tais sacerdotes merecem sofrer tantas mortes, quantos os maus exemplos que dão<sup>611</sup>. Falando dos padres em especial, disse o Senhor a Sta. Brígida: Serão duplamente malditos os que por sua conta se perdem a si próprios e consigo perdem os outros<sup>612</sup>. São os sacerdotes encarregados da vinha; o Senhor porém expulsa da sua vinha os maus jornaleiros e a confia a outros, que saibam produzir bons frutos<sup>613</sup>.

Ai! Que será dos padres escandalosos no dia do juízo? *Hei de aparecer-lhes como a urso a que arrebataram os filhos*<sup>614</sup>. Com que furor se não precipita a urso contra o caçador que vai para lhe arrebatá-lo e matá-lo os filhos! É assim, diz o Senhor, que eu me lançarei contra os sacerdotes que, em vez de me salvarem as almas, as fazem perder. E, se nesse dia terrível cada um há de ter dificuldade em responder por si, pergunta Sto. Agostinho, que será dos padres que hão de dar conta de tantas almas que fizeram perder?<sup>615</sup> O autor da *Obra imperfeita* acrescenta: Quando os padres vivem em pecado, todo o povo se afunda nos vícios; também, ao passo que os outros só prestarão conta dos próprios pecados de todos<sup>616</sup>. Ó, quantos seculares, quantos pobres camponeses e mulheres humildes, serão no Vale de Josaphat um motivo de confusão para os padres! Acrescenta ainda o autor da *Obra imperfeita*: No dia do juízo hão de ver se leigos revestidos da túnica da glória destinada aos padres; e alguns padres, por seus pecados, despojados da dignidade sacerdotal e repelidos para o meio dos infiéis e hipócritas<sup>617</sup>.

Guardemo-nos pois, ó sacerdotes, ó irmãos meus, de causar por nossos maus exemplos a perda das almas, nós a quem Deus colocou na terra para as salvar. Em ordem à consecução deste fim, evitemos com zelo não só as ações, más em si mesmas, mas até as que tenham aparência de mal, conforme a palavra do Apóstolo: *Ab omni specie mala abstinete vos* (1. Thess. 5, 22). Por esta razão ordenou o concílio de Agda: *Ut ancillae a mansione, in qua clericus manet, removeantur* (Conc. Agth. c. 11). Ter na própria casa criadas novas, — ainda mesmo que, por impossível, não fossem ocasião de pecado, — seria pelo menos uma aparência de mal, que podia ser motivo de escândalo para os outros.

Assim o Apóstolo nos adverte que devemos abster-nos até de certas coisas permitidas, *com receio de escandalizar os fracos*<sup>618</sup>. Devemos abster-nos igualmente, com muito cuidado, de repetir certas máximas do mundo, tais como estas: É preciso que não nos deixemos calcar aos pés; é necessário gozar da vida; felizes os ricos; Deus é cheio de misericórdia e compadece-se das nossas fraquezas (falando-se de pecadores, que persistem nas suas desordens). Que escândalo não seria também aplaudir quem pratica o mal, por exemplo: um homem que se vingá, ou que mantém relações perigo-

sas! Louvar os que fazem o mal, diz S. Crisóstomo, é muito pior que praticá-lo!<sup>619</sup> Finalmente, quanto ao passado, quem teve a desgraça de dar algum escândalo, ou qualquer ocasião de pecado, deve saber que está obrigado a repará-lo publicamente por seus bons exemplos.

## Zelo a que é obrigado o padre

Cumpra notar que, num retiro eclesiástico, de todos os discursos a fazer, o mais importante, e de que se pode esperar mais fruto, é o que versa sobre o zelo; porque, se de entre os ouvintes, — como se deve esperar da graça do Senhor, — algum sacerdote vier a tomar a resolução de trabalhar, com ardor na salvação do próximo, ter-se há ganhado, não apenas uma alma, mas cem, mil almas, que se salvarão por meio desse padre.

Vamos falar neste capítulo:

- 1.º Da obrigação, que têm todos os padres de trabalhar na salvação das almas;
- 2.º Do prazer que dá a Deus o padre, que trabalha na salvação das almas;
- 3.º Da salvação eterna e da grande recompensa que pode esperar de Deus o padre, que trabalha na salvação das almas;
- 4.º Do fim, meios e obras do padre zeloso.

I

### Da obrigação que incumbe aos padres de trabalhar na salvação das almas

Lê-se na *Obra imperfeita*: Muitos padres e poucos padres: muitos no nome, poucos nas obras<sup>620</sup>. Está o mundo cheio de padres, mas poucos dentre eles trabalham por ser verdadeiros padres, isto é, por satisfazer a grande obrigação que o sacerdócio impõe, à obrigação de salvar almas.

É uma alta dignidade a dos padres, visto que são cooperadores do próprio Deus<sup>621</sup>. Que há de mais nobre, diz o Apóstolo, que trabalhar com Jesus Cristo na salvação das almas, que ele resgatou com o seu sangue? É por isso que S. Dionísio Areopagita chamava à dignidade sacerdotal a mais divina de todas as dignidades<sup>622</sup>. De fato, como diz Sto. Agostinho, maior poder se exige para justificar um pecador, que para criar o Céu e a terra<sup>623</sup>.

S. Jerônimo chamava aos padres os salvadores do mundo<sup>624</sup>, e S. Próspero dava-lhes o título de intendentess da casa real de Deus<sup>625</sup>. E primeiro Jeremias os tinha designado com o nome de pescadores e caçadores do

Altíssimo: *Hei de enviar muitos pescadores, diz o Senhor, e eles os pescarão; e depois, hei de enviar-lhes caçadores, e eles os procurarão, para os retirem de todos os montes, e de todas as colinas e das cavernas*<sup>626</sup>. É precisamente aos padres que Sto. Ambrósio<sup>627</sup> aplica esta passagem. Os bons sacerdotes reconduzem a Deus os pecadores mais perversos e libertam-nos de todos os seus vícios: *Monte*, da montanha do orgulho; *colle*, da colina da pusilanimidade; e *cavernis*, dos maus hábitos, que trazem consigo as trevas para o espírito e o endurecimento para o coração.

Falando de Deus, diz Pedro de Blois: Na obra da criação, não teve Deus nenhum auxiliar, mas no mistério da redenção quis ter cooperadores<sup>628</sup>. Ao rei, diz S. João Crisóstomo, foram confiadas as coisas da terra, mas a mim, a mim sacerdote, as coisas do Céu<sup>629</sup>. Ainda que a bem-aventurada Virgem é superior aos apóstolos, diz Inocêncio III, nem por isso lhe confiou Deus as chaves do reino dos Céus, mas sim àqueles<sup>630</sup>.

O padre é chamado por S. Pedro Damiano — guia do povo de Deus<sup>631</sup>; por S. Bernardo guarda da Igreja, que é a Esposa de Jesus Cristo<sup>632</sup>; e por S. Clemente um Deus terreno<sup>633</sup>. É na verdade por meio dos padres que se formam os santos na terra. Afirma S. Flaviano que a esperança e a salvação dos homens estão nas mãos dos sacerdotes<sup>634</sup>. E S. João Crisóstomo diz: Os nossos pais geraram-nos para a vida presente, os padres para a eterna<sup>635</sup>. Sem os padres, diz Sto. Inácio Mártir, não haveria santos na terra<sup>636</sup>. Muito antes tinha dito Judite que dos padres está dependente a salvação dos povos<sup>637</sup>. Ensinam os padres aos seculares a prática das virtudes, e é delas que depende a salvação deles. Isto fez dizer a S. Clemente: Honrai os padres que vos guiam pelo caminho da santidade<sup>638</sup>.

Bem alta pois é a dignidade do padre, mas à mesma altura está também a obrigação que lhe incumbe de trabalhar na salvação das almas. Ouçamos o que diz o Apóstolo: *Todo o Pontífice escolhido dentre os homens, é estabelecido a favor dos homens no que respeita ao culto divino, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados*. Depois ajunta: *É necessário que o padre saiba condescender-se dos que estão na ignorância e se acham extraviados*<sup>639</sup>. O padre pois recebeu de Deus uma dupla missão: a de o honrar pelos sacrifícios, e a de salvar as almas, instruindo os ignorantes e convertendo os pecadores.

Há uma diferença completa entre os seculares e os eclesiásticos: aqueles aplicam-se às coisas terrenas e só cuidam de si próprios; estes formam o povo eleito, encarregado de adquirir tesouros<sup>640</sup>, mas que tesouros? O ofício de clérigo, responde Sto. Ambrósio, é ganhar, não dinheiro, mas almas<sup>641</sup>. O mesmo nome de padre, em latim *sacerdos*, exprime a natureza das suas funções: segundo Sto. Antonino, que faz derivar esta palavra de<sup>642</sup> *sacra docens*<sup>643</sup>, e segundo Sto. Tomás que a explica por *sacra dans*<sup>644</sup>. Honório de Autum pensa que *presbyter* vem de *praebens iter*, — o que mostra ao povo o caminho por onde se chega do exílio à patria<sup>645</sup>. Está isto de acordo com o sentir de Sto. Ambrósio, que chama aos padres os guias e dirigentes do rebanho de Jesus Cristo<sup>646</sup>. Donde o santo tira esta conclusão: Que a vida corresponda ao nome, que o nome não seja uma palavra vã; o que não pode-

ria dar-se sem um crime enorme<sup>647</sup>. Se pois os nomes de *Sacerdos* e de *Presbyter* significam que o padre deve servir de sustentáculo às almas, guiá-las no caminho da salvação, e conduzi-las ao Céu, necessário é, segundo a reflexão de Sto. Ambrósio, que o nome seja justificado pelas obras, para não ser um título vão; não aconteça que a honra das funções sacerdotais se torne um crime, ou uma ignomínia, como diz S. Jerônimo<sup>648</sup>.

Se quereis cumprir os deveres do sacerdócio, continua ainda S. Jerônimo, procedei de modo a salvardes a vossa alma, salvando os outros<sup>649</sup>. Preservar as almas da corrupção do mundo e conduzi-las para Deus, tal é, segundo Sto. Anselmo, a função própria do padre<sup>650</sup>. E segundo o abade Filipe da Boa Esperança, o Senhor separou os padres do resto dos homens, para que eles trabalhem, não só na sua própria salvação, mas ainda na dos outros<sup>651</sup>. Nasce o zelo do amor, como diz Sto. Agostinho<sup>652</sup>; assim como a caridade nos obriga a amar a Deus e ao próximo, também o zelo nos obriga primeiro a procurar a glória de Deus, e impedir que se ultraje o seu nome; depois a promover o bem do próximo e preservá-lo do mal.

Não digais: Sou um simples padre, sem cura de almas, basta que cuide de mim. Não; todo o padre é obrigado a trabalhar na salvação das almas, segundo as suas forças e a necessidade em que elas se encontrarem. Assim, quando as almas por falta de confessores se encontram em grande necessidade espiritual, até o simples padre está obrigado a confessar, como demonstramos na nossa Teologia moral (*l. 6. n. 625*). Se não tem a ciência precisa, para exercer esta função do seu ministério, está obrigado a adquiri-la. É o sentir do Pe. Pavone, da Companhia de Jesus, e que não é destituído de razão. Com efeito, assim como o Padre eterno enviou Jesus Cristo à terra para salvar o mundo, assim também Jesus Cristo destinou os padres, para converterem os pecadores: *Assim como meu Pai me enviou, assim eu vos envio*<sup>653</sup>. Razão esta por que o Concílio de Trento exige, dos que aspiram ao sacerdócio, que sejam julgados idôneos para a administração dos sacramentos<sup>654</sup>. Estabeleceu Deus a Ordem sacerdotal neste mundo, diz o Doutor angélico, para que haja cá homens encarregados de santificar os outros, pela administração dos sacramentos<sup>655</sup>. E é especialmente para a administração do sacramento da Penitência que os padres estão colocados na terra, porque a seguir às palavras que acabamos de citar, — *Eu vos envio como meu Pai me enviou*, — S. João ajunta imediatamente<sup>656</sup>: *Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo; aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados*. Mas, se o perdoar os pecados é um dos principais deveres do padre, segue-se que é uma das suas principais obrigações aplicar-se a cumpri-lo, ao menos quando a necessidade o exigir; de contrário, merecerá a censura de ter faltado ao aviso que S. Paulo dirigia aos seus irmãos no sacerdócio: *Nós vos exortamos a não receberdes em vão a graça de Deus*<sup>657</sup>.

São os padres destinados por Deus a serem o sal da terra, e assim preservarem as almas da corrupção dos pecados, conforme a reflexão do venerável Beda<sup>658</sup>. Mas, se o sal já não tem a propriedade do sal, para que

serve ele, no dizer do Evangelho, senão para ser lançado fora da casa do Senhor e calcado aos pés de todos os transeuntes?<sup>659</sup>

O padre, diz S. João Crisóstomo, é como que o pai do mundo inteiro; deve pois tomar cuidado de todas as almas, que pelo seu ministério puder ajudar a salvar, correspondendo assim às vistas de Deus, de quem faz as vezes<sup>660</sup>. Além disto, os padres são os médicos encarregados por Deus da cura das enfermidades de todas as almas. Assim os chama Orígenes: *Medicos animarum*; do mesmo modo São Jerônimo: *Medicos spirituales*. E S. Boaventura ajunta: Se o médico abandona os doentes, quem tomará cuidado deles?<sup>661</sup>.

Demais, são os padres chamados muros da Igreja. Santo Ambrósio diz: *Habet et Ecclesia muros suos (In 118, s. 22)*; e o autor da *Obra imperfeita: Muri illius sunt sacerdotes* (Hom. 10). Por Jeremias são também chamados as pedras que sustentam a Igreja de Deus<sup>662</sup>; e por Sto. Euquério as colunas que sustentam o mundo e o impedem de desabar<sup>663</sup>. Finalmente S. Bernardo os chama casa do próprio Deus. Dizemos pois com o autor da *Obra imperfeita* que se não cair senão parte do edifício, será fácil repará-lo<sup>664</sup>; mas se as paredes da casa, se os alicerces, se as colunas que a sustentam vierem a cair, que reparação será ainda possível?

Também na *Obra imperfeita* os padres são chamados da vinha do Senhor<sup>665</sup>. Mas, ó Céu! exclama em gemidos S. Bernardo, os vinhateiros não se poupam nem a suores nem a fadigas, trabalham dia e noite na cultura das suas vinhas; pela sua parte porém que fazem os padres, a quem o Senhor encarregou o cultivo da sua vinha?<sup>666</sup> Adormecem ociosos e consomem as suas forças no meio dos prazeres terrenos!

É grande a seara, mas são poucos os obreiros<sup>667</sup>. É certo que nem os bispos nem os pastores seriam bastantes para as necessidades dos povos; se Deus não tivesse mandado outros sacerdotes em socorro das almas, não estaria a sua Igreja bem provida.

Diz Sto. Tomás (2. 2. q. 184. a. 6) que os doze apóstolos, encarregados por Jesus Cristo da conversão do mundo, figuravam os bispos, e que os setenta e dois discípulos representavam todos os padres. Estes estão estabelecidos para trabalharem na salvação das almas, — fruto que o Redentor espera do ministério deles: *Eu vos estabeleci para que vades pelo mundo e façais fruto*<sup>668</sup>. Tal a razão por que Sto. Agostinho chama aos padres administradores dos interesses de Deus<sup>669</sup>. Receberam eles a missão de extirpar os vícios e as máximas perniciosas do meio dos povos, fazendo florescer em seu lugar as virtudes e as máximas eternas. No dia em que Deus eleva algum ordinando ao sacerdócio, impõe-lhe a mesma obrigação que outrora a Jeremias: *Eis que hoje te estabeleci sobre as nações e os reinos, para que arranques, e destruas, e dissipas, e edifiques e plantes*<sup>670</sup>.

Não sei como se poderá desculpar um padre que vê as necessidades instantes das almas, onde habita; que pode socorrê-las, quer ensinando-lhes as verdades da fé, quer pregando-lhes a palavra de Deus, ou ainda ouvindo-as de confissão, e que o não faz por preguiça. Não sei, repito, como no dia do

juízo um tal padre poderá escapar à reprovação e castigo com que o Senhor, no Evangelho, ameaça o servo negligente, que escondeu o talento. Tinha-lhe o senhor confiado o talento para que negociasse com ele, mas o servo deixou-o estéril, e, quando lhe pediu conta dos lucros a feridos, respondeu: *Escondi o vosso talento na terra; ei-lo, entrego-vos o que vos pertence*<sup>671</sup>. Ora, é precisamente o que seu senhor lhe censura: Como assim, lhe diz, dei-te um talento para negociares; está aqui o talento, mas onde está o lucro? — Mandou então que lhe tirasse o talento, e deu-o a outro; depois fez lançar nas trevas exteriores esse servo inútil: *Tirai-lhe o talento, dai-o ao que tem dez... e quanto ao servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores*<sup>672</sup>. Por trevas exteriores, entende-se o fogo do inferno, que é privado de luz, isto é, que está fora do Céu, como explicam os intérpretes.

Santo Ambrósio<sup>673</sup> e outros, como Calmet, Cornélio e Tirin, aplicam esta passagem do Evangelho aos que podem trabalhar na salvação das almas, e por uma negligência culpável, ou vão temor de pecar, deixam de o fazer. Que prestem atenção a esta passagem, diz Cornélio A-Lápide, os que por moleza ou temor de pecar, nem para a sua salvação nem para a do próximo, fazem uso dos talentos, ciência e outros dons que receberam de Deus; de tudo lhes há de pedir contas Jesus Cristo no dia do juízo<sup>674</sup>. E S. Gregório: Notem os padres ociosos, quem não quiser empregar o seu talento será privado dele e além disso condenado<sup>675</sup>. E Pedro de Blois: O que faz servir à utilidade de outrem o dom que recebera de Deus, merece que lhe seja acrescentado o que já tem; mas o que enterra o talento do Senhor, ver-se-á despojado do que parecia ter<sup>676</sup>. S. João Crisóstomo afirma não se poder persuadir de que um padre, que nada faz pela salvação do seu próximo, possa salvar-se<sup>677</sup>. Pois, aludindo, à parábola do talento, ajunta que a negligência dum tal padre, em usar do talento que lhe foi confiado, será o seu crime e a causa da sua condenação. Pouco lhe aproveitará, diz o santo, não ter perdido o talento que recebêra; o servo foi condenado precisamente por não ter aumentado e duplicado o seu. Em resposta aos que dizem — *basta que salve a minha alma* — escreveu Sto. Agostinho: Que dizeis vós? Esqueceis o que aconteceu ao servo que tinha escondido o seu talento?<sup>678</sup>

Segundo S. Próspero, ao padre não lhe basta para se salvar que viva santamente, porque se perderá com os que se perderem por sua culpa; e de que lhe servirá, ajunta ainda, não ser castigado pelas suas faltas pessoais, se o é pelos pecados dos outros?<sup>679</sup> Lemos nos Cânones apostólicos: O padre que não tomar cuidado, nem do clero nem do povo, será separado dos seus irmãos e, se continuar na sua negligência, será deposto<sup>680</sup>. Como se atrevem a pretender a honra do sacerdócio, pergunta S. Leão, se não querem trabalhar pelas almas?<sup>681</sup>

Um decreto do Concílio de Colônia estatuiu que quem se introduzir no sacerdócio, sem a intenção de exercer as funções de vigário de Jesus Cristo, isto é, de trabalhar na salvação das almas, é um lobo e um bandido, segundo a expressão do Evangelho, e deve esperar um castigo tão terrível como certo<sup>682</sup>.

Santo Isidoro não hesita em declarar culpados de falta grave dos padres, que descuram ensinar os ignorantes ou converter os pecadores<sup>683</sup>. E S. João Crisóstomo exprime o mesmo pensamento: Estão condenados muitos, não por seus próprios pecados, mas por pecados alheios, que não impediram<sup>684</sup>. Falando dos simples padres, diz o Doutor angélico que aquele que, por negligência ou ignorância, não presta às almas os socorros do seu ministério, torna-se responsável diante de Deus pelas que podia salvar, e por sua falta não salvou<sup>685</sup>. É ainda o sentir de S. João Crisóstomo: Se o padre se contenta com salvar a sua alma, negligenciando as dos outros, será precipitado no inferno com os ímpios<sup>686</sup>.

Um sacerdote que tinha passado uma vida piedosa e retirada, encontrando-se em Roma prestes a morrer, interrogado a respeito dos seus terrores, respondeu: “Tremo, porque não tenho trabalhado em salvar almas”. Tinha razão para temer, porque o Senhor estabeleceu os sacerdotes para salvar as almas e libertá-las dos vícios. Se o padre não desempenhar a sua missão, terá de dar contas a Deus de todas as almas que se perderem por sua culpa: *Quando digo ao ímpio: Tu morrerás, se pela tua parte o não advertires e não instares para que se converta e viva, morrerá o ímpio por causa da sua iniquidade, mas Eu te pedirei contas do seu sangue*<sup>687</sup>. Assim, diz S. Gregório, ao falar dos padres preguiçosos, que eles serão responsáveis diante de Deus por todas as almas que podiam socorrer, e de cuja perda se tornaram causa por sua negligência<sup>688</sup>.

Jesus Cristo resgatou as almas à custa do seu sangue<sup>689</sup>. Depois, como Redentor, confiou-as à guarda dos padres. Desgraçado de mim, exclamava S. Bernardo, vendo-se padre, se negligenciar a guarda deste depósito, isto é, as almas que o Salvador julgou mais preciosas que o seu sangue!<sup>690</sup> Os simples fiéis só têm de prestar contas dos seus próprios pecados, diz o autor da *Obra imperfeita*, mas o padre há de responder pelos pecados de todos<sup>691</sup>. É o que o Apóstolo nos declara nesta passagem: *Vigiam eles sobre vós, como quem há de dar contas a Deus das vossas almas*<sup>692</sup>. Deste modo, ajunta S. João Crisóstomo, são imputados ao padre os pecados dos outros, a que ele por negligência não deu remédio<sup>693</sup>. Daí a reflexão de Sto. Agostinho: Se no dia do juízo cada um há de ter dificuldade em responder por si, — que será dos padres, a quem se pedirá contas das almas de todos os fiéis?<sup>694</sup> E S. Bernardo, ao considerar os que se fazem padres, não para salvarem almas, mas para terem uma vida mais cômoda, exclama com dor: Ai! Melhor seria para eles cavar a terra ou mendigar, do que serem revestidos do sacerdócio; porque no dia de juízo se levantarão contra eles as lamentações de todas as almas que a sua preguiça fez condenar<sup>695</sup>.

## II

### Quanto agrada a Deus o padre que trabalha na salvação das almas

Para se conhecer quanto Deus deseja a salvação das almas, basta considerar o que ele fez na obra da redenção dos homens. Esse desejo bem o patenteou Jesus Cristo, quando disse: *Tenho de ser batizado com um batismo de sangue, e quanto estou ansioso de que ele se consuma*<sup>696</sup>. Sentia-se como desfalecer, em razão do desejo que tinha de levar a cabo a obra da redenção, para ver os homens salvos. Donde com razão conclui S. João Crisóstomo que nada há mais caro aos olhos de Deus, que a salvação das almas<sup>697</sup>. E antes dele tinha dito S. Justino: Nada agrada tanto a Deus como os esforços que se fazem para tornar os homens melhores<sup>698</sup>. Um dia que o Pe. Bernardo Colnado se dava a grandes trabalhos pela conversão dos pecadores, o próprio Senhor lhe dirigiu estas palavras: Trabalha na salvação dos pecadores, porque nada me é mais agradável<sup>699</sup>. Trabalhar na salvação das almas é uma obra tanto do agrado de Deus, acrescenta S. Clemente de Alexandria, que parece não ter ele outro pensamento senão o de ver todos os homens salvos<sup>700</sup>. Por isso S. Lourenço Justiniano dá este aviso ao padre: Se desejas honrar a Deus, o mais seguro meio que para isso tens é trabalhar na salvação dos homens<sup>701</sup>.

Aos olhos de Deus, diz S. Bernardo, mais vale uma alma que o universo inteiro<sup>702</sup>. Também, segundo S. João Crisóstomo, quem converte uma só alma torna-se mais agradável ao Senhor, que quem reparte todos os seus bens em esmolas<sup>703</sup>. E Tertuliano afirma que o regresso dum só ovelhinha desgarrada é tão caro a Deus como a salvação de todo o rebanho<sup>704</sup>. Neste sentido dizia o Apóstolo: *Ele me amou e se entregou por mim*<sup>705</sup>. Queria assim significar que Jesus Cristo teria morrido por uma só alma, como morreu por todos os homens, conforme a interpretação de S. João Crisóstomo<sup>706</sup>. Foi o que o nosso Redentor nos deu bem a entender na parábola da dracma perdida, sobre a qual diz o Doutor angélico: Tendo encontrado a dracma, reuniu todos os anjos e convidou-os a regozijarem-se, não com o homem, mas com ele próprio, como se o homem fosse o Deus de Deus, como se a salvação do próprio Deus dependesse de tornar a encontrar o homem perdido, e não pudesse ser feliz sem ele<sup>707</sup>.

Conforme o testemunho de muitos autores, o bispo S. Carpo teve uma visão, em que parecia representar-se-lhe, que um pecador escandaloso tinha arrastado ao crime um inocente. Levado do seu zelo, ia o Santo a precipitá-lo num abismo, à beira do qual esse criminoso se achava, quando apareceu Jesus Cristo e o segurou com a sua mão, dizendo a S. Carpo estas palavras: *Percute me, quia iterum pro peccatoribus mori paratus sum*. Era como se tivesse dito: Parai lá; sou antes eu que quero sofrer, porque já uma vez dei a minha vida por esse pecador, e estou pronto a dá-la de novo para evitar a perda dele.

O espírito eclesiástico, segundo Luís Habert, consiste essencialmente num grande zelo de aumentar a glória de Deus e salvar o maior número de almas<sup>708</sup>. A Moisés (*Exod. 28*) mandou o Senhor que fizesse trazer aos sacerdotes uma vestimenta toda premiada de figuras circulares, em forma de olhos, para significar, segundo um autor, que o sacerdote deve ser todo olhos

para vigiar pela salvação dos povos. Segundo Sto. Agostinho, o zelo pela salvação das almas, assim como o desejo de ver Deus amado de todos os homens, nasce do amor; quem pois não ama está perdido<sup>709</sup>. Quem cuida da sua alma torna-se agradável a Deus; mas muito mais quem atende também à alma do seu próximo, diz S. Bernardo<sup>710</sup>.

Nada prova melhor ao Senhor o amor e fidelidade duma alma, diz S. João Crisóstomo, que um zelo ardente pelo bem do próximo. Até três vezes perguntou o Salvador a S. Pedro se o amava<sup>711</sup>, e assegurado do seu amor, não lhe exigiu outra garantia senão o tomar cuidado das almas<sup>712</sup>. Eis a reflexão de S. João Crisóstomo: Podia dizer-lhe: “Se me amas, deixa o teu dinheiro, entrega-te ao jejum, castiga o teu corpo com trabalhos”; mas não, diz-lhe apenas: *Apascenta as minhas ovelhas*<sup>713</sup>. Sobre a palavra *meas*, nota Sto. Agostinho que o Salvador quis dizer: Apascenta-as como minhas e não como tuas, pondo nisso a minha glória e não a tua, o meu proveito e não o teu<sup>714</sup>. Por isso o santo Doutor nos ensina que quem quer agradar a Deus, trabalhando na salvação das almas, não deve ter em vista nem a sua própria glória, nem as suas vantagens pessoais, mas somente o acréscimo da glória de Deus.

Santa Teresa dizia que, ao ler a vida dos santos mártires e dos santos missionários, tinha mais inveja aos últimos que aos primeiros, por causa da glória imensa que alcançavam para Deus os que trabalhavam na conversão dos pecadores<sup>715</sup>. Santa Catarina de Sena beijava a terra tocada pelos pés dos sacerdotes, que consagravam os seus trabalhos ao bem das almas. Estava esta santa abrasada dum zelo tão ardente pela salvação dos pecadores, que desejava ser colocada à porta do inferno, para de futuro impedir que lá caíssem mais almas. E nós que somos padres, que dizemos? Que fazemos? Vemos tantas almas que se perdem, e permaneceremos espectadores ociosos?

Dizia S. Paulo que, para obter a salvação de seus irmãos, teria consentido até em ser separado de Jesus Cristo, — por algum tempo — conforme a explicação dos intérpretes<sup>716</sup>. S. João Crisóstomo desejava ser olhado com execração, contanto que as almas confiadas aos seus cuidados se convertessem<sup>717</sup>.

S. Boaventura protesta que aceitaria tantas mortes quantos os pecadores que há no mundo, para salvar a todos<sup>718</sup>. Quando S. Francisco de Sales se encontrava no meio dos hereges em Chablais, não hesitou, durante o inverno, em atravessar um riacho, agarrando-se e escorregando por uma trave gelada, a servir de pontilhão. Afrontou as maiores fadigas e perigos para ir levar ao povo a palavra do Evangelho. S. Caetano encontrava-se em Nápoles, durante a revolução terrível de 1547; ao ver que tantas pobres almas se perdiam, por ocasião destas perturbações, sentiu-se tão profundamente magoado que morreu de dor. Por sua parte, Sto. Inácio de Loiola dizia: “Ainda que tivesse a certeza de que, morrendo agora, me salvara, queria antes ficar na terra, incerto da minha salvação, para continuar a socorrer as almas”.

Eis o zelo de que estão animados pelo bem das almas todos os padres que amam a Deus; e contudo muitos há que, sob o menor pretexto, para não se exporem a um pequeno incômodo, descurem tão graves obrigações! Até entre os que têm cargo de almas se encontram alguns réus desta indiferença! Dizia S. Carlos Borromeu que um pároco, dado às comodidades, e que toma todas as precauções possíveis a respeito da saúde, nunca poderá cumprir os seus deveres. Acrescentava ainda, que um pastor não se deve meter na cama, senão depois de três acessos de febre.

Se amais a Deus, dizia Sto. Agostinho<sup>719</sup>, levai o mundo inteiro a amar a Deus. Quem ama verdadeiramente a Deus, faz todos os esforços para levar os outros a amá-lo; insta-os e diz a todos com Davi: *Glorificai comigo ao Senhor, e de comum acordo exaltemos o seu nome*<sup>720</sup>. O sacerdote que ama a Deus vai por toda a parte, exortando a todos e repetindo sem cessar na cadeira, no confessionário, nas praças públicas e nas casas: Irmãos meus, amemos a Deus; glorifiquemos o seu santo nome pelas nossas palavras e pela nossa vida.

### III

#### **Como um padre, trabalhando na salvação das almas, assegura a sua própria salvação, e como será recompensado no Céu**

Não pode morrer mal um sacerdote que gastou a sua vida a trabalhar na salvação das almas. “Se empregaste a tua vida, diz o Profeta, a socorrer uma alma nas suas necessidades, se a consolaste nas suas aflições, o Senhor, no meio das trevas da tua morte temporal, te encherá de luz e te livrará da morte eterna”<sup>721</sup>. Era o que dizia Sto. Agostinho: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*. E antes dele tinha dito o apóstolo S. Tiago: *Quem houver convertido um pecador extraviado, salvará a sua alma e cobrirá a multidão dos seus pecados*<sup>722</sup>.

Um padre da Cia. de Jesus, José Scamaca, tinha consagrado a sua vida a trabalhos relativos à conversão dos pecadores; à hora da morte, mostrou-se tão alegre e seguro da sua salvação, que alguns olharam como demasiada a sua confiança e disseram-lhe que, em tal situação, devia a confiança andar acompanhada do temor. “Como, respondeu ele! é porventura a Maomé que eu tenho servido? Terei razão para temer, depois de haver servido um Deus tão bom e tão fiel?” Como acima referimos, Sto. Inácio de Loiola declarou um dia que, para socorrer as almas, de bom grado permaneceria na terra incerto da sua própria salvação, embora morrendo primeiro tivesse a certeza de se salvar. Houve quem lhe dissesse: “Não é prudente arriscar a salvação própria pela dos outros”. — “Ora essa! respondeu o Santo, seria Deus um tirano? Tendo-me visto expor a minha salvação para lhe ganhar almas, quereria depois mandar-me para o inferno?”

Tinha Jonatas salvado os Hebreus das mãos dos Filisteus, vencendo-os

com o máximo risco da própria vida. Foi condenado à morte por seu pai Saul, em razão de ter, contra a sua proibição, comido um pouco de mel. O povo porém começou a clamar a Saul: Como pode ser isso! Quereis tirar a vida a Jonatas que nos salvou da morte?<sup>723</sup> Foi assim que obteve o seu perdão. Eis o que pode esperar com fundada razão o padre que, pelos seus trabalhos, chegou a salvar algumas almas. Ao tempo da sua morte, elas se apresentam a Jesus Cristo e lhe dirão: Senhor, quereis acaso precipitar no inferno, quem de lá nos livrou? E se Saul perdoou a Jonatas, a pedido do seu povo, por certo não recusará Deus o perdão a esse padre, por quem pedem almas benditas. Os padres que trabalham na salvação das almas ouvirão, no momento da morte, o próprio Senhor a anunciar-lhe o repouso eterno<sup>724</sup>. Ó que consolação! Que motivo de confiança, no leito mortuário, pensar que se ganhou alguma alma para Jesus Cristo! É doce o repouso depois da fadiga<sup>725</sup>. Assim, para o sacerdote que trabalhou por Deus é mui doce a morte.

Quanto mais um pecador tiver contribuído para libertar as almas da escravidão do pecado, diz S. Gregório, tanto mais facilmente conseguirá o perdão dos seus próprios pecados<sup>726</sup>. Ter a felicidade de trabalhar na conversão dos pecadores, é um sinal claro de que se está predestinado e escrito no Livro da vida, como o Apóstolo o manifesta, quando fala dos que com ele cooperavam na conversão dos povos, dizendo: *Também te rogo, meu irmão amantíssimo, que venhas em auxílio dos que têm trabalhado comigo no Evangelho, com Clemente e com os restantes cooperadores meus, cujos nomes estão inscritos no Livro da Vida*<sup>727</sup>. Notem-se estas últimas palavras.

Quanto às magníficas recompensas, reservadas aos obreiros evangélicos, escutemos o que diz Daniel: *Brilharão como estrelas, por eternidades infindas, os que instruem a muitos na justiça*<sup>728</sup>.

Vemos agora as estrelas a brilhar no firmamento; assim na mansão dos bem-aventurados não de resplandecer, com uma glória ainda mais deslumbrante, os que trabalharam em reconduzir almas para Deus. Se se merece uma grande recompensa quando se livra um homem da morte temporal, diz S. Gregório, quanto maior quando se livra uma alma da morte eterna, e se lhe alcança uma vida sem fim!<sup>729</sup> Foi o que o nosso Salvador declarou expressamente: *Quem houver ensinado e praticado, será chamado grande no reino dos céus*<sup>730</sup>. Quando um mau padre vem a condenar-se, depois de ter pervertido uma multidão de almas com os seus escândalos, — que tremendo castigo tem a sofrer no inferno! Ao contrário, Deus, que é mais liberal nas suas recompensas, do que severo nos seus castigos, — como não retribuirá magnificamente no Paraíso um padre que, pelos seus trabalhos lhe tiver ganhado um grande número de alma?

S. Paulo apoiava toda a esperança da sua coroa eterna, na salvação das almas, que tinha convertido para o Senhor, e estava persuadido de que elas lhe haviam de obter uma grande recompensa do Céu: *Qual é pois a nossa esperança, a nossa alegria, a nossa glória? Não sois vós que haveis de ser tudo isso diante de N. Sr. Jesus Cristo no dia da sua vinda*?<sup>731</sup> Assegura S. Gregório que um pregoeiro do Evangelho há de alcançar tantas coroas

quantas as almas que tiver ganhado para Deus<sup>732</sup>. Lemos nos Cânticos: *Vem do Líbano, ó esposa minha, vem do Líbano, vem; hão de contribuir para a tua coroa... os covis dos leões, os montes dos leopardos*<sup>733</sup>. Tal é a promessa magnífica que o Senhor faz, a quem se dedica à conversão dos pecadores: almas que outrora eram como bestas ferozes e monstros infernais, converteram-se e tornaram-se agradáveis a Deus. Um dia hão de ser elas no Céu outras tantas pérolas preciosas, destinadas a ornar a coroa do padre, que as encaminhou para a virtude.

Um padre que se condena, não se condena só; e um padre que se salva, com certeza se não salva só. Quando S. Filipe de Néri morreu e subiu ao Céu, enviou o Senhor ao encontro da sua todas as almas que se tinham salvado pelo seu ministério. O mesmo se conta dum outro grande servo de Deus, — o irmão Querubim de Spoleto: viram-no entrar na glória, acompanhado de muitos milhares de almas, que aos seus trabalhos deviam a salvação. Conta-se também do venerável Pe. Luís La Nuza, que fôra visto no Céu, assentado num trono elevado, cujos degraus estavam ocupados pelas almas que havia convertido.

Para cultivarem os seus campos, semeá-los e ceifá-los, sofrem os pobres lavradores duros trabalhos; mas todas as suas penas são depois amplamente compensadas pela alegria da colheita: *Lá iam eles e choravam ao lançarem as sementes; mas voltavam na alegria, trazendo os seus feixes*<sup>734</sup>. Também, para levar as almas para Deus, é necessário sofrer muitas penas e fadigas; mas os obreiros evangélicos hão de ser abundantemente recompensados, pela alegria de apresentarem a Jesus Cristo, no Vale de Josafat, todas as almas salvas pelo seu zelo.

E que não afrouxe nem desista de tão importante missão o padre que, depois de ter trabalhado em reconduzir os pecadores para Deus, não vir os seus esforços coroados de bom êxito. Padre de Jesus Cristo, lhe diz S. Bernardo, para reanimar o seu zelo, não te desanimes; a recompensa que te espera, está garantida; Deus não exige de ti a cura das almas; contenta-se com lhes dispensares os teus cuidados; não é o êxito dos esforços que será coroado, serão antes os próprios esforços a medida da recompensa<sup>735</sup>. É o que S. Boaventura confirma, dizendo que o padre não será menos recompensado com respeito aos que tiverem desprezado ou aproveitado mal os seus trabalhos, do que em relação aos que souberam colher os maiores frutos<sup>736</sup>. O mesmo Santo acrescenta que o lavrador, que cultiva uma terra árida e pedregosa, não é menos digno de recompensa, embora colha dela pouco fruto. Quer dizer com isso que um padre que trabalha, ainda que sem fruto, em reconduzir um pecador obstinado, receberá uma recompensa tanto maior, quanto mais penosos tiverem sido os seus trabalhos.

## IV

### Fim, meios e obras do padre zeloso

#### 1. Fim que se deve propor

Se queremos que Deus recompense os trabalhos que consagramos à salvação das almas, não nos devemos deixar mover nem pelo respeito humano, nem pela nossa própria honra e interesse, mas só pelo amor de Deus e da sua glória. De contrário, o fruto dos nossos labores seria um castigo e não uma recompensa. “Grande seria a nossa loucura, dizia o bem-aventurado José Calasanzio, se trabalhando como trabalhamos, esperássemos dos homens uma recompensa temporal”.

É muito arriscada, diz Sto. Tomás, a missão de salvar as almas<sup>737</sup>. E S. Gregório diz do padre: Quantas pessoas um homem tem a governar, outras tantas, por assim dizer, são as almas de que há de prestar contas ao soberano Juiz<sup>738</sup>. Com auxílio de Deus, pode-se exercer o ministério sem pecar e com merecimento; mas quem não o exerce com o fim de agradar a Deus, será privado do socorro divino, — e então como poderá eximir-se de pecado? Como procederão os que, segundo S. Boaventura, “recebem as santas Ordens, não na intenção de salvarem as almas, mas com os olhos em sórdidos lucros?”<sup>739</sup> Ou, segundo S. Próspero, “não para se tornarem melhores, mas para se enriquecerem; não para se santificarem, mas para serem honrados?”<sup>740</sup> Quando um eclesiástico procura ser provido num benefício, pergunta acaso, quantas almas tem a ganhar para Deus? Não, responde Pedro de Blois; o que pergunta é quanto rende<sup>741</sup>. Conforme a expressão do Apóstolo, muitos padres “procuram os seus interesses e não os de Jesus Cristo”<sup>742</sup>. “Abuso detestável! exclama o venerável João de Avila, fazer servir o Céu à terra!” Observa S. Bernardo que N. Senhor ao recomendar as suas ovelhas a S. Pedro, lhe disse: *Apascenta as minhas ovelhas*, e não: *ordinha* ou *tosquia* as minhas ovelhas<sup>743</sup>. E lê-se na *Obra imperfeita*: Somos obreiros contratados por Jesus Cristo; portanto assim como ninguém chama um operário só para comer, também nós não fomos chamados pelo Salvador somente para cuidarmos dos nossos interesses, mas para a glória de Deus<sup>744</sup>. Onde S. Gregório conclui que os padres não devem comprazer-se em estar à frente dos outros homens, mas sim em lhes fazer bem<sup>745</sup>.

É pois a glória de Deus o único fim que o padre se deve propor, trabalhando no bem das almas.

#### 2. Meios que deve empregar

Quanto aos meios a empregar para ganhar almas para o Senhor, eis o que principalmente se deve observar:

I. Primeiro que tudo, deve aplicar-se o padre à própria santificação; o

meio mais eficaz para converter os outros é a santidade do padre. Diz Sto. Euquério que as forças que a santidade lhe dá são o sustentáculo do mundo<sup>746</sup>. Na sua qualidade de mediador, está o padre encarregado de manter a paz e a união entre Deus e os homens, conforme o sentir de Sto. Tomás<sup>747</sup>. Para que se apresente porém como mediador perante uma pessoa ofendida, é preciso que não lhe seja odioso; de contrário, diz S. Gregório, não fará senão irritá-la mais<sup>748</sup>. O mesmo Santo ajunta: É necessário que se esforce por ser limpa a mão que se aplica a lavar as manchas dos outros<sup>749</sup>. Onde S. Bernardo conclui que um padre, que quer trabalhar com êxito na conversão dos pecadores, deve purificar a sua própria consciência, antes de pensar em purificar as alheias<sup>750</sup>. Dizia S. Filipe de Néri: “Dai-me dez padres, verdadeiramente animados do Espírito de Deus, e eu respondo pela conversão do mundo inteiro”. Que não fez no Oriente S. Francisco Xavier! Diz-se que só ele convertera dez milhões de infiéis. Que não fizeram na Europa S. Patrício e S. Vicente Ferrer! Um padre mediocrementemente instruído, mas bem penetrado do amor de Deus, converterá mais almas ao Senhor, do que cem padres muito sábios, mas pouco fervorosos.

II. Em segundo lugar, para fazer uma vasta colheita de almas, é necessário que o sacerdote se dê muito à oração. Primeiro há de receber de Deus as luzes, e os sentimentos de fervor, para que possa depois comunicá-los aos outros. É pela oração que eles se obtêm: *Pregai em público o que vos digo ao ouvido*<sup>751</sup>. É preciso, diz S. Bernardo, que sejais reservatório antes de serdes canal; hoje, acrescenta ele, temos muitos canais, e poucos reservatórios<sup>752</sup>. Converteram os santos mais almas pelas suas orações que pelos seus trabalhos.

#### 3. Obras do padre zeloso

Eis agora as obras a que se deve consagrar o padre zeloso:

I. Deve ser cuidadoso em advertir os pecadores. Os padres que vêm ofender a Deus, e se calam, são chamados por Isaías de cães mudos<sup>753</sup>. E é a esses cães mudos que serão imputados os pecados que não tiverem impedido, quando podiam impedi-los. Não vos caleis, diz Alcuino, para que não vos sejam imputados os pecados do povo<sup>754</sup>. Não querem certos padres compreender os pecadores, para não se incomodarem, dizem eles; mas S. Gregório adverte-lhes que essa paz que desejam conservar lhes fará desgraçadamente perder a paz com Deus<sup>755</sup>. Caso estranho, exclama S. Bernardo! Se um animal cai, correm muitos a levantá-lo; perde-se uma alma e ninguém a socorre!<sup>756</sup> Apesar de tudo isso, diz S. Gregório, o padre é estabelecido principalmente para apontar o bom caminho a quem se extraviou<sup>757</sup>. E S. Leão ajunta: O padre que não avisa os fiéis a respeito dos seus desmandos mostra que também anda fora do caminho<sup>758</sup>. Nós, sacerdotes do Senhor, diz ainda S. Gregório, damos a morte a todas as almas que vemos perecer, sem corrermos em seu socorro<sup>759</sup>.

II. O padre zeloso deve dar-se à pregação. Foi pela pregação, diz S.

Paulo, que o mundo se converteu à fé de Jesus Cristo<sup>760</sup>. É também pela pregação que a fé e o temor de Deus se conservam entre os fiéis. Os padres que se não sentem capazes de pregar devem ao menos, todas as vezes que possam, nas suas conversações com parentes e amigos, dizer coisas edificantes, quer contando algum exemplo de virtude da vida dos santos, quer lembrando alguma máxima eterna, por exemplo, sobre a vaidade do mundo, importância da salvação, certeza da morte, paz de que se goza no estado de graça etc.

III. Deve o padre assistir aos moribundos; é a obra de caridade mais agradável a Deus, e mais útil à salvação das almas; porque no momento da morte os pobres doentes, por um lado são mais vivamente tentados pelo demônio, e pelo outro menos capazes de lhe resistir por si mesmos. S. Filipe de Néri viu muitas vezes os anjos a sugerir aos padres as palavras, que deviam dirigir aos moribundos. Para os párocos é um dever de justiça, e para todos os sacerdotes um dever de caridade; porque todos o podem cumprir, mesmo os que não têm o talento da pregação. Têm aí ocasião de fazer muito bem, não só aos doentes, mas ainda a todos os parentes e amigos que os rodeiam; porque é o tempo mais próprio para entretenimentos espirituais. Em tal conjuntura, não conviria mesmo que um padre falasse doutra coisa, senão da alma e de Deus. Necessário é contudo desempenhar este dever com muita prudência e modéstia, para não ser ocasião de ruína para si próprio e para os outros; não aconteça que, ajudando os outros a morrer, dê a morte à sua própria alma. — Além disto, o que não se encontra em condições de pregar, deve ao menos cuidar de instruir as crianças e os rústicos, dos quais um grande número nos campos, não podendo freqüentar os templos, ignoram até as principais verdades da fé.

IV. Finalmente, deve o padre persuadir-se de que o meio mais eficaz para salvar as almas é aplicar-se a ouvir confissões. O venerável Pe. Luís Fiorilo, dominicano, dizia que pregar é lançar a rede, ao passo que confessar é puxá-la para a praia e tomar o peixe.

Mas, direis vós, é um ministério muito arriscado. — Sim, por certo, vos responde S. Bernardo, é perigoso exercer as funções de juiz das consciências; mas ainda a maior perigo vos expondes, se, por preguiça ou excessivo temor, negligenciais cumprir este dever, quando a ele vos chama o Senhor. Lamento, acrescenta ele, que estejais à frente dos outros homens, mas lamento ainda que, por temor de exercerdes a autoridade sobre eles, recuseis fazer-lhes bem<sup>761</sup>. Já falamos da obrigação, imposta a todos, de empregarem na salvação das almas o talento que receberam de Deus, e dissemos que, ao receberem a ordenação, se encarregam especialmente de administrar o sacramento da penitência.

Replicareis ainda: Não estou apto para este ministério, porque não tenho estudado. — Mas não sabeis que o padre está obrigado a instruir-se? *Pois<sup>762</sup> que os lábios do sacerdote devem ser os guardas da ciência, é da sua boca que se há de aprender a lei.* Se não quereis estudar para vos tornardes capaz de assistir ao próximo, para que vos ordenastes? Quem vos obrigou,

pergunta o Senhor, a receber as Ordens sacras?<sup>763</sup> Quem vos forçou a serdes padres, insiste S. João Crisóstomo?<sup>764</sup> Antes de receberdes o sacerdócio, ajunta ele, devíeis examinar-vos; ao presente, visto que sois padre, já não é tempo de vos examinardes, é necessário trabalhar; tornai-vos capaz, se o não sois<sup>765</sup>. Alegardes hoje ignorância, continua o santo Doutor, é acusar-vos duma segunda falta para desculpardes a primeira: não pode desculpar-se com a ignorância quem se obrigou por ofício a ensinar os ignorantes. Não poderia com esse pretexto escapar ao suplício que o espera, ainda mesmo que, por sua negligência, apenas tivesse causada a perda duma alma<sup>766</sup>. Há padres que passam o seu tempo a estudar uma infinidade de coisas inúteis, e descutam a aquisição dos conhecimentos necessários para trabalharem com fruto na salvação das almas; proceder assim, diz S. Próspero, é violar as regras da justiça<sup>767</sup>.

Numa palavra, é necessário ter bem presente ao espírito que o padre só deve trabalhar para a glória de Deus e salvação das almas. Por isso o papa S. Silvestre quis que, para os eclesiásticos, os dias da semana não tivessem outro nome senão o de *férias*, isto é, dias vagos: “Dias em que se devem pôr de parte todos os cuidados, para só tratar das coisas de Deus”<sup>768</sup>. Os próprios pagãos diziam que os sacerdotes só se devem ocupar das coisas divinas; razão por que lhes era interdito o exercício de cargos públicos, para que só se consagassem ao culto dos seus deuses. Moisés, a quem Deus tinha encarregado especialmente os interesses da sua glória e a execução da sua lei, dava-se ainda a outros cuidados, mas Jetro advertiu-o e disse-lhe: *Olha que tu estás a esgotar-te com um trabalho inútil... Presta-te ao povo nas coisas que dizem respeito a Deus*<sup>769</sup>. Antes de seres elevado ao sacerdócio, diz Sto. Atanásio, podias fazer o que quisesse, mas agora que estás investido nele, deves aplicar-te a cumprir os deveres do teu ministério<sup>770</sup>. E quais são eles? Um dos principais é trabalhar na salvação das almas, como acima demonstramos. Confirmam-no estas palavras de S. Próspero: Foi confiado aos padres o cuidado das almas, como sua atribuição própria<sup>771</sup>.

## Da vocação ao Sacerdócio

### I

#### Necessidade da vocação divina para receber as ordens sacras

Para entrar em qualquer estado de vida, é necessário ser chamado por Deus, porque, sem vocação, se não é impossível, é pelo menos muito difícil satisfazer às obrigações desse estado e salvar-se.

Mas, se para todos é necessária a vocação, sobretudo é indispensável para abraçar o estado eclesiástico. É a porta única para se entrar na Igreja; quem lá se introduzir doutro modo é um bandido e um ladrão, diz o Senhor<sup>772</sup>. S. Cirilo de Alexandria conclui que o que recebe as Ordens sacras, sem a elas ser chamado por Deus, se torna culpado de roubo, porque arrebatava uma graça que Deus lhe não quer confiar<sup>773</sup>. Também S. Paulo declarou que a vocação divina é necessariamente requerida para se ser elevado ao sacerdócio, e cita o exemplo de Aarão e do próprio Jesus Cristo. *Ninguém por si mesmo assume esta honra, que não se confere senão a quem é chamado por Deus, como Aarão. Foi assim que nem o próprio Jesus Cristo se arrogou a função de Pontífice, que lhe conferiu Aquele que lhe disse: Tu és o meu Filho*<sup>774</sup>.

Ninguém pois, por mais inteligente, sábio e santo que seja, pode entrar no santuário, por iniciativa próprio; é necessário que seja chamado e introduzido lá por Deus. O próprio Jesus Cristo, que foi em verdade o mais santo e sábio dos homens, por isso que é *cheio de graça e de verdade*<sup>775</sup>, e *nele estão encerrados todos os tesouros da sabedoria e da ciência*<sup>776</sup>, o próprio Jesus Cristo, digo, para se revestir da dignidade de sacerdote, quis ser chamado a ela por Deus.

Ainda mesmo quando estavam certos da sua vocação divina, tremiam os santos de assumir o sacerdócio. Santo Agostinho, na sua humildade, olhava como castigo dos seus pecados a violência que o seu bispo empregara para o fazer sacerdote<sup>777</sup>. Santo Efrém, apresentou-se como insensato, para não ser constrangido a receber o sacerdócio, e Sto. Ambrósio fingiu ser cruel. O santo monge Amon, para escapar à ordenação, cortou as orelhas e fez ameaça de cortar também a língua, se persistissem em inquietá-lo a tal respeito. Em resumo, S. Cirilo de Alexandria afirma que todos os santos têm conside-

rado a dignidade sacerdotal como um fardo enorme<sup>778</sup>. Depois disso, pergunta S. Cipriano, poderá encontrar-se alguém tão temerário que se abalance a receber as sagradas Ordens sem a vocação divina?<sup>779</sup>

Quem se introduz no santuário sem vocação ofende a autoridade de Deus, como um vassalo rebelde, que por si mesmo se fizesse ministro contra a vontade do seu soberano. Que temeridade a de um súdito que, sem ordem do rei e até contra a sua vontade, se metesse a administrar os domínios da coroa, a julgar causas, a comandar o exército, numa palavra a exercer as funções de vice-rei! É de S. Bernardo esta reflexão<sup>780</sup>. Segundo S. Próspero não são outras as funções dos padres senão serem dispenseiros na casa de Deus<sup>781</sup>; chefes do rebanho de Jesus Cristo, os chama Sto. Ambrósio<sup>782</sup>; intérpretes da lei divina, os apelida S. Dionísio<sup>783</sup>. No dizer do *autor da Obras imperfeita*, são os vigários de Jesus Cristo<sup>784</sup>. À vista disto, quem teria ainda a audácia de se fazer ministro de Deus, sem a isso ser chamado?

Num reino, diz S. Pedro Crisólogo, só o pensamento de usurpar a autoridade suprema é um crime da parte do súdito<sup>785</sup>. Até na casa dum particular, ninguém se atreveria a entrar lá, para dispor dos seus bens e administrar os seus negócios; porque é ao dono que cabe o direito de escolher e estabelecer os gerentes dos seus negócios. E vós, diz S. Bernardo, sem serdes chamados por Deus, quereis entrar na sua casa, para lançardes mão dos seus interesses e dispordes dos seus bens?<sup>786</sup> Eis a razão por que o Concílio de Trento declarou que a Igreja não olha como seu ministro, mas como ladrão, quem ousa ingerir-se sem vocação nas funções eclesiásticas<sup>787</sup>. Poderá esse padre dar-se a muitas fadigas, mas os seus trabalhos pouco lhe aproveitarão diante de Deus; mais ainda, as obras que para os outros são meritórias, para ele se tornarão demeritórias. Imaginais que um servo recebeu ordem do seu senhor para lhe guardar a casa, e ele por seu arbítrio preferiu ir cavar a vinha; de balde se fatigará e suará, em vez de recompensa, deve antes esperar castigo. Tal é a sorte dos que, sem vocação, invadem o santuário: em primeiro lugar, não aceitará o Senhor os meus trabalhos, porque os empreenderam sem o seu beneplácito. *Não está em vós a minha vontade, diz o Senhor dos exércitos, e não receberei as dádivas das vossas mãos*<sup>788</sup>; e depois, em vez de recompensa, terão castigo: *Todo o estrangeiro que se aproximar (do tabernáculo) será condenado à morte*<sup>789</sup>.

Aquele pois que aspira a Ordens sacras, deve antes de tudo examinar bem, diz S. João Crisóstomo<sup>790</sup>, se é Deus quem o chama a tão alta dignidade. Ora, para se conhecer se a vocação vem de Deus, é necessário examinar os sinais dela. Escutemos a advertência que nos faz o Senhor: Quando se quer edificar uma torre, começa-se por fazer o orçamento, para se ver se não faltam os recursos necessários para levar a obra ao fim<sup>791</sup>.

## II

### Sinais da vocação divina ao sacerdócio

Eis agora quais são os sinais da vocação divina para o sacerdócio.

Não é a nobreza de nascimento. Segundo S. Jerônimo, quando se trata de escolher um chefe que dirija os povos pelo caminho da salvação eterna, não se deve considerar a nobreza do sangue, mas a santidade da vida<sup>792</sup>. S. Gregório emprega a mesma linguagem<sup>793</sup>.

De nenhum modo deve a influência dos pais impelir os filhos para o sacerdócio, com a mira apenas nos interesses e vantagens da própria família, e não com os olhos no bem das suas almas. Esses pensam na vida presente, diz o autor da *Obra imperfeita*, e esquecem a eternidade que se há de seguir<sup>794</sup>. Persuadamo-nos de que, no que respeita à escolha de estado, conforme a palavra de Jesus Cristo, são os próprios pais os inimigos mais temíveis: *Cada um terá por inimigos os da sua casa*. A isto ajunta: *Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim*<sup>795</sup>. Ó! quantos padres se verão condenados no dia do juízo por terem recebido as santas Ordens, para fazerem a vontade a seus pais!

Não se compreende! Se um jovem, movido por uma vocação divina, quer entrar em religião, — que não fazem então os pais, por paixão ou por interesse da família, para o afastarem dum estado a que Deus o chama! Entenda-se bem, um tal procedimento, como ensinam em comum todos os doutores, não pode escusar-se de pecado mortal; leia-se o que escrevemos na nossa Teologia moral (*l. 4. n. 77*). Neste caso, os pais tornam-se duplamente culpados: 1.º, pecam contra a caridade, pelo grande mal que causam àquele a quem Deus chama, pois comete uma falta grave qualquer pessoa, embora estranha, que afasta alguém da vocação religiosa; 2.º, pecam contra o amor paternal, porque os pais que têm a seu cargo a educação de seus filhos, estão obrigados a procurar-lhes a maior vantagem espiritual. Há confesores ignorantes que, — aos seus penitentes que querem abraçar o estado religioso, — insinuam que devem nisso obedecer a seus pais, e renunciar à sua vocação, se eles se opuserem a ela. É seguir a doutrina de Lutero que dizia que os filhos pecam, quando entram em religião sem o consentimento de seus pais. Tal doutrina é contradita por todos os Santos Padres e pelo Concílio 10 de Toledo, onde se decidiu que é permitido aos filhos, passados os catorze anos, fazerem-se religiosos, mesmo contra a vontade de seus pais. (Veja-se o Novo Código de Direito Canônico, cân. 555 e 573).

Sem dúvida, são os filhos obrigados a obedecer a seus pais, em tudo quanto respeita à educação e o governo da casa; mas, quanto à escolha de estado, devem obedecer a Deus, e escolher o estado a que ele os chamar. Quando os pais quiserem fazer-se obedecer também nesse ponto, devem os filhos responder-lhes o mesmo que os apóstolos responderam aos príncipes dos judeus: Vós próprios julgai se é justo, aos olhos de Deus, obedecer antes

a vós do que a Deus<sup>796</sup>.

Ensina expressamente Santo Tomás<sup>797</sup> que na escolha dum estado, não estão os filhos obrigados a obedecer a seus pais e ajunta que, quando se trata da vocação religiosa, os filhos nem mesmo estão obrigados a tomar conselho com os pais, que, ao verem feridos os seus interesses, são antes inimigos do que pais<sup>798</sup>. Como diz S. Bernardo, antes querem ver os filhos condenar-se com eles, do que permitir-lhes que se salvem sem eles<sup>799</sup>. Pelo contrário, se vêem que um filho, fazendo-se padre, pode ser útil à família, — que esforços não fazem então para que se ordene, a torto ou a direito, embora não seja chamado por Deus! E que gritos, que ameaças se o filho, sensível aos remorsos da própria consciência, recusa receber as santas Ordens! Pais bárbaros, e antes homicidas do que pais, vos chamamos com S. Bernardo!<sup>800</sup> Mais uma vez, desgraçados pais e desgraçados filhos! Quantos não havemos de ver no Vale de Josafat que serão condenados por causa da vocação, visto que a salvação de cada um, como acima demonstramos, está dependente da fidelidade em seguir a vocação divina!

Voltemos ao assunto. Não se devem pois olhar, como sinais de vocação ao sacerdócio, nem a nobreza de sangue, nem a vontade dos pais, nem mesmo os talentos e aptidões que possa haver para as funções sacerdotais; porque além dos talentos convenientes, é necessária uma vida boa, unida à vocação divina.

Quais os verdadeiros sinais pelos quais se pode reconhecer que se é chamado por Deus ao estado eclesiástico? Eis os três principais.

#### 1. A reta intenção

O primeiro é uma reta intenção. É necessário entrar no santuário pela porta, que é o próprio Jesus Cristo: *Sou Eu a porta do aprisco... Quem entrar por mim, salvar-se-á*<sup>801</sup>. Não está pois a entrada legítima para o santuário, no desejo de comprazer com os pais, ou de engrandecer a família, nem no interesse ou amor próprio; mas somente na intenção de servir a Deus, trabalhando na sua glória e salvação das almas, como o sábio continuador de Tournely muito bem o diz<sup>802</sup>. Se sois conduzido pela ambição, interesse ou gosto das honras, diz um outro teólogo, não é Deus que vos chama, é o demônio<sup>803</sup>. E quem se apresenta à ordenação com disposições tão indignas, ajunta Sto. Anselmo, receberá a maldição de Deus, e não a sua bênção<sup>804</sup>.

#### 2. A ciência e os talentos

O segundo sinal da vocação é a ciência e capacidade necessária, para desempenhar convenientemente as funções sacerdotais. Devem os padres ser os doutores, que ensinam a lei de Deus aos povos: *Porque os lábios do sacerdote devem ser os guardas da ciência, e da sua boca receberão os outros a lei*<sup>805</sup>. Dizia Sidônio Apolinário que os médicos pouco instruídos muitas vezes matam os doentes, em vez de os curarem<sup>806</sup>. Um padre ignorante,

sobretudo se é confessor, ensinará falsas doutrinas, dará maus conselhos, e assim causará a ruína de muitas almas; porque facilmente se dará crédito às suas palavras, em razão de ser padre. Era o que fazia dizer a Yves de Chartres que a admissão às santas Ordens, além duma boa conduta, exige uma instrução suficiente<sup>807</sup>.

Conhecidas todas as rubricas do Missal, para bem celebrar a santa Missa, todo o padre está ainda obrigado a saber as coisas principais relativas ao sacramento da Penitência. Como noutra parte fica dito, nem todo o padre é obrigado a ser confessor, a não ser que as necessidades instantes, do país em que habita, reclamem o seu ministério; todavia até o simples sacerdote está obrigado a conhecer ao menos o que se deve saber em geral, para ouvir as confissões dos moribundos, isto é: em que casos há faculdade para os absolver; quando e como se deve dar a absolvição ao enfermo, sob condição ou em absoluto; qual a obrigação que se lhe deve impor, se estiver incurso nalguma censura. Deve também o simples sacerdote conhecer ao menos os princípios gerais da moral.

### 3. Bondade positiva de vida

O terceiro sinal de vocação, para o estado eclesiástico, é a bondade positiva de vida.

Primeiro que tudo, deve o ordinando ter uma vida inocente, não manchada de pecados. O Apóstolo exige que aquele que aspira ao sacerdócio seja irrepreensível, conforme o escrevia ao seu discípulo Tito<sup>808</sup>. Nos primeiros séculos da Igreja, quem tivesse cometido um só pecado mortal não podia ser ordenado; prova-o uma decisão do 1.º Concílio de Nicéia<sup>809</sup>. Segundo S. Jerônimo, para ser admitido ao sacerdócio, não bastava estar sem pecado ao tempo da ordenação, era necessário não ter cometido nenhuma falta grave depois do batismo<sup>810</sup>. Verdade é que depois a disciplina a disciplina da Igreja cessou de ser tão rigorosa; mas dos aspirantes a Ordens sacras sempre tem exigido ao menos que, depois das suas quedas graves, tenham conservado a sua consciência bem purificada, durante um período considerável de tempo. É o que vemos numa carta de Alexandre III ao arcebispo de Reims, a propósito dum diácono que tinha ferido outro diácono: o Papa decidiu que, se o culpado estava verdadeiramente arrependido do seu crime, depois de recebida a absolvição e cumprida a penitência, que lhe fosse imposta, poderia ser reintegrado nas funções da sua Ordem, e até, se depois desse exemplo duma vida perfeita, lhe poderia ser conferido o sacerdócio<sup>811</sup>. Se haveis pois contraído algum mau hábito, e ainda não o arrancastes, não vos atreveis a receber nenhuma Ordem sacra. Seria uma falta grave, que causava horror a S. Bernardo: É necessário ao menos, dizia ele, que ponhais em regra a vossa consciência, antes de vos ocupardes da consciência dos outros<sup>812</sup>. Um autor antigo, *Gildas o Sábio*, falando dos que cheios de maus hábitos têm a temeridade de assaltar o sacerdócio, diz que eles mereciam antes ser expostos no pelourinho<sup>813</sup>. Devemos concluir pois com Sto. Isidoro: recusem-se

por completo as Ordens sacras a quem quer que ainda seja escravo de algum mau hábito<sup>814</sup>.

Quando se aspira à honra de subir ao altar, não basta que se esteja isento de pecado, é preciso ter bondade positiva, isto é, caminhar na via da perfeição, possuir já algum hábito de virtude. Na nossa Teologia moral (*l. 6. n. 63 et seq.*) demonstramos suficientemente, pelo sentir comum dos doutores, que quem tem vivido no hábito de algum vício, e quer ser promovido a uma Ordem sacra, deve estar disposto para receber, não só o sacramento da Penitência, mas também o da Ordem; de contrário, não estará disposto nem para um, nem para outro; e cometerá falta grave, tanto o ordinando que receber a absolvição com a intenção de entrar nas Ordens sacras, sem as disposições requeridas, como o confessor que o absolver. A razão é que, a quem deseja receber as ordens, não lhe basta ter saído do estado de pecado; é-lhe necessária, repetimos, a bondade positiva, indispensável para o estado eclesiástico, conforme o texto de Alexandre III, acima citado: *Si perfectae vitae et conversationis fuerit*.

A decisão deste Pontífice prova-nos que a penitência basta para exercer uma Ordem já recebida, mas não para ser promovido a uma Ordem superior; é precisamente o que ensina o Doutor Angélico<sup>815</sup>. Doutrina conforme com a que S. Dionísio tinha já estabelecido: Nas coisas divinas, não deve o primeiro adventício atrever-se a tomar a dianteira aos outros; é necessário para isso ter dado provas duma conduta muito correta e ser muito semelhante a Deus<sup>816</sup>. Santo Tomás dá duas razões: a 1.ª é que o que recebe as santas Ordens deve elevar-se acima dos simples fiéis pela santidade, na mesma proporção em que os excede pela dignidade do seu ministério. “Para desempenhar dignamente as funções das santas Ordens, diz ele, não basta qualquer bondade, é necessária uma bondade excelente, de modo que os ministros sagrados sejam tão superiores ao povo pela sua santidade, como pela Ordem que receberam; ora, para receber as Ordens, requiere-se uma graça que torne o ordinando apto para aparecer com honra no rebanho de Jesus Cristo”<sup>817</sup>.

A 2.ª razão é que na ordenação recebe-se a missão de exercer ao altar as mais altas funções, para as quais se exige maior santidade do que para o estado religioso<sup>818</sup>. Por isso o Apóstolo (Tim. 3, 6) proibiu que se ordenassem os neófitos, isto é, segundo a explicação de Santo Tomás, os que ainda não deram provas de constância na prática das virtudes<sup>819</sup>.

Eis a razão porque o Concílio de Trento, fazendo alusão às palavras da Escritura — *A velhice é uma vida sem mancha*<sup>820</sup> — manda aos bispos que não admitam à ordenação, senão os que se mostrarem digno dela por uma virtude madura<sup>821</sup>. (Veja-se o N. C. de Direito Canônico, cân. 973 e seguintes).

É necessário, diz Sto. Tomás, que esta bondade positiva dos ordinandos seja conhecida<sup>822</sup>. Recomenda S. Gregório esta precaução, sobretudo no que respeita à virtude da castidade<sup>823</sup>. Exige neste ponto uma prova de muitos anos<sup>824</sup>.

À vista disto, medite-se nas contas que hão de dar a Deus muitos páro-

cos que nos seus certificados atestam, que os ordinandos têm freqüentado os sacramentos e são de bons costumes, sabendo que eles nem freqüentam os sacramentos, nem dão bom exemplo, antes causam escândalo! Com atestados tais, passados, não por caridade, como dizem, mas contra a caridade devida a Deus e à Igreja, esses párocos tornam-se responsáveis por todos os pecados que de futuro hão de cometer esses seus paroquianos indignos; porque os Bispos fazem juízo pelos certificados dos párocos, e são assim induzidos a erro. Para passar os certificados de que vimos falando, não deve o pároco proceder ao deleve em colher informações; deve ter certeza do que atesta, deve saber positivamente que o clérigo tem um comportamento exemplar e freqüenta os sacramentos. Quanto aos confessores dos ordinandos, assim como o Bispo não pode ordenar um súdito, cuja castidade ainda não esteja bem provada, também o confessor não pode permitir que um penitente seu, que vive na incontidência, se apresente à ordenação, se não estiver moralmente certo de que tal ordinando já se libertara do mau hábito antigo, e adquirira o hábito da virtude da castidade.

### III

#### Ao que se expõe quem entra nas ordens sem vocação

Do que levamos dito resulta que não se poderia escusar de falta grave quem entrasse nas Ordens, sem consciência de possuir os sinais da vocação divina. É o sentir dum grande número de teólogos, tais como Habert, Natal Alexandre, Juenino, e o Continuador de Tournely; e é o que antes deles claramente ensinou Santo Agostinho quando ao falar do castigo infligido pelo Senhor a Coré, Datan e Abiron, — que se haviam ingerido nas funções sacerdotais, sem a elas serem chamados, — afirma que esse exemplo é uma advertência para os que sem vocação aspiram às Ordens sacras<sup>825</sup>. A razão é que se taxa de presunção grave e indesculpável entrar no santuário sem a isso ser chamado por Deus, e o réu de tal culpa fica depois privado das graças de estado e dos socorros oportunos, sem os quais se pode, falando em absoluto, desempenhar as próprias obrigações, mas não sem muita dificuldade, conforme nota Habert. Será como um membro deslocado, que não poderá obrar sem dor e sem dificuldade<sup>826</sup>.

Nesse caso pois, fica-se grandemente exposto ao perigo de perder a alma, porque, diz o bispo Abely, é um dos pecados contra o Espírito Santo, pecado de perdão muito difícil, conforme o testemunho do Evangelho<sup>827</sup>.

Declara o Senhor que se sente indignado contra os que querem reinar na Igreja, sem a isso serem chamados<sup>828</sup>. Reinam por sua própria autoridade, e não por escolha do soberano Senhor do mundo; sem nenhum apelo divino, antes somente por impulso da sua cobiça; não obtém o governo das almas, usurpam-no<sup>829</sup>. Que esforços, que tentativas, que súplicas, que meios não empregam certos sujeitos para se fazerem ordenar, sem vocação, e só com vistas mundanas! Desgraçados que se aventuram a tais empresas, con-

tra a minha vontade, diz o Senhor pela boca de Isaías!<sup>830</sup> Pedirão no dia do juízo uma recompensa, mas Jesus Cristo os repelirá para longe de si: *Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós* (quer dizer, não pregamos e ensinamos) *em vosso nome, e não expulsamos o demônio em vosso nome* (dando a absolvição), *e não fizemos em vosso nome muitos milagres* (corrigindo, acalmando discórdias, reconduzindo os pecadores ao bom caminho?). *E Eu lhes responderei: Nunca vos conheci; retirai-vos de mim, obreiros da iniquidade*<sup>831</sup>. Os padres sem vocação são de fato agentes e ministros de Deus, porque receberam o caráter sacerdotal; mas são ministros de iniquidade e rapina, visto que por si mesmos e sem serem chamados invadiram o aprisco.

Não receberam as chaves, diz S. Bernardo, roubaram-nas<sup>832</sup>. Muito embora trabalhem, não lhes recompensará o Senhor os seus suores, antes os punirá por não terem entrado no santuário pelo caminho direito<sup>833</sup>. Não recebe a Igreja, diz S. Leão, senão os que o Senhor escolhe e torna dignos, pela sua escolha, de serem seus ministros<sup>834</sup>. Repele os que Deus não chamou, porque vêm antes para trabalhar na ruína da mesma Igreja, do que em proveito dela, e, longe de a edificarem, são a sua desolação e opróbrio, como diz S. Pedro Damiano<sup>835</sup>.

*Hão de aproximar-se de Deus os que ele tiver escolhido*<sup>836</sup>. O Senhor há de acolher os que tiver chamado ao Sacerdócio; logo os que não escolheu serão rejeitados. Assim Sto. Efrém olha como condenado o que teve a audácia de se fazer padre sem vocação<sup>837</sup>: “Estou espantado, diz ele, da audácia de certos insensatos, que assaltam como à força as funções sacerdotais, sem pensarem, desgraçados, nem na morte, nem nos fogos eternos em que se lançam!” Pedro de Blois exprime quase o mesmo pensamento nestas palavras: “Como é para lamentar o que muda o sacrifício em sacrilégio, e a vida em morte!”<sup>838</sup> Quem se engana na sua vocação corre muito maior perigo de se condenar, do que quem transgredir os preceitos particulares; porque este pode erguer-se da sua queda e retomar o bom caminho, ao passo que aquele segue um caminho errado, pelo qual se afasta cada vez mais da pátria, à medida que adianta. Pode aplicar-se-lhe o dito de Sto. Agostinho: “Corres muito, mas por fora do caminho”<sup>839</sup>.

Estejamos pois persuadidos do que dizia S. Gregório, — que a nossa salvação eterna depende principalmente da nossa docilidade em abraçarmos o estado a que o Senhor nos chama<sup>840</sup>. A razão é evidente: na ordem da sua providência, é Deus que assinala a cada um de nós o seu estado de vida, e nos prepara as graças e socorros próprios do estado a que nos chama; e tal é o pensamento de S. Cipriano. O Espírito Santo distribui as suas graças segundo a ordem por ele próprio estabelecida, e não ao nosso gosto<sup>841</sup>. E esta ordem é, para cada um de nós, a ordem da predestinação, como o Apóstolo nos dá a entender nestas palavras: *Os que escolheu, chamou-os, e os que chamou, justificou-os, e os que justificou, também os glorificou*<sup>842</sup>. Assim, depois da vocação, vem a justificação e depois da justificação, a glorificação, isto é, a consecução da vida eterna; por consequência quem não

obedece à vocação divina, nem será justificado nem glorificado. O frei Luís de Granada tinha pois razão para dizer que a vocação é a mola real de toda a vida: assim como um relógio pára, desde que a roda principal se desarranja, do mesmo modo, diz S. Gregório de Nazianzo, desde que nos desviamos da nossa vocação, toda a nossa vida caminha de erro em erro; porque fora do estado, a que Deus nos chama, nos faltam os socorros de que necessitamos para bem obrar.

*Cada um recebeu de Deus um dom que lhe é próprio: uns num sentido, outros noutro*<sup>843</sup>. Segundo os intérpretes, esta sentença do Apóstolo quer dizer — que Deus dá a cada um as graças necessárias para cumprir as obrigações do estado a que o chama, como ensina Santo Tomás<sup>844</sup>, apoiando-se nas palavras de S. Paulo: *Fez-nos idôneos para sermos os ministros do Novo Testamento (2. Cor. 3, 5)*. Donde se segue que aquele mesmo que é apto para desempenhar as funções a que Deus o chama, é inapto para outras a que não o chama. Assim o pé, que é destinado a caminhar, com certeza é incapaz de ver; e o olho que é dado para ver não pode aplicar-se a ouvir. Como poderá pois desempenhar-se das funções sacerdotais aquele que Deus não destinou ao sacerdócio?

É o Senhor quem escolhe os obreiros que hão de trabalhar na sua vinha: *Eu vos escolhi e estabeleci para que vades pelo mundo e façais fruto*<sup>845</sup>. Por isso mesmo não diz o divino Redentor: Pedi aos homens que trabalhem na seara; — mas: Pedi ao Senhor que mande obreiros<sup>846</sup> E acrescenta noutra parte: Conforme meu Pai me enviou, assim eu vos envio<sup>847</sup>. Ora, quando Deus chama alguém a um cargo, dá-lhe todos os socorros necessários. O Autor da minha elevação, diz S. Leão, há de vir em meu auxílio, no governo dos interesses que me confiou; tendo-me imposto o encargo, há dar-me a força para o levar dignamente<sup>848</sup>. É o que o próprio Jesus Cristo declara nestes termos: *Sou Eu a porta. Quem entrar por mim será salvo; entrará, e sairá, e encontrará o seu sustento*<sup>849</sup>. O que pode explicar-se assim: *Entrará*: Tudo quanto empreender o sacerdote chamado por Deus, há de levá-lo a cabo sem pecado, e até com merecimento. *E ele sairá*: Há de encontrar-se em ocasiões e perigos, mas com o auxílio do Céu sairá são e salvo. *E há de encontrar o seu sustento*: Finalmente, em todas as funções do seu ministério, há de ver-se assistido de graças especiais, que o farão caminhar a passos largos no caminho da perfeição; e isso por se encontrar no estado em que o Senhor o colocou. Poderá assim dizer com confiança que está sob a direção de Deus e na abundância de todos os bens<sup>850</sup>.

Pelo contrário, os padres que não foram enviados por Deus, para trabalharem na sua Igreja, hão de ver-se abandonados dele e condenados a um opróbrio eterno, a desgraças sem fim, como ele o declara pela boca de Jeremias: *Eu não enviava estes profetas e eles corriam por si mesmos. Por isso vos tomarei para levar-vos e vos abandonarei longe de mim... e vos entregarei a um opróbrios sempiterno e a uma eterna ignomínia, que jamais será apagada pelo esquecimento*<sup>851</sup>.

Somente pelo poder de Deus, diz Sto. Tomás, pode um homem ser ele-

vado à altura do sacerdócio, por isso que está constituído santificador dos povos e vigário de Jesus Cristo<sup>852</sup>. A quem pretende elevar-se por si mesmo a uma dignidade sublime, há de acontecer-lhe o que diz o Sábio: *Depois do louco se ter elevado a uma grande altura, há de ser posta a descoberto a sua loucura no dia do juízo*<sup>853</sup>. Se ele tivesse ficado no mundo, teria sido talvez um leigo virtuoso: mas, tendo-se feito padre sem vocação, será um mau padre, e, em vez de se tornar útil à Igreja, será para ela um verdadeiro flagelo. É o que diz o *Catecismo Romano*, ao falar de tais padres: “Nenhuma desgraça maior que o destes padres, e nada mais funesto à Igreja de Deus”<sup>854</sup>. Que bem poderiam eles fazer à Igreja, tendo entrado nela sem vocação? É muito difícil, diz S. Leão, que um começo tão mau seja seguido dum bom fim<sup>855</sup>. S. Lourenço Justiniano emprega a mesma linguagem: “Que fruto poderá produzir uma raiz contaminada?”<sup>856</sup> E o divino Mestre afirma que não só o fruto será rejeitado, mas até a planta será arrancada<sup>857</sup>. Também, segundo Pedro de Blois, quando o Senhor permite que alguém chegue ao sacerdócio, sem a ele ser chamado, não significa isso uma graça, mas um castigo; porque uma árvore que não está bem arraigada, e se encontra exposta ao vento, em breve cairá e será depois lançada ao fogo<sup>858</sup>. Para ele próprio pois é uma desgraça, mas também o é para os outros, como nota S. Bernardo; porque aquele que não entrou legitimamente no santuário, continuará a caminhar pelas vias da infidelidade e, em vez de procurar a salvação das almas, será antes para elas uma causa de perdição e morte<sup>859</sup>. É o que ensina a sentença de Jesus Cristo: O que não entra pela porta... é um bandido e um ladrão. O ladrão só vem para roubar, e matar, e fazer perecer<sup>860</sup>.

Mas, dir-se-á, se somente se admitirem às santas Ordens os que reunirem todos os sinais de vocação, de que acabais de falar e exigis, poucos padres haverá na Igreja, e faltarão os socorros aos fiéis. — O IV Concílio de Latrão já respondeu a esta objeção, dizendo que é preferível haver poucos padres bons, que muitos maus<sup>861</sup>. Por outro lado, conforme nota Santo Tomás, nunca Deus desampara a sua Igreja de modo que a deixe desprovida de ministros dignos, necessários para obviar às necessidades dos povos<sup>862</sup>. E se alguém quisesse dirigir os povos, mediante ministros indignos, seria isso, diz com razão S. Leão, querer antes a sua ruína que a sua salvação<sup>863</sup>.

Que tem pois a fazer um padre que entrou nas Ordens sem vocação? Há de ter-se como um condenado e entregar-se ao desespero? — Não, por certo. S. Gregório faz a si próprio esta pergunta: *Sacerdos sum non vocatus; quid faciendum?* E responde: *Ingemiscendum*. Eis o que deve fazer este padre, se quiser salvar-se: procure à força de lágrimas aplacar o Senhor, para obter da sua misericórdia o perdão do crime que cometera, introduzindo-se no santuário sem vocação. — Conforme a exortação de S. Bernardo, que se esforce por passar, ao menos de futuro, a vida santa de que devia ter feito preceder a sua elevação ao sacerdócio. E para isso, ajunta o Santo, necessário é que mude de costumes, de companhias e de sentimentos<sup>864</sup>. Se é ignorante, aplique-se ao estudo; se tem vivido na dissipação, nas intimidades e divertimentos do mundo, renuncie a tudo isso, e de futuro consagre o seu

tempo à oração, às leituras espirituais e à visita das igrejas. Não se consegue isto sem violência. Como acima dissemos, a entrada no sacerdócio sem vocação é semelhante a um membro do corpo humano, que saiu para fora do seu lugar próprio. Por isso a salvação de tais sacerdotes não pode operar-se senão à custa de muitos esforços e penas.

Fica demonstrado que quem se ordena sem ser chamado, priva-se dos socorros necessários para cumprir as obrigações do sacerdócio: como poderá então desempenhá-las? Que fará? Que ore, diz Habert<sup>865</sup> e o Continuador de Tournely<sup>866</sup>. Por suas preces obterá o que de nenhum modo merece; porque, dizem eles, Deus concede então por misericórdia ao homem os socorros que, de certo modo, deve por justiça aos que são legitimamente chamados<sup>867</sup>. Está isto de acordo com o que ensina o Concílio de Trento: Deus não manda impossíveis; mas preceituando, adverte-nos que façamos o que pudermos, e peçamos o que não pudermos; e ajuda-nos para que possamos<sup>868</sup>.

1. Terrível verdade que a experiência de cada dia tristemente confirma!
2. *Omnium apex est Sacerdotium (Epist. ad Smyrn.)*.
3. *Miraculum est stupendum, magna, immensa, infinita Sacerdotii dignitas (De Sacerdotio 1.3)*.
4. *Sacerdotium in terris peragitur, sed in rerum coelestium ordinem referendum est (De Sacerd. 1. 3.)*.
5. *O Sacerdos Dei! si altitudinem coeli contemplanis, altior es; si omnium dominorum sublimitatem, sublimior es; solo tuo Creatore inferior es (Catal. gloriae mundi, p. 4. cons. 6)*.
6. *Inter Deum et hominem medius constitus; minor Deo, sed major homine (In Consecr. Pont. s. 2)*.
7. *Angelica, imo divina est dignitas. — Qui sacerdotem dixit, prorsus divinum insinuat virum (De Eccl. Hier.)*.
8. *Excedit omnem cogitationem donum dignitatis sacerdotalis (De Sacerdotio)*.
9. *Qui vos audit, me audit; et qui vos spernit, me spernit (Luc. 10, 16)*.
10. *Qui honorat sacerdotem Christi, honorat Christum; et qui injuriat sacerdotem Christi, injuriat Christum (Hom. 17)*.
11. *Genus divinis ministeriis mancipatum (De Adora. 1. 13)*.
12. *Deifica professio (De dignit. sac. c. 3)*.
13. *Quasi stilla situlae... pulvis exiguus; omnes gentes quasi non sint, sunt coram eo (Is. 40, 15-17)*.
14. *Pro universo terrarum orbe legatus intercedit apud Deum (De Sacerd. 1. 6)*.
15. *Cum Deo familiariter agit (De Sacerdotio)*.
16. *Obediente Domino voci hominis! — Sol, contra Gabaon ne movearis... Stetit itaque sol in medio coeli (Jos. 10, 12)*.
17. *Hoc est corpus meum*.
18. *Maxima illis est collata potestas! Ad eorum pene libitum, corpus Christi de panis transsubstantiatur materia; descendit de coelo in carne Verbum, et altaris verissime reperitur in mensa! Hoc illis praerogatur ex gratia, quod nusquam datum est angelis. Hi assistunt Deo; illi contrectant manibus, tribuunt populis, et in se suscipiunt (Serm. de Euchar.)*.
19. *Tanta ei (Petro) potestas attributa est judicandi, ut in arbitrio ejus poneretur coeleste iudicium (In Nat. B. Petri. hom. 3)*.
20. *Praecedat Petri sententiam Redemptoris (Serm. 26)*.
21. *Dominus sequitur servum; et quidquid hic in inferioribus judicaverit, hoc ille in supernis comprobatur (De Verbis Is. hom. 5)*.
22. *In domo Dei, divinorum bonorum aekonomos, sociosque Dei, sacerdotes respicite (Ep.*

*ad Palyc.)*.

23. *Ipsi sunt Ecclesiae decus, columnae firmissimae; ipsi januae, Civitatis aeternae, per quos omnes ingrediuntur ad Christum; ipsi janitores, quibus claves datae sunt regni coelorum; ipsi dispensatores regiae domus, quorum arbitrio dividuntur gradus singulorum (De Vita cont. 1. 2, c. 2)*.
24. *Omne iudicium a Filio illis traditum... Nam quasi in coelum translati, ad principatum istum perducti sunt. Si cui rex hunc honorem detulerit, ut potestatem habeat quoscumque in carcerem coniectos laxandi, beatus ille iudicio omnium fuerit; at vero, qui tanto majorem a Deo accepit potestatem, quanto animae corporibus praestant (De Sacerd. 1. 3)*.
25. *Nihil in hoc saeculo excellentius (De dignit. sac. c. 3)*.
26. *Praetulit vos, sacerdotes, regibus et imperatoribus; praetulit angelis (Serm. ad Pastor. in syn.)*.
27. *Longe erit inferius, quam si plumbum ad auri fulgorem compares (De dignit. sacer. c. 2)*.
28. *Habent principes vinculi potestatem, verum corporum solum; sacerdotes vinculum etiam animarum contingit (De Sacerd. 1. 3)*.
29. *Quanto anima corpore praestantior est, tanto est sacerdotium regno excellentius (Constit. apost. 1. 2, c. 34)*.
30. *Boni principis est Dei sacerdotes honorare (Cap. Boni princ. dist. 96)*.
31. *Reges flexis genibus offerunt ei munera, et deosculantur manum, ut ex ejus contactu sanctificentur (Serm. 47)*.
32. *Major est hic principatus quam regis; propterea rex caput submittit manui sacerdotis (De Verbis Is. hom. 4)*.
33. *Anno 325, n. 16*.
34. *Sulpicio Severo (Vit. S. Mart. c. 23)*.
35. *Eusébio de César (Vit. Constant. 1. 3, c. 22)*.
36. *Sacerdotium ipsi quoque angeli venerantur (Orat ad Naz.)*.
37. *Licet assistant angeli, praesidentis (sacerdotis) imperium exspectantes, nullus tamen eorum ligandi atque solvendi possidet potestatem (Serm. 26)*.
38. *Opera Orac. 22*.
39. *Licet Beatissima Virgo excellentior fuerit Apostolis, non tamen illi, sed istis Dominus claves egni coelorum commisit (Cap. Nova quaedam. De Paenit.)*.
40. *Virgo benedicta, excusa me, qui non loquor contra te: sacerdotium ipse praetulit supra te (T. 1. s. 20. a. 2. c. 7)*.
41. *O veneranda sacerdotum dignitas, in quorum manibus, velut in utero Virginis, Filius Dei incarnatur! (Molina, Instr. Sacerd. tr. 1, c. 5, § 2)*.
42. *Parentes Christi (S. ad Past. in syn.)*.
43. *Ipse dixit, et facta sunt (Ps. 32, 9)*.
44. *Potestas sacerdotis est sicut potestas Personarum divinarum; quia, in panis transsubstantione, tanta requiritur virtus, quanta in mundi creatione (Loco cit.)*.
45. *O venerabiles sanctitudo manuum! O felix exercitium! Qui creavit me (si fas est dicere) dedit mihi creare se; et qui creavit me sine me, ipse creavit se mediante me!*
46. *Ad nutum Domini, ex nihilo substiterunt excelsa coelorum vasta terrarum; ita parem potentiam in spiritualibus sacerdotis verbis praebet virtus (Hom. de Corpore Chris.)*.
47. *Biblioth. tr. 22, d. 12*.
48. *Locus sanctorum*.
49. *Vos estis Vicarii Christi, qui vicem ejus geritis (Ad Ft in er. s. 36)*.
50. *Dei personam in terris gerentes. — Pro Christo legatione fungimur, tamquam Deo exhortante per nos (2. Cor. 5, 20)*.
51. *Accedat sacerdos ad altaris tribunal ut Christus (Serm. de Euc.)*.
52. *Sacerdos vice Christi vere fungitur (Ep. ad Caeci)*.
53. *Cum videris sacerdotem offerentem consideres Christi manum invisibiliter extensam (Ad pop. Ant. hom. 60)*.
54. *Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maxime et miserando manifestas (Dom. 10 post Pent.)*.

55. *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus? (Luc. 5, 21)*
56. *Ego feci coelum et terram, verumtamen meliorem et nobiliorem creationem do tibi: fac novam animam, quae est in peccato. Ego feci ut terra produceret fructus suos; do tibi meliorem creationem, ut anima fructus suos producat.*
57. *Prorsus majus hoc esse dixerim, quam est coelum et terra, et quaecumque cernuntur in coelo et in terra (In Jo tr. 72).*
58. *Et si habes brachium sicut Deus, e si voce simili tonas? (Job. 40, 2).*
59. *Manus Spitus Sancti, officium Sacerdotis.*
60. *Insufflavit, e dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum: quorum remiseritis peccata, remittuntur eis; et quorum retinueritis, retenta sunt (Jo 20, 22).*
61. *Dei enim sumus adjutores (1. Cor. 3, 9).*
62. *Principatum superni iudicii sortiuntur, ut, vice Dei, quibusdam peccata retineant, quibusdam relaxent (In Evang. hom. 26).*
63. *Post Deum, terrenus Deus (Const. apost. 1. 2, c. 26).*
64. *Deus stetit in synagoga deorum (Ps. 81, 1).*
65. *Dii excelsi, in quorum synagoga Deus deorum stare desiderat (Ad Fr. in er. s. 36).*
66. *Sacerdotes, propter officii dignitatem, Deorum nomine nuncupantur (Can. Cum ex injuncto. De Haeret).*
67. *Ne sit sublimis, et vita deformis; deifica professio, et illicita actio. Actio respondeat nomini (De dignit. sac. c. 3).*
68. *Quid est dignitas in indigno, nisi ornamentum in luto? (Ad Eccl. cathol. 1.2.).*
69. *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron. Sic et Christus non semetipsum clarificavit ut Pontifex fleret, sed qui locutus est ad eum; Filius meus es tu; ego hodie genui te (Hebr. 5, 4)*
70. *Grandis dignitas sacerdotum, sed grandis ruina eorum, si peccant. Laetemur ad ascensum, sed timeamus ad lapsum (In Eze. c. 44).*
71. *Ingrediuntur electi, sacerdotum manibus expiati, coelestem patriam; et sacerdotes ad inferni supplicia festinant! — Et ipsa in cloacas descendit (In Evang. hom. 17).*
72. *Omnes sanctos reperio divini ministerii ingentem veluti molem formidantes (De Fest. pasch. hom. 1).*
73. *Nemo laeto animo creatur sacerdos.*
74. *Vota eligentium velociori praeveniens fuga, latebris incertis absconditur (Vit. S. Fulg. c. 16).*
75. *Quam resistebam, ne ordinarer! (Ep. 82).*
76. *Não se estranhe que os mesmos textos sejam repetidos em diversos lugares.*
77. *Omnis namque Pontifex, ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quae sunt ad Deum, ut offerat dona et sacrificia pro peccatis; qui condolere possit iis qui ignorant et errant (Hebr. 5, 1).*
78. *Fungi sacerdotio et habere laudem (Eccli. 45, 19).*
79. *Sicut angelorum est perpetim laudare Deum in coelis, sic sacerdotum officium est eundem jugiter laudare in terris.*
80. *Amoris sui velut vicarium (Petrum) relinquebat (In L. 1. 10, c. ult.).*
81. *Sicut misit me Pater, et ego mitto vos (Jo. 20, 21).*
82. *Ego te clarificavi super terram; opus consummavi... Manifestavi nomen tuum hominibus (Jo. 17, 4).*
83. *Ego dedi eis sermonem tuum... Sanctifica eos in veritate... Sicut tu me misisti in mundum, et ego misi eos.*
84. *Sicut misit me Pater, et ego mitto vos.*
85. *Ignem veni mittere in terram; et quid volo, nisi ut accendatur (Luc. 12, 49).*
86. *Ideo vocati sumus a Christo, non ut operemur, quae ad nostrum pertinent usum, sed quae ad gloriam Dei... Verus amor non quaerit quae sua sunt, sed ad libitum amati cuncta desiderat perficere (Hom. 34).*
87. *Separavi vos a caeteris populis, ut essetis mei (Levit. 20, 26).*
88. *Sacramentorum Dei cooperatores et dispensatores (Opusc. 27, c. 3).*
89. *Duces et rectores gregis Christi (De dignit. sac. c. 2).*
90. *Verus minister altaris Deo, non sibi, natus est (In. Ps. 118, s. 8).*
91. *Separavit vos Deus Israël ab omni populo, et junxit sibi (Num. 16, 9).*
92. *Opprobria exprobandum tibi ceciderunt super me (Ps. 68, 10).*
93. *Fuit necessarium aliquos e populo selegi ac destinari, qui ad impendendum debitum Deo cultum, et sui status obligatione et institutione, intenderent (Scotus acad. De Ord. d. 1, a. 1, q. 1).*
94. *Exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros (2. Cor. 6, 4).*
95. *Crucifixus est, ut destruat corpus peccati (Rom. 6, 6).*
96. *Pro Christo legatione fungimur (2. Cor. 5, 20).*
97. *Dei enim sumus adjutores (1. Cor. 3,9).*
98. *Insufflavit, et dixit eis: Accipite Spiritum S... (Jo. 20, 22).*
99. *Ingenium sacerdotale essentialiter consistit in ardenti studio promovendi gloriam Dei et salutem proximi (De Ord. p. 3, c. 5, q. 3).*
100. *Quo significaretur quotidie clericos, abjecta caeterarum rerum cura, uni Deo prorsus vacare debere (Breviar. 31 dec.).*
101. *In hoc sita est sacerdotis perfectio, ut ad divinam promoveatur imitationem, quodque divinius est omnium, ipsius etiam Dei cooperatur existat (De Coelest. Hierarch. c. 3).*
102. *Summ. p. 3, tr. 14, c. 7, § 1.*
103. *Gemma an. l. 1, c. 181.*
104. *Duces et Rectores gregis Christi (De Dignit. sac. c. 2).*
105. *Regale sacerdotium, Gens sancta, Populus acquisitionis (1. Petr. 2, 9).*
106. *Officium quaestus, non pecuniarum, sed animarum (Serm. 78).*
107. *Dei causam relinquimus, et ad terrena negotia vacamus (In Evang. hom. 17).*
108. *Stulto labore consumeris... Esto tu populo in his quae ad Deum pertinent (Exod. 18, 18).*
109. *Non ut meliores, sed ut ditiores fiant, non ut sanctiores, sed ut honoratiores sint! (De Vita cont. 1. 1, c. 21).*
110. *Non virtutum merita, sed subsidia vitae praesentis exquirunt! (Mor 1. 23, c. 26).*
111. *Ad stipendia dumtaxat oculos habent (Epist. 1. 1, e. 447).*
112. *Magna dignitas, sed majus est pondus. In alto gradu positi sunt; oportet quoque ut in sublimi virtutum culmine sint erecti; alioquin, non ad meritum, sed ad proprium praesunt iudicium (De Inst. prael. c. 11).*
113. *Sacerdotes honorati; dico autem, onerati.*
114. *Non dignitas, sed opus dignitatis salvare consuevit (Ad Soph. 3).*
115. *Dum terreni hominis imago deponitur, et coelestis forma suscipitur (De Pass. s. 14).*
116. *Estote ergo perfecti, sicut et Pater vester coelestis perfectus est (Matth. 5, 48).*
117. *Nihil in sacerdote commune cum studio atque usu multitudinis (Epist. 6).*
118. *Debet praeponderare vita sacerdotis, sicut praeponderat gratia (Ep. 82).*
119. *Tantum inter sacerdotem et quemlibet probum interesse debet, quantum inter coelum et terram, discriminis (Epist. 1. 2, ep. 205).*
120. *Quicumque profitetur statum aliquem, tenetur ad ea quae illi statui conveniunt.*
121. *Clericus duas res professus est, et sanctitatem et clericatum (Serm. 355, E. B.).*
122. *Professio clericorum, vita coelestis.*
123. *Sacerdos ad majorem tenetur perfectionem sanctitatis (Imit. Chris. 1. 4, c. 5).*
124. *Clericis suis Salvator, non ut caeteris voluntarium, sed imperativum officium perfectionis indicit (De Eccle. Cath. 1. 2).*
125. *Sanctum Domini (Exod. 39, 29).*
126. *Ut integritas sacerdotis monstraretur, qui totum se Deo dedicaverit (In Levit. q. 3).*
127. *Hoc enim est sacrificium primitivum, quando unusquisque se offeret hostiam, et a se incipit, ut postea munus suum possit offerre (De Abel. 1. 2, c. 6).*
128. *Sacerdos continuum holocaustum offerre praecipitur, ut, a perfecta sapientia incipiens, in eadem finiat, et totam vitam suam componat ad perfectionem (In Levit. 1. 2, c. 1).*
129. *Separavi vos a caeteris populis, ut essetis mei (Levi. 20, 26).*
130. *Nemo, militans Deo, implicat se negotiis secularibus, ut ei placeat, cui se probavit (2.*

- Tim. 2, 4).
131. Dominus pars hereditatis meae et calicis mei; tu es qui restitues hereditatem meam mihi (Ps. 15, 5).
132. Clamat vestis clericalis, clamat status professi animi sanctitatem.
133. Jugis conatus ad perfectionem, perfectio reputatur (Ep. 254).
134. Curritur passim ad sacros Ordines sine consideratione (De Conv. ad cler. c. 20).
135. Quam rarus, qui potest dicere: Portio mea Dominus; — quem non inflammet libido, non stimulet avaritia, non aliqua negotiorum saecularium cura sollicitet (In Ps. 118. s. 8).
136. Fecit nos regnum et sacerdotes Deo et Patri suo (Apoc. 1, 6).
137. In quo Deus regnat nunc per gratiam, postea per gloriam. — Fecit nos reges; regnamus enim cum ipso, et imperamus vitiis.
138. Necesse est ut, mortuus omnibus passionibus, vivat vita divina.
139. Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis (Jo. 17, 22).
140. Necesse est sacerdotem sic esse purum, ut, in ipsis coelis collocatus, inter coelestes illas virtutes medius staret (De Sacerd. 1. 3).
141. Oportet ergo episcopum irreprehensibilem esse (1. Tim. 3, 2).
142. Diaconos similiter pudicos.
143. Quae de Episcopis dixit, etiam sacerdotibus congruit (In 1. Tim. hom. XI).
144. Omnes virtutes comprehendit (Ep. ad Oceanum).
145. Qui non tantum vitio careat, sed qui omnibus virtutibus sit ornatus.
146. Can. 9, 10.
147. I. Can. 2.
148. Can. 76
149. IV. Can. 68.
150. Corp. Jur. can., Dist. 81.
151. In omnibus enim, quod irreprehensibile est, sancta defendit Ecclesia. Qui sancti non sunt, sancta tractare non possunt (Dist. 81. can. 4-6).
152. Clerici, quibus pars Dominus est, a saeculi societate segregati vivant.
153. Decet omnino clericos, in sortem Domini vocatos, vitam moresque suos componere, ut habitu, gestu, sermone, aliisque rebus, nil nisi grave ac religione plenum prae se ferant (Sess. 22. cap. 1, de Ref.).
154. Sacerdos debet vitam habere immaculatam, ut omnes in illum veluti in aliquod exemplar excellens intueantur. Idcirco enim nos (Deus) elegit, ut simus quasi luminaria, et magistri caeterorum efficiamur, ac veluti angeli cum hominibus versemur in terris (In 1. Tim. hom. 10).
155. Clericus interpretetur primo vocabulum suum, et nitatur esse quod dicitur (Ep. ad Nepotian.).
156. Omnis namque pontifex, ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quae sunt ad Deum (Hebr. 5, 1).
157. Omnis pontifex constituitur in iis quae sunt ad Deum, non propter gloriam, non propter cumulandas divitias. — Constituitur in iis quae sunt ad Deum (In Hebr. 5. lect. 1).
158. In Tim. 6, 11.
159. Haec est generatio quaerentium eum (Ps. 23, 6).
160. Separavi vos a caeteris populis, ut essetis mei (Levit. 20, 26).
161. Idcirco enim nos (Deus) elegit, ut veluti angeli cum hominibus versemur in terris (In 1. Tim. hom. 10).
162. Sanctificabor in iis qui appropinquant mihi (Levit. 10, 3).
163. Agnoscar sanctus ex sanctitate ministrorum.
164. Quia per sacram Ordinem, aliquis deputatur ad dignissima ministeria, quibus ipsi Christo servitur in Sacramento altaris; ad quod requiritur major sanctitas interior, quam requirat etiam religionis status. Unde gravius peccat, caeteris paribus, clericus in sacris Ordinibus constitutus, si aliquid contrarium sanctitati agat, quam aliquis religiosus qui non habet Ordinem sacrum (2. 2. q. 184. a. 8).
165. Bonus monachus vix bonum clericum facit (Ep. 60, E. B.).
166. Verus minister altaris, Deo, non sibi, natus est (In Ps. 118, s. 3).
167. Et sedebit conflans et emundans argentum; et purgabit filios Levi, et colabit eos quasi aurum et quasi argentum; et erunt Domino offerentes sacrificia in justitia (Mal. 3, 3).
168. Sancti erunt Deo suo, et non polluent nomen ejus; incensum enim Domini et panes Dei sui offerent, et ideo sancti erunt (Levit. 21, 6).
169. Ipsum videlicet Corpus Domini, quod in ara crucis pependit, ideoque sanctitas requiritur, quae sita est in puritate animi; sine qua, quisquis ad haec tremenda mysteria accedit, immundus accedit! (In Levit. 21,6).
170. Vae nobis miseris, qui, ministerium altissimum sortiti, tam procul absumus a fervore quem Salomon in umbraticis sacerdotibus exigebat! (In Ps. 131, 7).
171. Mundamini, qui fertis vasa Domini (Is. 52, 11).
172. Quanto mundiores esse oportet, qui in manibus et corpore portant Christum! (Ep. 123).
173. Oportet mundum esse, qui, non solum vasa aurea debet tractare, sed etiam illa in quibus Domini mors exercetur.
174. Quo solari radio non splendidiorem oportet esse manum Carnem hanc dividentem, os quod igne spiritali repletur, linguam quae tremendo nimis Sanguine rubescit? (Ad pop. Ant. hom. 60).
175. Accedit ut Christus, ministret ut sanctus (S. de Euch.).
176. Necessario fatemur nullum aliud opus adeo sanctum ac divinum tractari posse, quam hoc tremendum mysterium. — Satis apparet omnem operam in eo ponendam esse, ut quanta maxima fieri potest interiori cordis munditia peragatur (Sess. 22, dec. de Obser.).
177. Ne lingua, quae vocat de coelo Filium Dei, contra Dominum loquatur; et manus, quae intinguntur sanguine Christi, polluantur sanguine peccati (Molina, Instruc. Sac. tr. 1, c. 5 § 2).
178. Qui habuerit maculam, non offeret panes Deo suo (Levit. 21, 17).
179. Si tanta sanctitas requirebatur in sacerdotibus qui sacrificabant oves et boves, quid, quaeso, requiritur in sacerdotibus, qui sacrificant divinum Agnum? (In Ps. 131,7).
180. Sus lota in volutabro luti (2. Petr. 2, 22).
181. Nec accedat ad altare, quia maculam habet, et contaminare non debet sanctuarium meum (Levit. 21, 23).
182. Oportet... sine crimine esse, sicut Dei dispensatorem (Tit. 1, 7).
183. Medius stat sacerdos inter Deum et naturam humanam; illinc venientia beneficia ad nos deferens, et nostras petitiones illuc perferens; Dominum iratum reconcilians et nos eripiens ex illius manibus (De Verbis Is. hom 5).
184. Nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre regnum Dei (Jo. 3, 3).
185. Nisi manducaveritis carnem Filii hominis... non habebitis vitam in vobis (Jo. 6, 54).
186. Sine his, salutis compotes fieri non possumus (De Sac. 1. 3).
187. Divinae voluntatis Indices (De Vita cont. 1. 2. c. 2).
188. Muros Ecclesiae (Hom. 10).
189. Castra sanctitatis (De Offic. I. 1, c. 50).
190. Mundi fundamenta et fidei columnas (Carm. ad Episc.).
191. Sacerdotes onus totius orbis portant humeris sanctitatis (Hom. de Dedic. eccl.).
192. Orabitque pro eo sacerdos et pro peccato ejus coram Domino, et repropitiabitur ei, dimitteturque peccatum (Levit. 19, 22).
193. Sacerdotes die noctuque pro plebe sibi commissa, oportet orare (In 1. Tim. c. 3).
194. Medii inter Deum et plebem, debent bona conscientia nitere quoad Deum, et bona fama quoad homines (Suppl. q. 36. a. 1).
195. Qua mente apud Deum intercessoris locum pro populo arripit, qui familiarem se ejus gratiae esse per vitae merita nescit? (Past. p. 1, c. 11).
196. Cum is qui displicet, ad intercedendum mittitur, irati animus ad deteriora provacatur.
197. Talem esse oportet Domini sacerdotem, ut, quod populus pro se apud Deum non valuerit, ipse pro populo mereatur impetrare (In Ps. 36. s. 6).
198. Emendatiorem esse convenit populo, quem necesse est orare pro populo (Dist. 61. can. Non negamus).
199. Ecce mundus sacerdotibus plenus, et rarus invenitur mediator!
- Não vimos estas palavras em S. Bernardo. Eis as de S. Gregório: Ecce mundus sacerdotibus

- plenus est, sed tamen, in messe Dei, rarus valde invenitur operator (In Evang. hom. 17).
200. Plus placet Deo latratus canum, quam oratio talium clericorum (Corn. A-Lap. In Levit. 1. 17).
201. Doctores pietatis (Hom. 10).
202. Salvatores mundi (In Abdiām. 21).
203. Januae civitatis aeternae (De Vita cont. 1. 2, c. 2).
204. Forma virtutum (Serm. 26).
205. Qui in erudiendis atque instituendis ad virtutem populis praeerit, necesse est ut in omnibus sanctus sit, et in nullo reprehensibilis (De Offic. eccl. 1. 2, c. 5).
206. Irreprehensibiles esse convenit, quos necesse est praeesse corrigendis (Ep. ad Episc. Hispan.).
207. In divino omni non audendum aliis ducem fieri, nisi, secundum omnem habitum suum, factus sit deiformissimus et Deo simillimus (De Eccl. Hier. c. 3).
208. Cujus vita despicitur, restat ut ejus praedicatio contemnatur (In Evang. hom. 12).
209. Et eadem ratione, omnia spiritualia ab eis exhibita (Suppl. q. 36, a. 4).
210. Purgari prius oportet, deinde purgare; ad Deum appropinquare, et alios adducere; sanctificari, et postea sanctificare; lucem fieri, et alios illuminare (Apologet. 1).
211. Necesse est ut esse munda studeat manus, quae aliorum sordes curat (Past. p. 2, c. 2).
212. Lucerna quae non ardet, non accendit (In Ezech. hom. 11).
213. Lingua amoris, ei qui non amat, barbara est (In Cant. s. 79).
214. Spectaculum facti sumus mundo, et angelis et hominibus (1. Cor. 4, 9).
215. In eos, tamquam in speculum, reliqui omnes oculos conjiciunt, ex iisque sumunt quod imitentur (Sess. 22, cap. 1. de Refor.).
216. De medio populi segregantur, ut, non solum seipsos, verum et populum tueantur; vero, ad hanc tuitionem, clericalis non sufficit praerogativa dignitatis, nisi dignitati adjungatur cumulus sanctitatis (De Dignit. cler. c. 2).
217. Ad idoneam executionem Ordinum, non sufficit bonitas qualiscumque, sed requiritur bonitas excellens (Suppl. q. 35. a. 1).
218. Illi qui in divinis mysteriis applicantur, perfecti in virtute esse debent (In 4. Sent. d. 24, q. 3, a. 1).
219. Interior perfectio ad hoc requiritur, quod aliquis digne hujusmodi actus exerceat (2. 2. q. 184, a. 6).
220. Sancti erunt Deo suo, et non polluent nomen ejus (Levit. 21, 6).
221. Qualis est Deus eorum qui talia agunt? numquid sustineret eos talia facientes, nisi consentiret eorum operibus? (Hom. 10).
222. In omnibus exhibeamus nos metipsos sicut Dei ministros. — In multa patientia. — In vigiliis, in jejuniis. — In castitate, in scientia, in suavitate, in charitate non ficta. — Quasi tristes, semper autem gaudentes. — Tamquam nihil habentes, et omnia possidentes (2. Cor. 6, 4).
223. Sancti estote, quia ego sanctus sum (Levit. 11, 44).
224. Ego sum Pastor bonus. Bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis (Jo. 10, 11).
225. Ignem veni mittere in terram; et quid volo, nisi ut accendatur? (Luc. 12, 49).
226. Sacerdotes tui induantur justitiam (Ps. 131, 9).
227. Induite vos ergo, sicut electi Dei, sancti et dilecti, viscera misericordiae (Col. 3, 12).
228. Nihil in hac vita felicius et hominibus acceptabilius Presbyteri officio; sed nihil apud Deum miserius, et tristius, et damnabilius (Ep. 21. E. B.).
229. Const. Apost. I. 2, c. 26.
230. Cum enim augentur dona, rationes etiam crescunt donorum (In Evang. hom. 9).
231. Coeleste tenet officium, angelus Domini factus est; tamquam angelus, aut eligitur, aut reprobatur (Declam. n. 24).
232. Neque enim mediocris virtus sacerdotalis est, cui cavendum, non solum ne gravioribus flagitiis sit affinis, sed ne minimis quidem (Epist. 82).
233. Si dixeris: Sufficit, — et peristi (Serm. 169. E. B.).
234. Propter notitiam veritatis (2. 2. q. 10. a. 3).
235. Labia enim sacerdotis custodient scientiam, et legem requirent ex ore ejus (Malach. 2, 7).
236. Scienti legem, et non facienti, peccatum est grande (De Dignit. sac. c. 3).
237. Ps. 10, 3.
238. Vos estis lux mundi (Matth. 5, 14).
239. Vobis datum est nosse mysterium regni Dei (Luc. 8, 10).
240. Peccatum est destructivum divinae bonitatis. Peccatum, quantum in se est, Deum perimit (In Temp. Pasch. s. 3).
241. Quantum ad voluntatem suam, occidit Deum (Hom. 40).
242. Peccatum mortale, si possibile esset, destrueret Deum, eo quod esset causa tristitiae (in Deo) infinitae (De Satisf. q. 1).
243. Quo melius videt, eo gravius peccat.
244. Angelus Domini factus est. In clero quippe, tamquam in coelo, gerens iniqua (Declam. n. 24).
245. Noluit intelligere, ut bene ageret (Ps. 35, 4).
246. Scienter eligitur (1. 2. q. 78 a. 1).
247. Omne peccatum ex malitia est contra Spiritum Sanctum (De Malo q. 3. a. 14).
248. Non remittetur ei, neque in hoc saeculo, neque in futuro (Matth. 12, 32).
249. Pater, dimitte illis; non enim sciunt quid faciunt (Luc. 23, 34).
250. Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus?
251. Nulla re Deus magis offenditur, quam quando peccatores sacerdotii dignitate praefulgent (In Matth. hom. 41).
252. 1. 2. q. 73. a. 10.
253. Naturaliter magis indignamur his qui nobis familiarissimi sunt, cum in nos peccaverint (Glossa, in 1. Petr. 4).
254. Enumera honores, dignitates, omnium apex est sacerdos.
255. Ipsum elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo (Eccli. 45, 20).
256. Quid est quod debui ultra facere vineae meae et non feci ei? (Is. 5, 4).
257. Heu, Domine Deus, quia ipsi sunt in persecutione tua primi, qui videntur in Ecclesia tua gerere principatum! (In Convers. S. Puli. s. 1).
258. Audite, coeli, et auribus percipe, terra, ... filios enutrivisti et exaltavi; ipsi autem spreverunt me (Is. 1, 2).
259. Si inimicus meus maledixisset mihi, sustinuissem utique... tu vero, homo unanimis, dux meus et notus meus, qui simul mecum dulces capiebas cibos (Ps. 54, 13).
260. Qui vescebantur voluptuose... qui nutriebantur in croceis, amplexati sunt stercora! (Thren. 4, 5).
261. Purpura é o que significa croceis, como o explicam os intérpretes segundo o texto hebreu, que diz: Qui in purpura educati fuerunt. Considera-se o padre honrado com a púrpura, por causa da dignidade real de que está revestido: Vos autem genus electum, regale sacerdotium (In Petr. 2, 9).
262. Si privatim pecces, nihil tale passurus es; si in sacerdotio peccas, periisti (In Act. Ap. hom. 8).
263. Propheta namque et sacerdos polluti sunt, et in domo mea inveni malum eorum, ait Dominus. Idcirco via eorum erit quasi lubricum in tenebris; impellentur enim, et corruent in ea (Jerem. 23, 11).
264. Melius erat illis, non cognoscere viam justitiae, quam, post agnitionem, retrorsum converti (2. Petr. 2, 21).
265. Major scientia majoris poenae fit materia. Propterea sacerdos, si eadem cum subditis peccata committit, non eadem, sed multo acerbiora patietur (Ad pop. Antio. hom. 77).
266. Ut videntes non videant, et audientes non intelligant (Luc. 8, 10. — Is. 6, 9).
267. Saecularis homo, post peccatum, facile ad poenitentiam venit. — Quia, quasi novum aliquid audiens, expavescit.
268. Omnia enim quae sunt in Scripturis, ante oculos ejus inveteratae et vilia aestimantur; nam quidquid illic terribile est, usu vilescit. — Nihil autem impossibilius, quam illum corrigere

- qui omnia scit (Hom. 40).
269. Grandis dignitas sacerdotum; sed grandis ruina eorum, si peccant (In Ezech. 44).
270. Ab altiori gradu fit casus gravior (Declam. n. 25).
271. Ut levius est de plano corruiere, sic gravior est qui de sublimi ceciderit dignitate; quia ruina quae de alto est, graviori casu colliditur (De dignit. sacerd. c. 3).
272. Laetemur ad ascensum, sed timeamus ad lapsum (In Ezech. 44).
273. Posui te in monte sancto Dei... et peccasti; et ejecite de monte Dei, et perdidisti te (Ezech. 28, 14).
274. Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi, supra montem posita (Matth. 5, 14).
275. Quo est gratia cumulatio, et status sublimior, eo casus est gravior, et damnabilior culpa.
276. Altius mergitur, qui de alto cadit (De Compunct. p. 1).
277. Quid altius coelo? De coelo cadit, in coelestibus qui delinquit (Serm. 26).
278. Tamquam fulgur in impetu vehementi dejiceris (Declam. n. 25).
279. Corruent in ea (Jer. 23, 12).
280. Et tu Capharnaum, usque ad Coelum exaltata, usque ad infernum demergeris (Luc. 10, 15).
281. Cum enim augentur dona, rationes etiam crescunt donorum (In Evang. hom. 9).
282. Ingratus meretur beneficii subtractionem.
283. Matth. 25, 29.
284. Ingratitudo exsiccat fontem divinae pietatis (In Cant. s. 51).
285. Nulla certe in mundo tam crudelis bestia, quam malus sacerdos; nam corrigi non patitur (Euseb. Epist. ad Dam. de morte Hier.).
286. Laici delinquentes facile emendantur; clerici, si mali fuerint, inemandabiles sunt (Hom. 43).
287. Impossibile est enim, eos qui semel sunt illuminati, gustaverunt etiam donum coeleste, et participes facti sunt Spiritus Sancti... et prolapsi sunt, rursus renovari ad poenitentiam (Hebr. 6, 4).
288. Angelus Domini factus est; tamquam angelus, aut eligitur, aut reprobatur (Declam. n. 24).
289. Ego conspicio paganos et Judaeos; sed nullos video deteriores quam sacerdotes: ipsi sunt in eodem peccato quo cecidit Lucifer (Revel. I. 1. c. 47).
290. Multa sunt laicis venialia, quae clericis sunt mortalia (In Cons. Pont. s. 1).
291. Terra enim saepe venientem super se bibens imbrem... proferens autem spinas ac tribulos, reproba est, et maledicto proxima: cujus consummatio in combustionem (Hebr. 6, 7).
292. Si Dominus ego sum, ubi est timor meus? dicit Dominus exercituum ad vos, o sacerdotes, qui despicitis nomen meum! (Malach. 1, 6).
293. Alto quippe demersi oblivionis somno, ad nullum Dominicae comminationis tonitruum expersgiscuntur, ut suum periculum expavescant (In Cant. s. 77).
294. Impius, cum in profundum venerit peccatorum, contemnit (Prov. 18, 3).
295. Tales sacerdotes non sunt mei sacerdotes, sed veri proditores (Revel. I. 1. c. 47).
296. In terra sanctorum iniqua gessit, et non videbit gloriam Domini (Is. 26, 10).
297. Territus, terreo (Serm. 40. E. B.).
298. Audiamus illum, dum rogat, ne nos postea non audiat, dum judicat (Serm. 29. E. B. app.).
299. Nobilem necesse est esse sacerdotem, ut qui, minister est Domini, erubescat se servum esse peccati (Opusc. 25, cap. 2).
300. Statutum est hominibus semel mori; post hoc autem, iudicium (Hebr. 9, 27).
301. Omnes enim nos manifestari oportet ante tribunal Christi, ut referat unusquisque propria corporis, prout gessit (2. Cor. 5, 10).
302. Redde rationem villicationis tuae (Luc. 16, 2).
303. Cum quaesierit, quid respondebo illi? (Job. 31, 14).
304. Tempus est ut incipiat iudicium a domo Dei (1. Petr. 4, 17).
305. A sanctuario meo incipite (Ezech. 9, 6).
306. Iudicium durissimum, his qui praesunt fiet (Sap. 6, 6).
307. Omni autem cui multum datum est, multum quaeretur ab eo (Luc. 12, 48).
308. Laicus, in die iudicii stolam sacerdotalem accipiet; sacerdos autem peccator spoliabitur dignitate, et erit inter infideles et hypocritas (Hom. 40).
309. Audite hoc, sacerdotes... quia vobis iudicium est (Os. 5, 1).
310. Duplici contritione contere eos (Jer. 17, 18).
311. VI. anno 829, cap. 12.
312. Grandis dignitas sacerdotum, sed grandis ruina, si peccant (In Ezech. 44).
313. Sacerdos, si eadem cum subditis peccata committit, non eadem, sed multo acerbiora patietur (Ad pop. Ant. hom. 77).
314. Prae omnibus diabolis, profundius submergentur in infernum (Revel. I. 4. c. 135).
315. Infernus subter conturbatus est occursum adventus tui... — Omnes principes terrae surrexerunt de solis suis...
316. Universi respondebunt, et dicent tibi: Et tu vulneratus sicut et nos, nostri similis effectus es (Is. 14, 19).
317. Detracta est ad inferos superbia tua.
318. Concidit cadaver tuum; subter te sternetur tineae, et operimentum tuum erunt vermes.
319. Et deriserunt sabbata ejus (Thren. 1, 7).
320. Qui pastorem de medio tulerit, totum gregem dissipat (In 1. Tim. hom. 1).
321. Plus duces, quam milites, appetuntur in pugna (Inter oper. S. Cyp.).
322. Non querit diabolus homines infideles, non eos qui foris sunt; de Ecclesia Christi rapere festinat; escae ejus, secundum Habacuc, electae sunt (Epist. ad Eutoch.).
323. Quid feci tibi, aut in quo contristavi te? responde mihi. — Eduxi te de terra Aegypti. — Et tu parasti crucem Salvatori tuo.
324. Ego te pavi manna per desertum. — Et tu me cecidisti alapis et flagellis.
325. Quid ultra debui facere tibi, et non feci? Ego plantavi te vineam speciosissimam; et tu facta es mihi nimis amara.
326. Ego dedi tibi sceptrum regale. — Et tu dedisti capiti meo spineam coronam.
327. Ego te exaltavi. — Et tu me suspendisti in patibulo crucis.
328. Scio opera tua, et laborem, et patientiam tuam (Apoc. 2, 2).
329. Sed habeo adversum te, quod charitatem tuam primam reliquisti.
330. Memor esto itaque unde excideris, et age poenitentiam, et prima opera fac; sin autem, venio tibi, et movebo candelabrum tuum de loco suo.
331. Petrus autem sequebatur eum a longe (Matth. 26, 58).
332. Qui spernit modica, paulatim decidet (Eccli. 19, 1).
333. Decidet a pietate, a statu gratiae in statum peccati.
334. Difficile est ut non cadere in gravia permittatur, qui minus gravia non veretur (Hom. init. quadr.).
335. Iudicio autem divino in reatum nequiores labuntur, qui distringere minora sua facta contemnunt (Sent. I. 2. c. 19).
336. Magna praecavisti; de minutis quid agis? Projecisti molem; vide ne arena obruaris (In Ps. 39).
337. Ut, usu cuncta levigante, nequaquam post committere etiam graviora timeamus (Moral. I. 10. c. 14).
338. Doctr. 3.
339. Nolite locum dare diabolo (Eph. 4, 27).
340. Lapsus quispiam nequaquam subitanea ruina corruiere credendus est (Col. 6. c. 17).
341. Novimus multos, omnes virtutes numero habuisse, et tamen, negligentia lapsos, ad vitiorum barathrum devenisse (In Matth. hom. 27).
342. Scio opera tua, quia neque frigidus es, neque calidus (Apoc. 3. 15).
343. Tepidus, est, qui non audet Deum mortaliter sciens et volens offendere, sed perfectioris vitae studium negligit; unde facile concupiscentiis se committit (In Apoc. 3. 16).
344. Sunt velut irremissae aegrotatiunculae, quae vitam quidem non dissolvunt, sed ita corpus extenuant, ut, accedente aliquo gravi morbo, statim corpus, vires non habens resistendi, succumbat (De Perf. I. 5. p. 2. c. 16).
345. Utinam frigidus esses aut calidus! sed quia tepidus es, et nec frigidus nec calidus,

*incipiam te evomere de ore meo.*

346. *Utinam frigidus esses!*

347. *Licet frigidus sit pejor tepido, tamen pejor est status tepidi, quia tepidus est in majori periculo ruendi sine spe resurgendi (In Ap. 3. 16).*

348. *Facilius enim est quemlibet paganum ad fidem Christi adducere, quam talem aliquem a suo torpore ad spiritum fervorem revocare.*

349. *Frequenter vidimus de frigidis ad spiritalem pervenire fervorem; de tepedis omnino non vidimus (Coll. 4. c. 19).*

350. *Sicut ante teporem frigidus sub spe est, ita tepor in desperatione: qui enim adhuc in peccatis est, conversionis fiduciam non amittit; qui vero post conversionem tepuit, et spem, qua esse potuit de peccatore, subtrahit (Past. p. 3. c. 1. adm. 35).*

351. *Major enim quo citius quia sit culpa agnoscitur, eo etiam citius emendatur; minor vero, dum quasi nulla creditur, eo pejus quo et securius in usu retinetur. Unde fit plerumque ut mens, assueta malis levibus, nec graviora perhorrescat, et in majoribus contemnat (Past. p. 3. c. 1. adm. 34).*

352. *Magna peccata eo justis minus periculosa sunt, quod aspectum satis tetrum exhorrent; at minima periculosiora videntur, quia latenter ad ruinam disponunt (De Perf. l. 5. p. 2. c. 16).*

353. *Non tanto studio magna peccata esse vitanda, quam parva: illa enim natura adversatur; haec autem, quia parva sunt, desides reddunt. Dum contemnuntur, non potest ad eorum expulsionem animus generose insurgere; unde cito ex parvis maxima fiunt (In Matth. hom. 87).*

354. *Capite nobis vulpes parvulas quae demoliuntur vineas; nam vinea nostra floruit (Cant. 2. 15).*

355. *Culpa leves et imperfectiones vulpes parvulae sunt, in quibus nihil nimis noxium aspicimus; sed hae vineam, id est, animam demoliuntur, quia eam sterilem faciunt, dum pluviam auxilii coelestis impediunt (De Perf. l. 5. p. 2. c. 16).*

356. *Porro tepidus incipit evomi, cum, permanens in tepore suo, Deo nauseam movere incipit, donec tandem omnino in morte sua evomatur, et a Christo in aeternum separetur.*

357. *Vomitum significat Deum exsecrari tepidos, sicut exsecramur id quod os evomuit (In Apoc. 3. 13).*

358. *Calcabis olivam, et non ungeris oleo (Mich. 6, 15).*

359. *Incipiam te evomere.*

360. *Si dixeris: Sufficit, — et peristi (Serm. 169. E. B.).*

361. *Vision c. 51.*

362. *Maledictus, qui facit opus Dei fraudulenter (Jer. 48, 10).*

363. *Negligentes Deus deserere consuevit (In Ps. 118, s. 10).*

364. *Deus vult a seraphinis ministrari; tepido gratiam suam subtrahit, sinitque eum dormire, itaque ruere in barathrum.*

365. *Qui parce seminat, parce et metet (2. Cor. 9, 6).*

366. *Omni enim habenti dabitur, et abundabit; ei autem qui non habet, et quod videtur habere, auferetur ab eo (Matth. 25, 29).*

367. *Malos male perdet, et vineam locabit aliis agricolis, qui reddant ei fructum... (Matth. 21, 44).*

368. *Seminastis multum, et intulistis parum... et qui mercedes congregavit, misit eas in sacculum pertusum (Agg. 1, 6).*

369. *Signum est amoris satis tepidi, velle amatum in solis rebus gravibus non offendere, et in aliis, quae non tanta severitate praecipit, ejus voluntatem procaciter violare (De Exterm. mali. l. 1. c. 12).*

370. *Hostium malitia, qua tam solliciti sunt in nostram perditionem, nos quoque sollicitos faciat, ut in timore et tremore ipsorum nostram salutem operemur (De S. Andrea s. 2).*

371. *In magno versatur periculo, saepeque, inter tot occasiones quibus plena est vita, in mortale prolabitur (In Apoc. 3, 15).*

372. *Coeli non sunt mundi in conspectu ejus (Job 15, 15).*

373. *In multis enim offendimus omnes (Jac. 3, 2).*

374. *Necesse est de mundano pulvere etiam religiosa corda sordescere (De Quadrag. s. 4).*

375. *Septies in die cadet justus, et resurget (Prov. 24, 16).*

376. *Cadet et resurget.*

377. *Et si non sumus sine peccatis, oderimus tamen ea (Serm. 181. L. B.).*

378. *Si confiteamur peccata nostra, fidelis est et justus, ut remittat nobis peccata nostra, et emundet nos ab omni iniquitate (1. Jo. 1. 9).*

379. *Sane tales culpas generaliter exposuisse satis est (Consol. pusil. c. 1 § 4).*

380. *P. 3. q. 87. a. 3.*

381. *Sufficit actus quo aliquis detestatur peccatum veniale vel explicite vel implicite, sicut cum aliquis ferventer movetur ad Deum. Triplici ratione, aliqua causant remissionem venialium: 1.<sup>o</sup> per infusionem gratiae; et hoc modo, per Eucharistiam et omnia Sacramenta, venialia remittuntur; 2.<sup>o</sup> in quantum sunt cum aliquo motu detestationis; et hoc modo, confessio generalis, tunsio pectoris, et Oratio Dominica operantur ad remissionem; 3.<sup>o</sup> in quantum sunt cum aliquo motu reverentiae in Deum et ad res divinas; et hoc modo, benedictio episcopalis, aspersio aquae benedictae, oratio in ecclesia dedicata, et si aliqua sunt hujusmodi, operantur ad remissionem venialium.*

382. *Contingere potest quod tanta devotione mens, per sumptionem Sacramenti, in Domino absorbeatur, quod ab omnibus venialibus expurgetur (De Chr. Dom. s. 12. a. 2. c. 1).*

383. *Muscae morientes perdunt suavitatem unguenti (Eccl. 10, 1).*

384. *Dum musca cadit in unguentum, manendo in illo, destruit ejus valorem atque odorem. Spiritualiter, muscae morientes sunt cogitationes vanae, affectiones illicitae, distractiones morosae, quae "perdunt suavitatem unguenti", id est, dulcedinem spiritualium exercitiorum.*

385. *Qui cognovit voluntatem domini sui, et non praeparavit, et non fecit secundum voluntatem ejus, vapulabit multis; qui autem non cognovit, et fecit digna plagis, vapulabit paucis (Luc. 12, 47).*

386. *De Perf. l. 3. c. 13.*

387. *Quemadmodum singulis diebus in multis offendimus, ita quotidianas expiationes habemus (Parad. an. p. 1. c. 3).*

388. *Quae impossibilia sunt apud homines, possibile sunt apud Deum (Luc. 18, 27).*

389. *Petite, et accipietis.*

390. *Meritum meum, misericordia tua.*

391. *Orat. 5.*

392. *Vermis quo nullus nocentior (T. II. s. 52. a. 3. c. 2).*

393. *Luxuria omnium virtutum eradicat germina.*

394. *Luxuria seminarium et origo vitiorum est (De Elia et jej. c. 19).*

395. *Demptis parvulis, ex adultis pauci, propter hoc vitium salvantur (S. Thom. de Vill. De S. Ildeph. conc. 2).*

396. *Il Christ. inst. p. 1. rag. 24.*

397. *Gemma pretiosissima, a paucis inventa (De Virginit.).*

398. *Teipsum castum custodi (1. Tim. 5, 22).*

399. *Ante omnia, sacerdos, qui divinis assistit altaribus, castitate debet accingi (In Levit. hom. 4).*

400. *Soli qui puram agunt vitam, sunt Dei sacerdotes (Strom. l. 4).*

401. *Si pudicitia sacerdotes creat, libido sacerdotibus dignitatem abrogat (Epist. l. 3. ep. 75).*

402. *Qui, post acceptum sacrum Ordinem, lapsus in peccatum carnis fuerit, sacro Ordine ita careat, ut ad altaris ministerium ulterius non accedat (Cap. Pervenit. dist. 50).*

403. *Cap. Presbyter. dist. 82.*

404. *Cap. Presbyter. dist. 82.*

405. *Unxit nos Deus, qui et signavit nos (2. Cor. 1, 21).*

406. *Sacerdos ne polluat sanctuarium Domini; quia oleum sanctae unctionis super eum est (Ep. ad Heron. Diac.).*

407. *Teipsum castum custodi, ut domum Dei, templum Christi (Op. 18. d. 2. c. 4-7).*

408. *Nonne templum Dei violant? Nolite vasa Deo sacrata in vasa contumeliae vertere.*

409. *Cum ipsi templum et sacrarium Spiritus Sancti debeant esse indignum est eos immunditiis*

- deservire (Cap. Decernimus dist. 28).
410. Sus lota in volutabro (2. Pet. 2, 22).
411. Deum in ipsis habitantem corrumpunt, quantum in se est, et vitiorum suorum conjunctione polluunt (Paedag. I. 2. c. 10).
412. Sacerdotes ejus contempserunt legem meam, et polluerunt sanctuaria mea... et coinquinabar in medio eorum (Ezech. 22, 26).
413. Polluimus corpus Christi, quando indigni accedimus ad altare (In Mal. 1. 7).
414. Pudicitia sacerdotalis, non solum ab opere immundo, sed etiam a jactu oculi sit libera (In Tit. 1. 8-9).
415. Necessesse est sacerdotem sic esse purum, ut, in ipsis coelis collocatus, inter coelestes illas virtutes medius staret (De Sacer. 1. 3).
416. Quo solares radios non deberet excedere manus illa, quae hanc carnem tactat? (In Matth. hom. 83).
417. Quis adeo impius erit, qui lutosus manibus sacratissimum Sacramentum tractare praesumat? Em vez destas palavras, eis o que lemos no lugar indicado: Si erubescimus et timemus Eucharistiam manibus sordidis tangere, plus debemus timere ipsam Eucharistiam in anima polluta suscipere (Serm. 292. E. B. app.). — LE TRADUCTER.
418. Audent Agni immaculati sacras contingere carnes, et intingere in sanguinem Salvatoris manus, quibus paulo ante carnes attrectaverunt (Declam. n. 13).
419. Ne manus quae intinguntur sanguine Christi, polluantur sanguine peccati! (Molina. Instr. Sac. tr. 1. c. 5. § 2).
420. Qua puritate oportebit custodire castitatem, quos necesse est quotidie sacrosanctis Agni carnibus vesci! (De Coen. inst. I. 6. c. 8).
421. Qui sacra illius verba Sacramenti ore immundo profert, in faciem Salvatoris spuit; et cum in os immundum sanctissimam Carnem ponit, eam quasi in lutum projicit (Serm. 38).
422. Majus peccatum est, quam si projiciat corpus Christi in cloacam.
423. Cur, o sacerdos, qui sacrificium Deo debes offerre, temetipsum prius maligno spiritui non vereris victimam immolare? (Opusc. 17. c. 3).
424. Vos estis daemonum victimae, ad aeternae mortis succidium destinatae; ex vobis diabolus, tamquam delicatis dapibus, pascitur et saginatur (Epist. I. 4. ep. 3).
425. Ecce in pace amaritudo mea amarissima (Is. 38, 17).
426. Amara prius in nece Martyrum, amarior in conflictu haereticorum, amarissima in moribus domesticorum. Pax est, et non est pax: pax a paganis, pax ab haereticis, sed non profecto a filiis (In Cant. s. 33).
427. Filii propriam matrem eviscerant! (S. ad Past. in syn.).
428. Qui praedicator constitutus es castitatis, non te pudet servum esse libidinis? (Opusc. 17, c. 3).
429. Castitas, mundans mentes hominum, praestet videre Deum (Serm. 291. E. B. app.).
430. Caecitas mentis, odium Dei, affectus praesentis saeculi, horror vel desperatio futuri (2. 2. q. 153. a. 5).
431. João Calvino foi provido aos doze anos numa capelania na igreja de Noyon, e depois no curato de Pont-l'Évêque, perto desta cidade, ainda que nunca foi elevado ao sacerdócio (Dict. hist. de Feller).
432. Ambulabunt ut caeci, qui Domino peccaverunt (Soph. 1, 17).
433. Percutiat te Dominus amentia, et caecitate, ac furore mentis, et palpes in meridie, sicut palpare solet caecus in tenebris, et non dirigas vias tuas (Deut. 28, 28).
434. Non dabunt cogitationes suas, ut revertantur ad Deum suum; quia spiritus fornicationum in medio eorum, et Dominum non cognoverunt (Os. 5, 4).
435. Nec admonitiones, nec consilia, nec aliquid aliud salvare potest animam libidine periclitantem (Hom. contra lux.).
436. Supercecidit ignis, et non viderunt solem (Ps. 57, 9).
437. Vitia carnalia exstinguunt iudicium rationis. Delectatio quae est in venereis, totam animam trahit ad sensibilem delectationem (2. 2. q. 53. a. 6).
438. Luxuria hominem pejorem bestia facit (Eusèbe. Ep. ad Dam. de morte Hier.).
439. Accedite ad eum, iluminamini (Ps. 33, 6).
440. Per peccatum luxuriae, homo videtur maxime a Deo recedere (In Jo. 31. lect. 1).
441. Animalis autem homo non percipit e a quae sunt Spiritus Dei (1. Cor. 2, 14).
442. Ubi coepit quis luxuriari, incipit deviare a fide recta (Ep. 36).
443. Ossa ejus implebuntur vitiis adolescentiae ejus et cum eo in pulvere dormient (Job 20, 11).
444. Quia oblita es mei, et projecisti me post corpus tuum, tu quoque porta scelus tuum et fornicationes tuas (Ezech. 23, 35).
445. Illi Deum post corpus suum ponunt, qui suarum obtemperant illecebris voluptatum (Opusc. 18. diss. 2. c. 3).
446. Eserc. della buonam, p. 1. d. 34.
447. Hoc rete diaboli, si quis capitur, non cito solvitur (Eusèbe, Ep. ad Dam. de morte Hier.).
448. Diabolus dicitur maxime gaudere de peccato luxuriae, quia est maximae adherentiae, et difficile ab eo homo potest eripi (1. 2. q. 73. a. 5).
449. Morbus immedicabilis, vitium immutabile (Paedag. I. 2. c. 10).
450. Impudicitia mater est impenitentiae (De Disc. et Bono pud.).
451. Est fere impossibile triumphare de carne, si ipsa de nobis triumphavit.
452. Propheta et sacerdos polluti sunt... idcirco via eorum erit quasi lubricum in tenebris; impellentur enim, et corruent in ea (Jer. 23, 11).
453. Dum servitur libidini, facta est consuetudo; et dum consuetudini non resistitur, facta est necessitas (Conf. I. 8. c. 5).
454. Vix aliquis talium veram habet contritionem; idcirco pene omnes aeternaliter damnantur (Quat. Nov. p. 3. a. 13).
455. Altaria Domini, non alienum, sed ignem dumtaxat divini amoris accipiunt; quisquis igitur carnalis concupiscentiae flamma aestuat, et sacris assistere mysteriis non formidat, ille divinae ultionis igne consumitur (Opusc. 27. c. 3).
456. Veniet, veniet profecto dies, imo nox, quando libido ista tua vertetur in picem, qua se perpetuus ignis in tuis visceribus inextinguibiliter nutriat (Opusc. 17. c. 3).
457. Quid illi sperandum, qui, coelestibus tricliniis intromissus, non modo non est spiritualis indumenti decore conspicuus, sed ultro etiam foetet sordentis luxuriae squalore perfusus? (Opusc. 18. d. 1. c. 4).
458. Cessa pro me orare, pro quo nullatenus exaudieris (Anno 1.100 n. 24).
459. Epist. I. 5. ep. 16.
460. Revel. I. 1. c. 2.
461. Vos autem recessistis de via, et scandalizastis plurimos in lege... propter quod et ego dedi vos contemptibiles et humiles omnibus populis (Mal. 2, 8).
462. Qui amat periculum, in illo peribit (Eccli. 3, 27).
463. Oratio pudicitiae praesidium est (De Orat. Dom. or. 1).
464. Et ut scivi quoniam aliter non possem esse continens, nisi Deus det... adii Dominum, et deprecatus sum illum (Sap. 8, 21).
465. Necessario fatemur nullum aliud opus adeo sanctum a Christi fidelibus tractari posse, quam hoc tremendum mysterium (Sess. 22, Decret. de observ. in Missa).
466. Habuit bovem Judaeus, habet Christum christianus, cujus sacrificium tanto excellentius est, quanto Christus bove major est. — Congrua tunc fuit servilis hostia servis; servata est liberatrix victima jam filiis et amicis (Epist. contra Petrobr.).
467. Qua oblatione nulla major, nulla utilior, nullaque oculis Divinae Majestatis est gratior (Serm. de Euchar.).
468. Locus altari vicinus plenus est angelorum choris, in honorem illius qui immolatur (De Sacerd. 1. 6).
469. Quis fidelium habere dubium possit, in ipsa immolationis hora, ad sacerdotis vocem coelos aperiri, et in illo Jesu Christi mysterio angelorum chorus adesse? (Dial. I. 4. c. 58).
470. Sacerdos enim hoc ineffabile conficit mysterium, et angeli conficenti sibi quasi famuli assistunt (Molina, Instr. Sac. tr. 1. c. 5. § 2).
471. Idem nunc offerens sacerdotum ministerio, qui seipsum tunc in cruce obtulit (Sess. 22,

- cap. 2).
472. Sacerdos vice Christi vere fungitur (Epist. 62).
473. Luc. 10, 16.
474. Mundamini, qui fertis vasa Domini (Is. 52, 11).
475. Quanto mundiores esse oportet, qui in manibus et in corpore portant Christum! (Epist. 123).
476. Satis apparet omnem operam et diligentiam in eo ponendam esse, in quanta maxima fieri potest interiori cordis munditia peragatur (Sess. 22. Decret. de observ. in Missa).
477. Candorem significat vitae innocentis, quae a sacerdote debet incipere.
478. Videte dignitatem vestram, sacerdotes; et sicut super omnes, propter hoc mysterium, honoravit vos Dominus, ita et vos diligite eum et honorate (Op. p. 1. ep. 12).
479. Honorificabitur autem, non cultu vestium, sed ornatis moribus, studiis spiritualibus, operibus bonis (De Mor. et Off. Episc. c. 2).
480. Ad vos, o sacerdotes, qui despicitis nomen meum...! Offertis super altare meum panem pollutum, et dicitis: In quo polluimus te (Mal. 1, 6).
481. De stercore erigens pauperem, ut collocet eum cum principibus populi sui.
482. Qui non adhibet honorem quem debet altari sancto, factis testatur illud esse contemptibile (Molina, Inst. Sacerd. tr. 2. c. 18. § 1).
483. Quo igitur solari radio non puriorem esse oportet manum carnem hanc dividendam, linguam quae tremendo nimis sanguine rubescit? (Ad pop. Ant. hom. 60).
484. Nonne accedentem ad altare sacerdotem sic purum esse oportet, ut, si in ipsis coelis esset collocatus, inter coelestes illas virtutes mediis staret? (De Sacerdot. l. 3).
485. Quis adeo impius erit, qui lutosus manibus sacratissimum sacramentum tractare praesumat?
486. Cum extenderitis manus vestras, avertam oculos meos a vobis (Is. 1, 15).
487. Dispergam super vultum vestrum stercus solemnitatum vestrarum (Mal. 2, 3).
488. Haec quidem illa munda oblatio est, quae nulla malitia offerentium inquinari potest (Sess. 22. cap. 1).
489. Comquinabar in medio eorum (Ezech. 22, 26).
490. Heu, Domine Deus, quia ipsi sunt in persecutione tua primi qui videntur in Ecclesia tua gerere principatum! (In Convers. S. Pauli, s. 1).
491. Vis infertur corpori Domini; in Dominum manibus atque ore delinquant (Serm. de Lapsis).
492. Qui sacra illius verba Sacramenti ore immundo profert, in faciem Salvatoris spuit; et cum in os immundum sanctissimam carnem ponit, eum quasi in lutum projicit (Serm. 38).
493. Lutum non adeo indignum est corpore divino, quam indigna est carnis tuae impuritas (In Hebr. 10, 16).
494. Majus peccatum, quam si projiceret corpus Christi in cloacam.
495. Quantum flagitium sit in spurcissimam pectoris tui cloacam Christi sanguinem fundere? (De sacram. alt. conc. 3).
496. Aliud est promulgata edicta negligere, aliud ipsum regem vibrato propriae manus jaculo sauciare. Deterius nemo peccat, quam sacerdos qui indigne sacrificat... (Opusc. 26. c. 2).
497. Minus peccaverunt Judaei crucifigentes in terra deambulantem quam qui contemnunt in coelo sedentem (In Ps. 68. s. 2).
498. Semel Judaei Christo manus intulerunt; isti quotidie corpus ejus lacessunt. O manus praecidendae! (De idol.)
499. Veja-se a nossa Teologia moral, l. 6. n. 35. v. Hinc dicimus.
500. Miser! nonne caligaverunt oculi tui, lingua torpuit, conciderunt brachia? (Epist. ad Sabian.).
501. Muito daemónio peyor est, qui, peccati conscius, accedit ad altare (In Matth. hom. 83).
502. Vida, cap. 38.
503. Quando qui particeps est cum ipso in mysteriis, peccatum committit, nonne eum conculcat? (In Hebr. hom. 20).
504. Columnae coeli contremiscunt (Jo. 26, 11).
505. Corpus meum amarius crucifigunt, quam Judaei (Brev. l. 4. c. 133).
506. Ne, si peccatis obnoxii offerunt, eorum oblatio sit quasi qui victimat Filium in conspectu Patris (Durant. De Rit. Eccl. l. 2. c. 42, § 4).
507. Quoniam, si inimicus meus maledixisset mihi, sustinuissem utique... tu vero, homo unanims, dux meus et notus meus, qui simul mecum dulces capiebas cibos (Ps. 54, 13).
508. Tales sacerdotes non sunt mei sacerdotes, sed veri proditores; ipsi enim et me vendunt quasi Judas (Rev. l. 1 c. 47).
509. Juda traditore deteriores effecti, eo quod, sicut ille tradidit Jesum Judaeis, sic isti tradunt diabolis, eo quod illum ponunt in loco sub potestate diaboli constituto (T. il. s. 55. a. 1. c. 3).
510. Nonne Christus potest stare, et dicere: Juda! tradis osculo Filium hominis? (Serm. 42).
511. Qui Christi corpus indigne conficit, Christum tradit, ut Christus, dum traditur dicat: Ecce manus tradentis me mecum est in mensa (P. de Blois, Epist. 123).
512. In eis qui peccant, nec sancta mysteria contingere veruntur, totus daemon se insinuat; quod etiam in proditore quoque fecit (Epist. l. 3. ep. 364).
513. Sanguis meus plus clamat vindictam, quam sanguis Abel (Rev. l. 4. c. 132).
514. Ne lingua, quae vocat de coelo Fillium Dei, contra Dominum loquatur; et manus, quae intinguntur sanguine Christi, polluantur sanguine peccati! (Molina. Instr. Sacerd. tr. 1. c. 5. § 2).
515. Quando ergo peccare volueris, quaere aliam linguam quam eam quae rubescit sanguine Christi, alias manus praeter eas quae Christum suscipiunt.
516. Accedunt, non vocati a Deo, sed impulsivi ab avaritia (De Praep. ad. M. c. 8).
517. Numquid carnes sanctae auferent a te malitias tuas, in quibus gloriata es? (Jer. 11, 15).
518. Excusatione caret, qui facinus, ipso iudice teste, committit (Serm. 26).
519. Levit. 10.
520. Cavendum est ne alienum ignem, hoc est, libidinis flammam, inter salutes hostias deferamus (Opusc. 26. c. 1).
521. Quisquis carnalis concupiscentiae flamma aestuat, et sacris assistere mysteriis non formidat, ille, procul dubio, divinae ultionis igne consumitur (Opusc. 27, c. 3).
522. Absit ut aliquis huic idolo substernatur, ut Filium Virginis in Veneris templo suscipiat (Serm. 60).
523. Quid illi sperandum, qui, coelestibus tricliniis intromissus, non modo non est spiritualis indumenti decore conspicuus, sed ultro etiam foetet sordentis luxuriae squalore perfusus (Opusc. 18. d. 1. c. 4).
524. Vae ei qui se alienum fecerit ab eo; et multum vae ei qui immundus accesserit! (De Ord. vitae, c. 1. c. 4).
525. Ingredior ad Sacerdotem istum ut Sponsus; egredior ut iudex, iudicaturus contemptus a sumente (Rev. l. 4. c. 62).
526. De Sacram. alt. conc. 3.
527. Maledicti sunt a coelo et terra, et ab omnibus creaturis quae ipsae obediunt Deo, et isti spreverunt (Revel. l. 1. c. 47).
528. Videmus Sacerdotes abutentes vasis Deo consecratis; sed prope est manus illa et scriptura terribilis: Mane, Thecel, Phares: Numeratum, Appensum, Divisum (Serm. 56).
529. Fiat mensa eorum coram ipsis in laqueum (Ps. 68, 23).
530. Sumentes indigne, prae caeteris delicta graviora committunt, et pertinaciores in malo sunt (S. de Euchar.).
531. Qui enim manducat et bibit indigne, iudicium sibi manducat et bibit (1. Cor. II, 29).
532. Cur, o Sacerdos, qui sacrificium Deo debes offerre, temetipsum prius maligno spiritui non vereris victimam immolare? (Opusc. 17. c. 3).
533. Quibus nihil aliud actum est, quam ut pudor hominibus peccandi demeretur (De Vita beata, c. 26).
534. Quid aliud est vitia incendere, quam auctores illis inscribere deos, dare morbo, exemplo divinitatis, excusatam licentiam? (De Brevit. vitae c. 16).
535. Quod divos decuit, cur mihi turpe putem?
536. Persuadent sibi id licere, quod a suis pastoribus fieri conspiciunt, et ardentius perpetrant.
537. Sicut misit me Pater, et ego mitto vos (Jo. 20, 21).
538. Cave ne committas quod qui volunt imitari, coguntur delinquere (Ep. ad Heliod.).

539. *Dictum vel factum minus rectum, praebens occasionem ruinae (2. 2. q. 43. a. 1).*
540. *Peccantes autem in fratres, et percutientes conscientiam eorum infirmam, in Christum peccatis (1. Cor. 8, 12).*
541. *Si (Dominus) proprium sanguinem dedit in pretium redemptionis animarum, non tibi videtur graviolem sustinere persecutionem ab illo qui, scandali occasione, avertit ab eo animas quas redemit, quam a Judaeo, qui sanguinem suum fudit? (In Conv. S. Pauli s. 1).*
542. *Vos estis sal terrae (Matth. 5, 13).*
543. *Itaque, si sal infatuatum fuerit, in quo salietur? Qui erunt homines per quos a vobis error auferatur, cum vos elegerit Deus, per quos errorem auferat caeterorum? Ergo ad nihilum valet sal infatuatum, nisi ut mittatur foras, et calcetur ab hominibus (De Serm. Dom. in monte I. 1. c. 6).*
544. *Vos estis lux mundi (Matth. 5, 14).*
545. *Splendore vitae totum illuminantis orbem splendere debet animus Sacerdotis (De Sacerd. I. 6).*
546. *Laqueus ruinae populi mei, sacerdotes mali (P. 1. c. 2).*
547. *Ne paucorum facinus multorum possit esse perditio; nam causa sunt ruinae populi sacerdotes mali (Epist. I. 9. ep. 64).*
548. *Et erit, sicut populus, sic Sacerdos (Os. 4, 9).*
549. *Et inebriabo animam sacerdotum pinguedine, et populus meus bonis meis adimplebitur (Jer. 31, 14).*
550. *Si pingues sint sacerdotes, erunt itidem populi pingues; et secus, si illi inanes erunt, magnum populis imminet paupertatis periculum (IN Synod. dioec. II. orat. 1).*
551. *Principes tenebrarum principes Ecclesiae salutant. Laeti omnes nos gratias eisdem referimus, quia, per eorum negligentiam, ad nos devolvitur totus fere mundus (De Apib. I. 1. c. 20).*
552. *Unde fit ut, cum pastor per abrupta graditur, ad praecipitium grex sequatur (Past. p. 1. c. 2).*
553. *Misera eorum conversatio plebis subversio est (In Conv. S. Pauli, s. 1).*
554. *Si quis de populo deviat, solus perit; ; verum principis error multos involvit, et tantis obest, quantis praeest ipse (Epist. 127).*
555. *Unde conjicitur quod peccatum sacerdotis totius multitudinis peccato coaequatur, quia sacerdos in suo peccato totam facit delinquere multitudinem (In Consecr. Pont. s. 1).*
556. *Si sacerdos qui unctus est, peccaverit, delinquere faciens populum (Lev. 4, 3).*
557. *Nolite eis coelum claudere; clauditis, dum male vivere ostenditis (Ad Frat. in er. s. 36).*
558. *Viso exemplo pravo sacerdotum, peccator fiduciam peccandi sumit, et incipit de peccato, quod prius reputabat erubescibile gloriari. Ideo ipsis erit amplior maledictio prae aliis, quia se vita sua perdunt e alios (Rev. I 4. c. 132).*
559. *Vidit arborem pallentibus foliis marcidam, et intellexit agricola quia laesuram in radicibus habet; ita, cum videris populum irreligiosum, sine dubio cognoscis quia sacerdotium ejus non est sanum (Hom. 38).*
560. *De Dignit sac. c. 5.*
561. *Omne caput languidum... A planta pedis usque ad verticem, non est in eo sanitas (Is. 1, 5).*
562. *Caput enim languidum doctor est agens peccatum, cujus malum ad corpus pervenit (Sent. I. 3. c. 38).*
563. *Totius familiae Domini status et ordo nutabit, si, quod requiritur in corpore, non inveniatur in capite (Epist. 87).*
564. *Quis enim in coeno fontem requirat?... An vero idoneum eum putabo, qui mihi det consilium, quod non dat sibi? (Officior I. 2. c. 12).*
565. *Opusc. Max cum princip. philos.*
566. *Inferiorum culpa ad nullos magis referendae sunt, quam ad desides rectores (S. Bernard. De Consid. I. 3. c. 5).*
567. *In Evang. hom. 17.*
568. *Quasi totius orbis pater sacerdos est; dignum igitur est ut omnium curam agat, sicut et Deus, cujus fungitur vice (In 1. Tim. hom. 6).*
569. *Quid faciet laicus, nisi quod patrem suum spiritualem viderit facientem? (Serm. 57).*
570. *Quidquid feceris, id sibi omnes faciendum putant (Ep. ad Heliod.).*
571. *Numquid talia clerici, etiam majoris ordinis, faciunt? (Serm. 15).*
572. *Quid mihi loqueris? Ipsi clerici non illud faciunt, et me cogis ut faciam (Serm. 137. E. B.).*
573. *In exemplum culpa vehementer extenditur, quando, pro reverentia Ordinis, peccator honoratur (Past. p. 1. c. 2).*
574. *Quibus quotidie percussionibus intereat populus videtis; cujus hoc, nisi nostro praecipue, peccato agitur? Nos pereunt populo auctores mortis existimus, qui esse debuimus duces ad vitam (In Evang. hom. 17).*
575. *De evitando susp. contub.*
576. *Si dixeris: Et mihi sufficit consciencia mea; non curo quid loquantur homines; — audi Apostolum scribentem: "Providentes bona, non tantum coram Deo, sed etiam coram omnibus hominibus" (Rom. 12, 17).*
577. *Non parcut suis, qui non parcut sibi, perimentes pariter et pereuntes (In Cant. s. 77).*
578. *Post indoctos praelatos malosque, in Ecclesia, nulla pestis ad nocendum infirmis valentior invenitur (De Ord. vitae c. 1).*
579. *Multi sunt catholici praedicando, qui haeretici sunt operando: quod haeretici faciebant per prava dogmata, hoc faciunt plures hodie per mala exempla; et tanto graviores sunt haeticis, quanto praevalent opera verbis (S. ad Past. in syn.).*
580. *Longum iter est per praecepta, breve et efficax per exempla (Epis. 6).*
581. *Omnibus castitas necessaria est, sed maxime ministris Christi altaris, quorum vita aliorum debet esse assidua salutis praedicatio (Serm. 291. E. B. app.).*
582. *Qui praedicator constitutus es castitatis, non te pudet servum esse libidinis? (Opusc. 17. c. 3).*
583. *Clamat vestis clericalis, clamat status professi animi sanctitatem.*
584. *Nemo amplius in ecclesia nocet, quam qui, perverse agens, nomen vel ordinem sanctitatis habet (Past. p. 1. c. 2).*
585. *Sacerdotii dignitate velut armis ad vitium abuti! (Ep I. 2. ep. 162).*
586. *Abominabilem fecisti decorem tuum (Ezech. 16, 25).*
587. *Aut caeteris honestiores, aut fabula omnibus sunt (De Consid. I. 4. c. 6).*
588. *Quomodo non sit confusio esse sacerdotes inferiores laicis, quos etiam esse aequales magna confusio est? (Hom. 40).*
589. *Si, quae in se erubescit, in te, quem reverendum arbitratur, offendet? (Epist. 6).*
590. *Audite hoc, sacerdotes, ... quia vobis iudicium est, quoniam laqueus facti estis speculationi, et rete expansum (Ose. 5, 1).*
591. *Cum primum capta fuerit anima, ad alias decipiendas fit laqueus (De recta viv. rat. c. 22).*
592. *Quia inventi sunt in populo meo impii insidiantes quasi aucupes, laqueos ponentes et pedicas ad capiendos viros (Jer. 5, 26).*
593. *Quomodo aucupes facere solent, qui columbas, quas prius ceperint, excaecant et surdas faciunt, ut, dum ad illas reliquae columbae convenerint, praeparatis retibus capiantur (Hom. 35).*
594. *Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus, dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium platearum (Thren. 4, 1).*
595. *Aurum quippe obscuratum est, quia sacerdotum vita, per actiones infimas, ostenditur reprobata; color optimus est mutatus, quia ille sanctitatis habitus, per abjecta opera, ad ignominiam despectionis venit; dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium platearum, quia hi qui, per vitam et orationem, intus semper esse debuerant, foris vacant. Ecce jam pene nulla est saeculi actio, quam non sacerdotes administrent! (In Evang. hom. 17).*
596. *Filii matris meae pugnaverunt contra me (Cant. 1, 5).*
597. *Propter vitia sacerdotum Dei, sanctuarium destitutum est (Epist. ad Sabiniam).*
598. *Ecce in pace amaritudo mea amarissima (Is. 38, 17).*
599. *Pax a paganis, pax ab haeticis, sed non profecto a filiis (In Cant. s. 33).*
600. *É uma passagem repetida, como muitas outras, mas nem por isso perde da sua força.*

601. Nullum, puto, ab aliis majus praejudicium, quam a sacerdotibus tolerat Deus, quando eos, quos ad aliorum correctionem posuit, dare de se exempla pravitatis cernit (In Evang. hom. 17).
602. Neminem dantes ullam offensionem, ut non vituperetur ministerium nostrum; sed in omnibus exhibeamus nos metipsos sicut Dei ministros (2. Cor. 6, 3).
603. In nobis lex christiana maledicatur.
604. Plurimi, considerantes, cleri sceleratam vitam, ex hoc vacillantes, imo multoties deficientes in fide, sacramenta despiciunt, vitia non evitant, non horrent inferos, coelestia minime concupiscunt (T. 1. s. 19. a. 2. c. 1).
605. Qualis est eorum Deus, qui talia agunt? numquid sustineret eos talia facientes, nisi consentiret eorum operibus? (Hom. 10).
606. Veteres scrutans historias, invenire non possum scindisse Ecclesiam, et populos seduxisse, praeter eos qui sacerdotes positi a Deo fuerunt (In Oseam. c. 9).
607. Propter negligentiam sacerdotum haereses pullularunt... Propter peccata nostra (sacerdotum) data est in conculcationem et opprobrium santa Ecclesia Christi (Serm. 60).
608. Serpit hodie putida tabes per omne corpus Ecclesiae, et quo latius, eo desperatius, eoque periculosius quo interius: nam, si insurgeret apertus, inimicus haereticus mitteretur foras; si violentus inimicus, absconderet se ab eo; nunc vero, quem ejiciet, aut a quo abscondet se? Omnes necessarii, et omnes adversarii (In Cant. s. 33).
609. Vae homini illi per quem scandalum venit (Matth. 18, 7).
610. Elegit eum ex omni carne! (Eccli. 45, 4).
611. Si perversa perpetrant, tot mortibus digni sunt, quot subditos suos perditionis exempla transmittunt (Past. p. 3. c. 1. adm. 5).
612. Ipsis erit amplior maledictio, quia se vita sua perdunt, et alios (Revel. I. 4. c. 132).
613. Malos male perdet, et vineam suam locabit aliis agricolis, qui reddant ei fructum temporibus suis (Matth 21, 41).
614. Occuram eis quasi ursae, raptis catulis (Os. 13, 8).
615. Si pro se unusquisque vix poterit in die iudicii rationem reddere, quid de sacerdotibus futurum est, a quibus sunt omnium animae requirendae? (Serm. 287. E. B. app.).
616. Si sacerdotes fuerint in peccatis, totus populus convertitur ad peccandum; ideo unusquisque pro suo peccato reddet rationem, sacerdotes autem pro omnium peccatis (Hom. 38).
617. Laicus in die iudicii, stolam sacerdotalem accipiet, sacerdos autem peccator spoliabitur sacerdotii dignitate quam habuit, et erit inter infideles et hypocritas (Hom. 40).
618. Ne forte... offendiculum fiat infirmis? (1. Cor. 8, 9).
619. Longe pejus est, collaudare delinquentes, quam delinquere (De Sant. et David. hom. 2).
620. Multi sacerdotes, et pauci sacerdotes: multi in nomine, pauci opere (Hom. 43).
621. Dei enim sumus adiutores (1. Cor. 3, 9).
622. V. p. 10.
623. V. p. 12.
624. Sacerdotes Dominus mundi esse voluit salvatores (In Abd. 21).
625. Dispensatores regiae domus (De vita cont. I. 2. c. 2).
626. Ecce ego mittam piscatores multos, dicit Dominus, et piscabuntur eos; et post haec, mittam eis multos venatores, et venabuntur eos de omni monte, et de omni colle, et de cavernis petrarum (Jer. 16, 16).
627. In Ps. 118, s. 6.
628. In opere creationis, non fuit qui adjuvaret; in mysterio vero redemptionis, voluit habere coadiutores (Serm. 47).
629. Regi, quae hic sunt, commissa sunt; mihi coelestia, mihi sacerdoti (De Verbis Is. hom. 4).
630. Licet beatissima Virgo excellentior fuerit apostolis, non tamen illi, sed istis Dominus claves regni coelorum commisit (Cap. Nova quaedam de Poen. et Rem.).
631. Sacerdos, dux exercitus Domini (Opusc. 25, c. 2).
632. Sponsae Custodem (In Cant. serm. 77).
633. Post Deum, terrenus deus (Const. Apost. I. 2. c. 26).
634. Nihil honorabilius sacerdotibus; omnis enim spes atque salus in iis est (Ep. ad S. Leon).
635. Parentes in praesentem, sacerdotes in vitam aeternam nos generant (De Sacerdot. I. 3).
636. Absque sacerdotibus, nulla sanctorum congregatio (Ep. ad Tr.).
637. Vos estis presbyteri in populo Dei, et ex vobis pendet anima illorum (Judith, 8, 21).
638. Honorate sacerdotes, ut bene vivendi auctores.
639. Omnis namque Pontifex, ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quae sunt ad Deum, ut offerat dona et sacrificia pro peccatis. Qui condolere possit iis qui ignorant et errant (Hebr. 5, 1).
640. Regale sacerdotium... populus acquisitionis (1. Pet. 2, 9).
641. Clericatus, officium est quaestus, non pecuniarum, sed animarum (Serm. 78).
642. É repetição do que já fica dito a pág. 47.
643. Sacerdos, id est, sacra docens (Summ. p. 3. til. 14 c. 7. § 1).
644. Sacerdos, quasi sacra dans (P. 3. q. 22. a. 1).
645. Presbyter dicitur praebens iter populo de exilio ad patriam (Gemma an. I. 1. c. 181).
646. Duces et rectores gregis Christi (De dignit. sac. c. 2).
647. Nomen congruat actioni, ne sit nomen inane, crimen immane (Ibid. c. 3).
648. Detrimentum pecoris pastoris ignominia est (Reg. Monach. de Laude vit.).
649. Si officium vis exercere presbyteri, aliorum saltem fac lucrum animae tuae (Ep. ad Paulim.).
650. Sacerdotis proprium est, animas e mundo rapere, et dare Deo.
651. De medio populi segregantur, ut non solum seipsos, verum et populum tueantur (De dignit. cler. c. 2).
652. In Ps. 118, s. 30.
653. Sicut misit me Pater, et ego mitto vos (Jo. 20, 21).
654. Administranda Sacramenta idonei comprobentur (Sess 23, cap. 14. de Ref.).
655. Ideo posuit Ordinem in ea, ut quidam aliis sacramenta traderent (Suppl. q. 34. a. 1).
656. Haec cum dixisset, insufflavit, et dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum: quorum remiseritis peccata, remittuntur eis.
657. Adjuvantes autem, exhortamur ne in vacuum gratiam Dei recipiatis (2. Cor. 6, 1).
658. Ut sales, condiant animos ad incorruptionis sanitatem.
659. Vos estis sal terrae. Quod si sal evanuerit, in quo salietur? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus (Matth. 5, 13).
660. Quasi totius orbis pater sacerdos est; dignum igitur est ut omnium curam agat, sicut et Deus, cujus fungitur vice (In 1. Tim. hom. 6).
661. Si medicus fugit aegrotos, quis curabit? (De Sex. Alis. Ser. c. 5).
662. Lapidis sanctuarii (Thren. 4, 1).
663. Columnae sanctorum, merita sacerdotum sunt, qui nutantis mundi statum orationibus sustinent (Hom. de Dedic. eccl.).
664. Si pars domus fuerit corrupta, facilis est reparatio (Hom. 47).
665. Coloni populum, quasi vineam, colentes (Hom. 40).
666. Sudant agricolae, putant et fodiant vitatores. Torpent otio, madent deliciis (Declam. n. 10. 11).
667. Messis quidem multa, operarii autem pauci (Matth. 9, 37).
668. Posui vos, ut eatis et fructum afferatis (Jo. 15, 16).
669. Eorum quae Dei sunt negociatores (Ad Fratr. in er. s. 36).
670. Ecce constitui te hodie super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipas, et aedifices, et plantas (Jer. 1, 10).
671. Abscondi talentum tuum in terra; ecce habes quod tuum est (Matth. 25, 25).
672. Tollite itaque ab eo talentum, et date ei qui habet decem talenta... et inutilem servum ejicite in tenebras exteriores.
673. De dignit. sac. c. 1.
674. Notent hoc, qui ingenio, doctrina, aliisque dotibus sibi a Deo datis, non utantur ad suam aliorumque salutem, ob desidiam vel metum peccandi; ab his enim rationem exposcet Christus in die iudicii (In Matth. 25, 18).
675. Audiant quod talentum qui erogare noluit, cum sententia damnationis amisit (Past. p. 3.

c. 1. adm. 26).

676. Qui Dei donum in utilitatem communicat, plenius meretur habere quod habet; qui autem talentum Domini abscondit, quod videtur habere, auferetur ab eo (De Inst. Episc.).

677. Neque id mihi persuasi, salvum fieri quemquam posse, qui proximi sui salute nihil laboris impenderit. — Neque juvabit talentum sibi traditum non imminuisse; immo hoc ille nomine perit, quod non auxisset et duplicasset (De Sacerd. l. 6).

678. Sufficit mihi anima mea; eia, non tibi venit in mentem servus ille qui abscondit talentum? (In Jo. tr. 10).

679. Ille cui dispensatio verbi commissa est, etiam si sancte vivat, et tamen perditte viventes arguere aut erubescat aut metuat, cum omnibus qui eo tacente perierunt, perit; et quid ei proderit non puniri suo, qui puniendus est alieno peccato? (De Vil. cont. l. 1. cap. 20).

680. Presbyter qui cleri vel populi curam non gerit, segregetur; et si in socordia perseveret, deponatur (Can. 57).

681. Qua conscientia honorem sibi debitum vindicant, qui pro animabus sibi creditis non laborant? (Ep. ad Turrib. c. 16).

682. Sacerdotio initiandus non alio affectu accedere debet, quam ad submittendos humeros publico muneri vice Christi in Ecclesia. Qui alio affectu sacros Ordines ambiunt, hos Scriptura lupos et latrones appellat... Quod ingens ultio tandem certo subsequetur.

683. Sacerdotes pro populorum iniquitate damnantur, si eos aut ignorantes non erudiant aut peccantes non arguunt (Sent. l. 3. c. 46).

684. Saepe non damnantur propriis peccatis, sed alienis quae non coercuerunt.

685. Si enim sacerdos, ex ignorantia vel negligentia, non exponat populo viam salutis, reus erit apud Deum animarum illarum quae sub ipso perierunt (De officio sacer.)

686. Si sacerdos suam tantum disposuerit salvare animam, et alienas neglexerit, cum impiis detrudetur in gehennam.

687. Si, dicente me ad impium: Morte morieris; — non annuntiaveris ei, neque locutus fueris ut avertatur a via sua impia, et vivat, ipse impius in iniquitate sua morietur, sanguinem autem ejus de manu tua requiram (Ezech. 3, 18).

688. Ex tantis procul dubio rei sunt, quantis, venientes ad publicum, prodesse potuerunt (Past. p. 1. c. 5).

689. Empti enim estis pretio magno (1. Cor. 6, 20).

690. Si depositum, quod sibi Christus sanguine proprio pretiosius iudicavit, contigerit negligentius custodire (In Adv. Dom. s. 3).

691. Unusquisque pro suo peccato reddet rationem; sacerdotes, pro omnium peccatis (Hom. 38).

692. Ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddituri (Hebr. 13, 19).

693. Quod alii peccant, illi imputatur (In Act. hom. 3).

694. Si pro se unusquisque vix poterit, in die iudicii, rationem reddere, quid de sacerdotibus futurum est, a quibus sunt omnium animae requirendae? (Serm. 287. E. B. app.)

695. Bonum erat magis fodere, aut etiam mendicare. Venient, venient ante tribunal Christi; audietur populorum querela, quorum vixere stipendiis, nec diluerunt peccata! (Declam. n. 19).

696. Baptismo autem habeo baptizari; et quomodo coarctor, usquedum perficiatur! (Luc. 12, 50).

697. Nihil ita gratum Deo, et ia curae, ut animarum salus (In Gen. hom. 3).

698. Nihil tam Deo gratum, quam operam dare ut omnes reddantur meliores.

699. Labora pro salute peccatorum; hoc enim prae omnibus est mihi carissimum.

700. Nihil aliud est Domino curae, praeterquam hoc solum opus, ut homo salvus fiat (Orat. ad Gentes).

701. Si Deum honorare conaris, non aliter melius, quam in hominis salute poteris actitare (De Compunct. p. 2).

702. Totus iste mundus ad unius animae pretium aestimari non potest (Medit. c. 3).

703. Etsi ingentes erogaveris pecunias, plus effeceris si unam converteris animam (In. 1. Cor. hom. 3).

704. Erat una pastoris ovicula, sed grex una carior non erat (De Poen).

705. Dilexit me, et tradit semetipsum pro me (Gal. 2, 20).

706. Neque enim recusaturus esset vel ob unum hominem tantam exhibere dispensationem.

707. Omnes angelos convocat ad congratulandum non homini, sed sibi, quasi homo Dei Deus esset, et tota salus divina ab ipsius inventione dependeret, et quasi sine ipso beatus esse non posset (De Beat. c. 7).

708. Essentialiter consistit in ardenti studio promovendi gloriam Dei et salutem proximi (De Sacr. Ord. p. 3. c. 5).

709. Zelus est effectus amoris; ergo, qui non zelat, non amat; qui non amat, manet in morte.

710. Tu quidem, in tui custodia vigilans, benefacis; sed, qui juvat multos melius facit (In Cant. s. 12).

711. Nihil adeo declarat quis sit fidelis et amans Christi, quam si fratrum curam agat; hoc maximum amicitiae argumentum est (Serm. de B. Philog.).

712. Simon Joannis, amas me?... (Jo. 21, 17) Pasce oves meas.

713. Poterat dicere: Si amas me, abjice pecunias, jejunia exerce, macera te laboribus. Nunc vero ait: "Pasce oves meas" (Serm. de B. Philog.).

714. Sicut meas pasce, non sicut tuas; gloriam meam in eis quaere, non tuam; lucra mea, non tua (In Jo. tr. 123).

715. Fond. ch. 1.

716. Optabam enim ego ipse anathema esse a Christo pro fratribus meis (Rom. 9, 3).

717. Millies optarem ipse execrabilis esse, si per hoc liceret animas vestras convertere (In Act. hom. 3).

718. Stim. div. am. p. 2. c. II.

719. Si amatis Deum, capite omnes ad amorem Dei (In Ps. 33. n. 2).

720. Magnificate Dominum mecum, et exaltemus nomen ejus in idipsum (Ps. 33, 4).

721. Cum effuderis animam tuam, et animam, afflictam repleveris, orietur in tenebris lux tua... et requiem tibi dabit Dominus semper et implebit splendoribus animam tuam, et ossa tua liberabit (Is 58, 10).

722. Qui converti fecerit peccatorem ab errore viae suae, salvabit animam ejus a morte, et operiet multitudinem peccatorum (Jac. 5, 20).

723. Ergone Jonathas morietur, qui fecit salutem hanc magnam in Israel? (1. Reg. 14, 45).

724. Amodo jam, dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis; opera enim illorum sequuntur illos (Apoc. 14, 13).

725. Dulcis est somnus operanti (Eccl. 5, 11).

726. Tanto celerius quisque a sui peccatis absolvitur, quanto, per ejus vitam et linguam, aliorum animae solvuntur.

727. Etiam rogo et te, germane compar: adjuva illas quae mecum laboraverunt in Evangelio, cum Clemente et caeteris adjutoribus meis, quorum nomina sunt in Libro vitae (Phil. 4, 3).

728. Fulgebunt... qui ad justitiam erudiunt multos, quasi stellae in perpetuas aeternitates (Dan. 12, 3).

729. Si magnae meroedis est a morte eripere carnem quandoque morituram, quanti est meriti a morte animam liberare sine fine victuram! (Moral. l. 19. c. 16).

730. Qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno coelorum (Matth. 5, 19).

731. Quae enim, nostra spes, aut gaudium, aut corona gloriae? nonne vos ante Dominum nostrum Jesum Christum estis in adventu ejus? (1. Thess. 2, 15).

732. Tot coronas sibi multiplicat, quot Deo animas lucrifacit.

733. Veni de Libano, sponsa mea, veni de Libano, veni; coronaberis... de cubilibus leonum, de montibus pardorum (Cant. 4, 8).

734. Euntes ibant et flebant, mittentes semina sua; venientes autem venient cum exultatione, portantes manipulos suos (Ps. 125, 6).

735. Noli oiffidere; curam exigeris, non curationem. Denique audisti: "Curam illius habe"; et non: Cura, vel Sana illum; — quia unusquisque secundum suum laborem accipiet, et non secundum proventum; reddet Deus mercedem laborum sanctorum suorum (De Cons. l. 4. c. 2).

736. Non minus meretur in illis qui deficiunt vel modicum proficiunt, quam in his qui maxime

- proficiunt; non enim dixit Apostolus: Unusquisque propriam mercedem accipiet secundum profectum; sed secundum suum laborem. — In terra sterili et saxosa, etsi fructus paucior, sed pretium majus (De Sex Alis. ser. c. 5).
737. Maximum periculum, de factis alterius rationem reddere (In Heb. c. 13. l. 3).
738. Quot regendis subditis praeest, reddendae apud eum (Christum Judicem) rationis tempore, ut ita dicam, tot solus animas habet (Mor. l. 24. c. 30).
739. Ad sacros Ordines accedunt, non salutem animarum, sed quaestum pecuniarum quaerentes (De Praep. ad. M. c. 8).
740. Non ut meliores, sed ut ditiores; nec ut sanctiores, sed ut honoratiores sint (De Vita cont. l. 1. c. 21).
741. Hodie, in promotione quorundam, prima quaestio est, quae sit summa reddituum, non quae sit conversatio subjectorum (Epist. 15).
742. Quae sua sunt quaerunt, non quae sunt Jesu Christi (Phil. 2, 21).
743. "Pasce oves meas"; nec Mulge seu Tonde (Declam. n. 12).
744. Mercenarii sumus conducti; sicut ergo nemo conducit mercenarium ut solum manducet, sic et nos, non ideo vocati sumus a Christo ut solum operemur quae ad nostrum pertinent usum, sed ad gloriam Dei (Hom. 34).
745. Nec praeesse se hominibus gaudeant, sed prodesse (Past. p. 2. c. 6).
746. Hi onus totius orbis portant humeris sanctitatis (Hom. de Dedic. eccl.).
747. Ad mediatoris officium proprie pertinet conjungere eos inter quos est mediator (P. 3. q. 26. a. 1).
748. Cum is qui displicet, ad intercedendum mittitur, iratus animus ad deteriora provocatur (Past. p. 1. c. 11).
749. Necesse est ut esse munda studeat manus, quae diluere aliorum sordes curat (Past. p. 2. c. 2).
750. Rectus ordo postulat ut prius propriam, deinde alienas curare studeas conscientias (Epist. 8).
751. Quod in aure auditis, praedicate super tecta (Matth 10, 27).
752. Concham te exhibebis, non canalem. Canales hodie in Ecclesia multos habemus, conchas vero perpaucas (In Cant. s. 18).
753. Canes muti, non valentes latrare (Js. 56, 10).
754. Nolite tacere, ne populi peccata vobis imputentur (Epist. 28).
755. Dum pacem desiderant, pravos mores nequaquam redargunt; et consentiendo perversis, ab Auctoris sui se pace disjungunt (Past. p. 3. c. 1. adm. 23).
756. Cadit asina, et est qui sublevet eam; perit anima, et nemo est qui reputet (De Cons. l. 4. c. 6).
757. Eligitur viam erranti demonstrare (Epist. l. 7. ind. 2. ep. 110).
758. Sacerdos qui alium ab errore non revocat, seipsum errore demonstrat (Ep. ad Turrib. c. 15).
759. Nos qui sacerdotes vocamur, tot occidimus, quot ad mortem ire quotidie tepidi videmus (In Ezech. hom. 11).
760. Fides ex auditu; auditus autem per verbum Christi (Rom. 10, 17).
761. Vae tibi, se praees; sed vae gravius, si, quia praeesse metuis, prodesse refugis! (Epist. 86).
762. Labia enim sacerdotis custodient scientiam, et legem requirent ex ore ejus (Mal. 2, 7).
763. Quis quaesivit haec de manibus vestris, ut ambularetis in atriis meis? (Is. 1. 12).
764. Quisnam ad id te coegit? (De Sacerd. l. 4).
765. Tempus nunc agendi, non consultandi.
766. Neque licet ad ignorantiam confugere, quandoquidem qui delegatus est ut aliorum emendet ignorantiam, is ignorantiam praetendere minime poterit; hoc nomine supplicium nulla excusatione poterit depellere, quamvis unius dumtaxat animae jactura acciderit (De sacerdot. l. 6).
767. Contra justitiam faciunt, qui otiosum studium fructuosae utilitati regendae multitudinis anteponunt (De Vita cont. l. 23. c. 8).
768. Quotidie clericos, abjecta caeterarum rerum cura, uni Deo prorsus vacare debere (Breviar. 31 dec.).
769. Stulto labore consumeris... Esto tu populo in his quae ad Deum pertinent (Exod. 18, 19).
770. Id scire oportet, te, priusquam ordinaberis, tibi vixisse; ordinatum autem, illis quibus ordinatus es (Ep. ad Dracont.).
771. Sacerdotibus proprie animarum curandarum sollicitudo commissa est (De Vita cont. l. 2. c. 2).
772. Qui non intrat per ostium in ovile ovium, sed ascendit aliunde, ille fur est et latro (Jo. 10, 1).
773. Latrones et fures appellat eos qui se ultro, ad non sibi datam desuper gratiam, obtrudunt (In Jo. 10, 10).
774. Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron. Sic et Christus non semetipsum clarificavit ut Pontifex fieret, sed qui locutus est ad eum: Filius meus es tu (Hebr. 5, 4).
775. Plenum gratiae et veritatis (Jo. 1, 14).
776. In quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae absconditi (C. 2. 3.).
777. Vis mihi facta est merito peccatorum meorum (Ep. 21. E. B.).
778. Omnes sanctos reperio divini ministerii ingentem veluti molem formidantes (De Fest. pasch. hom. 1).
779. Ita est aliquis sacrilgae temeritatis ac perditae mentis, ut putet sine Dei judicio fieri sacerdotem? (Epist. 55).
780. Auderetne aliquis vestrum terreni cujuslibet reguli, non praecipiente aut etiam prohibente eo, occupare ministeria, negotia dispensare? (De Conv. ad. cler. c. 19).
781. Dispensatores regiae domus (De Vita cont. l. 2. c. 2).
782. Duces et rectores gregis Christi (De dignit. sac. c. 2).
783. Interpretes divinatorum judiciorum.
784. Vicarii Christi (Hom. 17).
785. Regnum velle servum, crimen est (Serm. 23).
786. Quid istud temeritatis, imo quid insaniae est? Tu irreverenter irruis, nec vocatus, nec introductus! (De vita cler. c. 3).
787. Decernit sancta Synodus eos qui ea (ministeria) propria temeritate sibi sumunt, omnes, non Ecclesiae ministros, sed fures et latrones per ostium non ingressos habendos esse (Sess. 23, cap. 4).
788. Non est mihi voluntas in vobis, dicit Dominus exercituum, et munus non suscipiam de manu vestra (Mal. 1, 10).
789. Quisquis externorum accesserit (ad tabernaculum) occidetur (Num. 1, 51).
790. Quoniam dignitas magna est, et revera divina sententia comprobanda (In 1. Tim. hom. 5).
791. Quis enim ex vobis, volens turrim edificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum? (Luc. 14, 28).
792. Principatum in populos, non sanguini deferendum, sed vitae (In Tit. 1).
793. Quos dignos divina probet electio, secundum vitae, non generis meritum.
794. Matres corpora natorum amant, animas contemnunt; desiderant illos valere in saeculo isto, et non curant quid sint passuri in alio (Hom. 35).
795. Et inimici hominis domestici ejus. — Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus (Matth. 10, 36).
796. Si justum est, in conspectu Dei, vos potius audire quam Deum, judicat (Act. 4, 19).
797. 2. 2. q. 104. a. 5.
798. Propinqui autem carnis, in hoc proposito, amici non sunt, sed potius inimici, juxta sententiam Domini: "Inimici hominis, domestici ejus" (Contra retr. a rel. c. 9).
799. O durum patrem, o saevam matrem, quorum consolatio mors filii est; qui malunt perire cum eis, quam regnare sine eis! (Epist. 111).
800. Non parentes, sed peremptores.
801. Ego sum ostium ovium... Per me si quis introierit, salvabitur (Jo. 10, 7).

802. Si enim aliquis, liber ab omni vitioso affectu, ad clerum, Deo deservendi causa et salutis populi gratia solum, se conferat, vocari a Deo praesumitur (De Ord. q. 4. a. 4).
803. Ambitione duceris, vel avaritia? inhias honori? Non te vocat Deus, sed diabolus tentat (Hall. p. 1. s. 3. c. 2. § 4).
804. Qui enim se ingerit et propriam gloriam quaerit, gratiae Dei rapinam facit; et ideo non accipit benedictionem, sed maledictionem (In Hebr. 5).
805. Labia enim sacerdotis custodient scientiam, et legem requirent ex ore ejus (Mal. 2, 7).
806. Medici parum docti multos occidunt (Lib. 2. ep. 12).
807. Nulli ad sacros Ordines sunt promovendi, nisi quos vita et doctrina idoneos probat.
808. Et constituas per civitates presbyteros, sicut et ego disposui tibi: si quis sine crimine est... (Tit. 1, 5).
809. Qui confessi sunt peccata, canon (ecclesiasticus ordo) non admittit (Can. 9).
810. Ex eo tempore quo in Christo renatus est, nulla peccati conscientia remordeatur (In Tit. 1).
811. Et si perfectae vitae et conversationis fuerit, eum in presbyterum (poteris) ordinare (Cap. 1. De diacono. Qui cler.).
812. Horreo considerans unde, quo vocaris, praesertim cum nullum intercurrerit poenitentiae tempus. Et quidem rectus ordo requirit ut prius propriam, deinde alienas curare studeas conscientias (Epist. 8).
813. Multo digniores erant ad catastam poenalem, quam ad sacerdotium trahi (Cast. in eccle. ord.).
814. Non sunt promovendi ad regimen Ecclesiae, qui adhuc vitis subjacent (Sent. l. 3. c. 34).
815. Ordines sacri praeexigunt sanctitatem; unde pondus Ordinum imponendum est parietibus jam per sanctitatem desiccatis, id est, ab humore vitiorum (2. 2. q. 189. a. 1).
816. In divino omni non audendum aliis ducem fieri, nisi secundum omnem habitum suum factus sit deiformissimus et Deo simillimus (De Eccl. Hier. c. 3).
817. Ad idoneam executionem Ordinum, non sufficit bonitas qualiscumque, sed requiritur bonitas excellens, ut, sicut illi qui Ordinem suscipiunt super plebem constituuntur gradu Ordinis, ita et superiores sint merito sanctitatis; et ideo praeexigitur gratia quae sufficiat ad hoc quod digne connumerentur in plebe Christi (Suppl. q. 35. a. 1).
818. Quia per sacrum Ordinem aliquis deputatur ad dignissima ministeria, quibus ipsi Christo servitur in sacramento altaris; ad quod requiritur major sanctitas interior, quam requirat etiam religionis status (2. 2. q. 184. a. 8).
819. Qui non solum aetate neophyti, sed et qui neophyti sunt perfectione.
820. Aetas senectutis, vita immaculata (Sap. 4, 9).
821. Sciant episcopi debere ad hos (sacros) Ordines assumi dignos dumtaxat, et quorum probata vita senectus sit (Sess. 23, cap. 12).
822. Sed etiam habeatur certitudo de qualitate promovendorum (Suppl. q. 36. a. 4).
823. Nullus debet ad ministerium altaris accedere, nisi cujus castitas ante susceptum ministerium fuerit approbata (Lib. 1. ep. 42).
824. Ne unquam ii qui ordinati sunt, pereant, prius aspiciatur si vita eorum continens ab annis plurimis fuit (Lib. 3. ep. 26).
825. Condemnati sunt, ut daretur exemplum, ne quis non sibi a Deo datum munus pontificatus invaderet... Hoc patiuntur quicumque se in episcopatus, aut presbyteratus, aut diaconatus, officium conantur ingerere (Serm. 30. E. B. app.).
826. Non sine magnis difficultatibus poterit saluti suae consulere. — Manebitque in corpore Ecclesiae velut membrum in corpore humano suis sedibus motum, quod servire potest, sed aegre admodum et cum deformitate (De ord. p. 3. c. 1 § 2).
827. Qui sciens et volens, nulla divinae vocationis habita ratione, sese in sacerdotium intruderet, haud dubie seipsum in apertissimum salutis discrimen injiceret, peccando scilicet in Spiritum Sanctum; quod quidem peccatum vix aut rarissime dimitti ex Evangelio discimus (Sac. chr. p. 1. c. 4).
828. Ipsi regnaverunt, et non ex me... iratus est furor meus in eos (Os. 8, 4).
829. Ex se, et non ex arbitrio summi Rectoris, regnant; nequaquam divinitus vocati, sed sua cupiditate accensi, culmen regiminis rapiunt potius quam assequuntur (Past p. 1. c. 1).
830. Vae filii desertores, dicit Dominus, ut faceretis consilium, et non ex me! (Is. 30, 1).
831. Multi dicent mihi in illa die: Domine, Domine, nonne in nomine tuo prophetavimus (praedicando, docendo), et in nomine tuo daemonia ejecimus (absolvendo poenitentes), et in nomine tuo virtutes multas fecimus (corrigeno, lites componendo, errantes reducendo?) — Et tunc confitebor illis: Quia numquam novi vos; discedite a me, qui operamini iniquitatem (Matth. 7, 22).
832. Tollitis, non accipitis claves; de quibus Dominus queritur: "Ipsi regnaverunt, et non ex me" (De Conv. ad cler. c. 19).
833. Labor stultorum affliget eos, qui nesciunt in urbem pergere (Eccl. 10, 15).
834. Eos Ecclesia accipit, quos Spiritus Sanctus praeparavit... et dignatio coelestis gratiae gignit (In die ass. suae. s. 2).
835. Nemo deterius Ecclesiam laedit (Cant. cler. aut. c. 3).
836. Quos elegerit (Dominus), appropinquabunt ei (Num. 16, 5).
837. Obstupesco ad ea quae soliti sunt quidam insipientium audere, qui temere se conantur ingerere ad munus sacerdotii assumendum, licet non adsciti a gratia Christi: ignorantes, miseri, quod ignem et mortem sibi accumulunt (Orat. de Sacerd.).
838. Quam perditus est, qui sacerdotium in sacrilegium, qui vita convertit in mortem! (Epist. ad rich. lond.).
839. Bene curris, sed extra viam.
840. A vocatione pendet aeternitas.
841. Ordine suo, non nostro arbitrio, Sancti Spiritus virtus ministratur (De Sing. cler.).
842. Quos praedestinavit, hos et vocavit; et quos vocavit, hos et justificavit; quos autem justificavit, illos et glorificavit (Rom. 8, 30).
843. Unusquisque proprium donum habet ex Deo: alius quidem sic, alius vero sic (1. Cor. 7, 7).
844. Cuicumque datur potentia aliqua divinitus, dantur etiam ea per quae exsecutio illius potentiae possit congrue fieri. — Illos quos Deus ad aliquid eligit, ita praeparat et disponit, ut, ad id ad quod eliguntur, inveniantur idonei, secundum illud: "Idoneos nos fecit ministros Novi Testamenti" (Suppl. q. 35. a. 1. — P. 3. q. 27. a. 1).
845. Ego elegi vos, et posui vos, ut eatis et fructum afferatis (Jo. 15, 16).
846. Rogate ergo dominum messis, ut mittat operarios in messem suam (Luc. 10, 2).
847. Sicut misit me Pater, et ego mitto vos (Jo. 20, 21).
848. Qui mihi honoris est auctor, ipse mihi fiet administrationum adjutor; dabit virtutem, qui contulit dignitatem (In die as. suae. s. 1).
849. Ego sum ostium. Per me si quis intoierit, salvabitur; et ingredietur, et egredietur, et pascua inveniet (Jo. 10, 9).
850. Dominus regit me, et nihil mihi deerit; in loco pascuae ibi me collocavit (Ps. 22, 1).
851. Non mittebam prophetas, et ipsi currebant. — Propterea, ecce ego tollam vos portans, et derelinquam vos... et dabo vos in opprobrium sempiternum, et in ignominiam aeternam, quae nunquam oblivione delebitur (Jer. 23, 21-39).
852. Ut divina virtute evehatur, et transmittatur supra naturalem rerum ordinem (Habert. De Ord. p. 3. c. § 2).
853. Stultus apparuit, postquam elevatus est in sublime (Prov. 30, 32).
854. Hujusmodi hominum genere nihil infelicius, nihil Ecclesiae Dei calamitosius esse potest (P. 2. c. 7. q. 3).
855. Difficile est ut bene peragantur exitu, quae malo sunt inchoata principio (Epist. 87).
856. Qualem, oro, potest fructum producere corrupta radix? (De Compunct).
857. Omnis plantatio, quam non plantavit Pater meus coelestis, eradicabitur (Matth. 15, 13).
858. Ira est, non gratia, cum quis ponitur super ventum, nullas habens radices in soliditate virtutum (De inst. ep. c. 3).
859. Qui non fideliter introivit, quidni infideliter agat et contra Christum? faciet ad quod venit, ut mactet utique et disperdat (De vita cler. c. 7).
860. Qui non intrat per ostium... ille fur est et latro. — Fur non venit nisi ut furetur, et mactet

*utique et disperdat (De vita cler. c. 7).*

861. *Satius est maxime in ordinatione sacerdotum paucos bonos quam multos malos habere (Cap. 27).*

862. *Deus nunquam ita deserit Ecclesiam suam, quin inveniantur idonei ministri sufficientes ad necessitatem plebis (Suppl. q. 36. a. 4).*

863. *Non est hoc consulere populi, sed nocere (Epist. 87).*

864. *Si vitae sanctitas non praecessit, sequatur saltem. — Bonas fac de caetero vias tuas et studia tua (Epist. 27).*

865. *De Ord. p. 3. c. 1 § 2.*

866. *De Oblig. cler. c. 1. a. 1. concl. 3.*

867. *Deus tunc ex misericordia ea homini largitur auxilia, quae legitime vocatis ex qualicumque justitia debet.*

868. *Deus impossibilia non jubet; sed jubendo monet, et facere quod possis, et petere quod non possis; et adjuvat ut possis (Sess. 6, cap. 11).*

## SEGUNDA PARTE

### MATERIAIS PARA AS INSTRUÇÕES

#### PRIMEIRA INSTRUÇÃO

(Vide Cân. 802 e seguintes)

### Sobre a celebração da Missa

#### I

#### Importância do santo Sacrifício e cuidado que ele exige do padre

*Todo o pontífice eleito dentre os homens é estabelecido a favor dos homens, para desempenhar as funções do culto divino, e oferecer dons e sacrifícios em expiação dos pecados<sup>1</sup>. Oferecer sacrifícios, eis pois o fim para que Deus colocou o padre na sua Igreja; é propriamente a função dos sacerdotes da lei da graça, aos 1uais foi dado o poder de oferecer o grande sacrifício do Corpo e Sangue do próprio Filho de Deus; sacrifício supremo e perfeito, infinitamente acima dos sacrifícios antigos, que outro mérito não tinha outrora senão o de serem desse a sombra e figura. As vítimas que então se imolavam eram novilhos e bodes; hoje a nossa Vítima é o Verbo eterno feito homem. Por isso mesmo, os sacrifícios da lei antiga não tinham poder algum; também o apóstolo os chama *observâncias defeituosas e incapazes*<sup>2</sup>; o nosso, ao contrário, tem o poder de operar a remissão das penas temporais devidas ao pecado, e além disso — ao menos mediatamente, — de aumentar a graça e obter socorros mais abundantes àqueles por quem é oferecido.*

O padre que não está compenetrado da grandeza do sacrifício da missa, jamais o oferecerá como deve. Nada fez de maior na terra Jesus Cristo. É a missa a ação mais santa e mais agradável a Deus que se pode realizar, tanto em razão da Vítima oferecida, que é Jesus Cristo, Vítima duma dignidade infinita, como em razão do sacrificador principal, que é o mesmo Jesus Cristo, a oferecer-se pela mão dos sacerdotes, como no-lo ensina o Concílio de Trento<sup>3</sup>. E S. João Crisóstomo diz paralelamente: Quando virdes o sacer-

dote a oferecer o sacrifício, não penseis no padre, representai-vos antes a mão de Jesus Cristo que obra dum modo invisível<sup>4</sup>.

Todas as honras que têm prestado a Deus os anjos com as suas homenagens, e os homens com as suas virtudes, austeridades, martírios e santas obras, não podem render a Deus tanta glória como uma só missa; porque todas as homenagens das criaturas são finitas, ao passo que a que se presta a Deus com o sacrifício dos nossos altares, é dum valor infinito, por lhe ser prestada por uma pessoa divina. Necessário é pois reconhecer com o Concílio de Trento que a missa é de toda as obras a mais santa e divina<sup>5</sup>.

É pois o sacrifício da missa a obra mais santa e agradável a Deus, como acabamos de ver; é a obra mais capaz de aplacar a cólera de Deus contra os pecadores e abater as forças do inferno; é a obra que obtém graças mais abundantes para os homens na terra, e maior alívio para as almas do Purgatório; é finalmente a obra a que está ligada a salvação do mundo inteiro, segundo o pensamento de Sto. Odon, abade de Cluni<sup>6</sup>. E Timóteo de Jerusalém diz que é à missa que a terra deve a sua conservação; a não ser ela, os pecados dos homens a teriam há muito aniquilado<sup>7</sup>.

Segundo S. Boaventura, em cada missa faz o Senhor ao gênero humano um benefício não inferior ao que lhes dispensou, fazendo-se homem<sup>8</sup>. O que é conforme com a célebre exclamação de Sto. Agostinho: Ó dignidade venerável a dos sacerdotes, entre cujas mãos o Filho de Deus encarna, como encarnou no seio da Virgem!<sup>9</sup> De mais, não sendo o sacrifício do altar senão a aplicação e renovação do sacrifício da cruz, Sto. Tomás ensina que, para o bem e salvação dos homens, tem cada missa toda a eficácia do sacrifício da cruz<sup>10</sup>. E S. João Crisóstomo escreveu: A celebração da missa tem o mesmo valor que a morte de Jesus Cristo na cruz<sup>11</sup>. A Igreja plenamente confirma esta verdade, quando diz nas suas orações: Cada vez que se celebra no altar a memória deste sacrifício, renova-se a obra da nossa redenção<sup>12</sup>. De fato, ajunta o Concílio de Trento, o mesmo Redentor, que se ofereceu por nós na cruz, é quem se oferece no altar por ministério dos sacerdotes<sup>13</sup>.

Numa palavra, segundo a expressão do profeta Zacarias, é a missa o que há de mais excelente e belo na Igreja: *Que há de bom, que há de belo, senão o pão dos escolhidos e o vinho que gera virgens?*<sup>14</sup> No sacrifício da missa, dá-se Jesus Cristo a nós, mediante o sacramento do altar, que é o fim e consumação de todos os outros sacramentos, como ensina o Doutor angélico<sup>15</sup>. Razão tem pois S. Boaventura em chamar à missa o resumo de todo o amor divino e de todos os benefícios de que o Senhor há cumulado os homens<sup>16</sup>. Eis por que o demônio sempre se tem esforçado por arrebatá-lo ao mundo a santa missa por meio dos hereges, como por tantos outros precursores do Anticristo que, antes de tudo, cuidará de abolir e de fato abolirá, em punição dos pecados dos homens, o sacrifício do altar, segundo esta profecia de Daniel: *Por causa dos pecados, ser-lhe-á dada força contra o sacrifício perpétuo*<sup>17</sup>. Grande razão tem pois o Concílio de Trento para exigir que os padres ponham todo o seu cuidado, em celebrar a missa com a máxima devoção e pureza de coração que seja possível<sup>18</sup>. Como não menos razão

adverte no mesmo lugar, que é precisamente sobre os padres, que celebram com negligência e sem devoção, que recai a maldição anunciada por Jeremias: *Maldito o que faz indignamente a obra do Senhor!*<sup>19</sup> Segundo S. Boaventura, celebra-se ou comunga-se indignamente, quando se chega ao altar com pouco respeito e consideração<sup>20</sup>. Assim, para evitarmos essa maldição, examinemos o que deve fazer o padre antes, durante e depois da celebração da missa: preparação, antes de celebrar; respeito e devoção, enquanto celebra; ação de graças, depois de celebrar. São obrigações indispensáveis para o sacerdote. Segundo o pensamento dum servo de Deus, deveria a vida dum padre ser apenas uma preparação para a missa e uma ação de graças.

## II

### Preparação para a Missa

Em primeiro lugar, deve o padre fazer a sua preparação antes de subir ao altar.

Antes de mais nada, pergunto a mim mesmo como é que, havendo no mundo tantos padres, haja tão poucos santos? A missa é chamada por S. Francisco de Sales<sup>21</sup> um mistério inefável, que encerra um abismo de caridade divina. Além disto, S. João Crisóstomo dizia que o sacramento do altar contém o tesouro inteiro da bondade de Deus<sup>22</sup>. Sem dúvida a sagrada Eucaristia foi instituída para todos os fiéis, mas é um dom especialmente feito aos padres. *Não vades*, diz o Senhor aos padres, *dar a coisa santa aos cães, nem lançar as vossas pérolas a suínos*<sup>23</sup>. Notem-se estas palavras: *As nossas pérolas*. Dá-se em grego o nome de pérolas às espécies sacramentais; e essas pérolas são apontadas aqui como pertença própria dos ministros do altar: *Margaritas vestras*. Sendo assim, todos os padres deveriam, segundo S. João Crisóstomo, descer do altar com um coração todo abrasado do amor divino, a ponto de serem um objeto de terror para o inferno<sup>24</sup>. Mas não é isso o que se vê: observa-se que a maior parte descem do altar sempre mais tíbios, mais impacientes, mais soberbos, mais invejosos, mais apegados às honras, ao interesse e aos prazeres terrenos. Não é por falta do alimento que tomam no altar, nota o cardeal Bona<sup>25</sup>, porque, no dizer de Santa Maria Madalena de Pazi, bastaria recebê-lo uma só vez para ficar santo; é pela falta de preparação para celebrar a missa.

Há duas espécies de preparação: uma remota e outra próxima.

A preparação *remota* consiste na vida pura e virtuosa, que deve ter o padre para celebrar dignamente. Se dos sacerdotes antigos Deus exigia a pureza, só porque deviam transportar os vasos sagrados<sup>26</sup>, — quanto não deverá ser mais puro e santo, observa Pedro de Blois, o padre que deve trazer nas suas mãos e no seu coração o Verbo encarnado!<sup>27</sup> Mas, para ser puro e santo, não lhe basta estar livre das cadeias do pecado mortal, é necessário que esteja isento de pecados veniais (plenamente deliberados, entende-se); de contrário, Jesus Cristo não o admitirá a ter parte consigo.

Guardemo-nos, diz S. Bernardo, de fazer pouco caso dessas faltas; pois, como foi dito a Pedro, se não formos purificados por Jesus Cristo, não teremos parte com ele<sup>28</sup>. Necessário é portanto que todas as ações e todas as palavras do padre, que quer celebrar missa, sejam bastante santas, para lhe servirem de preparação.

A preparação *próxima* exige primeiramente a oração mental. Como quereis que celebre com devoção a santa missa o sacerdote, que sobe ao altar sem primeiro ter feito a sua meditação? Dizia o venerável João de Ávila que o padre deve fazer ao menos hora e meia de oração mental antes da missa. Eu me contentaria com meia hora e, para alguns até com um quarto de hora, ainda que um quarto de hora é muitíssimo pouco.

Há tão belos livros de meditações<sup>29</sup> preparatórias para a santa missa! A missa é uma representação da paixão de Jesus Cristo. Por isso com razão o papa Alexandre I disse que sempre nela se deve comemorar a paixão do Salvador<sup>30</sup>. E foi o que prescreveu o Apóstolo: *Todas as vezes que comerdes esse pão e beberdes esse cálice, anunciareis a morte do Senhor*<sup>31</sup>. Segundo Sto. Tomás<sup>32</sup>, o Redentor instituiu o sacramento do altar, para conservar sempre viva em nós a lembrança do amor que nos testemunhou, e do grande benefício que nos alcançou a sua imolação na cruz. Ora, se todos os homens se devem lembrar continuamente da paixão de Jesus Cristo, — com quanta mais razão o padre, quando vai renovar, ainda que dum modo diferente, o mesmo sacrifício no altar!

Ao padre não lhe basta ter feito a sua meditação; importa-lhe que antes de celebrar se recolha sempre ao menos alguns instantes e considere bem o que vai fazer; foi o que ordenou a todos os padres o primeiro Concílio de Milão, no tempo de S. Carlos Borromeu<sup>33</sup>.

Ao entrar na sacristia, deve o celebrante despedir-se de todos os pensamentos do mundo e dizer com S. Bernardo: Cuidados, negócios, esperai por mim aqui; eu e o meu servo, isto é a minha razão com a minha indignação, vamos ali adorar a Deus, e logo voltaremos a ter convosco; pois voltaremos, ai!, e demasiado cedo<sup>34</sup>. S. Francisco de Sales escrevia a Sta. Joana de Chantal: “Quando me volto para o altar para começar a missa, perco de vista todas as coisas da terra”. Postos de parte pois todos os pensamentos do mundo, não deve o padre ocupar-se então senão da grande obra, que vai fazer e do pão celeste, de que vai alimentar-se a essa mesa divina: *Quando estiveres sentado à mesa do príncipe, considera atentamente as iguarias que te são servidas*<sup>35</sup>. Pense o padre que vai chamar do Céu à terra o Verbo feito homem, para se entreter familiarmente com ele no altar, para o oferecer de novo ao Padre eterno, e para enfim se alimentar da sua carne sagrada. O venerável João de Ávila, antes de subir ao altar, procurava excitar-se ao fervor, dizendo: “Eis que vou consagrar o Filho de Deus, tê-lo nas minhas mãos, falar-lhe, tratar com ele e recebê-lo no meio seio”.

Deve também o padre considerar que sobe ao altar na qualidade de mediador, para interceder por todos os pecadores, como diz S. Lourenço Justiniano<sup>36</sup>. Se está colocado entre Deus e os homens, de Deus obterá para

estes as graças de que necessitam<sup>37</sup>. É por essa razão, observa Sto. Tomás, que se dá o nome de *missa* ao sacrifício do altar<sup>38</sup>. Na Lei antiga, só ao sumo sacerdote era permitido entrar no Santo dos Santos, e isso uma só vez por ano; mas hoje, diz S. Lourenço Justiniano, a todos os padres é dado oferecer cada dia o Cordeiro divino, para obterem para si próprios e para todo o povo as graças de Deus<sup>39</sup>. Donde S. Boaventura conclui que o celebrante se deve propor três fins: honrar a Deus, comemorar a paixão do Salvador, e obter graças para toda a Igreja<sup>40</sup>.

### III

#### Respeito e devoção com que se deve celebrar

Em segundo lugar, é necessário que o sacerdote celebre a missa com respeito e devoção. Sabe-se que o uso do manípulo foi introduzido, para que o padre enxugasse as lágrimas; porque outrora tais sentimentos de devoção experimentavam os sacerdotes, ao celebrarem, que não faziam senão chorar. Já dissemos que o padre ao altar é o representante do próprio Jesus Cristo, como escreveu S. Cipriano<sup>41</sup>. É nesta qualidade que diz: *Hoc est corpus meum; hic est calix sanguinis mei*. Mas, ó Céu! Que lágrimas, que lágrimas de sangue se deveriam chorar, quando se pensa no modo como a máxima parte dos padres celebram a missa! Causa pena, digamo-lo, ver o desprezo com que Jesus Cristo é tratado por tantos padres, até religiosos, e pertencentes a Ordens reformadas! Ao ver-se a negligência com que esses padres de ordinário dizem a missa, bem se lhes poderia fazer a censura que Clemente de Alexandria dirigia aos sacerdotes pagãos: que faziam do Céu um teatro, e de Deus o objeto da sua comédia<sup>42</sup>. E que direi? Uma comédia! Ó, se eles tivessem um papel a representar no teatro, que cuidado empregariam! Ao contrário, que fazem eles ao altar? Truncam palavras, fazem genuflexões que mais parecem atos de desprezo e faltas de respeito; traçam bênçãos que não se sabe o que são; esboçam gestos ridículos; falam às rubricas, antecipando cerimônias e misturando-lhes palavras. E no entanto a verdade é que essas rubricas todas são de preceito, por isso que S. Pio V, na bula que pôs à frente do missal, manda *districte, in virtute sanctae obedientiae*, que a missa seja celebrada segundo as rubricas do missal<sup>43</sup>. Donde resulta que quem transgredir as rubricas não pode eximir-se de pecado, que será grave desde que a matéria o seja.

Tudo isso procede do desejo de chegar de pressa ao fim da missa. Celebram-na como se a igreja estivesse a desabar, ou como se os bandidos se avizinhasse e não restasse tempo para a fuga.

Eis um padre que, depois de ter dado horas inteiras a uma vida inútil, ou a negócios mundanos, lá vai a celebrar a missa todo apressado!

Começa com precipitação, prossegue do mesmo modo; chega à Consagração, toma Jesus Cristo nas suas mãos, e comunga-o com tanta irreverência como se ali só houvesse um bocado de pão! Seria necessário que tais pa-

dres sempre tivessem ao seu lado alguém, para lhes dizer o que um dia o venerável João de Ávila, chegando-se ao altar em que celebrava um desses, lhe disse: “Por piedade tratai-o melhor, que é o filho dum pai respeitável”.

Queria o Senhor que os sacerdotes da Lei antiga tremessem de santo respeito ao aproximarem-se do santuário<sup>44</sup>. E um sacerdote da Lei nova, achando-se ao altar, em presença do próprio Jesus Cristo, a falar-lhe, a tomá-lo nas suas mãos, a oferecê-lo a Deus-Pai, a alimentar-se dele, — mostra-se tão irreverente! Na Lei antiga, ameaçou o Senhor com muitas maldições os sacerdotes que fossem negligentes nas cerimônias desses sacrifícios, que eram apenas uma mera figura do nosso: *Se cerrares os ouvidos à voz do Senhor teu Deus, que te manda guardar as cerimônias, virão sobre ti todas estas maldições... Serás maldito na cidade e maldito nos campos*<sup>45</sup>. Dizia Sta. Teresa: “Pela mínima cerimônia da Igreja, daria eu mil vezes a minha vida”<sup>46</sup>. E o padre as despreza!<sup>47</sup> Ensina o Pe. Suarez que a omissão de qualquer cerimônia, na missa, não pode escusar-se de pecado. Muitos doutores ajuntam que uma negligência notável nas cerimônias pode chegar a pecado mortal.

Na nossa Teologia<sup>48</sup> moral demonstramos, com a autoridade de muitos doutores, que o que celebra em menos de um quarto de hora não pode escusar-se de falta grave, e isto por duas razões: primeira, por causa da irreverência contra o sacrifício, resultante da sua precipitação; segunda, por causa do escândalo que dá ao povo.

Quanto ao respeito devido ao divino sacrifício, já citamos o que diz o Concílio de Trento: que a missa deve ser celebrada com a máxima devoção possível. E ajunta que a falta de respeito, mesmo exterior, constitui uma irreverência, que de algum modo chega a ser impiedade<sup>49</sup>. Assim como as cerimônias, quando são bem feitas, infundem e significam respeito; também quando são mal executadas denotam irreverência que, em matéria grave, é um pecado mortal. Deve-se notar além disto que, para nas cerimônias haver o testemunho de respeito, que convém a um tão grande sacrifício, não basta fazê-las; porque uma pessoa qualquer poderia ter a língua assás desembarrada e os movimentos bastante livres para expedir tudo isso em menos de um quarto de hora; mas é preciso que sempre sejam feitas com a gravidade conveniente, que pertence também intrinsecamente ao respeito que se deve ter pela missa.

Por outro lado, celebrar a missa em tão pouco tempo é falta grave, em razão do escândalo que se dá aos fiéis que assistem a ela. Sobre este ponto, é necessário considerar ainda o que noutro lugar diz o Concílio de Trento: que as cerimônias da missa foram instituídas pela Igreja, para inspirar aos fiéis uma alta idéia deste augusto sacrifício, e toda a veneração devida aos divinos mistérios que encerra<sup>50</sup>. Ora, quando estas cerimônias são feitas muito à pressa, nenhuma veneração inculcam ao povo, antes lhe fazem perder o respeito que merece um mistério tão santo. Observa Pedro de Blois que os padres que celebram com pouco respeito, dão ocasião a que os fiéis façam pouco caso do Santíssimo Sacramento<sup>51</sup>. Não se pode dar um tal escândalo sem se incorrer em pecado mortal. Também o Concílio de Tours, em 1583,

mandou que os sacerdotes fossem bem instruídos nas cerimônias da missa, para não destruírem a devoção no coração das suas ovelhas, em vez de as levarem à veneração pelos ministérios sagrados<sup>52</sup>.

Celebrando sem devoção, — como querem esses padres obter de Deus graças, sendo certo que ao oferecerem o santo sacrifício, o ofendam e, quanto deles depende, mais o desonram do que o honram? O padre que não acreditasse no Sacramento do altar, sem dúvida ofenderia a Deus; mas quanto mais o ofende o que nele crê e não só lhe recusa o respeito que lhe é devido, senão que ainda é causa de que outros, à vista da sua conduta, lhe percam igualmente o respeito? Os judeus a princípio respeitaram Jesus Cristo, mas, quando o viram desprezado pelos sacerdotes, perderam então a alta idéia que tinham dele, e acabaram por gritar com os sacerdotes: *Tolle, tolle, crucifige eum!* Do mesmo modo, para não sairmos do nosso assunto, os seculares que hoje vêem os padres a celebrar com tanta irreverência, perdem toda a estima e veneração por este divino mistério.

Uma missa, celebrada com recolhimento, inspira devoção aos assistentes; pelo contrário, faz-lhes perder a devoção e quase a fé também, quando celebrada sem piedade. Eis um fato passado em Roma e que me foi contado por um religioso de todo o crédito. Tinha um herege resolvido renunciar aos seus erros; mas, tendo visto celebrar a missa sem devoção, foi ter com o papa e disse-lhe que não queria abjurar, porque estava persuadido de que nem os padres nem o papa tinha na Igreja católica uma fé verdadeira: “Se eu fosse papa, dizia ele, e soubesse que um padre celebrava a missa com tão pouco respeito, mandava-o queimar vivo; ao ver porém que os padres dizem assim a missa e não são castigados, persuado-me de que nem o próprio papa acredita nela”. Dito isto, retirou-se, e não consentiu que lhe falassem mais em abjuração.

Mas objetam certos padres que os leigos se queixam, quando a missa se prolonga. — O quê! Então, lhes respondo eu de pronto, a pouca devoção dos seculares há de ser a regra do respeito devido ao santo sacrifício! Ouçam mais: se os padres celebrassem a missa com o devido respeito e gravidade, os seculares se compenetrariam da veneração a prestar a tão grande mistério, e não lamentariam a meia hora que lhe devessem consagrar. Como porém, de ordinário, a missa é tão breve e nenhuma devoção inspira, os seculares à imitação dos padres, assistem a ela sem devoção, e com pouca fé; quando vêem que ela dura mais de um quarto de hora, aborrecem-se e queixam-se, em razão do mau hábito contraído. Assim, os mesmos que sem dificuldade passam muitas horas a uma mesa de jogo, ou numa praça pública, desperdiçando o tempo, não podem sem tédio gastar uma meia hora a ouvir missa! A causa de tudo isso são os padres: *É convosco que falo, ó sacerdotes, que desonrais o meu nome e dizeis: Como desonramos nós o vosso nome? Nisso que dizeis: A mesa do Senhor é de pouca importância*<sup>53</sup>. O pouco que os padres se importam do respeito devido à missa, faz que também os outros a desprezem.

Pobres padres! Ao saber que um sacerdote acabava de morrer após a

sua primeira missa, o venerável João de Ávila exclamou: “Ó que terrível conta esse padre tem de prestar a Deus, por essa primeira missa!” À vista disso, que se deverá dizer dos padres que, no decurso de trinta ou quarenta anos, cada dia deram ao altar o escândalo de que vimos falando! E, repito, — como poderão tais padres tornar o Senhor propício e obter graças da sua misericórdia, celebrando a missa de modo antes a ultrajá-lo que a honrá-lo? Todos os crimes são expiados pelo sacrifício, diz o papa Júlio, mas por que oferenda se há de reparar a ofensa feita ao Senhor, se é na mesma oblação do sacrifício que se peca?<sup>54</sup> Pobres padres! E pobres bispos que permitem a tais padres celebrarem! Segundo o decreto do Concílio de Trento, são os bispos obrigados a impedir as missas celebradas com irreverência<sup>55</sup>. Notem-se estas expressões: *Prohibere curent ac teneantur*, significam elas que os bispos estão obrigados a suspender os que celebram sem respeito conveniente; e esta obrigação tanto abrange os sacerdotes regulares como os outros, visto que os bispos a esse respeito são constituídos pelo Concílio legados apostólicos, e por isso obrigados a vigiar pelas missas que se dizem nas suas dioceses.

E nós, padres, irmãos meus, cuidemos de nos corrigir: se no passado temos celebrado o santo sacrifício com pouca devoção e respeito, atalhemos ao mal, ao menos daqui para o futuro. Antes de celebrar, pensemos no que vamos fazer: é a ação maior e mais santa que um homem pode realizar. Demais, que grande bem é uma missa celebrada com devoção, grande bem para o celebrante, e para os ouvintes! — Eis como João Herolt, de sobrenome o Discípulo, fala aos que assistem à missa: Quando fazeis a vossa oração na igreja, na presença de Deus, mais seguramente ela é ouvida... porque todo o sacerdote está obrigado a orar pelos assistentes em cada missa<sup>56</sup>. Ora, se a oração dum secular, quando feita em união com a do celebrante, é mais prontamente ouvida de Deus, quanto mais ainda a do próprio sacerdote, se celebra com devoção! Um padre que oferece todos os dias o santo sacrifício com alguma devoção, há de receber sempre de Deus novas luzes e novas forças. Jesus Cristo o instruirá, o consolará, o animará cada vez mais, e lhe concederá as graças que deseja.

É sobretudo depois da consagração que o padre pode estar seguro de conseguir do Senhor todas as graças que pede. O venerável Pe. Antônio Colelis dizia: “Quando celebro e tenho o meu Jesus nas minhas mãos, consigo dele quanto quero”. O celebrante obtém o que quer para si e para os que assistem à missa. Lê-se na Vida de S. Pedro de Alcântara que as missas fervorosas que celebrava produziam mais fruto, que todos os sermões dos pregadores da província em que estava. Quer o Concílio de Rodez que os padres pronunciem as palavras e façam as cerimônias com uma devoção, que dê testemunho da sua fé e amor para com Jesus Cristo, presente no altar<sup>57</sup>. A postura exterior, diz S. Boaventura, manifesta as disposições interiores do celebrante<sup>58</sup>. Recorde-se aqui de passagem o que ordenou Inocêncio III: Nós ordenamos também que os oratórios, os vasos, corporais e alfaias sagradas se conservem em perfeita limpeza; porque é de todo o pon-

to contrário ao bom senso abandonar as coisas santas a uma imundícia, que não se sofria nem mesmo nas coisas profanas<sup>59</sup>. Ai! Tinha o papa toda a razão para assim falar, porque se encontram padres que não se envergonham de celebrar com corporais, sanguinhos e cálices, de que não queriam servir-se à sua mesa.

## IV

### Ação de graças

Em terceiro lugar, depois da celebração do santo sacrifício, é necessário render graças a Deus. Esta ação de graças deve estender-se ao dia inteiro. Exigem os homens que lhes sejamos reconhecidos e correspondamos aos mínimos favores que nos fazem, nota S. Crisóstomo; quanto pois não devemos ser reconhecidos a Deus, que de nós espera, não uma retribuição, mas um ato de agradecimento, e isso somente para nosso bem!<sup>60</sup> Se não podemos, ajunta ele, agradecer-lhe na medida da sua dignidade, agradeçamos-lhe ao menos quanto pudermos.

Mas que pena, que desordem ver tantos padres que, depois da missa, apenas recitam algumas breves orações na sacristia, sem atenção nem devoção, e logo falam de coisas inúteis ou de negócios mundanos, ou até saiem da Igreja e vão levar Jesus Cristo ao meio das ruas! Seria necessário proceder sempre com eles, como um dia o venerável João de Ávila: ao ver que um padre saia da Igreja logo depois de celebrar, fê-lo acompanhar de dois clérigos com círios acesos. Perguntou-lhes o padre o que significava aquilo, e eles responderam: “Acompanhamos o Santíssimo Sacramento, que levais ao vosso peito”. Bem se podia dizer a tais padres o que S. Bernardo um dia escreveu ao arcediogo Foulques: Ai! Como tão depressa vos enfastiais da companhia de Jesus Cristo, que tendes dentro de vós?<sup>61</sup>

Há muitos livros de piedade que recomendam a ação de graças depois da missa, mas quantos são os padres que cumprem este dever? Poderiam apontar-se ao dedo. Fazem alguns a oração mental, e recitam ainda muitas orações vocais; mas depois da missa poucos instantes se entretêm com Jesus Cristo, ou até se dispensam disso por completo. Se ao menos o fizessem enquanto as espécies consagradas se conservam no seu estômago! Dizia o venerável João de Ávila que se deve considerar comi infinitamente precioso o tempo que se segue à missa; por isso ele de ordinário, a seguir à missa, passava duas horas recolhido em piedosos entretenimentos com Deus.

Depois da comunhão, dispensa o Senhor as suas graças em mais abundância. Dizia Santa Teresa que Jesus Cristo está então na alma como num trono de graça e lhe diz: *Quid vis ut tibi faciam?* Recordemos também o que ensinam Suarez<sup>62</sup>, Gonet<sup>63</sup> e outros doutores, — que a alma aufere da comunhão tanto maior fruto, quanto melhor se dispuser por atos de piedade, durante a permanência das espécies sacramentais. A razão é que este divino Sacramento, tendo sido instituído à maneira de alimento, declara o Concílio

de Florença<sup>64</sup> que, assim como os alimentos corpóreos sustentam o corpo segundo o tempo que permanecem no estômago, também o Pão celestial continua a alimentar de graças a alma, enquanto permanece no corpo, contanto que as boas disposições do comungante prossigam. Além disto, os atos de virtude têm então mais valor e merecimento, em razão da alma estar mais unida com Jesus Cristo, que assim o declara: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim, e eu permaneço nele*<sup>65</sup>. Então, diz S. João Crisóstomo, o comungante forma uma só e mesma coisa com Jesus Cristo<sup>66</sup>. Deste modo, são mais meritórios os atos, por serem praticados por uma alma unida a Jesus Cristo.

Mas, por outro lado, não quer o Senhor que as suas graças se percam, prodigalizando-as a ingratos, segundo a expressão de S. Bernardo<sup>67</sup>. Tenhamos pois cuidado de nos entretermos com Jesus Cristo depois da missa, ao menos durante uma meia hora, ou o mínimo um quarto de hora; mas, ai!, um quarto de hora é muitíssimo pouco. Devemos considerar que o padre, desde o dia da sua ordenação, não é de si próprio, mas de Deus<sup>68</sup>. E o próprio Senhor disse: Não de oferecer ao Senhor, seu Deus, o incenso e o pão; e por conseqüência serão santos<sup>69</sup>.

## V O padre que se abstém de celebrar

Há padres que se abstém de celebrar por humildade; uma palavra sobre este assunto. Abster-se de celebrar por humildade é bom, mas não é o que há de melhor: os atos de humildade prestam a Deus uma honra finita, o sacrifício da missa rende-lhe uma honra infinita, que lhe é prestada por uma Pessoa divina. Ouçamos o que diz S. Boaventura: Quando o padre deixa de celebrar, sem impedimento legítimo, faz quanto pode para privar a santíssima Trindade da glória que lhe é devida, os anjos de uma grande alegria, os pecadores do perdão, os justos de auxílios, as almas do Purgatório de alívio, a Igreja de um grande bem e a si próprio de remédio<sup>70</sup>.

Achava-se S. Caetano em Nápoles, quando soube que em Roma, um seu amigo cardeal, que costumava celebrar todos os dias, impedido por certos negócios, começava a descurar este dever. Era na força do calor do estio, mas o santo, com risco da própria vida, deu-se pressa em ir a Roma instar com o seu amigo, para que retomasse o antigo costume; e só depois de conseguido o que desejava voltou para Nápoles. Eis o que se lê na Vida do venerável João de Avila. Indo um dia a caminho para celebrar num ermitério, sentiu-se tão enfraquecido, que temeu não chegar ao lugar, donde estava ainda bastante distanciado; pensava já em suspender o passo e desistir de celebrar, quando Jesus Cristo lhe apareceu em figura de viajero e, mostrando-lhe o seu peito, lhe fez ver as chagas, sobretudo a do sagrado lado e lhe disse: “Quando eu estava coberto destas chagas, encontrava-se mais fatigado e enfraquecido que tu”; e desapareceu. Reanimando com esta visão, o servo de Deus retomou a marcha e teve a felicidade de oferecer o santo

sacrifício.

1. *Omnis namque Pontifex, ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quae sunt ad Deum, ut offerat dona et sacrificia pro peccatis (Hebr. 5, 1).*
2. *Infirma et egena elementa (Gal. 4, 9).*
3. *Idem nunc offerens, sacerdotum ministerio, qui seipsum tunc in cruce obtulit (Sess. 22. cap. 2).*
4. *Cum videris sacerdotem offerentem, ne ut sacerdotem esse putes, sed Christi manum invisibiliter extensam (Ad pop. Ant. hom. 60).*
5. *Necessario fatemur nullum aliud opus adeo sanctum ac divinum a Christi fidelibus tractari posse, quam tremendum mysterium (Sess. 22. Decret. de obs. in cel. M.).*
6. *Hoc beneficium majus est inter omnia bona quae hominibus concessa sunt, et hoc est quod Deus majori charitate mortalibus indulsit, quia in hoc mysterio salus mundi tota consistit (Collat. I. 2. c. 28).*
7. *Per quam orbis terrae consistit (Or. de proph. sim.).*
8. *Non minus videtur facere Deus in hoc quod quotidie dignatur descendere de coelo super altare, quam cum naturam humani generis assumpsit (De Instit. Novit. p. 1. c. 11).*
9. *O veneranda sacerdotum dignitas, in quorum manibus, velut in utero Virginis, Filius Dei incarnatur (Molina. Instr. Sacerd. tr. 1. c. 5).*
10. *In qualibet missa invenitur omnis fructus quem Christus operatus est in cruce (I. Herolt. De Sanct. s. 48). — Quidquid est effectus Dominicae passionis, est effectus hujus Sacramenti (In Jo. 6, lect. 60).*
11. *Tantum valet celebratio missae, quantum mors Christi in cruce (I. Herolt. De Sanct. s. 48).*
12. *Quoties hujus hostiae commemoratio celebratur, opus nostrae redemptionis exercetur (Mis. Dom. 9. p. Pent.).*
13. *Una enim eademque est Hostia, idem nunc offerens sacerdotum ministerio, qui seipsum tunc in cruce obtulit, sola offerendi ratione diversa (Sess. 22. cap. 2).*
14. *Quid enim bonum ejus est, et quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, et vinum germinans virgines? (Zach. 9, 17).*
15. *Sacramenta in Eucharistia consummantur (P. 3. q. 65. a. 3).*
16. *Et ideo hoc est memoriale totius dilectionis suae et quasi compendium quoddam omnium beneficiorum (De Inst. Novit. p. 1. c. 11).*
17. *Robur autem datum est ei contra jure sacrificium propter peccata (Dan. 8, 12).*
18. *Satis apparet omnem operam et diligentiam in eo ponendam esse, ut quanta maxima fieri potest interiori cordis munditia peragatur (Sess. 22. Decret. de obs. in cel. M.).*
19. *Maledictus, qui facit opus Domini fraudulenter! (Jer. 48, 10).*
20. *Cave ne nimis tepidus accedas; quia indigne sumis, si non accedis reverenter et considerate (De Praep. ad M. c. 5).*
21. *Introd. p. 2. chap. 14.*
22. *Dicendo Eucharistiam, omnem benignitatis Dei thesaurum aperio (In 1. Cor. hom. 24).*
23. *Nolite dare sanctum canibus, neque mittatis margaritas vestras ante porcos (Matth. 7, 6).*
24. *Tamquam leones ignem spirantes ab illa mensa recedamus, facti diabolo terribiles (Ad pop. Ant. hom. 61).*
25. *Defectus non in cibo est, sed in edentis dispositione (De Sacr. M. c. 6 § 6).*
26. *Mundamini, qui fertis vasa Domini (Is. 52, 11).*
27. *Quanto mundiores esse oportet, qui in manibus et in corpore portant Christum (Epist. 123).*
28. *Haec nemo contemnat, quoniam, ut audivit Petrus, nisi laverit ea Christus, non habebimus partem cum eo (S. in Coena Dom.).*
29. *N. do T. — O melhor que conhecemos é de Barcuez: Du Divin Sacrifice et du Prête qui le célèbre.*
30. *Inter missarum solemnia, semper passio Domini miscenda est, ut ejus, cujus corpus et*

sanguis conficitur, passio celebretur (Ep. 1).

31. Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, et calicem bibetis mortem Domini annuntiabitis (1. Cor. 11, 26).

32. Offic. Corp. Chr.

33. Antequam celebrent, se colligant, et orantes mentem in tanti ministerii cogitatione defigant (Const. p. 2. n. 5).

34. Curae, sollicitudines, servitutes, expectate me hic, donec ego cum puero, ratio scilicet cum intelligentia, usque illuc properantes, postquam adoraverimus, revertamur ad vos; revertemur enim, et, heu! revertemur quam citissime (De Amore Dei, c. 1).

35. Quando sederis ut comedas cum principe, diligenter attende quae apposita sunt ante faciem tuam (Prov. 23, 1).

36. Mediatoris gerit officium; propterea delinquentium omnium debet esse precator (Serm. de Euchar.).

37. Medius stat sacerdos inter Deum et naturam humanam, illinc venientia beneficia ad nos deferens (In Isaiam, hom. 5).

38. Propter hoc missa nominatur, quia per angelum sacerdos preces ad Deum mittit, sicut populus ad sacerdotem (P. 3. q. 83 a. 4).

39. Ipsis profecto sacerdotibus licet, non tantum semel in anno, ut olim, sed diebus singulis introire sancta Sanctorum, et tam pro ipsis quam pro populi reconciliatione, offerre hostiam (De Inst. proel. c. 10).

40. Tria sunt, quae celebraturus intendere debet, scilicet: Deum colere, Christi mortem memorari, et totam Ecclesiam juvare (De Praep. ad M. c. 9).

41. Sacerdos vice Christi vere fungitur (Epist. ad Coecil).

42. O impietatem! scenam coelum fecistis, et Deus vobis factus est actus! (Or. ad Gent.).

43. Juxta ritum, modum, ac normam, quae per missale hoc a nobis nunc traditur.

44. Pavete ad sanctuarium meum (Lev. 26, 2).

45. Quod si audire nolueris vocem Domini Dei tui, ut custodias... caerimonias... venient super te omnes maledictiones istae... Maledictus eris in civitate, maledictus in agro (Deut. 28, 15).

46. Vie, ch. 43.

47. De Sacram. d. 84. s. 2.

48. Theol. mor. l. 6. n. 400.

49. Omnem operam ponendam esse, ut quanta maxima fieri potest exteriori devotionis ac pietatis specie peragatur. — Irreverentia quae ab impietate vix sejuncta esse potest (Sess. 22. Decr. de obser. in M.).

50. Ecclesia caerimonias adhibuit, quo et majestas tanti Sacrificii commendaretur, et mentes fidelium, per haec visibilia religionis signa ad rerum altissimarum, quae in hoc Sacrificio latent, contemplationem excitarentur (Sess. 22. De Sacrif. M. c. 5).

51. Ex inordinata et indisciplinata multitudine sacerdotum, hodie datur ostentui nostrae redemptionis venerabile sacramentum (Epist. 123).

52. Ne populum sibi commissum a devotione potius revocent, quam ad sacrorum mysteriorum venerati onem invitent.

53. Ad vos, o sacerdotes, qui despicitis nomen meum, et dixistis: In quo despeximus nomen tuum?... In eo quod dicitis: Mensa Domini despecta est (Mal. 1, 6).

54. Cum omne crimen sacrificiis deleatur, quid pro delictorum expiatione Domino dabitur, quando in ipsa sacrificii oblatione erratur? (Cap. Cum omne, de Consecr. dist. 2).

55. Discernit sancta synodus, ut ordinarii locorum ea omnia prohibere sedulo curent ac teneantur, quae irreverentia (quae ab impietate vix sejuncta esse potest) induxit (Sess. 22. Decr. de obs. in M.).

56. Oratio tua citius exauditur in ecclesia in praesentia Dei, et etiam oratio sacerdotis celebrantis; quia quilibet sacerdos in qualibet missa tenetur orare pro circumstantibus.

57. Actio et pronuntiatio ostendat fidem et intentionem quam (sacerdos) habere debet de Christi et angelorum in sacrificio praesentia.

58. Intrinsicus motus gestus exterior attestatur (Spec. disc. p. 2. c. 1).

59. Praecipimus quoque ut oratora, vasa, corporalia, et vestimenta, munda et nitida

conserventur; nimis enim videtur absurdum in sacris sordes negligere, quae dedecerent etiam in profanis (Tit. 44. can. 1. Relinqui).

60. Si homines parvum beneficium praestiterint, expectant a nobis gratitudinem; quanto magis id nobis faciendum in iis quae a Deo accipimus, qui hoc solum ad nostram utilitatem vult fieri (In Gen. hom. 26).

61. Heu! quomodo Christum tam cito fastiditis? (Epist. 2).

62. De Sacram. disp. 63. sect. 7.

63. Man. Thom. p. 3. tr. 4.c. 9.

64. Decr. ad Arm.

65. Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo (Jo. 6, 57).

66. Ipsa re nos suum efficit corpus (Ad pop. Ant. hom. 60).

67. Numquid non perit, quod donatur ingrato? (In Cant. s. 51).

68. Verus minister altaris, Deo, non sibi, natus est (In Ps. 118, s. 8).

69. Incensum enim Domini et panes Dei sui offerunt, et ideo sancti erunt (Lev. 21, 6).

70. Cum sacerdos, non habens legitimum impedimentum, celebrare omittit, quantum in se est, privat Trinitatem gloria, angelos laetitia, peccatores venia, justos subsidio, in purgatorio existentes refrigerio, Ecclesia beneficio, et seipsum medicina (De Praep. ad m. c. 5).

## SEGUNDA INSTRUÇÃO

### O bom exemplo que o Padre deve dar

Estabeleceu Jesus Cristo na santa Igreja duas ordens de fiéis, a dos leigos e a dos eclesiásticos, com a diferença que aqueles são discípulos e ovelhas, estes mestres e pastores. Daqui o preceito de S. Paulo aos leigos: *Obedecei aos vossos superiores e sujeitai-vos a eles, porque vigiam por vós e em boa parte são responsáveis pelas vossas almas*<sup>1</sup>. Por outra parte adverte aos eclesiásticos: *Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho, de que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para governardes a Igreja de Deus*<sup>2</sup>. E do mesmo modo lhes fala S. Pedro: *Apascentai o rebanho de Deus que vos está confiado*<sup>3</sup>.

Donde com razão conclui Sto. Agostinho<sup>4</sup> que nada há nem mais difícil, nem mais arriscado que o ônus sacerdotal; e isso precisamente em razão do dever, que incumbe ao padre de ser um espelho de virtude, no interior e no exterior, para que os outros aprendam dele a viver bem<sup>5</sup>. Que bem não faz o exemplo dum santo padre! Diz-nos a Escritura que se vivia santamente em Jerusalém, sob o pontificado de Onias<sup>6</sup>, por causa da sua virtude. O Concílio de Trento diz que a virtude dos chefes é a salvação dos súditos<sup>7</sup>. Que males ao contrário não resultam dos maus exemplos dum padre! É do que o Senhor se lamenta pela boca de Jeremias: *O meu povo é um rebanho perdido; foram os pastores que o transviaram*<sup>8</sup>. Não, exclama S. Gregório, ninguém prejudica tanto os interesses de Deus como os padres, quando estabelecidos para corrigirem os outros, lhes dão maus exemplos<sup>9</sup>. Segundo S. Bernardino de Sena, ao verem a vida dos maus padres, os seculares não pensam mais em se corrigirem; chegam até a desprezar os Sacramentos, assim como os bens e penas da outra vida<sup>10</sup>. Respondem como o pecador de que fala Sto. Agostinho: *A quem me propondes como exemplar? Quereis que faça o que nem os eclesiásticos fazem?*<sup>11</sup> Um dia dizia o Senhor a Santa Brígida: *Os maus exemplos dos padres são causa de que os pecadores se obstinem no pecado; primeiro envergonham-se, mas depois fazem gala do pecado*<sup>12</sup>.

Diz ainda S. Gregório: São os sacerdotes na Igreja, como os alicerces num templo<sup>13</sup>. Quando os alicerces falham, todo o edifício desaba. Por isso na ordenação dos padres a Igreja faz por eles esta prece: *Que neles resplanda a justiça, a constância, a misericórdia, a fortaleza e as outras virtudes; que a sua vida sirva de exemplo aos outros*<sup>14</sup>. Devem os padres não só ser

santos, mas parecê-lo, porque no dizer de Sto. Agostinho, se a boa consciência é necessária ao padre para se salvar, também lhe é igualmente necessária a boa reputação, para salvar os outros. Sem esta, embora fosse bom para si próprio, seria cruel para com os outros e, perdendo-os, perder-se-ia com eles<sup>15</sup>. Escolheu Deus os padres entre todos os homens, não só para lhe oferecerem sacrifícios, mas para edificarem todos os outros com o bom odor das suas virtudes<sup>16</sup>.

São os padres o sal da terra<sup>17</sup>. São os padres, diz a Glosa, que devem condimentar de algum modo os outros homens, para os tornarem agradáveis a Deus, formando-os na prática da virtude por suas palavras, e ainda mais pelos seus exemplos<sup>18</sup>.

São também os padres a luz do mundo, devem pois, como o divino Mestre acrescenta, brilhar no meio de todos os fiéis pelo resplendor das suas virtudes, e glorificar assim o Deus que tantas distinções e honras lhes prodigaliza: *Sois vós a luz do mundo. Mostre-se pois radiante aos olhos dos homens a vossa luz, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus*<sup>19</sup>. Era o que S. João Crisóstomo recordava aos padres: *Se nos escolheu, foi para que nos tornemos luzeiros*<sup>20</sup>. Por sua vez, dizia o papa Nicolau, são os astros que devem irradiar ondas de luz sobre todo o povo<sup>21</sup>. Isto é conforme com as palavras de Davi: *Os que formam a muitos na santidade, hão de brilhar como estrelas por todos os séculos dos séculos*<sup>22</sup>. Mas, para alumiar os povos, não basta que o padre brilhe pelos seus discursos; é necessário que lhes ajunte a luz do bom exemplo; porque a vida do padre, no dizer de S. Carlos Borromeu, é o farol para o qual os simples levantam os olhos, do meio das vagas e trevas do mar tempestuoso do mundo, para escaparem ao naufrágio. O mesmo dizia S. João Crisóstomo: *Deve o padre levar uma vida edificante, para que todos vejam nele um modelo excelente; visto que Deus nos escolheu para que sejamos como luminárias, que mostrem aos outros o caminho a seguir*<sup>23</sup>. É a vida do padre a luz, da qual diz Nosso Senhor que deve ser colocada no candelabro para alumiar todos os homens: *Não se acende uma luz para a meter debaixo do alqueire, mas para a por no candelabro, para que alumie todos os que estão em casa*<sup>24</sup>. Donde o Concílio de Bordeus conclui: *De tal modo estão os eclesiásticos expostos aos olhares de todos os homens, que estes tomam, como regra os bons ou maus exemplos deles*<sup>25</sup>. É pois o padre a luz do mundo; mas, se a luz se demudar em trevas, o que se tornará o mundo?

São também os padres os pais dos cristãos, como lhes chama S. Jerônimo: *Patres christianorum*. Se são pais de todos os fiéis, acrescenta S. João Crisóstomo, necessário é que tomem cuidado de todos os seus filhos, e se esforcem principalmente em levá-los para o bem, primeiro pelo bom exemplo e depois por sábias instruções<sup>26</sup>. De contrário, se o padre der maus exemplos, diz Pedro de Blois, os seus filhos espirituais não deixarão de o seguir<sup>27</sup>.

Também os padres são mestres e modelos de todas as virtudes. Disse o nosso Salvador aos seus discípulos: *Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio*<sup>28</sup>. Do mesmo modo portanto que o Padre eterno enviou

Jesus Cristo à terra, para servir de modelo aos homens, o próprio Jesus Cristo estabeleceu os padres no mundo, para serem cá modelos de santidade. É o que significa o nome de *Sacerdote*, como o explica Pedro Comestor<sup>29</sup>. O mesmo significado tem a palavra *Presbítero*, segundo Honório de Autun<sup>30</sup>. Também o Apóstolo escreveu a Tito: *Apresenta-te como modelo em tudo... para que os inimigos da nossa fé nos respeitem e nada tenham de que nos argüir*<sup>31</sup>. Diz S. Pedro Damiano que o Senhor, ao estabelecer os padres, os separou do povo, para que não vivam como o povo<sup>32</sup>. Deve a vida deles ser uma regra que ensine os fiéis a viverem bem. Por isso S. Pedro Crisólogo chama ao padre a forma das virtudes<sup>33</sup>. E S. João Crisóstomo, dirigindo-se ao padre, diz também: Que o espelho da vossa vida santa seja para todos uma lição e um modelo de virtude<sup>34</sup>. As próprias funções do ministério sacerdotal exigem isto como escreve S. Bernardo<sup>35</sup>. Desejoso de ver os povos santificados, Davi fazia a Deus esta súplica: *Que os vossos sacerdotes sejam revestidos da justiça, e exultem de alegria os vossos santos*<sup>36</sup>. Ser alguém revestido de justiça, é dar exemplo de todas as virtudes: de zelo, humildade, modéstia etc.

Numa palavra, diz o Apóstolo, devemos mostrar, pela santidade da nossa vida, que somos verdadeiramente os ministros dum Deus santo: *Mostremos em tudo verdadeiros ministros de Deus... pela castidade, pela sabedoria, pela paciência*<sup>37</sup>. E é o que o próprio Jesus Cristo diz: *Se alguém quer ser ministro meu, siga os meus passos*<sup>38</sup>. O padre pois deve reproduzir em si mesmo os exemplos de Jesus Cristo, de modo que, diz Sto. Ambrósio, se torne um objeto de edificação para os fiéis, e ao vê-lo cada um possa dar testemunho da santidade da sua vida, e glorificar a Deus por tais ministros<sup>39</sup>. Foi o que fez dizer a Minúcio Felis que se devem reconhecer os padres, não pela magnificência do traje e elegância da cabeleira, mas pela modéstia e inocência dos costumes<sup>40</sup>. Colocado na terra para lavar as manchas dos outros, observa S. Gregório, é necessário que o padre seja santo, e faça ver que o é<sup>41</sup>.

São os padres os guias dos povos, segundo S. Pedro Damiano<sup>42</sup>. Mas, diz S. Dionísio, que ninguém tenha a audácia de se constituir diretor dos outros nas coisas divinas, se primeiro se não tiver tornado mui semelhante a Deus<sup>43</sup>. E o abade Filipe de Boa-Esperança acrescenta: É a vida dos clérigos que serve de modelo aos leigos: aqueles caminham na vanguarda como guias, estes seguem-nos como um rebanho<sup>44</sup>. Santo Agostinho chama aos padres *Rectores terrae*. Ora, quem é constituído para corrigir os outros, deve estar a salvo de toda a censura, como diz o papa Hormisdas<sup>45</sup>. E no concílio de Pisa lê-se: Quanto os eclesiásticos estão acima dos leigos pela sua dignidade, tanto devem edificá-los como o resplendor das suas virtudes; deve ser tal a sua virtude que mova os outros à santidade<sup>46</sup>. Como escreveu S. Leão: A vida exemplar dos governantes é a salvação dos súditos<sup>47</sup>.

Por S. Gregório de Nissa é o padre chamado um mestre da santidade<sup>48</sup>. Mas, se o mestre é orgulhoso, como há de ensinar a humildade? Se é intemperante, como há de ensinar a mortificação? Se é vingativo, como ensi-

nará a doçura?

Quem está à frente do povo, para o instruir e formar na virtude, diz Sto. Isidoro, tem obrigação de ser santo, sob todos os pontos de vista<sup>49</sup>.

Se o Senhor disse a todos os homens: *Sêde perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito*<sup>50</sup>, como observa Salviano, com quanto mais rigor há de exigir a perfeição dos padres, que estão encarregados de formar na virtude os outros?<sup>51</sup> Como poderá acender o amor de Deus no coração dos outros, quem não mostra pelas suas obras que está abrasado desse fogo sagrado? Nada pode incendiar uma luz apagada, diz S. Gregório<sup>52</sup>. E S. Bernardo acrescenta que a linguagem do amor, na boca de quem não ama a Deus, é uma linguagem bárbara e estranha<sup>53</sup>. Resultará, diz ainda S. Gregório, que o padre que não dá bom exemplo tornará desprezíveis os seus sermões<sup>54</sup>, e até todas as suas funções espirituais, ajunta Sto. Tomás<sup>55</sup>. Ordenou o Concílio de Trento que só sejam admitidos ao sacerdócio os que de tal modo se tornarem conhecidos pela sua piedade, e pureza de seus costumes, que se possam esperar deles exemplos excelentes de boas obras e advertências salutares<sup>56</sup>. — Veja a este respeito o que diz o N. C. de Direito Canônico, principalmente no § 3. do cân. 973.

Assim, notai bem, o que primeiro se deve esperar do padre é o bom exemplo, e depois os bons conselhos, porque diz o Concílio, o bom exemplo é uma espécie de pregação contínua<sup>57</sup>. Antes de pregarem com a palavra, devem os padres pregar com o exemplo, como ensina Sto. Agostinho<sup>58</sup>. E S. João Crisóstomo diz: Nenhuma trombeta ressoa tão alto como os bons exemplos<sup>59</sup>. Tal era a razão desta advertência de S. Jerônimo ao seu caro Nepociano: Que a tua conduta não desminta as tuas instruções; de contrário, ao pregares na igreja, cada ouvinte poderia dizer baixinho: Porque não fazes o que pregas?<sup>60</sup> A mesma linguagem emprega S. Bernardo: Terão força as vossas palavras, desde que os ouvintes estejam persuadidos de que muito primeiro começastes a praticar o que pregais aos outros. Mais força tem o pregão das obras que a voz da boca<sup>61</sup>. Para que um pregador persuade os outros do que ensina, é necessário que ele próprio esteja e se mostre disso convicto; mas, como poderá mostrar-se tal quando faz o contrário do que diz? Quem faz o contrário do que ensina, a si próprio se condena, em vez de instruir os outros<sup>62</sup>, diz o autor da *Obra imperfeita*. Persuade e comove um sermão, diz S. Gregório, quando a vida do pregador o confirma<sup>63</sup>. Mais se movem os homens pelo que vêem do que pelo que ouvem; isto é, deixam-se persuadir antes pelos exemplos que lhes falam aos olhos, do que pelos discursos que lhes ressoam aos ouvidos. É o que fazem notar os padres dum Concílio, que por consequência querem que o sacerdote dê bom exemplo, tanto no modo de trajar como de viver<sup>64</sup>. São os padres os espelhos do mundo, nos diz o Concílio de Trento; neles têm fixos os olhos todos os fiéis e os tomam como modelos em toda a sua conduta<sup>65</sup>.

No mesmo sentido, diz S. Gregório: “É justo que o sacerdote se imponha pelos seus costumes, de modo que seja como um espelho em que o povo aprenda o que tem a fazer e a corrigir<sup>66</sup>. É o que o Apóstolo nos dá a entender

nestas palavras: *Somos dados em espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens*<sup>67</sup>. Tudo reclama a santidade do padre, escreveu S. Jerônimo<sup>68</sup>. Segundo Sto. Euquério, suportam os padres o peso do mundo inteiro, isto é, têm o dever de salvar todas as almas; mas como? Pelo poder da santidade e pela força dos bons exemplos<sup>69</sup>. Dali este decreto do 3.º Concílio de Valença: “É necessário que o padre se esforce por se mostrar um modelo de regularidade e modéstia, na sua apresentação grave, no seu rosto e nas suas palavras<sup>70</sup>. Notem-se estes três pontos: 1. *Habitus*. Que exemplo de modéstia podem dar os padres que, em vez de trazerem um casaco comprido e decente, usam jaquetões impróprios, punhos com botões de ouro?... 2. *Vultus*. Para inculcar modéstia, quando se aparece em público, é necessário conservar os olhos baixos, não só ao altar e na igreja, mas por toda a parte em que se encontrem pessoas do outro sexo. 3. *Sermonis*. Deve o padre tomar todo o cuidado para não repetir certas máximas do mundo e certas chocarrices contrárias à modéstia. O 4.º Concílio de Cartago mandou suspender das suas funções todo o clérigo que descresse a gracejos indecorosos<sup>71</sup>. Mas que mal há em gracejar? Não, responde S. Bernardo, essas chocarrices entre seculares não passam de graçolas, mas na boca dum padre são blasfêmias, que causam horror. E acrescenta: Vós consagrastes a vossa boca à pregação do Evangelho; não podeis sem pecado abri-la a palavras tais, nem acostumar-vos a elas sem vos tornardes culpado de sacrilégio<sup>72</sup>. É sempre perigoso dizer coisas que não edifiquem os que as ouvem<sup>73</sup>. E coisas há, diz Pedro de Blois, que para os outros são leviandades e para o padre são um crime; porque da parte dele todo o mau exemplo se lhe torna em falta grave, desde que seja ocasião de queda para os outros<sup>74</sup>. Lê-se em S. Gregório de Nazianzo: As manchas num vestido rico são mais sensíveis e causam maior impressão a quem as vê<sup>75</sup>.

Deve também o sacerdote abster-se de toda a maledicência. No dizer de S. Jerônimo, há padres que se resguardam dos outros vícios e parece que não podem resistir à murmuração<sup>76</sup>. Importa-lhes ainda não freqüentar as pessoas do mundo, em cuja sociedade se respira um ar viciado, que com o tempo arruína a saúde da alma; é a reflexão de S. Basílio<sup>77</sup>. Deve finalmente o padre abster-se de certos divertimentos seculares, em que não seria edificante ver-se um ministro dos altares, como em comédias de todo profanas, bailes e reuniões, aonde afluem mulheres. É necessário, ao contrário, que ele seja visto a orar na igreja, a dar a sua ação de graças depois da missa, a visitar o Santíssimo, e a Mãe de Deus. Muitos há que cumprem os seus deveres de piedade às ocultas, com receio de serem vistos; é bom que se façam ver, não para atraírem louvores, mas para darem bom exemplo, e levarem os outros a glorificar a Deus, imitando-os<sup>78</sup>.

1. *Obedite praepositis vestris, et subjacete eis; ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddituri (Hebr. 13, 17).*

2. *Attendite vobis et universo gregi, in quo vos Spiritus Sanctus posuit episcopos, regere*

*Ecclesiam Dei (Act. 20, 28).*

3. *Pascite, qui in vobis est, gregem Dei (1. Pet. 5, 2).*

4. *Epist. 21. E. B.*

5. *Bonus si fuerit, qui tibi praeest, nutritor tuus est; malus si fuerit; tentator tuus est (Serm. 12. E. B.).*

6. *Propter Oniae pontificis pietatem (2. Mach. 3, 1).*

7. *Integritas praesidentium salus est subditorum (Sess. 6. de Ref. c. 1).*

8. *Grex perditus factus est populus meus; pastores eorum seduxerunt eos (Jer. 50, 6).*

9. *Nullum majus praejudicium quam a sacerdotibus tolerat Deus, quando eos, quos ad aliorum correctionem posuit, dare de se exempla pravitatis cernit (In Evang. hom. 17).*

10. *Plurimi considerantes cleri sceleratam vitam, Sacramenta despiciunt, vitia non evitant, non horrent inferos, coelestia minime concupiscunt (T. 1. s. 19, 2. c. 1.).*

11. *Quid mihi loqueris? Ipsi clerici non illud faciunt, et me cogis ut faciam (Serm. 137. E. B.).*

12. *Vix exemplo pravo sacerdotum, peccator fiduciam peccandi sumit, et incipit de peccato, quod prius putabat erubescibile, gloriari (Revel. I. 4. c. 132).*

13. *Sacerdotes in Ecclesia, bases in templo (In Evang. hom. 17).*

14. *Justitiam, constantiam, misericordiam, fortitudinem, caeterasque virtutes, in se ostendant; exemplo praeant.*

15. *Conscientia tibi, fama proximo tuo; qui, fidens conscientiae suae, negligit famam suam, crudelis est (Serm. 355. E. B.).*

16. *Ipsium elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo, incensum et bonum odorem (Eccli. 45, 20).*

17. *Vos estis sal terrae (Matth. 5, 13).*

18. *Condientes alios doctrina et vitae exemplo.*

19. *Vos estis lux mundi. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in coelis est (Matth. 5, 14).*

20. *Idcirco nos elegit, ut simus quasi luminaria (In 1. Tim. hom. 10).*

21. *Stellae longe lateque proximos illuminantes (Ep. ad Synod. Silvan.).*

22. *Fulgebunt... qui ad justitiam erudiunt multos, quasi stellae in perpetuas aeternitates (Dan. 12, 3).*

23. *Sacerdos debet vitam habere compositam, ut omnes in illum veluti in exemplar excellens intueantur; idcirco enim Deus nos elegit, ut simus quasi luminaria et magistri caeterorum (In 1. Tim. hom. 10).*

24. *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt.*

25. *Clerici vita omnium oculis sic exposita est, ut inde bene vel male vivendi exempla duci soleant (Anno 1583. c. 21).*

26. *Quasi totius orbis pater sacerdos est; dignum igitur est ut omnium curam agat (In 1. Tim. hom. 6).*

27. *Quid faciet laicus, nisi quod patrem suum spiritualement viderit facientem? (Serm. 57).*

28. *Sicut misit me Pater, et ego mitto vos (Jo. 20, 21).*

29. *Sacerdos dicitur quasi sacrum dans: dat enim sacrum de Deo, id est, praedicationem; sacrum Dei, carnem et sanguinem; sacrum pro Deo, vivendi exemplum (Serm. 38).*

30. *Presbyter dicitur praebens iter scilicet populo, de exilio hujus mundi ad patriam coelestis regni (Gemma an. I. 1. c. 181).*

31. *In omnibus teipsum praebe exemplum... ut is qui ex adverso est, vereatur, nihil habens malum dicere de nobis (Tit. 2, 8).*

32. *Ut quid enim a populo (sacerdotes) segregantur, nisi ut divisam a populo vivendi regulam teneant? (Opusc. 18. d. 2. c. 2).*

33. *Forma virtutum (Serm. 26).*

34. *Sit communis omnibus schola exemplarumque vitae tuae splendor (In Tit. hom. 4).*

35. *Cathedram sanctitatis exigit ministerium hoc (Ps. 131, 9).*

36. *Sacerdotes tui induantur justitiam, et sancti tui exsultent.*

37. *In omnibus exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros... in castitate, in scientia, in*

longanimitate (2. Cor. 6, 4).

38. Si quis mihi ministrat, me sequatur (Jo. 12, 26).

39. Docet actuum nostrorum testem esse publicam existimationem, ut, qui videt ministrum congruis ornatum virtutibus, Dominum veneretur, qui tales servulos habeat (De offic. I. 1. c. 50).

40. Nos, non notaculo corporis, sed innocentiae ac modestiae signo facile dignoscimus (Octav. c. 9).

41. Necesse est ut esse munda studeat manus, que diluere aliorum sordes curat (Past. p. 2. c. 2).

42. Sacerdos, dux exercitus Domini (Opusc. 25. c. 2).

43. In divino omni non audendum aliis ducem fieri, nisi secundum omnem habitum suum factus sit deiformissimus et Deo simillimus (De Eccl. hier. c. 3. — S. Thomas, Suppl. q. 36. a. 1).

44. Vita clericorum forma est laicorum, ut illi tamquam duces progrediantur, isti vero tanquam greges sequantur (De dignit. cler. c. 2).

45. Irreprehensibiles esse convenit, quos praeesse necesse est corrigendis (Ep. ad Episc. Hispan.).

46. Ecclesiastici, quemadmodum eminent gradu, sic lumine virtutum praelucere debent, et profiteri genus vivendi, quod alios excitet ad sanctitatem.

47. Integritas praesidentium salus est subditorum (Ep. ad Episc. Afric. c. 1).

48. Doctor pietatis (in Baptism. Chr.).

49. Qui in erudiendis atque instituendis ad virtutem populis praeerit, necesse est ut in omnibus sanctus sit (De off. Eccl. I. 2. c. 5).

50. Estote ergo vos perfecti, sicut et Pater vester coelestis perfectus est (Matth. 5, 48).

51. Si viris in plebe positus tam perfectam Deus vivendi regulam dedit, quanto esse illos perfectiores jubet, a quibus omnes docendi sunt ut possint esse perfecti! (Ad Eccl. 14. I. 2).

52. Lucerna quae non ardet, non accendit (In Ezech. hom. 11).

53. Lingua amoris, ei qui non amat, barbara est (In Cant. s. 79).

54. Cujus vita despicitur, restat ut ejus praedicatio contemnatur (In Evang. hom. 12).

55. Et eadem ratione, omnia spiritualia exhibita (Suppl. q. 36. a. 4).

56. Ita pietate ac castis moribus conspicui, ut praeclarum bonorum operum exemplum et vitae monita ab eis possint exspectari (Sess. 23, de Refor. c. 14).

57. Est perpetuum praedicandi genus.

58. Quorum vita aliorum debet esse salutis praedicatio (Serm. 291. E. B. app.).

59. Bona exempla voces edunt omni tuba clariores (In Matth. hom. 15).

60. Non confundant opera tua sermonem tuum ne, cum in ecclesia loqueris, tacitus quilibet respondeat: Cur ergo haec, quae dicis, ipse non facis? (Ep. ad Nepotian.).

61. Dabis voci tuae vocem virtutis, si, quod suades, prius tibi illud cognosceris persuasisse. Validior operis quam oris vox (In Cant. s. 59).

62. Qui non facit quod docet, non alium docet, sed seipsum condemnat (Hom. 10).

63. Illa vox libentius auditorum corda penetrat, quam dicentis vita commendat (Past. p. 2. c. 3).

64. Quoniam magis oculis quam auribus credunt homines, necesse est ut sacerdos bonum praebeat exemplum, tam in vestitu quam in reliquis actionibus.

65. In eos tamquam in speculum reliqui oculos conjiciunt, ex iisque sumunt quod imitentur (Sess. 22. de Refor. c. 1).

66. Decet sacerdotem moribus clarescere, quatenus in eo, tamquam in vitae suae speculo, plebs, et eligere quod sequatur, et videre possit quod corrigat (Epist. I. 7 ind. 1. ep. 32).

67. Spectaculum facti sumus mundo, et angelis et hominibus (1. Cor. 4, 9).

68. Clamat vestis clericalis, clamat status professi animi sanctitatem.

69. Hi onus totius orbis portant humeris sanctitatis (Hom. de dedic. eccl.).

70. Sacerdos de religione sua, in habitus, vultus, ac sermonis gravitate, talem se exhibere studeat, ut se formam disciplinae ac modestiae infundat (Anno 855, cap. 15).

71. Clericus verbis turpibus jocularis ab officio removendus (Cap. 60).

72. Inter saeculares, nugae sunt; in ore sacerdotis, blasphemiae. — Consecrasti os tuum Evangelio; talibus aperire, illicitum; assuescere, sacrilegium (De Cons. I. 2. c. 13).

73. Omne quod non aedificat audientes, in periculum vertitur loquentium.

74. Quod veniale est plebi, criminale est sacerdoti. Quod erroneum est ovi, peremptorium est pastori (Ad Past. in syn. s. 3).

75. Splendidae vestis manifestiores sunt maculae (Orat. 31).

76. Qui ab aliis vitiis recesserunt, in istud tamen, quasi in extremum diaboli laqueum, incidunt (Ep. ad Celant.).

77. Sicut in pestilentibus locis sensim attractus aer morbum inficit, sic in prava conversatione mala hauriuntur, etiamsi statim incommodum non sentiatur (Hom. Quod. D. non sit auct. mal.).

78. Videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in coelis est (Matth. 5, 16).

## TERCEIRA INSTRUÇÃO

### Sobre a castidade do padre

#### I

#### Excelência desta virtude, e quanto é necessária ao padre

Em comparação duma alma casta, todas as grandezas e dignidades terrenas são de mui pouco valor<sup>1</sup>.

A castidade é chamada por Sto. Efrém *Vita spiritus*; por S. Pedro Damiano, *Regina virtutum*; e por S. Cipriano, *Acquisitio triumphorum*. Quem triunfa do vício contrário à castidade, facilmente triunfa de todos os outros; pelo contrário, quem se deixa dominar da impureza, com facilidade escorrega em muitos outros, como são o ódio, a injustiça, o sacrilégio etc.

A castidade faz do homem um anjo: *O castitas*, exclama Sto. Efrém, *quae homines angelis similes reddis?* S. Bernardo diz: *Castitas angelum de homine facit*<sup>2</sup>. A mesma linguagem tem Sto. Ambrósio e acrescenta que — quem a perdeu é um demônio<sup>4</sup>. Também com razão são os homens castos comparados aos anjos, que vivem estranhos a todos os prazeres da carne<sup>5</sup>. São os anjos puros de sua natureza; os homens são-no por virtude. Segundo Cassiano, esta virtude iguala o homem ao anjo<sup>6</sup>. Na opinião de S. Bernardo, é só a felicidade e não a virtude que distingue o anjo do homem casto; e acrescenta, — se a castidade do anjo é mais feliz, a do homem é mais gloriosa<sup>7</sup>. S. Basílio vai mais longe, dizendo que a castidade torna o homem semelhante ao próprio Deus, que é um espírito puro<sup>8</sup>.

Tanto a castidade é preciosa, como necessária aos homens para se salvarem; mas é sobretudo indispensável aos padres. Porque preceituou o Senhor aos sacerdotes da antiga Lei tantas vestes e ornamentos brancos, e tantas purificações exteriores? Só por haverem de tocar os vasos sagrados e por serem a figura dos sacerdotes da nova Lei, que haviam de tocar e imolar no altar a carne sagrada do Verbo feito homem. Isto fez dizer a Sto. Ambrósio: Se tanto respeito exigiam as figuras, quanto não exigirá a verdade!<sup>9</sup> Além disto, mandou Deus afastar dos altares os sacerdotes habitualmente infeccionados da lepra, símbolo do vício da impureza<sup>10</sup>. É o que S. Gregório explica: Está dominado de lepra perpétua quem segue os vergonhosos instintos da carne<sup>11</sup>.

Conforme refere Plutarco, os próprios pagãos exigiam a pureza aos sacerdotes das suas falsas divindades, porque diziam: tudo quanto respeita ao culto dos deuses deve ser puro — *Diis omnia munda*. E em Platão lemos que os sacerdotes de Atenas, para melhor conservarem a castidade, habitavam em lugares separados do resto dos homens<sup>12</sup>. Sobre o que Sto. Agostinho exclamava: Que vergonha para os cristãos receberem dos pagãos lições tais!<sup>13</sup>

Quanto aos sacerdotes do verdadeiro Deus, segundo S. Clemente de Alexandria, só são e se devem dizer verdadeiramente padres os que passam uma vida casta<sup>14</sup>. E. S. Tomás de Vilanova acrescenta: Seja muito embora o padre humilde e devoto, se não for casto, não é nada<sup>15</sup>. A todos os homens é necessária a castidade, diz Sto. Agostinho, mas principalmente aos padres<sup>16</sup>. Devem os padres ao altar por-se em relação íntima com o Cordeiro de Deus, com esse Cordeiro sem mancha, que tem o nome de *Lírio* e só se apascenta entre os lírios<sup>17</sup>. Por isso Jesus Cristo quis ter uma Mãe virgem, um Pai adotivo virgem — S. José — e um Precursor virgem. Foi ainda por causa da sua pureza excelsa, afirma S. Jerônimo, que João foi o discípulo predileto de Jesus<sup>18</sup>. Foi em consideração desta virtude da pureza que Jesus confiou a S. João sua divina Mãe, como confia ao padre a sua Igreja e a sua própria pessoa. Isso fez dizer a Orígenes: O padre que se aproxima dos santos altares, deve antes de tudo achar-se revestido da castidade<sup>19</sup>. E na opinião de S. João Crisóstomo, deve o padre ser bastante puro para merecer um lugar entre os anjos<sup>20</sup>. — Então, dirá alguém, quem não for virgem não poderá ser padre? — Responde S. Bernardo: Reputa-se como virgindade uma castidade antiga<sup>21</sup>.

Nada há também que a Igreja tanto se empenhe em conservar, como a pureza dos padres. Quantos Concílios e cânones que tratam desta importante matéria! Eis o que diz Inocêncio III: Não seja admitido a Ordens sacras quem não for virgem ou pelo menos de uma castidade experimentada. E acrescenta: Quanto aos que estão ordenados, se não forem castos, é necessário privá-los de todas as funções sagradas<sup>22</sup>. E S. Gregório escreveu: Ninguém deve servir ao altar, sem primeiro ter dado provas da sua castidade<sup>23</sup>. S. Paulo dá a razão do celibato imposto aos padres, quando diz: *O que está sem mulher dá toda a sua atenção às coisas do Senhor e pensa em agradar a Deus; o que porém está casado preocupa-se com as coisas do mundo e procura agradar a sua mulher; está dividido*<sup>24</sup>. O que está livre dos laços do matrimônio dá-se todo a Deus, porque só o domina o pensamento de agradar a Deus; quem está ligado pelo matrimônio tem que pensar em agradar a sua esposa; ocupa-se de seus filhos e do mundo: tem assim o coração dividido e não se pode dar inteiramente a Deus. Com muita razão pois Sto. Atanásio chamava à castidade a morada do Espírito Santo, a vida dos anjos e a coroa dos santos<sup>25</sup>. Por sua vez S. Jerônimo a chama — a honra da Igreja e a glória do sacerdócio<sup>26</sup>. Com efeito, como diz Sto. Inácio mártir, deve o padre, que é casa de Deus, templo de Jesus Cristo e órgão do Espírito Santo, conservar-se puro, visto ser por seu intermédio que as almas se santificam<sup>27</sup>.

## II

### Meios para conservar a castidade

Grande é pois o valor da castidade, mas mui terrível a guerra que a carne move ao homem para lhe arrebatá-la esta virtude. É a carne a mais poderosa arma que o demônio possui para escravizar o homem<sup>28</sup>. Por isso, diz Sto. Agostinho<sup>29</sup>, poucos saem vitoriosos deste combate. Ó!, exclama com dor S. Lourenço Justiniano, quantos desgraçados, depois de muitos anos de solidão dum deserto, depois de orações, jejuns e austeridades, se deixaram vencer dos apetites da carne, abandonaram o retiro, perderam a castidade e o próprio Deus!<sup>30</sup> Eis porque os padres — obrigados a uma castidade perpétua — devem por todo o cuidado em a conservar. Não serás casto, disse S. Carlos Borromeu a um eclesiástico, se não vigiares continuamente sobre ti mesmo, porque a falta de vigilância faz perder a castidade num instante<sup>31</sup>.

Todo o cuidado a este respeito consiste no emprego dos meios para conservar esta bela virtude, meios que se reduzem a evitar tudo quanto possa acender o fogo impuro, e aplicar contra as tentações os devidos remédios.

#### 1. A fuga da ocasião

O primeiro meio consiste em fugir à ocasião. Eis o que diz S. Jerônimo: O primeiro remédio contra este vício é evitar os objetos, cuja presença nos leva para o mal<sup>32</sup>. S. Filipe de Néri dizia que nesta guerra a vitória cabe aos poltrões, isto é, aos que fogem à ocasião. No mesmo sentido se exprime Pedro de Blois: De nenhum modo se pode vencer melhor a luxúria do que pela fuga<sup>33</sup>.

Grande tesouro é a graça de Deus, mas somos nós que o trazemos, em vasos mui frágeis e mui expostos a perdê-lo<sup>34</sup>. Não pode o homem adquirir a virtude da castidade, se o próprio Deus Iha não der<sup>35</sup>. De nós mesmos não temos força para praticar nenhuma virtude, e muito menos a castidade, porque temos naturalmente uma inclinação violenta para o vício contrário.

Com o auxílio divino, pode o homem conservar-se casto, mas esse auxílio não o dá Deus a quem se lança na ocasião de pecar ou nela permanece por sua vontade: *Quem ama o perigo há de perecer nele*<sup>36</sup>.

Daí esta exortação de Sto. Agostinho: Se quereis vencer as revoltas da carne, tomai a fuga<sup>37</sup>. Ó!, — dizia S. Jerônimo nos avisos que do leito da morte deu a seus discípulos, — quantos desgraçados caíram no lodaçal da impureza, por terem a presunção de se considerarem seguros! E acrescentava: ninguém se deve julgar seguro contra este vício; embora seja um santo, está sempre sujeito a cair<sup>38</sup>.

Não é possível, diz o Sábio, caminhar sobre brasas e não se queimar<sup>39</sup>. Eis as reflexões de S. João Crisóstomo: Sois vós de pedra? Sois de ferro? Sois homem, estais sujeito à fraqueza comum de todos os homens; tomais fogo nas mãos e contaís que não vos queimareis? Aproximai da palha uma

luz acesa e atrevei-vos depois a dizer que não haverá incêndio. O homem é como a palha<sup>40</sup>. Impossível é pois expor-se uma pessoa voluntariamente à ocasião e não sucumbir.

Diz o Espírito Santo que é necessário fugir à vista do pecado como à vista duma serpente<sup>41</sup>. Não nos contentamos com fugir à mordedura das serpentes; evitamos até o seu contato, e nem as queremos ver de perto. Se há pessoas que nos podem ser ocasião de queda, devemos evitar até a sua presença e as suas palavras. Observa Sto. Ambrósio que o casto José nem mesmo quis escutar o que a mulher de Putifar tinha começado a dizer-lhe; fugiu logo, persuadido de que seria arriscadíssimo demorar-se a ouvi-la<sup>42</sup>. — Mas, direis talvez, eu sei o que me convém. — Escutai estas palavras de S. Francisco de Assis: “Eu sei o que deveria fazer, mas uma vez exposto à ocasião, não sei o que faria”.

Examinemos as ocasiões principais que um padre deve ter cuidado de evitar, para não perder a castidade.

I. Primeiro que tudo deve guardar-se de demorar os olhos sobre objetos perigosos nesta matéria. *A morte entra pelas janelas*<sup>43</sup>; isto é penetra o pecado na alma pelos olhos, segundo a explicação de S. Jerônimo, S. Gregório e outros; porque, assim como para defender uma praça não basta fechar as portas, se se deixa aos inimigos uma entrada pela janela, também serão inúteis todos os outros meios de conservar a castidade, desde que não tome a precaução de fechar os olhos. Refere Tertuliano<sup>44</sup> que um filósofo pagão se arrancara voluntariamente os olhos para se conservar casto. Este ato não é permitido a cristãos, mas, se queremos guardar a castidade, não lancemos, e sobretudo não demorem, os nossos olhares sobre pessoas de diferente sexo. S. Francisco de Sales nos adverte que o perigo não consiste tanto em ver como em olhar com demora os objetos, que nos podem ser ocasião de tentação. E não basta isto, acrescenta S. João Crisóstomo; além de desviar os olhos das pessoas imodestas, é necessário desviá-los também das mais modestas<sup>45</sup>. Por isso Jó fez com os seus olhos o acordo de não olhar nenhuma mulher, ainda que fosse uma virgem modesta, por saber que os olhares dão origem a maus pensamentos<sup>46</sup>. É também o aviso que nos dá o Eclesiástico: *Não olhes nenhuma jovem com receio de que a sua formosura te seja ocasião da queda*<sup>47</sup>. Do olhar nasce o mau pensamento, diz Sto. Agostinho; do mau pensamento procede uma certa deleição carnal, embora involuntária; e a esta deleição indeliberada sucede muitas vezes o consentimento da vontade, — assim a alma se perde<sup>48</sup>. — Mandou o Apóstolo que a mulher na igreja esteja velada, *por causa dos anjos*; o que o cardeal Hugues comenta nestes termos: Pelos anjos é necessário que se entendam os padres, que poderiam à sua vista sentir tentações imodestas<sup>49</sup>. Vivia S. Jerônimo na gruta de Belém, em oração contínua, a macerar a sua carne com austeridades de toda a espécie; e, apesar disso, era atormentado violentamente pela recordação das damas, que muito tempo antes tinha visto em Roma. Guiado assim pela própria experiência, escreveu ao seu caro Nepociano a dizer-lhe — que se abstivesse de olhar as mulheres e até de falar da beleza delas<sup>50</sup>. Por

ter olhado com curiosidade a Betsabé, caiu Davi miseravelmente em três crimes enormes: adultério, homicídio e escândalo. Dizia ainda S. Jerônimo: *Nostris tantum initiis (diabolus) opus habet*. Ao demônio só lhe basta que comecemos a abrir-lhe a porta; em breve levará ele a sua obra até ao fim. Um olhar demorado sobre o rosto duma jovem será uma faúla do inferno, que levará a ruína e a morte à alma. Falando particularmente dos padres, dizia o mesmo Doutor que não lhes basta evitar toda a ação impura; devem abster-se até dum simples olhar<sup>51</sup>.

II. Se, para conservar a castidade, é necessário não demorar os olhares sobre pessoas de diferente sexo, mais necessário ainda é evitar a sua sociedade. *Guardai-vos de permanecer na companhia de mulheres*<sup>52</sup>, diz o Espírito Santo, e dá a razão disso: é que do mesmo modo que a traça se gera na roupa, assim a corrupção dos homens tem a sua origem nas relações com as mulheres.

E assim como a tinha se produz na roupa contra a vontade do que a tem, observa o Pe. Cornélio, comentando esta passagem, também da familiaridade com mulheres nascem, sem se querer, os maus desejos. Além disto, ajunta ele, assim como a tinha se gera insensivelmente na roupa e a rói, assim a convivência com mulheres acende insensivelmente o fogo da concupiscência no coração dos homens, ainda mesmo nos que se dão às coisas espirituais<sup>53</sup>. Santo Agostinho ameaça com uma queda próxima e inevitável nesta matéria quem não quiser evitar toda a familiaridade com objetos perigosos<sup>54</sup>. Conta S. Gregório que o Pe. Orsino, depois de se ter separado da sua mulher e recebido com assentimento dela as santas Ordens, quando estava para morrer, passados já quarenta anos, ao aproximar ela o ouvido da sua boca, para conhecer se ainda respirava, lhe disse Orsino: Retira-te, mulher, afasta daí essa palha, porque ainda há em mim uma centelha de vida, que nos poderia consumir a ambos<sup>55</sup>. Para nos fazer tremer a todos, que mais será preciso que o triste exemplo de Salomão? Depois de ter experimentado os favores e a amizade íntima do seu Deus, depois de ter sido por assim dizer a pena do Espírito Santo, ele na velhice se deixou corromper pela influência das mulheres pagãs, chegando até a adorar os ídolos! *Tornado velho, deixou-se seduzir pelas mulheres, a ponto de se dar ao culto de deuses estranhos*<sup>56</sup>.

Mas que admira isto? É impossível, diz S. Cipriano, estar no meio das chamas e não se queimar<sup>57</sup>. Segundo S. Bernardo, seria menor milagre ressuscitar um morto, do que conservar a castidade, vivendo em habitual familiaridade com uma mulher<sup>58</sup>. Se quereis pois estar seguros, escutai o que vos diz o Espírito Santo: Procedei de modo que nem sequer passeis perto da casa daquela que o demônio toma como instrumento para vos tentar; afastai-vos de lá<sup>59</sup>. E, quando houver necessidade verdadeira de falardes a uma mulher, fazei-o com brevidade em termos austeros, conforme o conselho de Sto. Agostinho<sup>60</sup>. É também o aviso de S. Cipriano: Quando se houver de falar a mulheres, é necessário fazê-lo de passagem, sem demora, e como que de fugida<sup>61</sup>.

Mas, dir-se-á, esta pessoa é feia; Deus me livre dela! — A isso responde S. Cipriano que o demônio é pintor; quando a concupiscência está em movimento, pode ele embelezar o rosto mais disforme<sup>62</sup>.

Mas essa pessoa é minha parenta. — Eis o que responde S. Jerônimo: Não consentais que permaneçam convosco nem mesmo as que vos estão ligadas pelo parentesco<sup>63</sup>. Por vezes o parentesco só facilita e multiplica os pecados, ajuntando o incesto à impudicícia e ao sacrilégio. Até se está mais exposto a pecar, acrescenta S. Cipriano, quando a mesma enormidade do crime afasta o temor de suspeitas<sup>64</sup>. S. Carlos Borromeu<sup>65</sup> fez um decreto, em que proibia aos seus padres que, sem permissão sua, tivessem consigo mulheres, embora fossem suas parentas próximas.

Mas é minha penitente, e é uma pessoa santa; nada há a temer. — Nada há a temer? Ilusão, diz Santo Tomás: quanto mais santa é vossa penitente, mais deveis temer, e evitar toda a familiaridade com ela; porque as mulheres, quanto mais piedosas e dadas à espiritualidade, mais sedutoras são<sup>66</sup>. Dizia o venerável Pe. Sertório Caputo, como lemos na sua Vida, que o demônio começa por inspirar apego à virtude e procura assim afastar o temor do perigo; depois, faz conceber afeição pela pessoa; por último, tenta e arremessa ao abismo. É o sentir de Sto. Tomás: “É sempre perigosa a afeição carnal, mas mais perniciosa quando tem por objeto uma pessoa devota; podem os começos ser inocentes, mas a familiaridade é um perigo de todos instantes; na medida em que essa familiaridade vai aumentando, enfraquece-se a pureza do motivo principal, que lhe tinha dado origem”<sup>67</sup>. Acresce que o demônio sabe muito bem esconder o perigo: a princípio não arremessas flechas que pareçam envenenadas, mas que avivem a afeição, fazendo no coração pequenas feridas; pouco depois essas pessoas assim dispostas já não procedem entre si como anjos, como a princípio, mas como seres revestidos de carne; não são imodestos os olhares, mas mais freqüentes de parte a parte; as palavras parecem espirituais, mas são demasiado ternas; depois desejam encontrar-se muitas vezes. E é assim, conclui o santo Doutor, que o apego espiritual se torna carnal<sup>68</sup>. Aponta S. Boaventura<sup>69</sup> cinco sinais pelos quais se pode reconhecer quando é que a afeição de espiritual se torna carnal:

- 1.º - Quando há entretenimentos longos e inúteis; e, desde que são longos, são sempre inúteis.
- 2.º - Quando há olhares e elogios recíprocos.
- 3.º - Quando um desculpa os defeitos do outro.
- 4.º - Quando se deixam perceber pequeninos ciúmes.
- 5.º - Quando o afastamento causa inquietação.

Tremamos; somos de carne. O bem-aventurado Jurdano repreendeu fortemente um dia um dos seus religiosos, por ter dado a mão a uma mulher, ainda que sem má intenção; e, tendo-lhe o religioso observado que era uma pessoa virtuosa, respondeu-lhe: “A chuva é boa e a terra também, mas misturadas fazem lama”. Esta mulher é santa e este homem é santo; mas, se se põem na ocasião, ambos se perdem. “Choca o forte com o forte e ambos caem”<sup>70</sup>. É sabido o caso funesto de que fala a História eclesiástica. Uma

santa mulher, que tinha o costume de recolher os cadáveres dos santos mártires, para lhes dar sepultura, encontrou certo dia um, que tinham deixado por morto, mas que ainda conservava alguma vida. Fê-lo transportar para sua casa, onde lhe restituiu a saúde, à custa dos seus cuidados; mas que aconteceu? A convivência fez-lhes perder a castidade e a graça de Deus.

Tais casos infelizmente não são raros. Quantos padres, muito piedosos a princípio, acabaram por perder a piedade e o próprio Deus, em razão de se terem deixado prender pouco a pouco de afeições espirituais! Santo Agostinho nos afirma ter conhecido muitos e grandes prelados, que ele não tinha em menor estima que a um S. Jerônimo e a um Sto. Ambrósio, e haviam sucumbido em ocasião semelhantes<sup>71</sup>. Assim, S. Jerônimo escreveu a Nepociano: Não te fies da tua castidade passada; quando te encontrares a sós, sem testemunha, com uma mulher, não te demores de nenhum modo<sup>72</sup>. Santo Isidoro de Pelusa, exprime-se no mesmo sentido: Se a necessidade vos obriga a falar, conservai os olhos baixos; dizei somente o preciso, e apressai-vos a fugir<sup>73</sup>. O Pe. Pedro Consolini, do Oratório, dizia que com as mulheres, mesmo comas mais virtuosas, se deve exercer a caridade como com as almas do Purgatório: de longe e sem olhar para elas. Dizia mais este bom padre, que é muito útil aos sacerdotes, nas tentações contra a castidade, considerarem a sua dignidade. Contava a este propósito que um Cardeal, ao ser assaltado de pensamentos impuros, olhava o seu barrete, e refletia na dignidade de que se achava revestido, dizendo: “Recomendo-me a ti, meu caro barrete”. Assim triunfava na da tentação.

III. Além da companhia de mulheres, quaisquer que elas sejam, deve evitar-se também a de homens que se comportem mal. Torna-se o homem semelhante àqueles que freqüenta, dizia S. Jerônimo<sup>74</sup>. É escuro e escorregadio o caminho da vida presente — *Lubricum in tenebris*; — se temos um mau companheiro que nos impele para o precipício, estamos perdidos. Conta S. Bernardino de Sena<sup>75</sup> ter conhecido uma pessoa que vivera trinta e oito anos na inocência e na virgindade; tendo então ouvido nomear uma certa impureza, precipitou-se em desregramentos tais, que o demônio, diz o Santo, não se entregaria a semelhantes torpezas, se tivesse corpo.

IV. Necessitamos ainda evitar a ociosidade, se queremos permanecer castos. Adverte-nos o Espírito Santo que a ociosidade ensina a cometer muitos pecados<sup>76</sup>. E o profeta Ezequiel diz que a ociosidade foi a causa dos crimes abomináveis dos habitantes de Sodoma, e por fim a sua total ruína<sup>77</sup>. Como nota S. Bernardo, foi também ela a causa da queda de Salomão<sup>78</sup>. Por isso S. Jerônimo exortava Rústico a viver de modo que o demônio, quando viesse a tentá-lo o encontrasse sempre ocupado<sup>79</sup>. Quem se dá ao trabalho, acrescenta S. Boaventura, não será tentado senão por um demônio, ao passo que quem se der à ociosidade será muitas vezes assaltado por um grande número<sup>80</sup>.

## 2. A mortificação

Vimos acima quanto é necessário, para conservar a castidade, fugir à ocasião e à ociosidade; vejamos agora o que importa fazer.

Em primeiro lugar, deve-se praticar a mortificação dos sentidos. É uma ilusão, diz S. Jerônimo, tentar viver no meio dos prazeres, sem cair nos vícios a que eles dão origem<sup>81</sup>. Quando o Apóstolo era atormentado pelo aguilhão da carne, encontrava auxílio e remédio nas mortificações do corpo: *Castigo o meu corpo e faço dele um escravo*<sup>82</sup>. A carne que não é mortificada só dificilmente se sujeita ao espírito. Conserva-se a castidade no meio das mortificações, como um lírio no meio dos espinhos<sup>83</sup>.

Para permanecer casto, é necessário principalmente evitar toda a intemperança na comida e na bebida.

*Não deis vinho aos reis*<sup>84</sup>. Quem beber em excesso, sem dúvida experimentará muitos movimentos sensuais. Assim lhe será difícil dominar a sua carne e conservar a castidade, segundo a doutrina de S. Jerônimo: Dum estômago aquecido pelo vinho, levantam-se os vapores impuros da luxúria<sup>85</sup>; porque o vinho no dizer do profeta Oséas, faz perder ao homem a razão e degrada-o à condição de bruto<sup>86</sup>. O Anjo, ao contrário, disse de S. João Baptista: *Não beberá nem vinho, nem licores inebriantes e será cheio do Espírito Santo*<sup>87</sup>. Alguém dirá talvez que precisa do vinho, por causa da fraqueza do seu estômago; seja assim, mas beba com moderação que o Apóstolo manda a Timóteo: *Em razão da fraqueza do teu estômago e das tuas indisposições freqüentes, usa dum pouco de vinho*<sup>88</sup>.

É também necessário evitar todo o excesso de comida. Dizia S. Jerônimo que a imoderação na comida é uma das causas da impudicícia<sup>89</sup>. Do mesmo modo S. Boaventura: A luxúria alimenta-se da glotoneria<sup>90</sup>. Ao contrário, o jejum reprime os vícios e favorece as virtudes: é o que a Igreja nos ensina<sup>91</sup>. Segundo Sto. Tomás, quando o demônio se vê vencido numa tentação de gula, já desiste de tentar pela impureza<sup>92</sup>.

## 3. A humildade

É preciso mais praticar a humildade. Segundo Cassiano, quem não é humilde, não pode ser casto<sup>93</sup>. Não é raro que Deus castigue os orgulhosos, permitindo que caiam nalguma falta vergonhosa; tal foi a causa da queda de Davi, como ele próprio confessa: *Pequei antes de ser humilhado*<sup>94</sup>. É pela humildade que se obtém a castidade, diz S. Bernardo<sup>95</sup>. E antes dele tinha dito Sto. Agostinho: O guarda da pureza é o amor de Deus; mas é humildade a morada em que este guarda habita<sup>96</sup>. — Segundo S. João Clímaco, quem nos combates contra a carne quer vencer somente pela continência, assemelha-se ao náufrago que tentasse salvar-se, nadando com uma só mão. É necessário ajuntar a humildade à continência<sup>97</sup>.

#### 4. A oração

Acima de tudo, para obter a virtude da castidade, é preciso orar, e orar sempre. Já noutra lugar fica dito, que não se pode adquirir nem conservar a castidade sem o socorro da graça, e este não o concede o Senhor senão aos que lho pedem<sup>98</sup>. Ensina-nos o Senhor que, para os adultos, a oração é de necessidade de meio, segundo a linguagem das Escrituras<sup>99</sup>. Por isso o Doutor angélico diz: Depois do batismo, é necessária ao homem a oração contínua<sup>100</sup>. E se, para praticar qualquer virtude, é necessário o auxílio do Céu, para conservar a castidade, requiere-se um socorro mais poderoso, em razão da propensão violenta que o homem tem para o vício contrário. É impossível ao homem, diz Cassiano, manter-se na castidade por suas próprias forças e sem a assistência divina<sup>101</sup>. Neste combate pois, acrescenta Abelly, precisa de solicitar com instância o socorro de Deus<sup>102</sup>. Daí o aviso de S. Cipriano, — que o primeiro meio para obter a castidade é pedir a assistência de Deus<sup>103</sup>. Foi o que o próprio Salomão declarou: *Sabendo eu que não podia possuir este tesouro se Deus mo não desse, — e era já sabedoria o conhecer de quem me advém este dom, — apresentei-me diante do Senhor, e roguei-lhe, e disse-lhe do íntimo do meu coração...*<sup>104</sup>

Apenas sentirmos pois os primeiros estímulos da carne, que o demônio despertar em nós, é necessário, diz S. Cipriano, resistir logo, e não permitir que o reptilzinho se torne em serpente, isto é, que a tentação aumente<sup>105</sup>. O mesmo conselho dá S. Jerônimo: Não deixeis avolumar o pensamento perigoso; matai o inimigo enquanto é pequeno<sup>106</sup>. Quando o leão é grande, não é fácil matá-lo como em pequeno.

Tomemos pois cautela nesta matéria, não nos demorem a raciocinar com a tentação; apressemo-nos a repeli-la sem exame. Como ensinam os mestres da vida espiritual, o melhor meio de vencer as tentações da carne não é combatendo-as *diretamente* frente a frente, com demora no mau pensamento, fazendo produzir à vontade atos contrários; é antes *indiretamente* com atos de amor de Deus ou de contrição, ou pelos menos fazendo derivar o pensamento para outra coisa.

O meio principal é recorrer então a Deus pela oração: é bom, logo aos primeiros movimentos da impureza, renovar o propósito firme de antes morrer do que pecar; e imediatamente depois é necessário recorrer às chagas de N. Senhor Jesus Cristo. Assim o têm praticado os santos que, sendo de carne como nós, estavam sujeitos às mesmas tentações, e foi assim que as venceram. Quando um pensamento vergonhoso se me apresenta ao espírito, dizia Sto. Agostinho, recorro às chagas de N. Senhor Jesus Cristo. Está-se em repouso e segurança nas chagas do Salvador<sup>107</sup>. Também Sto. Tomás triunfou das provocações, duma mulher impudica, dizendo: Senhor Jesus e santíssima Virgem Maria, não me abandoneis!<sup>108</sup>

Demais, é então muito útil fazer o sinal da cruz sobre o peito, invocar o Anjo da guarda e o próprio patrono. Acima de tudo porém, importa não cessar de repetir os nomes santíssimos de Jesus Cristo e de sua divina Mãe, até

que a tentação seja vencida. Ó!, que força a dos nomes de Jesus e Maria contra os assaltos da impudicícia!

Entre todas as devoções próprias para conservar a castidade, a mais útil é a devoção à santíssima Virgem, que é chamada a *Mãe do belo amor e a Guarda da virgindade = Mater pulchrae dilectionis et Custos virginitatis*. É uma prática muito eficaz recitar todos os dias, ao levar e ao deitar, três A. M. em honra da pureza de Maria.

Conta o Pe. Segneri<sup>109</sup> que um dia um pecador, todo impureza, fôra confessar-se ao Pe. Nicolau Zucchi, da Cia. de Jesus. Recomendou-lhe este, como remédio, que fosse pontual em rezar todos os dias, de manhã e à noite, uma A. M. à pureza da santíssima Virgem. Muitos anos depois, tendo esse penitente feito diversas viagens, voltou aos pés do mesmo Padre e mostrou-se de todo corrigido. Perguntou-lhe o padre como se tinha emendado: “Foi o fruto da pequena devoção que me ensinastes”.

Com permissão do penitente, o Pe. Zucchi um dia narrou o fato da cadeia. Estava presente um militar, que vivia em relações criminosas; ouviu e começou a praticar todos os dias a mesma devoção; pouco depois, com socorro de Maria, teve coragem para se corrigir. Um dia, movido por um falso zelo, foi procurar a cúmplice das suas desordens, no intuito de a converter; mas, ao entrar na casa, sentiu-se fortemente repellido, e encontrou-se num lugar muito distanciado. Deu então graças à sua Benfeitora, reconhecendo que era por uma graça especial de Maria, que tinha sido impedido de se encontrar com aquela mulher; porque facilmente teria recaído, desde que se tivesse exposto à ocasião.

1. *Omnis autem ponderatio non est digna continentis animae (Eccl. 26, 20).*

2. *De Castit.*

3. *De Mor. et Off. Ep. c. 3.*

4. *Castitas angelos facit: qui eam servavit, angelus est; qui perdidit, diabolus (De Virg. l. 1).*

5. *Et erunt sicut angeli Dei (Matth. 22, 30).*

6. *Hujus virtutis merito, homines angelis aequantur (De Caenob. Inst. l. 6. c. 6).*

7. *Differunt quidem inter se angelus et homo pudicus, sed felicitate non virtute; sed, etsi illius castitas felicior, hujus tamen fortior esse cognoscitur (De Mor. et Off. Ep. c. 3).*

8. *Pudicitia Hominem Deo simillimum facit (De Vera Virginit.).*

9. *Si in figura tanta observantia, quanta in veritate (De Off. l. 1. c. 50).*

10. *Nec accedet ad ministerium ejus... si albuginem habens in oculo, si jugem scabiem (Lev. 21, 18).*

11. *Jugem habet scabiem, cui carnis petulantia dominatur (Past. p. 1. c. 11).*

12. *Ne contagione aliqua eorum castitas labefactetur.*

13. *O grandis christianorum miseria! ecce pagani doctores fidelium facti sunt! (Ad Fr. in er. s. 37).*

14. *Soli qui puram agunt vitam, sunt Dei sacerdotes (Strom. l. 4).*

15. *Sit humilis sacerdos, sit devotus; si non est castus, nihil est (De D. Aug. conc. 3).*

16. *Omnibus castitas necessaria est, sed maxime ministris Christi altaris (Serm. 291. E. B. app.).*

17. *Lilium convallium. — Qui pascitur inter lilia (Cant. 2, 1-16).*

18. *Prae caeteris discipulis diligebat Jesus Joannem, propter praerogativam castitatis.*

19. *Ante omnia, sacerdos, qui divinis assistit altaribus, castitate debet accingi (In Lev. hom.*

- 4).
20. *Necesse est sacerdotem sic esse purum, ut, si in ipsis coelis esset collocatus, inter coelestes illas virtutes medius staret (De Sacerd. I. 3.).*
21. *Longa castitas pro virginitate reputatur (De Modo b. viv. c. 22).*
22. *Nemo ad sacrum Ordinem permittatur accedere, nisi aut virgo aut probatae castitatis existat. Eos qui in sacris Ordinibus sunt positi, si caste non vixerint, excludendos ab omni gradu dignitate (Cap. A multis. de act. et quo. Ord.).*
23. *Nullus debet ad ministerium altaris accedere, nisi cujus castitas ante susceptum ministerium fuerit approbata (Epist. I. 1. ep. 42).*
24. *Qui sine uxore est, sollicitus est quae Domini sunt, quomodo placeat Deo; qui autem cum uxore est, sollicitus est quae sunt mundi, quomodo placeat uxori, et divisus est (1. Cor. 7, 32).*
25. *O pudicitia, domicilium Spiritus Santi, angelorum vita, sanctorum corona (De Virginit.).*
26. *Ornamentum Ecclesiae Dei, corona illustrior sacerdotum.*
27. *Teipsum castum custodi, ut domum Dei, templum Christi, organum Spiritus Sancti (Ep. ad Heron.).*
28. *Fortitudo ejus in lumbis ejus (Job. 40, 11).*
29. *Inter omnia certamina, sola duriora sunt praelia castitatis, ubi quotidiana est pugna, et rara victoria (Serm. 293. E. B. app.).*
30. *Quanti, post frequentes orationes, diutissimam eremi habitationem, cibi potusque paritatem, seducti spiritu fornicationis, deserta relinquentes, duplici interitu perierunt! (De spir. an. Int. I. 1).*
31. *Mirum est quam facile ab iis deperdatur, qui ad ejus conservationem non invigilant.*
32. *Primum hujus vitii remedium est longe fieri ab eis quorum praesentia alliciat ad malum.*
33. *Nunquam luxuria facilius vincitur, quam fugendo (Serm. 45).*
34. *Habemus autem thesaurum istum in vasis fictilibus (2. Cor. 4, 7).*
35. *Scivi quoniam aliter non possem esse continens, nisi Deus det (Sap. 8, 21).*
36. *Qui amat periculum, in illo peribit (Eccli. 3, 27).*
37. *Contra libidinis impetum, apprehende fugam, si vis obtinere victoriam (Serm. 293. E. B. app.).*
38. *Plurimi sanctissimi ceciderunt hoc vitio propter suam securitatem. Nullus in hoc confidat. Si sanctus est, nec tamen securus es (Eusèbe. Ep. ad Dam. de morte Hier.).*
39. *Numquid potest homo... ambulare super prunas, ut non comburantur plantae ejus? (Prov. 6, 27).*
40. *Num tu saxeus es, num ferreus? Homo es, communi naturae imbecillitati obnoxius; ignem capis, nec ureris? Lucernam in feno pone, actum aude negare quod fenum uratur. Quod fenum est, hoc natura nostra est (In Ps. 50. hom. 1).*
41. *Quasi a facie colubri, fuge peccata (Eccli. 21, 2).*
42. *Ne ipsa quidem verba diu passus est; contagium enim judicavit, si diutius moraretur (De S. Jos. c. 5).*
43. *Ascendit mors per fenestras (Jer. 9, 21).*
44. *Apologia, c. 46.*
45. *Animus feritur et commovetur, non impudicae tantum intuitu, sed etiam pudicae (De Sacerd. I. 6).*
46. *Pepigi foedus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine (Job. 31, 1).*
47. *Virginem ne conspicias, ne forte scandalizeris in decore illius (Eccli. 9, 5).*
48. *Visum sequitur cogitatio, cogitationem delectatio delectationem consensus.*
49. *"Propter angelos", id est, sacerdotes, ne, in ejus faciem nspicientes, moverentur ad libidinem (In 1. Cor. 11, 10).*
50. *Officii tui est, non solum oculos castos custodire, sed et linguam; numquam de formis mulierum disputes (Ep. ad Nepot.).*
51. *Pudicitia sacerdotalis non solum ab opere se immundo absteineat, sed etiam a jactu oculi sit libera (In Tit. 1).*
52. *In medio mulierum noli commorari. — De vestimentis enim procedit tinea, et a muliere iniquitas viri (Eccli. 42, 12).*
53. *Sicut tibi nihil tale volenti nascitur in veste et e veste tinea, ita nihil tale volenti nascitur ex femina desiderium. — Tinea insensibiliter in veste nascitur, et eam erodit; sic insensibiliter ex conversatione cum muliere oritur libido, etiam inter religiosos.*
54. *Sine ulla dubitatione, qui familiaritatem non vult vitare suspectam, cito labitur in ruinam (Serm. 293. E. B. app.).*
55. *Recede, mulier, adhuc igniculus vivit palleam tolle (Diol. I. 4. c. 11).*
56. *Cumque jam esset senex, depravatum est cor ejus per mulieres, ut sequeretur deos alienos (3. Reg. 11, 4).*
57. *Impossibile est flammis circumdari, et non ardere (De Singular. cler.).*
58. *Cum femina semper esse, et non cognoscere feminam, nonne plus est quam mortuum suscitare? (In Cant. s. 65).*
59. *Longe fac ab ea viam tuam, et ne appropinques foribus domus ejus (Prov. 5, 8).*
60. *Cum feminis, sermo brevis et rigidus.*
61. *Transeunter feminis exhibenda est accessio, quodammodo fugitiva (De Singular. cler.).*
62. *Diabolus, pingens, speciosum efficit quidquid horridum fuerit.*
63. *Prohibe tecum morari, etiam quae de genere tuo sunt (Ep. ad Ocean.).*
64. *Magis illicito delinquitur, ubi sine suspicione securum potest esse delictum.*
65. *Acta Mediol. p. 2. syn. 4. Monit.*
66. *Sermo brevis et rigidus cum mulieribus est habendus; nec tamen, quia sanctiores fuerint, ideo minus cavendae; quo enim sanctiores fuerint, eo magis alliciunt (De Modo confit.).*
67. *Licet carnalis affectio sit omnibus periculosa, eis tamen perniciosa est magis, quando conversantur cum persona quae spiritualis videtur; nam, quamvis eorum principium videatur esse purum, frequens tamen familiaritas domesticum est periculum; quae quidem familiaritas quanto plus crescit, tanto plus infirmatur principale motivum, et puritas maculatur.*
68. *Sicque spiritualis devotio convertitur in carnalem (De Modo confit.).*
69. *De Profectu Rel. I. 2. c. 27.*
70. *Fortis impegit in fortem, et ambo pariter conciderunt (Jer. 46, 12).*
71. *Magnos praelatos Ecclesiae sub hac specie corruisse reperi, de quorum casu non magis praesumebam, quam Hieronymi et Ambrosii (S. Thomas. De Modo confit.).*
72. *Ne in praeterita castitate confidas; solus cum sola, absque teste, non sedeas.*
73. *Si cum ipsis conversari necessitas te obstringat, oculos humi dejectos habe; cumque pauca locutus fueris, statim avola (Lib. 2. ep. 284).*
74. *Talis efficitur homo, qualium societate fruitur (Eusèbe, De Morte Hier.).*
75. *T. III. Serm. extr. s. 13. n. 6.*
76. *Multam enim malitiam docuit otiositas (Eccli. 33, 29).*
77. *Haec fuit iniquitas Sodomae... otium ipsius (Ezech. 16, 49).*
78. *Cedet libido laboribus, cedet operi (De cont. m. de Lab.).*
79. *Facito aliquid operis, ut te semper diabolus inveniat occupatum (Ep. ad Rust.).*
80. *Occupatus ab uno daemone impugnatur; otiosus ab innumeris vastatur (De Prof. rel. I. 1. c. 39).*
81. *Si quis existimat posse versari in deliciis, et deliciarum vitiis non teneri, seipsum decipit (Adv. Iovin. I. 2).*
82. *Castigo corpus meum, et in servitutum redigo (1. Cor. 9, 27).*
83. *Sicut liliū inter spinas, sic amica mea inter filias (Cant. 2. 2).*
84. *Noli regibus dare vinum (Prov. 31, 4).*
85. *Venter enim mero aestuans despumat in libidinem (Reg. Mon. de Abst.).*
86. *Vinum et ebrietas auferunt cor (Os. 4, 11).*
87. *Vinum et siceram non bibet, et Spiritu Sancto replebitur (Luc. 1, 15).*
88. *Modico vino utere, propter stomachum tuum et frequentes tuas infirmitates (1. Tim. 5, 23).*
89. *Ad Jovin. I. 2.*
90. *Luxuria nutritur a ventris ingluvie (De Prof. rel. I. 2. c. 52).*
91. *Deus, qui, corporali jejunio, vitia comprimis, mentem elevas, virtutem largiris et praemia.*
92. *Diabolus, victus de gula, non tentat de libidine.*
93. *Castitatem apprehendi non posse, nisi prius humilitatis in corde fundamenta fuerint collocata*

(De Coenob. inst. l. 6. c. 18).

94. Priusquam humiliarer, ego deliqui (Ps. 118, 67).

95. Ut castitas detur, humilitas meretur (De Mor. et Off. Ep. c. 5).

96. Custos virginittatis, charistas; locus hujus custodis, humilitas (De S. Virginit. c. 51).

97. Qui sola continentia bellum hoc superare nititur, similis est ei qui, una manu natans, pelago liberari contendit; sit ergo humilitas continentiae conjuncta (Scala spir. gr. 15).

98. Oportet semper orare, et non deficere (Luc. 18, 1).

99. Petite et dabitur vobis (Matth. 7, 7).

100. Post baptismum, necessaria est homini jugis oratio (P. 3. q. 39. a. 5).

101. Impossibile est hominem suis pennis ad tam praecelsum coelesteque praemium subvolare, nisi eum gratia Domini de terrae coeno evexerit (De Coenob. inst. l. 6. c. 6).

102. Idcirco, juxta Sapientis monitum (Sap. 8, 21), adeundus est Dominus, et ex totis praecordiis deprecandus (Sac. Chr. p. 3. c. 14).

103. Inter haec, imo et ant haec omnia, de divinis castris auxilium petendum est (De Disc. et Bono pudic.).

104. Et ut scivi quoniam aliter non possem esse continens, nisi Deus det, et hoc ipsum erat sapientiae, scire cujus esset hoc donum, adii Dominum et deprecatus sum illum, et dixi ex totis praecordiis meis (Sap. 8, 21).

105. Primis diaboli titillationibus obviandum est, nec foveri debet coluber donec in draconem formetur (De Jej. et Tent. Chr.).

106. Nolo sinas cogitationem crescere; dum parvus est hostis, interfice (Ep. ad Eustoch.).

107. Cum me pulsat aliqua turpis cogitatio, recurro ad vulnera Christi. Tuta requies in vulneribus Salvatoris (Manual c. 22, 21).

108. Ne sinas, Domine Jesu, et sanctissima Virgo Maria! (Surius, 7 mart.).

109. Crist. istr. p. 3. r. 34 § 2.

## QUARTA INSTRUÇÃO

# A pregação e a administração do sacramento da penitência

Se todos os pregadores e confessores satisfizessem aos seus ministérios, como devem, estaria o mundo cheio de santos. Os maus pregadores e os maus confessores são a ruína do mundo; e por *maus* entendo os que não exercem o seu ministério como convém.

Falemos em primeiro lugar do modo de anunciar a palavra de Deus; depois trataremos da administração do sacramento da Penitência.

## I

### A pregação

É pela pregação que a fé se propaga, e é também pela pregação que o Senhor quer que ela se conserve: *Crê-se porque se ouve, e ouve-se porque a palavra de Jesus Cristo é pregada*<sup>1</sup>. Mas não basta que o cristão saiba o que tem a fazer; é necessário que se lhe recorde de quando em quando a divina palavra, se lhe mostre a importância da sua salvação eterna e os meios a empregar para a conseguir. Por isso o Apóstolo fazia a Timóteo esta recomendação: *Prega a palavra; insiste a tempo e contra tempo; repreende, suplica, faze arguições; não cesses de ensinar com muita paciência*<sup>2</sup>.

E foi o que o próprio Deus outrora mandou a Isaías e Jeremias: *Clama, não cesses, faze retenir a tua voz como uma trombeta, e lança em rosto ao meu povo os seus crimes*<sup>3</sup>. *Eis que ponho as minhas palavras na tua boca. Hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para que arranques e destruas... edifiques e plantes*<sup>4</sup>. A mesma obrigação impôs o Senhor aos padres, por ser a pregação uma das suas principais funções: *Ide pois, ensinai todos os povos... a observar os mandamentos que vos de*<sup>5</sup>. E se algum pecador vier a perder-se, por não ter tido ninguém que lhe anuncie a palavra de Deus, o Senhor pedirá contas da sua alma ao padre, que lhe podia anunciar: *Quando eu digo ao ímpio: Tu morrerás; se tu não o advertires, ele morrerá na sua iniquidade, mas eu te pedirei contas do seu sangue*<sup>6</sup>.

Para salvar, porém as almas, não basta pregar; é necessário, como no princípio dissemos, pregar convenientemente. Ora, a primeira condição para

bem pregar é a ciência, acompanhada do estudo; quem prega ao acaso e sem preparação, faz de ordinário às almas mais mal do que bem. A segunda condição é uma conduta exemplar. Despreza-se a palavra do pregador, quando se lhe despreza a vida, diz S. Gregório<sup>7</sup>. Lemos na *Obra imperfeita*: Desmentis com as vossas obras o que afirmas com as vossas palavras<sup>8</sup>. Como persuadir por palavras aos outros o que se lhes dissuade pelas ações? Tudo quanto o pregador possa então dizer, só servirá para o condenar. Como diz S. Paulo, a si próprio se condena quem dá exemplo do mal que censura nos outros: *Não tens desculpa, ó tu, que julgas os outros! Porque, ao julgá-los, a ti mesmo te condenas*<sup>9</sup>. Daí a bela resposta do venerável João de Ávila, a quem lhe perguntava qual a regra melhor a seguir para bem pregar: “Amar muito a Jesus Cristo”. Um facho apagado não pode incendiar, dizia também S. Gregório<sup>10</sup>. É necessário que o pregador primeiro se incenda do divino amor, para poder depois afervorar os outros. Dizia S. Francisco de Sales: “Fala o coração ao coração”<sup>11</sup>. Queria significar que as palavras só por si ressoam aos ouvidos, mas não penetram no coração; só aquele que prega do coração, isto é, que sente o que diz, só esse pode falar ao coração dos outros e movê-los a amar o Deus. Eis por que um pregador deve amar muito a oração, para dela haurir os sentimentos que deve comunicar aos outros, conforme as palavras do Redentor: *O que vos digo ao ouvido, pregai-o em público*<sup>12</sup>. É a oração a ditosa fornalha, em que os oradores se inflamam no amor divino: *Na minha meditação se ateará o fogo*<sup>13</sup>. Ali se preparam os dardos de fogo que penetram os corações dos ouvintes.

Além disto, é preciso que na pregação se tenha em vista um fim reto: que se pregue, não sob o impulso de algum interesse temporal, mas para glória de Deus; não para conseguir aplausos efêmeros, mas para salvar as almas. Neste intuito, procurará o pregador acomodar-se à capacidade dos ouvintes, como ordena o Concílio de Trento: Por si próprios, ou por outros pregadores idôneos, cuidarão os arcebispos de apascentar as almas que lhes estão confiadas, fazendo-lhes ouvir palavras salutares e amoldadas à sua capacidade<sup>14</sup>. “É necessário evitar os *quamquam* e os longos períodos dos pedantes, dizia S. Francisco de Sales; tudo isso é a peste da pregação”<sup>15</sup>. Assim é de fato, primeiramente, porque Deus não presta o seu concurso a esta maneira balofa de pregar; e em segundo lugar porque os ouvintes de ordinário são pessoas pouco instruídas, que não compreendem uma linguagem arrebicada. Que pena causa ver por vezes tanta pobre gente afluir a um sermão, sem colher dele nenhum fruto! Ei-los a sair da igreja, tristes e desanimados, por não terem compreendido o que lhes pregaram! O venerável João de Ávila, falando dos que pregam em estilo sublime, e ininteligível para seus ouvintes, dizia com razão que são traidores a Jesus Cristo esses que, enviados a procurar-lhe a glória, só se aplicam a pregar-se a si próprios. Com não menos razão que são traidores a Jesus Cristos esses que, enviados a procurar-lhe a glória, só se aplicam a pregar-se a si próprios. Com não menos razão, o Pe. Gaspar Sanzio lhes chama os maiores perseguidores hodiernos da Igreja, porque se tornam causa da perda de muitas almas, que

uma pregação simples e verdadeiramente apostólica teria salvado. O Apóstolo, que pregava animado do verdadeiro espírito de Deus, escrevia aos Coríntios: *Ao pregar-vos, não me tenho servido dos discursos persuasivos da sabedoria humana, mas antes dos efeitos sensíveis do espírito e da virtude de Deus*<sup>16</sup>. Ao ler as vidas dos santos que trabalharam na salvação das almas, encontro muitos que foram louvados por terem pregado duma maneira simples e popular; não tenho encontrado nenhum que o fosse por haver pregado em estilo elegante e florido.

A este propósito, convirá referir aqui resumidamente o que escreveu o sábio e célebre Luís Muratori no seu livro de ouro — *Da Eloquência popular*. Eis o que ele diz: Há duas espécies de eloquência: uma sublime, outra popular. Com a *eloquência sublime*, compõem-se discursos cheios de pensamentos profundos, de argumentos engenhosos, expressões brilhantes e períodos arredondados; com a *eloquência popular*, expõe-se simplesmente as verdades eternas, e ensinam-se coisas ao alcance de todos os auditórios, em estilo simples e familiar, de tal modo que cada um possa compreender tudo quanto lhe é anunciado. Nos sermões, não se fala somente a pessoas instruídas, mas a ignorantes, que de ordinário compõem a maior parte dos auditórios. Eis por que sempre convém pregar dum modo simples e popular, não só nas missões e exercícios espirituais, mas em todos os sermões feitos ao povo. Diante de Deus, tão preciosas são as almas dos sábios como as dos ignorantes, e o pregador é obrigado a procurar a vantagem duns e doutros, indistintamente, conforme a palavra do Apóstolo: *Sou devedor aos sábios e aos ignorantes*<sup>17</sup>. Por outro lado, mesmo aos sábios, os sermões em estilo simples e familiar são mais proveitosos, que em estilo sublime e florido; porque, quando se assiste a esses discursos brilhantes e elevados, facilmente o espírito se detém a admirá-los, ou a criticá-los, — o que as mais das vezes acontece; e pela sua parte a vontade, privada do seu alimento, pouco fruto colhe deles. O Pe. Paulo Segneri le Jeune, pregando duma maneira popular, arrebatava, diz Muratori, o coração dos próprios sábios. Outro tanto acontecia com os sermões de S. João Francisco Regis.

Assim, quem quer pregar, não para ser louvado, mas para ganhar almas para Deus, não deve desejar que digam dele: Ó que belos pensamentos! que orador brilhante! que grande talento! — Deve proceder de modo que todos os seus ouvintes se retirem cabisbaixos, a chorar os seus pecados, decididos a mudar de vida e a dar-se a Deus. Tal é o fim da verdadeira retórica: persuadir, tocar os ouvintes, e movê-los à prática das exortações que se lhes dirigem. De resto, a eloquência popular não esquece os segredos da arte oratória: admite as figuras, a ordem das razões, o colorido, a peroração, — mas sempre com simplicidade, sem afetação, no intuito único de fazer fruto, e não de conquistar aplausos. Se em tais sermões os ouvintes não gozam o prazer de admirar a beleza da elocução e a sutileza das reflexões, colhem como fruto luzes e motivos, para trabalharem com ardor no único negócio importante, que é a sua salvação eterna.

Tudo isso, segundo Muratori, tem aplicação aos sermões pregados nas

idades, onde o auditório é composto de ignorantes e pessoas instruídas; mas acrescenta que, quando se prega apenas ao povo humilde e aos habitantes dos campos, se deve usar da eloquência mais popular e chã, para acomodar a linguagem à curta inteligência dos pobres aldeões. É necessário que o pregador se considere como um dentre eles, que quisesse ensinar outro, ou persuadi-lo a cumprir algum dever. Devem portanto as expressões ser populares e usuais, os períodos curtos e desembaraçados, conforme o costume de raciocinar dessas pessoas. Numa palavra, todo o cuidado do pregador deve ter por objeto fazer compreender aos ouvintes o que lhes diz, e inspirar-lhes a resolução de praticarem as exortações; neste empenho deve empregar a forma mais própria para os impressionar. De acordo com o estilo, devem também os pensamentos ser simples e fáceis, evitando pontos discutidos pelos escolásticos, assim como interpretações engenhosas da Escritura que, embora bem compreendidas, seriam inúteis para essa gente. Consiste o talento do pregador em lhes expôr com simplicidade as verdades eternas, a importância da salvação, os artifícios do demônio, e os perigos em que se podem perder; indiquem-se-lhes os meios a empregar nos casos particulares, que lhes possam ocorrer, mas tudo isso de modo que nada exceda a sua capacidade. É assim que se parte o pão, conforme o Senhor manda aos pregadores, queixando-se dos que não cumprem o seu dever: *Pediram pão os pequeninos, e não havia quem lho repartisse*<sup>18</sup>. É também muito conveniente, quando se prega a pessoas ignorantes, entremiar por vezes perguntas e respostas no sermão. Convém ainda citar-lhes os exemplos dos santos e pôr-lhes diante dos olhos os castigos, que Deus há infligido aos pecadores. Acima de tudo, importa insinuar-lhes coisas práticas, e repetir-lhas muitas vezes, para que lhe fiquem gravadas na memória.

Foi isto o que Muratori escreveu, mas com maior desenvolvimento. Quis apresentar aqui um resumo, para fazer compreender a todos os pregadores que, em vez de colherem aplausos, provocam até as censuras das pessoas instruídas, quando falam em linguagem alevantada ao pobre povo, de que se compõe ordinariamente o auditório nas igrejas.

Nada mais diremos aqui sobre a pregação. Ao falarmos dos exercícios nas missões, esperamos acrescentar outras reflexões, sobre o modo de pregar em missão, e acerca da ordem a observar nos sermões. Vamos falar agora da administração do sacramento da Penitência.

## II

### Administração do Sacramento da Penitência

#### 1. Grave responsabilidade dos confessores

O grande Papa S. Pio V disse: Haja confessores capazes, e veremos uma reforma completa em toda a cristandade<sup>19</sup>. Quer isto dizer que um bom hábil confessor deve antes de tudo olhar o seu ministério como uma função

cheia de espinhos e perigos; razão por que o Concílio de Trento lhe chamou uma carga terrível, até para ombros de anjos<sup>20</sup>. De fato, que coisa mais arriscada, diz S. Lourenço Justiniano, do que assumir a pesada obrigação de prestar contas da vida dos outros?<sup>21</sup> Não há matéria, diz S. Gregório, em que o erro seja mais funesto<sup>22</sup>. Certo é que, se uma alma se perder por culpa do confessor, o Senhor lhe exigirá contas dela: *Eu lhes perguntarei o que fizeram das minhas ovelhas*<sup>23</sup>. É o que o Apóstolo nos declara: *Obedecei aos vossos superiores e sujeitai-vos a eles; porque superintendem em vós, como quem há de responder pelas vossas almas diante de Deus*<sup>24</sup>. Donde conclui S. Gregório que o confessor tem por assim dizer tantas almas, como penitentes, e de todas essas há de dar contas a Deus<sup>25</sup>. E S. João Crisóstomo ajunta esta reflexão: *Se o termos de dar conta dos nossos pecados é pensamento que nos faz tremer, em que há de confiar o que tem de responder por muitas pessoas?*<sup>26</sup>

Não tem isto aplicação aos bons padres que, compenetrados dum santo temor, se preparam convenientemente para o cabal desempenho deste terrível ministério, e só o exercem no intuito de levarem as almas para Deus. Fala-se aqui dos que se atrevem a ouvir confissões com vistas mundanas, quer por interesse temporal, quer por amor próprio, e algumas vezes sem a ciência suficiente.

#### 2. Ciência requerida para bem ouvir as confissões

Quem intenta ressuscitar as almas dos outros, necessita de muita graça e duma ciência não medíocre. É S. Lourenço Justiniano quem assim fala<sup>27</sup>. Para ser bom confessor, é preciso em primeiro lugar ter muita ciência. Há quem olhe a ciência moral como muito fácil; mas Gerson afirma com razão que é a mais difícil de todas as ciências. Antes dele disse S. Gregório Magno: A direção das almas é a arte das artes<sup>28</sup>. E S. Gregório de Nazianzo: A meu ver, dirigir os homens é a ciência das ciências<sup>29</sup>. S. Francisco de Sales dizia igualmente que o ministério de confessor é o mais importante e difícil de todos os ministérios; e tinha razão: é o mais importante, porque dele depende a salvação eterna, que é o fim de todas as ciências. É também o mais difícil porque a ciência moral exige o conhecimento de muitas outras ciências, e abrange uma multidão de matérias diferentes. O que a torna sobremaneira difícil é a necessidade de variar as decisões, conforme as circunstâncias múltiplas e os casos diversos, que se apresentam. O princípio, por exemplo, que aplica a um caso, acompanhado de certa circunstância, não poderá aplicar-se a outro revestido duma circunstância diferente.

Há sacerdotes que desprezam a leitura dos moralistas e imaginam que, para confessar, basta conhecer os princípios gerais da moral, mediante os quais dizem, se resolvem facilmente os casos particulares. — Eis a minha resposta: É certo que todos os casos se devem resolver por meio de princípios; mas a dificuldade está em aplicar com precisão aos diferentes casos os princípios que lhes convém, e é o que têm feito os moralistas: têm procurado

fazer ver segundo que princípios se deve resolver um grande número de casos particulares. Além disto, sem falar do antigos cânones, há hoje, em bulas e decretos, tantas leis positivas que o confessor é obrigado a conhecer! Mui difícil lhe será ter um conhecimento suficiente dessas leis, sem ler os autores de moral. O sábio autor da *Instrução* para os novos confessores diz com razão — que não é raro encontrar teólogos tão ignorantes em moral, como profundos nas ciências especulativas. No entanto, segundo Sperelli, os confessores que só se entregam ao estudo da escolástica, e olham como perdido o tempo dado ao estudo da moral, laboram em grande erro; aconteces-lhes, como ele diz, não saberem distinguir entre lepra e lepra. E ajunta: Este erro leva à perdição eterna confessores e penitentes<sup>30</sup>.

Devemos pois persuadir-nos de que a administração do sacramento da Penitência exige muita ciência, e ao mesmo tempo muita prudência; porque um confessor, sem prudência, por sábio que seja, pouco fruto tirará do seu ministério, e até por vezes fará mais mal do que bem.

### 3. Caridade e firmeza que deve ter o confessor

Acima de tudo, necessita o confessor da santidade, para se manter com firmeza no exercício de seu ministério. Se não estiver adiantado na santidade, dizia S. Lourenço Justiano, não poderá trabalhar na salvação do próximo, sem prejudicar a sua<sup>31</sup>.

I. Precisa ele, primeiro que tudo, dum grande fundo de *caridade*, para acolher todos os que o procurem: pobres, ignorantes e pecadores. Padres há que não confessam senão pessoas devotas; se lhes aparece um pobre aldeão, de consciência embrulhada, ouvem-no com impaciência e despendem-no com dureza. Assim, esse desgraçado que se fez uma grande violência para se vir confessar, ao ver-se repellido, ganha horror ao sacramento, não ousa aproximar-se, e entrega-se desesperado a uma vida dissoluta. O Redentor divino, que veio para salvar os pecadores, e sempre foi cheio de caridade para com eles, dirige a tais confessores a censura que um dia fez a seus discípulos: *Vós não sabeis de que espírito deveis estar animados*<sup>32</sup>. Não procedem assim os confessores caridosos, que observam a exortação do Apóstolo: *Como eleitos de Deus, como santos e queridos dele, tomai entranhas de misericórdia*<sup>33</sup>. Quanto maior é um pecador que se lhes depara, e mais graves as suas iniquidades, tanto mais se esforçam por ajudá-lo, redobrando de caridade para com ele. Não sois encarregados de castigar como juizes de criminosos, mas de curar, diz Hugo de S. Vitor, como juizes de doentes<sup>34</sup>. É necessário, sim, advertir o pecador, para lhe fazer conhecer o estado miserável, em que se encontra de se condenar; mas sempre com caridade, exortando-o a não perder a confiança na misericórdia divina, e fornecendo-lhe os meios para se corrigir.

Ainda mesmo que o confessor se veja na necessidade de diferir a absolvição, deve contudo despedir sempre o seu penitente com doçura, marcando-lhe o tempo em que deve voltar, e apontando-lhe os remédios, de que

deve fazer uso, a fim de se dispôr para a absolvição. É deste modo que se salvam os pecadores, e não exacerbando-os com censuras, que poderiam lançá-los na desesperação. Dizia S. Francisco de Sales que se caçam mais moscas com uma gota de mel, do que com abundantes aloes. — Mas dir-se-á que para tudo isso, é necessário muito tempo; e então os que esperam não podem confessar-se. — A isso respondo que mais vale confessar um só pecador, que um grande número imperfeitamente. A melhor resposta porém, é que o confessor não tem que prestar contas a Deus dos que estão à espera, mas só daquele a quem começou a ouvir de confissão.

II. Em segundo lugar, precisa o confessor de uma grande *firmeza*, e em particular para ouvir as confissões das mulheres. Quantos padres, em ocasiões tais, têm perdido a sua alma! Acham-se em relação com meninas, ou moças solteiras, ouvem a confissão das suas tentações e muitas vezes das suas quedas; porque também elas são de carne. A própria natureza nos faz afeiçoar às mulheres, principalmente quando elas vem com tanta confiança revelar-nos as suas misérias; e quando são pessoas piedosas, dadas à espiritualidade, o perigo do apego é ainda maior, como diz o *Doutor angélico*, por que então exercer maior atrativo sobre o nosso coração. No entender do mesmo santo, de parte a parte cresce a afeição, e à proporção dela crescerá o apego, sob a aparência de piedade, a princípio; mas depois o demônio facilmente conseguirá que a afeição espiritual se torne carnal<sup>35</sup>.

Precisa também de muita firmeza para repreender os penitentes e recusar-lhes até a absolvição, quando se apresentarem mal dispostos, e isto apesar da nobreza e poderio deles, embora corra perigo de ser taxado de indiscreto ou ignorante. *Não procureis ser juiz, se não vos reconheceis com coragem para reprimirdes as iniquidades: não aconteça que vos acabardes diante dos poderosos*<sup>36</sup>. Um padre da nossa Congregação, tendo uma vez recusado com justiça a absolvição a um sacerdote, a quem confessava na sacristia, este desgraçado levantou-se orgulhoso e não se envergonhou de lhe dizer de cara: “Seja, não passas de uma besta”.

Não há remédio; estão expostos a estas aventuras os pobres confessores, obrigados a recusar ou diferir a absolvição aos penitentes indispostos dalgum modo: ou porque não querem sujeitar-se às justas obrigações que lhes impõem, ou porque são recidivos, ou se encontram em ocasião próxima de pecado.

Devemos deter-nos aqui, a examinar a conduta que o confessor tem a seguir a respeito dos ocasionários e recidivos, assunto que exige dele o máximo cuidado, desde que queira salvar os seus penitentes. Mas é preciso que comecemos por observar que são igualmente perigosos para o confessor os dois extremos: o excessivo rigor e a demasiada indulgência para com os penitentes.

A demasiada indulgência, diz S. Boaventura, gera a presunção; o demasiado rigor leva ao desespero<sup>37</sup>. Sabido que é que muitos confessores pecam por demasiada indulgência, e assim causam um mal, que chamaremos não só grande, mas grandíssimo; porque os libertinos, — que são o maior núme-

ro, — correm de preferência a estes confessores relaxados, e neles encontram a sua perda. Mas é igualmente certo que o excessivo rigor é ainda mais funesto às almas: *Vós os governáveis com severidade e altivez, e as milhas ovelhas se dispersaram*<sup>38</sup>. Assegura Gerson que o demasiado rigor só serve para lançar as almas no desespero, e do desespero em desenfreamentos extremos<sup>39</sup>. Depois acrescenta: Não devem os teólogos precipitar-se a afirmar que certa ação ou omissão é um pecado grave, sobretudo quando a matéria é controversa e não certa. É também o sentir de S. Raimundo<sup>40</sup>. A mesma linguagem emprega Sto. Antonino: É muito perigoso decidir se um determinado ato é pecado mortal ou somente venial, a não ser que haja fundamento expresso na autoridade da sagrada Escritura, nalgum cânon, numa decisão da Igreja, ou numa razão evidente<sup>41</sup>. Com efeito, acrescenta ele, aquele que, sem se firmar nalgum desses fundamentos, decide que determinada ação é mortal, *aedificat ad gehennam*, isto é, coloca as almas em perigo de se condenarem. Noutra parte, ao falar dos vão adornos das mulheres, o santo arcebispo exprime-se nestes termos: Quando o confessor vir claramente, de modo a não poder duvidar, que tal pessoa peca gravemente nesta matéria, não a absolva enquanto se não emendar. No caso porém de não poder determinar, dum maneira certa, se a culpa é mortal ou venial, não precipite o seu juízo, não recuse a absolvição; não diga à penitente: É um pecado mortal. No caso contrário, se ela em seguida procedesse de encontro a esta decisão, pecaria mortalmente, embora a matéria em si não fosse grave; porque tudo o que é contrário à consciência condena ao inferno (desde que se apreenda como grave). E como é mais próprio das leis desligar do que ligar, e vale mais, segundo S. João Crisóstomo, ter de responder diante de Deus por uma excessiva misericórdia, do que por um exagerado rigor, o melhor partido a tomar nestes casos duvidosos parece que é absolver, deixando a Deus o cuidado de os julgar<sup>42</sup>. Silvestre professa a mesma doutrina<sup>43</sup>. Tal é também o sentir de João Nider que, depois de apontar a opinião de Guilherme, acrescenta: A nossa opinião concorda com a de Bernardo Clermont que diz: Quando uma opinião é discutida entre autores de peso, dos quais uns pensam que uma tal ação é pecado e outros negam, deve o confessor consultar alguns homens que lhe inspirem confiança e seguir a opinião deles. Pois, quando uma coisa é controvertida entre os sábios, e a Igreja ainda não decidiu, põe cada um optar pela opinião que lhe aprovar, contanto que se funde no parecer dos que julga mais autorizados<sup>44</sup>.

E isto está de acordo com a doutrina de Santo Tomás: Não pode escusar-se de erro quem segue a opinião de qualquer mestre, em oposição com o ensino claro da Escritura, ou contra o sentir comum e aprovado pela Igreja<sup>45</sup>. Portanto, em sentido contrário, segundo o Doutor angélico, é lícito tomar como regra uma opinião autorizada, que não se opõe ao texto formal da Escritura, nem a decisão alguma da Igreja. Em confirmação desta doutrina, citemos enfim uma passagem cheia de força, de Gabriel Biel, que florescia pelos fins do século quinze: A primeira opinião parece mais provável, porque não se deve avançar que uma certa falta é mortal, sem haver uma razão

evidente ou um texto claro da Escritura<sup>46</sup>.

#### 4. Regra a praticar com os ocasionários e recidivos

Examinemos agora em particular qual deve ser, na prática, a conduta do confessor a respeito dos penitentes, que estão em ocasião próxima do pecado, e dos que recaem habitualmente nalgum vício.

I. Quanto aos primeiros, é necessário distinguir muitas espécies e ocasiões: 1. Divide-se a ocasião em *remota* e *próxima*: *remota* aquela em que as quedas têm sido raras, e ainda aquele em que os homens, geralmente falando, só raras vezes caem; *proxima per se* é aquela em que os homens têm o costume de cair sempre ou quase sempre; e ocasião *proxima per accidens*, ou ocasião *relativa*, é aquele em que o pecador cai freqüentes vezes, — conforme o sentir mais verdadeiro e comum, contra os teólogos que não reconhecem como próxima senão a ocasião, em que se cai sempre ou quase sempre.

2. Há mais a ocasião *voluntária*, e a ocasião *necessária*: *voluntária* a que se pode facilmente remover; *necessária* a que não se pode evitar, sem grande detrimento, ou sem dar grande escândalo a outrem.

Posto isto, grande número de doutores ensinam que se pode absolver primeira e segunda vez o penitente que está em ocasião próxima, mesmo voluntária, contanto que tenha a firme resolução de a remover logo que possa. Mas é necessário distinguir, com S. Carlos Borromeu na *Instrução aos confessores*, as ocasiões chamadas *in esse*, como ter uma concubina na sua companhia, das que não são *in esse*, como seria, por exemplo, o jogo ou certa sociedade com pessoa habituada a blasfemar, maldizer etc.

Quanto às ocasiões que não são *in esse*, S. Carlos ensina que, quando o penitente promete firmemente abandoná-las, pode-se absolvê-lo duas ou três vezes; mas, se depois se não vir emenda, é necessário diferir-lhe a absolvição até que de todo remova a ocasião.

É quando as ocasiões *in esse*, diz o Santo que não se pode conceder a absolvição ao penitente, sem que ele afasta primeiro a ocasião; a simples promessa não basta. *Falando em geral*, deve seguir-se esta opinião, conforme o provamos na nossa *Teologia mora*<sup>47</sup>, pela autoridade dum grande número de doutores. A razão é que o penitente não estaria bem disposto para receber a absolvição, se pretendesse obtê-la antes de ter afastado a ocasião; por causa do perigo próximo em que se encontraria de faltar à sua resolução, e à obrigação grave, em que já estava de remover essa ocasião. Afastar uma ocasião próxima é coisa muita dura e difícil, que exige grande violência; ora, tal violência dificilmente se fará quando já se houver recebido a absolvição; passado o temor de não ser absolvido, de bom grado se lisonjeará o penitente de poder resistir à tentação, sem afastar a ocasião, e, permanecendo assim exposto ao mesmo perigo, certamente recairá; é o que nos mostra a experiência de tantos desgraçados que, recebida a absolvição de confessores demasiado indulgentes, não se tendo dado ao trabalho de

remover a ocasião, recaíram e se tornaram piores que antes! Visto pois o perigo em que o penitente está de faltar à promessa, que fez de remover a ocasião, não tem as disposições requeridas para ser absolvido, desde que o quer ser antes de remover a ocasião; o confessor que neste estado o absolve certamente peca.

É necessário notar aqui que, *geralmente falando*, quando se trata do perigo de pecados formais, e sobretudo de pecados vergonhosos, quanto mais o confessor usar de severidade para com os meus penitentes, melhor contribuirá para a salvação da sua alma. Pelo contrário quanto mais indulgente se mostrar, mais duro se lhes tornará. Dos confessores demasiado indulgentes dizia S. Tomás de Vilanova, que são *deshumanamente humanos* — *Impie pios*. Tal caridade é contra a caridade.

Dissemos acima *ordinariamente falando*, porque, em alguns casos raros, poderia o confessor dar a absolvição, antes de se haver afastado a ocasião, por exemplo, se o penitente já tivesse testemunhado uma firme resolução de se corrigir, junta com uma viva compunção, e por outro lado não pudesse remover senão longo tempo depois, ou não pudesse voltar mais ao mesmo confessor; ou enfim se ocorressem outras circunstâncias extraordinárias, que obrigassem o confessor a absolver. Estes casos porém são muitíssimos raros, tornando-se por isso difícil poder absolver os que estão em ocasião próxima, se não a removerem antes, sobretudo se já prometeram fazê-lo e não o fizeram. E não venha dizer-se que o penitente disposto tem direito estrito à absolvição, desde que confessou os seus pecados; porque os doutores ensinam comumente que ele não tem direito a recebê-la logo depois da confissão, e que o confessor pode e até deve, como médico espiritual, diferir-lha, quando entender que a dilação possa ser útil para a emenda do seu penitente.

Isto quanto à ocasião voluntária, mas, se a ocasião é *necessária*, por via de regra, não há obrigação precisa de a remover; porque então, como o penitente não quer essa ocasião, antes a sofre e permite a pesar seu, há motivo para que o Senhor lhe conceda maiores socorros para resistir à tentação. Assim, *por via de regra*, pode-se dar a absolvição a quem está em ocasião necessária, contanto que esse esteja resolvido a empregar todos os meios para não recair. Os meios principais que ao pecador se devem inculcar para se corrigir, quando se encontrar em ocasiões necessárias, são três:

1.º - A fuga da ocasião, evitando quanto possível, encontrar-se de frente a frente com a pessoa sua cúmplice, entreter-se confidencialmente com ela, e mesmo olhar para ela. 2.º - A oração, implorando continuamente o socorro de Deus e da santíssima Virgem para poder resistir. 3.º - A freqüência da confissão e da comunhão, em que se recebem as forças para vencer o inimigo.

Disse — por via de regra — porque se o penitente, apesar de todos os meios empregados, recair sempre, sem nenhuma emenda, então o sentir comum mais verdadeiro, e que se deve seguir, é que se recuse a absolvição, se não remover a ocasião, ainda mesmo que isso lhe custasse a vida (*etiam*

*cum jactura vitae*, segundo a linguagem dos doutores), porque a vida eterna deve ser preferida à temporal. De mais, embora na ocasião necessária se possa, sem faltar às regras da moral, absolver o penitente disposto, contudo, quando se trata de pecados carnis, será sempre bom, ordinariamente falando, diferir a absolvição, até que se tenha visto por uma experiência conveniente e assás longa, de vinte ou trinta dias, que o penitente pôs fielmente em prática os meios que lhe foram sugeridos e não recaiu mais. Acrescentarei que, quando o confessor vir que é vantajoso diferir a absolvição, é obrigado a fazê-lo; porque um confessor é obrigado a empregar os remédios mais próprios para operar a cura do seu penitente. Além disto, em matéria de pecados sensuais, se o penitente está habituado de longe a viver na impudicícia, não lhe bastará evitar as ocasiões próximas; terá mesmo de fugir a certas ocasiões, em si mesmas remotas, mas que para ele se devem considerar próximas, em razão da fraqueza extrema, a que as suas recaídas o têm reduzido, e da propensão que contraiu para um tal vício.

II. Falemos em segundo lugar dos *recidivos*, que é necessário distinguir dos habitudinários.

Chamam-se *habitudinários* os que cometem habitualmente algum pecado, mas que ainda não confessaram o seu mau hábito. Se estes pecadores estão bem dispostos, isto é, sinceramente arrependidos e no propósito de empregar os meios para destruírem o hábito contraído, podem absolver-se a primeira vez que se confessem, assim como quando se confessarem depois de haverem por espaço notável renunciado ao seu mau hábito. É necessário contudo notar que, quando o mau hábito já está contraído, e principalmente se é inveterado, pode o confessor diferir a absolvição para experimentar o penitente, e ver como ele se aplica a praticar os meios que lhe são prescritos.

Os *recidivos* são os que, depois da confissão, recaíram no mesmo hábito mau, sem nenhuma emenda. Não podem ser absolvidos, se só derem os sinais ordinários, isto é, se se contentarem com confessar os seus pecados, dizendo que se arrependem e estão no propósito de não recair.

Com justiça, Inocência XI condenou esta proposição: “Quando um penitente tem um pecado habitual contra a lei de Deus, contra a lei natural ou contra a lei da Igreja, ainda mesmo que não dê nenhuma esperança de emenda, não se lhe deve recusar nem diferir a absolvição, contanto que ele diga de boca que se arrepende e forma o propósito de se emendar<sup>48</sup>. Eis por que esta proposição foi condenado. É verdade que a própria confissão, com a afirmação do penitente, de que está arrependido e disposto a emendar-se, dá ao confessor uma certeza moral das suas boas disposições, contanto que não haja a presunção em contrário; mas, uma vez contraído o mau hábito e tendo o penitente recaído depois de recebida a absolvição, sem mostrar nenhuma emenda, essas recaídas então fazem suspeitar com fundamento que a dor e o propósito não são verdadeiros. Eis a razão por que neste caso se deve diferir a absolvição, até que a emenda, por algum tempo, e a prática dos meios prescritos demonstrem as boas disposições do penitente.

Importa observar aqui, que esta regra se aplica não só aos recidivos em

pecados mortais, mas até aos recidivos em pecados veniais, muitos dos quais se confessam por costume, mas sem dor nem propósito. Se estes querem receber a absolvição, deve o confessor ao menos exigir que lhe apresentem matéria certa para o sacramento, acusando alguma falta mais grave da sua vida passada, que mais lhes pese e que estejam na resolução de não tornar a cometer.

Assim, para absolver tais recidivos, exige-se a prova do tempo, ou pelo menos sinais extraordinários de boas disposições que, — ao contrário do que dizia a proposição condenada — façam transparecer alguma esperança fundada de emenda. Eis, segundo o sentir dos doutores, quais são os sinais:

1.º - Uma grande compunção, manifestada em lágrimas ou por palavras saídas, não da boca, mas do coração, palavras que algumas vezes mostram melhor que as lágrimas a disposição do penitente.

2.º - Uma diminuição notável no número dos pecados, todas as vezes que o penitente se encontra nas mesmas ocasiões e tentações.

3.º - Precauções tomadas para não recair, evitando as ocasiões e pondo em prática os meios que lhe haviam sido prescritos; ou até uma grande resistência à tentação antes de sucumbir de novo.

4.º - Pedir o penitente remédios, ou novos meios para sair do pecado, com verdadeiro desejo de se corrigir.

5.º - Procurar ele o confessor, não por um piedoso costume estabelecido, como pelo Natal ou em certa festa, não por obediência a pais, mestres ou superiores, mas guiado por uma inspiração divina, para se congregar com Deus, sobretudo se isso se lhe tornou custoso, fazendo uma longa viagem, ou se para vir teve de vencer grandes dificuldades e fazer-se dura violência.

6.º - Se foi movido a confessar-se por um sermão que ouviu, ou por uma morte repentina, ou por uma desgraça iminente, ou por algum outro motivo espiritual extraordinário.

7.º - Se acusa pecados que a vergonha lhe tinha feito calar nas suas confissões passadas.

8.º - Se, em seguida às advertências, que o confessor lhe dirige, mostra que recebeu um notável acréscimo de luz, e concebeu novo horror do seu estado e do perigo de se condenar.

9.º - Alguns doutores dão também como sinal extraordinário a promessa firme de empregar os remédios prescritos pelo confessor; mas é raro que se possa confiar bastante nessas promessas, não havendo outro sinal; porque os penitentes, para conseguirem a absolvição, prometem facilmente muitas coisas que talvez, nem mesmo então, estejam na resolução de cumprir.

Com esses sinais extraordinários, pode o confessor absolver o recidivo; mas pode também diferir-lhe a absolvição por algum tempo, quando isso lhe possa aproveitar. Quanto a saber se é sempre conveniente, em casos tais, diferir a absolvição ao penitente disposto, — é uma questão discutida entre os doutores; uns negam, outros afirmam, contanto que a dilação não ofenda a reputação do penitente, por exemplo: se, não se aproximando da sagrada Mesa, houvesse de dar aos outros suspeita positiva do pecado cometido.

Quanto a mim, como disse na minha *Instrução aos confessores* (*Homo. apost. tr. ult. punct. 2*), entendo que, quando não há ocasião extrínseca e se trata de pecados cometidos por fragilidade intrínseca, tais como blasfêmias, ódios, poluições, deleitações morosas etc., raras vezes há vantagem em diferir a absolvição, porque sempre se poderá esperar mais do socorro da graça, que o penitente recebe pela absolvição, que da demora que lhe impusesse. Quando houver porém uma ocasião extrínseca, embora necessária, penso, como anteriormente disse, que sempre será útil, e as mais das vezes indispensável para a emenda do penitente, ainda que disposto, diferir-lhe a absolvição.

---

1. *Fides ex auditu, auditus autem per verbum Christi* (Rom. 10, 17).

2. *Praedica verbum: insta opportune, importune; argue, obsecra, increpa, in omni patientia et doctrina* (2. Tim. 4, 2).

3. *Clama, ne cesses: quasi tuba, exalta vocem tuam, et annuntia populo meo scelera eorum* (Is. 58, 1).

4. *Ecce dedi verba mea in ore tuo: ecce constitui te hodie super gentes et super regna, ut evellas, et destruas... et aedifices, et plantes* (Jer. 1, 9).

5. *Euntes ergo, docete omnes gentes... servare omnia quaecumque mandavi vobis* (Matth. 28, 19).

6. *Si, dicente me ad impium: Morte morieris; non annuntiaveris ei... ipse impius in iniquitate sua morietur, sanguinem autem ejus de manus tua requiram* (Ezech. 3, 18).

7. *Cujus vita despicitur, restat ut ejus praedicatio contemnatur* (In Evang. hom. 12).

8. *Denegatis in opere, quod videmini profiteri in verbo* (Hom. 40).

9. *Inexcusabilis es, o homo omnis qui judicas! in quo enim judicas alterum, teipsum condemnas* (Rom. 2, 1).

10. *Lucerna quae non ardet, non accendit* (In Ezech. hom. 11).

11. *De la Prédic. ch. 5, a. 1.*

12. *Quod in aure auditis, praedicate super tecta* (Matth. 10, 27).

13. *In meditatione mea exardescet ignis* (Ps. 38, 4).

14. *Archipresbyteri, per se vel per alios idoneos, plebes sibi commissas, pro earum capacitate, pascent salutaribus verbis* (Sess. 5, de Refor. c. 2).

15. *De la Prédic. ch. 5, a. 1.*

16. *Praedicatio mea, non in persuasibilibus humanae sapientiae verbis, sed in ostensione, spiritus et virtutis* (1. Cor. 2, 4).

17. *Sapientibus et insipientibus debitor sum* (Rom. 1, 14).

18. *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis* (Thren. 4, 4).

19. *Dentur idonei confessarii; ecce omnium christianorum plena reformatio.*

20. *Onus angelicis humeris formidandum* (Sess. 6, de Refor. c. 1).

21. *Periculosa res est, pro peccatoribus se fidejussorem constituere* (De Inst. proel. c. 6).

22. *Nullibi periculosius erratur.*

23. *Requiram gregem meum de manu eorum* (Ezech. 34, 10).

24. *Obedite praepositis vestris, et subjacete eis; ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddituri* (Hebr. 13, 17).

25. *Quot regendis subditis praeest, reddendae apud eum rationis tempore, ut ita dicam, tot solus animas habet* (Mor. l. 24. c. 30).

26. *Si horremus, dum peccatorum priorum rationem reddituri sumus, quid illi exspectandum est, qui tam multorum nomine causam sit dicturus?* (De Sacerdot. l. 3).

27. *Gratia indiget plurima, et sapientia non modica, qui proximorum animas ad vitam resuscitare conatur* (De Compunc. p. 2).

28. *Ars est artium regimen animarum* (Past. p. 1. c. 1).

29. *Scientia scientiarum mihi esse videtur hominem regere* (Ap. 1).

30. *Qui error confessarios simul et poenitentes in aeternum interitum trahet.*
31. *Nemo, nisi valde sanctus, absque sui detrimento, proximorum curis occupatur (De Casto Conn. c. 2).*
32. *Nescitis cujus spiritus estis (Luc. 9, 55).*
33. *Induite vos ergo, sicut electi Dei, sancti et dilecti, viscera misericordiae (Col. 3, 12).*
34. *Vos non, quasi iudices criminum, ad percutiendum positi estis, sed, quasi iudices morborum, ad sanandum (Mis. I. 1. tit. 49).*
35. *Spiritualis devotio convertitur in carnalem (De Modo conf.).*
36. *Noli quaerere fieri iudex, nisi valeas virtute irrumpere iniquitates, ne forte extimescas faciem potentis (Eccli. 7, 6).*
37. *Cavenda est conscientia nimis larga, et nimis stricta; nam prima generat praesumptionem, secunda desparationem. Prima saepe salvat damnandum; secunda, e contra, damnat salvandum (Comp. theol. I. 2. c. 52).*
38. *Cum austeritate imperabatis eis, et cum potentia; et dispersae sunt oves meae (Ezech. 34, 4).*
39. *Per tales assertiones nimis duras et strictas, praesertim in non certissimis, nequaquam eruunt homines a luto peccatorum, sed in illud profundius, quia desperatius, immerguntur. Doctores theologi ne sint faciles asserere actiones aliquas aut omissiones esse mortalia, praesertim in non certissimis (De Vita sp. lect. 4. cor. 11).*
40. *Non sis nimis pronus iudicare mortalia peccata, ubi tibi non constat per certam Scripturam (Summ. I. 3. de Poenit. § 21).*
41. *Quaestio qua quaeritur de aliquo actu utrum sit peccatum mortale vel non, nisi ad hoc habeatur auctoritas expressa Scripturae sacrae, aut Canonis, seu determinationis Ecclesiae, vel evidens ratio, non nisi periculosissime determinatur (P. 2. tit. 1. c. 11. § 28).*
42. *Ex praedictis igitur videtur dicendum quod, ubi in hujusmodi ornatibus confessor inveniatur clare indubitanter mortale, talem non absolvat, nisi proponat abstinere a tali crimine. Si vero non potest clare perspicere utrum sit mortale vel veniale, non videtur tunc praecipienda sententia (ut dicit Gulielmus specie in quadam simili), ut scilicet denegat propter hoc absolutionem, vel illi faciat conscientiam de mortali; quia, faciendo postea contra illud, etiamsi illud non esset mortale, ei erit mortale, quia omne quod est contra conscientiam, aedificat ad gehennam. Et cum promptiora sint jura ad absolvendum quam ad ligandum (Can. Ponderet. dist. 1), et melius si Domino reddere rationem de nimia severitate, ut dicit Chrysostomus (Can. Alligant, 26. q. 7), potius videtur absolvendum et divino examini dimittendum (P. 2. tit. 4. c. 5. § 8.).*
43. *Dico, secundum Archiepiscopum, quod tuta conscientia potest quis eligere unam opinionem, et secundum eam operari, si habeat notabiles doctores, et non sit expresse contra determinationem Scripturae vel Ecclesiae etc. (Summa, verbo scrupulus 5<sup>o</sup>).*
44. *Concordat etiam Bernardus claravontensis, dicens: Si sunt opiniones inter magnos dicentes quod peccatum est, alii vero dicunt quod non, tunc debet consulere aliquos, de quorum iudicio confidit, et secundum consilium discretorum facere, et peccatum reputare vel non reputare; ex quo enim opiniones sunt inter magnos, et Ecclesia non determinavit alteram partem, teneat quam voluerit, dummodo iudicium in hoc resideat propter dicta eorum saltem quos reputat peritos (Consol. tim. consc. p. 3. c. 12).*
45. *Qui ergo assentit opinioni alicujus magistri, contra manifestum Scripturae testimonium, sive contra id quod publice tenetur secundum Ecclesiae auctoritatem, non potest ab erroris vitio excusari (Quodlibet. 3. a. 10).*
46. *Prima opinio videtur probabilior, quia nihil debet damnari tamquam mortale peccatum, de quo non habetur evidens ratio vel manifesta auctoritas Scripturae (In 4. Sent. d. 16. q. 4. concl. 5).*
47. *Theolog. mor. I. 6. n. 454.*
48. *Poenitenti habenti consuetudinem peccandi contra legem Dei, naturae, aut Ecclesiae, etsi emendationis nulla spes appareat, nec est neganda nec differenda absolutio, dummodo ore proferat se dolere et proponere emendationem (Prop. 60).*

## QUINTA INSTRUÇÃO

### Sobre a oração mental e ofício divino

#### I

#### Necessidade da oração mental para os padres

Se, moralmente falando, a oração mental é necessária para todos os fiéis, como observa o eminente sábio Pe. Suarez<sup>1</sup>, mais necessária ainda o é aos padres; por isso que necessitam de graças e socorros mais abundantes, obrigados como estão a aspirar a mais alta perfeição. O seu estado exige-lhes maior santidade, e estão obrigados a trabalhar na salvação das almas: assim se encontram na necessidade de tomar um duplo alimento espiritual, à semelhança das mães que precisam de alimentos corporais mais abundantes, para se sustentarem a si próprias, e aos seus filhos. O nosso salvador, diz Sto. Ambrósio, nenhuma necessidade tinha de se acolher à solidão para orar, por isso que a sua alma santíssima, gozando continuamente da visão intuitiva de Deus, o contemplava em todo o lugar e a todos os momentos, e orava por nós sem interrupção; no entanto, para nos fazer sentir a necessidade da oração mental, separava-se da multidão como refere S. Mateus, e retirava-se a sós para o monte a fim de orar: *E, deixada a multidão, subiu para o monte a orar isolado*<sup>2</sup>. E S. Lucas nos diz que ele passava as noites inteiras em oração<sup>3</sup>. Sobre este texto, faz Sto. Ambrósio esta reflexão: Se Jesus Cristo passou as noites a orar pela tua salvação, com quanta mais razão deves tu orar para te salvares<sup>4</sup>! E noutra lugar acrescenta: Devemos orar dia e noite pelo povo que nos está confiado<sup>5</sup>. O venerável João de Ávila punha na mesma linha as duas funções do padre: oferecer sacrifícios e oferecer incenso a Deus<sup>6</sup>. Ora, sabe-se que o incenso é o símbolo da oração: *Que a minha oração suba à vossa presença como o fumo do incenso*<sup>7</sup>. S. João viu os anjos a levar taças de ouro cheias de perfumes, que são as orações dos santos<sup>8</sup>. ajunta ele. Ó! quanto agradam a Deus as orações dos bons padres! S. Carlos Borromeu, considerando a necessidade, que têm os eclesiásticos de praticar a oração mental, fez decretar no Concílio de Milão<sup>9</sup> que, nos exames dos ordinandos, se lhes perguntasse em especial se sabiam fazer a meditação, se de fato a faziam, e quais os pontos das suas meditações. E o venerável João de Ávila dissuadia de entrarem no sacerdócio os

que não tivesse o hábito de se darem muito à oração.

Não quero alongar-me aqui sobre os motivos, que tornam moralmente necessária a todo o padre, o exercício da oração mental; basta dizer que, sem oração, tem o padre falta de luzes, porque aprecia pouco o grande negócio da salvação, e pensa pouco nos obstáculos que lhe põe, assim como nas obrigações que tem a cumprir para se salvar. Por isso o Salvador disse a seus discípulos: *Tende cingidos os rins, e lâmpadas acesas nas vossas mãos*<sup>10</sup>. Estas lâmpadas, diz S. Boaventura<sup>11</sup>, são as piedosas meditações, em que o Senhor nos alumia: *chegai-vos a ele e sereis alumados*<sup>12</sup>. Quem não faz oração tem pouca luz e pouca força. É no repouso da oração, diz S. Bernardo, que se adquirem as forças necessárias, para resistir aos inimigos e praticar as virtudes<sup>13</sup>. Quando se levou a noite sem dormir, de manhã não se pode uma pessoa ter de pé e cambaleia a cada passo.

*Tomai tempo para considerar que Eu sou Deus*<sup>14</sup>. Se ao menos de quando em quando se não deixam os pensamentos do mundo, se não se busca o retiro para tratar com Deus, mal se conhecem, e pouca luz se tem das coisas eternas. Um dia dizia Jesus Cristo aos seus discípulos, que se tinham ocupado muito tempo a trabalhar na salvação do próximo: *Vinde, acolhei-vos a um lugar solitário, e tomai um pouco de repouso*<sup>15</sup>. Não falava o Senhor do repouso do corpo, mas do da alma; porque, se a alma se não retirar de tempos a tempos ao silêncio da oração, para só se entreter com Deus, não terá força para prosseguir no bem; em breve cairá no desalento e depois nas ocasiões fatais. Toda a nossa força está no socorro da graça: *Tudo posso naquele que me conforta*<sup>16</sup>. Mas esse não o dá Deus senão aos que o pedem. Tem ele o maior desejo de nos conceder as graças, mas quer, como diz S. Gregório, ser instado por nós, e dalgum modo forçado pelas nossas súplicas<sup>17</sup>. Quem nunca pratica a oração mental conhece mal os próprios defeitos, assim como os perigos em que se encontra de perder a graça de Deus, e os meios para vencer as tentações. Por consequência mal conhecerá a necessidade em que está de orar, e negligenciará fazê-lo; e, se não orar, certamente se perderá. Por isso Santa Teresa, grande mestra de oração, dizia que quem despreza a oração mental não precisa que os demônios o levem para o inferno; por si próprio se lança nele<sup>18</sup>.

Pessoas há que recitam muitas orações vocais, mas essas orações, quando se não pratica a oração mental, dificilmente se fazem com atenção: dizem-se com o espírito distraído, e o Senhor pouco as escuta. Sobre o texto — *Voce mea ad Dominum clamavi* — faz Sto. Agostinho esta reflexão: Muitos há que clamam, não com a sua voz, mas com a voz do corpo<sup>19</sup>. O vosso apelo ao Senhor é o vosso pensamento. Clamai no interior, onde Deus escuta<sup>20</sup>. Não basta pois orar com os lábios; é preciso orar em espírito, se se querem conseguir de Deus as graças que se pedem, conforme a expressão do Apóstolo: *Orando a toda a hora em espírito*<sup>21</sup>. É o que a experiência demonstra: vêem-se muitos que fazem diversas orações vocais, recitam o ofício, o rosário, e contudo caem no pecado e continuam a viver nele.

Pelo contrário, quem pratica a oração mental dificilmente cai no pecado,

e se alguma vez tem a desgraça de cair, não se deixa permanecer nesse miserável estado: ou abandona a oração, ou deixa o pecado. Oração e pecado não podem subsistir juntos. “Por muito relaxada que se ache uma alma, dizia Sta. Teresa, se ela perseverar na oração, o Senhor acabará por conduzi-la ao porto da salvação”<sup>22</sup>. É pela oração mental que todos os santos se elevam à santidade. Segundo S. Lourenço Justiniano, a oração afugenta as tentações, dissipa a tristeza, repara as forças da alma, desperta-lhe o fervor e inflama-lhe a caridade divina<sup>23</sup>. Afirmava Santo Inácio de Loyola que não lhe sobrevinha nenhuma amargura, que ele não pudesse adoçar com um quarto de hora de oração<sup>24</sup>. A meditação, dizia S. Bernardo, rege os afetos, governa as ações e corrige os excessos<sup>25</sup>. S. João Crisóstomo olha como morta uma alma que não ora<sup>26</sup>. No sentir de Rufino, é da meditação que está dependente o progresso espiritual duma alma<sup>27</sup>. E Gerson chega a dizer que quem não medita só por milagre pode viver como cristão<sup>28</sup>. S. Luís de Gonzaga, falando da perfeição, a que todo o padre está especialmente obrigado, tinha razão para dizer que, o que não se aplicar muito à oração mental jamais atingirá um alto grau de virtude<sup>29</sup>.

## II

### Responde-se às desculpas

Nada mais direi aqui sobre a necessidade da oração mental; apenas me demorei a responder a três desculpas, que de ordinário costumam apresentar os padres avessos a este exercício.

I. Quanto a mim, diz um, não faço meditação, porque só experimento nela desolação, distração e tentação; o meu espírito, sempre vagabundo, não sabe fixar-se a meditar; é por isso que a ponto de parte.

A isto responde S. Francisco de Sales (*carta 629*) que ainda que o que medita só cuidasse de repelir continuamente as distrações e as tentações, não deixaria a meditação de ser bem feita, contanto que as distrações não fossem voluntárias. Vê o Senhor com prazer a boa intenção que se tem, e o trabalho que se emprega para perseverar até ao fim, nada diminuindo ao tempo marcado; não deixa ele de recompensar os esforços com graças abundantes. Não se deve ir à meditação para encontrar nela prazer, mas para dar prazer a Deus. Também as almas santas experimentam securas na oração, mas o Senhor as enriquece dos seus dons, porque são perseverantes. Dizia S. Francisco de Sales que uma onça de oração, feita no meio de desolações, pesa mais diante do Deus, do que cem arráteis no meio de consolações. As estátuas imóveis, que adornam as galerias dum palácio, não deixam de prestar honra ao príncipe, ;e o Senhor pois quer que sejamos como estátuas na sua presença, contentemo-nos em o honrar como estátuas; então nos bastará dizer-lhe: Senhor, estou aqui para vos agradar!

Santo Isidoro nos assegura que nunca o demônio faz maiores esforços para nos tentar e distrair, do que quando fazemos oração<sup>30</sup>. Por quê? Porque,

ao ver o grande fruto que se tira da oração, quer que a abandonemos: deixá-la pois, por causa da aridez que nos causa, é dar grande prazer ao demônio. Nesses momentos de secura, o que a alma deve fazer é humilhar-se e suplicar. Humilhar-se: nunca estamos em melhor situação para conhecermos a nossa miséria e insuficiência, do que no tempo de secura e desolação espiritual. Então vemos bem que de nós mesmos não podemos nada, e o que temos a fazer em tal estado é unirmo-nos a Jesus desolado na cruz, humilharmo-nos e implorar a misericórdia divina, repetindo sempre: Senhor, ajudai-me! Senhor, tende compaixão de mim! Meu Jesus, misericórdia! — Uma oração assim feita será mais vantajosa que todas as outras, porque Deus abre os tesouros das suas graças aos humildes<sup>31</sup>. Nessas ocasiões mais que nunca, apliquemo-nos a pedir misericórdia para nós e para os pecadores. Dum modo especial exige Deus dos padres que orem pelos pecadores: *Os sacerdotes, os ministros do Senhor, estarão em lágrimas e clamarão: Perdoai, ó Senhor, perdoai ao vosso povo*.<sup>32</sup> — Para satisfazer a isso, dir-se-á, basta recitar o ofício divino. — Mas Sto. Agostinho nos declara que o ladrar dos cães é mais agradável a Deus, do que as orações dos maus sacerdotes, como o são de ordinário os que nunca praticam a oração mental<sup>33</sup>. De fato, sem a oração mental é muito difícil ter o espírito eclesiástico.

II. Pela minha parte, diz um segundo, se não faço a oração mental, nem por isso perco o meu tempo, porque o consagro ao estudo.

Mais eis o que o Apóstolo, escrevia a Timóteo: *Atende a ti e à doutrina*<sup>34</sup>. E primeiramente diz *Tibi*, isto é, aplica-te à oração, na qual o padre trabalha para si. Em segundo lugar diz *Doctrinae*, isto é, aplica-te ao estudo, para conseguires a salvação do próximo. — Como poderemos santificar os outros, se não formos santos? “Ditoso, ó Senhor, o que vos conhece, embora ignore tudo o mais!” Assim fala Sto. Agostinho<sup>35</sup>. Nada nos aproveitaria para a salvação eterna, possuir todas as ciências, se não soubéramos amar a Jesus Cristo; se pelo contrário soubéramos amá-lo, saberemos tudo e gozaremos duma felicidade sem fim. Felizes pois aqueles a quem é dada a ciência dos santos, que consiste em saber amar a Deus<sup>36</sup>. Além disto, uma só palavra, saída da boca dum padre que ama a Deus verdadeiramente, fará maior bem aos outros que mil sermões de sacerdotes sábios, que lhe têm pouco amor.

Ora, esta ciência dos santos não se adquire pelo estudo dos livros, mas pela oração, em que o crucifixo é ao mesmo tempo o mestre que ensina, e o livro que se lê. Um dia perguntava a S. Boaventura Santo Tomás em que livro tinha haurido tantos conhecimentos; o Doutor Seráfico apontou-lhe o crucifixo, dizendo-lhe que era o livro em que havia aprendido tudo quanto sabia. Por vezes se aprenderá mais num instante, na oração, do que em dez anos de estudo nos livros. É o que afirma S. Boaventura: Os anseios de amor divino, diz ele, deixam na alma uma ciência mais perfeita que tudo o que se pode conseguir pelo estudo<sup>37</sup>.

Para adquirir as ciências humanas, precisa-se de muita inteligência; para a ciência dos santos, basta a boa vontade. Quem mais ama a Deus, melhor o

conhece, conforme esta máxima de S. Gregório: O próprio amor é ciência<sup>38</sup>. E o mesmo disse Sto. Agostinho: Amar é ver<sup>39</sup>. Por isso Davi exortava assim todos os homens: *Gostai e vêde como o Senhor é doce*<sup>40</sup>.

Quanto mais se toma o gosto a Deus pelo amor, melhor se vê, melhor se conhece a grandeza da sua bondade. Quem saboreia o mel conhece-o melhor que os filósofos, que estudam e explicam a sua natureza. Daqui a sentença de Sto. Agostinho: É Deus a própria sabedoria; donde se segue que o verdadeiro filósofo, ou amigo da sabedoria, é o que ama a Deus verdadeiramente<sup>41</sup>.

Para aprender as ciências do mundo, é preciso muito tempo e trabalho; para aprender a ciência dos santos, basta pedi-la. Eis como fala o Sábio: “A sabedoria divina facilmente se deixa encontrar, mesmo antes de ser procurada. Quem a procura com diligência, não terá dificuldade em a encontrar; porque a verá sentada à sua porta, à espera”<sup>42</sup>. Depois de ter assim encontrado a verdadeira sabedoria, que é o amor de Deus, dizia Salomão que todos os bens lhe tinham advindo com ela<sup>43</sup>.

Tal é a ciência dos santos. Ó! Quanto S. Filipe de Néri aprendeu nas catacumbas de S. Sebastião, onde passava noites inteiras em oração! Encontrou lá a que não tinha encontrado na leitura dos livros. Quanto mais aprendeu S. Jerônimo na gruta de Belém, do que em todos os estudos que havia feito! Dizia o Pe. Suarez que antes queria perder toda a sua ciência do que uma hora de oração. Que os sábios do mundo se gloriem de sua sabedoria, dizia S. Paulino<sup>44</sup>, os ricos das suas riquezas, os reis dos seus reinos; quanto a nós, que a nossa sabedoria, riqueza e reino seja Jesus Cristo! Digamos com S. Francisco de Assis: *Meu Deus e meu tudo!* É pois esta a verdadeira sabedoria que principalmente devemos pedir a Deus, — que não deixa de a conceder a quem lha pede<sup>45</sup>.

Que o estudo seja útil e até necessário aos padres, não se nega; mas o estudo mais necessário é o do crucifixo. Dava-se com ardor ao estudo dos livros filosóficos um certo Jovio, e pouco se importava da vida espiritual, sob o pretexto da falta de tempo. S. Paulino, numa carta, repreendo-o assim: Tens tempo para ser filósofo e não o tens para ser cristão!<sup>46</sup> Há sacerdotes que gastam muito tempo a estudar matemática, geometria, astronomia e história profana. — Se ao menos se aplicassem a estudos próprios do seu estado! E depois disto desculpam-se, dizendo que não têm tempo para a oração! Seria a propósito fazer-lhes esta censura: *Vacat tibi ut eruditus sis; non vacat ut sacerdos sis?* Como diz Sêneca, se temos pouco tempo, é porque perdemos muito<sup>47</sup>. E mais: Ignoramos as coisas necessárias, porque aprendemos coisas inúteis<sup>48</sup>.

III. Um terceiro dirá: Eu bem queria fazer oração, mas o confessionário, e os sermões não me deixam um instante livre.

Respondo-lhe: Visto que sois padre, é muito louvável que trabalheis na salvação das almas, mas não posso aprovar que, para serdes útil aos outros, vos esqueçais de vós mesmo. É preciso que nos ocupemos de nós mesmos, fazendo oração; depois cuidaremos de socorrer o próximo.

Foram os apóstolos, sem contestação, os obreiros mais infatigáveis do Evangelho; apesar disso, ao verem que os cuidados prodigalizados ao próximo lhes não deixavam tempo para se darem à oração, instituíram diáconos que os ajudassem nas obras exteriores, para se poderem aplicar à oração e à pregação. *Irmãos*, disseram eles, *escolhei homens, em quem possamos delegar este cuidado; pela nossa parte, temos que dar-nos por inteiro à oração e ao ministério da palavra*<sup>49</sup>.

Note-se bem: quem eles dar-se primeiro à oração e depois à pregação, porque os discursos sem a oração produzem pouco fruto. Foi precisamente o que Sta. Teresa escreveu ao bispo de Osma, que trabalhava com zelo no bem das suas ovelhas, mas descuidava a oração: “Nosso Senhor me fez conhecer, lhe diz ela, que nos falta o mais necessário, o que é basilár, e desde que os alicerces faltam o edifício desaba. Ora, o que vos falta é a oração e a perseverança na oração; daí procede a aridez que a alma experimenta<sup>50</sup>. S. Bernardo advertiu igualmente o papa Eugênio III: que não abandonasse a oração por causa dos negócios exteriores; que os que abandonam a oração podem cair numa tal dureza de coração, que percam os remorsos dos seus pecados e não sintam horror de os haverem cometido. “Temo, ó Eugênio, que a multidão dos negócios te impeça de te dares à oração e à meditação, e te leve a uma tal dureza de coração, que não tenhas horror ao teu estado, por não o sentires<sup>51</sup>.

Sem a doce contemplação de Maria, diz S. Lourenço Justiniano, não poderiam as obras de Marta atingir a perfeição<sup>52</sup>. Engana-se, acrescenta ele, quem pensa em levar a bom termo o negócio da salvação, sem o socorro da oração. Quanto mais uma empresa é nobre, tanto mais arriscada é; quem não cuidar de se alimentar da oração, cairá a meio de caminho<sup>53</sup>. A seus discípulos mandou nosso Senhor que pregassem o que tivessem aprendido na oração: *O que vos digo ao ouvido, publicai-o dos telhados*<sup>54</sup>. Trata-se aqui do ouvido do coração, ao qual Deus promete falar no retiro da oração: *Levá-la-ei ao retiro e lhe falarei ao coração*<sup>55</sup>. É na oração, escrevia S. Paulino, que se recebe o espírito que se tem de comunicar aos outros<sup>56</sup>. Assim, gemia S. Bernardo ao ver nos padres tantos canais e tão poucos reservatórios, devendo o padre ser primeiramente reservatório, que se encha de santas luzes e piedosos afetos, bebidos na oração, para depois ser canal benéfico do seu próximo<sup>57</sup>. É necessário, diz S. Lourenço Justiniano, que o padre antes de trabalhar na salvação do próximo se aplique à oração<sup>58</sup>. S. Bernardo parafraseando esta passagem dos Cânticos — *Dignai-vos atrair-me; atrás de vós correremos, ao odor dos vossos perfumes* — faz assim falar a Esposa sagrada, ou a Igreja: *Não serei só eu a correr, comigo correrão também as jovens; correremos ao mesmo tempo, eu movida pelo odor dos vossos perfumes, elas excitadas pelo meu exemplo*<sup>59</sup>. Tal é a linguagem que deve ter um padre zeloso da salvação das almas, dirigindo-se a Deus: *Atraí-me a vós, Senhor, e eu correrei para vós, e os outros correrão comigo: eu correrei atraído pelo odor dos vossos perfumes, isto é, pelas inspirações e graças que de vós receber na oração, e os outros correrão ao impulso do meu bom exemplo.*

Para poder pois atrair muitas almas a Deus, é necessário que o padre comece por se fazer atrair de Deus. Assim o têm feito os santos obreiros do Evangelho, tais como S. Domingos, S. Filipe de Néri, S. Francisco Xavier, S. João Francisco Regis, que gastavam o dia inteiro a trabalhar para o povo, e consagravam a noite à oração, até que fossem acabrunhados pelo sono. Um só padre mediocrementemente instruído, mas possuído dum grande zelo, ganhará mais almas para Deus, que muitos outros superiores em sabedoria, mas tíbios. Um só abrasado em zelo, diz S. João Crisóstomo, basta para reformar um povo inteiro<sup>60</sup>. Uma palavra dum pregador, inflamado no santo amor, fará mais efeito que cem sermões cuidadosamente preparados por um teólogo, que ame pouco a Deus. Diz S. Tomás de Vilanova que, para ferir os corações e abrasá-lo no amor divino, se requerem palavras ardentes, que sejam como dardos de fogo. Mas, ajunta ele, — como poderão sair dum coração de gelo esses dardos de fogo? É a oração que abrasa os corações dos santos padres, e de gelados os torna ardentes. Ao falar especialmente do amor que Jesus Cristo nos testemunhou, o Apóstolo exclama: *O amor de Jesus Cristo insta conosco*<sup>61</sup>. Assim nos faz compreender que é impossível meditar os sofrimentos e ignomínias, que o nosso Redentor suportou por nosso amor, e não nos sentirmos animados a procurar que todos se abrasem no seu amor. Foi o que o profeta Isaías predisse no seu Cântico: *Haveis de ir cheios de alegria beber nas fontes do Salvador, e direis naquele dia: Louvai ao Senhor e invocai o seu nome*<sup>62</sup>. As fontes do Salvador são os exemplos da vida de Jesus Cristo. Ó! que fontes de luz e de santos afetos encontram neles as almas que os contemplam! Acende-se nos seus corações o fogo do amor divino, que elas depois comunicam aos outros, exortando-os a reconhecer, amar e louvar a bondade do nosso Deus.

### III

#### Sobre a recitação do Ofício divino

Convém ajuntar aqui algumas palavras sobre a recitação do ofício divino.

Eis os frutos do ofício divino: honrar a Deus, resistir ao furor dos nossos inimigos e obter misericórdia para os pecadores; mas, para isso, é necessário que se recite como convém, e como o exige o 5.º Concílio de Latrão<sup>63</sup>, isto é, *studiose et devote*. Explicam-se assim estas duas palavras *studiose*, quer dizer pronunciar bem; *devote*, com atenção, segundo a palavra de Santo Agostinho, — que o vosso coração se ocupe do que os vossos lábios preferem<sup>64</sup>. Como quereis vós, pergunta S. Cipriano, que Deus vos ouça se a vós mesmos vos não ouvís?

Feita com atenção, é a oração esse incenso de suave odor que tanto agrada a Deus e nos obtém tesouros de graças; ao contrário, se for feita com distrações voluntárias, torna-se como um fumo infecto, que irrita o Senhor e atrai castigos. Por isso, ao recitarmos o ofício, o demônio se empenha em

nos tentar com distrações e defeitos. Então nos importa redobrar de esforços para o recitarmos dum modo conveniente. Eis para isto alguns avisos práticos:

1.º - Avivemos então a nossa fé, com a lembrança de que a vossa voz se une à dos anjos para louvar a Deus. Diz Tertuliano: Estamos a fazer ensaio do que havemos de praticar na glória<sup>65</sup>; fazemos na terra o que fazem os bem-aventurados na pátria celeste, onde cantam sem cessar e cantarão eternamente os louvores do Senhor<sup>66</sup>. Assim, antes de entrarmos na igreja, ou de lançarmos mão do breviário, devemos deixar à porta e despedir todos os pensamentos do mundo, segundo o aviso de S. João Crisóstomo: Ninguém entre no templo com o fardo dos cuidados terrenos; tais coisas deixam-se à porta<sup>67</sup>.

2.º - É necessário que os afetos do nosso coração acompanhem os sentimentos que à nossa boca exprime, segundo o que ensina Sto. Agostinho: Se o salmo ora, orai; se geme, gemei; se inculca esperança, esperai<sup>68</sup>.

3.º - É bom que renovemos a nossa intenção de tempos a tempos, por exemplo no começo de cada salmo.

4.º - Finalmente, deve-se evitar tudo quanto possa ocasionar distração ao nosso espírito. Que atenção e devoção poderia ter no ofício quem o recitasse num lugar transitado, ou em presença de pessoas que soltassem risadas e grilos?

Ó! quanto aproveitam os que todos os dias recitam o ofício com devoção! *Implentur Spiritu Sancto*, diz S. João Crisóstomo. Os que, ao contrário, o rezam com negligência, perdem muitos merecimentos, e não de prestar a Deus rigorosas contas.

---

1. *De Orat. l. 2. c. 4.*

2. *Et dimissa turba, ascendit in montem solus orare (Matth. 14, 23).*

3. *Erat pernoctans in oratione (Luc. 6, 12).*

4. *Quid enim te pro salute tua facere oportet, quando pro te Christus in oratione pernoctat!*

5. *Sacerdotes die noctuque pro plebe sibi commissa oportet orare (In 1. Tim. 3).*

6. *Incensum enim Domini et panes Dei sui offerunt.*

7. *Dirigatur oratio mea sicut incensum in conspectu tuo (Ps. 140, 2).*

8. *Phialas aureas plenas odorum, quae sunt orationes sanctorum (Apoc. 5, 8).*

9. *Anno 1579 (Const. p. 3. n. 2).*

10. *Sint lumbi vestri praecincti, et lucernae ardentes in manibus vestris (Luc. 12, 35).*

11. *Dieta sal. t. 2. c. 5.*

12. *Accedite ad eum, et illuminamini (Ps. 33, 6).*

13. *Ex hoc otio vires proveniunt.*

14. *Vacate, et videte quoniam ego sum Deus (Ps. 45, 11).*

15. *Venite seorsum in desertum locum, et requiescite pusillum (Marc. 6, 31).*

16. *Omnia possum in eo qui me confortat (Phil. 4, 13).*

17. *Vult Deus rogari, vult cogi, vult quadam importunitate vinci (In Ps. poenit. 6).*

18. *Vie, chap. 19.*

19. *Multi clamant, non in voce sua, sed corporis. Cogitatio tua clamor est ad Dominum (In Ps. 41).*

20. *Clama intus, ubi Deus audit (In Ps. 30, en. 4).*

21. *Orantes omni tempore in spiritu (Eph. 6, 18).*

22. *Vie, chap. 8.*

23. *Ex oratione fungatur tentatio, abscedit tristitia, virtus reparatur, excitatur fervor, et divini amoris flamma succrescit (De Casto Conn. c. 22).*

24. *Ribadeneira, l. 5. c. 1.*

25. *Consideratio regit affectus, dirigit actus, corrigit excessus (De Cons. l. 1. c. 7).*

26. *Quisquis non orat Deum, nec divino ejus colloquio cupit assidue frui, is mortuus est... Animae mors est, non provolvi coram Deo (De or. Deo. l. 1).*

27. *Omnis profectus spiritualis ex meditatione procedit (In Ps. 36).*

28. *Absque meditationis exercitio, nullus, secluso miraculo Dei, ad christianae religionis normam attingit (De Med. cons. 7).*

29. *Cepari, l. 2. c. 3.*

30. *Tunc magis diabolus cogitationes curarum saecularium ingerit, quando orantem aspexerit (Sent. l. 3. c. 7).*

31. *Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam (Jac. 4, 6).*

32. *Plorabunt sacerdotes, ministri Domini, et dicent: Parce, Domine, parce populo tuo (Joel 2, 17).*

33. *Plus placet Deo latratus canum, quam oratio talium clericorum (Corn. A-Lap. In. Levit. 1. 17).*

34. *1. Tim. 4, 16.*

35. *Beatus qui te scit, etiamsi illa nesciat! (Conf. l. 5. c. 4).*

36. *Et dedit scientiam sanctorum (Sap. 10, 10).*

37. *In anima incomparabiliter, per amoris unitivi desideria, perfectio amplioris cognitionis relinquitur, quam studendo requiratur (Myst. theol. c. 3. p. 2).*

38. *Amor ipse notitia est (In Evang. hom. 27).*

39. *Amare videre est.*

40. *Gustate et videte quoniam suavis est Dominus (Ps. 33, 9).*

41. *Si sapientia Deus est, verus philosophus est amator Dei (Civ. D. l. 8. c. 1).*

42. *Sapientia... facile videtur ab his qui diligunt eam, et invenitur ab his qui quaerunt illam. Praeoccupat qui se concupiscunt, ut illis se prior ostendat. — Qui de luce vigilaverit ad illam, non laborabit, assidentem enim illam foribus suis iuveniet (Sap. 6, 13).*

43. *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa (Sap. 7, 11).*

44. *Sibi habeant sapientiam suam philosophi, sibi divitias suas divites, sibi regna sua reges; nobis gloria, et possessio, et regnum, Christus est (Ep. ad Aprun.).*

45. *Si quis autem vestrum indiget sapientia, postulet a Deo, qui dat omnibus affluenter, et non improperat (Jacob. 1, 5).*

46. *Vacat tibi ut philosophus sis; non vacat ut christianus sis? (Ep. ad Jovium).*

47. *Non exiguum tempus habemus, sed multum perdimus (De Brev. v. c. 1).*

48. *Necessaria ignoramus, quia superflua addiscimus.*

49. *Fratres, viros... constituamus super hoc opus. Nos vero orationi et ministerio verbi instantes erimus (Act. 6, 3).*

50. *Lettre 8.*

51. *Timeo tibi, Eugeni, ne multitudo negotiorum, intermissa oratione et consideratione, te ad cor durum perducatur; quod se ipsum non exhorret, quia nec sentit (De Cons. l. 1. c. 2).*

52. *Marthae studium, absque Mariae gustu, non potest esse perfectum.*

53. *Fallitur quisquis opus hoc periculosum, absque orationis praesidio, consummare se posse putat; in via deficit, si ab interna maneat reflectione jejunos (De Inst. proel. c. 11).*

54. *Quod in aure auditis, praedicate super tecta (Matth. 10, 27).*

55. *Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus (Os. 2, 14).*

56. *In oratione fit conceptio spiritualis (Ep. ad Severium).*

57. *Concham te exhibebis, non canalem. Canales hodie in Ecclesia multos habemus, conchas vero perpaucas (In Cant. 18).*

58. *Difficile est proximorum lucris insistere. Priusquam hujusmodi studiis se tradat, orationi intendat (De Tr. Ag. c. 7).*

59. *Trahe me: post te curremus in odorem unguentorum tuorum (Cant. 1, 3). — Non curram ego sola, current et adolescentulae mecum; curremus simul, ego odore unguentorum tuorum, illae meo excitatae exemplo (In Cant. s. 21).*

60. *Sufficit unus homo zelo succensus, totum corrigere populum (2. Cor. 5, 14).*

61. *Charitas enim Christi urget nos (Ad pop. Antio. hom. 1).*

62. *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris; et dicetis in die illa: Confitemini Domino, et invocare nomen ejus (Is. 12, 3).*

63. *Cap. Dolentes de Cel. Missar.*

64. *Hoc versetur in corde, quod profertur in voce (Epist. 211. E. B.).*

65. *Officium futurae claritatis ediscimus (De Orat.).*

66. *In saecula saeculorum laudabunt te (Ps. 83, 5).*

67. *Ne quis ingrediatur templum curis onustus mundanis; haec ante ostium deponamus (In Is. hom. 2).*

68. *Si orat psalmus, orate; si gemit, gemite; si sperat, sperate (In Ps. 30).*

## SEXTA INSTRUÇÃO

### Sobre a humildade

*Aprende de mim que sou manso e humilde do coração<sup>1</sup>. A humildade e a doçura foram as duas virtudes favoritas de Jesus Cristo, virtudes em que, dum modo muito especial, quis ser imitado por seus discípulos. Façamos primeiro da humildade, depois falaremos da doçura.*

#### I

#### Necessidade da humildade

Segundo S. Bernardo, quanto mais alta é a dignidade do padre, tanto mais ele deve ser humilde<sup>2</sup>; de contrário, se cair no pecado, a da queda será a medida da sua elevação. Donde conclui S. Lourenço Justiniano que a jóia mais brilhante e preciosa do padre deve ser a humildade<sup>3</sup>. No mesmo sentido diz Alcuino: Visto que estás colocado na mais sublime dignidade, necessária te é a mais excelente humildade<sup>4</sup>. E antes deles tinha dito o divino Mestre: *O maior dentre vós faça-se o mais pequeno de todos*<sup>5</sup>. A humildade é a verdade; por isso o Espírito Santo nos adverte que, — se soubermos distinguir o precioso do vil, isto é, o que é de Deus do que é nosso, — seremos como que a sua boca, que sempre diz a verdade<sup>6</sup>. Devemos pois repetir sempre esta súplica de Sto. Agostinho: *Que eu me conheça a mim e vos conheça a vós*<sup>7</sup>. É também o que continuamente dizia a Deus S. Francisco de Assis, por estas palavras: “Quem sois vós e quem sou eu?” Estava tão compenetrado a um tempo, da grandeza e bondade que via em Deus, como da indignidade e miséria que descobria em sim mesmo. É assim que, à vista do Bem infinito, os santos se abatem até ao centro da terra; quanto melhor conhecem a Deus, tanto mais pobres e cheios de defeitos se reconhecem. Os orgulhosos, ao contrário, mal conheceu o seu nada, porque estão às escuras.

Separemos portanto o que nos pertence a nós do que pertence a Deus. Da nossa parte só temos miséria e pecado. De fato, o que somos nós senão um pouco de pó manchado de iniquidades? E podemos orgulhar-nos? *Porque se encheu de orgulho o que é terra e cinza?*<sup>8</sup> A nobreza, a riqueza, os talentos e os outros dons da natureza são apenas um manto lançado sobre os ombros dum pobre mendigo. Acaso não olharíeis como um louco o pedinte que se orgulhasse com sua cobertura bordada a ouro, que lhe houvessem

emprestado? *Que tendes vós que não hajais recebido? E se o recebestes, porque vos gloriáis, como se o devêsseis a vós mesmos?*<sup>9</sup> Que possuíis vós que não tendes recebido de Deus, e que ele não possa tirar-nos, quando lhe aprouver? Mais ainda, dispensa-nos Deus os dons preciosos da sua graça, e nós misturamos-lhes inumeráveis faltas, distrações, fins desordenados e impaciências. *Todas as nossas boas obras são como um tecido repleto de manchas*<sup>10</sup>. Deste modo, quando talvez nos cremos mais alumiados e ricos de merecimentos, — depois das nossas missas, ofícios e orações, — é que mais nos quadra a censura dirigida a um bispo no Apocalipse: *Dizes tu: Sou rico; e não sabes que és pobre, miserável, cego e nu?*<sup>11</sup> Pelo menos, desde que aos olhos de Deus conheçamos a nossa pobreza e imperfeições, cuide-mos de lhe endereçar as nossas súplicas, humilhando-nos e confessando as nossas misérias, conforme ensina S. Bernardo: *Suprireis com a humildade da vossa confissão o que falta ao vosso fervor*<sup>12</sup>. Estava ainda no mundo S. Francisco de Borja, quando um santo homem lhe aconselhou que, se queria fazer grandes progressos na virtude, não deixasse passar nenhum dia sem considerar a sua miséria. Dócil a este aviso, consagrava ele cada dia as duas primeiras horas da sua oração ao conhecimento e desprezo de si mesmo. Foi assim que chegou à santidade e nos deixou tão belos exemplos de humildade.

Diz Sto. Agostinho: Deus está alto; se te elevas, foge de ti; se te abaixas, desce para ti<sup>13</sup>. Aos humildes une-se o Senhor de boa vontade, e enriquece-os das suas graças; dos orgulhosos, afasta-se, e foge deles com horror<sup>14</sup>. Ouve as preces dos humildes: *A oração do que se humilha atravessará as nuvens... e não se retirará sem que o Altíssimo a tenha atendido*<sup>15</sup>. Repele ao contrário as orações dos soberbos: *Resiste Deus aos soberbos e dá a sua graça aos humildes*<sup>16</sup>. Aos orgulhosos não quer vê-los senão de longe: *Está Deus muitíssimo alto e olha com benevolência as coisas baixas; as altas olha-as de longe*<sup>17</sup>. As pessoas que vemos ao longe não as conhecemos; assim de certo modo parece que Deus não conhece nem ouve os orgulhosos que lhe pedem. Quando esses o invocam, responde-lhes: *Em verdade vos digo que não vos conheço*<sup>18</sup>. Numa palavra, os orgulhosos são abomináveis a Deus e aos homens<sup>19</sup>. Por vezes se vêem os homens obrigados a prestar homenagem aos soberbos; mas no seu coração detestam-nos e desprezam-nos, até em presença dos outros: *Onde reina a soberba, lá reinará também o desprezo*<sup>20</sup>.

Falando da humildade de Santa Paula, S. Jerônimo tece-lhes este elogio: *Obtinha a glória, fugindo dela; porque, assim como a sombra segue o homem que a evita, e parece fugir do que corre atrás dela, assim a glória se liga ao homem que a despreza, e se afasta de quem a procura*<sup>21</sup>. *Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado*<sup>22</sup>. Se um padre, por exemplo, fizer uma boa obra e não falar dela, os que vierem a conhecê-la todos lhe darão louvores; se ele a publicar, para ser aplaudido, colherá desprezos em vez de louvores. Que vergonha, exclama S. Gregório, ver os que devem ensinar a humildade, tornarem-se pelo mau exemplo doutores do or-

gulho!<sup>23</sup> Desnecessário será dizer que não se fala dos benfeitores senão para manifestar o bem e dar por ele glória a Deus. Falar da obra, diz Sêneca, é louvar o obreiro<sup>24</sup>. Quem vos ouvir publicar o bem que tendes feito, há de acreditar que o fazeis para serdes louvado; assim perdereis a estima dos homens e o merecimento diante de Deus que, ao ver-vos procurar os louvores do mundo, vos aplicará esta sentença do Evangelho: *Na verdade, na verdade vos digo, já receberam o seu salário*<sup>25</sup>. Declara o Senhor que abomina, dum modo especial, três espécies de pecadores: *O pobre soberbo, o rico mentiroso e o velho insensato*<sup>26</sup>. Vê-se que o primeiro na aversão de Deus é o pobre soberbo.

## II

### Prática da humildade

Vamos agora à prática: vejamos o que temos a fazer para sermos verdadeiramente humildes, não de nome mas de fato.

#### 1. Ter horror ao orgulho

Primeiro que tudo, devemos conceber um grande horror pelo orgulho, porque Deus, como acima vimos, resiste aos orgulhosos e priva-os das suas graças. Um padre, sobretudo para se conservar casto, necessita duma assistência particular de Deus; como pois, se for orgulhoso, poderá guardar a castidade, quando o Senhor lhe retirar o auxílio, em castigo do seu orgulho?

O orgulho, diz o Sábio, é o sinal duma ruína próxima<sup>27</sup>. Por isso Sto. Agostinho chega a dizer que, de certo modo, é proveitoso aos orgulhosos caírem nalgum pecado manifesto, para que aprendam a humilhar-se e a desprezar-se a si próprios<sup>28</sup>. Assim Davi caiu em adultério, por falta de humildade, como depois confessou nestes termos: *Pequei antes de ser humilhado*<sup>29</sup>. Diz S. Gregório que o orgulho produz a impudicícia; porque a carne precipita no inferno os que se deixam enfatuar pelo espírito de orgulho<sup>30</sup>. *Está no meio deles o espírito de fornicção... E a arrogância de Israel se ostenta no seu rosto*<sup>31</sup>. Perguntai a um impudico porque recai sempre nas mesmas torpezas: *Respondebit arrogantia*: responderá por ele o orgulho, apresentando-se como causa; porque o Senhor castiga a audácia presunçosa do orgulhoso, permitindo-lhe que se afunde nas suas baixezas. Como diz o Apóstolo, foi o castigo infligido outrora ao orgulho dos sábios do mundo: *Por isso os entregou Deus aos desejos do seu coração, à impureza, para que desonrassem o seu próprio corpo*<sup>32</sup>. O demônio não teme os orgulhosos. Refere Cesário (*Dial. I. 4. c. 5*) que um dia um possesso, tendo sido levado a um mosteiro de Citeaux, o abade chamou para junto de si um jovem religioso, com grande fama de virtude, e disse ao demônio: *Se este religioso te mandasse sair, ousarias tu resistir?* — “Desse não tenho eu medo, porque é orgulhoso, respondeu o espírito maligno”. — S. José Calasâncio dizia que um padre orgulhoso é nas

mãos do demônio como uma péla de jogar, que ele arremessa e faz cair onde lhe apraz.

Sempre os santos têm temido mais o orgulho e a vanglória que todo os males temporais. Conta Súrrio (*8 de jan. V. S. Sever.*) que um santo homem, a quem os seus milagres atraíam a estima e veneração de todo o mundo, pediu ao Senhor que o tornasse possesso do demônio, para se pôr a salvo das freqüentes tentações de vanglória, que o assaltavam; foi ouvido, e permaneceu possesso durante cinco meses, passados os quais foi livre do espírito infernal, e ao mesmo tempo do espírito de vaidade que o atormentava. Neste intuito permite Deus que os próprios santos estejam expostos às tentações de impureza e, apesar das suas súplicas, persistam no combate. Foi o que aconteceu a S. Paulo, como ele escreveu: *Para que a grandeza destas revelações me não fizesse orgulhar, foi-me dado o aguilhão da carne, um anjo de Satanás que me prega bofetadas. Por essa causa três vezes pedi a Deus que me livrasse dele; e respondeu-me: Basta-te a minha graça; porque a virtude aperfeiçoa-se na fraqueza*<sup>33</sup>. Assim, diz S. Jerônimo, foi dado a S. Paulo o aguilhão da carne, como despertador para o conservar na humildade<sup>34</sup>. Donde S. Gregório conclui que, para se conservar a castidade em toda a sua integridade, é necessário confiá-la à guarda da humildade<sup>35</sup>.

Façamos aqui uma reflexão: Para humilhar o orgulho do povo egípcio, mandou-lhe o Senhor como tormento, não ursos ou leões, mas rãs. Que quer isto significar? Que algumas vezes permite Deus que sejamos atormentados por certas palavras insignificantes que ouvimos, por pequenas aversões, por coisas de nada, para que reconheçamos a nossa miséria e nos humilhemos.

## 2. Não se gloriar do bem praticado

Em segundo lugar é necessário que estejamos prevenidos contra a vaidade, por qualquer bem de que sejamos instrumentos, — nós principalmente que nos achamos erguidos à sublime dignidade do sacerdócio. Como são altos os nossos ministérios! Foi-nos confiada a augusta função de oferecer a Deus o seu próprio Filho. Como diz S. Paulo, foi-nos conferida a missão de reconciliar os pecadores com Deus, pela pregação e administração dos sacramentos<sup>36</sup>. Somos os embaixadores e vigários de Jesus Cristo, órgãos de Espírito Santo<sup>37</sup>. São as mais altas montanhas, diz S. Jerônimo, que estão mais expostas aos ventos impetuosos; assim, quanto mais sublime é o nosso ministério, tanto mais sujeitos estamos aos assaltos da vanglória. Todos nos estimam, e nos olham como sábios e santos; facilmente se perturba a cabeça dos que estão em grandes alturas. Quantos padres, por falta de humildade, caíram no precipício! Montano chegou a fazer milagres, e depois a ambição fez dele um heresiarca. Taciano compôs muitos e belos escritos contra os idólatras, e o orgulho fê-lo cair também na heresia. O irmão Justino, franciscano, foi precipitado pelo orgulho, dos mais altos graus da contemplação, na apostasia, e morreu como réprobro. Na *Vida de S. Palemon* se lê que um monge, caminhando sobre carvões ardentes se gloriava e dizia: “Qual de

vós pode caminhar sobre brasas, sem se queimar?” S. Palemon repreendeu-o, mas o desgraçado encheu-se de orgulho, caiu num pecado e morreu em mau estado.

Dominado pelo orgulho, o homem espiritual é o mais culpado de todos os bandidos, porque o que ele arrebatava não são bens de terra, é a glória do Céu. S. Francisco tinha o costume de fazer esta súplica: “Senhor! guardai vós mesmo os bens que me derdes; de contrário, eu vo-los roubaria”. Tal é a oração que também nós, os padres devemos fazer. Digamos sempre com S. Paulo: *Tudo quanto sou, à graça de Deus o devo*<sup>38</sup>. De fato, segundo o mesmo Apóstolo, somos incapazes, não só de boas obras, mas até de termos de nós mesmos um bom pensamento<sup>39</sup>. Daí a advertência que o Senhor nos faz: *Uma vez cumprido o que vos é prescrito, dizei: Somos servos inúteis; só fizemos o que era do nosso dever*<sup>40</sup>. Que podem aproveitar a Deus todas as nossas obras? que necessidade pode ele ter dos nossos bens? *Sois vós o meu Deus*, dizia Davi, *não careceis dos meus bens*<sup>41</sup>. Em Jó lê-se: *Se fizerdes o bem, o que é que lhe dais?*<sup>42</sup> Que dádiva podeis oferecer a Deus, que o torne mais rico? Somos ainda servos inúteis, porque tudo quanto fazemos nada é, para um Deus que merece um amor infinito e tanto sofreu por nosso amor. Razão por que o Apóstolo dizia de si mesmo: *Se pregar o Evangelho, não tenho que me gloriar disso, porque é dever meu fazê-lo*<sup>43</sup>. Por dever e também por gratidão estamos obrigados a fazer por Deus o que pudermos, e tanto mais que tudo o que fazemos é mais obra sua do que nossa. “Quem não mofaria das nuvens, se elas se gloriassem da chuva que nos dão?” É S. Bernardo quem assim fala, e acrescenta que nas obras dos santos os louvores devem ir menos para os que as fazem, do que para Deus, que se serve deles para as fazer<sup>44</sup>. No mesmo sentido diz Sto. Agostinho, dirigindo-se a Deus: Se algum bem há, grande ou pequeno, é de vós que ele promana; da nossa parte só há mal<sup>45</sup>. E noutra parte: Quem vos apresentar como seus alguns merecimentos, que vos apresentará senão os vossos dons?<sup>46</sup>

Assim, quando fazemos algum bem, devemos dizer ao Senhor: *O que das vossas mãos temos recebido, é o que vos retribuimos*<sup>47</sup>. Quando Sta. Teresa fazia ou via fazer alguma obra boa, louvava a Deus, dizendo que dele derivava todo o bem. Dali esta advertência de Sto. Agostinho, — que, se a humildade não caminhar na vanguarda, tudo quanto fizermos de bem se tornará presa do orgulho<sup>48</sup>. Está o orgulho como de emboscada para fazer perecer as nossas boas obras<sup>49</sup>. É o que fazia dizer a S. José Calasâncio: quanto mais Deus nos favorece com graças particulares, tanto mais nos devemos humilhar, se não queremos perder tudo.

Por um pouco de estima própria se compromete tudo. Multiplicar atos de virtude, sem a humildade, é o mesmo que lançar poeira ao vento, diz S. Gregório<sup>50</sup>. E Tritêmio ajunta: Se desprezais os outros, tornais-vos piores que todos<sup>51</sup>.

Nunca os santos se gloriam das suas vantagens, antes procuram fazer conhecer aos outros o que pode redundar em confusão sua. O Pe. Vilanova, da Companhia de Jesus, não tinha nenhuma repugnância em dizer a toda a

gente que o seu irmão era um pobre artista. O Pe. Sacchini, da mesma Companhia, encontrando em público seu pai, que era um pobre almocreve, correu logo a abraçá-lo, exclamando: “Ó! eis o meu pai!” Cuidemos de ler as Vidas dos santos, e perderemos o orgulho: nelas encontramos atos heróicos, e cuja vista coraremos de tão pouco haveremos feito.

### 3. Manter-se na desconfiança de si mesmo

Em terceiro lugar, é necessário que vivamos numa contínua desconfiança de nós mesmos. Se Deus nos não assistir, não poderemos conservar-nos na sua graça: *Se Deus não guardar a cidade, de balde vigiará o que a guarda*<sup>52</sup>. Há santos que, com pouca ciência, converteram povos inteiros. Santo Inácio de Loyola<sup>53</sup> fazia em Roma discursos familiares, e até cheios de expressões impróprias; apesar disso, como eram palavras que saíam dum coração humilde e abrasado do amor de Deus, produziam um tal fruto, que os ouvintes iam logo confessar-se com tantas lágrimas que mal podiam falar. Pelo contrário, há sábios que pregam e, com toda a sua ciência e eloquência, não convertem uma só alma. É sobre eles que recai esta palavra de Oséas: *Dá-lhes um seio estéril e peitos sem leite*<sup>54</sup>. Inchados com o seu saber, tais pregadores são mães estéreis, mães apenas de nome e sem filhos. E, se os filhos dos outros vem pedir-lhes leite, morrerão à míngua, porque os orgulhosos só estão cheios de vento e fumo; só têm a ciência que incha<sup>55</sup>. Tal a desgraça a que os sábios estão expostos. É difícil, como escrevia o cardeal Belarmino a seu sobrinho, que um sábio seja muito humilde, que não despreze os outros, que não critique as suas ações; que não se apegue ao seu próprio juízo, e se sujeite de boa vontade ao pensar dos outros e às suas correções.

Sem dúvida, quem prega não deve falar ao acaso; é necessário que tenha meditado e estudado; mas, depois de termos preparado o nosso discurso, e depois de o pronunciarmos com clareza e facilidade, devemos dizer: *Servi inutiles sumus*. O fruto dele não devemos esperá-lo do nosso trabalho, mas da graça de Deus. Com efeito, que proporção pode haver entre as nossas palavras e a conversão dos pecadores? *Poderá gloriar-se o machado, em detrimento de quem se serve dele?*<sup>56</sup> Terá direito a dizer-lhe: Fui eu que cortei esta árvore; não foste tu? Somos como bocados de ferro incapazes de nos movermos, se o próprio Deus nos não imprimir o movimento. Disse o divino Mestre: *Sem mim, nada podeis*<sup>57</sup>; o que Sto. Agostinho comenta assim: Não diz: Sem mim pouco podeis; mas diz: *Nada podeis*. E de si mesmo diz o Apóstolo: *Por nós mesmos, nem um bom pensamento podemos formar*<sup>58</sup>. Se nem um bom pensamento podemos ter, quanto menos fazer uma boa obra! *Nem o que planta, nem o que rega é coisa alguma, só é tudo Deus, que dá o crescimento*<sup>59</sup>. Não são o pregador e o confessor que por suas palavras fazem crescer as almas na virtude; é Deus quem faz tudo. Donde S. João Crisóstomo conclui: Reconheçamos a nossa inutilidade, para que nos tornemos úteis<sup>60</sup>. Assim, quando nos louvarem, devolvamos logo a honra para

Deus, único a quem ela pertence e digamos: *Só a Deus a honra e a glória*<sup>61</sup>. E, quando a obediência nos impuser algum cargo, ou mandar alguma ação, não nos deixemos ir à desconfiança, considerando a nossa incapacidade; confiemos em Deus que, falando-nos pela boca do superior nos diz: *Eu estarei na vossa boca*<sup>62</sup>.

O Apóstolo dizia: *De bom grado me gloriarei nas minhas enfermidades, para que a virtude de Jesus Cristo habite em mim*<sup>63</sup>. É o que nós devemos também dizer: devemos gloriar-nos no conhecimento da nossa fraqueza, para adquirirmos a virtude de Jesus Cristo, a santa humildade. Ó! que grandes coisas podem levar a cabo os humildes! Nada lhes é difícil, diz S. Leão<sup>64</sup>. De fato, os humildes, confiando em Deus, operam com o braço de Deus e conseguem quanto querem. *Os que operam no Senhor crescerão em força*<sup>65</sup>. S. José Calasâncio dizia: “Quem quer que Deus se sirva dele para grandes coisas, deve procurar ser o mais humilde de todos”. Só ao humilde pertence dizer: *Posso tudo naquele que me conforta*<sup>66</sup>. Esse, à vista duma empresa difícil, não perde a coragem, antes diz confiado: *Com o auxílio de Deus faremos grandes coisas*<sup>67</sup>. Para converter o mundo, não quis Jesus Cristo escolher homens poderosos e sábios, mas pescadores pobres e ignorantes, porque eram humildes e não confiavam nas suas próprias forças: *Escolheu Deus as coisas fracas do mundo, para confundir os fortes... para que nenhuma carne se glorie na sua presença*<sup>68</sup>.

Não nos deve lançar no desalento a consideração dos nossos defeitos. Por dolorosa que seja a facilidade com que recaímos nas mesmas faltas, apesar das resoluções tomadas e das promessas que fazemos a Deus, não nos abandonemos à desconfiança, como o demônio nos insinua, para nos precipitar em pecados mais graves. Então mais que nunca devemos avivar a nossa confiança em Deus, servindo-nos dos próprios defeitos para mais confiarmos na misericórdia divina, conforme a palavra do Apóstolo: *Todas as coisas concorrem para o nosso bem*<sup>69</sup>. A Glosa acrescenta: “Até os nossos pecados”. Por vezes permite o Senhor que se caia, ou se recaia em certa falta, para que se aprenda a não confiar nas próprias forças, mas sim no socorro divino. Era o que fazia dizer a Davi: Senhor, permitiste as minhas quedas para meu bem<sup>70</sup>.

### 4. Aceitar as humilhações

Em quarto lugar, para adquirir a humildade, é necessário acima de tudo que aceitemos as humilhações, que nos advierem, ou de Deus ou dos homens, dizendo então com sinceridade: *Tenho pecado, sou verdadeiramente culpado, e não tenho sido castigado como merecia*<sup>71</sup>. Pessoas há, nota S. Gregório<sup>72</sup>, que se dizem pecadoras e dignas de todo o desprezo, mas não se crêem tais; porque apenas são desprezadas ou repreendidas logo se irritam. São muitos os que têm as aparências da humildade, diz igualmente Sto. Ambrósio, mas sem terem dela a realidade<sup>73</sup>. Fala Cassiano<sup>74</sup> dum certo monge que protestava em altas vozes que era um grande pecador, indigno de per-

manecer sobre a terra. Na mesma ocasião foi repreendido duma falta considerável pelo abade Serapion: era de andar ocioso pelas celas dos outros, em vez de estar na sua, conforme o preceito da regra. Mas logo esse monge se perturbou, dando sinais exteriores de sua agitação. Então lhe disse o abade: “Como é isso, meu filho! Acabaste de te declarares digno de todos os opróbrios, e dás-te por magoado com a advertência caridosa que te fiz?” O mesmo acontece a muitos que desejariam ser tidos por humildes, mas que não querem sofrer nenhuma humilhação. *Homem há, diz o Sábio, que se humilha com vistas humanas, mas tem o coração cheio de malícia*<sup>75</sup>. Procurar ser louvado pela sua humildade, dizia S. Bernardo, não é efeito, mas ruína da humildade<sup>76</sup>. É isso alimentar o orgulho com a ambição de ser humilde. Quem é verdadeiramente humilde, não contente com ter de si mesmo uma baixa idéia, quer ainda que os outros a tenham também. É humilde, diz S. Bernardo, quem muda a humilhação em humildade. Quer isto dizer que o homem verdadeiramente humilde, ao receber desprezos, se humilha ainda mais, dizendo que bem os mereceu<sup>77</sup>.

Pensemos enfim que, se não formos humildes, não só não faremos nenhum bem, mas nem mesmo chegaremos a salvar-nos: *Se não vos converterdes, e não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus*<sup>78</sup>. É necessário portanto, para entrarmos no Céu, fazermos-nos como criancinhas, não pela idade, mas pela humildade. Segundo S. Gregório, assim como o orgulho é um sinal da reprovação, a humildade é um sinal de predestinação<sup>79</sup>. E S. Tiago nos dá estes aviso: *Resiste Deus aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes*<sup>80</sup>. Para os orgulhosos fecha o Senhor a sua mão e retém as suas graças; mas abre-as para os humildes. — Sê humilde, diz o mesmo Eclesiástico, e espera da mão de Deus todas as graças que desejares<sup>81</sup>. E o nosso Salvador diz: *Na verdade, na verdade vos digo, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer nela, permanecerá só e estéril; mas se morrer produzirá muito fruto*<sup>82</sup>. O padre que morre ao orgulho, há de fazer muito fruto; o que não morre a si mesmo, o que é sensível aos desprezos, ou confia nos seus talentos, *ipsum solum manet*, esse permanecerá só, e nenhum fruto produzirá, nem para si, nem para os outros.

---

1. *Discite a me quia mitis sum et humilis corde* (Matth. 11, 29).  
 2. *Tanto quisque debet esse humilior, quanto est sublimior* (De 7 Donis Sp. S.).  
 3. *Humilitas et sacerdotum gemma* (De Inst. proel. c. 21).  
 4. *In summo honore summa tibi sit humilitas* (De Virt. et Vit. c. 10).  
 5. *Qui major est in vobis, fiat sicut minor* (Luc. 22, 26).  
 6. *Si separaveris pretiosum a vili, quasi os meum eris* (Jer. 15, 19).  
 7. *Noverim me, noverim te* (Solit. I. 2. c. 1).  
 8. *Quid superbit terra et cinis?* (Eccli. 10, 9).  
 9. *Quid autem habes, quod non accepisti? Si autem accepisti, quid gloriaris, quasi non acceperis?* (1. Cor. 4, 7).  
 10. *Quasi pannus menstruatae, universae justitiae nostrae* (Is. 64, 6).  
 11. *Dicis: Quod dives sum; et nescis quia tu es miser, et miserabilis, et caecus, et nudus* (Apoc. 3, 17).

12. *Quidquid minus est in te fervoris, humilitas supplebit confessionis* (De Int. domo c. 21).  
 13. *Altus est Deus. Erigis te, et fugit a te; humilias te, et descendit ad te* (Serm. 177. E. B. app.).  
 14. *Abominatio Domini est omnis arrogans* (Prov. 16, 5).  
 15. *Oratio humiliantis se nubes penetrabit... et non discedet, donec Altissimus aspiciat* (Eccli. 35, 21).  
 16. *Deus superbis resistit; homilibus autem dat gratiam* (Jac. 4, 6).  
 17. *Excelsus Dominus, et humilia respicit; et alta a longe cognoscit* (Ps. 137, 6).  
 18. *Amen dico vobis, nescio vos* (Matth. 25, 12).  
 19. *Odibilis coram Deo et hominibus superbia* (Eccli. 10, 7).  
 20. *Ubi fuerit superbia, ibi erit contumelia* (Prov. 11, 2).  
 21. *Fugiendo gloriam, gloriam merebatur, quae virtutem quasi umbra sequitur, et, appetitores sui deserens, appetit contemptores* (Ep. ad Eustoch.).  
 22. *Qui autem se exaltaverit, humiliabitur; et qui se humiliaverit, exaltabitur* (Matth. 23, 12).  
 23. *Doctores humilium, duces superbiae!* (Epist. I. 4. ep. 32).  
 24. *Qui rem non tacuerit, non tacebit auctorem* (Epist. 105).  
 25. *Amen dico vobis, receperunt mercedem suam* (Matth. 6, 2).  
 26. *Tres species odivit anima mea... pauperem superbum, divitem mendacem, senem fatuum* (Eccli. 25, 3).  
 27. *Contritionem praecedat superbia; et ante ruinam, exaltatur spiritus* (Prov. 16, 10).  
 28. *Audeo dicere, superbis esse utile cadere in aliquod apertum peccatum, unde sibi displiceant* (De Civ. D. I. 14. c. 13).  
 29. *Priusquam humiliarer, ego deliqui* (Ps. 118, 67).  
 30. *Multis saepe superbia luxuriae seminarium fuit; quia, dum eos spiritus quasi in altum erexit, caro in infimis mersit* (Moral. I. 26. c. 12).  
 31. *Spiritus fornicationum in medio eorum... Et respondebit arrogantia Israel in facie ejus* (Os. 5, 4).  
 32. *Propter quod tradidit illos Deus in desideria cordis eorum, in immunditiam, ut contumeliis afficiant corpora sua in semetipsis* (Rom. 1, 24).  
 33. *Et me magnitudo revelationum extollat me, datus est mihi stimulus carnis meae, angelus Satanae, qui me colaphizet. Propter quod ter Dominum rogavi, ut discederet a me: et dixit mihi: Suficit tibi gratia mea; nam virtus in infirmitate perficitur* (2. Cor. 12, 7).  
 34. *Ad revelationum humiliandam superbiam, monitor quidam humanae imbecillitatis apponitur* (Ep. ad Paulam.).  
 35. *Per humilitatis custodiam servanda est munditia castitatis* (Moral. I. 26. c. 11).  
 36. *Dedit nobis ministerium reconciliationis* (2. Cor. 5, 18).  
 37. *Pro Christo ergo legatione fungimur, tamquam Deo exhortante per nos* (Ibidem 20).  
 38. *Gratia autem Dei sum id quod sum* (1. Cor. 15, 10).  
 39. *Quod non sufficientes simus cogitare aliquid a nobis* (2. Cor. 3, 5).  
 40. *Cum feceritis omnia quae praecepta sunt vobis dicite: Servi inutiles sumus; quod debuimus facere, fecimus* (Luc. 17, 10).  
 41. *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges* (Ps. 15,2).  
 42. *Si juste egeris, quid donabis ei, aut quid de manu tua accipiet?* (Job 35, 7).  
 43. *Si evangelizavero, non est mihi gloria, necessitas enim mihi incumbit* (1. Cor. 9, 16).  
 44. *Si gloriantur nubes, quod imbres genuerint, quis non irrideat? — Laudo Deum in santis suis, qui, in ipsis manens, ipse facit opera* (In Cant. s. 13).  
 45. *Si quid boni est, parvum vel magnum, donum tuum est; et nostrum non est nisi malum* (Solil. an. ad D. c. 15).  
 46. *Quisquis tibi enumerat merita sua, quid tibi enumerat, nisi munera tua?* (Conf. I. 9. c. 13).  
 47. *Quae de manu tua accepimus, dedimus tibi* (1. Part. 29, 14).  
 48. *Nisi humilitas praecesserit, totum extorquet de manu superbia* (Epist. 118. E. B.)  
 49. *Superbia bonis operibus insidiatur, ut pereant* (Epist. 211. E. B.).  
 50. *Qui sine humilitate virtutes congregat, quasi in ventum pulverem portat* (In Ps. poenit. 3).  
 51. *Caeteros contempsisti; caeteris pejor factus es.*

52. *Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat, qui custodit eam. — Nisi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt, qui aedificant eam (Ps. 126,1).*
53. *Ribadeneira (Vit. I. 3. c. 2).*
54. *Da eis vulvam sine liberis et ubera arentia (Os. 9, 14).*
55. *Scientia inflat (1. Cor. 8, 1).*
56. *Numquid gloriabitur securis contra eum qui secat in ea? (Is. 10, 15).*
57. *Sine me, nihil potestis facere (Jo. 15, 5)*
58. *Non quod sufficientes simus cogitare aliquid a nobis (2. Cor. 3. 5).*
59. *Neque qui plantat, est aliquid, neque qui rigat, sed qui incrementum dat, Deus (1. Cor. 3, 7).*
60. *Nos dicamus inutiles, ut utiles efficiamur (Ad pop. ant. hom. 7. 38).*
61. *Soli Deo honor et gloria (1. Tim. 1, 17).*
62. *Ego ero in ore tuo (Exod. 4, 15).*
63. *Libenter igitur gloriabor in infirmitatibus meis, ut inhabitet in me virtus Christi (2. Cor. 12, 9).*
64. *Nihil arduum est humilibus (De Epiph. s. 5).*
65. *Qui autem sperant in Domino, mutabunt fortitudinem (Is. 40, 31).*
66. *Omnia possum in eo qui me confortat (Phil. 4, 13).*
67. *In Deo faciemus virtutem (Ps. 59, 14).*
68. *Infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia... ut non gloriatur omnis caro in conspectu ejus (1. Cor. 1, 27).*
69. *Omnia cooperantur in bonum (Rom. 8, 28).*
70. *Bonum mihi quia humiliasti me (Ps. 118, 71).*
71. *Peccavi et vere deliqui, et, ut eram dignus, non recepi (Job. 33, 27).*
72. *Moral. I. 22. c. 14.*
73. *Multi habent humilitatis speciem, virtutem non habent (Ep. 44).*
74. *Callat. 18. c. 11.*
75. *Est qui nequiter humiliat se, et interiora ejus plena sunt dolo (Eccli. 19, 23).*
76. *Appetere de humilitate laudem, humilitatis est, non virtus, sed subversio (In Cant. s. 16).*
77. *Est humilis, qui humiliationem convertit in humilitatem (In Cant. s. 34).*
78. *Nisi conversi fueritis, et efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum (Matth. 13, 3).*
79. *Reprobatorum signum superbia est; et contra, humilitas electorum (Moral. I. 34. c. 22).*
80. *Deus superbis resistit; humilibus autem dat gratiam (Iac. 4, 6).*
81. *Humiliare Deo, et exspecta manus ejus (Eccli. 13, 9).*
82. *Amen, amen, dico vobis: nisi granum frumenti, cadens in terram, mortuum fuerit, ipsum solum manet; si autem mortuum fuerit, multum fructum afferet (Jo. 12, 24).*

## SÉTIMA INSTRUÇÃO

### Sobre a doçura

*Aprende de mim que sou doce e humilde do coração*<sup>1</sup>. A doçura é chamada a virtude do Cordeiro, isto é, de Jesus Cristo, que sob este nome quis ser designado: *Eis o Cordeiro de Deus*<sup>2</sup>. *Enviai, ó Senhor, o Cordeiro dominador da terra*<sup>3</sup>. E foi predito que ele na sua paixão se comportaria como um cordeiro: *Permanecerá mudo como um cordeiro diante do tosquiador, e não abrirá a boca*<sup>4</sup>. *Sou como um cordeiro cheio de mansidão, que levam a imolar no altar*<sup>5</sup>. Assim a doçura foi a virtude predileta do nosso Salvador. Mostrou ele quanto era doce, beneficiando os ingratos, respondendo com bondade aos seus contraditores, e suportando sem se queixar os que o injuriavam e maltratavam: *Quando o maldiziam, não amaldiçoava; quando o maltratavam, não fazia ameaças*<sup>6</sup>. Tendo sido flagelado, coroado de espinhos, cuspidado, pregado na cruz e coberto de opróbrios, tudo esqueceu, e orou pelos que o tinham tratado tão indignamente. É propondo-nos um tal exemplo que nos exorta sobretudo à prática da humildade e da doçura.

De todas as virtudes, diz S. João Crisóstomo, é a doçura que nos torna mais semelhantes a Deus<sup>7</sup>. Na verdade, é próprio de Deus tornar bem por mal, conforme a palavra do Redentor: *Fazei bem aos que vos odeiam... para serdes verdadeiros filhos do vosso Pai que está nos céus, e faz nascer o sol sobre os bons e os maus*<sup>8</sup>. E é o que ainda faz dizer a S. João Crisóstomo — que são apenas os homens doces, que Jesus Cristo apelida imitadores de Deus<sup>9</sup>.

Aos que são doces é prometido o Paraíso<sup>10</sup>. “A doçura, diz S. Francisco de Sales, é a flor da caridade”<sup>11</sup>. E o Eclesiástico declara que um coração doce e fiel faz as delícias do Senhor<sup>12</sup>. Os que são doces não sabe Deus repeli-los<sup>13</sup>. Sempre lhe são extremamente agradáveis as orações dos humildes e doces<sup>14</sup>.

Ora, a virtude da doçura consiste em duas coisas: 1.<sup>a</sup> em reprimir os movimentos de cólera contra os que os provocam; 2.<sup>a</sup> em suportar os desprezos.

## É necessário reprimir a cólera

Diz Sto. Ambrósio que a cólera é uma paixão que se deve prevenir ou reprimir<sup>15</sup>. Quem se sente inclinado a este vício deve ser diligente em fugir às ocasiões; e, se tiver de encontrar-se nelas, deve estar na firme resolução de se calar, ou de responder com doçura, e prevenir-se com a oração, pedindo ao Senhor a força para resistir e conter-se. Alguns, para se desculparem, dizem que tal pessoal é insuportável, que ninguém a satisfaz... A virtude da doçura, observa S. João Crisóstomo, não consiste em usar de doçura com os doces; exige que se seja doce com os que não sabem o que é a doçura<sup>16</sup>. Em especial, quando o próximo está irritado, não há melhor meio para o acalmar, do que responder-lhe com doçura: *Uma resposta doce quebrando a cólera*<sup>17</sup>. Assim como a água apaga o fogo, assim, diz S. João Crisóstomo, uma resposta doce abrandando a cólera dum nosso irmão, por muito exasperado que ele esteja<sup>18</sup>. Isto está de acordo com o dizer do Eclesiástico: *A linguagem doce concilia muitos amigos, e pacifica os inimigos*<sup>19</sup>. E o santo Doutor acrescenta: Nem o fogo se apaga com fogo, nem o furor com furor<sup>20</sup>. Mesmo com os pecadores mais pervertidos, obstinados e insolentes, é necessário que nós, os padres, usemos da máxima doçura possível, para os atrairmos a Deus. Não estais constituídos juizes de crimes, para castigardes, diz Hugo de S. Vítor, mas de enfermos para os curardes<sup>21</sup>.

Quando nos sentimos agitados por algum impulso de cólera, o único remédio é calarmo-nos e pedir ao Senhor que nos dê força para não respondermos. O melhor remédio para a cólera, diz Sêneca, é esperar<sup>22</sup>. De fato, se falarmos no fogo da paixão, o que dissermos nos parecerá justo, embora seja de todo o ponto injusto e censurável; porque a paixão é como um véu diante dos olhos; impede-nos de ver o alcance das nossas palavras, conforme o pensamento de S. Bernardo: O olho perturbado pela cólera vê claro<sup>23</sup>.

Por vezes nos parece justo, necessário até, reprimir a audácia dum insolente, dum inferior, por exemplo, que nos falta ao respeito. Então, sem dúvida, rigorosamente falando, conviria entrar numa cólera moderada, como ensina o Doutor angélico<sup>24</sup>, mas seria necessário que isso se fizesse sem pecar, como diz Davi: *Irai-vos, mas não pequeis*<sup>25</sup>. Eis a dificuldade. É muito arriscado o estado de cólera: é como que montar um cavalo feroz, que não obedece ao freio; não se sabe até onde ele nos levará. Por isso mesmo S. Francisco de Sales nos assegura que é sempre conveniente reprimir os movimentos da cólera, por mais justa que nos pareça a causa dela: “Mais vale, acrescenta ele, que digam de vós que nunca vos irais, do que dizerem que vos irais com justiça”<sup>26</sup>. E, segundo Sto. Agostinho<sup>27</sup>, desde que se deixa entrar a cólera na alma, com dificuldade se consegue lançá-la fora; por isso nos aconselha que de todo lhe fechemos a porta, logo que ela se apresente. De mais, se o repreendido vir que o seu superior está irado, pouco proveito colherá da correção, olhando-a antes como efeito da cólera que da caridade.

Uma repreensão feita com doçura e rosto sereno é mais útil que mil censuras, por justas que sejam, em estado de arrebatamento.

De resto, não exige a virtude da doçura que, para usarmos de indulgência e não desagradarmos ao próximo, deixemos de repreender com severidade, quando é necessário; não seria isso virtude, antes uma falta, uma negligência indesculpável. Ali daquele, diz o profeta que reclina os pecadores em almofadas, para que adormeçam em paz num sono mortal!<sup>28</sup> Esta complacência culpável, diz Sto. Agostinho, não é caridade nem doçura, mas negligência<sup>29</sup>. Proceder assim é ser cruel para com essas pobres almas, que se perdem à falta de quem as avise da sua desgraça. Ao tempo de ser operado, observa S. Cipriano, queixa-se um doente do cirurgião; mas depois de curado dá-lhe os seus agradecimentos<sup>30</sup>. Quer pois a doçura que, quando o dever nos obriga a repreender o próximo, o façamos sempre com firmeza, sim, mas também com mansidão. Para chegarmos a este resultado, o Apóstolo nos previne de que, antes de repreendermos os outros, consideremos os nossos próprios defeitos, para concebermos pelo próximo toda a compaixão, que temos para conosco: *Meus irmãos, se algum pecar, vós que sois espirituais repreendei-o com espírito de doçura, atendendo a vós mesmos, para não serdes tentados*<sup>31</sup>. No dizer de Paulo de Blois, é uma coisa vergonhosa ver um superior a corrigir com ira e azedume<sup>32</sup>. Tão vil é a cólera, diz Sêneca, que até os rostos mais belos torna horríveis<sup>33</sup>. Necessário é pois que neste ponto nos conformemos sempre com a máxima de S. Gregório: Que o amor nada tenha de mole; que o rigor não vá até exasperar o culpado; que a doçura seja indulgente, mas não ultrapasse os limites da conveniência<sup>34</sup>.

Não devem os médicos, diz S. Basílio, irritar os doentes; o que devem é curar-lhes as doenças<sup>35</sup>. Conta Cassiano<sup>36</sup> que um jovem religioso, assaltado por tentações violentas contra a castidade, foi ter com outro religioso de avançada idade, para que lhe prestasse algum auxílio; mas este, em vez de o ajudar e reanimar, mais o afligiu, fazendo-lhe censuras. Que aconteceu porém? O Senhor permitiu que esse velho de tal modo fosse atormentado pelo espírito impuro, que andasse pelo mosteiro a correr como um louco. O abade Sto. Apolônio, informado do seu procedimento indiscreto, disse-lhe então: “Fica sabendo, irmão meu, que Deus te permitiu esta prova, para que aprendas a ter compaixão dos outros”.

Quando pois virmos as fraquezas e quedas dos outros, longe de os invectivarmos com assomos de vaidade pessoal, devemos ajudá-los quanto possível e humilharmo-nos. De contrário, Deus permitirá que caiamos nas mesmas faltas que lhes censuramos. Sobre este assunto, refere ainda Cassiano que um abade chamado Macheta confessava ter caído miseravelmente em três faltas, que primeiro tinha condenado em seus irmãos. Razão por que Sto. Agostinho ensina que a correção sempre deve ser precedida, não de indignação, mas de compaixão para com o próximo<sup>37</sup>. E S. Gregório<sup>38</sup> ajunta que a consideração dos nossos próprios defeitos não deixará de nos tornar compassivos e indulgentes com as faltas dos outros.

Nada aproveitamos pois, nem para nós nem para os outros, com a cóle-

ra; ou melhor, sempre ela nos prejudica; quando nos não cause outros danos, pelo menos tira-nos a paz. Ao saber que tinha perdido uma parte dos seus bens, o filósofo Agripino contentou-se com dizer: “Se perdi a minha propriedade, não quero perder também a paz”. Como dizia Sêneca<sup>39</sup>, as injúrias por si mesmo não nos podem causar tamanho mal, como a cólera em que caímos ao recebê-las. Quem se irrita com os ultrajes que o recebe, a si próprio se atormenta, segundo o pensamento de Sto. Agostinho, que assim fala ao Senhor: Vós ordenastes que toda a alma que sai da ordem seja o algoz de si mesma<sup>40</sup>.

O mestre da doçura, S. Francisco de Sales<sup>41</sup>, ensina que devemos ser doces não só com os outros, mas conosco próprios. Pessoas há que, tendo cometido alguma falta, se irritam contra si mesmas, caem na inquietação e depois em mil outras faltas. O demônio, dizia S. Luís de Gonzaga, pesca sempre nas águas turvas. Não devemos perturbar-nos à vista dos nossos defeitos, porque a perturbação nesse caso é efeito do nosso orgulho e da alta idéia que tínhamos da nossa virtude. O que então temos a fazer é humilharmo-nos, e detestar em paz o pecado cometido, recorrendo ao mesmo tempo a Deus, e esperando dele a força para não mais recairmos.

Em resumo: os que são verdadeiramente humildes e doces vivem sempre em paz, e sempre conservam a tranqüilidade no coração, aconteça o que acontecer. Foi o que Jesus Cristo<sup>42</sup> lhes prometeu: *Aprende de mim que sou doce e humilde do coração e encontrareis a paz para as vossas almas (Matth. 11, 29)*.

E Davi tinha dito: *Os que são doces possuirão a terra, e gozarão duma paz deliciosa e profunda*<sup>43</sup>. Assim, S. Leão nos dá esta segurança: Não há injúria, nem perda, nem desgosto, qualquer que seja, que perturbe a paz dum coração, em que reine a doçura<sup>44</sup>. Se por desgraça nos acontecer cair em estado de cólera, esforcemo-nos então, conforme o conselho de S. Francisco de Sales, por conter os nossos ímpetos, de pronto, sem nos demorarmos a deliberar se convirá ou não fazê-lo. E depois de termos tido qualquer contestação com alguém, não deixemos prolongar a perturbação dela resultante; pratiquemos o ensino do Apóstolo: *Que o sol se não ponha sobre o vosso ressentimento; não abrais a porta ao demônio*<sup>45</sup>. Cuidemos primeiro de nos pormos em paz conosco, e reconciliemo-nos depois com a pessoa contra quem nos iramos, para que o demônio não possa com essa centelha acender em nós alguma chama mortal, que nos faça perecer.

## II

### É necessário suportar os desprezos

A segunda coisa, em que principalmente consiste a doçura, é na paciência em sofrer os desprezos. Dizia S. Francisco de Assis que muitas pessoas fazem consistir a sua perfeição em recitar muitas orações, ou fazer muitas mortificasses corporais, ao passo que não podem suportar uma palavra inju-

riosa. Não compreendem elas, ajuntava o santo, quanto lhes é mais proveitoso suportar as afrontas<sup>46</sup>. Maior mérito haverá em receber em paz uma injúria, que em jejuar dez dias a pão e água.

Segundo S. Bernardo, há três graus de virtude a que deve aspirar quem quer santificar-se: o primeiro é não querer dominar sobre os outros; o segundo querer estar sujeito a todos; o terceiro sofrer com paciência as injúrias<sup>47</sup>. Vereis, por exemplo, que se concede aos outros o que a vós se recusa; que o que os outros dizem é escutado; e o que vós dizeis escarnecido; que os outros são louvados, escolhidos para empregos honrosos e negócios importantes, e que de vós se não faz caso. Tudo quanto fazeis vos atrai censuras e remoques; então, diz S. Doroteu<sup>48</sup>, sereis verdadeiramente humildes, se aceitardes em paz todas estas humilhações, e se recomendardes a Deus, como vossos maiores benfeitores, os que assim vos tratam, curando o vosso orgulho, — a mais perigosa moléstia, capaz de vos dar a morte.

*Sêde pacientes na humilhação*<sup>49</sup>. Eis o que nessas circunstâncias é necessário fazer: não se irritar nem se queixar, mas receber esses desprezos como justos castigos dos próprios pecados. Maiores humilhações se mereciam, ofendendo a Deus: merecia-se estar sob os pés dos demônios. S. Francisco de Borja, numa viagem, teve de se deitar no mesmo leito com o seu companheiro, o Pe. Bustamanto, que sofria de asma, e levou a noite a tossir e a escarrar; julgava porém que escarrava para o lado da parede, e era sobre o santo que o fazia, e por vezes até sobre o seu rosto. Chegado o dia, ficou muito aflito ao ver que tinha feito, mas S. Francisco disse-lhe tranqüilamente: “Meu padre, não vos aflijais com isso; porque em todo este quarto não havia por certo lugar mais próprio para receber os vossos escarros que o meu rosto”.

Os orgulhosos crêem-se dignos de todas as honras, e as humilhações que recebem fazem-nos exasperar na sua soberba; os humildes, ao contrário, julgam-se dignos de todas as ignomínias, e aproveitam-nas para mais se humilharem. É-se humilde, diz S. Bernardo, quando se demuda a humilhação em humildade<sup>50</sup>. Nota o Pe. Rodrigues que os orgulhosos, ao serem repreendidos, fazem como o ouriço cacheiro: tornam-se espinhos em todo o exterior, isto é, irritam-se, irrompem em queixas, censuras e murmurações contra os outros. Repreendi porém um homem humilde, e ele se humilhará ainda mais, confessará os seus erros e vos agradecerá sem se perturbar. Perturbar-se uma pessoa ao receber uma correção, é dar sinal de que ainda está sob o jugo do orgulho. Assim, o que em tal caso se sente perturbado, deve humilhar-se mais profundamente diante de Deus, e suplicar-lhe que o liberte do orgulho, que ainda reina no seu coração.

*O meu nardo exalou o seu odor*<sup>51</sup>. É o nardo uma pequena planta odorífera, mas que só derrama o seu perfume quando se aperta ou esmaga. Ó! que suave perfume derrama diante de Deus uma alma humilde, quando sofre em paz nas humilhações, folgando de se ver desprezada e maltratada pelos outros! Interrogado o monge Zacarias sobre o que era necessário fazer para adquirir a verdadeira humildade, tomou o seu capuz, lançou-o ao

chão, calcou-o aos pés e disse: “Quem se compraz em ser tratado como este farrapo, é verdadeiramente humilde”. Dizia o Pe. Alvarez que o tempo das humilhações é o de sairmos das nossas misérias e fazermos larga colheita de merecimentos. Tanto o Senhor é avaro com os orgulhosos, diz S. Tiago, como liberal com os humildes<sup>52</sup>.

As palavras lisonjeiras de quem louva, diz Sto. Agostinho, podem curar uma consciência culpada, e as palavras grosseiras de quem insulta não podem ferir uma boa consciência<sup>53</sup>. Tal era também o pensamento de S. Francisco de Assis, quando dizia: “Só somos de fato o que somos diante de Deus”. Pouco importa pois que os homens nos louvem ou nos censurem, contanto que Deus nos aprove, — e certamente aprova de bom grado os que por seu amor sofrem injúrias.

Os que são doces são queridos de Deus e dos homens. Nada há mais edificante para o próximo, nem mais próprio para ganhar corações para Deus, do que a doçura duma pessoa que, desprezada, escarnecida e injuriada, se não irrita, antes recebe tudo com rosto calmo e sereno. Nada torna os domésticos, diz S. João Crisóstomo, tão amantes do seu senhor, como verem-no sempre doce e afável<sup>54</sup>. Segundo Sto. Ambrósio, era Moisés mais amado dos hebreus por causa da doçura, que havia mostrado no meio dos ultrajes, do que pelos prodígios que tinha operado<sup>55</sup>. Quem possui a doçura, diz ainda S. João Crisóstomo, é útil a si próprio e aos outros<sup>56</sup>. Refere o Pe. Mafei que um religioso da Cia. de Jesus, pregando no Japão, recebeu da parte dum insolente um escarro no rosto; enxugou-o com o lenço e continuou o seu discurso, como se nada lhe tivesse acontecido. Ao ver isto, um dos assistentes converteu-se à Fé: “Uma religião que ensina uma tal humildade, disse ele, não pode deixar de ser verdadeira e divina”. Do mesmo modo, converteu grande número de hereges a doçura de S. Francisco de Sales que, sem se perturbar, sofria todas as afrontas que lhe faziam. A doçura é uma pedra de toque: segundo S. João Crisóstomo (*In. Gen. hom. 34*), o meio mais seguro para se conhecer se há virtude numa alma, é ver se ela conserva a doçura nas contrariedades. O Pe. Crasset também conta, na sua *História da Igreja do Japão*, que, durante a última perseguição, um missionário agostinho, que viajava disfarçado, recebera uma bofetada sem se abalar. Ao verem isso, reconheceram que era cristão e prenderam-no, porque os idólatras julgaram que uma tal virtude só num cristão podia existir.

Ó! como à vista de Jesus desprezado é fácil suportar todos os desprezos! A bem-aventurada Maria da Encarnação, ao contemplar um dia o seu crucifixo, disse às suas religiosas: “É possível, minhas irmãs, que nos recusemos a abraçar os desprezos, vendo Jesus Cristo tão desprezado?” Quando Sto. Inácio Mártir foi levado a Roma para ser lançado as feras, ao ser maltratado pelos soldados, estava cheio de consolação: É agora, dizia ele, que começo a ser discípulo de Jesus Cristo<sup>57</sup>. Pois! Que sabe fazer um cristão, se não sabe suportar alguma humilhação por amor de Jesus Cristo? Sem dúvida, ser desprezado e injuriado, sem se mostrar magoado e sem responder, é uma coisa muito dura para o nosso orgulho; mas é em nos

fazermos violência que está o nosso mérito, como ensina Tomás de Kempis: “Segundo a violência que vos fizerdes assim adiantareis”<sup>58</sup>. Tinha de costume uma boa religiosa, quando lhe faziam alguma afronta, ir à presença ao SS. Sacramento e dizer: “Senhor, sou demasiado pobre para ter alguma coisa preciosa a oferecer-vos, mas ofereço-vos este pequeno presente que acabo de receber”. Ó! Como Jesus Cristo acolhe com amor uma alma na humilhação! Como se apressa a consolá-la e a enchê-la de graças!

Uma alma verdadeiramente amante de Jesus Cristo sofre os ultrajes, não só com resignação, mas com prazer e alegria. Vêde os santos apóstolos: *Retiravam-se da presença do Conselho, cheios de alegria por serem julgados dignos de sofrer desprezos pelo nome de Jesus Cristo*<sup>59</sup>. A segunda parte deste texto, dizia S. José Calasâncio, tem aplicação a um grande número: “São julgados dignos de sofrer pelo nome de Jesus”; mas o mesmo não acontece com a primeira parte: “Iam cheios de alegria”. No entanto, quem se quer santificar deve pelos menos aspirar a esta perfeição. Não é humilde, dizia o mesmo santo, quem não deseja os desprezos<sup>60</sup>. O venerável Luís du Pont não compreendia a princípio, como pudesse um homem encontrar prazer em se ver desprezado; mas, desde que chegou a maior perfeição, compreendeu muito bem e fez a experiência disso. Foi o que Sto. Inácio de Loyola, descendo do Céu depois da sua morte, veio ensinar a Sta. Maria Madalena de Pazi, dizendo-lhe que a verdadeira humildade consiste em encontrar um prazer contínuo em tudo quanto nos possa levar ao desprezo de nós mesmos. Não gozam tanto os mundanos em serem honrados, como os santos em serem desprezados. Quando o irmão Junípero, franciscano, recebia injúrias, estendia a sua túnica, como para recolher pérolas. S. Francisco Régis, na sua conversação, era por vezes objeto de riso para os seus companheiros, e não só tomava nisso prazer, mas até provocava as zombarias deles. Um dia apareceu nosso Senhor a S. João da Cruz e disse-lhe: João pede-me o que desejas. E o santo respondeu: Senhor, sofrer e ser desprezado por amor de vós<sup>61</sup>. Era o mesmo que dizer: Senhor, ao ver que tanto sofrestes e tão desprezado fostes por meu amor, que posso eu pedir-vos senão sofrimentos e desprezos?

Numa palavra, para concluirmos: quem quer ser todo de Deus, e tornar-se semelhante a Jesus Cristo, deve gostar de ser desconhecido e tido por nada. Este grande preceito de S. Boaventura, sem cessar o repetia S. Filipe de Néri aos seus filhos espirituais<sup>62</sup>. Quer Jesus Cristo que nos julgemos felizes e exultemos de alegria quando por seu amor nos virmos odiados, repelidos e ridicularizados dos homens. Dá-nos a segurança duma recompensa do Céu, proporcionada aos desprezos que tivermos levado com alegria: *Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem, repelirem, carregarem de afrontas, e abominarem o vosso nome, por causa do Filho do homem*<sup>63</sup>. — *Regozijai-vos nesse dia e exultai de alegria, porque é grande a vossa recompensa no Céu*<sup>64</sup>. Que maior alegria pode ter uma alma, do que ver-se desprezada por amor de Jesus Cristo? Então, diz S. Pedro, obtém ela a maior honra a que pode aspirar, por isso que Deus a trata como

tratou o seu próprio Filho: *Se fordes injuriados por causa do nome de Jesus Cristo, sereis ditosos, porque então repousarão sobre vós a verdadeira honra, a verdadeira glória e a verdadeira virtude que vem de Deus, assim como o seu Espírito*<sup>65</sup>.

1. *Discite a me quia mitis sum et humilis corde (Matth. 11, 29)*
2. *Ecce Agnus Dei (Jo. 1, 29)*
3. *Emitte Agnum, Domine, dominatorem terrae (Is. 16, 1)*
4. *Quasi agnus coram tondente se, obmutescet, et non aperiet os suum (Is. 53, 7)*
5. *Quasi agnus mansuetus qui portatur ad victimam (Jer. 11, 19)*
6. *Qui, cum malediceretur, non maledicebat; cum pateretur non comminabatur (1. Pet. 2, 23)*
7. *Mansuetudo prae caeteris virtutibus nos Deo conformes facit (In Rom. hom. 19)*
8. *Benefacite his qui oderunt vos... ut sitis filii Patris vestri qui in coelis est, qui solem oriri facit super bonos et malos (Matth. 5, 44)*
9. *Eos solos qui mansuetudine conspicui sunt, Dei imitatores Christus nominat (Serm. de Mansuetudine)*
10. *Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram (Matth. 5, 4)*
11. *Introd. p. 3. ch. 8*
12. *Quod beneplacitum est illi, fides et mansuetudo (Eccli. 1, 34)*
13. *Suscipiens mansuetos Dominus (Ps. 146, 6)*
14. *Humilium et mansuetorum semper tibi placuit deprecatio (Judith, 9, 16)*
15. *Caveatur iracundia, aut cohibeatur (Offic. I. 1. c. 21)*
16. *Cum his qui sunt a mansuetudine alienissimi, tunc virtus ostenditur (In Ps. 119)*
17. *Responsio mollis frangit iram (Prov. 15, 1)*
18. *Sicut rogam accensum aqua exstinguit, ita animam ira aestuantem verbum cum mansuetudine prolatum mitigat (In Gen. hom. 58)*
19. *Verbum dulce multiplicat amicos, et mitigat inimicos (Eccli. 6, 5)*
20. *Ignem non potest ignis extinguere, nec furor furorem*
21. *Vos non, quasi iudices criminum, ad percutiendum positi estis, sed, quasi iudices morborum, ad sanandum (Misc. I. 1. tit. 49)*
22. *Maximum remedium est irae, mora (De Ira, I. 2. c. 28)*
23. *Turbatus prae ira oculus rectum non videt (De Consid. I. 2. c. 11)*
24. *Secundum rectam rationem irasci (2. 2. q. 158. a. 1)*
25. *Irascimini et nolite peccare (Ps. 4. 5)*
26. *Introd. p. 3. chap. 8*
27. *Epist. 38. E. B.*
28. *Vae, quae consuunt pulvillos sub omni cubito manus, et faciunt cervicalia sub capite universae aetatis, ad capiendas animas...! Et confortastis manus impii, ut non reverteretur a via sua mala, et viveret (Ezechi. 13, 18)*
29. *Non est ista charitas, sed languor (In 1. Jo. tr. 7)*
30. *Licet conqueratur aeger impatiens per dolorem, gratias aget postmodum, cum senserit sanitatem (De Lapsis)*
31. *Fratres, et si praeoccupatus fuerit homo in aliquo delicto, vos qui spirituales estis, hujusmodi instruite in spiritu lenitatis, considerans teipsum, ne et tu tenteris (Gal. 6, 1)*
32. *Turpe quidem est in praelato, cum ira et austeritate corripere (Epist. 100)*
33. *Facies turbatorum, pulcherrima ora foedavit (De Ira, I. 2. c. 35)*
34. *Sit amor, sed non emolliens; sit rigor, sed non exasperans; sit pietas, sed non plus quam expediat, parcens (Mor. I. 20. c. 6)*
35. *Reg. fus. disp. int. 51*
36. *Collat. 2. c. 13*
37. *Reprehensionem, non odium, sed misericordia praecedat (De Serm. D. in monte I. 2. c. 19)*

38. *Considerata infirmitas propria, mala nobis excusat aliena (Mor. I. 5. c. 33)*
39. *Plus mihi nocitura est ira, quam injuria (De Ira, I. 3. c. 25)*
40. *Iussisti ut poena sua sibi sit omnis inordinatus animus (Conf. I. 1. c. 12)*
41. *Introd. p. 3. ch. 9*
42. *Discite a me quia mitis sum et humilis corde, et invenietis requiem animabus vestris*
43. *Mansueti autem hereditabunt terram, et delectabuntur in multitudine pacis (Ps. 36, 11)*
44. *Nihil asperum mitibus (De Epiph. s. 5)*
45. *Sol non occidat super iracundiam vestram; nolite locum dare diabolo (Ephes. 4, 26)*
46. *Non intelligentes, quanto majus sit lucrum in tolerantia injuriarum*
47. *Primus profectus, nolle dominare; secundas, velle subjici; tertius, injurias aequanimiter pati (De Divers. s. 60)*
48. *Doctr. 20*
49. *In humilitate tua, patientiam habe (Eccli. 2, 4)*
50. *Est humilis qui humiliationem convertit in humilitatem (In Cant. s. 34)*
51. *Nardus mea dedit odorem suum (Cant. 1, 11)*
52. *Deus superbis resistit; humilibus autem dat gratiam (Jac. 11, 6)*
53. *Nec malam conscientiam sanat laudantis praeconium, nec bonam vulnerat conviciantis opprobrium (Contra Petit. I. 3. c. 7)*
54. *Nihil ita conciliat domino familiares, ut quod illum vident mansuetudine jucundum (S. de Mansuet.)*
55. *Ut plus eum pro mansuetudine diligerent, quam pro factis admirarentur (Offic. I. 2. c. 7)*
56. *Mansuetus utilis sibi et aliis (In Act. hom. 6)*
57. *Nunc incipio esse Christi discipulus (Ep. ad Rom.)*
58. *Tantum proficies, quantum tibi ipsi vim intuleris (De Imit. I. 1. c. 25)*
59. *Ibant gaudentes a conspectu concilii, quoniam digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati (Act. 5, 41)*
60. *Non est humilis qui non optat sperni*
61. *Joannes, pete quid vis a me. — Domine, pati et contemni pro te*
62. *Ama nesciri et pro nihilo reputari (Alpab. rel.)*
63. *Beati eritis, cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et exprobaverint, et ejecerint nomen vestrum tamquam malum, propter Filium hominis*
64. *Gaudete in illa die, et exultate; ecce enim merces vestra multa est in coelo (Luc. 6, 22)*
65. *Si exprobramini in nomine Christi, beati eritis, quoniam quod est honoris, gloriae, et virtutis Dei, et qui est ejus Spiritus, super vos requiescit (1. Pet. 4, 14)*

## OITAVA INSTRUÇÃO

# Sobre a mortificação, e especialmente sobre a mortificação interior

### I

#### Necessidade da mortificação em geral

*Deus criou o homem reto*<sup>1</sup> e justo, de modo que a carne obedecia sem repugnância ao espírito e o espírito a Deus. Sobreveio o pecado, e transtornou esta bela ordem. Desde esse momento, começou a vida do homem a ser uma guerra contínua: *Porque a carne tem apetites contrários ao espírito, e o espírito tem desejos contrários à carne*<sup>2</sup>. Era o que arrancava gemidos ao Apóstolo: *Sinto nos meus membros uma outra lei, que está em oposição com a lei do meu espírito, e me sujeita à lei do pecado*<sup>3</sup>.

Donde deriva que há no homem duas vidas: a dos anjos que só aspiram a fazer a vontade de Deus, e a dos irracionais, que só tendem a satisfazer os seus apetites. Se o homem cuida de fazer a vontade de Deus, torna-se anjo; se procura lisonjear os sentidos, brutaliza-se. Por isso o Senhor incumbiu a Jeremias esta missão: *Eu te estabeleci para que arranques e destruas, para que edifiques e plantes*<sup>4</sup>. É o que temos a praticar: devemos plantar em nós a virtudes; mas é necessário que primeiro arranquemos as ervas más. Para isso precisamos de ter sempre na mão a foice da mortificação, para cortar os apetites desordenados, que as raízes corrompidas da concupiscência, sem cessar fazem nascer em nós. Sem isso, a nossa alma se tornará um matagal de vícios.

Devemos purificar o nosso coração, se queremos ter a luz necessária para conhecer o Bem supremo que é Deus: *Felizes os de coração puro, porque eles verão a Deus*<sup>5</sup>. Eis por que Sto. Agostinho disse: Quereis ver a Deus? Pensai primeiro em purificar o vosso coração<sup>6</sup>. Isaías faz esta pergunta: *A quem ensinará Deus a ciência?* E responde: *Aos ablatados e que já se não alimentam de leite*<sup>7</sup>. Não dá Deus a ciência dos santos, — que consiste em conhecê-lo e amá-lo, — senão aos que estão divorciados e desapegados dos prazeres do mundo. *Quanto ao homem animal, esse não compreende as coisas do Espírito de Deus*<sup>8</sup>. Aquele que, à semelhança do bruto, só pensa em abarrotar-se de prazeres sensuais, esse não é capaz de compreender a

excelência dos bens espirituais.

Diz S. Francisco de Sales que assim como o sal preserva a carne da corrupção, assim a mortificação preserva o homem do pecado. Na alma em que reina a mortificação, reinarão as outras virtudes. Lê-se nos Salmos: *Dos vossos vestidos se exala um odor de mirra, de aloes e de âmbar*<sup>9</sup>. Palavras que o abade Gueric comenta assim: Se começardes por derramar um odor de mirra, mediante a mortificação das paixões, derramareis também o odor de todas as virtudes<sup>10</sup>. É precisamente o que exprime a Esposa dos Cânticos: *Colhi a minha mirra com os outros aromas*<sup>11</sup>.

Toda a nossa santidade e a própria salvação consistem na imitação de Jesus Cristo: *Os que escolheu também os predestinou para serem retratos fiéis do seu Filho*<sup>12</sup>. Jamais porém poderemos seguir a Jesus Cristo, se não começarmos por renunciar a nós mesmos, e não abraçarmos a mortificação, — a cruz que ele nos convida a levar: *Se alguém quiser vir atrás de mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*<sup>13</sup>. A vida do nosso Redentor foi toda cheia de dores, sofrimentos e humilhações. É o que dele diz Isaías: *Um homem desprezado, o último dos homens, um homem de dores*<sup>14</sup>. À semelhança duma mãe que aleita o seu filho doente, e para o curar toma remédios amargos, assim o nosso Salvador, dizia Sta. Catarina de Sena, quis tomar sobre si todas estas penas para nos curar a nós, pobres doentes. Se Jesus Cristo porém tanto sofreu por nosso amor, justo é que nós soframos por amor dele. É pois para nós um dever fazermos-nos tais quais S. Paulo nos quer: *Trazendo sempre nos nossos corpos a imolação de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste nos nossos corpos*<sup>15</sup>. E assim nós faremos, diz Sto. Anselmo sobre esta passagem, se à imitação do Apóstolo mortificarmos assiduamente a nossa carne<sup>16</sup>. Este dever particularmente nos incumbe a nós padres, que de contínuo celebramos os mistérios da paixão de nosso Senhor. É a reflexão de Hugo de S. Vítor<sup>17</sup>.

Os meios principais para adquirir a santidade são a oração e a mortificação, representadas nas sagradas Escrituras pelo incenso e a mirra: *Quem é aquela que sobe do deserto, como uma coluna de fumo odorífero de mirra e incenso?* O texto ajunta: *E de todos os polvilhos aromáticos*<sup>18</sup>; o que significa que a oração e a mortificação conduzem a todas as virtudes. Ambas portanto são necessárias para santificar uma alma, mas a mortificação deve preceder a oração. O Senhor primeiro convida as almas a segui-lo ao monte da mirra, depois à colina do incenso<sup>19</sup>. Segundo S. Francisco de Borja, é a oração que introduz no coração o amor divino; mas é a mortificação que prepara a morada, retirando a terra que impediria o amor de entrar lá. Se se vai à fonte colher água com um vaso cheio de terra, só se trará lama; é necessário despejar a terra antes de colher a água. “A oração sem a mortificação, dizia o Pe. Baltasar Alvarez, é uma ilusão ou dura pouco”. E segundo Sto. Inácio de Loyola, uma alma mortificada une-se mais a Deus, num quarto de hora de oração, do que outra em muitas horas. Por isso mesmo, tendo ele ouvido louvar uma pessoa como muito adiantada em oração, disse: “É um sinal de que há de ser duma grande mortificação”.

## II

### Necessidade da mortificação interior

Temos uma alma e um corpo. A mortificação *exterior* é necessária para reprimir os apetites desordenados do corpo; a mortificação *interior*, para reprimir as afeições desordenadas da alma. Tudo isto está compreendido nestas palavras do nosso Salvador: *Se alguém quer seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz...*<sup>20</sup> A mortificação exterior é-nos necessária, como veremos mais tarde. Mas a principal e mais necessária é a mortificação interior, expressa nestes termos: *Renuncie a si mesmo*. Esta consiste em sujeitar à razão as paixões desordenadas: a ambição, a cólera, a vaidade, o apego ao interesse, à opinião própria, à própria vontade etc. Temos a levar duas cruces, diz Sto. Agostinho, uma corpórea e outra espiritual. Esta última é a mais sublime e consiste em governar os movimentos da alma<sup>21</sup>. A mortificação tem por objeto resistir aos apetites da carne, para a submeter ao espírito; a mortificação interior tem de resistir às afeições do coração, para as sujeitar à razão e a Deus, motivo por que o Apóstolo o apelida — *circuncisão do coração*<sup>22</sup>. Por si mesmas não são más as paixões, são indiferentes; mais ainda, quando convenientemente dirigidas pela razão, volvem-se úteis, porque aproveitam à conservação do nosso ser; quando se opõem à razão, tornam-se a ruína da alma. Desgraçada a alma que Deus abandona aos seus próprios caprichos! É o castigo mais terrível que o Senhor lhe pode infligir, como ele próprio declara: *Entreguei-os aos desejos dos seus corações; seguirão os seus caprichos*<sup>23</sup>. Precisamos portanto de fazer incessantemente a Deus esta súplica de Salomão: Senhor, não me abandoneis à mercê das minhas paixões<sup>24</sup>.

O nosso principal cuidado deve ser o de nos vencermos a nós mesmos: *Vince te ipsum*. Parece que Sto. Inácio de Loyola não sabia dar aos outros ensino mais importante que este: vencer o amor próprio, quebrar a própria vontade, tal era o assunto ordinário dos seus discursos familiares; porque dizia que, de cem pessoas que fazem oração, noventa permanecem presas aos seus modos particulares de sentir. Um ato de mortificação da própria vontade valia mais a seus olhos que muitas horas de oração, abundantes em consolações espirituais. Retirava-se um irmão da companhia dos outros, para se corrigir de certo defeito; o santo lhe disse que alguns atos de mortificação em tal caso lhe seriam mais proveitosos, que um ano de silêncio numa gruta. Não é coisa pequena, diz Tomás de Kempis, renunciar a si próprio em coisas pequenas<sup>25</sup>. E S. Pedro Damiano afirma que de nada servirá ter uma pessoa deixado tudo, se não se deixar a si mesma<sup>26</sup>. Daí a advertência de S. Bernardo a quem deseja renunciar a tudo, para se dar a Deus: Vós que pensais em deixar tudo, lembrai-vos de vos deixardes a vós mesmos, no número das coisas a deixar<sup>27</sup>. Jamais poderá seguir a Jesus Cristo, acrescenta ele, quem não renunciar a si próprio<sup>28</sup>. O nosso Salvador *lançou-se como um gigante*

*para percorrer a sua via*<sup>29</sup>. Trilhar de perto as pisadas de Jesus Cristo, que corre, diz ainda S. Bernardo, é impossível a quem o quer seguir, carregado com o peso das suas paixões e afeições terrenas<sup>30</sup>.

É sobretudo necessário cuidar de vencer a paixão predominante. Alguns há que se mortificam em muitas coisas, mas descuidam-se de domar a paixão a que são mais inclinados; esses não podem adiantar no caminho de Deus. Quem se deixa dominar de qualquer paixão, estão em grande perigo de se perder. Pelo contrário, quem chega a vencer a sua paixão predominante, triunfará facilmente de todas as outras. Quando o inimigo mais poderoso é derrubado, torna-se fácil a vitória sobre os outros, que dispõem de menores forças. Além disto, a honra e merecimento da vitória, medem-se pela magnanimidade, que ela demandava. Tal homem, por exemplo, não será apaixonado pelo dinheiro, mas será demasiado cioso da sua reputação; outro não se importará de honras, mas será idólatra das riquezas: se o primeiro não trabalhar em se mortificar, ao ver-se desprezado dos outros, de pouco lhe aproveitará desprezar o dinheiro; do mesmo modo, se o segundo não cuidar de reprimir a sua avareza, de pouco lhe servirá desprezar as honras. Numa palavra, quanto maior violência cada um se fizer para se vencer, tanto maior mérito e proveito alcançará, como diz Tomás de Kempis: *Adiantareis à proporção da violência que vos fizerdes*<sup>31</sup>. Santo Inácio era dum carácter violento e arrebatado, mas a virtude tornou-o tão doce, que parecia dum natural brando e calmo. S. Francisco de Sales era também muito propenso à ira; mas, pela violência que se fez, tornou-se, como se lê na sua Vida, um modelo de paciência e doçura, no meio das injúrias e calúnias, com que foi perseguido.

Sem a mortificação interior, pouco aproveita a exterior. De que serve a uma pessoa extenuar-se com jejuns, e encher-se de orgulho? Que lhe aproveita abster-se de vinho, e embriagar-se de raiva?<sup>32</sup> No dizer do Apóstolo, é necessário que nos despojemos do homem velho, isto é, do amor próprio, e nos revistamos do homem novo, isto é, de Jesus Cristo, que nunca teve complacência em si, como nota S. Paulo<sup>33</sup>. Era o que fazia gemer S. Bernardo, sobre o estado desgraçado dalguns monges que, mostrando nos seus hábitos aparências de humildade, conservavam no interior as suas paixões. Estes religiosos, dizia, não se despojam dos seus vícios: o que fazem é cobrir-se com sinais postiços de penitência<sup>34</sup>. Quem permanecer apegado a si mesmo e às suas coisas, pouco ou nenhum fruto colherá dos seus jejuns, vigílias, cilícios e disciplinas.

## III

### Prática da mortificação interior

Quem quer ser todo de Deus, diz S. João Clímaco<sup>35</sup>, deve desapegar-se principalmente de quatro coisas: bens, honras, parentes, e sobretudo da própria vontade.

## 1. Dos bens

Em primeiro lugar, é necessário cortar todo o apego aos bens e ao dinheiro. Diz S. Bernardo que as riquezas carregam o que as possui, mancham o que as ama, e afligem o que as perde<sup>36</sup>. Deve o padre lembrar-se que, desde a sua entrada para a Igreja, protestou que não queria nenhuns outros bens além de Deus, dizendo: *É o Senhor a herança que me coube em partilha; sois vós que me pondeis de posse da minha herança*<sup>37</sup>. Assim, segundo S. Pedro Damiano, o clérigo que primeiro escolheu a Deus para sua herança e depois se enriquece, faz uma grande injúria ao seu Criador: “Se pois Deus é a sua herança, diz ele, parece fazer uma afronta não medíocre ao seu Criador, quem, não contente com este tesouro incomparável, ainda cobiça dinheiro e bens terrenos”<sup>38</sup>. Com efeito, esse dá a entender que não lhe basta Deus para o contentar. Afirma S. Bernardo, e é verdade, que os piores avaros são os eclesiásticos apegados às riquezas<sup>39</sup>. Quantos padres que nunca diriam missa, sem a miserável retribuição! E prouvera a Deus que tais padres nunca celebrassem! No dizer de Sto. Agostinho não buscam esse dinheiro para servirem a Deus, antes servem a Deus para ajuntarem dinheiro<sup>40</sup>. Que vergonha, exclama S. Jerônimo, ver um padre ocupado a entesourar!<sup>41</sup>

Mas, ponhamos de lado esta vergonha, e falemos do grande perigo, que corre a salvação dum padre, que quer ajuntar dinheiro e bens. Sim, exclama Sto. Hilário, colocam-se num grande perigo os padres que se afadigam a encher os seus cofres e a aumentar a sua fortuna<sup>42</sup>. Foi o que o Apóstolo nos advertiu, dizendo que os escravos da avareza, além de serem atormentados por muitos cuidados e inquietações, que lhes impedem todo o proveito espiritual, caem em tentações e desejos que os conduzem à ruína<sup>43</sup>. De fato, a que excessos não arrasta a cobiça certos padres? Roubos, injustiças, simonias, sacrilégios! Quem amontoa ouro, desperdiça a graça, diz Sto. Ambrósio<sup>44</sup>. S. Paulo compara o avarento ao idólatra<sup>45</sup>, e com razão, porque o avarento faz do dinheiro o seu Deus, isto é, o seu último fim.

Tirai a paixão do dinheiro, diz S. Crisóstomo, e tereis posto fim a todos os males<sup>46</sup>. Se queremos pois possuir a Deus, despojemo-nos de todo o apego aos bens da terra, dizia S. Filipe de Néri: “Quem deseja riquezas nunca será santo”. Para nós padres não consistem as riquezas nos bens temporais, mas sim nas virtudes; estas farão a nossa grandeza no Céu, depois de nos terem feitos vitoriosos na terra, contra os inimigos da nossa salvação. É o pensamento de S. Próspero: As nossas riquezas são a castidade, a piedade, a humildade, a doçura; nelas estão os bens que devemos ambicionar, e que farão a um tempo a nossa honra e a nossa força<sup>47</sup>. Dóceis à exortação do Apóstolo, contentemo-nos com um pouco de alimento para nos sustentarmos e com um modesto vestido para nos cobrirmos<sup>48</sup>. Ponhamos todos os nossos cuidados em nos santificarmos; é o que mais nos importa. De que servem os bens desta terra, que um dia se têm de deixar, e ao presente são incapazes de satisfazer o nosso coração! Cuidemos de adquirir os bens que

havemos de levar conosco, e nos hão de fazer felizes no Paraíso, conforme a palavra do nosso Salvador: *Não ajunteis tesouros na terra, onde a ferrugem e os vermes os roeriam... Amontoai tesouros no Céu*<sup>49</sup>. Daqui a recomendação do Concílio de Milão aos padres: *Thesaurisate, non thesauros in terra, sed bonorum operum et animarum in coelis*. As boas obras e as almas conquistadas para Jesus Cristo, tais devem ser os tesouros do padre.

Por isso se a Igreja proibiu com tanto rigor, e até sob censura o comércio aos eclesiásticos, conforme o preceito do Apóstolo: *O que está alistado na milícia de Deus, não se embebe nos negócios do século; só pensa em agradar ao senhor a quem serve*<sup>50</sup>. O padre consagrou-se a Deus; só deve pois ocupar-se dos interesses da sua glória. Não aceita o Senhor sacrifícios vazios, destituídos de substância; assim, Davi lhe dizia: Eu vos oferecerei holocaustos cheios de medula<sup>51</sup>. Quando um padre se dissipa no meio dos negócios do mundo, diz S. Pedro Damiano, os sacrifícios que oferece a Deus, — como a missa, o ofício e os exercícios de piedade, — são sacrifícios vazios, porque lhes tira a substância, isto é, a atenção e a devoção, e só oferece a pele da vítima, a aparência exterior<sup>52</sup>. Que tristeza ver um padre, que tem o poder de salvar almas e fazer grandes coisas para glória de Deus, ocupado a comprar e a vender animais ou grãos, empenhado em associações mercantis de lucros e perdas! Estais adidos a coisas demasiado altas para descerdes a coisas tão vis, diz Pedro de Blois<sup>53</sup>.

Entregar-se um padre a negócios terrenos, que outra coisa é que trabalhar em tecer teias de aranha?<sup>54</sup> Do mesmo que a aranha se esgota a fazer a sua teia, para caçar uma mosca, assim, ó Céu!, um padre se esgota perdendo o seu tempo e o fruto das suas obras espirituais, — para quê? Para adquirir um pouco de pó! Afastai-vos, diz ainda S. Boaventura, e mirra-se por ninharias, podendo possuir a Deus, soberano Senhor do universo!<sup>55</sup>

Mas, dir-se-á talvez: eu faço as coisas com probidade; negocio, é verdade, mas sem faltar à minha consciência. — Respondo, em primeiro lugar, que o negócio, por justo que seja, é proibido aos eclesiásticos, como acima se viu; donde se segue que, fazendo-o, embora se não peque contra a justiça, peca-se pelo menos contra a lei da Igreja. Além disto, responde S. Bernardo: Assim como um rio escava as terras que atravessa, assim o cuidado dos negócios arranha a consciência, isto é, sempre a fere em alguma coisa<sup>56</sup>. Quando nisso não houvesse outro mal, ajunta S. Gregório, a multidão turbulenta dos pensamentos terrenos fecha o ouvido do coração, e não lhe permite ouvir a voz de Deus<sup>57</sup>. Afastai-vos do amor divino, na medida em que vos dais aos negócios temporais<sup>58</sup>. É verdade que os padres algumas vezes são obrigados por caridade a tratar dos negócios da sua família, mas isso não se deve permitir, diz Gregório, senão no caso de pura necessidade<sup>59</sup>. O que se vê é que é que alguns, sem necessidade, se ingerem nos negócios da família, e até impedem os seus parentes de assumirem essa gerência. Mas, se queriam trabalhar para a sua própria casa, para que se consagraram ao serviço da casa de Deus?

Também é muitíssimo arriscado para os padres o servirem na corte dos

grandes. Diz Pedro de Blois que assim como os justos de salvam através de muitas tribulações, também os que se fixam nas cortes se condenam por muitas tribulações<sup>60</sup>. Igualmente se expõe a grande perigo o padre, quando se faz advogado de causas. Não é na praça que se encontra a Jesus Cristo, diz Sto. Ambrósio<sup>61</sup>. Faço apenas esta pergunta: que fundo de espiritualidade se poderá encontrar num padre que exerça a advocacia? Com que devoção poderá ele recitar o ofício divino, celebrar a santa missa, quando as dificuldades dos processos lhes absorverem o espírito, e o impedirem de pensar em Deus? As causas que o padre deve advogar são as dos pobres pecadores; são eles os clientes que deve livrar da escravidão do demônio e da morte eterna, pelos seus sermões e confissões, ou ao menos por seus bons conselhos e orações. Deve evitar os processos alheios e até quanto possível os seus. Todos os processos relativos a coisas temporais são uma fonte de inquietações, ódios e pecados. Por isso o divino Mestre disse: A quem quiser litigar para vos despojar da túnica, cedei-lhe também a capa<sup>62</sup>. Sabe-se que isto é apenas um conselho; no entanto procuremos evitar ao menos os processos de somenos importância. Creio bem que uma miserável vantagem temporal, que alcanceis, vos fará perder muito mais do repouso da vossa alma e do vosso corpo. Resignai-vos a perder alguma coisa, diz Sto. Agostinho, para poderdes pensar antes em Deus do que em processos; perdi dinheiro, para comprardes sossego<sup>63</sup>. Segundo S. Francisco de Sales, pleitear sem cair em loucuras, é somente privilégio dos santos; por isso S. João Crisóstomo condenava os pleiteantes<sup>64</sup>.

Que diremos do jogo? É certo, à face dos Cânones (veja-se principalmente o Cânon 138, do N. Código), que jogar, com freqüência e por tempo considerável, jogos de azar, em que se arrisquem grossas quantias, é pelo menos, quando houver escândalo, um pecado mortal. Quanto aos outros jogos, chamados de passatempo, não me proponho a decidir aqui, se por si mesmo, são lícitos ou ilícitos: digo apenas que tais divertimentos por certo convém pouco a um ministro de Deus, que não tem tempo de sobra para se dar ao jogo, desde que queira cumprir as suas obrigações, para consigo próprio e para com o próximo. Leio Em S. João Crisóstomo: Foi o demônio que dos jogos fez uma arte<sup>65</sup>. E eis o pensar de Sto. Ambrósio: Entendo que devemos evitar, não só o abuso do jogo, mas todo e qualquer jogo<sup>66</sup>. No mesmo lugar diz que é muito lícito o recreio, mas o que não perturbar a boa ordem da vida, nem repugnar ao nosso estado<sup>67</sup>.

## 2. As honras

Em segundo lugar, deve o padre afastar do seu coração o apego às honras do mundo. Diz Pedro de Blois que a ambição causa a ruína das almas<sup>68</sup>. Transtorna ela com efeito toda a ordem duma vida boa, e destrói o amor para com Deus. O mesmo autor acrescenta que a ambição macaqueia a caridade, mas ao inverso: A caridade sofre tudo, mas pelos bens eternos; a ambição sofre tudo, pelos bens caducos. A caridade é cheia de doçura para

com os pobres, a ambição o é também, mas para com os ricos. A caridade suporta tudo para agradar a Deus; a ambição suporta tudo para contentar a sua vaidade. A caridade crê e espera tudo o que se refere à vida eterna, e a ambição tudo quanto respeita à glória desta vida<sup>69</sup>.

Ó! que espinhos, que temores, censuras, recusas e ultrajes, não tem a sofrer o ambicioso para conseguir uma dignidade, um emprego<sup>70</sup>, exclama Sto. Agostinho! E que obtém afinal? Apenas um pouco de fumo, cuja posse o não satisfaz, e que a morte em breve dissipa! *Vi o ímpio exaltado e erguido como os cedros do Líbano; passei além, e ele já não existia*<sup>71</sup>. Diz ainda a Escritura que a honra se demuda em ignomínia para quem a procura<sup>72</sup>. E quanto mais alta é a honra, ajunta S. Bernardo, tanto mais desprezado é dos outros o indigno que a procurou<sup>73</sup>. De fato, quanto mais a dignidade é elevada, tanto mais o sujeito indigno que a ambiciona faz conhecer a sua indignidade, como nota Cassiodoro<sup>74</sup>.

A isto importa ajuntar o grande perigo, a quem os empregos vistosos expõem a salvação eterna. Visitava o Pe. Vicente Carafa um seu amigo enfermo, a quem acabava de ser conferido um emprego muito rendoso, mas muito arriscado, e como o doente lhe pedia que lhe obtivesse de Deus a saúde, respondeu-lhe: “Não, meu amigo, não quero trair a amizade que vos consagro: agora chama-vos Deus para a outra vida, porque vos quer salvar; se vos prolongasse a vida na terra, não sei se com este emprego vos salvaríeis”. Com efeito, o seu amigo morreu, e morreu cheio de consolação.

São para temer sobretudo os cargos relativos à salvação das almas. Diz-nos Sto. Agostinho que muitos lhe tinham inveja por ser bispo, ao passo que ele se afligia, por causa do perigo a que a sua dignidade o expunha<sup>75</sup>. Quando S. João Crisóstomo se viu elevado ao episcopado, ficou possuído dum terror tal, como ele próprio escreveu, que sentia a sua alma como que a arrancar-se-lhe do corpo: tanto lhe parecia duvidosa, dizia, a salvação dum pastor de almas<sup>76</sup>. Ora, se os santos, erguidos mau grado seu às dignidades eclesiásticas, tremem com o pensamento das contas que hão de dar a Deus, — como não tremerá quem por ambição se ingere num cargo de almas? Deve um encargo ser proporcionado às forças de quem o tem, diz Sto. Ambrósio; de contrário, o deixará cair por fraqueza e o quebrará<sup>77</sup>. O homem fraco que mete os ombros a um fardo pesado, em vez de o transportar será esmagado por ele.

Segundo Sto. Anselmo, o que procura cargos eclesiásticos por todos os meios, justos e injustos, não os recebe, arrebatá-os<sup>78</sup>. Os que vemos que por si mesmos se intrometem na cultura da vinha do Senhor, não são obreiros, mas sim ladrões<sup>79</sup>. É o que está de acordo com o que o próprio Deus outrora declarou pela boca de Oséas: *Reinam eles, mas não por escolha minha*<sup>80</sup>. Donde resulta, como dizia S. Leão, que a Igreja, governada por esses ministros ambiciosos, em vez de ser servida e honrada, é antes vilipendiada e manchada por eles<sup>81</sup>.

Observemos pois este belo preceito de Jesus Cristo: *Procura sentar-te no último lugar*<sup>82</sup>. Quem está sentado no chão não tem medo de cair. Não

somos senão pó e cinza. Ora, não convém à cinza estar em lugar alto, nota o Doutor angélico, — onde estaria exposta a ser dissipada pelo vento<sup>83</sup>. Feliz o padre que pode dizer: *Antes quero ocupar o último lugar na casa do meu Deus, do que habitar nos aposentos dos pecadores*<sup>84</sup>.

### 3. Os pais

Em terceiro lugar, é necessário que o padre se despoje do apego a seus pais. Disse Jesus Cristo: *Quem não aborrece seu pai e sua mãe... não pode ser meu discípulo*<sup>85</sup>. Mas como havemos de aborrecer nossos progenitores? Devemos deixar de os atender todas as vezes que eles se oponham ao nosso bom espírito, conforme a explicação dum sábio autor: Se eles obstam a que o seu filho padre acomode a sua vida à disciplina da Igreja, e tentam obrigá-lo a ocupar-se dos seus negócios temporais, deve evitá-los como inimigos que o afastam dos caminhos de Deus<sup>86</sup>. O mesmo diz S. Gregório: Os que nos embargam de trilhar o caminho de Deus, devemos olhá-los como estranhos, e até aborrecê-los (aborrecer-lhes o procedimento) e fugir deles<sup>87</sup>. E Pedro de Blois: Só é eleito para ser sacerdote na casa do Senhor o que diz a seu pai e sua mãe: Não sei quem sois<sup>88</sup>. Quem quer servir a Deus, diz Sto. Ambrósio, deve separar-se da sua família<sup>89</sup>. Devem-se honrar os pais; mas é necessário antes de tudo obedecer a Deus, diz Sto. Agostinho<sup>90</sup>. E, segundo S. Jerônimo, deixar de obedecer a Deus para testemunhar aos seus uma grande afeição, não é piedade filial; é antes impiedade para com Deus<sup>91</sup>.

Declarou o nosso Redentor que tinha vindo ao mundo para nos separar dos nossos pais<sup>92</sup>. E porque? Porque no negócio da salvação os nossos pais são (podem ser) os nossos maiores inimigos: *Et inimici hominis, domestici ejus*. S. Basílio nos adverte, por conseqüência, que evitemos como uma tentação diabólica o tomarmos encargo dos bens do nosso próximo<sup>93</sup>.

Que pena ver um padre, que podia salvar almas, ocupado a governar uma casa, a cuidar de animais e doutras coisas semelhantes! Como! exclama S. Jerônimo, abandonará um padre o serviço do seu Pai celeste, para comprazer com o seu pai da terra? Quando se trata, acrescenta ele, de ir aonde o serviço de Deus chama, deve o filho saltar, se preciso for, por cima do corpo do seu pai: “Desertarei eu das bandeiras do Cristo por causa de meu pai? Que fazes tu na casa paterna, ó soldado efeminado? Porque não estás no campo e nas trincheiras? Ainda mesmo que visses o teu pai estendido sobre o limiar da porta, seria necessário que passasses por cima dele, para voares de olhos enxutos para o estandarte da Cruz. O único modo de mostrar piedade neste caso é ser cruel”<sup>94</sup>.

De Sto. Antônio abade refere Sto. Agostinho que queimava as cartas recebidas de seus pais, dizendo: Para que me não queimeis, é que eu vos queimo<sup>95</sup>. Deve desprender-se de seus pais, quem quer estar unido a Deus<sup>96</sup>. De contrário, ajunta Pedro de Blois, o amor do sangue em breve sufocará o amor de Deus<sup>97</sup>. É difícil encontrar Jesus Cristo no meio dos parentes; por isso S. Boaventura dizia: Ó meu bom Jesus, se vós não pudestes ser encon-

trado entre os vossos parentes, poderei eu encontrar-vos entre os meus?<sup>98</sup> Quando Maria tornou a encontrar Jesus no Templo e lhe disse — *Meu filho, porque procedeste assim conosco?* o nosso Salvador tornou-lhe como resposta: *Porque me procuráreis? não sabíeis que me devo ocupar do que respeita ao serviço de meu Pai?*<sup>99</sup> Tal a resposta que o padre deve dar a seus pais, quando eles o quiserem encarregar dos seus negócios domésticos: Sou padre, só me posso ocupar das coisas de Deus; a vós, que sois seculares, é que vos pertence cuidar dos negócios do século. — É precisamente este o sentido das palavras, que o Senhor dirigiu ao jovem, que convidou para seu discípulo, e lhe pediu permissão para ir fazer o enterro a seu pai: *Deixa lá os mortos a sepultarem os seus mortos*<sup>100</sup>.

### 4. A vontade própria

Finalmente, acima de tudo, é necessário o desapego da própria vontade. Dizia S. Filipe de Néri que a santidade consiste em quatro dedos de testa, isto é, na mortificação da própria vontade. Mortificar a própria vontade, dizia Luís de Blois, é fazer uma coisa mais agradável a Deus, do que ressuscitar mortos<sup>101</sup>. Eis por que muitos sacerdotes, curas de almas e até bispos, não contentes com passarem uma vida exemplar e apostólica, quiseram entrar em algum instituto religioso para viverem debaixo da obediência, persuadidos e com razão de que se não pode fazer a Deus sacrifício mais agradável, que o da própria vontade. Nem todos somos chamados ao estado religioso, mas quem quiser trilhar o caminho da perfeição, além da obediência devida ao seu prelado, deve ao menos sujeitar a sua vontade à autoridade dum pai espiritual, que o dirija em todos os exercícios de piedade, e mesmo nos negócios temporais de maior importância, quando esses interessarem ao bem da sua alma.

O que se faz por gosto ou não aproveita, ou aproveita pouco: *Até no vosso jejum se encontra a vossa vontade*<sup>102</sup>. Donde S. Bernardo conclui: Grande mal é a vontade própria, que faz que as vossas boas obras não sejam boas para vós<sup>103</sup>. Não há para nós inimigo maior que a vontade própria. Tirai a vontade própria, dizia ainda S. Bernardo, e não haverá mais inferno<sup>104</sup>. Está o inferno cheio de vontades próprias. Qual é com efeito a causa dos nossos pecados, senão a própria vontade? O próprio Sto. Agostinho confessa que, quando vivia no pecado, se sentia instado pela graça a deixá-lo, mas resistia pela sua parte, retido por uma só cadeia, — a sua vontade própria<sup>105</sup>. Segundo S. Bernardo, tão oposta é a Deus a vontade própria, que até o destruiria, se Deus pudesse ser destruído<sup>106</sup>. Escrevia além disto que fazer-se discípulo de si mesmo, é querer aprender dum louco<sup>107</sup>. Importa-nos saber que todo o nosso bem consiste em nos unirmos à vontade de Deus: *Na sua vontade está a vida*<sup>108</sup>.

O Senhor, porém, ordinariamente falando, não nos faz conhecer a sua vontade senão por meio dos nossos superiores, isto é, dos prelados e diretores, a quem diz: *Quem vos escuta, a mim escuta; e acrescenta: E quem vos*

*despreza, a mim despreza*<sup>109</sup>. Assim, na Eucaristia se diz que é uma espécie de idolatria não obedecer aos superiores<sup>110</sup>. Por outro lado, S. Bernardo nos assegura que, embora as prescrições do nosso pai espiritual não impliquem um pecado manifesto, devemos recebê-las com inteira confiança, como se derivassem do próprio Deus<sup>111</sup>.

Feliz quem, no momento da morte, pudesse dizer como o abade João: Nunca fiz a minha vontade, e nunca ensinei nada aos outros, que primeiro não tivesse praticado. Cassiano, que cita este exemplo, ensina que mortificar a vontade própria, é cortar a raiz de todos os vícios<sup>112</sup>. Também lemos nos Provérbios: *O homem obediente será vitorioso nas suas palavras*<sup>113</sup>; e noutro lugar: *Mais vale a obediência que os sacrifícios*<sup>114</sup>. Na verdade, oferecer a Deus esmolas, jejuns e penitências, é oferecer-lhe apenas uma parte da vítima; dar-lhe a própria vontade, render-lhe obediência, é dar-lhe tudo quando se possui. Então se lhe pode dizer: Senhor, depois do sacrifício da minha vontade, nada me resta a oferecer-vos. — Por esta razão S. Lourenço Justiniano afirma que quem faz a Deus o sacrifício da própria vontade obterá quanto quiser<sup>115</sup>. O mesmo Senhor promete, ao que renuncia à própria vontade para lhe agradar, elevá-lo acima da terra e torná-lo um homem todo celestial<sup>116</sup>.

### Meios para se vencer a si mesmo

Quanto aos meios a empregar para se vencer a si mesmo e domar todas as paixões desordenadas, eis-los aqui.

1.º - A oração: quem ora consegue tudo. *Oratio, cum sit una, omnia potest*, diz S. Boaventura. E o próprio Jesus Cristo disse: *Pedi tudo quanto desejares e ser-vos-á concedido*<sup>117</sup>.

2.º - Fazer-se violência com uma resolução firme; uma vontade forte triunfa de tudo.

3.º - Examinar-se sobre a paixão que tem a combater, impondo-se alguma penitência cada vez que sucumbir.

4.º - Reprimir os desejos desregrados. Dizia S. Francisco de Sales: “Quero poucas coisas; e o que quero, com muita moderação o quero”<sup>118</sup>.

5.º - Mortificar-se nas pequenas coisas, e mesmo nas permitidas. É assim que se ganha disposição para triunfar nas ocasiões mais importantes. Convirá por exemplo: privar-se de dizer certo gracejo, reprimir certa curiosidade, não colher determinada flor, não abrir logo uma carta, renunciar a certa empresa, fazendo um sacrifício a Deus, sem se inquietar com o desaire que lhe advier. Que fruto temos colhido nós de tantos gostos que havemos procurado e de tantas empresas coroadas de bom êxito? Se em ocasiões tais nos houvéramos mortificado, quantos merecimentos teríamos ajuntado diante de Deus! Procuremos de futuro ganhar alguma coisa para a eternidade, considerando que cada dia nos aproximamos mais da morte. À proporção que nos mortificarmos, diminuiremos os sofrimentos no Purgatório, e aumentaremos a glória eterna no Paraíso. Neste mundo estamos de passa-

gem; em breve nos encontraremos na eternidade. Em conclusão, dir-vos-ei com S. Filipe de Néri: “Insensato, quem não se santifica”.

1. *Quod fecerit Deus hominem rectum (Eccli. 7, 30).*
2. *Caro enim concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem (Gal. 5, 17).*
3. *Video autem aliam legem in membris meis, repugnantem legi mentis meae, et captivantem me in lege peccati (Rom. 7, 23).*
4. *Constitui te... ut evellas et destruas... aedifices et plantes (Jer. 1, 10).*
5. *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt (Matth. 5, 8).*
6. *Deum videre vis? prius cogita de corde mundando (Serm. 177. E. B. app.).*
7. *Quem docebit (Deus) scientiam? — Ablactatos a lacte, avulsos ab uberibus (Is. 28, 9).*
8. *Animalis autem homo non percipit ea quae sunt Spiritus Dei (1. Cor. 2, 14).*
9. *Myrrha et gutta, et casia, a vestimentis tuis (Ps. 44, 9).*
10. *Si myrrha prima spirare coeperit per mortificationem voluptatum, consequentur et aliae species aromaticae (De Annunt. s. 1).*
11. *Messui myrrham meam cum aromatibus meis (Cant. 5, 1).*
12. *Quos praescivit, et praedestinavit conformes fieri imaginis Filii sui (Rom. 8, 29).*
13. *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum et tollat crucem suam, et sequatur me (Matth. 16, 24).*
14. *Despectum et novissimum virorum, virum dolorum (Is. 53, 3).*
15. *Semper mortificationem Jesu in corpore nostro circumferentes, ut et vita Jesu manifestetur in corporibus nostris (2. Cor. 4, 10).*
16. *Si ad ejus imitationem, assidue, carnem mortificemus.*
17. *Quia passionis dominicae mysteria celebramus, debemus imitari quod agimus.*
18. *Quae est ista quae ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus myrrhae et thuris. Et universi pulveris pigmentarii (Cant. 3, 6).*
19. *Vadam ad montem myrrhae et ad collem thuris (Cant. 4, 6).*
20. *Si quis vult post me venire... (Matth. 16, 24).*
21. *Duo sunt crucis genera, unum corporale, aliud spirituale. Alterum est sublimius, scilicet, regere motus animi (Serm. 196. E. B. app.).*
22. *Circumcisio cordis in spiritu (Rom. 2, 29).*
23. *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum; ibunt in adinventionibus suis (Ps. 80, 13).*
24. *Animae irreverenti et infrunitae ne tradas me (Eccli. 23, 6).*
25. *Non est minimum, in minimis seipsum relinquere (De Imit. l. 2. c. 30).*
26. *Nihil prodest, sine seipso, caetera reliquisse (Hom. 9).*
27. *Qui relinquere disponis omnia, te quoque inter relinquenda numerare memento (Declam. n. 3).*
28. *Sane, nisi abnegaverit semetipsum, sequi eum non potest (Decl. n. 48).*
29. *Exsultavit ut gigas ad currendam viam (Ps. 18, 6).*
30. *Exsultavit ut gigas ad currendam viam; nec sequi poteris oneratus (Declam. n. 2).*
31. *Tantum proficies, quantum tibi ipsi vim intuleris (De Imit. l. 1. c. 25).*
32. *Quid prodest tenuari abstinentia, si animus intumescit superbia? Quid vinum non bibere, et odio inebriari? (Ep. ad Celant.).*
33. *Etenim Christus non sibi placuit (Rom. 15, 3).*
34. *Humilis habitus non sanctae novitatis est meritum, sed priscae vetustatis operculum. Veterem hominem non exuerunt, sed novo palliant (In Cant. s. 16).*
35. *Sal. par. gr. 2.*
36. *Possessa onerant, amata inquinant, amissa cruciant (Ep. 103).*
37. *Dominus pars hereditatis meae et calicis mei; tu es qui restitues hereditatem meam mihi (Ps. 15, 5).*
38. *Se igitur Deus portio ejus est, non levem Creatori suo contumeliam videtur inferre, qui, super hoc singulare talentum, terrenam aestuat pecuniam cumulare (Opusc. 27, proem.).*

39. *Quis, obsecro, avidius clericis quaerit temporalia? (S. ad Past. in syn.).*
40. *Non nummum propter Deum impendunt, sed Deum propter nummum colunt (De Civit. D. l. 11. c. 25).*
41. *Ignominia Sacerdotis est studere divitiis (Ep. ad Nepot.).*
42. *Ingenti periculo sunt Sacerdotes, qui curis pecuniae, et familiarium rerum, incrementis, occupantur (In Ps. 138).*
43. *Qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, et in laqueum diaboli, et desideria multa inutilia et nociva, quae mergunt homines in interitum et perditionem (1. Tim. 6, 9).*
44. *Qui aurum redigit, gratiam prodigit (Serm. 59).*
45. *Avarus, quod est idolorum servitus (Ephes. 5, 5).*
46. *Tolle pecuniarum studium, et omnia mala sublata sunt (In 1. Tim. hom. 17).*
47. *Divitiae nostrae sunt pudicitia, pietas, humilitas, mansuetudo; illae nobis ambiendae sunt, quae nos ornare possint, pariter et munire (De Vita cont. l. 2. c. 13).*
48. *Habentes autem alimenta, et quibus tegamur, his contenti simus (1. Tim. 6, 8).*
49. *Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra, ubi aerugo et tinea demolitur... Thesaurizate autem vobis thesauros in coelo (Matth. 6, 19).*
50. *Nemo, militans Deo, implicat se negotiis saecularibus, ut ei placeat, cui se probavit (2. Tim. 2, 4).*
51. *Holocausta medullata offeram tibi (Ps. 65, 15).*
52. *Quisquis se per negotiorum saecularium exercitia delectabiliter fundit, holocausti sui medullas cum visceribus subtrahit, et solam victimae pellem Deo adolere contendit (Opusc. 12. c. 22).*
53. *Magnis addictus es, noli minimis occupari (De Inst. Episc.).*
54. *Fructus horum quid, nisi araneorum telae? (De Cons. l. 1. c. 2).*
55. *Nescio cur nos affligimus circa nihil, cum possidere Creatorem omnium valeamus! (Stim. div. am. p. 2. c. 2).*
56. *Rivus, qua fluit, cavat terram; sic discursos temporalium conscientiam rodit (De Cons. l. 4. c. 6).*
57. *Aurem cordis terrenarum cogitationum turba, dum perstrepat claudit (Mor. l. 23. c. 20).*
58. *Quanto se rerum studiis occupant, tanto a charitate divina se separant (Past. p. 2. c. 7).*
59. *Saecularia negocia aliquando ex compassione toleranda sunt, nunquam vero ex amore requirenda (Epist. 14).*
60. *Per multas tribulationes, intrant justi in regnum coelorum; hi autem, per multas tribulationes, promerentur infernum (De Virginit. l. 3.).*
61. *Non in foro Christus reperitur.*
62. *Ei qui vult tecum iudicio contendere, et tunicam tuam tolere, dimitte ei et pallium (Matth. 5, 40).*
63. *Perde aliquid, ut Deo vaces, non litibus. Perde nummos, ut emas tibi quietem (Serm. 167. E. B.).*
64. *Hinc jam te condemno, quod iudicio contendas (In 1. Cor. hom. 16).*
65. *Diabolus est qui in artem ludos digessit (In Matth. hom. 6).*
66. *Non solum profusos, sed omnes etiam jocos declinandos arbitror (Offic. l. 1. c. 23).*
67. *Licet interdum honesta joca sint, tamen ab ecclesiastica abhorrent regula (Epist. 23).*
68. *Animarum subversio, cupiditas dignitatum (Epist. 14).*
69. *Patitur omnia, sed pro caducis. — Benigna est, sed divitibus. — Omnia suffert pro vanitate. — Omnia credit, omnia sperat, sed quae sunt ad gloriam hujus vitae.*
70. *In honorum cupiditate, quantae spinae! (Enarr. in Ps. 102).*
71. *Vidi impium superexaltatum, et elevatum sicut cedros Libani; transivi, et ecce non erat (Ps. 36, 35).*
72. *Stultorum exaltatio, ignominia (Prov. 3, 35).*
73. *E o deformior, quo illustrior (De Cons. l. 2. c. 7).*
74. *Claras suas maculas reddit (Variar. l. 12. n. 2).*
75. *Invident nobis; ibi nos felices putant, ubi periclitamur (Serm. 354. E. B.).*
76. *Mirror, an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus salvus fiat (In Heb. hom. 34).*
77. *Mensura oneris pro mensura debet esse gestantis; alioquin impositi oneris fit ruina, ubi vectoris infirmitas est (Lib. de Viduis).*
78. *Qui enim se ingerit, et propriam gloriam quaerit, non sumit honorem, sed, gratiae Dei rapinam faciens, jus alienum usurpat (In Hebr. 5,4).*
79. *Quos videmus vineis dominicis se ingerere, fures sunt, non cultores (In Cant. s. 30).*
80. *Ipsi regnaverunt, et non ex me (Os. 8, 4).*
81. *Corpus Ecclesiae ambientium contagione foedatur (Ep. 1).*
82. *Recumbat in novissimo loco (Luc. 14, 40).*
83. *Cineri non expedit, ut in alto loco, sit, ne dispergatur a vento (De Erud. princ. l. 1. c. 1).*
84. *Elegi abjectus esse in domo Dei mei, magis quam habitare in tabernaculis peccatorum (Ps. 83, 11).*
85. *Si quis... non odit patrem suum et matrem... non potest meus esse discipulus (Luc. 14, 26).*
86. *Si prohibeant ne vitam secundum ecclesiae disciplinae normam instituat, si negotiis saecularibus eum implicent, tunc eos, tamquam in via Dei adversarios, odisse et fugere tenentur (Abelly, Sacr. chr. p. 4. c. 6).*
87. *Quos adversarios in via Dei patimur, odiendo et fugiendo nesciamus (In Evang. hom. 37).*
88. *Nec in domo Domini Sacerdos eligitur, nisi qui dixerit patri et matri: Nescio vos (Epist. 102).*
89. *Suis se abneget, qui servire Deo gestit (De Esau. c. 2).*
90. *Honorandus est pater, sed obediendum est Deo (Serm. 100, E. B.).*
91. *Grandis in suos pietas, impietas in Deum est (Ep. ad Paulam).*
92. *Veni enim separare hominem adversus patrem suum... (Matth. 10, 35).*
93. *Fugiamus illorum curam tamquam diabolicam (Const. Monial. c. 21).*
94. *Propter patrem, militiam Christi deseram? Quid facis in paterna domo, delicate miles? Ubi vallum? ubi fossa? Licet in limine pater jaceat, per calcatum perge patrem, siccis oculis ad vexillum Crucis evola. Solum pietatis genus est in hac re, esse crudelem (Ep. ad Heliod.).*
95. *Comburo vos, ne comburam a vobis (Ad Fr. in. er. s. 40).*
96. *Extra cognatos quisque debet fieri, si vult Parenti omnium verius jungi (Mor. l. 7. c. 18).*
97. *Carnalis amor extra Dei amorem cito te capiet (Epist. 134).*
98. *Quomodo te, bone Jesu, inter meos cognatos inveniam, qui inter tuos minime es inventus? (Spec. Disc. p. 1. c. 23).*
99. *Fili, quid fecisci nobis sic? — Quid est quod me quaerebatis? nesciebatis quia, in his quae Patris mei sunt, oportet me esse? (Luc. 2, 49).*
100. *Dimitte mortuos sepelire mortuos suos (Matth. 8, 22).*
101. *Acceptius obsequium homo praestat Deo, suam voluntatem mortificans, quam si mortuos ad vitam revocaret (Sac. an. p. 1. § 5).*
102. *In die jejunii vestri, invenitur voluntas vestra (Is. 58, 3).*
103. *Grande malum, propria voluntas, qua fit ut bona tua tibi bona non sint (In Cat. s. 71).*
104. *Cesset voluntas propria, et infernus non erit (In Temp. Pasch. s. 3).*
105. *Ligatus, non ferro alieno, sed mea ferra voluntate (Conf. l. 8. c. 5).*
106. *Quantum in ipsa est, Deum perimit propria voluntas (In Temp. Pasc. s. 3).*
107. *Qui se sibi magistrum constituit, stulto se discipulum subdit (Epist. 87).*
108. *Et vita in voluntate ejus (Ps. 29, 6).*
109. *Qui vos audit, me audit. — Et qui vos spernit, me spernit (Luc. 10, 16).*
110. *Quasi scelus idololatriae, nolle acquiescere (1. Reg. 15, 23).*
111. *Quidquid, vice Dei, praecipit homo, quod non sit tamen certum displicere Deo, haud secus omnino accipiendum est, quam si praecipiat Deus (De Proee. et Disp. c. 9).*
112. *Nunquam meam feci voluntatem; nec quemquam docui, quod prius ipse non feci. — Mortificatione voluntatum marcescunt universa vitia (De Coenob. inst. l. 4. c. 28 43).*
113. *Vir obediens loquetur victoriam (Prov. 21-28).*
114. *Melior est enim obedientia quam victimae (1. Reg. 15, 22).*
115. *Sicut seipsum Deo tradit, voluntatem propriam immolando, sic a Deo, omne quod poposcerit, consequetur (Lign. v. de Obed. c. 3).*

116. *Si averteris... facere voluntatem tuam... sustollam te super altitudines terrae (Is. 58, 13).*

117. *Quodcumque volueritis, petetis et fiet vobis (Jo. 15, 7).*

118. *Entret. 21.*

## NONA INSTRUÇÃO

### Sobre a mortificação exterior

#### I

#### Necessidade da mortificação exterior

Ensina S. Gregório de Nazianzo que ninguém é digno de ser ministro de Deus e de oferecer o sacrifício do altar, se não começar por se sacrificar a Deus por completo<sup>1</sup>. Tal é também a linguagem de Sto. Ambrósio: É verdadeiramente agradável a Deus o sacrifício, quando começamos por nos oferecermos como hóstias, para depois sermos dignos de apresentar as nossas oferendas<sup>2</sup>. E o próprio Redentor disse: *Se o grão de trigo não cair na terra e nela não morrer, permanecerá só; mas, se morrer, produzirá muito fruto*<sup>3</sup>. Assim, quem quer produzir frutos de vida eterna, deve morrer a si próprio, isto é, nada desejar para sua própria satisfação, e aceitar tudo quanto mortifique a carne<sup>4</sup>. Quem está morto para si mesmo, diz Lansperge, deve viver neste mundo como se não visse nem ouvisse nada, como se nada lhe pudesse causar dor ou prazer, senão Deus.

*Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem a perder por mim, tornará a readquiri-la*<sup>5</sup>. Ó ditosa perda, exclama Sto. Hilário, perder todos os bens deste mundo, e até a vida para seguir a Jesus Cristo e alcançar a vida eterna!<sup>6</sup> No sentir de S. Bernardo, se outra razão não tivéramos para nos darmos inteiramente a Deus, deveria bastar-nos o saber que ele se deu todo a nós<sup>7</sup>. Ora, para nos darmos por completo a Deus, temos que desapegar-nos de todas as afeições terrenas. Quanto menos desejarmos os bens da terra, diz Sto. Agostinho, mais amaremos a Deus; ama-o perfeitamente quem nada deseja<sup>8</sup>.

Na instrução precedente, falamos da mortificação interior; falaremos agora da exterior que consiste na mortificação dos sentidos. Também esta é necessária, porque, em consequência do pecado, temos conosco uma carne inimiga, que combate contra a razão. Era dessa luta que o Apóstolo<sup>9</sup> se lamentava: *Sinto nos meus membros outra lei contrária à lei do meu espírito*; quer dizer, segundo Santo Tomás: a concupiscência da carne, que contraria a razão<sup>10</sup>. Se a alma não dominar o corpo, será dominada por ele. Deu-nos Deus os sentidos para que nos sirvamos deles, não segundo os nossos ca-

prichos, mas segundo a sua vontade. Devemos pois mortificar os nossos apetites, que são contrários à lei de Deus.

*Os que pertencem a Jesus Cristo, têm crucificado a sua carne com os seus vícios e concupiscências*<sup>11</sup>. Tal a razão por que os santos se têm dado com tanto ardor a macerar a sua carne. S. Pedro de Alcântara tomou a resolução de jamais conceder ao seu corpo satisfação alguma, e cumpriu-a até à morte. S. Bernardo de tal modo, maltratava o seu, que lhe pediu perdão ao expirar. “É um erro pensar, dizia Sta. Teresa, que Deus admita na sua amizade pessoas que procuram as suas comodidades<sup>12</sup>. — As almas que amam verdadeiramente a Deus, não sabem pedir-lhe descanso<sup>13</sup>”. E segundo Sto. Ambrósio, quem não renuncia à satisfação do seu corpo, não pode agradar a Deus<sup>14</sup>. Quem sujeita o espírito à carne, diz Sto. Agostinho, é um monstro que caminha com a cabeça para baixo e os pés para cima<sup>15</sup>. Nascemos para coisas mais altas, do que para sermos escravos da nossa carne; era<sup>16</sup> Sêneca, um pagão, que assim falava. Quanta mais razão temos nós para falar esta linguagem, nós que, alumiados pela fé, sabemos que fomos criados para gozar de Deus eternamente! S. Gregório diz que transigir com os apetites da carne, outra coisa não é que alimentar inimigos<sup>17</sup>.

Santo Ambrósio deplora a desgraça de Salomão, que teve a glória de edificar o templo de Deus, mas melhor tinha feito se conservasse para Deus o templo do seu corpo; porque deixou perder o seu corpo, a sua alma e o seu Deus, para contentar as suas inclinações<sup>18</sup>. Devemos tratar o nosso corpo como um cavalo fogoso, ao qual nunca se afrouxa o freio. De mais, segundo S. Bernardo, devemos opor-nos aos apetites do nosso corpo, como o médico aos desejos do doente, quando este lhe pede o que não convém, e recusa fazer o que lhe é útil para a saúde. Não seria cruel o médico se, por condescendência com o doente, lhe permitisse arriscar a vida? Do mesmo modo, não é lisonjeando a nossa carne que temos caridade com ela; entendamos bem que nunca fomos tão cruéis para conosco próprios como quando, por um momento de prazer, dado aos sentidos, condenamos a nossa alma a um suplício eterno; é assim que fala S. Bernardo<sup>19</sup>. Numa palavra, é necessário que mudemos de gostos e pratiquemos o que N. Senhor dizia um dia a S. Francisco de Assis: “Se me desejas, toma as coisas amargas por doces, e as doces por amargas”.

Vejamos os frutos da mortificação exterior.

Em primeiro lugar, livra-nos das penas devidas aos nossos prazeres culposos, penas que nesta vida são muito mais leves que na outra. Conta Sto. Antonino que um anjo dera a escolher a um doente ou três dias de purgatório, ou dois anos no seu leito, com a moléstia que estava sofrendo. O doente escolheu os dias de purgatório; mas, passada apenas uma hora, logo se queixou ao anjo de o ter feito sofrer tantos anos naqueles momentos, tendo-lhe anunciado somente três dias. O anjo respondeu-lhe: “Que dizeis? Ainda o vosso corpo está quente no leite mortuário, e já falais em anos!” Quereis escapar ao castigo, pergunta S. João Crisóstomo? Sêde o vosso próprio juiz: arrependei-vos e corrigi-vos<sup>20</sup>.

Em segundo lugar, a mortificação desapega a alma das afeições terrenas, e fá-la entrar nas disposições necessárias para se unir a Deus. Dizia S. Francisco de Sales, que jamais a alma poderá elevar-se para Deus, se a carne não for mortificada e dominada. Foi também o que disse S. Jerônimo<sup>21</sup>.

Em terceiro lugar, a penitência faz-nos adquirir os bens eternos, como S. Pedro de Alcântara e revelou do alto do Céu a Sta. Teresa, por estas palavras: Ó feliz penitência que me valeu tamanha glória!<sup>22</sup>

Por isso os santos trabalharam de contínuo em macerar a sua carne, o mais possível. S. Francisco de Borja dizia que morreria sem consolação, no dia em que não tivesse mortificado o seu corpo com alguma penitência. Uma vida de prazeres adocicados não pode ser a dum cristão.

## II

### Prática da mortificação exterior

Se não tivermos coragem para mortificar o nosso corpo com grandes austeridades, pratiquemos ao menos algumas pequenas mortificasses. Suportemos com paciência as penas que nos advierem, por exemplo: este incômodo, esta vigília, este cheio desagradável, quando assistimos aos dentes, que vamos confessar nas prisões, quando ouvimos de confissão os pobres, e outras coisas semelhantes. Ao menos privemo-nos, de tempos a tempos, de algum prazer permitido. O que se permitem tudo que é lícito, diz Clemente de Alexandria, em breve passam ao que lhes não é lícito<sup>23</sup>. É difícil que permaneça por muito tempo sem abraçar as coisas más, quem se entrega a todas as satisfações permitidas por si mesmas. — Um grande servo de Deus, o Pe. Vicente Carafa, da Cia. de Jesus, dizia que o Senhor nos dera as delícias deste mundo, não para gozarmos delas, mas para nos tornarmos agradáveis aos seus olhos, pela oferta dos seus próprios dons, privando-nos deles para lhe testemunharmos o nosso amor. Por outro lado, como nota S. Gregório<sup>24</sup>, não temos dificuldade em nos abstermos dos prazeres proibidos, quando estamos habituados a privarmo-nos dos permitidos.

Mas falemos das mortificasses particulares, que podemos impor aos nossos sentidos, principalmente à vista, ao gosto e ao tato.

#### 1. Da vista e de todo o exterior

Primeiro que tudo, devemos mortificar a vista. Os primeiros dardos que ferem uma alma casta, e por vezes lhe dão a morte, entram pelos olhos, nota S. Bernardo<sup>25</sup>. E um profeta disse: *Foi o meu olhar que assolou a minha alma*<sup>26</sup>. É por meio dos olhos que os pensamentos culposos são excitados no espírito. Dizia S. Francisco de Sales: “O que não se vê não se deseja”. Assim, o demônio move primeiro a tentação de olhar, depois de desejar, e enfim de consentir. Tal foi o processo que seguiu até com o nosso Salvador; depois de lhe ter mostrado os reinos do mundo, tentou-o dizendo-lhe: *Todas estas coi-*

*sas te darei, se te prostrardes diante de mim e me adorares*<sup>27</sup>. O que Satanás não conseguiu com Jesus Cristo, tinha-o obtido com Eva: *Viu a mulher que o fruto era bom para comer, agradável aos olhos e de aspecto atraente; colheu o fruto e comeu-o*<sup>28</sup>.

Diz Tertuliano que certos olhares furtivos são o princípio das maiores desordens<sup>29</sup>. E S. Jerônimo ajunta que os olhos são como ladrões, que quase nos arrastam à força para o pecado<sup>30</sup>. Devem-se fechar pois as portas da praça se se quer que o inimigo não entre nela. O abade Pastor, por ter olhado uma mulher, foi atormentado de maus pensamentos durante quarenta anos. Do mesmo modo S. Bento, por ter levantado os olhos para uma mulher, quando ainda estava no mundo, a tal ponto foi tentado que, para vencer mesmo no deserto, se arremessou entre espinhos; só por esse meio conseguiu triunfar. O mesmo S. Jerônimo, no seu retiro de Belém, foi por longo tempo assaltado de pensamentos impuros, ao recordar-se de certas mulheres que tinha visto em Roma. Permaneceram vitoriosos os grandes santos, graças ao socorro de Deus que, por suas orações e penitências alcançaram; mas quantos outros a quem os olhos fizeram cair miseravelmente! Foram os olhos que causaram a queda de Davi e também de Salomão. Fica-se tomado de horror ao ler o que Sto. Agostinho refere de Alípio: foi ao teatro com a resolução de não olhar: *Adero absens*, dizia ele; mas depois, tentado a olhar; não só pecou, como até provocou outros para o pecado<sup>31</sup>.

Sêneca pois tinha razão para dizer que o ser cego é grande auxílio para conservar a iocência<sup>32</sup>. Não nos é lícito arrancar os olhos para nos privarmos da vista, mas devemos tornar-nos cegos fechando-os, para não vermos o que nos pode levar para o mal: *Quem fecha os olhos para não ter maus olhares, há de habitar em lugares elevados*<sup>33</sup>. Assim Jó tinha feito um acordo com os seus olhos, para não olhar nenhuma mulher, com receito de que alguns maus pensamentos o não viessem atormentar<sup>34</sup>. S. Luís de Gonzaga não ousava erguer os olhos para sua mãe. S. Pedro de Alcântara abstinha-se de olhar até os seus irmãos de religião, que conhecia pela voz e não pela vista.

O Concílio de Tours diz que os padres se devem resguardar de tudo quanto possa ferir-lhes os olhos ou os ouvidos<sup>35</sup>. Esta advertência dirige-se especialmente aos padres seculares, que muitas vezes têm de exercer as suas funções em públicas e nas casas dos leigos. Se derem a seus olhos a liberdade de olharem todos os objetos que se lhes apresentarem, dificilmente se conservarão castos. É o Espírito Santo quem nos adverte: *Desvia os teus olhos da mulher enfeitada, e não procures ver os atrativos estranhos; a beleza deste sexo tem sido a ruína de muitos homens*<sup>36</sup>. E se por vezes os olhos se distraírem, diz Sto. Agostinho, guardemo-nos ao menos de os fixar sobre objetos perigosos<sup>37</sup>. Não assistamos por tanto nem a bailes, nem a comédias profanas, ou outras reuniões mundanas, em que se encontrem homens e mulheres. Se a necessidade exigir a nossa presença onde houver mulheres, devemos ter lá particular cuidado em conservar a modéstia dos olhos.

Assistia um dia o Pe. Alvarez à degradação pública dum padre; como ali estavam mulheres, tomou ele nas suas mãos uma imagem da santíssima Virgem e nela conservou fixos os olhos, durante as muitas horas que a cerimônia durou, com receito de que os olhos lhe não caíssem sobre alguma mulher. Logo de manhã ao despertarmos, digamos a nosso Senhor com Davi: *Preservai os meus olhos de toda a vaidade*<sup>38</sup>.

Ó! quanto é proveitoso para nós e edificante para os outros termos os olhos baixos! Vem a propósito aqui um episódio de S. Francisco de Assis, muito conhecido. Disse ele um dia ao seu companheiro que queria ir pregar, e saíram do convento; deram um passeio, sempre com os olhos baixos, e voltaram. — ‘E quando fazeis o vosso sermão, lhe perguntou o companheiro?’ — o santo respondeu: “O nosso sermão está feito: consistiu na modéstia dos olhos, de que demos exemplo a este povo”. Conforme nota um autor, dizem os evangelistas, em muitos lugares, que o nosso Salvador, em certas ocasiões ergueu os olhos para olhar: *Levantou os olhos para os seus discípulos*<sup>39</sup>. *Tendo Jesus elevado os olhos...*<sup>40</sup>. Dá-se a entender que de ordinário os conservava baixos. Assim S. Paulo punha em relevo a modéstia do seu divino Mestre, quando escrevia: *Eu vos conjuro pela doçura e modéstia de Jesus Cristo*<sup>41</sup>.

Diz S. Basílio que é necessário ter os olhos voltados para a terra e a alma elevada ara o céu<sup>42</sup>. Segundo S. Jerônimo, é o rosto o espelho da alma, e os olhares têm uma linguagem silenciosa, que deixa escapar os segredos do coração<sup>43</sup>. E no dizer de Sto. Agostinho, olhos que não sabem conservar-se baixos revelam uma coração impuro<sup>44</sup>. Sto. Ambrósio ajunta que bastam os movimentos do corpo para denunciarem o bom ou mau estado da alma<sup>45</sup>. Conta a este propósito que ajuizara mal de dois homens, só por ver a imodéstia do seu andar, e que o seu juízo se confirmara: veio a saber que um era ímpio e o outro herege.

Falando em particular dos homens consagrados a Deus, diz S. Jerônimo que todas as suas ações, discursos, exterior e andar, são um ensinamento para os fiéis<sup>46</sup>. Daí esta recomendação do Concílio de Trento<sup>47</sup>: De tal modo devem os eclesiásticos ordenar a sua vida e costumes, que no seu modo de vestir, nos seus gestos e no seu andar, só revelem gravidade e espírito religioso. O mesmo pensamento exprime S. João Crisóstomo, dizendo: É preciso que a alma do padre seja toda resplandecente, para que alumie os que nele põem os olhos<sup>48</sup>. A todos e em tudo deve o padre dar exemplo de modéstia: nos olhares, no andar, nas palavras, nomeadamente falando pouco e como convém.

O padre deve falar pouco. Quem fala muito com os homens, mostra que fala pouco com Deus. As almas de oração são avaras de palavras; quando se abre a boca do forno, escapa-se o calor. Tomás de Kempis diz: É no silêncio que a alma faz progressos<sup>49</sup>. E S. Pedro Damiano: O silêncio é o guarda da justiça<sup>50</sup>. O mesmo nos ensina o Espírito Santo: No silêncio e na esperança estará a vossa força<sup>51</sup>. Está no silêncio a nossa força, porque nunca se fala muito sem algum pecado<sup>52</sup>.

Deve o padre falar dum modo conveniente. A vossa boca, diz Sto. Ambrósio, é a boca de Jesus Cristo; guardai-vos de a abrir, não digo só à maledicência e à mentira, mas até às palavras ociosas<sup>53</sup>. Quando se ama uma pessoa, parece que não se sabe falar senão dela; assim, quem ama a Deus, está sempre disposto a falar de Deus. Lembrai-vos, exclama o abade Gilberto, que a vossa boca está consagrada aos oráculos celestes; olhai como um sacrilégio proferir palavra, que não se refira a Deus<sup>54</sup>. Santo Ambrósio nos adverte que se falta à modéstia, até falando em tom demasiado alto: Seja a modéstia o regulador da vossa voz, para que não ofendais os ouvidos com um tom demasiado estridente<sup>55</sup>. Ainda mais, exige a modéstia que nos abstenhamos não só de dizer, mas de escutar qualquer palavra imodesta: *Resguardai os vossos ouvidos com uma sebe de espinhos, não escuteis palavras más*<sup>56</sup>.

A par disto, é necessário que o padre seja modesto no vestir. Vêem-se alguns, diz Santo Agostinho, que para se mostrarem bem vestidos no exterior, se despojam da modéstia interior<sup>57</sup>. Um vestido de luxo, um casaco curto, botões de ouro nos punhos... e outras coisas semelhantes indicam falta de virtude na alma. Ouçamos S. Bernardo: Os que andam quase nus erguem a sua voz e vos gritam: os bens que desperdiçais pertencem-nos; o que tomais para enfeitardes a vossa vaidade, é às nossas necessidades que o arrebatais<sup>58</sup>. Sobre este ponto ordenou o 2.º Concílio de Nicéia: Deve o padre contentar-se com um vestuário modesto de pouco valor; tudo quanto é inútil e só visa à ostentação, expõe-no à murmuração e à crítica<sup>59</sup>.

Deve-se observar a modéstia no cabelo. O papa Martinho proibiu aos clérigos o exercício das suas funções na igreja, desde que não tivessem o cabelo cortado a ponto de conservarem as orelhas descobertas<sup>60</sup>. À vista disto, que pensaremos daqueles a quem Clemente de Alexandria acusa de serem avaros do seu cabelo, a ponto de o não deixarem cortar senão com reserva?<sup>61</sup> Que vergonha, diz S. Cipriano, ver eclesiásticos que trazem uma cabeleira anafada como a das mulheres?<sup>62</sup> O próprio Apóstolo censurou este abuso, dizendo que o cuidado do cabelo assim como é uma glória para as mulheres, é uma ignomínia para um homem<sup>63</sup>. E falava assim de qualquer homem, mesmo secular. Que idéia se há de fazer pois dum eclesiástico, que ostenta uma cabeleira artisticamente cuidada, que frisa o cabelo e porventura até o pulvilha?

Dizia Minúcio Felis que nós, os eclesiásticos, nos devemos dar a conhecer como tais, não pelos adornos do corpo, mas pelos exemplos de modéstia<sup>64</sup>. Santo Ambrósio diz também que o exterior do sacerdote deve ser tal, que à sua vista o povo se sinta penetrado de respeito para com Deus, de quem ele é ministro<sup>65</sup>.

## 2. Do gosto

Falemos em segundo lugar da mortificação do gosto, isto é, da boca. O Pe. Rogacci ensina, no seu *Único Necessário*, que a máxima parte da morti-

ficação exterior consiste na mortificação da boca. Por isso Sto. André Avelino dizia, que quem aspira à perfeição, deve começar por mortificar a sua boca. Segundo o testemunho de S. Leão, tal há sido a prática dos santos: “Os seus primeiros combates na milícia cristã consistiram em santos jejuns”<sup>66</sup>. Dizia S. Filipe de Néri a um seu penitente, que era pouco mortificado neste ponto: “Se te não corrigires deste defeito, jamais chegarás à vida espiritual”. Assim, todos os santos têm sido muito atentos em se mortificarem na comida. S. Francisco Xavier não comia senão um pouco de arroz tostado, e S. Francisco Regis um pouco de faria cozida em água. S. Francisco de Borja, sendo ainda secular e vice-rei da Catalunha, só se alimentava de pão e ervas. S. Pedro de Alcântara contentava-se com uma tigela de sopa.

“É necessário comer para viver, dizia S. Francisco de Sales, e não viver para comer”. Pessoas há que parecem viver para comer, fazendo como diz S. Paulo, da sua barriga o seu deus<sup>67</sup>. Segundo Tertuliano, o vício da gula ou dá a morte, ou pelos menos, obscurece muito todas as virtudes<sup>68</sup>. Foi a gula que causou a ruína do mundo: pelo prazer de saborear um fruto, Adão se deu à morte a si próprio, e arrastou na sua queda todo o gênero humano.

Dum modo particular, por causa do seu voto de castidade, devem os sacerdotes mortificar o gosto. S. Boaventura diz que a intemperança na comida alimenta a impudicícia<sup>69</sup>. E Sto. Agostinho: Se a alma for como que sufocada pelo excesso da comida, a inteligência se embotará, e a terra do nosso corpo se cobrirá com os espinhos da luxúria<sup>70</sup>. Daí esta prescrição dos Cânones apostólicos: Os padres que comem demais devem ser depostos<sup>71</sup>. Quem habitua o seu escravo a viver delicadamente, diz o Sábio, há-de encontrá-lo depois rebelde às suas ordens<sup>72</sup>. Conforme o aviso de Sto. Agostinho, guardemo-nos de dar à carne forças contra o espírito<sup>73</sup>. Refere Paládio que S. Macário de Alexandria praticava duras penitências e, como lhe perguntassem porque tratava tão cruelmente o seu corpo, deu esta sábia resposta: Atormento quem me atormenta<sup>74</sup>. A mesma coisa fazia e dizia S. Paulo: *Castigo o meu corpo e o reduzo à escravidão*<sup>75</sup>. Quando a carne não é mortificada, dificilmente obedece à razão. E Santo Tomás diz que o demônio, quando é vencido nas tentações da gula, cessa de tentar pela impureza: *Diabolus, victus de gula, non tentat de libidine*. O Pe. Cornélio acrescenta que, vencida a gula, é fácil triunfar de todos os outros vícios<sup>76</sup>. De ordinário porém, nota Luís de Blois, o grande número vence mais facilmente os outros vícios que a gula<sup>77</sup>.

Mas objeta-se: Deus criou os alimentos para que gozásemos deles. — Respondo: Criou-os Deus para que sirvam à conservação da nossa vida, segundo as necessidades, e não para que abusemos deles pela intemperança. E quanto a certas iguarias delicadas, que não são necessárias à sustentação da vida, também o Senhor as criou, para que nos mortifiquemos algumas vezes pela privação delas. O fruto que Deus proibiu a Adão, tinha sido criado para que Adão se abstinésse dele. Preservemo-nos da intemperança ao menos.

Para observarmos a temperança, diz S. Boaventura, temos quatro coi-

sas a evitar: 1.<sup>o</sup> - comer fora do tempo; 2.<sup>o</sup> - comer com demasiada sofreguidão; 3.<sup>o</sup> - comer em excesso; 4.<sup>o</sup> - comer iguarias delicadas<sup>78</sup>. Que vergonha ver um padre habituado a procurar tais ou tais comidas, preparadas de tal ou tal modo, e quando não as encontra ao gosto da sua sensualidade, incomodar criados e parentes, pôr a casa toda em revolução! Os padres virtuosos contentam-se com o que lhes servem.

Notemos ainda o que diz S. Jerônimo: Um eclesiástico torna-se desprezível, desde que aceite com freqüência convites para jantar<sup>79</sup>. Os padres exemplares evitam os grandes jantares, em que de ordinário se não observa nem a modéstia nem a temperança. É necessário, ajunta o mesmo santo, que os leigos encontrem em nós antes consoladores nas suas penas, que convivas nos dias de prosperidade.

### 3. Do tato

Em terceiro lugar, quanto ao sentido do tato, é necessário, primeiro que tudo, que evitemos toda a familiaridade com pessoas do outro sexo, embora parentas. — São minhas irmãs, minhas sobrinhas. — Sim, mas são mulheres. Os confesores prudentes têm razão em proibir às suas penitentes que lhes beijem mesmo a mão.

Com respeito a este sentido, importa ainda notar que o sacerdote corre maior perigo, se não usar consigo de toda a cautela e modéstia. Eis o que o Apóstolo nos recomenda: *Saiba cada um de vós guardar o vaso da sua carne na santidade a sua honra, e abster-se de satisfazer aos apêlidos desordenados*<sup>80</sup>.

Costumam também os padres fervorosos impor-se algumas penitências, como tomar a disciplina ou trazer algum cilício. Alguns há que desprezam estes meios, sob o pretexto de que a santidade consiste na mortificação da vontade. O que eu vejo é que todos os santos têm sido ávidos de penitências, e atentos quanto possível a mortificar a sua carne. S. Pedro de Alcântara trazia aos seus ombros uma grande placa de ferro esfuracado que lhe dilacerava a carne. S. João da Cruz usava uma camisola, armada de pontas de ferro, com uma cadeia de ferro, que no momento da morte lhe não puderam tirar, e lhe arrancava bocados de carne. E dizia: “Se alguém ensinar uma doutrina, que leve ao relaxamento na mortificação da carne, não se lhe deve dar crédito, ainda mesmo que a confirme com milagres”<sup>81</sup>.

Verdade é que a mortificação interior é a mais necessária, mas a exterior também o é. Quando tentavam dissuadir S. Luís Gonzaga das suas austeridades, dizendo-lhe que a santidade consiste em vencer a própria vontade, deu uma sábia resposta, servindo-se das palavras do Evangelho: *É necessário praticar uma sem desprezar a outra*<sup>82</sup>. À teresiana Maria de Jesus disse o Senhor: “Foi pelos prazeres que o mundo se perdeu, e não pelas penitências”.

Mortificai o vosso corpo, escrevia Sto. Agostinho, e vencereis o demônio<sup>83</sup>. É sobretudo contra as tentações impura que os santos têm empregado

como remédio as macerações da carne. S. Bento e S. Francisco, assaltados por essas tentações, rolaram-se em espinhos. Eis uma comparação que nos oferece o pe. Rodriguez: “Imaginai um homem que se encontrasse envolvido nas roscas duma serpente, que procurasse sem cessar dar-lhe a morte, com as suas mordeduras envenenadas; se ele não pudesse tirar a vida a esse reptil, forcejaria ao menos por lhe fazer perder sangue e enfraquecê-la, para a tornar incapaz de grandes malefícios”.

Diz Jó que a sabedoria não se encontra no meio dos prazeres terrenos: *Não lhe conhece o homem o valor, nem ela se encontra nas regiões dos que vivem nas delícias*<sup>84</sup>. Num lugar diz o Esposo dos Cânticos que habita no monte da mirra<sup>85</sup>, e noutro que vive no meio dos lírios<sup>86</sup>. O abade Gilberto concilia estas duas passagens, dizendo que o monte da mirra, onde se mortifica a carne, é precisamente o lugar em que nascem e se conservam os lírios da pureza<sup>87</sup>. E, se alguma vez se ofendeu a castidade, a razão exige que depois se castigue a carne: *Assim como pusestes os vossos membros a serviço das inclinações impuras, para praticardes a iniquidade, assim agora ponde os vossos membros ao serviço da justiça, para fazerdes obras de santidade*<sup>88</sup>.

### 4. Das penas que sobrevêm naturalmente

Se não temos coragem para nos impormos mortificassés voluntárias, cuidemos ao menos de receber com resignação as que Deus nos enviar, como as moléstias, o calor e o frio.

Tendo chegado muito tarde a um colégio da Companhia, foi obrigado S. Francisco de Borja a permanecer ao ar livre, durante a noite, exposto a um frio intenso e à neve que caía. Chegada a manhã, ficaram aflitos os Padres do colégio, mas o santo lhes disse que toda a noite tinha gozado duma grande consolação, por se lembrar que era Deus que se comprazia em lhe enviar aquele vento gelado e aqueles flocos de neve.

“Correi, Senhor, correi, exclama S. Boaventura, correi e feri os vossos servos com feridas sagradas, para os pordes ao abrigo das feridas da morte”<sup>89</sup>. A seu exemplo, nas nossas doenças e aflições, devemos igualmente dizer: Feri-nos, Senhor, com golpes salutarees, para que, escapemos aos golpes mortais da carne. — Ou também com S. Bernardo: “Seja torturado este corpo, que desprezou a Deus! Se sois discreto, deveis exclamar: Ele mereceu a morte, que seja crucificado!”<sup>90</sup> Sim, meu Deus, é justo que seja afligido quem vos afligiu! Mereço a morte eterna; quero pois ser crucificado nesta vida, para não ser atormentado eternamente na outra!

Suportemos assim ao menos as penas que Deus nos enviar. Com razão porém nota um autor que dificilmente se sofrem com perfeita resignação as penas inevitáveis, quando nenhuma se tomam voluntárias. Por outro lado, diz Sto. Anselmo que Deus deixará de castigar o pecador, que a si próprio se castiga, em expiação dos pecados<sup>91</sup>.

### III

#### Vantagens duma vida mortificada

Há quem imagine que uma vida mortificada é uma vida infeliz; mas não, a vida infeliz; mas não, a vida infeliz não é a dos que se mortificam; é antes a dos que cedem aos seus apetites, ofendendo a Deus. *Quem houve já que tivesse paz resistindo-lhe?*<sup>92</sup> Uma alma em pecado é um mar tempestuoso<sup>93</sup>. Quem não está em paz com Deus, diz Sto. Agostinho, é inimigo de si mesmo e a si próprio se faz guerra<sup>94</sup>. O que nos põe em guerra conosco mesmos e nos torna desgraçados são as satisfações que damos ao nosso corpo: *Donde nascem as vossas guerras e discórdias? Não está a origem delas nas paixões que se debatem na vossa carne*<sup>95</sup>.

Escutemos ao contrário esta promessa do Senhor: *Hei de dar ao vencedor um maná escondido*<sup>96</sup>. Aos amantes da mortificação faz Deus saborear as doçuras duma paz, desconhecida dos sensuais, e que excede todos os prazeres dos sentidos<sup>97</sup>. Por isso são proclamados felizes os que estão mortos para os gozos terrenos<sup>98</sup>. Olham os mundanos como desditosos os que vivem estranhos aos prazeres sensuais, mas, no dizer de S. Bernardo, esses apenas fixam os olhos nas mortificasses deles, e não atingem as consolações interiores com que Deus os favorece já nesta vida<sup>99</sup>. As promessas de Deus são infalíveis: *Tomai o meu jugo sobre os vossos ombros... e encontrareis a paz para as vossas almas*<sup>100</sup>.

Ó! não, para uma alma que ama a Deus, diz Sto. Agostinho, mortificar-se não é uma pena<sup>101</sup>. Nada acha difícil quem ama, ajunta S. Lourenço Justiniano; esse coraria de falar em dificuldades<sup>102</sup>. *O amor é forte como a morte*<sup>103</sup>: assim como nada resiste à morte, nada resiste ao amor.

Se queremos gozar das delícias da eternidade, temos que privar-nos dos prazeres do tempo: *Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á*<sup>104</sup>; o que faz dizer a Sto. Agostinho: Guardai-vos de vos amardes a vós mesmos nesta vida, com receio de vos perderdes na vida eterna<sup>105</sup>. S. João viu todos os bem-aventurados com palmas na mão<sup>106</sup>. Para nos salvarmos, precisamos de ser todos mártires, ou ao ferro dos tiranos, ou pelas mortificasses que nos infligirmos. Persuadamo-nos bem de que tudo o que sofrermos não é nada em comparação da glória eterna que nos espera<sup>107</sup>. As penas dum momento não de valer-nos uma felicidade eterna: *Porque estas tribulações momentâneas e leves do presente nos alcançam um galardão eterno de ventura, sem medida*<sup>108</sup>. Tal o fundamento da reflexão do Judeu Filon, — que as satisfações que damos ao nosso corpo, em prejuízo da nossa alma, são outros tantos roubos que a nós mesmos fazemos quanto à felicidade do Paraíso<sup>109</sup>. Por sua vez diz S. João Crisóstomo que, quando Deus nos dá ocasião para sofrermos, dispensa-nos uma graça maior do que se nos concedesse poder para ressuscitar mortos: “Fazendo um milagre contraio uma dívida para com Deus; sofrendo com paciência, torno a Jesus Cristo meu devedor”<sup>110</sup>. São os santos as pedras vivas de que é construída a celeste

Jerusalém<sup>111</sup>. Ora, antes de serem colocadas no seu lugar, devem essas pedras ser polidas com o cinzel da mortificação, como a Igreja o exprime nos seus cânticos:

Scalpri salubris ictibus,  
Et tunsione plurima  
Fabri polita malleo,  
Hanc saxa molem construunt.

Todo o ato de mortificação é pois uma obra para o Paraíso; deve este pensamento tornar-nos doce tudo quanto na mortificação encontramos de amargo. Para bem vivermos e nos salvarmos, precisamos de viver da fé<sup>112</sup>, isto é, com os olhos na eternidade que nos espera<sup>113</sup>. Pensemos, diz Sto. Agostinho, que o Senhor ao mesmo tempo que nos exorta a combater as tentações, dá-nos o seu socorro e nos prepara a coroa<sup>114</sup>. Ora, conforme nota o Apóstolo, se os atletas se abstinham de tudo quanto podia estorvá-los de alcançar uma miserável coroa temporal, com quanta mais razão não devemos nós morrer a tudo para adquirirmos uma coroa imensa e eterna?<sup>115</sup>

1. *Nullus Deo et sacrificio dignus est, nisi qui prius se viventem hostiam exhibuerit (Apolog. 1).*
2. *Hoc est sacrificium primitivum, quando unusquisque se offert hostiam, ut postea munus suum possit offerre (De Cain et Abel. l. 2. c. 6).*
3. *Nisi granum frumenti cadens in terram mortuum fuerit, ipsum solum manet; si autem mortuum fuerit, multum fructum affert (Jo. 12, 24).*
4. *Nihil quod caro blanditur, libeat; nihil quod carnalem vitam trucidat, spiritus perhorrescat (In Evang. hom. 11).*
5. *Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam; qui autem perdidit animam suam propter me, inveniet eam (Matth. 16, 25).*
6. *Jactura felix! contemptu universorum, Christus sequendus est, et aeternitas comparanda (In Matth. can. 16).*
7. *Integrum te da illi, quia ille, ut te salvaret, integrum se tradidit (De modo bene viv. c. 8).*
8. *Nutriminum charitatis est, imminutio cupiditatis; perfectio nulla cupiditas (De div. quaest. q. 36).*
9. *Video autem aliam legem in membris meis, repugnantem legi mentis meae (Rom. 7, 23).*
10. *Id est concupiscentia carnis contrarians rationi.*
11. *Qui autem sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis (Gal. 5, 24).*
12. *Chem. de la perf. ch. 19.*
13. *Fond. ch. 5.*
14. *Qui non peregrinatur a corpore, peregrinatur a Domino (In Luc. c. 9).*
15. *Inversis pedibus ambulat (Ad Fr. in er. s. 50).*
16. *Major sum et ad majora genitus, quam ut mancipium sim mei corporis (Epist. 65).*
17. *Dum (carni) parcimus, ad praelium hostem nutrimus (Mor. l. 30. c. 28).*
18. *Salomon templum Deo condidit; sed ufinam corporis sui templum ipse servasset! (Apol. David. l. 2).*
19. *Ista charitas destruit charitatem; talis misericordia crudelitate plena est, qua ita corpori servitur, ut anima juguletur (Apol. ad Guil. c. 8).*
20. *Non vis castigari, sis judex tui ipsius, te reprehende et corrige.*

21. Anima in coelestia non surgit, nisi mortificatione membrorum.
22. O felix poenitentia, quae tantam mihi promeruit gloriam!
23. Cito adducuntur, ut ea faciant quae non licent, qui faciunt omnia quae licent (Poedag. l. 2. c. 1).
24. Dial. l. 4. c. 11.
25. Per oculos intrat ad mentem sagitta amoris (De Modo bene viv. s. 23).
26. Oculus meus depredatus est animam meam (Thren. 3, 51).
27. Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me (Matth. 4, 9).
28. Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, et pulchrum oculis, aspectuque delectabile; et tulit de fructu illius et comedit (Gen. 3, 6).
29. Exordia sunt maximarum iniquitatum.
30. Oculi, quasi quidem raptores ad culpam (In Thren. 3).
31. Spectavit, clamavit, exarsit; abstulit inde secum insaniam (Conf. l. 6. c. 8).
32. Pars innocentiae, caecitas (De Remed. fort.).
33. Qui... claudit oculos suos ne videat malum, iste in excelsis habitabit (Is. 33, 15).
34. Pepegi foedus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine (Job 31, 1).
35. Ab omnibus quecumque ad aurium et ad oculorum pertinent illecebras, Dei sacerdotes abstinere debent (Anno 813, can. 7).
36. Averte faciem tuam a muliere compta, et ne circumspicias speciem alienam; propter speciem mulieris, multi perierunt (Eccli. 9, 8).
37. Oculi vestri etsi jaciuntur in aliquam, figantur in nullam (Reg. ad Serv. D. n. 6).
38. Averte oculos meos, ne videant vanitatem (Ps. 118, 37).
39. Elevatis oculis in discipulos suos (Luc. 6, 20).
40. Cum sublevasset ergo oculos Jesus (Jo. 6, 5).
41. Obsecro vos per mansuetudinem et modestiam Christi (2. Cor. 10, 1).
42. Oportet oculos habere ad terram dejectos, animam vero ad coelum erectam (Serm. de Ascensi.).
43. Speculum mentis est facies, et taciti oculi cordis fatentur arcana (Ep. ad Furiam).
44. Impudicus oculus impudici cordis est nuntius (Reg. ad serv. D.).
45. Vox quaedam est animi, corporis motus (Offic. l. 1. c. 18).
46. Quorum habitus, sermo, vultus, incessus, doctrina virtutum est (Ep. ad Rusticum).
47. Sic decet omnino clericos vitam moresque suos componere, ut habitu, gestu, incessu, nil nisi grave ac religione plenum prae se ferant (Sess. 22, de Ref. c. 1).
48. Sacerdotis animum splendecere oportet, ut illustrare possit, qui oculos in eum conjiciunt (De Sacerd. l. 3).
49. In silentio proficit anima (De Imit. l. 1. c. 20).
50. Custos justitiae, silentium (Epist. l. 7. ep. 6).
51. In silentio et in spe erit fortitudo vestra (Is. 30, 15).
52. In multiloquio non deerit peccatum (Prov. 10, 19).
53. Os tuum, os Christi; non debes, non dico, ad detractiones, ad mendacia, sed nec ad otiosos sermones os aperire (Medit. 1. § 5).
54. Memento, os tuum coelestibus oraculis consecratum; sacrilegium puta, si quid non divinum sonet (In Cant. s. 18).
55. Vocis sonum libret modestia, ne cujusquam offendat aurem vox fortior (Offic. l. 1. c. 18).
56. Sepi aures tuas spinis, linguam nequam noli audire (Eccl. 28, 28).
57. Ut foris vestiaris, intus exspoliaris (Serm. 60. E. B.).
58. Clamant nudi et dicunt: Nostrum est, quod effunditis; nostris necessitatibus detrahitur, quidquid accedit vanitatibus vestris (De Mor. et Off. ep. c. 2).
59. Virum sacerdotalem cum moderato indumento versari debere; et quidquid, non propter usum, sed ostentatorium ornatum, assumitur, in nequitiae reprehensionem incurrere (Can. 16).
60. Nisi attonso capite, patentibus auribus.
61. Illiberati tonsu se tondentes. Proedag. l. 3. c. 3. (Dum modo indigno de um homem livre. Os escravos traziam o cabelo comprido).
62. Capillis muliebribus se in feminas transfigurant (De jej. Christi).
63. Vir quidem, si comam nutriat, ignominia est illi (1. Cor. 11, 14).
64. Nos, non notaculo corporis, sed innocentiae ac modestiae signo facile dignoscimur (Octav. c. 9).
65. Decet actuum nostrorum esse publicam aestimationem, ut, qui videt ministrum altaris congruis ornatum virtutibus, Dominum veneretur, qui tales servulos habeat (Offic. l. 1. c. 50).
66. Tyrocinium militiae christianae sanctis jejuniis inchoarunt (De Jejun. pent. s. 1).
67. Inimicos crucis Christi, quorum finis interitus, quorum deus venter est (Phil. 3, 18).
68. Omnem disciplinam victus aut occidit aut vulnerat (De jejunio).
69. Luxuria nutritur a ventris ingluvie (De Prof. rel. 2. c. 52).
70. Si ciborum nimietate anima obruatur, illico mens torpescit, et corporis nostri terra spinas libidinum germinabit (Serm. 141, E. B. app.).
71. Sacerdotes qui intemperanter ingurgitant, deponendi sunt.
72. Qui delicate a pueritia nutrit servum suum, postea sentiet eum contumacem (Prov. 29, 21).
73. Ne praebeamus vires corpori, ne committat bellum adversus spiritum (De Sal. docum. c. 35).
74. Vexo eum qui vexat me (Vit. S. M. 7).
75. Castigo corpus meum, et in servitutem redigo (1. Cor. 9, 27).
76. Gula debellata, christianus facilius caetera vitia profligabit (In 1. Cor. 9, 27).
77. Ingluvies a plerisque superari difficilius solet, quam caetera vitia (Euchir. parv. l. 1. doc. 11).
78. 1. Ante debitum tempus, vel saepius quam deceat, comedere praeter necessitatem, more pecudum. 2. Cum nimia aviditate, sicut canes famelici. 3. Nimis se implere ex delectatione. 4. Nimis exquisita quaerere (De Prof. rel. l. 1. c. 36).
79. Facile contemnitur clericus qui, saepe vocatus ad prandium, ire non recusat. — Consolutores nos potius (laici) in maeroribus suis, quam convivis in prosperis, noverint (Ep. ad Nepot.).
80. Sciat unusquisque vestrum vas suum possidere in sanctificatione et honore, non in passione desiderii (1. Thess. 4, 4).
81. Sent. 72.
82. Haec oportuit facere, et illa non omittere (Matth. 23, 23).
83. Mortifica corpus tuum, et diabolum vinces.
84. Nescit homo pretium ejus, nec invenitur in terra suaviter viventium (Job 28, 13).
85. Vadam ad montem myrrhae (Cant. 4, 6).
86. Qui pascitur inter lilia (Cant. 2, 16).
87. Lilia haec oriuntur in monte myrrhae, et nusquam magis illaesa servantur: ubi carnis mortificantur affectus, ibi lilia castimoniae nascuntur et florent (In Cant. s. 28).
88. Sicut enim exhibuistis membra vestra servire immunditiae et iniquitati ad iniquitatem, ita nunc exhibete membra vestra servire justitiae in santificationem (Rom. 6, 19).
89. Curre, Domine, curre, et vulnera servos tuos vulneribus sacris, ne vulnerentur vulneribus mortis.
90. Conteratur contemptor Dei; si recte sentis, dices: Reus est mortis, crucifigatur (Medit. c. 15).
91. Cessat vindicta divina, si conversio praecurrat humana (In 1. Cor. 11).
92. Quis restitit ei, et pacem habuit? (Job 9, 4).
93. Impii autem, quasi mare fervens, quod quiescere non potest (Is. 57, 20).
94. Ipse sibi est bellum, qui pacem noluit habere cum Deo (Enarr. In Ps. 75).
95. Unde bella et lis in vobis? nonne hinc, ex concupiscentiis vestris? (Jacob. 4, 1).
96. Apoc. 2, 17.
97. Pax Dei quae exsuperat omnem sensum (Phil. 4, 7).
98. Beati mortui qui in Domino moriuntur (Apoc. 14, 13).
99. Crucem videntes, sed non etiam unctionem (In Dedic. s. 1).
100. Tollite jugum meum super vos... et invenietis requiem animabus vestris (Matth. 11, 29).
101. Qui amat, non laborat (In Jo. tr. 48).

102. *Amor, difficultatis nomen erubescit (Lig. de v. Char. c. 4).*  
 103. *Fortis est ut mors dilectio (Cant. 8, 6).*  
 104. *Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam (Matth. 16, 25).*  
 105. *Noli amare in hac vita, ne perdas in aeterna vita (In Jo tr. 51).*  
 106. *Stantes ante thronum... et palmae in manibus eorum (Apoc. 7, 9).*  
 107. *Non sunt condignae passiones hujus temporis ad futuram gloriam quae revelabitur in nobis (Rom. 8, 18).*  
 108. *Id enim quod in praesenti est nomentaneum el leve tribulationis nostrae, supra modum in sublimitate aeternum gloriae pondus operatur in nobis (2. Cor. 4, 17).*  
 109. *Obletamenta praesentis vitae, quid sunt, nisi furta vitae futurae?*  
 110. *Quando Deus dat alicui ut mortuos resuscitet, minus dat, quam cum dat occasionem patiendi. — Pro miraculis enim, debitor sum Deo; et pro patientia, debitorem habeo Christum (In Phil. hom. 4).*  
 111. *Tamquam lapides vivi supraedificamini, domus spiritualis (1. Pet. 2, 5).*  
 112. *Justus autem ex fide vivit (Rom. 1, 17).*  
 113. *Quoniam ibit homo in domum aeternitatis suae (Eccl. 12, 5).*  
 114. *Deus hortatur ut pugnes, et deficientem sublevat, et vincentem coronat (In Ps. 32, enarr. 3).*  
 115. *Omnis autem qui in agone contendit, ab omnibus se abstinet; et illi quidem ut corruptibilem coronam accipiant, nos autem incorruptam (1. Cor. 9, 25).*

## DÉCIMA INSTRUÇÃO

# Sobre o amor para com Deus

## I

### O padre deve ser todo de Deus

Sem amardes a Deus, diz Pedro de Blois, bem podereis dizer-vos padre, mas não o sois<sup>1</sup>. Desde o dia da sua ordenação, o padre não é mais seu, mas de Deus, diz Sto. Ambrósio<sup>2</sup>. É o que o próprio Senhor declara na antiga Lei: *Oferecerão o incenso do Senhor e o pão do seu Deus, e por isso mesmo serão santos*<sup>3</sup>. Assim o padre é chamado por Orígenes, “Um espírito consagrado a Deus”<sup>4</sup>. Ao pôr o pé no santuário, o padre protestou que não queria outra herança senão Deus, dizendo: *Domius pars hereditatis meae*. Se pois o padre tem a Deus por sua herança, ajunta Sto. Ambrósio, não deve viver senão para Deus<sup>5</sup>. Por isso disse o Apóstolo que o que se devotou ao serviço da Majestade divina, não deve ingerir-se nos negócios do mundo, mas aplicar-se por completo a fazer o beneplácito do Senhor, a quem se consagrou<sup>6</sup>. Respondendo a um jovem que o queria seguir, Jesus Cristo nem ao menos lhe permitiu que voltasse a sua casa, para dar sepultura a seu pai: *Segue-me e deixa aos mortos o cuidado de enterrarem os seus mortos*<sup>7</sup>. Segundo a reflexão de Sto. Ambrósio foi uma lição dada a todos os eclesiásticos: mostrava-lhes assim que também eles devem antepor os interesses da glória de Deus a todas as coisas humanas, que os possam impedir de se darem a ele por inteiro<sup>8</sup>.

Já na antiga Lei, dizia Deus aos sacerdotes que os tinha escolhido dentre todos, para que fossem dele por completo. Nesse sentido lhes declarou que não teriam entre os seculares nem bens nem patrimônio: que ele próprio era sua propriedade e herança<sup>9</sup>. Oleastro faz esta reflexão: Ó padre, grande é esse benefício, se o compreendes: Deus quer fazer-te herança sua! Que te poderá faltar, se possuíres a Deus?<sup>10</sup> Deve pois o padre dizer com Sto. Agostinho: Que os outros escolham entre os bens terrenos os que mais lhes aprazem, a partilha dos santos é o Senhor, que é eterno; que os outros bebam da taça dos prazeres envenenados; a fonte em que quero saciar-me é o Senhor<sup>11</sup>.

Que queremos nós amar, se não amamos a Deus? Assim fala Sto.

Anselmo, dirigindo-se ao Senhor<sup>12</sup>. Fez o imperador Dioclesiano apresentar diante de Clemente de Ancira ouro, prata e pedras preciosas, para o mover a abjurar a fé; mas o santo soltou um gemido de dor, ao ver que os homens punham o seu Deus em confronto com um pouco de barro. Ter tudo sem Deus é nada ter; mas ter Deus é ter tudo, embora nenhuma coisa se tenha<sup>13</sup>. Assim pensava com razão S. Francisco, que passou uma noite inteira a repetir estas palavras: *Deus meus, et omnia!* Ditoso pois o que pode dizer com Davi: Meu Deus, só a vós vejo no Céu e na terra; sois e sempre sereis o único Senhor do meu coração e o meu único tesouro<sup>14</sup>.

Por isso mesmo merece Deus ser amado, — porque é objeto digno dum amor infinito; mas nós devemos amá-lo, ao menos por motivo de reconhecimento, em razão do amor imenso que nos testemunhou no benefício da redenção. Que mais poderia fazer um Deus do que fazer-se homem e morrer por nós? *Ninguém pode mostrar mais amor do que dando a vida pelos seus amigos*<sup>15</sup>. Antes da redenção, podia o homem duvidar se Deus o amava com ternura; mas poderá restar-lhe alguma dúvida, depois de o ter visto numa cruz, morto por seu amor? Conforme a expressão de Moisés e Elias no Tabor<sup>16</sup>, foi isso um excesso de amor, que nem os anjos todos poderão compreender por toda a eternidade. Quem dentre os homens, pergunta Sto. Anselmo, podia merecer que um Deus morresse por ele?<sup>17</sup> E contudo é certo que o Filho de Deus morreu por cada um de nós. O Apóstolo no-lo assegura<sup>18</sup>, e ajunta que a morte do nosso Salvador, pregada aos Gentios, lhes parecia uma loucura<sup>19</sup>. E por certo não era nem uma loucura nem uma mentira: era uma verdade de fé, verdade tal que, no dizer de S. Lourenço Justiniano, nos faz ver Deus — que é a própria Sabedoria — tornado como que louco por amor do homem<sup>20</sup>. Ai! Se Jesus Cristo tivesse querido testemunhar o seu amor a seu eterno Pai, teria podido dar-lhe uma prova mais certa do que morrer crucificado, como morreu por cada um de nós? Vou mais longe: se um dos nossos servos tivesse morrido por nós, poderíamos não o amar? Apesar de tudo, onde está o nosso amor e reconhecimento para com Jesus Cristo?

Se ao menos recordássemos muitas vezes o que o nosso divino Redentor fez e sofreu por nós! Dá-se muito gosto a Jesus Cristo, quando se pensa com freqüência na sua paixão. Se uma pessoa tivesse sofrido ultrajes, blasfêmias, cadeias por um amigo, quanto não gostaria que esse amigo se lembrasse dele e pensasse muitas vezes em tais sacrifícios! Desde que uma alma pense muitas vezes na paixão de Jesus Cristo, e no amor que este Deus tão bom nos há testemunhado, é impossível que não se sinta impelida por uma força irresistível a amá-lo: *O amor de Jesus Cristo, insta conosco*<sup>21</sup>, exclama o Apóstolo. Mas, se todos os homens devem arder em amor por Jesus Cristo, dum modo mais especial nós os padres, porque ele morreu especialmente para nos fazer sacerdotes. De fato, como ponderamos no princípio (pág. 24), sem a morte de Jesus Cristo, não teríamos a Vítima santa e sem mancha, que agora oferecemos a Deus. É o que nota com razão Sto. Ambrósio e ajunta: Quem mais recebe, mais deve; demos-lhe portanto o nosso amor em troca do seu sangue<sup>22</sup>.

Cuidemos de compreender o amor que Jesus Cristo nos mostrou na sua paixão, e desse modo por certo se extinguirá no nosso coração o amor das criaturas. Ó! *si scires mysterium crucis!* exclamava o apóstolo Sto. André, dirigindo-se ao tirano, que tentava forçá-lo a renegar a Jesus Cristo! Queria dizer: Ó tirano! Se soubesses até onde chegou o amor do teu Deus para te salvar, é certo que, longe de me queres tentar, te devotarias a amá-lo, para lhe testemunhares o teu reconhecimento, por um tal extremo de amor.

Ditosos pois os que sempre têm presentes a seus olhos as chagas de Jesus Cristo! *Caminhareis radiantes de alegria, a colher água nas fontes do Salvador*<sup>23</sup>. Ó! que preciosa abundância de luzes e sentimentos de devoção colhem os santos nesses mananciais salutares! Dizia o Pe. Alvarez que a desgraça dos cristãos está em ignorarem os tesouros que temos em Jesus Cristo. Gloriam-se os sábios da sua ciência; o Apóstolo só se gloriava de saber Jesus crucificado<sup>24</sup>. De que servem todas as ciências quando se não sabe amar a Jesus Cristo? *Ainda que eu possuísse todas as ciências*, dizia o Apóstolo, *se não tivesse caridade, não seria nada*<sup>25</sup>. Noutra lugar escreveu que, para ganhar a Jesus Cristo, olharia como nada todos os outros bens<sup>26</sup>. E gloriava-se de estar na prisão<sup>27</sup> por amor de Jesus Cristo.

Ó! feliz o padre que, ligado por tão doces cadeias, se dá todo a Jesus Cristo! Mais vale para Deus uma só alma, que se lhe dá por completo, do que cem outras que permanecem imperfeitas. Se um príncipe tivesse cem criados, dos quais noventa e nove o servissem com pouca dedicação e sempre lhe causassem alguns desgostos, ao passo que um só o servisse unicamente por amor, atento em lhe fazer sempre e em tudo a vontade, por certo esse príncipe amaria mais este único servo fiel, do que a todos os outros juntos. *São inumeráveis as donzelas; a minha pomba, a minha perfeita é uma só*<sup>28</sup>.

A tal ponto ama o Senhor uma alma que o serve perfeitamente, que não a amaria mais, ainda mesmo que não tivesse nenhum outro objeto a amar. Daí este aviso de S. Bernardo: Aprendei de Jesus como deveis amar a Jesus<sup>29</sup>. Jesus Cristo deu-se todo a nós desde o seu nascimento: *Nasceu para nós um menino, foi-nos dado um filho*<sup>30</sup>. Ele próprio se nos deu por amor: *Amou-nos a ponto de se entregar por nós*<sup>31</sup>. É portanto justo que também por amor nos demos inteiramente a Jesus Cristo. Deu-se-nos sem reserva este divino Salvador, diz S. João Crisóstomo: *Totum tibi dedit, nihil sibi reliquit*. Deu-vos o seu sangue, a sua vida, os seus merecimentos; exige a justiça que também vos entregueis a ele sem reserva. Dai-lhe tudo quanto sois, diz S. Bernardo, visto que ele se entregou todo para vos salvar<sup>32</sup>.

Se esta obrigação porém incumbe a todos os homens, com melhora de razão aos padres. Por isso S. Francisco de Assis, reconhecendo o dever especial que tem um padre de ser todo de Jesus Cristo, escrevia aos sacerdotes da sua Ordem: Nada retenhais para vós do que é vosso; que Jesus Cristo vos receba por inteiro, como inteiro se deu a vós<sup>33</sup>. Por todos morreu o Redentor, para que todos vivam, não para si mesmos, mas unicamente para aquele Deus, que por eles deu a sua vida<sup>34</sup>. Ó! Como não teremos sempre com Deus a mesma linguagem de Sto. Agostinho: Morra eu a mim, para que

só vos vivais em mim! Mas, para sermos de Deus por inteiro, é necessário que lhe demos o nosso coração, sem o repartirmos. Ama-vos pouco, dizia ainda Sto. Agostinho, quem ama algum outro objeto e não o ama por vós<sup>35</sup>. Não se pode ser todo de Deus, quando se ama alguma coisa que não é Deus, e não se ama por Deus. *Anima*, exclama S. Bernardo, *sola esto, ut soli te serves*<sup>36</sup>. Ó alma resgatada por Jesus Cristo! Não repartas o teu coração pelas criaturas; conserva-te só, desprendida de tudo, para seres toda desse Deus, que é o único que merece todo o amor. — Tal é também o sentido do bem-aventurado Gilles: *Una uni*. Esta alma única que temos devemos dá-la, não em parte, mas por inteiro, a esse Deus que nos ama mais ele só, e merece ser mais amado, que todas as criaturas juntas.

## II

### Meios a empregar para ser todo de Deus

#### 1. Desejo da perfeição

O padre que aspira a dar-se todo a Deus, deve começar a conceber um grande desejo da santidade. Os santos desejos são como asas, que alevantam as almas para Deus; *Porque o começo da sabedoria é um desejo muito sincero de a possuir*<sup>37</sup>. Conforme o Sábio, o progresso dos justos é como a luz do sol, que desde a manhã vai subindo mais e mais à medida que avança<sup>38</sup>. A luz dos pecadores, ao contrário, é esse crepúsculo da tarde, que vai decrescendo até de todo se desvanecer, de modo que os desgraçados não vêem mais para onde caminham: *É tenebrosa a via dos ímpios, que não sabem onde irão parar*<sup>39</sup>.

Desgraçado pois o que está satisfeito com a sua vida e não procura torná-la melhor! Não adiantar é recuar<sup>40</sup>, diz Sto. Agostinho. Quem se encontra no meio dum rio, ajunta S. Gregório<sup>41</sup>, e não se esforça por vencer a corrente, infalivelmente será levado por ela. Daqui a censura que S. Bernardo dirige ao tábio: Se não queres adiantar, queres então retroceder<sup>42</sup>. — Não, responde o tábio: quero permanecer tal qual estou, nem melhor nem pior. — Mas isso é impossível, replica o santo<sup>43</sup>. Não pode dar-se esse caso, porque o homem *nunca permanece no mesmo estado*<sup>44</sup>. Para ganhar o prêmio, isto é, a coroa eterna, é necessário, diz o Apóstolo, não afrouxar o passo até que se consiga atingi-la<sup>45</sup>. O que cessa de correr perde a coroa e tudo quanto tinha feito.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça<sup>46</sup>. Com efeito, como a divina Mãe disse no seu Cântico, cumula Deus de graças os que desejam santificar-se: *Esurientes implevit bonis*. Note-se porém esta expressão: *Esuriunt, esurientes*; significa ela que para nos santificarmos não basta um simples desejo; requiere-se um grande desejo, uma certa fome de santidade. Aquele que tem esta fome ditosa, não caminha, corre na estrada da virtude, diz o Salmista, como a chama da lenha seca<sup>47</sup>. Quem se santificará pois?

Quem quiser santificar-se: *Se queres ser perfeito, vai...*<sup>48</sup> Mas é necessário querer com uma vontade resoluto: o tábio, no dizer do Sábio, também quer, mas não com uma vontade eficaz; deseja, deseja sempre, e os seus desejos o perdem, porque se contenta com eles, e vai caminhando de mal a pior: *O preguiçoso quer e não quer... Os seus próprios desejos o matam*<sup>49</sup>.

A sabedoria, ou a santidade, facilmente se *deixa encontrar por quem a procura*<sup>50</sup>. Mas não basta desejá-la para a encontrar; é preciso desejá-la com uma resolução firme de a adquirir: *Se a procurais, procurai-a*<sup>51</sup>. Quem deseja a santidade com a resolução de chegar a ela, há-de possuí-la. Diz S. Bernardo que não é com os pés, mas com os desejos do coração que se procura a Deus<sup>52</sup>. E Sta. Teresa escreveu: “Sejam grandes os nossos pensamentos, que deles nos advirá o bem”. — “Não devemos pôr limites aos nossos desejos; devemos ao contrário esperar que, apoiando-nos em Deus, poderemos com a sua graça chegar pouco a pouco aonde muitos santos chegaram”<sup>53</sup>.

*Abre a boca*, nos diz o Salvador, *e eu a enchere*<sup>54</sup>. Não pode a mãe alimentar o seu filho, se ele não abrir os lábios para lhe sugar o leite. *Abre a boca*, isto é, segundo a expressão de Sto. Atanásio: dá largas aos teus desejos. Assim, mediante os bons desejos, alguns santos chegaram em pouco tempo à perfeição: *Consumado em pouco tempo, efetuou uma longa carreira*<sup>55</sup>. Em S. Luís de Gonzaga encontramos um exemplo a propósito: em poucos anos chegou a uma santidade tal, que Sta. Maria Madalena de Pazi, tendo-o visto na glória, lhe parecia, dizia ela, que não havia no Céu nenhum santo, que se avantajasse a Luís em felicidade. Soube ela que esse alto grau de glória lhe fôra devido pelo desejo ardente, que tinha alimentado durante a sua vida, de chegar a amar a Deus tanto quanto ele o merece ser.

O desejo, diz S. Lourenço Justiniano, dá forças e adoça a pena<sup>56</sup>. Por isso acrescentava que desejar vencer é quase ter já vencido<sup>57</sup>. E Sto. Agostinho exprime assim o mesmo pensamento: Quem ama pouco a santidade, acha o caminho apertado, e não o trilha senão a muito custo; quem ama verdadeiramente, encontra-o largo e percorre-o sem dificuldade<sup>58</sup>. A largura do caminho pois não está no próprio caminho, mas no coração, isto é, na vontade firme de agradar a Deus: *Desde que me dilatastes o coração, caminhei a passos largos na via dos vossos mandamentos*<sup>59</sup>. E Luís de Blois afirma que os santos desejos não são menos agradáveis ao Senhor, que um amor ardente<sup>60</sup>.

O que não tem desejo de se santificar, peça-o ao menos a Deus, e Deus lho dará. Persuadamo-nos bem de que a santificação não é obra difícil para quem a quer. No mundo é difícil a um súdito conseguir a amizade do seu príncipe, quando a deseja; mas — dizia um cortesão dum imperador, de quem fala Sto. Agostinho — se eu quero a amizade de Deus, esta vontade me basta para me tornar amigo seu<sup>61</sup>. E S. Bernardo assegura que se não pode ter nenhuma prova mais certa da amizade de Deus e da sua graça, que o desejo dum graça maior, para mais lhe agradar<sup>62</sup>. E acrescenta que pouco importa o caso de no passado se ter sido pecador; porque Deus não examina o que o homem foi no passado, mas o que quer ser de futuro<sup>63</sup>.

## 2. Intenção de agradar a Deus em tudo

Em segundo lugar, o padre que se quer santificar, deve fazer todas as suas ações no intuito de agradar a Deus. Todas as suas palavras, todos os seus pensamentos, todos os seus desejos, todos os seus atos, devem ser apenas um exercício de amor para com Deus. A Esposa dos Cânticos umas vezes se fazia caçadora ou guerreira; outras se aplicava à cultura da vinha ou dos jardins; mas sempre, nesses diversos exercícios, se mostrava amante fiel, porque tudo fazia por amor do seu Esposo. Tal é o modelo do padre: quanto diz, quanto pensa, quanto sofre e opera, ou celebre, ou confesse ou pregue, se assiste aos enfermos, faz oração e se mortifica, faça o que fizer, tudo deve derivar do mesmo princípio, porque deve fazer tudo para agradar a Deus.

Jesus Cristo disse: *Se o vosso olhar for simples, todo o vosso corpo será alumiado*<sup>64</sup>. Por *olhar*, entendem os santos Padres a intenção. Assim, diz Sto. Agostinho, é a intenção que torna boa a obra<sup>65</sup>. A Samuel fez o Senhor ouvir esta palavra: *Vê o homem as coisas quanto ao exterior, mas o Senhor penetra o coração*<sup>66</sup>. Contentam-se os homens, com as obras exteriores que vêm; mas Deus, que vê o coração, não se contenta com a obra, se ela não for praticada com a reta intenção de lhe agradar. Eu vos oferecerei holocaustos cheios de medula, dizia Davi<sup>67</sup>. As ações feitas, sem uma intenção reta, são vítimas sem substância, que Deus rejeita. Nas oferendas que se lhe apresentam, diz Salviano, não é o valor da coisa que ele aprecia, mas a afeição do coração<sup>68</sup>. Com razão está escrito do nosso Salvador: *Ele fez bem todas as coisas*<sup>69</sup>. De fato, em tudo quanto fez, só procurou o beneplácito de seu eterno Pai, como ele próprio declarou<sup>70</sup>.

Mas, ai! Poucas obras são plenamente agradáveis a Deus, porque poucas há que nós façamos sem algum desejo da nossa própria glória!<sup>71</sup> No dia do juízo, quantos padres dirão a Jesus Cristo: *Senhor, não é verdade que em vosso nome profetizamos, em vosso nome expulsamos os demônios, e em vosso nome fizemos muitas coisas prodigiosas!*<sup>72</sup> Senhor, nós pregamos, celebramos missas, ouvimos confissões, convertemos almas, assistimos a moribundos! — Mas o Senhor lhes dirá: Retirai-vos; nunca vos conheci como ministros meus, porque não foi por mim que trabalhastes; foi antes pela vossa glória, pelo vosso interesse!

Tal a razão por que Jesus Cristo nos adverte que conservemos em segredo as boas obras que fizermos<sup>73</sup>. Segundo Sto. Agostinho, é para que a vaidade não venha destruir o que temos feito por Deus<sup>74</sup>. Tem Deus horror ao roubo no holocausto<sup>75</sup>. Roubo quer aqui dizer a procura da própria glória, ou do interesse nas obras de Deus. Quem ama a Deus verdadeiramente, diz S. Bernardo, merece bem a recompensa, mas não a procura; a recompensa única que ambiciona é agradar a Deus, a quem ama. Numa palavra, ajunta ele, o amor verdadeiro contenta-se com ser amor, com amar, e nada quer<sup>76</sup>.

Por que sinais se poderá reconhecer se um padre obra com intenção

reta? — Ei-los:

1.º - Se ama as obras que mais lhe custam e menos brilho têm.

2.º - Se fica em paz, quando os seus projetos fracassam; porque o que trabalha por Deus consegue sempre o seu fim, que é agradar a Deus. Se não se perturba, quando se vê mal sucedido, mostra que só trabalha com os olhos em Deus.

3.º - Se se alegra com o bem que os outros fazem, como se fosse ele mesmo, e vê sem inveja que outros abracem empresas como a sua, desejando que todas sejam para glória de Deus e dizendo com Moisés: *Prouvera a Deus que todo o povo fosse composto de profetas*<sup>77</sup>.

O padre que faz tudo por Deus tem dias cheios<sup>78</sup>. Não acontece o mesmo com os que trabalham por interesse pessoa; desses se diz que nem chegam a meio nos seus dias<sup>79</sup>. Nesse sentido, segundo Sto. Euquério de Lion, devemos dizer que não temos vivido senão os dias, em que temos renunciado à nossa própria vontade<sup>80</sup>. Uma pequena lembrança que nos é dada por amizade, dizia Sêneca, penhora-nos mais do que ricos presentes dados por interesse<sup>81</sup>. Certamente fica o Senhor mais satisfeito com uma pequena obra feita em seu beneplácito, que com todas as ações mais brilhantes efetuadas por gosto próprio. Da pobre viúva que no gazofilácio do templo lançara apenas duas pequenas moedas, disse o Senhor que tinha dado mais que todos os outros<sup>82</sup>; o que S. Cipriano comenta assim: Considerava o Senhor, não o valor da moeda, mas o amor com que era oferecida<sup>83</sup>.

Ao ver passar uma dama luxuosamente vestida, começou o abade Pambon a derramar lágrimas; e, perguntado porque chorava, respondeu: “Ai! Quanto mais faz esta mulher para agradar aos homens, do que eu para agradar a Deus!” Lê-se na Vida do Rei S. Luís que em certa ocasião se vira uma mulher, que numa mão levava uma tocha acesa e na outra um vaso cheio de água. Um padre dominicano, que exercia o seu ministério na corte do piedoso monarca, aproximou-se dela e perguntou-lhe o que queria fazer; ela respondeu: “Com o fogo quero queimar o Paraíso, e com a água apagar o inferno, para que Deus seja amado só porque o merece”. Ó! Feliz padre que não procura em tudo senão agradar a Deus! É imitar as almas santas do Paraíso, que, como diz o Doutor angélico, sentem mais alegria da felicidade de Deus, que da sua própria, porque amam mais a Deus do que se amam a si mesmos<sup>84</sup>.

## 3. Paciência nas dores e humilhações

Em terceiro lugar, o padre que se quer santificar, deve estar pronto a sofrer em paz por Deus todos os males desta vida: pobreza, humilhações, doenças e morte. O Apóstolo diz: *Glorificai e trazei a Deus no vosso corpo*<sup>85</sup>. Gilberto comenta assim estas palavras: Quer S. Paulo que tragamos Jesus Cristo de bom grado e com alegria; quem o traz descontente ou com lamentações, não o traz, antes o arrasta como que à força<sup>86</sup>. — Não é a receber consolações que uma alma prova a Deus o seu amor; é abraçando

os desprezos e as penas. Foi o nosso próprio Salvador que o disse, quando caminhou ao encontro dos soldados, que vinham prendê-lo para o conduzirem à morte: *Para que o mundo saiba que amo meu Pai... levantai-vos, vamos daqui*<sup>87</sup>. Também, a exemplo de Jesus Cristo, iam os santos com alegria ao encontro dos tormentos e da morte. Tendo S. José de Leonissa de sofrer certo dia uma operação muito dolorosa, queriam ligá-lo com cordas, mas ele tomando o seu crucifixo exclamou: “Como! Cordas, cordas!...À! eis os meus laços: o meu Senhor, atravessado de cravos por meu amor, me prende e obriga a suportar todas as penas por seu amor”. Sofreu assim a operação sem se lamentar. Quem poderia, dizia Santa Teresa, considerar o Salvador coberto de chagas, aflito e perseguido, sem aceitar como ele os sofrimentos, ou até desejá-los?<sup>88</sup> E S. Bernardo: Para quem ama a Jesus crucificado, nada há mais caro que os desprezos e as penas<sup>89</sup>.

O Apóstolo diz — dum modo especial para nós padres — que é pela paciência que devemos fazer-nos reconhecer como verdadeiros ministros de Jesus Cristo: *Mostremos que somos ministros de Deus pela nossa paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias... nos trabalhos*<sup>90</sup>. E Tomás de Kempis faz esta reflexão: No dia do juízo, não teremos que prestar contas do que lemos, mas do que fizemos<sup>91</sup>. Muitas coisas sabem os homens de ciência, mas não sabem ver quanto a sua falta de paciência os prejudica<sup>92</sup>. Que aproveita a ciência sem a caridade. *Ainda que eu conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, diz S. Paulo, sem a caridade nada sou*. E ajunta: *a caridade sofre tudo*<sup>93</sup>. Todo aquele que se quer santificar, deve ser perseguido<sup>94</sup>. Foi o que o nosso Salvador declarou: *Perseguiram-me a mim, também vos perseguirão a vós*<sup>95</sup>. A vida dos santos, escreveu Sto. Hilário, não podia ser tranqüila; é necessário que seja enredada de contradições e provada pela paciência<sup>96</sup>. Aflige o Senhor os que admite no número dos seus filhos<sup>97</sup>. — *Aqueles a quem amo, repreendo-os e castigo-os*<sup>98</sup>. E porquê? Porque a prova do amor e da perfeita fidelidade dum alma é a paciência<sup>99</sup>. A Tobias disse o arcanjo Rafael: *Era necessário que fosses provado pela tentação, porque eras agradável a Deus*<sup>100</sup>.

Que importa, diz Sto. Agostinho, que por vezes soframos o castigo por uma falta que não cometemos? Devemos aceitar essa mortificação, ao menos para expiarmos outras culpas de que somos réus<sup>101</sup>. Estejamos persuadidos do aviso que nos dá Judith: que se Deus nos castiga neste mundo, não é para nos perder, mas para nos corrigir e preservar do castigo eterno<sup>102</sup>. Desde que, pelos nossos pecados passados, somos devedores à Justiça divina, importa-nos suportar com paciência as tribulações que nos advierem, e dizer até ao Senhor, com Sto. Agostinho: Queimai, cortai, não me poupeis neste mundo, para me poupardes na eternidade<sup>103</sup>.

Jó dizia: Se temos recebido das mãos de Deus os bens, porque não havemos de receber os males?<sup>104</sup> Falava assim, porque sabia bem que, nos males, isto é, nas tribulações desta vida, levadas com paciência, há muito mais a ganhar, que nas vantagens temporais. Demais, as penas da vida presente, têm de se sofrer ou por vontade ou por força: sofrendo-as com paciên-

cia, adquirem-se merecimentos para o Céu; levando-as contra vontade, não se sofre menos e trabalha-se para o inferno. Os mesmos golpes, diz Sto. Agostinho, que servem para fazer bons vasos de glória, reduzem os maus a cinza<sup>105</sup>. Falando do bom e do mau ladrão, diz o santo Doutor: Unidos no mesmo suplício, estavam separados pelo modo de sofrer<sup>106</sup>. Ambos sofriam a morte, mas um, aceitando-a com resignação, salvou-se; o outro ao sofrê-la blasfemou e condenou-se. — Na visão que o apóstolo S. João teve da felicidade dos eleitos, viu ele que os que gozavam assim da vista de Deus não vinham do meio das delícias da terra, mas do seio das tribulações: *Vieram de grande tribulação... por isso estão diante do trono de Deus*<sup>107</sup>.

#### 4. Conformidade com a vontade de Deus

Enfim, quem deseja santificar-se, só deve querer o que Deus quiser. Todo o nosso bem consiste em nos unirmos à vontade de Deus<sup>108</sup>. Dizia Sta. Teresa: “O que é preciso procurar no exercício da oração, é conformar a própria vontade com a de Deus; e deve-se estar bem persuadido de que é nisso que consiste a mais alta perfeição”<sup>109</sup>. Tudo quanto o Senhor pede de nós é que lhe entreguemos o nosso coração, ou a nossa vontade<sup>110</sup>. E no dizer de Sto. Anselmo, é como que mendigando que Deus nos pede o nosso coração; ainda que repellido, não desiste, redobra de instâncias: “Não sois vós, Deus meu, que tantas vezes bateis à nossa porta, mendigando e dizendo: Meu filho, dá-me o teu coração; e ainda que muitas vezes vo-lo recusemos, sempre voltais de novo!”<sup>111</sup>

Nenhuma coisa, pois, podemos oferecer a Deus, que lhe seja mais agradável que a nossa vontade, dizendo-lhe com o Apóstolo: *Senhor, que quereis que eu faça?*<sup>112</sup> Daqui este pensamento de Sto. Agostinho: Nada podemos fazer mais agradável a Deus do que dizer-lhe: Tomai posse de nós<sup>113</sup>. Falando de Davi, disse o Senhor, que tinha encontrado um homem segundo o seu coração. E porquê? Porque Davi estava disposto a fazer por inteiro as divinas vontades<sup>114</sup>. Cuidemos pois de dizer sempre com Davi: Ensinai-me, Senhor, a fazer em tudo a vossa vontade<sup>115</sup>. Neste intuito nos devemos oferecer muitas vezes a Deus, repetindo com o Rei-Profeta: *O meu coração está preparado, ó Deus, o meu coração está preparado*<sup>116</sup>.

Importa porém observar que o mérito para nós consiste em nos conformarmos com a vontade de Deus, não nas coisas que nos agradam, mas nas que repugnam ao nosso amor próprio; é esta a pedra de toque do nosso amor para com Deus. O venerável João de Ávila dizia: “Um Deus seja louvado! nas contrariedades, vale mais que mil ações de graças, quando as coisas nos sorriem”. Estejamos bem persuadidos, diz Santo Agostinho, de que tudo quanto cá nos acontecer contra a nossa vontade, nos acontece por vontade de Deus<sup>117</sup>. Tal é o sentido das palavras do Eclesiástico: *Os bens e os males, a vida e a morte, a pobreza e a riqueza vem de Deus*<sup>118</sup>. Assim, quando recebemos uma injúria, não quer Deus o pecado de quem no-la faz, mas quer que soframos essa ofensa. Quando pois nos despojam da nossa repu-

tação ou dos nossos bens, devemos dizer com Jó: *O Senhor me deu, o Senhor me tirou; fez-se como aprouve ao Senhor; seja bendito o nome do Senhor!*<sup>19</sup>

Quem ama a vontade de Deus, goza duma paz constante, mesmo neste mundo. *Ponde a vossa alegria no Senhor*, nos diz Davi, e ele satisfará os desejos do vosso coração<sup>120</sup>. Como o nosso coração foi criado para um bem infinito, nem todas as criaturas juntas, por isso que são finitas e limitadas, poderiam satisfazê-lo. Podemos possuir muitos bens, se não possuímos a Deus, o nosso coração não se aquietará e sempre desejará mais. Desde que encontra a Deus, encontra tudo, e Deus satisfaz todos os seus desejos. É a palavra do Salvador à Samaritana: *Quem beber da água que eu lhe der, não terá mais sede*<sup>121</sup>. E ainda noutra lugar: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados*<sup>122</sup>. Por isso quem ama a Deus, nunca se deixa cair no desalento, aconteça o que acontecer<sup>123</sup>. É que o justo sabe que tudo quando acontece é efeito da vontade de Deus. Quando os santos são humilhados, diz Salviano, têm o que desejam: se sofrem a pobreza, alegram-se por serem pobres; só querem o que Deus quer, e assim gozam duma paz inalterável<sup>124</sup>. É-nos permitido, nas angústias, pedir ao Senhor que nos livre delas, como o fez Jesus Cristo no jardim das Oliveiras: *Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice*; mas é necessário ajuntar logo com o divino Mestre: *Contudo, não se faça a minha vontade, mas sim a vossa*<sup>125</sup>.

É certo que Deus quer, é o que há de melhor para nós. A um padre enfermo escrevia o venerável João de Ávila: “Meu amigo, não vos detenhais a pensar no que faríeis em estado de saúde; contentai-vos com estar doente o tempo que aprouver a Deus. Se quereis fazer a vontade de Deus, que vos importa estar de saúde ou doente?”<sup>126</sup>. É preciso que nos resignemos a tudo, até a ser assaltados de tentações, que nos excitem a ofender a Deus. Pedia o Apóstolo ao Senhor que o livrasse duma multidão de tentações impuras que o atormentavam: *Tenho estado entregue aos insultos do demônio da minha carne... em razão disso, por três vezes pedi ao Senhor que me livrasse dele*. E que lhe respondeu Deus? *A minha graça te basta*<sup>127</sup>. Estejamos certos de que Deus, não só deseja, mas toma cuidado do nosso bem<sup>128</sup>. Visto pois que tanto se interessa por nós, entreguemo-nos nas suas mãos<sup>129</sup>.

E na morte, ó! que felicidade para uma alma encontrar-se então em perfeita conformidade com a vontade de Deus! Quem deseja porém morrer neste ditoso estado, deve primeiro durante a sua vida conformar-se em tudo com a vontade divina. Procuremos pois acostumar-nos à resignação em tudo quanto nos contrariar, e a repetir sempre esta grande palavra dos santos, que Jesus Cristo nos ensinou: *Seja feita a vossa vontade!* ou a dizer como o nosso Salvador: *Seja assim, Pai, visto que assim vos aprouve*<sup>130</sup>. Ofereçamo-nos também continuamente a Deus, dizendo-lhe com a divina Mãe: Senhor! eis aqui o vosso servo<sup>131</sup>: disponde de mim e de tudo quanto me pertence como vos aprouver; sou todo vosso. — Santa Teresa oferecia-se a Deus cinquenta vezes por dia. Digamos-lhe ainda com o Apóstolo: *Senhor, que quereis*

*que eu faça?* Meu Deus, fazei-me conhecer o que quereis de mim: estou pronto para tudo.

Grandes coisas fizeram os santos, para cumprirem a vontade de Deus: uns refugiaram-se nos desertos, outros encerram-se nos claustros; outros sacrificaram a sua vida no meio dos tormentos. Nós que somos padres e temos maior obrigação de nos sacrificarmos, unamo-nos também à vontade de Deus, para chegarmos à santidade. Não nos desanimemos com as nossas faltas passadas; recordemos as palavras de S. Bernardo acima citadas: “Não examina Deus o que o homem fez no passado, mas o que quer ser de futuro”. Uma vontade firme, com o auxílio de Deus, triunfa de tudo.

Oremos sempre: quem pede recebe<sup>132</sup>. Conseguiremos quando pedirmos pela oração<sup>133</sup>. Amemos dum modo particular e não cessemos de repetir a oração de Sto. Inácio: Senhor! dai-me o vosso amor e a vossa graça; nada mais desejo<sup>134</sup>. Mas, este dom do amor divino é necessário que o peçamos continuamente e com instância, como o pedia Sto. Agostinho<sup>135</sup> nesta oração: Ouvi-me, ouvi-me, meu Deus, meu Rei, meu Pai, vós que sois a minha honra, a minha salvação, a minha luz, a minha vida! ouvi-me, ouvi-me, ouvi-me. Ao presente só a vós amo, só a vós procuro. Curai e abri os meus olhos. Recebei um escravo que tinha fugido da vossa casa; já bastante servi aos vossos inimigos. Fazei que me torne um puro e perfeito amante da vossa sabedoria.

E quanto pedirmos graças — ajuntarei com S. Bernardo — peçamo-las sempre por intercessão de Maria, que obtém para os seus servos tudo quanto pede a Deus. Procuremos a graça, e procuremo-la por Maria; porque ela encontra o que procura, e não pode sofrer nenhuma recusa<sup>136</sup>.

---

1. *Sacerdos dici potes, esse non potes (Serm. 41).*

2. *Verus minister altaris, Deo, non sibi, natus est (In Ps. 118. s. 8).*

3. *Incensum enim Domini et panes Dei sui offerent, et ideo sancti erunt (Levit. 21, 6).*

4. *Mens consecrata Deo (In Lev. hom. 15).*

5. *Cui Deus portio est, nihil debet curare, nisi Deum (De Esau. c. 2).*

6. *Nemo militans Deo, implicat se negotiis secularibus, ut ei placeat, cui se probavit (2. Tim. 2, 4).*

7. *Sequere me, et dimitte mortuos sepelire mortuos suos (Matth. 8, 22).*

8. *Hic paterni funeris sepultura prohibetur, ut intelligas humana posthabenda divinis (In Luc. c. 9).*

9. *In terra eorum nihil possidebitis, nec habebitis partem inter eos; ego pars et hereditas tua in medio filiorum Israel (Num. 18, 20).*

10. *Magna dignatio Domini, si eam, sacerdos cognoscas: quod velit Deus esse pars tua. Quod non habebis, si Deum habeas?*

11. *Eligant sibi alii partes, quibus fruuntur, terrenas et temporales; portio sanctorum, Dominus aeternus est. Bibant alii mortíferas voluptates; portio calicis mei, Dominus est (Enarr. in Ps. 15).*

12. *Si non amavero te, quid amabo? (Medit. 13).*

13. *Unum est necessarium (Luc. 10, 42).*

14. *Quid enim mihi est in coelo, et a te quid volui super terram?... Deus cordis mei, et pars mea Deus in aeternum (Ps. 72, 25).*

15. *Majorem dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis (Jo 15, 13).*
16. *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem (Luc. 9, 31).*
17. *Quis dignus erat ut Filius Dei mortem pro eo pateretur (De Mensura Cruc. c. 2).*
18. *Pro omnibus mortuus est Christus (2. Cor. 5, 15).*
19. *Praedicamus Christum crucifixum, Judaeis quidem scandalum, Gentibus autem stultitiam (1. Cor. 1, 23).*
20. *Vidimus sapientiam amoris nimietate infatuatam (Serm. de Nat. D.).*
21. *Charitas enim Christi urget nos (2. Cor. 5, 14).*
22. *Etsi Christus pro omnibus mortuus est, pro nobis tamen specialiter passus est. — Plus debet, qui plus accepit; reddamus ergo amorem pro sanguinis pretio (In Luc. c. 7).*
23. *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris (Is 12, 3).*
24. *Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi Jesum Christum, et hunc crucifixum (1. Cor. 2, 2).*
25. *Et si... noverim... omnem scientiam, charitatem autem non habuero nihil sum (1. Cor. 13, 2).*
26. *Omnia detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrificiam (Phil. 3, 8).*
27. *Ego Paulus, vinctus Christi Jesu (Eph. 3, 1).*
28. *Adolescentularum non est numerus; una est columba mea, perfecta mea (Cant. 6, 7).*
29. *Disce a Christo quemadmodum diligas Christum (In Cant. s. 20).*
30. *Parvulus enim natus est nobis, et filius datus est nobis (Is. 9, 6).*
31. *Dilexit nos, et tradidit semetipsum pro nobis (Eph. 5, 2).*
32. *Integrum te da illi, quia ille, ut te salvaret, integrum se tradidit (De Modo bene viv. c. 8).*
33. *Nihil de vobis retineatis vobis, ut totos vos recipiat, qui se vobis exhibet totum.*
34. *Pro omnibus mortuus est Christus, ut et qui vivunt, jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est (2. Cor. 5, 15).*
35. *Moriar mihi, ut tu solus in me vivas! — Minus te amat, qui tecum aliquid amat, quod non propter te amat (Cant. I. 10. c. 29).*
36. *In Cant. s. 40.*
37. *Initium enim illius verissima est disciplinae concupiscentiae (Sap. 6, 18).*
38. *Justorum autem semita, quasi lux splendens, procedit et crescit usque ad perfectam diem (Prov. 4, 18).*
39. *Via impiorum tenebrosa; nesciunt ubi corruant (Prov. 4, 19).*
40. *Non progredi, reverti est (Ep. 17. E. B. app.).*
41. *Past. p. 3. c. 1.*
42. *Non vis proficere; vis ergo deficere.*
43. *Hoc ergo vis, quod esse non potest (Epist. 254).*
44. *Nunquam in eodem statu permanet (Job. 14, 2).*
45. *Sic currite, ut comprehendatis (1. Cor. 9, 24).*
46. *Beati, qui esuriunt et sitiunt justitiam (Matth. 5, 6).*
47. *Fulgebunt justi, et, tamquam scintillae in arundineto, discurrunt (Sap. 3, 7).*
48. *Si vis perfectus esse, vade... (Matth. 19, 21).*
49. *Vult et non vult piger... Desideria occidunt pigrum (Prov. 13, 4. — 21, 25)*
50. *Invenitur ab his qui quaerunt illam (Sap. 6, 13).*
51. *Si quaeritis, quaerite (Is. 21, 12).*
52. *Non pedum passibus, sed desideriis quaeritur Deus (In Cont. s. 84).*
53. *Vie, ch. 13.*
54. *Dilata os tuum, et implebo illud (Ps. 80, 11).*
55. *Consummatus in brevi, explevit tempora multa (Sap. 4, 13).*
56. *Vires subministrat, poenam exhibet leviolem (De Disc. mon. c. 6).*
57. *Magna victoriae pars est vincendi desiderium (De Canto Conn. . c. 3).*
58. *Laboranti augusta via est, amanti lata (In Ps. 30. en. 2).*
59. *Viam mandatorum tuorum cucurri, cum dilatisti cor meum (Ps. 118, 32).*
60. *Deus non minus sancto desiderio laetatur, quam si anima amore liquefiat.*
61. *Amicus Dei, si voluero, ecce nunc fio (Conf. I. 8. c. 6).*
62. *Nullum omnino praesentiae ejus certius testimonium est, quam desiderium gratiae amplioris (De S. Andr. s. 2).*
63. *Non attendit Deus quid fecerit homo, sed quid velit esse.*
64. *Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit (Matth. 6, 22).*
65. *Bonum opus intentio facit (In Ps. 21, en. 2).*
66. *Homo enim videt ea quae parent; Dominus autem intuetur cor (1. Reg. 16, 7).*
67. *Holocausta medullata offeram tibi (Ps. 65, 15).*
68. *Oblata Deo, non pretio, sed affectu placent (Adv. Avarit. I. 1).*
69. *Bene omnia fecit (Marc. 7, 37).*
70. *Non quaero voluntatem meam, sed voluntatem ejus qui misit me (Jo. 5, 30).*
71. *Rarum est, fidelem animam inveniri, ut nihil ob gloriae cupiditatem faciat (Dial. adv. Luciferianos).*
72. *Domine, nonne in nomine tuo prophetavimus, et in nomine tuo daemonia ejecimus, et in nomine tuo virtutes multas fecimus? — Nunquam novi vos; discedite a me, qui operamini iniquitatem (Matth. 7, 22).*
73. *Nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua (Matth. 6, 3).*
74. *Quod facit amor Dei, non corrumpat vanitas (Serm. 63. E. B. app.).*
75. *Ego Dominus... odio habens rapinam in holocausto (Is. 61, 8).*
76. *Verus amor praemium non requirit, sed meretur; habet praemium, sed id quod amatur. — Verus amor seipso contentus est (De dil. Deo c. 7).*
77. *Quis tribuat ut omnis populus prophetet! (Num. 11, 29).*
78. *Et dies pleni invenientur in eis (Ps. 72, 10).*
79. *Dolosi non dimidiabunt dies suos (Ps. 54, 24).*
80. *Illum tantum diem vixisse te computa, in quo voluntates proprias abnegasti (Ad Monach. hom. 9).*
81. *Magis nos obligat, qui exiguum dedit libenter, quam qui non voluntatem tantum juvandi habuit, sed cupiditatem (De Benefic. I. 1. c. 7).*
82. *Vidua haec pauper plus omnibus misit (Marc. 12, 43).*
83. *Considerans, no quantum, sed ex quanto dedisset (De Ope et Eleem.).*
84. *Anima potius vult ipsum esse beatum, quam seipsam esse beatam (De Beatit. c. 7).*
85. *Glorificat et portate Deum in corpore vestro (1. Cor. 6, 20).*
86. *Portari vult a nobis Christum, sed gloriose, non cum taedio, non cum murmure; portari, non trahi; trahenti enim onerosus est Christus (In Cant. s. 17).*
87. *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem... surgite, eamus hinc (Jo. 14, 31).*
88. *Vie ch. 26.*
89. *Grata ignominia crucis ei qui Crucifixo ingratus non est (In Cant. s. 25).*
90. *Exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros in multa patientia in tribulationibus, in necessitatibus, in angustiis... in laboribus... (2. Cor. 6, 4).*
91. *Adveniente die judicii, non quaeretur quid legimus (si mala non legimus), sed quid fecimus (De lmit. I. 1. c. 3).*
92. *Habentes oculos, non videtis (Jer. 5, 21).*
93. *Et si... noverim mysteria omnia et omnem scientiam, charitatem autem non habuero, nihil sum. — Charitas... omnia suffert (1. Cor. 13, 2).*
94. *Et omnes qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur (2. Tim. 3, 12).*
95. *Si me persecuti sunt, et vos persequentur (Jo. 15, 20).*
96. *Non otiosa aetas religiosi viri est, neque quietam exigit vitam; impugnatur saepe, et haec sunt quae fidem probant (In Ps. 128).*
97. *Quem enim diligit Dominus, castigat; flagellat autem omnem filium quem recipit (Hebr. 12, 6).*
98. *Ego, quos amo, arguo et castigo (Apoc. 3, 19).*
99. *Patientia autem opus perfectum habet (Jac. 1, 4).*
100. *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit ut tentatio probaret te (Tob. 12, 13).*
101. *Etsi non habemus peccatum quod nobis objicit inimicus, habemus tamen alterum, quod*

digne in nobis flagelletur (In Ps. 68, s. 1).

102. Ad emendationem, et non ad perditionem nostram, evenisse credamus (Judith 8, 27).

103. Hic ure, hic seca; hic non parcas, ut in aeternum parcas.

104. Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus? (Job 2, 10).

105. Una eademque tunsio, bonos producit ad gloriam, malos redigit in favillam (Serm. 52. E. B. app.).

106. Quos passio jungebat, causa separabat (Epist. 185. E. B.).

107. Hi sunt qui venerunt de tribulatione magna... ideo sunt ante thronum Dei (Apoc. 7, 14).

108. Et vita in voluntate ejus (Ps. 29, 6).

109. Chât, int. d. 2. ch. 1.

110. Praebe, fili mi, cor tuum mihi (Prov. 23, 26).

111. Nonne tu es Deus meus, qui tam crebro pulsas et mendicas ad ostium nostrum, dicens: Praebe, fili mi, cor tuum mihi? — imo, et saepe repulsus, te iterum ingeris! (De Mens. cruc. c. 5).

112. Domine, quid me vis facere? (Act. 9, 6).

113. Nihil gratius Deo possumus offerre, quam ut dicamus ei Posside nos (In Ps. 131).

114. Inveni David, filium Jesse, virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas (Act. 13, 22).

115. Doce me facere voluntatem tuam (Ps. 142, 9).

116. Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum (Ps. 56, 8).

117. Quidquid accidit contra voluntatem nostram, noveritis non accidere nisi de voluntate Dei (In Ps. 148).

118. Bona et mala, vita et mors, paupertas et honestas, a Deo sunt (Eccli. 11, 14).

119. Dominus dedit, Dominus abstulit; sicut Domino placuit, ita factum est; sit nomen Domini benedictum (Job. 1, 21).

120. Delectare in Domino, et dabit tibi petitiones cordis tui (Ps. 36, 1).

121. Qui autem biberit ex aqua quam ego dabo ei, non sitiet in aeternum (Jo. 4, 13).

122. Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam, quoniam ipsi saturabuntur (Matth. 5, 6).

123. Non contristabit justum, quidquid ei acciderit (Prov. 12, 21).

124. Humiles sunt, hoc volunt; pauperes sunt, pauperie delectantur; itaque beati dicendi sunt (De Gub. Dei, l. 1).

125. Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste; — Verumtamen, non sicut ego volo, sed sicut tu (Matth. 26, 39).

126. Partie 2. Ep. 54.

127. Datus est mihi stimulus carnis meae... propter quod ter Dominum rogavi, ut discederet a me. — Sufficit tibi gratia mea (2. Cor. 12, 7).

128. Dominus sollicitus est mei (Ps. 39, 18).

129. Omnem sollicitudinem vestram projicientes in eum, quoniam ipsi cura est de vobis (1. Petr. 5, 7).

130. Ita, Pater! quoniam sic fuit placitum ante te (Matth. 11, 26).

131. Ecce ancilla Domini.

132. Omnis enim qui petit, accipit (Matth. 7, 8).

133. Quodcumque volueritis, petetis, et fiet vobis (Jo 15, 7).

134. Amorem tui solum cum gratia tua mihi dones, et dives sum satis.

135. Exaudi, exaudi, exaudi me, Deus meus, Rex meus, Pater meus, Honor meus, Salus mea, Lux mea, Vita mea! exaudi, exaudi, exaudi me. Jam te solum amo, te solum quaero. Sana et aperi oculos meos. Recipe fugitivum tuum; satis inimicis tuis servierim. Jubeas me purum perfectumque amatorem esse sapientiae tuae (Solil. l. 1. c. 1).

136. Quaeramus gratiam, et per Mariam quaeramus; quia, quod quaerit, invenit, et frustrari non potest (De Aquaed).

## DÉCIMA PRIMEIRA INSTRUÇÃO

### Sobre a devoção à Virgem Santíssima

Pode este assunto ser tratado nos sermões ou nas instruções, conforme se julgar preferível. Em todo o caso, quem dá os exercícios a sacerdotes, não deve passar em silêncio este ponto; porque este discurso é talvez mais útil que todos os outros. Sem a devoção a Maria, é moralmente impossível ser-se um bom padre.

Vamos considerar, em primeiro lugar, que a intercessão da santíssima Virgem é moralmente necessária aos padres; veremos depois a confiança que eles devem ter na intercessão desta divina Mãe.

#### I

### Necessidade moral da intercessão da santíssima Virgem

Quanto à necessidade da intercessão da Mãe de Deus, é verdade que o Concílio de Trento (Sess. 25, De inv. Sanct.) declarou solenemente que a intercessão dos santos é útil, sem dizer que seja necessária. No entanto, a esta pergunta: “Somos nós obrigados a pedir aos santos que intercedam por nós?”<sup>1</sup> Santo Tomás responde afirmativamente, porque a ordem da lei divina exige que, na condição de viadores, nos salvemos por meio dos santos, obtendo por sua mediação as graças necessárias à salvação. Eis as suas palavras: “Segundo S. Dionísio, a ordem dos seres exige que os últimos regressem a Deus por intermédio dos que estão mais próximos dele. E, como os santos que estão na pátria se acham muito próximos de Deus, exige a ordem da lei divina que nós, retidos longe do Senhor pelos laços do corpo, regressemos a ele por meio dos santos”. Depois junta: “Assim como os benefícios de Deus nos advêm por meio dos sufrágios dos santos, assim também é necessário que por meio dos santos nos voltemos para Deus, para recebermos dele novos benefícios”<sup>2</sup>. O mesmo pensamento se encontra expresso noutros autores e especialmente no continuador de Tournely, que diz com Sílvio: Somos obrigados pela lei natural a observar a ordem estabelecida por Deus; ora Deus estabeleceu que os inferiores cheguem à salvação implorando o socorro dos superiores<sup>3</sup>.

Mas, se isso é verdade de intercessão dos santos, muito mais da intercessão de Maria, cujas preces diante de Deus são mais poderosas que as de

todos os santos. Diz o Doutor angélico que os santos, em razão da graça abundante que Deus lhes dá, podem salvar um número mais ou menos considerável de outras almas, mas a Virgem bendita mereceu uma graça tal, que pode salvar todos os homens<sup>4</sup>. E, segundo S. Bernardo, assim como temos acesso a Deus por meio do seu Filho, Jesus Cristo, assim temos acesso ao Filho por meio da Mãe: “Que por vós tenhamos acesso junto do vosso Filho, ó Mãe da Salvação, ó vós que encontrastes a graça, para que por vós nos receba o que por vós nos foi dado<sup>5</sup>. Donde conclui que todas as graças de Deus nos advêm por meio de Maria: “Deus constituiu Maria depositária de todos os bens, de modo que, se alguma esperança de graça e de salvação existe para nós, devemos reconhecer que é como uma emanação da superabundância daquela, que se eleva cumulada de delícias, para difundir por toda a parte os perfumes da graça”.

Dá o santo a razão desta disposição: “Tal é, diz ele, a vontade daquele que dispôs que todo o bem nos adviesse por Maria<sup>6</sup>. É o que também significam todos os textos da Escritura que a Igreja aplica a Maria: *Quem me encontrar, encontrará a vida e salvar-se-á no Senhor<sup>7</sup>. Em mim está toda a graça da vida e da verdade; em mim toda a esperança da vida e da virtude... Os que trabalham para mim não pecarão. Os que me fazem conhecer terão a vida eterna<sup>8</sup>*.

Mas o que a Igreja nos faz dizer na *Salve Regina*, basta para nos confirmar a todos neste sentimento: ensina-nos a invocar a santíssima Virgem, chamando-lhe a vossa Vida e a nossa Esperança<sup>9</sup>.

S. Bernardo nos exorta a recorrer a Maria com uma confiança segura de obtermos as graças que lhe pedirmos, porque o Filho de Deus nada sabe recusar a sua Mãe. E acrescenta que era ela o fundamento da sua esperança<sup>10</sup>. Conclui por dizer: todas as graças que desejarmos, devemos pedi-las pela intercessão de Maria, que obtém tudo quanto quer, e não pode encontrar recusa nas suas súplicas<sup>11</sup>. Antes de S. Bernardo, já Santo Efrém tinha dito igualmente: Toda a nossa confiança está em vós, ó Virgem puríssima<sup>12</sup>. E Sto. Ildefonso: Todos os bens que a divina Majestade resolveu conceder-nos, quis depositá-los nas vossas mãos; sim, confiou-vos todos os seus tesouros e todas as jóias das suas graças<sup>13</sup>. S. Pedro Damiano tem a mesma linguagem: Nas vossas mãos estão os tesouros das misericórdias do Senhor<sup>14</sup>. E S. Bernardino de Sena: Sois vós a dispensadora de todas as graças; em vossas mãos está a nossa salvação<sup>15</sup>. Tal foi também o sentir de S. João Damasceno, S. Germano, Sto. Anselmo, Sto. Antonino, Idiota, e muitos outros autores graves, como Segneri, Paciucchelli, Crasset, Vega, Mendoza etc., com o sábio Pe. Natal Alexandre, que se exprime assim: Quer Deus que esperemos dele todos os bens pela intercessão poderosíssima da Virgem Maria, contanto que a invoquemos como convém<sup>16</sup>. O mesmo escreveu o Pe. Contenson, ao explicar as palavras que Jesus Cristo dirigiu no alto da cruz a S. João: *Ecce Mater tua*. Eis como ele comenta este texto: É como se dissesse: Ninguém terá parte nos merecimentos do meu sangue, senão por intercessão da minha Mãe. São as minhas chagas as fontes das graças, mas elas

não correm sobre ninguém, senão pelo canal de Maria. João, meu discípulo, tu serás amado de mim na medida em que a amares<sup>17</sup>.

Se todos devem ser devotos da Mãe de Deus, em razão da necessidade moral da sua intercessão, mais instante é esse dever para os padres que, tendo de cumprir grandes obrigações, carecem de graças mais abundantes para se salvarem. Nós padres deveríamos permanecer continuamente aos pés de Maria, a implorar o seu socorro. S. Francisco de Borja temia muito pela perseverança e salvação das pessoas, que não consagravam uma devoção especial à santíssima Virgem; porque, segundo a expressão de Sto. Antonino, quem pretende obter as graças, sem a intercessão de Maria, tenta voar sem asas<sup>18</sup>. E Sto. Anselmo chega a dizer, dirigindo-se a ela: Todo aquele que vos abandona, perecerá necessariamente<sup>19</sup>. S. Boaventura assegura a mesma coisa: Quem negligenciar honrá-la, morrerá nos seus pecados<sup>20</sup>. O bem-aventurado Alberto Magno: Quem vos não servir perecerá<sup>21</sup>. Finalmente, Ricardo de S. Lourenço diz também, falando de Maria: O mar do mundo engolirá todos aqueles que não se refugiarem nesta arca<sup>22</sup>. Ao contrário, o servo fiel da santíssima Virgem certamente se salvará. “Sim, ó Mãe de Deus! exclamava S. João Damasceno, se eu puser a minha confiança em vós, serei salvo; desde que esteja sob a vossa proteção, nada terei a temer; porque os vossos servos têm armas que asseguram a vitória, armas que Deus só concede aos que quer salvar”<sup>23</sup>.

## II

### Confiança que se deve ter na intercessão da mãe de Deus

Vejamos agora a confiança que devemos ter na intercessão de Maria, considerando o seu poder e a sua bondade misericordiosa.

I. Quanto ao seu poder, Cosme de Jerusalém chamava à intercessão da nossa Rainha, não só poderosa, mas onipotente<sup>24</sup>. E Ricardo de S. Lourenço diz: O Filho onipotente comunicou a sua onipotência a sua Mãe<sup>25</sup>. O Filho é onipotente por natureza, e a Mãe por graça; porque ela obtém de Deus tudo quanto pede, e isto por duas razões: a primeira é que ela excede todas as criaturas em fidelidade e amor para com Deus; o que faz, como diz o Pe. Soares, que o Senhor ame mais a Maria, que a todos os bem-aventurados juntos. Um dia Sta. Brígida ouviu Jesus dizer a sua Mãe: Minha Mãe, pedi-me o que quiserdes, porque nenhuma das vossas súplicas pode ficar sem efeito. Depois ajunta: Assim como nada me recusastes na terra, também eu nada vos recusarei no Céu<sup>26</sup>. A segunda razão é que ela é Mãe. Diz Sto. Antonino que as súplicas de Maria têm o caráter dum mandamento, porque são as orações duma Mãe, e assim é impossível que ela não seja ouvida<sup>27</sup>. Daí estas palavras que lhe endereça S. Germano: “Ó minha Soberana! Vós sois onipotente para salvardes os pecadores, não necessitais de nenhuma recomendação junto de Deus, porque sois a sua Mãe”<sup>28</sup>. S. Jorge de Nicomédia acrescenta que é de certo modo em desempenho das suas obrigações para

com Maria, de quem recebeu a vida humana, que Jesus Cristo lhe concede tudo quanto ela pede<sup>29</sup>. Eis por que S. Pedro Damiano, admirando igualmente a autoridade desta augusta Rainha, quando quer obter de meu Filho alguma graça para seus piedosos servos, não teme dizer-lhe: Aproximais-vos desse Altar, em que se opera a reconciliação dos homens, não só pedindo, mas mandando na qualidade de Rainha e não de serva, porque o vosso Filho vos honra, nada vos recusando<sup>30</sup>.

Ainda Maria estava na terra e já gozava do privilégio de ver todas as suas súplicas ouvidas pelo seu divino Filho. Nas bodas de Caná, desejando que ele provesse à falta de vinho, contentou-se com lhe dizer: *Não têm vinho*. Mas Jesus Cristo respondeu-lhe: *Quid mihi et tibi est, mulier? nondum venit hora mea* (Jo 2, 3). Podia parecer que, respondendo assim, lhe recusava a graça desejada, não deixou contudo de se render à súplica da sua Mãe, como observa S. João Crisóstomo<sup>31</sup>.

As preces de Maria, diz S. Germano, obtém graças insignes, até aos maiores pecadores, porque as sustenta a autoridade materna<sup>32</sup>. Numa palavra, não há homem, por ímpio que seja, que Maria não salve por sua intercessão, quando lhe apraz. É a razão da linguagem de S. Jorge de Nicomédia: Tendes um poder inexcedível: por numerosos que sejam os pecados, não vencem a vossa clemência. Nada resiste ao vosso poder, porque o Criador olha como própria a vossa glória<sup>33</sup>. Nada vos é impossível, ó minha Rainha, exclama S. Pedro Damiano, pois até os desesperados podeis socorrer e salvar<sup>34</sup>.

II. Tanto Maria é poderosa para nos salvar pela sua intercessão, como é misericordiosa para conosco e interessada na nossa salvação. É o que nota S. Bernardo<sup>35</sup>. É chamada *Mãe de misericórdia*, porque a sua terna bondade para conosco faz que nos ame e socorra, como uma mãe ama e socorre seu filho doente. Segundo o Pe. Nieremberg<sup>36</sup>, o amor de todas as mães reunidas não iguala o de Maria, por um só de seus servos que a ela se recomenda.

Por isso é comparada à bela oliveira na amplidão dos campos<sup>37</sup>. Dos campos, comenta o cardeal Hugues, para que todos venham e se refugiem junto dela<sup>38</sup>. E assim como a oliveira, dá o azeite, símbolo da misericórdia, a quem a preme, assim Maria derrama as suas misericórdias sobre quem recorre a ela.

O bem-aventurado Amadeu e S. Beda afirmam que a nossa Rainha, no Céu, está sempre ocupada a orar por nós<sup>39</sup>. Ai! exclama S. Bernardo, o que é que poderia brotar duma fonte de misericórdia senão misericórdia?<sup>40</sup> Um dia ouviu Sta. Brígida que o nosso Salvador dizia a sua Mãe: *Mater, pete quod vis a me*. E Maria respondeu: *Misericordiam pelo miseris*<sup>41</sup>. É como se tivesse dito: Meu Filho, visto que me constituístes Mãe de Misericórdia, — que posso eu pedir-vos senão que useis de misericórdia com os miseráveis pecadores? — A caridade imensa de que está abrasado o coração de Maria para com todos os homens, diz S. Bernardo, como que a obriga a difundir por todos a sua misericórdia<sup>42</sup>.

Dizia S. Boaventura que, em presença de Maria, lhe parecia perder de

vista a terrível justiça de Deus, e ver apenas a misericórdia divina, que o Senhor deposita nas mãos desta boa Mãe, para socorrer os miseráveis<sup>43</sup>.

E, segundo S. Leão, tão cheia de misericórdia é ela, que deve ser chamada a própria misericórdia<sup>44</sup>. De fato, ó Mãe de misericórdia, exclama S. Germano, — quem, depois de Jesus Cristo, tem como vós tanto cuidado da nossa felicidade? Quem como vós nos socorre das nossas aflições? Quem se interessa assim pelos pecadores? Não nos é dado compreender em toda a sua extensão a vossa solicitude para conosco<sup>45</sup>. Ao falar também de Maria, Sto. Agostinho exprime-se assim: Sabemos, ó Maria, que o vosso interesse pelo bem da santa Igreja excede ao de todos os santos juntos<sup>46</sup>. É como se dissesse: Ó Mãe de Deus! É bem verdade que os santos desejam a nossa salvação, mas o zelo que pondeis em nos assistirdes do alto dos céus, o amor que nos mostrais em nos obterdes sem cessar tantas graças que sobre nós espalhais a mãos cheias, — obriga-nos a confessar que só vós amais verdadeiramente, e só vós sois em verdade cheia de solicitude pelo nosso bem. — E S. Germano ajunta: Maria intercede sempre por nós, reiterando de contínuo as suas instâncias, de modo que jamais se sacia de tomar a nossa defesa<sup>47</sup>.

Segundo Bernardino de Bustis<sup>48</sup>, com mais ardor deseja Maria dispensar-nos as graças, do que nós recebê-las. O mesmo autor ajunta esta reflexão: Assim como o demônio procura sempre dar a morte a quantos pode, como S. Pedro nos adverte, assim Maria procura sempre salvar quantos desgraçados possa. Agora pergunto: Quem é que recebe os benefícios de Maria? — e respondo: Quem os quer. — Basta pedir as graças a Maria, dizia uma santa alma, para as receber Guilherme de Paris contentava-se com suplicar à bem-aventurada Virgem que orasse por ele, tendo confiança que ela lhe obteria graças mais abundantes, do que as que ele tivesse ousado pedir-lhe<sup>49</sup>. Porque razão há tantas pessoas que não recebem graças de Maria? Porque não as querem. Quem se acha escravizado por alguma paixão, — de interesse, ambição, ou impureza — não deseja ser libertado, e por consequência não faz oração; se pedisse a sua salvação a Maria, havia de obtê-la. Mas, desgraçado — disse a mesma ditosa Virgem a Sta. Brígida — desgraçado aquele que, podendo recorrer a mim nesta vida, permanece por sua culpa sepultado no abismo do pecado<sup>50</sup>. Tempo virá em que queira e não possa.

Ai! Não nos exponhamos a um tal perigo; recorramos sempre a esta divina Mãe, que a ninguém despede descontente, conforme as palavras que o devoto Lansperge põe na boca de N. Senhor: Eu a fiz tão terna, que ela não pode deixar ninguém sem consolação<sup>51</sup>. Quem a invoca sempre a encontra disposta a prestar-lhe auxílio, diz Ricardo de S. Lourenço<sup>52</sup>. Ainda mais, segundo Ricardo de S. Vítor<sup>53</sup>, a terna bondade de Maria previne as nossas súplicas, e assiste-nos ainda antes de termos implorado o seu auxílio. E isso provém, ajunta o mesmo autor, de Maria ser tão misericordiosa, que não pode ver as nossas misérias sem nos socorrer<sup>54</sup>.

Quem houve já, exclama Inocência III, que recorresse a Maria e não

fosse ouvido?<sup>55</sup> Quem implorou já a sua assistência, diz também o beato Eutiquiano, e foi dela abandonado?<sup>56</sup> Ó Virgem, ajunta S. Bernardo, se alguém se lembrar de vos ter invocado, sem ser socorrido, consinto que esse deixe de louvar a vossa misericórdia<sup>57</sup>. Ó! por certo nunca tal se viu nem se verá; porque Maria, diz S. Boaventura, assim como não ignora as penas dos desgraçados e se compadece deles, também não pode deixar de os socorrer<sup>58</sup>. E o mesmo santo Doutor conclui daí que esta Mãe de misericórdia, — que tanto deseja socorrer-nos e ver-nos salvos — se dá por ofendida, não só quando lhe fazemos alguma injúria positiva, mas até quando nos descuidamos de lhe pedir as graças.

Recorramos pois a Maria e confiemos na sua misericórdia, por mais indignos que nos reconheçamos de ser ouvidos, em razão dos nossos pecados. A Sta. Brígida<sup>59</sup> revelou o Senhor que o próprio Lúcifer se teria salvado por Maria, se esse espírito soberbo pudesse humilhar-se e implorar o seu socorro. Ouviu a santa que o nosso Salvador falava assim a sua Mãe: *Etiam diabolo exhiberes misericordiam, si humiliter peteret*. E a própria Virgem disse a Sta. Brígida que, quando um pecador vem a seus pés, não considera ela já os pecados de que está manchado, mas a intenção que os anima; se vem com a resolução de mudar de vida, cura-o e salva-o<sup>60</sup>. Também S. Boaventura chamava a Maria a salvação dos que a invocam<sup>61</sup>. Basta recorrer a Maria para ser salvo.

### III

#### Prática de devoção à santíssima Virgem

Repito pois, recorramos sempre a esta augusta Mãe de Deus, rogando-lhe que nos proteja; mas, para melhor merecermos a sua proteção, tenhamos o cuidado de a honrar quanto possível. Um grande servo de Maria, o irmão João Berchmans, da Cia. de Jesus, estava em artigo de morte, quando os seus irmãos lhe perguntaram o que tinha a fazer para cativarem as boas graças desta poderosa Rainha. Ele respondeu: *Quidquid minimum, dummodo sit constans*. Uma leve homenagem basta, para assegurar a proteção da Mãe de Deus; contenta-se com o mínimo dos nossos esforços, contanto que seja perseverante; porque é tão generosa, diz Sto. André de Creta, que recompensa habitualmente com graças abundantes as mais pequenas coisas que se façam em sua honra<sup>62</sup>. Quanto a nós, não nos devemos limitar a isso; ofereçamos-lhe ao menos todas as homenagens, que de ordinário lhe rendem os seus devotos servos: rezar o terço todos os dias, fazer as suas novenas, jejuar aos sábados, trazer o seu escapulário (ou a respectiva medalha), visitar diariamente alguma das suas imagens, pedindo-lhe qualquer graça especial, ler cada dia um pouco nalgum livro que trate dos seus louvores, saudá-la ao sair de casa e ao regressar, pôr-se na sua presença; de manhã ao levantar e à noite ao deitar, rezar três A. M. em honra da sua pureza.

Estas devoções sabem praticá-las os próprios leigos; mas nós, que somos padres, devemos levar mais longe as nossas homenagens à Mãe de Deus, pregando as suas glórias e levando os outros a honrá-la. A quem procurar neste mundo fazê-la conhecer a amar, promete ela a vida eterna<sup>63</sup>. O bem-aventurado bispo Heming começava todos os seus sermões pelos louvores de Maria; assim mereceu que ela dissesse um dia a Sta. Brígida: “Participai a esse prelado que eu quero servir-lhe de mãe, e à sua alma”<sup>64</sup>. Ó! quanto agradaria à santíssima Virgem o padre que todos os sábados, numa igreja ou capela, fizesse ao povo uma curta instrução sobre as prerrogativas desta terna Mãe, falando-lhe especialmente da sua misericórdia, e do desejo que tem de socorrer os que a invocam! Como diz S. Bernardo, a misericórdia de Maria é o mais poderoso atrativo para afeiçoar os povos ao seu culto. Ao menos, que o pregador tenha cuidado em todas as suas instruções, antes de terminar, de mover os fiéis a recorrer à bem-aventurada Virgem, pedindo-lhe alguma graça.

Em suma, quem honra a Maria, diz Ricardo de S. Lourenço, ajunta tesouros para a vida eterna<sup>65</sup>. Foi com este fim que há anos publiquei o meu livro — *As Glórias de Maria*. Dei-me a enriquecê-lo com passagens da Escritura e dos santos padres, exemplos e práticas de devoção, não só para oferecer a todos os fiéis assuntos de leitura, mas até para dum modo particular servirem aos padres, fornecendo-lhes matéria abundante para pregarem os louvores da Mãe de Deus, e inspirarem ao povo uma fervorosa devoção para com ela.

#### NOTA DO TRADUTOR PORTUGUÊS.

Temos presente uma edição francesa das *Glórias de Maria*, em cujo prefácio encontramos o seguinte:

“O próprio Santo Afonso, sem o querer, fez a um tempo o elogio da sua obra e da sua virtude, numa ocasião tocante, que o Pe. Panzuti (Novenar. serm. 5) refere. Quando já contava quase noventa anos, fazia-lhe a leitura espiritual o irmão que o servia. Um dia, arrebatado pelo que ouvia, e tendo a memória enfraquecida, perguntou-lhe por fim: ‘Meu irmão, quem foi que compôs esse belo livro, que está tão bem escrito? Que suavidade! Dizei-me: quem é o seu autor?’ O irmão, em resposta, leu-lhe o título: ‘Glórias de Maria, por Afonso de Ligório’. A estas palavras, o venerando ancião ficou confuso e guardou silêncio. A sua humildade fôra colhida de surpresa”.

1. *Utrum debeamus Sanctos orare ad interpellandum pro nobis.*
2. *Ordo est divinitus institutus in rebus, secundum Dionysium, ut per media ultima reducantur in Deum. Unde, cum Sancti, qui sunt in patria, sint Deo propinquissimi, hoc divinae legis ordo requirit, ut nos, qui manentes in corpore peregrinamur a Domino, in eum per Sanctos medios reducamur. Sicut, mediantibus Sanctorum suffragiis, Dei beneficia in nos deveniunt, ita oportet nos in Deum reduci, ut iterato beneficia ejus sumamus mediantibus Sanctis (In 4. Sent. d. 45. q. 3. c. 2).*
3. *Lege naturali tenemur eum ordinem observare, quem Deus instituit; at constituit Deus ut inferiores ad salutem perveniant, implorato superiorum subsidio (De Relig. p. 2. c. 2. a. 5).*
4. *Magnum est enim in quolibet Sancto, quando habet tantum de gratia quod sufficit ad salutem multorum; sed, quando haberet tantum quod sufficeret ad salutem omnium, hoc esset maximum, et hoc est in Christo et in beata Virgine (Expos. in Sal. Ang.).*

5. *Per te accessum habeamus ad Filium, o Inventrix gratiae, Mater salutis, ut per te nos suscipiat, qui per te datus est nobis! (In Adv. Dom. s. 2).*
6. *Totius boni plenitudinem posuit (Deus) in Maria, ut proinde, si quid spei in nobis est, si quid gratiae, si quid salutis, ab ea noverimus redundare, quae ascendit deliciis affluens: hortus deliciarum, ut undique fluant et effluent aromata ejus, charismata scilicet gratiarum. Sic est voluntas ejus qui totum nos habere voluit per Mariam (De Aquoed.).*
7. *Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino (Prov. 8, 35).*
8. *In me gatia omnis viae et veritatis; in me omnis spes vitae et virtutis... Qui operantur in me, non peccabunt. qui elucidant me, vitam aeternam habebunt (Eccli. 24, 25).*
9. *Vita, Dulcedo, et Spes nostra.*
10. *Ad Mariam recurre; non dubius dixerim, exaudiet utique Matrem Filius. — Filioli, haec peccatorum scala, haec mea maxima fiducia est, haec tota ratio spei meae.*
11. *Quaeramus gratiam, et per Mariam quaeramus; quia quod quaerit, invenit, et frustrari non potest (De Aquaed).*
12. *Nobis non est alia quam a te fiducia, o Virgo sincerissima (De Laud. B. M. V.).*
13. *Omnia bona quae illic summa Majestas decrevit facere, tuis manibus voluit commendare; commissi quippe sunt tibi thesauri... et ornamenta gratiarum (De Cor. Virg. c. 15).*
14. *In manibus tuis sunt thesauri miserationum Domini (De Nativ. s. 1).*
15. *Tu dispensatrix omnium gratiarum; salus nostra in manu tua est.*
16. *Deus vult ut omnia bona ab ipso exspectemus potentissima Virginis Matris intercessione, cum eam, ut par est, invocamus, impetranda (Ep. 50 in calce Theol.).*
17. *Quasi diceret: Nullus sanguinis illius particeps erit, nisi intercessione Matris meae. Vulnere gratiarum fontes sunt; sed ad nullos derivabuntur rivi, nisi per Marianum canalem. Joannes discipule, tantum a me amaveris, quantum eam amaveris (Theol. ment. cord. t. 2. l. 10. d. 4. c. 1).*
18. *Sine alis tentat volare (P. 4. tit. 15. c. 22).*
19. *Omnis a te aversus necesse est ut intreat (Orat. 51).*
20. *Qui neglexerit illam, morietur in peccatis suis (Psalt. B. V. ps. 116).*
21. *Gens quae non servierit tibi, peribit (Bibl. Mar. Is. n. 20).*
22. *In mare mundi submerguntur omnes illi, quos non suscipit Navis ista (De Laud. B. M. I. 11).*
23. *Crasset. (Vir. Dev. p. I. tr. I. q. 6).*
24. *Omnipotens auxilium tuum, o Maria! (Hymn. 6).*
25. *Ab omnipotente Filio omnipotens Mater est effecta (De Laud. B. M. I. 4).*
26. *Mater, pete quod vis a me; non enim inanis potest esse petitio tua. Quia tu mihi nihil negasti in terra, ego tibi nihil negabo in coelo (Rev. I. 6. c. 23 — I. 1. c. 24).*
27. *Oratio Deiparae habet rationem imperii; unde impossibile est eam non exaudiri (P. 4. t. 15. c. 17. § 4).*
28. *In Dorm. B. V. s. 2.*
29. *Filius, quasi exsolvens debitum, petitiones tuas implet (Or. de Ingr. B. V.).*
30. *Accedis ante illud humanae reconciliationis Altare, nos solum rogans, sed imperans, Domina, non ancilla; nam Filius, nihil negans honorat te (In Nat. B. V. s. 1).*
31. *Et licet ita responderit, maternis tamen precibus obtemperavit (In Jo. hom. 21).*
32. *Tu autem, materna in Deum auctoritate pollens, etiam iis qui enormiter peccant, gratiam concilias; non enim potes non exaudiri, cum Deus tibi, ut verae et intemeratae Matri, in omnibus morem gerat (In Dorm. Deip. s. 2).*
33. *Habes vires insuperabiles, ne clementiam tuam superet multitudo peccatorum. Nihil tuae resistit potentiae; tuam enim gloriam Cretor existimat esse propriam (Or. de Ingr. B. V.).*
34. *Nil tibi impossibile, cut possibile est desperatos in spem beatitudinis relevare (De Nativit. B. V. s. 1).*
35. *Nec facultas ei deesse poterit, nec voluntas (In Assump. s. 1).*
36. *De Aff. erga B. V. c. 14.*
37. *Quasi oliva speciosa in campis (Eccli. 24, 19).*
38. *Ut omnes eam respiciant, omnes ad eam confugiant.*
39. *Adstat Beatissima Virgo vultui Conditoris, prece potentissima semper interpellans pro nobis. Stat Maria in conspectu Filii sui, non cessans pro peccatoribus exorare.*
40. *Quid de fonte pietatis procederet, nisi pietas? (Dom. 1. Epiph. s. 1).*
41. *Revel. 1. t. c. 23. — L. 1. 50.*
42. *Sapientibus et insipientibus copiosissima charitate debtricem se fecit; omnibus misericordiae sinum aperit, ut de plenitudine ejus accipiant universi (In Sign. magn.).*
43. *Certe, Domina! cum te aspicio, nihil nisi misericordiam cerno; nam pro miseris Mater Dei facta es, et tibi miserendi est officium commissum (Stim. div. am. p. 3. c. 19).*
44. *Maria adeo praedita est misericordiae visceribus, ut, non tantum misericors, sed ipsa Misericordia dici promereatur.*
45. *Quis, post Filium tuum, curam gerit generis humani, sicut tu? Quis ita nos defendit in nostris afflictionibus? Quis pugnat pro peccatoribus? Propterea, patrocinium tuum majus est, quam comprehendi possit (De Zona Deip.).*
46. *Te solam, o Maria! Pro Sancta Ecclesia sollicitam prae omnibus Sanctis scimus (S. Bonav. Spec. B. V. lect. 6).*
47. *Non est satietas defensionis ejus (De Zona Deip.).*
48. *Plus desiderat ipsa facere tibi bonum et largiri gratiam, quam tu accipere concupiscas. — Ipsa semper circuit quaerens quem salvet (Marial. p. s. 5., — p. 3. s. 1).*
49. *Majori devotione orabis pro que, quam ego auderem petere; et majora etiam impetrabis mihi, quam petere praesumam (De Reth. div. c. 18).*
50. *Ideo miser erit, qui ad misericordiam, cum possit, non accedit! (Revel. I. 2. c. 23).*
51. *Adeo feci eam mitem, ut neminem a se redire tristem sinat (Allop. I. 1. p. 4. can. 12).*
52. *Semper paratam auxiliari (De Laud. B. M. I. 2. p. 1).*
53. *Velocius occurrit ejus pietas, quam invocetur, et causas miserorum anticipat.*
54. *A Deo pietate replentur ubera tua, ut, alicujus miseriae notitia tacta, lac fundant misericordiae, nec possis miseras scire et non subvenire (In Cant. c. 23).*
55. *Quis invocavit eam, et non est exauditus ab ipsa? (De Assump. s. 2).*
56. *Quis, o Domina! fideliter omnipotentem tuam rogavit opem, et fuit derelictus! revera nullus unquam (Surius, 4. febr. Vit. S. Theoph.).*
57. *Sileat misericordiam tuam, Virgo Beata, qui invocatam te in necessitatibus suis sibi meminerit defuisse (De Assump. s. 4).*
58. *Ipsa enim non misereri ignorat, et miseris non satisfacere nunquam scivit. — In te, Domina, peccant, non solum qui tibi injuriam irrogant, sed etiam qui te non rogant (Stim. am. p. 3 c. 13).*
59. *Revel. extr. c. 50.*
60. *Quantumcumque homo peccet, si ex vera emendatione ad me reversus fuerit, statim parata sum recipere revertentem; nec attendo quantum peccaverit, sed cum qua voluntate venit; nam non dedignor ejus plagas ungere et sanare, quia vocor (et vere sum) Mater misericordiae (Revel. I. 2. c. 23. — I. 6. c. 17).*
61. *O Salus te invocantium! (Cant. p. Psalt.).*
62. *Cum sit magnificentissima, solet maxima pro minimis reddere (In Dorm. B. V. s. 3).*
63. *Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt (Eccli. 24, 31).'*
64. *Revel. extr. c. 104.*
65. *Honorare Mariam, thesaurizare est sibi vitam aeternam (De Laud. B. M. I. 2. p. 1).*

## APÊNDICE

# Regulamento de vida para um padre secular

## I

### De manhã

#### 1. Os primeiros atos ao levantar

De manhã, ao levantar, fará o sacerdote atos de agradecimento, amor e oferecimento de tudo quanto obrar e sofrer durante o dia. Terminará por uma súplica a Deus e à santíssima Virgem, para obter a graça de não cair em nenhum pecado.

Eis como estes atos podem ser formulados:

Meu Deus! Prostrado na vossa presença, adoro a vossa Majestade infinita, e submeto-me a vós inteiramente.

Creio em vós, espero em vós, e amo-vos de todo o meu coração.

Dou-vos graças por todos os benefícios, e em especial por me haverdes conservado a vida durante esta noite.

Ofereço-vos todos os meus pensamentos, palavras, ações e sofrimentos deste dia, em união com os de Jesus e Maria.

Fermo a intenção de ganhar todas as indulgências que puder, e de as aplicar pelas almas do Purgatório.

Meu Deus! Por amor de Jesus Cristo, livrai-me de todo o pecado. Meu Jesus! Pelos vossos merecimentos, fazei que viva unido a vós. Maria, minha Mãe! abençoai-me, e acolhei-me sob o vosso manto. Meu anjo da guarda e todos os meus santos patronos, intercedei por mim! Amém.

*Recitam-se em seguida três A. M. em honra da pureza da santíssima Virgem*

#### 2. Oração mental

O padre começará o seu dia por meia hora de oração mental sobre as verdades eternas, ou sobre a paixão de Jesus Cristo, cuja meditação mais particularmente convém a um padre antes de celebrar, por isso que vai reno-

var ao altar a memória dela, oferecendo a Deus a mesma Vítima e o mesmo sacrifício. Na oração, depois de lido o assunto, cuidará de produzir atos de dor e amor, e endereçar muitas vezes a Deus preces fervorosas, para obter a perseverança na graça e o seu divino amor. Tome cautela em não deixar a oração, qualquer que seja o tédio e aridez que nela experimente. Se a deixar, colocar-se-á no maior perigo de perder a Deus. Embora não pudesse dizer outra coisa senão: Meu Deus! ajudai-me! Meu Jesus, misericórdia! — a sua oração lhe aproveitaria muito.

Para estar mais recolhido na oração, encerre-se num lugar, em que possa estar a sós com o seu crucifixo. Para isto, procure quanto possível ter um quarto à parte; se o não puder conseguir, mais valerá fazer a sua oração na igreja, do que no meio do ruído das pessoas que passam e conversam.

#### 3. A santa missa

Após a oração, recitará as horas menores até Nôa em seguida irá celebrar. A não haver algum impedimento, conviria para mais recolhimento que celebrasse antes de todas as ocupações do dia.

Além da meditação, não deixará de fazer ainda uma curta preparação para a missa, avivando a fé no grande mistério que vai celebrar; que faça ao menos três atos: de amor, de contrição, e de desejo de se unir a Jesus Cristo.

Depois da missa, não omitirá a ação de graças, durante uma hora, ou ao menos meia, aplicando-se a produzir atos de amor, de oferecimento e de súplica. O tempo que se segue à missa é o de ajuntar tesouros de graças. Quando sobrevier algum estado de secura interior, em que nada possa fazer por impulso próprio, leia ao menos nalgum bom livro afetos piedosos para com Jesus Cristo.

#### 4. As confissões e o estudo

Se é confessor, terminada a ação de graças, irá confessar. Cumpre observar que, nos dias de maior afluência, poderá abreviar a ação de graças para ouvir as confissões, mas isso somente em casos tais, que são raros. De ordinário, não deve o confessor deixar a sua ação de graças depois da missa, para que os penitentes não esperem nada. Quando porém vierem para se confessar homens, que não costumem freqüentar os sacramentos, fará bem em os ouvir antes de celebrar; porque esses penitentes não têm paciência para esperar, e se não se confessarem naquela ocasião, Deus sabe quando se confessarão.

Quanto ao sacerdote que não é confessor, esse irá estudar. Aplique-se tanto ao estudo da moral, para se tornar capaz de administrar o sacramento da penitência, como à composição de sermões, e a outras coisas semelhantes, que aproveitem à sua instrução, ou ao bem das almas.

## 5. Da ordem nos exercícios

Importa observar aqui que nem todos os exercícios, de que se fala neste regulamento, devem ser praticados pela ordem exposta; contanto que se façam no decurso do dia, isso basta; pouco importa que um preceda o outro, conforme se julgar mais conveniente. Assim, por exemplo, no inverno, em que amanhece mais tarde, pode estudar uma ou duas horas, depois da meditação e do ofício. De resto, um padre que quer viver conforme a dignidade do seu estado, deve fixar o tempo e a hora para todos os seus exercícios, de modo a cumpri-los numa ordem constante; não faça como alguns que nenhuma ordem observam nas suas ações. A vida sem regra é uma imagem do inferno, que Jó chama: *Terram miseriae et tenebrarum, ubi umbra mortis, et nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat* (Jó 10, 22).

## 6. O almoço

Chegada a hora do almoço, comerá sobriamente, como convém a um padre. Não imite certos padres glotões, que desde a manhã querem toda a família ocupada em lhes preparar as iguarias, e, se depois as não encontram ao seu gosto, inquietam todos os domésticos e parentes. “O que procura contentar a sua boca jamais se tornará santo”, dizia S. Filipe de Néri. E, se o padre deve ser sóbrio na alimentação, mais ainda no uso do vinho, cujo excesso é mais pernicioso à virtude, sobretudo à castidade.

Ao sábado, em honra da santíssima Virgem, procure observar ao menos o jejum ordinário, se não se crê com forças para jejuar a pão e água; em último caso, que se contente com um só prato. De mais, nalgum outro dia da semana, como na quarta e sexta, e em todas as novenas de nossa Senhora, prive-se ao menos de alguma coisa à mesa.

### II

## Exercícios para depois do meio dia

### 1. A leitura espiritual

Tomado o descanso necessário, o padre recitará Vésperas e Completas, e fará em seguida meia hora de leitura espiritual. Para esta leitura poderá servir-se do tratado do *Conhecimento e do Amor do Filho de Deus*, pelo Pe. Saint-Jure, ou da *Perfeição cristã*, pelo Pe. Rodrigues, livros cheios de piedade e unção<sup>1</sup>. Poderá também servir-se de outras obras, mas busque principalmente as *Vidas dos Santos*, como a de S. Filipe de Néri, S. Francisco de Borja... Nos livros espirituais, vêem-se as virtudes em teoria; nas *Vidas dos Santos*, vêem-se praticadas, o que move mais à imitação. S. Filipe de Néri não cessava de exortar os seus penitentes à leitura das *Vidas dos Santos*. Quantos santos, tais como S. João Colombiano, Santo Inácio de Loyola e

Santa Teresa deverem a essa leitura o impulso que os levou a darem-se inteiramente a Deus!

## 2. A visita ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem

Depois da leitura espiritual, irá fazer a sua visita ao Santíssimo. Dos simples fiéis, muitos há que todos os dias praticam com exatidão este santo exercício, e nunca faltam a ele, por qualquer embaraço ou incômodo que lhes sobrevenha; mas é raro, muito raro até, encontrar padres seculares que o façam. É preciso confessá-lo, Jesus Cristo está mal servido com os seus padres! Tudo isso deriva do pouco amor que lhe têm: quem ama ternamente um amigo, procura vê-lo todas as vezes que pode, sobretudo quando as suas visitas são muito agradáveis a esse amigo.

Por esta visita não intendo apenas algum *Padre nosso*, dito de passagem e com distração diante do altar; consiste ela em aplicar o espírito, por um tempo considerável, a excitar afetos piedosos para com Jesus Cristo no santíssimo Sacramento, e em lhe pedir graças, — principalmente o dom da perseverança final e do seu santo amor. Ai! Quem deveria pois ir entreter-se com Jesus Cristo mais vezes e por mais tempo, que um padre, a quem é dado fazê-lo descer do Céu à terra todos os dias, tomá-lo nas próprias mãos, alimentar-se da sua carne adorável, e ainda para seu proveito encerrá-lo no tabernáculo, onde pode gozar da sua presença todas as vezes que quiser?

Depois da visita ao Santíssimo, não deixe de visitar também, na mesma igreja, a Mãe de Deus, pondo-se na presença da imagem que lhe inspire mais devoção.

## 3. O recreio

A seguir, poderá recriar-se por algum tempo, passear pelo campo, ou por algum caminho solitário, em companhia de algum padre ou pessoa espiritual, que fale de Deus e não do mundo. A falta de tal companhia, deve ir só, para não perder com algum companheiro mundano todo o recolhimento adquirido nos exercícios de piedade. Se nesse tempo vago pudesse assistir a alguma academia de moral, mais aproveitaria: lá encontraria ao mesmo tempo recreio e lucro.

### III

## Exercícios da tarde

### 1. Antes de ceiar

De tarde, convém que o padre faça ainda uma meia hora de oração mental. Se possível fosse, conviria que a fizesse com a todas as pessoas da casa, lendo ele os pontos da meditação, e terminando-a com os atos das

virtudes cristãs.

Depois rezará *Matinas* e *Laudes*, seguidas de meia hora de estudo.

Em seguida, recitará o terço com a gente da casa, tendo o cuidado de indicar os mistérios que se devem meditar, e concluirá pelas ladainhas da santíssima Virgem.

## **2. A ceia**

Ao terço seguir-se-á a ceia, na qual deve ser ainda mais sóbrio que ao almoço. Se o não for e se exceder, não só sofrerá do estômago e da cabeça, mas não poderá de manhã satisfazer aos deveres importantes que lhe incumbem: meditar, celebrar e ouvir confissões. Tudo será feito com distração, tédio e em grande parte perdido.

## **3. Últimos atos antes de se deitar**

Depois da ceia fará o exame de consciência, seguido do ato de contrição e doutros atos de piedade. Em seguida recite prostrado três A. M. à santíssima Virgem, encomende-se aos seus santos patronos e deite-se.

Eis a oração que pode fazer antes de se deitar:

Meu Deus! Agradeço-vos a graça de me haverdes conservado durante este dia; rogo-vos que me conserveis também esta noite e me preserveis de todo o mal. É para vos agradar que vou tomar este repouso, na intenção de, a cada respiração, vos amar, louvar e servir, como fazem os Santos no Céu.

Maria, minha Mãe! Dignai-vos abençoar-me e guardar-me sob o vosso manto. Anjo da minha guarda e meus santos patronos, intercedei por mim!

## **IV**

### **Exercícios não diários**

#### **1. A confissão**

O padre se confessará duas vezes, ou ao menos uma por semana. Não deixará de ter um diretor espiritual, que o encaminhe em todos os exercícios espirituais, e mesmo nos negócios temporais que possam interessar à sua alma.

#### **2. O retiro mensal**

Fará cada mês um dia de retiro, em que ponha de parte os negócios temporais, e até os espirituais que respeitam ao seu próximo. Retirado em sua casa ou numa casa religiosa, só cuidará de si próprio em silêncio, consagrando o dia inteiro a orações, leituras espirituais, visitas ao Santíssimo, e outros exercícios semelhantes. Ó! que força colhe a alma nestes retiros, como

se une mais intimamente a Deus, e ganha impulso para caminhar a passo mais firme nos dias seguintes!

### **3. Alguns avisos particulares**

Nas tentações, principalmente contra a pureza, renove a resolução de sofrer antes mil mortes, que ofender a Deus; recorra logo a Jesus e Maria, invocado os seus nomes santíssimos até que a força da tentação acalme.

Vista sempre com modéstia. usando casaco comprido, e nunca seda.

Evite os grandes jantares, os divertimentos do mundo, e as reuniões dos seculares, sobretudo aonde afluírem mulheres.

## Regras Espirituais para um padre que aspire à perfeição

### 1. Evitar o pecado e a perturbação depois do pecado

Um pecado que aspira à perfeição e deseja santificar-se, deve primeiro que tudo tomar a peito evitar antes o pecado que a morte, até o mínimo pecado venial deliberado. Depois do pecado de Adão, no estado atual da fragilidade humana, ninguém pode e nunca pôde — à exceção de Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima — ser isento de todas as faltas veniais indeliberadas; mas podemos muito bem, com o auxílio de Deus, evitar todas as faltas deliberadas, isto é, cometidas com plena advertência e consentimento; é o que têm feito os santos. Quem aspira à perfeição deve estar bem decidido a deixar-se antes martirizar, do que dizer com advertência plena uma mentira, ou cometer qualquer outro pecado venial, por pequeno que seja.

Tal deve ser a sua resolução; mas, se tiver a desgraça de cair nalguma falta, deliberada ou indeliberada, não se perturbe nem inquiete. Nunca a inquietação vem de Deus, é um fumo que não pode sair senão do próprio abismo da inquietação, que é o inferno. Vem-nos de lá, porque, como dizia com razão S. Luís de Gonzaga, o demônio pesca sempre nas águas turvas. Quando uma pessoa, por exemplo, cometeu uma falta, perturba-se, e depois perturba-se por se haver perturbado: neste estado de inquietação, não só será incapaz de praticar o bem, mas até facilmente cometerá muitas outras faltas, quer de impaciência, quer doutra espécie.

Por isso, desde que a falta está cometida, é necessário humilhar-se e recorrer logo a Deus: faça um ato de amor ou de contrição, com o bom propósito de emenda, e peça com muita confiança a graça de que necessita, dizendo: Senhor! eis o que eu sei fazer e, se me retirardes a vossa mão, ainda farei pior! Amo-vos, arrependo-me do passado e não quero recair no futuro; dignai-vos conceder-me o socorro que da vossa bondade espero.

Feito isto, ficai em paz, como se nenhuma falta houvésseis cometido. Se até no mesmo dia recairdes, procedei do mesmo modo. se tivésseis a desgraça de recair cem vezes, sempre deveríeis concluir assim: humilhe-se quem se exaltou, mas nunca se fique desalentado.

Importa observar que o perturbar-se depois de uma falta cometida, não é efeito da humildade, mas do orgulho: dói-se o pecador do que lhe aconteceu, menos por ser ofensa feita a Deus, do que pela vergonha que sente de se apresentar diante dele com tal mancha. Nunca o padre pois deve perturbar-se com as suas faltas, mas humilhe-se como capaz de cometer essas e

### 2. Desejo eficaz de adiantar no amor de Deus

Esteja o padre animado do desejo de crescer cada vez mais no amor de Deus. Não querer adiantar na perfeição — que assenta por completo no amor de Deus — é querer atrasar. *Non progredi, jam reverti est* diz Sto. Agostinho (*Epist. 17. E. B. app.*). Quem sobe a corrente dum rio, e não luta de contínuo contra o movimento das águas, será por elas arrastado. É o que nos acontece, desde que não lutemos contra a concupiscência da carne.

Os santos desejos adoçam-nos as dificuldades e fazem-nos caminhar para a frente; mas é necessário que sejam firmes e eficazes, isto é, que sejam quanto possível postos em prática. Não tenhamos a linguagem dos que, por exemplo, se limitam a dizer: Ó! se eu tivesse irmãos nem sobrinhos, entraria numa ordem religiosa; se eu tivesse saúde, faria tais penitências... Esses jamais dão um passo à frente no caminho de Deus; ao contrário, sempre se arrastam nos mesmos pecados, sempre conservam os mesmos apegos e animosidades, caminham de mal a pior.

Haja pois desejo de adiantar no amor de Deus, mas com a resolução firme de fazer todo o possível para chegar ao fim, desconfiando das próprias forças e pondo toda a confiança só em Deus; porque aquele que confia em si, priva-se do auxílio da graça.

### 3. Devoção à Paixão do Salvador e ao Santíssimo

Para adiantar na perfeição, é também necessário ser muito devoto da paixão de N. S. Jesus Cristo e do Santíssimo Sacramento. Quando se consideram estes grandes mistérios de amor, em que um Deus, para se fazer amar, sacrifica a sua vida e se dá em alimento a um verme da terra, criatura sua, não se pode deixar de arder em amor por Jesus Cristo. *Charitas enim Christi urget nos*, diz S. Paulo (2Cor 5,14). Quem pensa no amor do nosso Salvador, vê-se como que forçado a amá-lo. Às suas chagas sagradas chama S. Boaventura feridas, que ferem os mais duros corações, e inflamam no amor de Deus as almas mais geladas<sup>2</sup>.

De ordinário pois, não deixe o padre de fazer todos os dias meia hora de meditação sobre a Paixão de Jesus Cristo. Faça além disto durante o dia freqüentes atos de amor para com o divino Mestre, começando desde o despertar e procurando adormecer num ato de amor. Dizia Sta. Teresa que os atos de amor são como lenha que entretém no coração o doce fogo do amor divino. Em particular, um ato de amor muito agradável a Deus é o oferecimento de si mesmo, dispondo-se para fazer e sofrer tudo quanto for do beneplácito divino. Santa Teresa repetia este ato pelo menos cinqüenta vezes cada dia.

### 4. Intenção de fazer tudo por Deus

Em todas as suas ações, deve o padre ter a intenção de tudo fazer só

para Deus. Os mestres da vida espiritual chamam à reta intenção uma alquimia celeste, que converte em ouro todas as nossas ações, mesmo as que respeitam às necessidades corpóreas, como o repouso, o alimento e o recreio. Mas, em especial, é necessário que os exercícios de piedade se façam unicamente para agradar a Deus, e não por motivo de interesse, vanglória, ou gosto próprio; de contrário, tudo se perderá e, em vez de recompensa, se receberá castigo. Para com segurança pois, se fazer por Deus tudo quanto se fizer, convém que se obre sempre sob a dependência dum diretor.

### 5. Amor da solidão e do silêncio

É preciso que o padre ame a solidão e o silêncio. Quem trata e fala demasiado com os homens, necessita de tomar cautela; se a não tiver, dificilmente evitará o pecado: *In multiloquio non deerit peccatum* (Prov. 10, 10). Por isso o Senhor disse: *In silentio et in spe erit fortitudo vestra* (Ps. 30, 15). Seremos fortes contra as tentações, na medida em que confiarmos em Deus, e nos afastarmos do comércio com as criaturas. De mais, quem fala muito com os homens, falará pouco com Deus. Na solidão fala e conversa familiarmente o Senhor com as almas, conforme esta exclamação de S. Jerônimo: *O solitudo, in qua Deus cum suis familiariter loquitur ac conversatur!* E o próprio Deus nos faz compreender que é na solidão que nos fala aos corações: *Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus* (Os. 2, 14). As almas que ardem no amor de Deus sempre buscam a solidão: é o que se observa. Corriam os santos a esconder-se nas florestas e em espantosas cavernas, para não serem perturbados pelo ruído do mundo e poderem tratar a sós com Deus. O silêncio e a solidão forçam, por assim dizer, a alma a não pensar senão em Deus.

No entanto, não consiste a virtude em estar sempre calado, mas em falar quando convém. Um bom padre cala-se quando deve calar-se, e fala quando deve alar; mas fala somente de Deus, ou do que interessa à glória de Deus e ao bem das almas. Muitas vezes uma palavra de Deus, dita familiarmente em conversa ou a um amigo, produzirá mais fruto que muitos sermões. Deve-se pois ter cuidado em todos os entretenimentos, por indiferentes que sejam, de misturar alguma palavra edificante sobre as verdades eternas ou sobre o amor de Deus. Quando se ama uma pessoa, sempre se desejaria falar e ouvir falar dela; quando se ama a Deus, só se fala e quer ouvir falar de Deus.

### 6. Conformidade com a vontade de Deus

Consiste acima de tudo o amor de Deus na conformidade com a sua santa vontade, especialmente nas coisas que mais contrariam o amor próprio, como são as doenças, a pobreza, o desprezo, as perseguições e as securas espirituais. Devemos estar persuadidos de que tudo isso, que nos advém de Deus, nos é útil, por ser feito ou permitido para nosso bem; porque

ninguém há que mais nos ame do que Deus. Se queremos santificar-nos, digamos em tudo quanto nos acontecer: *Fiat voluntas tua. Sit nomen Domini benedictum. Domine, quid me vis facere? Sicut Domino placuit, ita factum est. Ita, Pater! quoniam sic fuit placitum ante te.*

Em todas as eventualidades da vida, agradáveis ou desagradáveis, procuremos conservar essa paz contínua, essa tranqüilidade inalterável de que os santos nos dão exemplo, dizendo sempre: *In pace in idipsum dormiam et requiescam.* Uma alma que ama a Deus passa uma vida uniforme, sempre em união com o Senhor; era o que nos seus cânticos exprimia um grande servo de Deus, o cardeal Petrucci, sobre esta palavra do Espírito Santo: *Non contristabit justum quidquid ei acciderit* (Prov. 12, 21).

Assim, um padre que ama a Deus jamais será abalado pela aflição. Só o pecado lhe deve causar dor; mas esta dor mesmo, como acima dissemos, deve ser uma dor calma, que não perturbe a paz da alma.

### 7. Desejo de morte

Deve o padre desejar muitas vezes o Paraíso, e por conseqüência a morte, para ir em breve para o Céu amar a Jesus Cristo, com todas as suas forças e por toda a eternidade, sem receio de jamais o perder. Entretanto, procederá sem reservas para com Deus, nada lhe recusando, do que souber que lhe é mais agradável, e estará sempre atento a afastar do seu coração tudo o que não é Deus nem para Deus.

### 8. Devoção à santíssima Virgem

Esforce-se por conceber uma grande confiança e terna devoção para com a santíssima Virgem. Sempre todos os santos têm alimentado em seus corações uma piedade filial para com a Mãe divina. Cuide de fazer todos os dias uma leitura nalgum livro, que trate das suas glórias e da confiança que devemos ter na sua poderosa proteção. Não deixe de jejuar aos sábados em sua honra, o melhor que possa, e em todas as suas novenas, pratique ao menos alguma abstinência e mortificação. Não deixe de visitar todos os dias alguma imagem sua. Quanto puder, falará da confiança que se deve ter na proteção de Maria, e procurará aos sábados fazer aos fiéis uma pequena instrução na igreja, para os afervorar na devoção a esta compassiva Soberana. Pelo menos, fale dela em cada um dos seus sermões, e recomende a mesma devoção a todos os seus penitentes, assim como a todas as demais pessoas que possa. Quanto mais se amar a Maria, tanto mais se amará a Deus; porque Maria atrai a Deus os que a amam. *Quia tota ardens fuit*, diz S. Boaventura, *omnes se amantes, eamque languentes, incendit* (De B. M. V. s. 1).

## 9. Ser humilde do coração

Esforce-se por ser humilde do coração. Muitos há que são humildes de palavras, mas não do coração; dizem que são os maiores pecadores do mundo, que merecem mil infernos; apesar disso, querem ser preferidos, estimados e louvados. Quando ninguém os aplaude, a si próprios se louvam; ambicionam os empregos mais altos, e não podem sofrer uma palavra de desprezo. Não procedem assim os humildes de coração: nunca falam dos seus talentos, da sua nobreza, das suas riquezas, nem de coisa alguma que os distinga.

Amará pois os empregos e serviços mais humildes e obscuros. Receberá as afrontas sem se perturbar, e até interiormente se comprazerá nelas, por se tornar assim semelhante a Jesus Cristo, que foi saturado de opróbrios. Nas contradições que ferirem e irritarem o seu orgulho, faça-se violência para nada dizer nem fazer naquela ocasião, ainda mesmo que seja superior e como tal obrigado a reprimir a insolência de quem o ultraja. Enquanto sentir os nervos exaltados, deve calar-se até que eles acalmem. De contrário, o fumo da perturbação lhe ofuscará a vista; olhará como justo o que diz e faz, ao passo que tudo será falta e desordem. Além disto, quando a correção se faz no momento da exasperação, o inferior não a recebe como reprimenda merecida, mas como efeito da impaciência da parte do superior, o que a torna inútil ou pouco menos. Pela mesma razão, quando o superior conhece que o seu inferior está perturbado, deve diferir a admoestação, esperando que ele acalme; doutro modo, o inferior cego pela sua paixão, longe de receber a repreensão, romperá em maiores excessos.

## 10. Tornar bem por má

Será prestável a todos, e cuidará em especial de fazer bem a quem lhe tiver feito mal, pelo menos recomendando-o a Deus; é a vingança dos santos.

## 11. Mortificação interior e exterior

Esteja atento em praticar a mortificação interior e exterior. Jesus Cristo a recomendou, quando disse: *Abneget semetipsum* (Matth. 16, 24); o que é absolutamente necessário para chegar à santidade.

Exige a mortificação interior que cada um se vença a si próprio, recusando ao amor próprio tudo quanto o possa contentar. Abstenha-se pois de toda a ação que não tenha outro objeto senão satisfazer a curiosidade, a ambição, ou a vontade própria.

Ame também a mortificação exterior: os jejuns, as abstinências, as disciplinas, e outras coisas semelhantes. Os santos maceraram a sua carne quanto puderam, isto é, quanto lhes permitia a obediência, que é a regra dos santos. Quanto àquele que, em razão da sua pouca saúde, não puder impor mortifi-

casses exteriores, esse deve abraçar as dores e incômodos que tiver a sofrer, tomando a peito levar tudo com resignação e tranqüilidade. Deve abster-se até de dar a conhecer sem necessidade o que sofre, e de se queixar do pouco cuidado dos médicos ou das pessoas da casa.

## 12. Orar sempre

É necessário orar sempre e recomendar-se a Deus. Todas as nossas boas resoluções e propósitos se desvanecem como o fumo, se nos descuidarmos de orar; porque, sem a oração, ficamos privados das graças necessárias para os cumprir<sup>3</sup>. Devemos ter os lábios sempre abertos para orar, dizendo: Senhor, ajudai-me; Senhor, misericórdia; Senhor, tende compaixão de mim. — Assim o têm feito todos os santos, e assim se têm santificado.

Acima de tudo, não cessemos de pedir a Jesus Cristo o dom do seu santo amor. Dizia S. Francisco de Sales que este dom encerra todos os outros; porque desde que se ama a Deus empregam-se todos os esforços para evitar quanto lhe possa desagradar, e fazer todo o possível para lhe agradar. Peçamos também sempre a graça de ter muita confiança na paixão de Jesus Cristo e na intercessão de Maria. Não cessemos de recomendar a Deus as santas almas do Purgatório e os pobres pecadores; porque estas orações são muito agradáveis a Deus.

## Máximas Espirituais para um padre

Antes perder tudo, que perder a Deus.  
Antes desagradar a todo o mundo, que desagradar a Deus.  
Só é para temer o pecado, que nos deve causar horror.  
Antes morrer do que cometer com advertência um só pecado, mesmo venial.  
Tudo acaba; o mundo é uma cena, que passa depressa.  
Cada momento vale um tesouro para a eternidade.  
O que apraz a Deus é bom.  
Fazei o que quereríeis ter feito à hora da morte.  
Vivei como se no mundo só houvesse Deus e vós.  
Só Deus contenta o homem.  
Nenhum bem há senão Deus; nenhum mal senão o pecado.  
Nada façais para vossa própria satisfação.  
Quem mais se mortifica nesta vida, mais gozará na outra.  
Para os amigos de Deus, o amargo é doce e o doce é amargo.  
É nas doenças que se vê quem tem virtude.  
Quem quer o que Deus quer, tem tudo quanto quer.  
A vontade de Deus torna doce o que é amargo.  
Quem nada deseja do mundo, de nada tem necessidade.  
Não retardeis o cumprimento dos vossos bons propósitos, se não quereis atrasar.  
Perturbar-se com as faltas cometidas não é humildade, mas orgulho.  
Só somos o que somos diante de Deus.  
Quem ama a Deus, mais deseja amar do que saber.  
Quem quer santificar-se, deve banir do seu coração tudo quanto não é Deus.  
Não é todo de Deus quem busca alguma coisa que não é Deus.  
A dor, a pobreza e a humilhação foram as companheiras de Jesus Cristo; que sejam também as nossas.  
Venha donde vier, nunca a perturbação vem de Deus.  
O humilde crê-se indigno de toda a honra e digno de todo o desprezo.  
Quando se pensa no inferno que se mereceu, sofrem-se com resignação todas as penas.  
Esquecei-vos a vós mesmos, e Deus pensará em vós.

Amai os desprezos, e encontrareis a Deus.  
Quem se contenta com um bem mínimo, não está longe do mal.  
A quem procura ser estimado, estima Deus pouco.  
Os santos falam sempre de Deus; sempre dizem mal de si próprios, e sempre bem dos outros.  
Os curiosos são sempre dissipados.  
Desgraçado de quem ama mais a saúde que a santidade!  
Sempre o demônio anda à caça dos ociosos.  
Um padre vaidoso é uma pela nas mãos do demônio.  
Quem quer estar em paz, deve mortificar todas as suas paixões, sem excetuar uma só.  
S. José Calasâncio dizia: “Um servo de Deus fala pouco, trabalha muito e sofre tudo”.  
Cuidam os santos de ser santos, e não de o parecerem.  
Quem não amar muito a oração, jamais chegará a um alto grau de perfeição.  
Primeiro se há de ser reservatório para recolher, e depois canal para difundir.  
Todo o apego impede de ser inteiramente de Deus.  
É Jesus Cristo e o seu beneplácito que o padre deve trazer diante dos seus olhos, e nada mais.  
Nas obras que falam à vista se esconde muitas vezes o orgulho.  
Oferecer-se por completo a Deus é uma excelente preparação para a comunhão.  
Quando andardes por lugares povoados, conservai os olhos baixos; pensai que sois padre e não pintor.



## ADVERTÊNCIA

### Aos jovens estudantes de ciências eclesiásticas

#### Devem eles acima de tudo progredir na ciência dos santos

Ao falar da ciência mundana, diz S. Paulo: *A ciência incha, a caridade porém edifica. O que julga saber muito, ainda ignora como deve saber*<sup>4</sup>. Quando a ciência mundana anda associada ao amor de Deus, é de grande vantagem para nós e para os outros; mas, quando se acha desacompanhada da caridade, causa-nos grande dano, tornando-nos orgulhosos e levando-nos a desprezar os outros; porque, tanto o Senhor é pródigo das suas graças com os humildes, como avaro com os orgulhosos.

Ditoso o homem a quem Deus dá a ciência dos santos, como a deu a Jacó: *Dedit illi scientiam sanctorum* (Sap. 10, 10)! Deste dom, como do maior de todos, fala a Escritura. Ó! Quantos homens vivem cheios de si mesmos, pelos conhecimentos que têm das matemáticas, belas letras, línguas estrangeiras e antigüidades, que nada aproveitam ao bem da religião, nem aumentam as vantagens espirituais! De que serve possuir uma tal ciência, saber tão belas coisas, se não se sabe amar a Deus e praticar a virtude? Os sábios do mundo, que só procuram adquirir um grande nome, estão privados das luzes celestes, que o Senhor dispensa aos simples: *Abcondisti haec a sapientibus et prudentibus* (sábios e prudentes do século), *et revelasti eo parvulis* (Matth. 11, 25). Os *Parvuli* são os espíritos simples, que põem todo o seu cuidado em agradar a Deus.

Santo Agostinho proclama bem-aventurado o que conhece a grandeza e bondade de Deus embora ignore tudo o mais: *Beatus, qui te scit, etiamsi illa nesciat* (Conf. 1. 5. c. 4). Quem não conhece a Deus, não pode amá-lo; ora, quem ama a Deus é mais sábio que todos os literatos, que não sabem amá-lo. Não de levantar-se os ignorantes e arrebatam o Céu, exclama o mesmo santo doutor!<sup>5</sup> Quantos rústicos, quantos pobres camponeses, subirão à santidade e conseguirão a vida eterna, da qual queriam gozar antes um só instante, do que adquirir todos os bens da terra! Aos Coríntios escrevia o Apóstolo: *Não fiz profissão entre vós de saber outra coisa senão a Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado*<sup>6</sup>. Como seríamos felizes se chegássemos a

conhecer a Jesus crucificado, a conhecer o amor que ele nos testemunhou e o amor que mereceu da nossa parte, sacrificando por nós a sua vida na cruz, e se, estudando um livro tal, chegássemos a amá-lo com um amor ardente!

Um grande servo de Deus, o Pe. Vicente Carafa, escrevendo a alguns jovens eclesiástico, que estudavam para trabalharem na salvação das almas, dizia-lhes: “Para operar grandes conversões nas almas, mais vale ser homem de muita oração, que de muita eloquência; porque as verdades eternas, que convertem as almas, melhor se pregam pelo coração que pelos lábios somente”. Devem pois os ministros do Evangelho ter uma vida que se mostre de acordo com o que ensinam; devem, numa palavra, apresentar-se como homens que, desprendidos do mundo e da carne, só procuram a glória de Deus, e fazê-lo amar de todos. Por isso o Pe. Carafa ajuntava: “Ponde todo o vosso cuidado em vos dardes ao exercício do amor divino; desde que o amor de Deus toma posse do nosso coração, só por si o desapega de todo o amor desordenado, e o torna puro, despojando-o dos afetos terrenos”. Um coração puro, diz Sto. Agostinho, é um coração vazio de toda a cobiça: *Cor purum est cor vacuum ab omni cupiditate*. Com efeito, ajunta S. Bernardo, quem ama a Deus só pensa em o amar e não deseja outra coisa: *Qui amat, amat, et aliud novit nihil* (In Cant. s. 83).

Dizia S. Tomás de Vilanova: “Para converter os pecadores, e fazê-los sair do atoleiro das suas iniquidades, são necessárias frechas de fogo; mas como podem elas provir dum coração gelado, que o amor de Deus não aquece? A experiência mostra que um padre de ciência medíocre, mas abraçado no amor de Jesus Cristo, atrai mais almas a Deus, que muitos oradores sábios e eloqüentes, que deleitam os ouvintes. Aqueles que, por seus conhecimentos raros, belos pensamentos e engenhosas reflexões, despedem os seus ouvintes muito satisfeitos, deixam-nos afinal com o coração desprovido do amor de Deus, e talvez mais frio que antes. Mas que aproveitamos isso para o bem comum? E que fruto colhe o pregador, senão agravar mais a sua responsabilidade diante de Deus? Em vez dos bons frutos que podia produzir com o seu sermão, somente granjeia vãos aplausos. Ao contrário, quem dummodo simples prega a Jesus crucificado, não para ser louvado, mas só para o fazer amar, desce da cadeira enriquecido de merecimentos pelo bem que fez, ou que pelo menos desejava fazer nos seus ouvintes.

O que acima fica dito tem aplicação, não só aos pregadores, mas também aos professores e confessores. Quanto bem pode fazer um professor de ciências, ensinando a seus discípulos as máximas da verdadeira piedade! O mesmo se pode dizer dos confessores.

Notem-se também os abundantes frutos que se podem produzir nas conversas com os outros. Pode-se pregar sempre; mas que bem um padre instruído e santo pode fazer na conversação, falando a propósito da vaidade das grandezas humanas, da conformidade com a vontade de Deus e da necessidade que temos de nos recomendarmos sem cessar à proteção do

Céu, no meio de tantas tribulações que nos afligem e de tantas tentações que nos assaltam!

Digne-se o Senhor dar-nos as luzes e forças de que necessitamos para empregarmos os restantes dias da nossa vida em o amar e fazer a sua vontade, pois que só isso nos aproveita e tudo o mais é perdido!

### ***Laus Deo Virginiue Mariae***

### **Duas palavras para conclusão**

Quem percorrer este livro com atenção, desde o princípio até ao fim, como nós o acabamos de fazer, naturalmente há de exclaimar, ao concluir a leitura da última página, — *eis o Livro do Padre!* Há livros que, para o padre, se podem chamar primaciais: a Bíblia, o Missal, o Breviário e o Ritual; mas pouco lhe aproveitarão estes, se ele esquecer o ideal em que sempre deve conservar fixos os olhos, para se manter à altura da sua augusta dignidade. Assim, nos apraz recordar aqui o mesmo pensamento que expusemos no princípio: deve *A Selva* ser o manual predileto do ordinando e do padre.

Para o pormos ao alcance de todas as bolsas, marcamos-lhe um preço que mal compensará as despesas; mas se, ainda assim, algum padre houver que o não possa comprar, de bom grado lho oferecemos.

Foz do Douro, 17-5-1929

### **AVISO IMPORTANTE**

Há pouco mais de um ano, escrevíamos:

“Temos feito uma larga propaganda, até em folhas avulsas, da confraria do *Escapulário azul*, que é um riquíssimo tesouro de indulgências, mui fáceis de ganhar. Há mais de vinte anos já, em 1906, na tradução que tivemos de fazer do *Catecismo Romano*, à pág. 322 do 2.º vol., dissemos o que convinha saber-se a respeito do referido escapulário...”

Agora o caso mudou e nós de bom grado nos apressamos a mudar com ele, como é do nosso dever.

Muito oportunamente, o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antônio Barbosa Leão teve a boa lembrança de submeter ao juízo da Santa Sé a questão da *enumeração* das indulgências do *Escapulário azul*. A 23 de maio passado a Sagrada Congregação da Penitenciaria dignou-se responder, pronunciando-se contra a *enumeração*. Portanto, desde que Roma falou, terminaram todas as divergências. Claro é que as indulgências ficam as que eram, as almas nada perdem, mas de futuro não se faz a *enumeração*, como já não se fazia das da *Via Sacra*. As folhas avulsas, que tínhamos mandado imprimir, inutilizamos-las, assim como o último opúsculo, e procuraremos dar a máxima publicidade à decisão da Santa Sé.

---

1. *NOTA DO T. P.* — *As obras ascéticas de S. Afonso satisfazem aos mais exigentes. Abundam hoje entre nós os bons livros.*

2. *Vulnera corda saxea vulnerantia, et mentes congelatas inflammantia (Stim. div. p. 1. c. 1).*

3. *Sicut pullus hirundinis, sic clamabo (Is. 38, 14).*

4. *Scientia inflat, charitas vero aedificat. Si quis autem se existimat scire aliquid, nondum cognovit quemadmodum oporteat eum scire (1. Cor. 8, 1).*

5. *Surgunt indocti, et coelum rapiunt! (Conf. I. 8, c. 8).*

6. *Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi Jesum Christum, et hunc crucifixum (1. Cor. 2, 2).*

## ÍNDICE

Prefácio do Tradutor francês  
Advertência necessária

### PRIMEIRA PARTE

#### **A dignidade do Padre**

Importância das funções sacerdotais  
Excelência do poder sacerdotal  
Dignidade acima de todas as dignidades  
Alto posto ocupado pelo padre  
Conclusão

#### **O fim do Sacerdócio**

Principais deveres do padre

#### **Santidade exigida no padre**

Como ministro do altar  
Como mediador entre Deus e os homens  
Como modelo do povo  
Conseqüências práticas

#### **Pecados do padre, sua gravidade e castigo**

Castigo dos pecados do padre  
Exortação

#### **A tibieza no padre**

Não pode contentar-se com evitar os pecados mortais  
Exortação

#### **Do pecado da incontinência**

Malícia da impureza no padre  
Conseqüências funestas da impureza  
*A cegueira do espírito*  
*Obstinação da vontade*  
*A condenação eterna*

#### **Remédios contra a incontinência**

#### **A missa sacrílega**

O padre que celebra em pecado mortal  
O pecado de escândalo

#### **Zelo a que é obrigado o padre**

Quanto agrada a Deus o padre zeloso  
A sua recompensa no Céu  
Fim, meios e obras do padre zeloso

*Fins que se deve propor o padre*

*Meios que deve empregar*

*Obras do padre zeloso*

#### **Necessidade da vocação ao Sacerdócio**

Sinais de vocação divina ao Sacerdócio

A reta intenção

A ciência e os talentos

Bondade positiva de vida

Ao que se arrisca quem não é chamado

### SEGUNDA PARTE

#### **PRIMEIRA INSTRUÇÃO:**

A Missa

Preparação para a Missa

Respeito e devoção com que se deve celebrar

Ação de graças

O padre que se abstém de celebrar

#### **SEGUNDA INSTRUÇÃO:**

O bom exemplo que deve dar o padre

#### **TERCEIRA INSTRUÇÃO:**

Castidade do padre

Meios para conservar a castidade

A fuga da ocasião

A mortificação

A humildade e a oração

#### **QUARTA INSTRUÇÃO:**

A pregação

O padre confessor, sua responsabilidade

Ciência requerida para confessar

Caridade e firmeza do confessor

Regras a praticar com os ocasionários e recidivos

#### **QUINTA INSTRUÇÃO:**

Necessidade da oração mental para o padre

Responde-se às desculpas

Recitação do Ofício divino

#### **SEXTA INSTRUÇÃO:**

Necessidade da humildade

Prática da humildade

Não se gloriar do bem praticado

Manter-se na desconfiança de si mesmo

Aceitar as humilhações

#### **SÉTIMA INSTRUÇÃO:**

Sobre a doçura

É necessário reprimir a cólera  
É necessário suportar os desprezos

**OITAVA INSTRUÇÃO:**

Necessidade da mortificação em geral  
Necessidade da mortificação interior  
Desapego dos bens  
Desapego das honras  
Desapego dos pais  
Desapego da vontade própria  
Meios para se vencer a si mesmo

**NONA INSTRUÇÃO:**

Necessidade da mortificação exterior  
Prática da mortificação exterior  
Do gosto  
Do tato  
Vantagens duma vida mortificada

**DÉCIMA INSTRUÇÃO:**

O padre deve ser todo de Deus  
Meios a empregar para ser todo de Deus  
Intenção de agradar a Deus  
Paciência nas dores e humilhações  
Conformidade com a vontade de Deus

**UNDÉCIMA INSTRUÇÃO:**

Devoção à santíssima Virgem  
Confiança na intercessão de Maria  
Prática da devoção à Mãe de Deus

**APÊNDICE**

Regulamento de vida para um padre secular  
Regras espirituais para um padre que aspira à perfeição  
Máximas espirituais para um padre  
Advertências aos alunos de ciências eclesiásticas